CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

FALANDO DE MORTE NA ESCOLA: O QUE OS EDUCADORES TÊM A DIZER?

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Maria Julia Kovács

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

2010

CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

FALANDO DE MORTE NA ESCOLA: O QUE OS EDUCADORES TÊM A DIZER?

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Maria Julia Kovács

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

2010

FALANDO DE MORTE NA ESCOLA: O QUE OS EDUCADORES TÊM A DIZER?

CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Maria Julia Kovács (orientadora)

Profª Dra Elaine Gomes dos Reis Alves

Profª Dra Gabriela Casellato

Profª Dra Marilene Proença Rebello de Souza

Profª Dra Solange Aparecida Emílio

Tese defendida em ____/____/_____

Dedico este trabalho para:

Minha querida mãe **Maria de Lourdes Rodriguez**. Presença amorosa em todos os dias da minha vida. Suas palavras e seu carinho me dão coragem e alimentam os meus sonhos. Admiro sua força e disponibilidade para ajudar todos a sua volta. Obrigada por compartilhar tantas conversas sobre o tema da morte, sempre me indicando novas leituras e valorizando a atuação nesta área.

Meu querido pai **Jair Rodriguez**. Sempre disposto a transmitir seu conhecimento e experiência de vida como forma de apoio e orientação. Minha fonte de segurança, exemplo de integridade e sucesso profissional. Obrigada pela sua presença carinhosa e incentivadora em todos as fases desta tese.

Meu grande amor **Bruno Dulce Weinberg**. Apaixonei-me por ele no primeiro ano de doutorado e sinto que estaremos juntos em todas as fases de nossas vidas. Cozinheiro maravilhoso, companheiro e paciente nos momentos de angústias e realizações. Sua escuta atenta, sua calma e seu amor foram fundamentais na conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Minha querida orientadora **Maria Julia Kovács,** disponibilidade e presença constante nos momentos profissionais e pessoais em que a morte esteve presente na minha vida. Estivemos juntas por 10 anos, desde a graduação, e foi com a sua ajuda e o seu incentivo que me lancei nos primeiros desafios como psicóloga. Tenho certeza que seus ensinamentos me acompanharão em toda a minha trajetória e espero que continuemos compartilhando novas conquistas e realizações. Muito obrigada pelo seu carinho e por transmitir tanto conhecimento. A morte com certeza mudou minha vida para muito melhor!

Banca do Exame de Qualificação: **Elaine Gomes dos Reis Alves e Solange Aparecida Emílio,** pelas ricas contribuições e valorização da presença da morte nas escolas. Em muitos momentos, lembrar da fala de vocês me transmitiu força para seguir na escrita desta tese.

Banca de Defesa: **Gabriela Casellato e Marilene Proença Rebello de Souza,** por aceitarem meu convite tão prontamente. Admiro muito a contribuição do conhecimento de vocês para a sociedade.

Professores: **Marie Claire Sekkel, Rachel Sztajn e Reinaldo Ayer de Oliveira,** pelos ensinamentos no campo da Psicologia, do Direito e da Medicina. Suas disciplinas me influenciaram na escrita desta tese. **Eduardo Ottoni,** meu primeiro orientador durante a graduação e sempre disposto a ajudar na minha trajetória profissional como pesquisadora.

Nestes 10 anos, tive o privilégio de conhecer muitos orientandos. Cada um de vocês tem um significado importante neste caminho: **Ana Beatriz Brandão dos Santos, Ana Paula Fujisaka, Aurélio Fabrício Torres Melo, Cândido Flauzino, Carolina Guimarães Araújo, Clodine Janny Teixeira, Elaine Alves, Ingrid Esslinger, Janaína Corazza Barreto Silva, Juliana Peixoto Salgueiro, Karina Fukumitsu, Lineu Norio Kohatsu, Maria Carolina Scoz, Maria Hercília**

Rodrigues Junqueira, Silvana Parisi, Solange Aparecida Emílio, Vanessa Rodrigues de Lima. Foram muitos os momentos em que pude aprender com vocês, compartilhar ansiedades e comemorar afinidades. Obrigada pelo apoio e pelos olhares carinhosos nos períodos difíceis. Desejo muito sucesso para todos vocês!

Janaína Corazza Barreto Silva e Ana Paula Fujisaka, amigas queridas e companheiras na trajetória da tanatologia. Vocês me ajudaram muito durante o caminho da construção desta tese. Nossos encontros e sintonia são sempre muito especiais. Obrigada também pelas ricas contribuições teóricas.

Ao LEM, Laboratório de Estudos sobre a Morte, *Maria Julia Kovács, Nancy Vaiciunas, Ana Beatriz Brandão dos Santos, Jussara Nathale e Elaine Gomes dos Reis Alves.* Obrigada pelo rico aprendizado e oportunidade de crescer pessoal e profissionalmente com os desafios propostos. Esta experiência me acompanha fortemente.

Ricardo Mauro Rodriguez e Larissa Bruno Pliuschchik, meu querido irmão sempre muito presente e feliz pelas minhas conquistas. Em breve, vou poder chamá-lo de "mestre". Minha cunhada sempre interessada em poder aprender mais sobre o tema e também incentivadora nos vários momentos.

Vovó Mathilde Ortega Lomboglia. Despedir-se dela no final desta tese foi muito doloroso, mas sempre guardarei no meu coração o seu amor, fé e bondade. Sei o quanto ficaria feliz com mais esta conquista importante. Obrigada pela avó maravilhosa que você foi na minha vida!

Antônio e Ruth Lomboglia (e primos **Marcos, Gabriela e Daniela**), sei que posso contar com o apoio de vocês. Presença carinhosa em todos os momentos importantes da minha vida.

Victor, Vivien e Rafael Weinberg, Agnes Harmat e as fofíssimas **Tiffany e Joy,** família querida que me recebeu tão carinhosamente desde o primeiro dia. Todos (de perto ou de longe) incentivaram-me no caminho desta tese dizendo como "ser doutora" é especial e admirável. Todos os momentos compartilhados são muito importantes para mim. Adoro sentir-me parte desta família.

Marianna e Leila Schöntag, pelos almoços tão prazerosos, conversas descontraídas e interesse constante nesta tese.

Simone Severo Batista Nercessian e Eva Harmat Severo Batista, pelo carinho, apoio e valiosas experiências nos momentos de alegria e dor.

Suzi e Tomas Venetianer, Tuca e Marcelo Abramczyk e os lindíssimos **Julia, Gabriel e Téo.** Celebrar com vocês as importantes datas judaicas passou a ser um ensinamento importante na minha vida, influenciando parte desta tese. A companhia de vocês sempre me transmite alegria, diversão e afeto.

José Roberto Barreto Silva, obrigada pela leitura cuidadosa e disponibilidade na revisão do meu texto.

Patrícia Ogochi, minha "irmã japonesa" desde os 12 anos. Juntas, já vivemos muitas etapas. O doutorado foi mais uma fase especial na minha vida em que pudemos compartilhar dúvidas, alegrias e expectativas. Obrigada pela sua amizade e pelo crescimento que ela me proporciona.

Kate (Kátia Ackermann) e Guilherme Gibran Pogibin, fiéis escudeiros e amigos para toda a vida. Foram muitos os momentos compartilhados nestes 4 anos de doutorado. Nossas viagens, festas e jantares tão especiais, muitas vezes, renovaram minha energia e amenizaram os períodos difíceis. Kate, sua escuta atenta e seu carinho me transmitem calma, esperança e paciência. Obrigada, Gui, pela contribuição no Abstract desta tese. O sorvete de caipirinha estava bom, né?

Naty Noguchi, desde a graduação sempre compartilhando seus aprendizados e experiências profissionais. Obrigada pela amizade e apoio de toda a **Família Noguchi** também nos momentos difíceis.

Karina Leite e Vanessa Chiachirini, amizades mais do que especiais da minha adolescência. Fico muito feliz por sentir vocês tão perto mesmo com tantas mudanças nas nossas vidas.

Mais amigos: **Bruno Médici, Danilo Ide, Luis Henrique Silva, Luís Antônio Gil, Daniela Nobre, Clis e Juliana Pogibin, Fernanda Dayan, Rodolfo Scaletsky, Fernanda Santini Franco, Carol Scheuer, Noemi Oga.** Cada um de vocês teve um significado especial durante a minha trajetória no doutorado.

Zezé, sempre pronta para me oferecer um chocolate para ajudar na escrita desta tese e dizendo que meu esforço será recompensado. Sua fé, muitas vezes, me trouxe acolhimento.

Minhas "friends runners": **Mariana Mencio, Melina Cunha e Fátima Bezerra.** Quantas vezes corremos juntas no Parque do Ibirapuera e falamos sobre as várias fases desta tese. **Valmir de Souza e Solange Tozo,** meus treinadores que me ajudam a superar meus limites. Obrigada por tornar a corrida tão prazerosa e terapêutica na minha vida.

Esther Carrenho, psicóloga sensível e acolhedora. Obrigada por me transmitir parte do seu conhecimento teórico e pelo crescimento pessoal que nossos encontros me proporcionou. Colegas queridas e super divertidas: **Mary Morrell, Sônia Nogueira e Suzana Cristófalo,** sempre dispostas a aprender com esta tese e incentivadoras na minha trajetória profissional.

Aos entrevistados **Luisa, Fernanda, Andréa, Camila, Telma, Armando, Maria** (nomes fictícios) que me deram permissão para propagar suas histórias e seus sentimentos mais profundos. Ofereceram-me sugestões, críticas, novos caminhos e

preciosas reflexões. Como eu aprendi com suas experiências! Foi muito bom ouvi-los!

A equipe da pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP.

Capes, pelo financiamento desta pesquisa.

RODRIGUEZ, C.F. (2010). **Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

No contexto atual a morte é, ao mesmo tempo, interdita e escancarada. A educação para a morte abre novos horizontes para a abordagem desta questão no contexto escolar. Esta discussão é relevante uma vez que adolescentes expressam a importância e a necessidade de falar sobre o tema da morte na escola. Apontam a possibilidade de troca de opiniões, dificuldades, medos e experiências entre eles, ampliando também o diálogo com educadores e familiares. Além disso, as sensações de acolhimento e segurança podem se refletir em melhor rendimento escolar. A partir disso, esta pesquisa investigou: a) quais temas relacionados à morte e à adolescência estão presentes no contexto escolar pelo olhar do educador; b) como estes temas são abordados nas escolas; c) os sentimentos e o preparo dos educadores; d) quais são as possíveis formas de intervenção, entre educadores e alunos adolescentes. O processo da adolescência e a sua relação com o tema da morte no contexto escolar foram abordados a partir de três esferas: mortes concretas, simbólicas e escancaradas. Foi utilizada a abordagem qualitativa na coleta e na compreensão dos dados. Participaram desta pesquisa sete profissionais da área da educação que atuam com adolescentes. Foram realizadas entrevistas individuais e categorias temáticas foram destacadas com o intuito de formar os eixos de análise. Os educadores falaram sobre o papel da educação e sua relação com o tema da morte, uma vez que a escola é vista por eles como instituição sócio-educativa e voltada ao desenvolvimento integral do aluno. As possibilidades de atuação com adolescentes ainda não são claramente percebidas, pois o tema da morte é pouco abordado nas escolas. Os educadores mencionaram dificuldades e falta de tempo para preparo, necessidade de reforma curricular, além da sobrecarga de tarefas já assumidas. As várias mortes são vistas como temáticas pertinentes à escola, mas eles consideram que esta tarefa deve ocorrer em parceria com outras instituições, como universidades, secretarias de educação, clínicas-escola e com a família dos alunos. Foram citadas situações já vivenciadas pelos educadores: alunos enlutados pela perda de pessoas significativas, ídolos, animais de estimação; mortes de alunos por adoecimento ou acidentes; bullying escolar; violência física e verbal; situações de exclusão e humilhação; alunos ou familiares hospitalizados; afastamento da escola; separação ou distanciamento de familiares; ausência de diálogo; perdas amorosas; automutilação; expectativas diante da saída da escola; mortes abordadas pelos meios de comunicação; crítica à mídia; banalização da morte, entre outras. Estas situações provocam nos alunos e profissionais choque, impotência, medo, indignação, insegurança e desilusão com a vida. Os educadores também enfrentam limites pessoais, do contexto escolar ou impostos pelos familiares dos alunos. Algumas possibilidades de atuação foram destacadas: trabalho preventivo às várias mortes, sensibilização, escuta, acolhimento de necessidades, reflexão, discussão em grupo, esclarecimento, legitimação dos sentimentos e ideias dos jovens, compartilhamento de vivências dos educadores, participação nos rituais, vinculação com o dia de Finados, apoio aos familiares e, em algumas situações, encaminhamento dos alunos para profissionais especializados. As disciplinas escolares, poemas, músicas, filmes, pinturas, desenhos, notícias da mídia, apostilas didáticas e livros são vistos como instrumentos facilitadores para a sensibilização ao tema da morte com adolescentes. Assim, a escola pode propiciar espaços para o aluno se fortalecer, proteger-se, valorizar a vida e lidar melhor com situações de perdas e riscos. É importante que os educadores explorem os vários canais de comunicação, a postura crítica, a expressão de dúvidas, opiniões e sentimentos dos jovens.

RODRIGUEZ, C.F. (2010). **Talking about death at school: what do educators have to say?** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

On the current context, death is, at the same time, interdicted and openly manifested. Education towards death can show new horizons on the approach of this issue on a scholar context. This debate is relevant once adolescents express the importance and the need of talking about death at school. They point out the possibility of exchange of opinions, dificulties, fears and experiences between them, also enlarging the dialog with educators and family. Besides that, the sensations of heed and safety can result in a better school performance. Considering all of the above, this research focused on: a) which topics related to death and adolescence are present on the scholar context as seen by educators; b) how these topics are brought out at schools; c) the feelings and the preparation of educators; d) which are the possible ways of intervention, among educators and adolescent students. The process of adolescence and its relations with the death issue on the scholar context were approached having the three following scopes of death considered: concrete, simbolic and openly manifested. Both collecting and analysis of data were made from a qualitative approach. Seven professionals of the educational Field, who work with adolescents, took part of this research. Individual interviews were made and some categories were pointed out in order to build analysis axis. The educators talked about the role of education and its relation to the death issue, once school is seen as a social-educational institution by them, and focused on the development of the student as a whole. The possibilities of work with adolescents are still not clearly noticed, since the issue is seldom approached at school. The educators mentioned dificulties and lack of time for preparation, need of school program reform, and add to that the overburden of tasks they already have. The several kinds of death are seen as appropriate issues for school, but they consider that this task should be done in partnership with other institutions, like universities, educational public authorities, community psychological services, family and others. Experienced situations were cited by the educators: students in mourning because of significant people, idols and pets losses; death of students by illness or accident,; bullying; verbal and physical violence; humiliation and exclusion; hospitalized students or family members; school dismissal; separation or dismissal from family; lack of diolog; losses related to love relations; self mutilation; expectation ceated by school egress; death as approached by means of comunication; critics to the media; banalized death, among others. These situations cause shock, impotence, fear, resentment, insecurity and disillusion of life among students and professionals. The educators also have to deal with personal limits, either on the scholar context or imposed by students and their families. Some possibilities of action were highlighted: preventive work to several kinds of death, sensitization, listening, heed of needs, reflection, group discussion, elucidation, legitimation of the young people's ideas and feelings, sharing of the educators' experiences, taking part on rituals, linking to All Souls'Day, support to the families, and, in some situations, student guidance by specialized professionals. The school subjects, poems, songs, films, paintings, drawings, media news and school books are seen as instruments to favor sensitization to the death issue among adolescents. Therefore, school can provide moments for the students to protect and strengthen themselves, give value to life and deal better with losses and risks. It is important that educators explore the various means of communication, the critical attitude, the expression of doubts, opinions and feelings of the youngsters.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
Como a morte entrou na minha vida e a transformou (para muito melhor)	**15**
1. INTRODUÇÃO	
1.1 Falando de morte no século XXI: a busca por ultrapassar limites do indizível e a importância da comunicação	**22**
1.2 Adolescentes, vidas interrompidas: por que é tão importante falar sobre morte com eles?	**36**
1.2 a) A fase da adolescência – "conceito recente"	**38**
1.2 b) Prevenção de perdas injustificadas na adolescência	**42**
1.2 c) Apoio ao aluno enlutado	**62**
1.3 Algumas reflexões sobre educação e a educação para morte	**69**
1.4 Os profissionais de educação e a expressão do tema da morte no contexto escolar	**76**
2. OBJETIVOS	**92**
3. MÉTODO	
3.1 Escolha da abordagem qualitativa	**93**
3.2 Dos participantes e local da pesquisa	**95**
3.3 Da coleta de dados	**96**
3.4 Procedimentos	**99**
3.5 Da compreensão dos dados	**100**
3.6 Considerações éticas	**103**
4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS	
As várias experiências com a morte no contexto escolar: o que os educadores têm a dizer?	**106**
4.1 Apresentação dos entrevistados e características do contexto escolar	
4.2 Minhas impressões	
1. LUÍSA	**106**
2. FERNANDA	**110**

3. ANDRÉA	**112**
4. CAMILA	**113**
5. TELMA	**116**
6. ARMANDO	**118**
7. MARIA	**120**
4.3 Quadro-resumo das categorias temáticas	**122**
4.4 Falando de morte nas escolas: aspectos entrelaçados das várias entrevistas	**147**
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
O contexto escolar abrindo suas portas para a morte	**237**
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	**245**
7. ANEXOS	
ANEXO 1: Termo de consentimento entregue aos educadores	**254**
ANEXO 2: Modelo da entrevista realizada com os educadores	**255**
ENTREVISTAS	
ANEXO 3: Entrevista Luísa	**257**
ANEXO 4: Entrevista Fernanda	**268**
ANEXO 5: Entrevista Andréa	**280**
ANEXO 6: Entrevista Camila	**289**
ANEXO 7: Entrevista Telma	**309**
ANEXO 8: Entrevista Armando	**318**
ANEXO 9: Entrevista Maria	**330**
ANEXO 10: *Por que somos tão tristes?* Sandra Mara Corazza	**339**

"Viva de tal modo que, ao olhar para trás, não se arrependa de ter desperdiçado sua vida.

Viva de tal modo que não se arrependa do que fez ou não deseje ter agido de outra forma.

Viva uma vida digna e plena.

Viva".

(KÜBLER-ROSS, 1998, p. 160)

APRESENTAÇÃO

"A vida, por mais breve que seja, merecerá sempre ser vivida em toda a sua plenitude. Nem a morte consegue ofuscar a validade de seus belos e inesquecíveis momentos".

FREUD (1917 (1915))

Como a morte entrou na minha vida e a transformou (para muito melhor)

No 3º ano da minha graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo cursei a disciplina "Psicologia da Morte". Era o ano de 2000, época na qual tive a sorte e a felicidade de conhecer a professora responsável, minha orientadora desde então, a Prof.ª Maria Julia Kovács. A partir daí, apaixonei-me pela tanatologia (área de estudos sobre a morte e o morrer), estando envolvida desde então com trabalhos neste campo e com o aprimoramento da minha formação profissional. Tenho acumulado práticas em vários trabalhos na área da Psicologia que envolvem mortes concretas e simbólicas, como por exemplo: o trabalho com famílias enlutadas pela morte de familiares e amigos, situações-limite como doenças e acidentes, as perdas e separações sofridas ao longo do desenvolvimento, comportamentos autodestrutivos, tentativas (ou ideações) suicidas entre outros.

Assim como o nascimento, a morte faz parte do desenvolvimento humano e dos fenômenos biológicos naturais. Compartilho das idéias de Combinato e Queiroz (2006) que consideram que a percepção e o entendimento da morte podem interferir na qualidade de vida do ser humano, influenciando inclusive a sua atividade profissional ao lidar com os processos de morte e do morrer.

O que mais me atrai e fascina ao lidar com este tema tão complexo é perceber que trabalhar com a morte tem o potencial de humanizar a vida, ou seja, pode provocar uma reflexão positiva sobre esta e gerar transformações que proporcionem uma vida mais bem vivida. Para sintetizar este significado de que abordar a morte é falar de vida, tomo emprestada a seguinte frase:

> A importância de se enfocar o tema da morte está ligada ao fato de que ao falar de morte, estamos falando de vida e, ao falar de vida, é inegável que a qualidade da mesma seja revista (KOVÁCS, 2003, p.133).

Até o momento desenvolvi dois importantes trabalhos acadêmicos (uma pesquisa de iniciação científica e a dissertação de mestrado[1]) nos quais meu objetivo principal era falar sobre o tema da morte com adolescentes. A partir do que pude observar nestas pesquisas, percebi, entre outros aspectos, a importância de abordar este tema no contexto escolar. Refleti sobre as várias possibilidades de abordagem do tema da morte nas escolas e o envolvimento de alunos e profissionais de educação nestas atividades envolvendo *compartilhamento* de experiências, *troca* de conhecimentos, reflexões e sentimentos entre eles. Ao questionar os adolescentes sobre a importância de falar sobre o tema da morte no contexto escolar, eles apontaram a possibilidade de ampliar o diálogo com educadores e familiares para haver maior troca de experiências, opiniões, dificuldades e medos, como fica claro na seguinte fala:

> *Você vem para a escola para aprender, então a escola tem que ensinar tudo o que você puder aprender (...) não só o tema da morte, mas outras coisas em que os jovens têm dúvidas e têm medo de falar* (RODRIGUEZ, 2005, p.112).

De acordo com os jovens entrevistados, a sensação de acolhimento e segurança na escola pode resultar em um melhor rendimento escolar. Para Rogers (1997), uma relação de ajuda é caracterizada quando pelo menos uma das partes procura promover na outra crescimento, desenvolvimento,

[1] Rodriguez, C.F. **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

maturidade e maior capacidade de enfrentar a vida, podendo ser estabelecida entre pais e filhos, terapeutas e clientes, professores e alunos.

Assim, penso que a escola pode propiciar espaços para o aluno se fortalecer, proteger-se e saber lidar melhor com situações de perdas e luto, ocupando o tempo com uma formação humana mais ampla que enriqueça sua experiência. Nas visitas realizadas nas escolas, tive contato com profissionais de educação dispostos à abordagem do tema da morte na escola. No entanto, eles também mencionavam dificuldades, falta de preparo e não visualizavam com clareza possibilidades de atuação com os alunos, já que a morte é um tema tão pouco abordado. Destaco observações dos educadores a respeito deste assunto:

> *Uma questão que surja na classe (exemplo: morreu o pai de um aluno) e aí o aluno faltou a semana toda, começa a ter um baixo rendimento e aí se o educador não estiver com estas questões resolvidas nele, ele não vai conseguir nem tocar no assunto com o aluno. Acho que isso deve começar a ser trabalhado, inicialmente, com os professores para eles se sentirem à vontade, para poder falar sobre isso com os alunos; as pessoas estão acostumadas a não falar sobre a morte, falta uma percepção de quanto isso é importante. A escola pode promover este espaço até mesmo para uma cura de algo que está provocando um sofrimento; o tema da morte pode ser inserido nos temas transversais da grade curricular. Ele é tão necessário no contexto escolar quanto os temas sexualidade e drogas, principalmente por ser evitado na sociedade* (RODRIGUEZ, 2005, p. 128, 129 e 134).

Em 2007 fui convidada a participar do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM)[2]. Este foi fundado em 2000 e faz parte do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O convite, feito pela coordenadora do laboratório e também minha orientadora, a Prof.ª Maria Julia Kovács, deixou-me muito feliz e, ao mesmo tempo, com um sentimento de desafio ao ver a possibilidade de um valioso crescimento profissional. Estava em contato com um rico conhecimento sobre tanatologia que podia ser compartilhado também com minhas colegas, as psicólogas Ana Beatriz Brandão dos Santos, Elaine Gomes dos Reis Alves, Ingrid Esslinger e Nancy Vaiciunas. Estas pessoas e as experiências de

[2] http://www.lemipusp.com

cursos, palestras e atendimentos à comunidade fizeram-me perceber as numerosas possibilidades proporcionadas pelo tema da morte em termos de atuação e crescimento pessoal e profissional. As reflexões e experiências compartilhadas com estas profissionais enriqueceram esta tese de doutorado de várias maneiras: pelo conhecimento teórico apreendido, pelas experiências profissionais vivenciadas e pelos sentimentos despertados.

Um dos importantes trabalhos realizados foi fazer parte do projeto "Amigos do Zippy"[3]. Este é um programa que busca propiciar o desenvolvimento emocional ao ensinar de crianças de 6 e 7 anos (1º e 2º anos do Ensino Fundamental) a lidar com as dificuldades do cotidiano, como a morte de um ente querido e os sentimentos envolvidos nos vários relacionamentos. Em decorrência do programa, as crianças passam a buscar e oferecer apoio quando sentem que é necessário. O LEM participa da capacitação de educadores no módulo específico de "mudanças e perdas" deste projeto com o objetivo de estimular professores e crianças a falar abertamente sobre este tema tabu na sociedade contemporânea. Esta foi uma das experiências no LEM que me ajudou a buscar conhecimentos específicos para a construção dessa tese, como por exemplo, a reflexão sobre o papel da educação, a visão do tema da morte nos tempos atuais e a sua abordagem nas escolas.

As vivências da sociedade sobre a morte e o morrer sofreram transformações ao longo dos séculos. Souza e Boemer (2005) resumem essas mudanças históricas:

> Da morte vivida com preparo e tranqüilidade na Idade Média, ela passou para um momento de temor e aflição do homem nos dias atuais (p.50).

Assim, pretendi nessa pesquisa discutir o preparo dos educadores para que possam compartilhar o tema da morte com seus alunos, de modo a resgatar este assunto como parte inerente da existência humana. Deve fazer parte da formação dos profissionais de educação a discussão sobre o compromisso com o ser humano em sua plenitude, sendo, portanto, fundamental desvelar as facetas de fenômenos relacionados à morte, que se encontram ainda ocultos para os educadores.

[3] http://www.amigosdozippy.org.br

A justificativa desta pesquisa e a sua relevância para a sociedade envolvem a contribuição para os profissionais de educação que atuam direta ou indiretamente com o tema da morte no seu cotidiano de trabalho. Busquei aprofundar a discussão sobre o alto risco envolvido em vários comportamentos dos jovens alunos e sobre as vivências de mortes na adolescência, cujo número vem crescendo de forma assustadora.

Na parte introdutória, esta pesquisa está dividida em quatro capítulos: no *primeiro* apresento o problema da morte no século atual, sua interdição e a busca pela comunicação em vários contextos. No *segundo*, discuto a importância da comunicação do tema da morte na adolescência, levando em consideração as peculiaridades desta fase do desenvolvimento. No *terceiro capítulo*, faço uma reflexão sobre o papel da educação em geral e as suas relações com uma proposta de educação para a morte. E, no *quarto capítulo*, introduzo algumas propostas de trabalho com o tema da morte no contexto escolar.

Considero que a morte deve ser estudada numa perspectiva multidisciplinar. Sem a pretensão de encerrar a discussão das várias facetas deste tema, busco produzir novos conhecimentos que se transformem em ampliação de propostas de comunicação e intervenção sobre o tema da morte no contexto escolar, com alunos adolescentes e profissionais de educação.

> ***"Na hora de nos despedir de alguém que nos é querido, choramos nossa perda, e é normal que seja assim. Mas deveríamos festejar, quando der, a "beleza" de sua vida. E chorar, quando for o caso, as vidas que se perdem não pela morte, mas pela morte-em-vida – as vidas, em suma, dos que não conseguiram ser atores de suas próprias vidas"*** CALLIGARIS (2007a)

1. INTRODUÇÃO

"Se não houvesse a morte, apreciaríamos a vida?"

(KÜBLER-ROSS, 1998, p.19)

"Mais difícil que viver a dor da perda é vivê-la sozinho".

(MELO, 1999, p.111)

"Reconcilie-se com a morte.

Não por morbidez, não para se esquecer de viver,

não porque seja bom deixar de existir.

Mas simplesmente porque ela vai acontecer e

não somente com você – mas com todos".

(VOMERO, 2002, p.44)

" - Eu visitei a Maggie hoje de manhã. Você tinha saído.

- A culpa não foi sua. Eu estava enganado quando disse isso.

- Você está certo. Eu encontrei uma boxeadora para você e você fez dela a melhor possível.

- Eu a matei!

- Não diga isso! Maggie entrou pela porta apenas com muita coragem, sem a menor chance de ser o que ela precisava. Um ano e meio depois, ela lutou pelo título mundial. Você fez isso! As pessoas morrem todos os dias: limpando o chão, lavando pratos. Sabe qual é a última coisa que pensam? 'Eu nunca tive uma chance'. Por sua causa, Maggie teve uma chance. Se ela morrer hoje, sabe o que ela vai pensar? 'Acho que fui muito bem' Isso já me deixa descansado".[4]

[4] Diálogo do filme "**Menina de ouro"** que discute sobre a essência da vida e os limites entre a vida e a morte. Os personagens desta obra lutam para realizar seus maiores desejos em vida e, com isso, confrontam-se com seus maiores medos, inclusive poder falar sobre a morte.Destaco este trecho para introduzir o capítulo a seguir que aborda as estreitas relações entre a discussão do tema da morte e da qualidade da vida humana nas suas várias esferas, não só na proximidade com a morte.
Eastwood, C. **Menina de ouro** (filme-vídeo). Estados Unidos: Europa Filmes, 2004. DVD/NTSC, 137 min. color.

1.1) Falando de morte no século XXI: a busca por ultrapassar limites do indizível e a importância da comunicação

As perdas e separações fazem parte da vida de qualquer ser humano. Vivenciamos a morte física de entes queridos; perdas de amores frustrados e a perspectiva da separação da própria vida pela morte. Estes são fenômenos permeados por valores e significados relacionados a contextos sociais, culturais e históricos. O contexto sócio-cultural atual apresenta um cenário voltado para a vida, o prazer e o nascimento, com pouca ênfase à dor e ao sofrimento. Minimizar a expressão de sentimentos relacionados às várias perdas, pode ser visto como sinônimo de "decência" e "dignidade". Maranhão (1996) considera este cenário como uma realização de "coisificação do homem", uma vez que se nega a experiência deste com a morte e o morrer. Logo, nestas condições, o ser humano é impedido de expressar emoções e valores, podendo sofrer de forma solitária e discreta.

A morte pode envolver um ser humano, um animal, uma planta, uma idéia. Pode trazer sentimentos de dificuldade, tristeza, ruptura, interrupção e vários desconhecimentos. É muito difícil conseguir transmitir em palavras tantos atributos emocionais que a morte indica ou expressa, ou o que se apresenta no imaginário. Fala-se em "fim", "passagem", "encontro" como forma de eufemismos (FRANÇA; BOTOMÉ, 2005). É inevitável o seguinte questionamento: *como viver e conviver no contexto atual com a certeza da morte e da separação?*

Em outros tempos a morte era um evento público, familiar, próximo e os rituais eram compartilhados e presenciados até pelas crianças. Na sociedade ocidental contemporânea, na educação familiar e no ambiente sociocultural em que vivemos, a morte, geralmente, não é vista como fazendo parte da vida ou como o encerramento natural de um ciclo (ARIÈS, 1977; KOVÁCS, 1992). Pelo contrário, é vista como tabu, costuma ser ocultada das crianças e banida das conversas cotidianas, inclusive entre adolescentes e adultos.

Segundo o antropólogo, sociólogo e filósofo Morin (1997), realizar os rituais longe de casa faz parte do processo de afastar e fingir que a morte não existe. Este autor aponta que a palavra *morte* foi "ressemantizada", ou seja, é usada, por exemplo, para intensificar sentimentos (estar morrendo de fome ou de saudade) e não para definir seu verdadeiro significado. Frases como: "ele descansou", "foi para o céu" ou "não está mais conosco" são comuns atualmente.

Apesar de a morte ser uma experiência pela qual todos nós vamos passar, mesmo assim é muito difícil aceitá-la como evento tão natural quanto nascer, crescer ou ter filhos (VOMERO, 2002). Kovács (1996) aponta inclusive que o desejo do homem em vencer a morte é, freqüentemente, representado em mitos, fábulas e lendas.

O tema da morte é também fonte de inspiração para muitas doutrinas filosóficas e religiões. No judaísmo, por exemplo, há várias tradições que auxiliam a amenizar a dor pela perda de pessoas significativas. "Shivá" corresponde ao período de sete dias em que os enlutados não se envolvem em quaisquer atividades profissionais ou de lazer. Há visitas de pessoas próximas, com participação nas rezas diárias. A sensação do enlutado, dessa forma, é de não estar sozinho, recebendo apoio e manifestações de solidariedade.

Como questão essencialmente humana, são muitos os profissionais que buscam discutir o tema da morte: filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos, psicólogos entre outros. Busco, nesse trabalho, incluir os educadores nesta discussão.

Segundo Costa e Lima (2005), nos dias atuais, a morte é institucionalizada e medicalizada em várias situações. Os profissionais de saúde são treinados para manipular aparelhos de alta tecnologia nos hospitais, porém podem se sentir despreparados para suprir as necessidades psicológicas de seus pacientes, familiares e até de si próprios.

O cotidiano de trabalho na área da saúde pode ser vivido, ao mesmo tempo, com prazer e angústia. O prazer pode estar relacionado à valorização social dos profissionais que cuidam do

sofrimento humano e a angústia pelo contato com a dor, a morte, a impotência e as exigências emocionais geradas em decorrência destas situações (PITTA, 1994). Essa situação nas várias instituições de saúde é agravada pelo fato de geralmente não se discutir amplamente maneiras eficientes de se lidar com o sofrimento físico e psíquico dos pacientes gravemente enfermos (KOVÁCS, 2003).

As autoras Costa e Lima (2005) afirmam que profissionais de enfermagem não estão se permitindo viver o luto pela perda de seus pacientes. A tentativa de proteção pessoal ou a falta de preparo para a convivência com manifestações somáticas e emocionais decorrentes do luto podem ser algumas das razões. O reconhecimento do sofrimento pessoal é visto como uma "ferida de sua índole", devendo o profissional se manter "indiferente" nas situações de morte. Algumas frases ilustram essas visões:

> *Eu costumo não me abalar muito, me envolver o menos possível e ser o mais profissional que eu puder. Você se envolve sentimentalmente e aí eu acho que você cai, não resiste. Eu procuro não me envolver muito emocionalmente porque senão você não vive.* (p.155)

Essa postura de distanciamento pode comprometer a qualidade de cuidados oferecidos, uma vez que a assistência limitada somente a questões técnicas pode não levar em conta as reais necessidades dos pacientes. Muitos profissionais sofrem e não buscam ajuda ou o fazem de forma solitária. Alguns acreditam que faz parte da profissão escolhida aceitar e sofrer sozinhos, pois a busca por ajuda pode ser percebida como uma atitude de fraqueza. Um maior reconhecimento do luto pela sociedade e a possibilidade de oferecer espaços para a manifestação de sentimentos são caminhos importantes para reverter essas situações de sofrimento solitário.

Nesse sentido, a palavra *morte* é carregada de mistério. Bauman (2008) a nomeia de "iminente eliminação" e "o último dia inteiro". Diante da sua inevitabilidade, podem ocorrer sentimentos de impotência. Nos dias atuais, a discussão sobre a morte e o morrer é muitas vezes tratada como

assunto proibido; evita-se falar, presenciar e participar de seus rituais, justamente por vivermos em uma época na qual controle, poder e força são valores essenciais.

É inegável a postura atual de supervalorização da vida. Observamos inúmeros exemplos disso: a expansão da população idosa mundial, o aumento da eficiência dos diagnósticos, dos medicamentos e das técnicas cirúrgicas, a inseminação artificial, o transplante de órgãos e o crescimento progressivo das porcentagens de cura para vários tipos de câncer. A partir disso, questiono: *será que, hoje em dia, todas as mortes, com exceção do morrer na velhice, são consideradas mortes contra a natureza? E, assim, mortes injustificadas?*

Esquece-se de algo fundamental: o resgate do tema da morte como fenômeno *inerente à vida*. Atualmente, o apego à ilusão de controle onipotente sobre a vida pode tornar a idéia de separar-se de um ente querido insuportável, gerando muito mais tristeza e sofrimento por uma morte inevitável do que consolo por uma vida que foi bem vivida e chegou naturalmente ao fim de seu ciclo. Bromberg (1996) aponta que a tecnologia propicia possibilidades de superação que devem ser valorizadas, mas não se pode considerar de forma superficial os impactos causados nos costumes, crenças e práticas relacionados às questões do viver e do morrer.

Bromberg (1996) ressalta ainda outro ponto fundamental: o significado da vida cabe a nós construirmos. Frankl (2003) fala sobre a necessidade de cultivar a liberdade no ser humano, um "para quê", um sentido como parte fundamental da saúde psíquica. O indivíduo pode, assim, descobrir em si mesmo o profundo significado da sua vida que é única:

> Ao tentar responder à questão do sentido da vida – a mais humana de todas as questões – o homem é remetido para si mesmo, tornando-se alguém a quem a vida interroga, alguém que a esta tem de responder, sendo responsável, assim, por sua vida (...) a existência humana é ser-responsável (p. 108)

Morin (1997) apresenta estudos de arqueólogos e antropólogos chamando atenção para a preocupação do homem de Neanderthal com seus mortos. Na pré-História, os mortos eram cobertos

por pedras, sobre o rosto e a cabeça, como forma de protegê-los dos animais. O autor ressalta que não existe relato de nenhum grupo humano que abandone seus mortos sem rituais.

As homenagens às pessoas que morreram são cultos que fazem parte de muitas religiões desde a pré-História. Os significados e as representações são muito diferentes em cada cultura, época e local. O dia de Finados no Brasil, relacionado à tradição católica, é marcado pelas visitas aos cemitérios, orações e pelo oferecimento de flores e velas. No México também é comemorado o dia dos mortos em 2 de novembro, data marcada por festas. A crença é de que neste dia as almas podem visitar seus entes queridos e, assim, muitas pessoas montam um altar em casa com flores, oferendas e fotos das pessoas que já morreram. Na Tailândia, país de religião budista, homenageiam-se os mortos com procissão, músicas e desfiles de máscaras. No Japão há oferendas de arroz e algas que visam alimentar as almas das pessoas que já morreram.

Percebe-se que, com lágrimas ou sorrisos, parece haver a necessidade universal de homenagear os mortos. Esta é uma maneira de recordar os antepassados, entes queridos e de lembrar que, como eles, também somos mortais. Assim, por estes exemplos, pode-se observar as várias representações do dia de Finados para lembrar que a morte faz parte do desenvolvimento humano e, portanto, parte da vida.

A participação em rituais fúnebres coletivos é importante porque oficializa a despedida dos que partiram, reafirma sua continuidade mesmo na ausência, suscita e acolhe emoções que são compartilhadas nestas práticas. Apesar de, atualmente, ser comum a imposição da retomada rápida das atividades cotidianas, as pessoas podem sentir necessidade de falar sobre a lembrança de seu ente querido e a continuidade da vida sem sua presença física.

Segundo Mannoni (1995), atualmente os enlutados podem vivenciar a dor da perda de forma solitária, o que não era comum em épocas passadas. Hoje a questão principal não é honrar os mortos, e sim proteger os vivos que se confrontam com a morte dos seus entes. Os rituais parecem ter se

tornado inconvenientes numa sociedade que busca afastar os sinais da morte, o que dificulta a vivência do luto que é uma das experiências mais desorganizadoras da identidade pessoal e do sentido da vida. Apesar disso, sempre existe a esperança de um recomeço (PARKES, 1998).

As separações e as perdas são experiências universais e, ao mesmo tempo, peculiares e individuais. Em decorrência do rompimento de um vínculo afetivo, vive-se o pesar e o luto. Porém, nos dias atuais, pode se exigir das pessoas e dos profissionais que enfrentem o processo de luto calados, passando rapidamente pelo processo. Nesta cobrança pode estar implícita a exigência de que pouco se alterem as atividades cotidianas e tarefas profissionais.

Melo (1999) aponta que, hoje em dia, os óculos escuros podem fazer parte da vestimenta usada nas cerimônias fúnebres. Este gesto parece corroborar a atitude atual diante da morte, ou seja, a postura de encobrir a expressão da tristeza e da dor, vistas como fracasso, imperfeição e vergonha (ARIÈS, 1977). Além disso, muitas vezes, nossa sociedade exige que a pessoa em luto retome suas atividades rapidamente, sem tempo para expressar seus sentimentos. É nesse sentido que questiono: *quais as possíveis implicações deste "sofrer em silêncio"?*

A negação (afetiva) da perda, pelo não-tempo e não-espaço para a expressão do pesar, impossibilita o compartilhamento da dor e pode favorecer a sensação de solidão. Até o luto pode ser suprimido, como necessidade implícita de contenção da dor e do escamoteamento dos sinais de que uma morte ocorreu. Por outro lado, a expressão dos sentimentos decorrentes de uma perda pode possibilitar o acolhimento, o conforto e o fortalecimento da pessoa que está vivendo este processo. Os indivíduos podem demonstrar interesse e necessidade em falar sobre suas perdas nas relações pessoais. Portanto, surge a questão: *o tema da morte é mais interdito socialmente do que pessoalmente?*

A expressão do luto demanda reconhecimento social. Domingos (2003) discute a questão do conhecimento tardio de uma perda que impede a participação plena dos acontecimentos relacionados

a ela (por exemplo: as doações, os arrependimentos, os perdões, as pendências), podendo dificultar o reconhecimento da realidade dessa morte e a socialização dos sentimentos. Assim, esta situação também pode complicar a elaboração do luto.

Atualmente, a morte é tida como perda, ruptura e ausência. Nas sociedades primitivas, o medo e a angústia diante da morte podiam ser traduzidos em palavras e canalizados em rituais familiares e sociais. Era possível a comunicação, pois não se falseava a presença da morte, fugindo-se dela como se não existisse. Hoje a morte é pouco compartilhada socialmente. Os familiares e amigos da pessoa perdida podem estar silenciados na sua dor, tentando representar que mantêm o controle de si e dos seus sentimentos. A morta vivida de forma solitária pode constituir o próprio signo do desamparo e da desesperança (BELLATO; CARVALHO, 2005).

Kübler-Ross (1998) como psiquiatra, escritora e conferencista, transformou a percepção sobre a morte e o morrer a partir de seu trabalho pioneiro com crianças contaminadas pela AIDS e com pacientes gravemente enfermos. Realizou muitos workshops sobre o tema, nos quais discutia com seus alunos (futuros médicos, profissionais de saúde e padres) a valorização da escuta de pacientes gravemente enfermos e a possibilidade de comunicação na proximidade da morte. A partir disso, questionou quais eram os benefícios desta atuação. Ela observava que estes pacientes pareciam temerosos, confusos, solitários e sentiam alívio ao compartilharem seus sentimentos, desejos e necessidades. Ao discutir sobre a morte e o morrer e, assim, sobre a vida e o viver, trouxe a possibilidade de consolo e compreensão para inúmeras pessoas que passaram pela experiência de lidar com sua própria morte ou de pessoas próximas. Ao desafiar a postura cultural de esconder a morte e o cotidiano de trabalho no qual médicos evitavam falar sobre o assunto, ela favoreceu a expressão de sentimentos como o medo diante da etapa final da existência. Kübler-Ross percebeu que quando os pacientes começavam a falar não havia pausas, já que a carga de sentimentos reprimidos era intensa.

Heidegger (1981) destaca a importância da proximidade, da troca e da comunicação entre os indivíduos. Segundo o autor, é parte inerente da natureza humana a busca de contato com outros homens e outras existências para estar junto da presença de alguém. O ser humano está em constante busca do relacionamento, da ação, do sentimento e do pensamento. Uma vez que as ações humanas envolvem relacionamentos interpessoais, as vivências não teriam significados afetivos sem estes aspectos.

Rogers (1997, p.23-25) diz:

> Posso, com minha própria atitude, criar uma segurança na relação, o que torna mais possível a comunicação (...) toda pessoa é uma ilha, no sentido muito concreto do termo; a pessoa só pode construir uma ponte para se comunicar com as outras ilhas se primeiramente se dispôs a ser ela mesma e se lhe é permitido ser ela mesma.

Nesse sentido, é fundamental a busca pela comunicação nas situações-limite, envolvendo perdas e as várias mortes na tentativa de compreender a complexidade desses fenômenos em diferentes contextos e fases da vida. O medo da morte é um sentimento que faz parte do processo do desenvolvimento humano, incluindo o medo do desconhecido, separações afetivas, solidão e sofrimento. Kübler-Ross (1998) enfatizou em seu trabalho a importância da vida, afirmando que quem vivesse bem cada dia poderia, assim, temer menos a experiência da morte.

Discutindo o conceito de *educação para a morte* no século XXI, Kovács (2003) aponta que convivemos com um paradoxo: ao mesmo tempo em que ocultamos a morte, estamos constantemente próximos dela nas esferas pública e privada. A *esfera pública* inclui o que a autora denominou de *"morte escancarada".* Neste retrato a morte é vista como invasiva e repentina, fazendo parte da vida das pessoas sem que possam se proteger da sua presença e de suas consequências. São exemplos disso as mortes violentas como acidentes e homicídios e as mortes exibidas pelos meios de comunicação. Esta representação da morte será aprofundada nos próximos capítulos. Da *esfera privada*, destaca-se a possibilidade de familiares, amigos e profissionais conviverem com processos

de morrer e o intenso sofrimento deles decorrentes quando há quadros de prolongamento da vida com pouca ou nenhuma qualidade.

Torres (1999) foi outra autora que destacou a importância da comunicação de assuntos ligados à morte. No seu trabalho pioneiro sobre a percepção das crianças diante da morte, demonstrou que, apesar da não verbalização, a morte era expressa pelas crianças por meio de jogos e desenhos, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. É importante perceber que quanto mais precoce a perda, mais cuidados são necessários.

O tema da ***educação para a morte*** é central nessa pesquisa e será abordado nos próximos capítulos. Para tanto, observa-se a necessidade de revisão e aprofundamento de conceitos e práticas que envolvem a morte no processo vital, enfatizando a importância da comunicação sobre a morte. Destaco alguns escritos de atuações profissionais nesta área: Melo (1999) ressalta que não se deve propor a supressão da dor e do sofrimento, e sim o seu acolhimento de diferentes formas, influenciado por aspectos familiares, sociais e culturais. O autor destaca a psicoterapia individual para fortalecimento do ego quando ocorrem perdas simbólicas e concretas no processo de luto. Os grupos terapêuticos também podem ser eficientes permitindo a identificação de sentimentos entre os participantes, a re-socialização e a percepção de que é possível voltar a formar vínculos e participar de um grupo social.

Domingos (2003) ressalta que a terapia do luto mostra que a inibição de emoções devido às expectativas sociais pode provocar sentimentos de culpa e inadequação.

Carvalho (1996) afirma que trabalhar com a morte não é tarefa simples, pois remete à possibilidade da própria morte e aos sentimentos de angústia dela decorrentes. Porém, como aponta Vomero (2002), a morte não é um acontecimento exclusivo e pessoal que separa um indivíduo que vivenciou a perda do resto do mundo. Pelo contrário, morrer é a experiência menos exclusiva entre os seres vivos e o sofrimento decorrente de perdas é vivido por toda a humanidade. Kovács (1996)

aponta que seres mortais perderão e serão perdidos e que as vivências das *várias mortes* podem trazer novos significados para suas vidas. Então, questiono: *por que não propiciar espaços para o compartilhamento dos sentimentos frente à morte? Por que ficar sozinho com seu sofrimento? Por que não buscar a ampliação destes espaços de comunicação sobre perdas e mortes em nossos ambientes de convivência?*

O contexto histórico e cultural atual alterou as concepções sobre a morte e as atitudes humanas diante desse tema. Torres (1983) afirma que o advento do capitalismo ressalta a produção como elemento essencial. O ser vivo pode tudo e o morto nada pode, já que sua vida produtiva foi interrompida. Bromberg (2000) diz que nossa cultura não insere a morte como acontecimento inerente à vida, e sim como castigo ou punição. Esta autora chama atenção para a importância da consciência de nossas mortes diárias: perdas da capacidade intelectual, dos relacionamentos afetivos, do corpo físico, só para citar algumas.

Existem vários trabalhos na área da enfermagem que buscam questionar o processo de morte e morrer de seus pacientes e familiares. Faz parte da rehumanização da morte o resgate do espaço doméstico como local para a vivência dessas experiências íntimas e únicas na vida de cada ser humano, mesmo que acompanhadas de cuidados profissionais (BELLATO; CARVALHO, 2005).

Esta pesquisa enfatiza ***o contexto escolar:*** *é possível abordar o tema da morte na escola? Os educadores podem aproximar o tema dos seus alunos?*

A questão de como se lida com a morte no contexto histórico, social e cultural próprio do Ocidente deve ser debatida em vários contextos sociais e não apenas no interior de segmentos profissionais. Considero que propostas de ampliação de espaços de reflexão sobre a morte são fundamentais em vários contextos institucionais, tentando-se romper o isolamento e o desamparo que muitos sentem quando sofrem perdas. Faz parte da condição humana a reflexão sobre as várias experiências de morte.

Esta é uma pergunta freqüente: *é possível preparar-se para a morte dos outros ou para a própria morte?* Bromberg (2000) afirma que não se separa o preparo da vida do preparo da morte. Vivenciar as mudanças da vida e os sentimentos decorrentes pode ser o início do preparo para lidar com a própria morte e dos outros. Segundo a autora, a morte é um despertador que quer nos acordar para o significado da vida a todo momento.

A psicóloga e coordenadora do Lelu (Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto, da PUC-SP), Maria Helena Pereira Franco, entende as experiências cotidianas das *"pequenas mortes"* como um início de entendimento e preparação para as mortes concretas. Aquelas são denominadas de mortes simbólicas (um projeto que não se realizou, a perda de emprego, o rompimento afetivo do namoro ou casamento, a reprovação no vestibular) e podem trazer crescimento pessoal ao se enfrentar as perdas e elaborar os sentimentos a elas vinculados.

Ao mesmo tempo em que pode ser fonte intensa de medos, angústias e ansiedades para os seres humanos, falar sobre a morte pode ajudar a elaborar a idéia da finitude humana e a inevitável percepção da certeza de que um dia a vida chegará ao fim. Um ser humano em sofrimento faz lembrar das limitações, falhas e, principalmente, da condição de seres mortais. E o valor do cuidado humano? Recusar ou evitar situações de morte pode dificultar as várias possibilidades de acolhimento dos entes queridos. Tentar aproximar-se da dor de outro faz perceber a disponibilidade humana para cuidar do outro.

Nos dias atuais a postura mais comum, principalmente em relação às crianças, é *"retirar a morte de cena"*, o afastamento ou isenção do fato que este será um dia o destino de todos. Muitos familiares se recusam a falar sobre morte com crianças, não deixando que participem de rituais ou expressem sua curiosidade ao tentar entender o que são cemitérios, por exemplo, mesmo quando o desejo de saber parte delas. Normalmente a justificativa é atribuída à imaturidade das crianças para entender o que aconteceu ou ao sofrimento desnecessário. Mas, será que, muitas vezes, elas já não

estão sofrendo? Ou será que este sentimento não faz ou fará sempre parte da vida? Muitas vezes, são os próprios adultos que se recusam a pensar que perdas e a própria finitude fazem parte da vida.

Bigard (2007), autora da cartilha *"Como falar às crianças sobre a morte"*, aponta que a linguagem abstrata, a utilização de metáforas ou até mesmo a ocultação de uma morte às crianças podem provocar angústias ainda maiores, como sentimentos de culpa ou abandono. Os familiares geralmente falam com as crianças sobre outros temas que podem gerar angústias, mas a morte raramente é assunto para estas conversas. Esta autora descreve algumas falas dos adultos com as crianças que abordam o futuro: *"O que você quer ser quando crescer?"; "Se vocês não tiverem dedicação em relação aos estudos, terão dificuldades na vida"; "Aprendam a se cuidar e a ter higiene para garantir uma qualidade de vida mais adiante".* Mas, ao anunciarmos para as crianças que um futuro as espera, será que o tema da morte (sendo próximo ou não) também não faz parte desta perspectiva?

As crianças e adolescentes vivem ou viverão a experiência da perda de um ente querido e têm ou terão medo da própria morte ou da morte de alguém próximo. Se não houver espaços e canais de comunicação, como lidarão com seus sentimentos? O que pode acontecer se uma criança presenciar uma situação que envolva a morte? Podemos prever? Bigard (2007) destaca um ponto fundamental nessa discussão: ao excluirmos as crianças desses eventos que incluem a morte, retiramos, ao mesmo tempo, suas possibilidades vitais de lidar com eles, a oportunidade delas expressarem o que sentem, pensam, refletem a partir da situação e seus possíveis caminhos para lidar com o sofrimento. As emoções que podem ser despertadas a partir da visita ao cemitério ou da participação num velório fazem parte da vida. Podemos sentir dor, desespero, tristeza, revolta; assim como serenidade, solidariedade ou compaixão. A disponibilidade dos adultos para enfrentar o imprevisível na sua relação com as crianças em situações nas quais a morte se faz presente é fundamental.

Bromberg (2000) pondera: por que privar as crianças de experimentar situações de perda que ocorrem diariamente? Não estamos cultuando a morte e sim a explorando em suas várias perspectivas. O recurso preventivo de poder lidar com as mortes, as perdas e suas reações com crianças e adolescentes mostra-se muito valioso.

Não podemos escolher viver apenas parte da vida, aquela restrita à felicidade, apesar de ser o desejado para nós e nossos entes queridos. Podemos desejar a felicidade, mas não ter a ilusão de que é possível evitarmos sentimentos dolorosos.

Um caso muito divulgado na mídia foi o do professor Randy Pausch[5], diagnosticado com câncer pancreático incurável em setembro de 2006 e falecido em julho de 2008. Em 2007 sua "última aula" foi vista por milhões de pessoas através da internet. Nesta, o professor não discursou sobre a gravidade de sua doença, mas focou a vida. Ao trocar a palavra "morte" por "apego à vida", sistematizou alguns conselhos que merecem reflexão:

> O tempo deve ser administrado com precisão, assim como o dinheiro; é sempre possível mudar de plano, desde que se tenha outro; pergunte a si mesmo: está gastando tempo com as coisas erradas? Desenvolva um bom sistema de arquivos; repense o telefone; aprenda a delegar tarefas; tire férias, que não serão reais se você ficar lendo e-mails ou procurando mensagens.

Percebe-se como é importante reconhecer a dificuldade de comunicação sobre o tema da morte nos vários ambientes sociais, familiares, incluindo o contexto escolar, já que o tema gera muitos sentimentos, entre eles: culpa, raiva, tristeza, dúvidas, ansiedade e medo. A busca pela comunicação faz com que se reflita sobre os sentimentos e as atitudes ligados ao tema da morte.

A aproximação entre educadores e alunos adolescentes permite compreensão, orientação e acolhimento. Segundo Petrocelli (2006), falar abertamente sobre a morte na escola é a melhor forma de ajudar no enfrentamento dos medos diante da morte. Teme-se a própria morte por medo de deixar familiares e amigos sem assistência; da interrupção de sonhos, planos e expectativas; da ausência da

[5] Cláudio Julio Tognolli, Revista Galileu – "Aprender a morrer: lição final" – n.204, p.44-53, 2008.

voz, do carinho e da companhia de pessoas queridas. O tema da morte é, portanto, elemento imprescindível à formação de cidadãos, respeitando seu ambiente cultural e o repertório de informações adquiridas. Aborda-se também a tentativa da família e da escola de poupar seus filhos e alunos do sofrimento da perda, como se estes não tivessem condições de suportar ou falar sobre seus sentimentos. Ao perguntarem sobre a morte, crianças e adolescentes, buscam ser ouvidos e compreendidos. Não é preciso que pais ou professores escondam seus próprios medos; a dor é inevitável.

Nos próximos capítulos destaco a ***escola*** como importante contexto na abordagem do tema da morte, já que um dos caminhos pode ser o próprio processo de educação.

1.2) Adolescentes, vidas interrompidas: por que é tão importante falar sobre morte com eles?

"Meu nome é Gabriel, eu sou pai da Ana Clara, uma dos cinco jovens mortos num trágico acidente de automóvel ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, no domingo passado.

Milha filha tinha, como todos os jovens, planos para o futuro e que foram, brutalmente interrompidos.

Portanto, eu gostaria de passar uma mensagem aos jovens:

não sejam imprudentes na direção, não bebam se forem dirigir e, mesmo se não beberem, não corram.

Respeitem os limites, protejam suas vidas que é o bem mais precioso que vocês têm.

Aos pais, orientem de forma constante seus filhos, exerçam sua autoridade, mas, acima de tudo, dêem o exemplo, pois nossos filhos observam muito mais os nossos atos do que aquilo que falamos.

E, acreditem, nada pode ser mais doloroso do que a perda de um filho"[6]

[6] Reportagem divulgada no site: http://fantastico.globo.com em 10.09.2006

A primeira parte deste capítulo introduz **idéias gerais sobre a adolescência *(item 1.2a)*:**

> A etimologia da palavra 'adolescente' vem do particípio presente do verbo em latim *adolescere*, crescer. Já o particípio passado *adultus* deu origem à palavra 'adulto'. Em português, as palavras seriam equivalentes a 'crescente' e 'crescido'. Aumentar de tamanho implica desequilíbrio, mudança do *status quo*, que sempre vem acompanhado pela dor. A imagem no espelho é um teatro de mudanças incontroláveis (CALLIGARIS, 2007b).

A seguir, apresento as três principais situações de morte que podem estar presentes no contexto escolar e na experiência dos alunos adolescentes: *as mortes concretas, simbólicas e escancaradas*, vivenciadas pelos jovens, e que podem chegar ao ambiente escolar. Como forma de organizar os vários temas que perpassam estas três esferas da morte, destaco duas situações:

- **Prevenção de perdas injustificadas na adolescência *(item 1.2b)***

> O adolescente se atira em condutas de risco, brinca com a morte, para se sentir vivendo, para provar que é alguém, que vale algo, para driblar um mal-estar aparentado à infelicidade de viver num universo em que não vê sentido. Atacar o corpo dá ao jovem a sensação de existência e de valor pessoal (SAYÃO, 2006).

- **Apoio ao aluno enlutado *(item 1.2c)***

> Basta uma pessoa estar faltando no mundo para que o mundo inteiro fique vazio para você (ARIÈS, 1977).

1.2a) A fase da adolescência – "conceito recente"

> A adolescência, como a conhecemos hoje, é fruto dos avanços científicos e transformações psicológicas, educacionais e socioculturais ocorridos a partir do século XIX. Até então, não era reconhecida como etapa do desenvolvimento nem como categoria social. O conceito está intimamente ligado ao prolongamento da idade escolar e à expansão das escolas para as diversas classes sociais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece o período entre 10 e 19 anos; já para o Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiro, a fase vai dos 12 aos 18 anos (CAVALCANTI, 2007).

Da adolescência não fazem parte apenas as mortes concretas. Esta fase caracteriza-se por ser um tempo de tensão, crise e vulnerabilidade emocional, um caminho árduo rumo à diferenciação da fase adulta e a conquista da identidade. Na busca pela identidade, os jovens procuram nos grupos de amigos e nas gangues inventar "microssociedades", criando espaços de padronização de idéias, atitudes e desejos.

São muitas confusões, dúvidas, metamorfoses no corpo, nas idéias, nas emoções e nas ações. É uma fase em o que jovem lida com ambivalências, pois ao mesmo tempo em que quer proteção e apoio, busca liberdade, autonomia e independência. Angerami (1992) aponta que o maior sofrimento do adolescente é a percepção de que é o principal responsável por cuidar de si e da sua própria vida. Por outro lado, em meu trabalho anterior (Rodriguez, 2005), refleti sobre esta responsabilidade como um "ganho", uma liberdade que pode estar relacionada à busca de comportamentos que conduzem à vida ou à morte. O jovem é livre para escolher seus próprios caminhos, dependendo é claro das suas possibilidades de realização pessoal. Esta liberdade é imprescindível à condição humana e é a força que transforma e direciona a novos caminhos. Para Angerami (1999), o adolescente deve sempre refletir sobre o sentido realizador da sua trajetória de vida, como por exemplo a busca pela concretização de idéias e desejos. Segundo o autor, o tédio da adolescência é ilustrado pela perda da liberdade individual: sem possibilidade de escolha de novos caminhos e de transformação da própria vida.

Este é um período de desenvolvimento físico, motor, intelectual, afetivo e social. A adolescência é marcada por profundas transformações e mortes simbólicas. Ocorrem mudanças corporais e fisiológicas (há um crescimento rápido); novas experiências são vividas; há conflitos de sentimentos, busca da identidade, possibilidade de fazer escolhas, questionamentos sobre a família, a sociedade; surgem as rebeldias, insatisfações, crises geracionais entre outras. A adolescência é também marcada por lutos: perda do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade e papéis desempenhados como criança (ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

Campos (2002) afirma que as ações dos adolescentes estão voltadas, ao mesmo tempo, para o mundo exterior e interior. No exterior há uma busca de abertura, conquistas, descobertas de um mundo novo e do convívio social. No mundo interior há a busca por um ser individual, com características próprias. Esta busca é em direção a si próprio, para descobrir quem se é. Nesse sentido também ocorre um desprendimento do núcleo familiar e uma contestação àquilo que o jovem sente que não faz parte de si ou das suas idéias. Os pais dos adolescentes, por sua vez, têm que enfrentar a passagem do tempo ao se deparar com a evolução de seus filhos para uma nova etapa. Sobre isso, Calligaris (2007b, p.79-83) diz:

> O ‘anjo caído’ se olha no espelho e nota que perdeu a graça infantil que cativava os adultos. Essa segurança perdida deveria ser compensada por um novo olhar dos adultos que reconhecessem a sua imagem como um par iminente. Mas esse olhar falha e o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade adulta. A insegurança se torna, assim, o traço próprio da adolescência. *Como reconquistar o espaço perdido? O que eles esperam de mim?* São as perguntas que fazem. Para piorar, desenvolvem-se numa sociedade em que o imperativo cultural dominante é o individualismo, é provar sua autonomia.

Kalina (1992) destaca o nascimento e a adolescência como dois importantes saltos do desenvolvimento humano. No nascimento o bebê conhece um “mundo novo” após sair do ambiente intra-uterino. Na adolescência há o grande salto de “renascimento”, uma vez que um outro mundo pode ser desvelado.

Ao entrarem em contato com novos estímulos ambientais, os adolescentes têm a esfera cognitiva modificada. Esta transformação pode ocorrer em relação a si, a outras pessoas e ao mundo externo. Sua capacidade de formular hipóteses, investigar, criticar e abstrair símbolos é modificada nesta etapa da vida (BECKER, 1989).

Bock (2006) aponta que, no início do século XX, houve a importante influência da Psicanálise na construção do conceito de adolescência: *"foi identificada como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade"* (p.17). A autora chama atenção para a visão da adolescência como fase imatura, problemática e negativa da vida, que deve ser superada rumo à valorização de suas idéias e ações. Convida-nos a uma reflexão sobre esta postura paralisante. Profissionais que lidam com jovens devem estar atentos a uma certa leitura de adolescência, que desvaloriza esta fase da vida. Afirma que a adolescência é um fenômeno que aparece e se reconstrói nas relações sociais. Neste contexto, pais e professores são vistos como "construtores" da adolescência, já que convivem e interagem com os jovens.

Erikson (1976) destaca a fase da adolescência como período especial no processo de desenvolvimento humano. O conceito de moratória é central na sua obra. Segundo o autor, a moratória é o período de espera que é concedido quando alguém não está apto ainda para cumprir obrigações. É a possibilidade de experimentar várias alternativas num momento de confusão de papéis e dificuldades de estabelecer identidade, adiando compromissos mais sérios. Para ele, o adolescente vive um período de moratória psicossocial, um prazo de tolerância da sociedade e da cultura nas quais está inserido em relação aos compromissos do adulto.

Segundo Becker (1989), a adolescência pode ser vista como transformação de uma atitude observadora para uma outra ativa, crítica e questionadora.

Neste trabalho discuto a polaridade entre a **vida** e a **morte** que se mostra presente, muitas vezes, na adolescência. Os momentos de indagações e questionamentos existenciais são importantes.

Porém, o jovem, muitas vezes, se coloca em situações de riscos e exposição de seu corpo aos perigos de situações novas. Campos (2002) destaca algumas hipóteses em relação aos comportamentos autodestruivos dos adolescentes. Estes podem se manifestar como “ataques” a um corpo estranho, não aceito pelo jovem. Nesta perspectiva o corpo ainda não estaria integrado ao seu ser e morrer poderia significar matar o corpo, e não a mente.

Os acidentes podem ocasionar lesões físicas e dificuldades de locomoção (permanentes ou não), mudando a imagem corporal do adolescente e podendo alterar sua auto-estima e suas atividades cotidianas.

Campos (2002, p. 186) afirma:

> É cabível apontar para o adolescente que ele é construtor de seu próprio caminho e que os outros são parceiros, companheiros de sua trajetória pela vida e que a saúde é um processo a ser adquirido e conquistado em todos os momentos, assim como as potencialidades para as realizações. Ser saudável é uma conquista contínua e não algo definitivo e eterno.

Para os profissionais que lidam com adolescentes em geral, e mais particularmente para os educadores, ser capaz de identificar sinais de comportamentos autodestrutivos na adolescência exige romper com a idéia da juventude como uma etapa somente de momentos prazerosos e gratificações, a qual é incompatível com os intensos sentimentos de desamparo e depressão dos jovens.

1.2b) Prevenção de perdas injustificadas na adolescência

> ***"A morte é uma coisa séria; talvez, como dizia Freud (e não só Freud), ela seja o único mestre absoluto de nossa vida. Brincar com a morte, de repente, pode parecer a única brincadeira que vale a pena, por ser uma "brincadeira" realmente séria (nada a ver com jogos virtuais ou armas de plástico). Agora, de vez em quando, pensar na morte pode também nos ajudar a levar a vida mais a sério"*** **(CALLIGARES, 2007a)**

> ***"O adolescente acredita que os problemas e as fatalidades só ocorrem com os outros e que ele seria invulnerável, pois acredita no caráter único de seus sentimentos e em sua imortalidade"*** **(CAMPOS, 2002, p.178)**

Os adolescentes têm lidado intensamente com a morte na atualidade, principalmente nestas situações: violência, acidentes, perda de pessoas da mesma faixa etária, comportamentos autodestrutivos e suicídio. A experiência da perda de amigos pode ser assustadora, pois os jovens se deparam com sentimentos de vulnerabilidade, pouco freqüentes nessa fase da vida (SCHACHTER, 1991/1992).

Desafiar e experimentar novos comportamentos são aspectos normais do desenvolvimento do adolescente. Comportamentos que envolvem risco de morte podem estar cumprindo várias necessidades do desenvolvimento do jovem como a autonomia, o domínio, o controle e a intimidade.

Porém, na perspectiva do desenvolvimento humano, existem diferenças entre comportamentos que buscam a exploração das várias possibilidades do mundo e os comportamentos que podem ser prejudiciais à vida. Intervenções que buscam a preservação da vida do jovem não devem se limitar a

fornecer informações ou focar em apenas um aspecto da personalidade. Para reduzir a incidência e as conseqüências dos comportamentos de risco, as intervenções propostas devem encorajar a reflexão pessoal dos jovens e promover o fortalecimento pessoal para que façam suas escolhas. Encorajar o fortalecimento interno promove no jovem a sensação de controle sobre sua vida, além de aumentar suas habilidades para manejar a vida de forma mais efetiva, incentivando seu desenvolvimento como ser criativo e responsável na sociedade em que vive. Com isso, as chances de ocorrerem comportamentos que comprometem o curso da vida de jovens em risco poderiam diminuir (COTTER, 2003).

Adolescentes se envolvem freqüentemente em situações de risco se comparados com pessoas de outras idades. Uma das explicações para este fato é a crença dos próprios adolescentes de que são invulneráveis e que a morte só acontecerá quando se tornarem idosos (e sábios). Os jovens podem acreditar que são especiais, que suas experiências são únicas e que não estão sujeitos às regras da sociedade, como ocorre com pessoas de outras faixas etárias. Raramente, os jovens manifestam a percepção da perspectiva da morte como podendo acontecer com eles (COTTER, 2003; RODRIGUEZ, 2005).

O estudo de Cotter (2003) também destacou as perspectivas de morte para o adolescente. Aqueles que apresentaram níveis baixos de ansiedade, com relação à morte, tiveram altos índices de comportamentos de risco. Se o jovem fica menos ansioso, com relação a doenças ou à morte, terá uma probabilidade maior de escolher comportamentos que envolvam risco para suas vidas. Nos rapazes esse risco é ainda maior quando comparado às garotas.

A inexperiência, a imaturidade e a falta de cuidado com a vida podem colocar os jovens em situações de risco. Desde 1960, os adolescentes são o único grupo populacional a apresentar um aumento na mortalidade, como resultado de acidentes, homicídios, suicídios, complicações da gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e problemas relacionados a abuso de substâncias.

Campos (2002) destaca o conceito de “fábula pessoal” afirmando que o adolescente percebe sua História como algo imaginário (não real) e suas emoções como especiais e peculiares. Então, muitas jovens engravidam, pois nas suas “fábulas pessoais”, a gravidez só ocorreria com outras garotas e por isso a prevenção não seria necessária no seu caso. Os comportamentos de risco também envolvem a negação da possibilidade de morte, evidenciando sentimentos de imortalidade e onipotência. Exemplificando: os perigos de acidentes, esportes radicais, os processos autodestrutivos e as várias formas de dependência e vícios só acontecem com outros jovens, uma vez que, na perspectiva da “fábula pessoal”, há a crença do controle de si e das situações externas.

É proposta educativa facilitar o desenvolvimento integral do aluno e trabalhar fatores de prevenção que podem comprometer a vida dos jovens. Fatores sócio-ambientais podem ser discutidos no contexto escolar como forma de trabalhar com os jovens sentimentos como desvalia, impotência, incertezas e inseguranças. Alguns temas são sugeridos, como por exemplo: perspectivas profissionais, violência envolvendo os jovens, o mercado das drogas, a competição do vestibular entre outros (SUKIENNIK et al., 2000).

A morte de um adolescente pode ser interpretada como uma interrupção no seu ciclo de vida. Essa situação pode provocar sentimentos de impotência, frustração, tristeza, dor, sofrimento e angústia nos familiares, educadores, profissionais de saúde e amigos do jovem.

Atualmente, apesar da expectativa de vida elevada e do progresso constante das técnicas médicas, dados estatísticos revelam uma triste realidade: a morte é cada vez mais parte do universo do adolescente, principalmente relacionada com acidentes de trânsito e situações violentas como homicídios e suicídios (RODRIGUEZ, 2005).

Sobre isso, Kovács (2003, p.49) diz:

> Costumo brincar com a seguinte ‘equação’: o herói infantil, do período pré-operacional, acha que pode desafiar o mundo, mas só acha; o herói adolescente acha que pode, e pode mesmo. É a onipotência em duas fases da vida, sendo na última atuada, resultando em muitos casos, em ferimentos e morte.

Os dados estatísticos apontam que uma parte dos óbitos por causas não naturais pode ser prevenida. São necessários reflexão, compreensão e investimento de pais, responsáveis, profissionais de saúde e educação para se lidar com peculiaridades da vida, saúde, adoecer e morrer dos adolescentes (RODRIGUEZ, 2005).

No Brasil, observa-se a gravidade dos dados relativos à mortalidade por homicídio nas idades entre 15 e 24 anos. Entre os homens, esse índice foi de 80,4 por 100 mil habitantes em 1997. A gravidade fica clara ao se comparar esses dados com os de outros países: Croácia 3,5 por 100 mil homens; Eslovênia 1,3; Irlanda do Norte 4,9 e Israel 1,9 (ENDO, 2005).

Em 16 de novembro de 2006 a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) divulgou o “Mapa da Violência 2006 – Os jovens do Brasil”[7], estudo que apresenta as principais causas de óbitos de jovens brasileiros entre 1998 e 2004. Em 2004 o número de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos era de 36 milhões, o que correspondia a 20,1% de 179,1 milhões de habitantes estimados no Brasil. Estudos mostram que as epidemias e doenças infecciosas, principais causas de morte entre os jovens há 5 ou 6 décadas, foram sendo progressivamente substituídas pelas causas externas (principalmente acidentes de trânsito e homicídios). Na população “não-adolescente” do Brasil (menos de 14 anos e mais de 25), apenas 9,6% dos óbitos são atribuídos a causas externas. Na faixa de 14 a 25 anos as mortes por causas externas somam 72,1% do total de óbitos, homicídios somam 39,7%, acidentes de transporte 17,1% e suicídios 3,6%.

Segundo esse relatório, de autoria de Julio Jacobo Waiselfisz, o Brasil está na 3ª colocação (entre 84 países) no índice de homicídios entre jovens, depois da Colômbia e da Venezuela. A taxa,

[7] http://www.risolidaria.org.br/docs/ficheros/2006/11170007_15_0.pdf (Fonte: “Mapa da Violência 2006: Os jovens do Brasil”).

que era de 30 homicídios por 100 mil jovens em 1980, é de 51,7 em 2006. Os índices de homicídio de jovens no Brasil são 100 vezes maiores se comparados com países como Áustria, Japão, Egito ou Luxemburgo. No Brasil, embora estes índices sejam muito altos principalmente por armas de fogo, entre 2003 e 2004 houve uma queda de 5,6%. Explica-se esse declínio devido à criação do Estatuto do Desarmamento, em vigor desde 2003.

Segundo os resultados, em 2004, os acidentes de transporte (na maioria acidentes de trânsito) vitimaram 8.010 adolescentes (82,4% são homens). Nos fins de semana estes índices são ainda maiores. As políticas públicas deveriam repensar suas ações nos fins de semana, principalmente com relação aos adolescentes. Em termos internacionais, o Brasil ocupa a 26ª colocação neste item. Nos países como a França, Suécia, Holanda, Alemanha ou Singapura esses índices são mais altos.

Cardia (2003), pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre a Violência da Universidade de São Paulo, Brasil, aponta que o homicídio de jovens se relaciona com a escassez de fatores de proteção em áreas onde há grande concentração de população nesta faixa etária. Assim, os homicídios de adolescentes têm relação com a superposição de carências e a ampliação da desigualdade de direitos em relação à educação, saúde, moradia e trabalho. Observa-se, nestes casos, baixa renda e baixa escolaridade, escolas que não estimulam os jovens na busca do conhecimento, baixos índices de emprego, casas precárias, habitações com vários núcleos familiares gerando tensão, pouco acesso à rede de esgotos e leitos hospitalares, ruas sem asfalto e iluminação e poucas áreas de lazer. Além destes fatores, a autora aponta que a alta competição entre os moradores destas áreas pelos escassos recursos, impede a integração social entre as pessoas. Uma alternativa é o investimento em atividades de lazer, cultura e esporte que poderão influenciar o desenvolvimento físico e emocional dos adolescentes resultando na melhora do seu desempenho escolar. A ocupação do tempo dos jovens, ao estimular novos interesses e habilidades coletivamente construídas, pode influenciar no afastamento do consumo de drogas e do envolvimento no mundo do crime.

Cardia e Santos (2002) relacionam as alterações atuais no mercado de trabalho com a ocorrência da violência. A reestruturação industrial eliminou ocupações pouco especializadas e isso interferiu na entrada dos jovens no mercado de trabalho. Além destes aspectos, adultos (por exemplo, seus pais), que estão desempregados há muito tempo, não constituem modelos para os jovens. Este "efeito socializador negativo" do desemprego pode levar os jovens a não se submeterem às regras ou normas sociais, que segundo eles não trariam vantagens, incitando-os à violência.

Jorge Werthein, sociólogo e educador representante da UNESCO, aponta, no Mapa da Violência 2006 (op. cit.), que os jovens são a parcela da população mais vulnerável à violência em todo o mundo, mas considera como "absolutamente inaceitáveis" os altos índices de mortalidade observados. Para ele, os jovens estão morrendo porque são excluídos da sociedade e há necessidade urgente de políticas públicas que promovam sua integração e inclusão como forma de prevenção da violência. Cita o exemplo bem sucedido de programas que incentivam a abertura de escolas nos finais de semana para atividades esportivas, de recreação e culturais, como o Segundo Tempo do governo federal do Brasil e o Escola da Família do governo estadual de São Paulo. Esses programas mostram-se ainda mais importantes quando se constata a elevação dos índices de violência e acidentes nos finais de semana, principalmente devido à falta de ocupação dos jovens. Estas atividades deveriam ser associadas a políticas de emprego, com a contratação de jovens monitores nos programas culturais e esportivos no projeto Primeiro Emprego. Acrescenta que as medidas preventivas são mais baratas que as medidas repressivas, como, por exemplo, a internação de jovens na FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, atual Fundação CASA).

Os dados relativos a acidentes de trânsito envolvendo adolescentes também mostram uma triste realidade. No Brasil, segundo dados do Denatran,[8] existem hoje 40 milhões de condutores, sendo que 12 milhões são jovens com menos de 30 anos, mais precisamente entre 18 e 29 anos, os

[8] Fonte: http://logisticaetransportes.blogspot.com/2007/09/detran-registra-aumento-no-ndice-de.html em 18.09.2007

quais representaram 32% dos mortos em 2004 e 43% em 2005. O excesso de álcool é a causa evidente. A sociedade deve se mobilizar na prevenção destes acidentes envolvendo a morte crescente de adolescentes. Em 19 de junho de 2008 foi decretada no Brasil a Lei número 11.705 (mais conhecida como Lei Seca) com a finalidade de estabelecer alcoolemia 0 (zero) e de impor penalidades mais severas para o condutor que dirigir sob a influência do álcool[9]. Esta Lei atende uma comoção social na busca da diminuição dos acidentes de trânsito com a conotação de impedimento total de consumo de álcool antes do ato de dirigir e de venda de produtos alcoólicos ao longo das rodovias federais.

Pesquisas evidenciam que jovens não têm experiência no volante, o que, agregado ao sentimento de onipotência, pode justificar os altos índices de mortes em acidentes. O IPAS é uma organização não-governamental internacional que trabalha há três décadas com objetivo de reduzir o número de mortes e danos físicos. Segundo esta ONG, a prevenção de acidentes e a vida com saúde são direitos dos adolescentes, que podem ter como características próprias da idade o desejo de testar seus próprios limites e o sentimento de que "comigo nada acontece". Os acidentes mais comuns estão relacionados a quedas em geral, acidentes de trânsito e ferimentos com arma de fogo. O consumo de drogas está relacionado a atos de violência e acidentes. As causas externas (acidentes no trânsito, quedas, afogamentos, queimaduras acidentais, homicídios, suicídios entre outras) são a primeira causa de morte na adolescência. Em 1980 correspondia a 55% de todos os óbitos nessa faixa etária; em 1998, passaram para 67,5%. Estes índices mostram que a cada 10 jovens que morreram no país, entre as idades de 10 a 19 anos, cerca de 7 foram por causas externas e apenas 3 por doenças. Os altos índices de acidentes de trânsito chamam a atenção para a necessidade de atuação conjunta do setor da saúde e das instituições ligadas ao trânsito, a fim de prevenir a morte precoce dos jovens. Entre as

[9] Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11705.htm

medidas de prevenção estão a obediência às normas do trânsito e o controle do uso de equipamentos de segurança e da ingestão, sobretudo, de bebidas alcoólicas.

Estes dados revelam um grande paradoxo, já que a adolescência é vista, muitas vezes, como o auge da vida do ser humano, no qual existem sonhos e a busca de realização pessoal e profissional. O universo dos adolescentes se amplia e com isso os perigos se multiplicam. Acredito ser fundamental no trabalho com jovens propiciar espaços para que encarem, reflitam e atuem conhecendo a realidade destes dados. A discussão na escola envolvendo esta realidade pode auxiliar os alunos prevenindo algumas destas "mortes injustificadas".

Questionados sobre a relação entre o prazer e a autodestruição, os sentimentos de onipotência e imortalidade e a aproximação de perigos e possibilidade de morte, os adolescentes apresentaram as seguintes reflexões:

> *Não tenho medo de morrer, não faço nada para preservar a vida, corro riscos, não penso na possibilidade da morte acontecer comigo. O jovem sabe que ele morre, mas ele vai desafiando, acha que morre quando ele quer. Imortais? O adolescente se sente assim na hora que ele está sentindo prazer e ele acha que nada pode dar errado* (RODRIGUEZ, 2005, pp. 81, 82, 98, 99).

Ainda em relação aos comportamentos dos jovens, que têm como característica fundamental a linha tênue entre o prazer e a autodestruição, destaco um dado de realidade citado por Sayão (2006): um acidente de carro, ocorrido em 2006, em que se envolveram cinco jovens de 14 a 15 anos, um deles ao volante e três garotas morreram. A escritora procura envolver os leitores, relatando estes acontecimentos, tentando evitar que se distanciem ou se desvinculem usando pensamentos preconceituosos e moralizantes como: *"os jovens não têm limites, não têm objetivos na vida, são 'aborrescentes', sua rebeldia é vazia, não respeitam nada"*.

A discussão fundamental desta matéria engloba os limites externos, impostos ou não, aos jovens de hoje. Atualmente, os adultos passaram a ser "companheiros legais" e confidentes dos jovens, além de serem defensores de estilos de vida com liberdade sem grandes exigências. Os

adultos praticamente não apresentam restrições à vida dos jovens, não são mais as principais figuras de confronto. O tédio e uma existência vazia, sem sentido, aparecem como fatores a serem combatidos. Neste cenário, a morte surge como um desafio aos jovens. No consumo de drogas e na prática de esportes radicais, por exemplo, os jovens podem perceber a possibilidade de realizarem feitos heróicos, atuando de forma ousada e impulsiva.

A escola pode ser vista como extensão da família e deve-se buscar nos dois contextos a abertura para a possibilidade de vivências ricas e saudáveis. A individualidade, caminhando junto com o diálogo entre alunos e educadores, deve ser respeitada para que impressões, experiências próprias, sentimentos e opiniões tenham espaço de expressão. A criatividade pode ocupar importante papel, desestimulando a idéia de que os educadores tudo sabem e os alunos não. No ambiente escolar, contenção, regras básicas e limites também permitem o desenvolvimento, pois são fatores que nem sempre significam rigidez e podem ser sentidos pelos jovens como sinais de afeto, preocupação e de uma ação consistente e confiável (SUKIENNIK et al., 2000).

Um dos principais aprendizados a partir da minha pesquisa de mestrado (RODRIGUEZ, 2005) foi refletir sobre algumas razões que estariam levando os jovens a pedirem mais limites aos pais e à sociedade. Pelos meus estereótipos relacionados à adolescência, não esperava encontrar a questão dos limites com tanta freqüência. Segundo os jovens ouvidos, limites mais claros gerariam maior maturidade, protegendo de perigos que poderiam levá-los à morte. Destaco a seguir um trecho ilustrativo:

> Parece que os jovens estão também pedindo modelos de identificação, um sentido maior para suas vidas e espaços sociais mais delimitados. ADORNO (2002) diz que a questão da autoridade é um problema complexo, principalmente a internalização da autoridade e seus efeitos. Ele diz que estas crises de autoridade, por exemplo, em relação à família, possuem um lado positivo de procura de novas soluções frente às transformações da sociedade, novos valores, comportamentos etc. Penso que o caminho não é culpar os pais pelos conflitos e problemas dos adolescentes, dizendo que eles não educaram bem seus filhos, mas sim tentar refletir sobre os significados das relações, buscando entender como é feita a comunicação entre pais e filhos, sua convivência, a transmissão das vivências e conhecimentos e, assim, intervir nesse processo de maneira criativa e enriquecedora. Devemos refletir sobre o porquê de os

> jovens pedirem mais limites: seria uma sensação de insegurança frente às condições sociais e perigos atuais? Para maior segurança estariam os jovens necessitando de mais referências, apoio familiar, respaldo social? O fato é que, para os jovens poderem encontrar seus próprios caminhos, eles precisam se apoiar em valores oferecidos pela família, pelos educadores e pela sociedade em geral. (RODRIGUEZ, 2005, pp. 89 e 90).

Haudenschild (2006)[10] aponta que é um equívoco acreditar que é possível controlar de forma onipotente o desenvolvimento psíquico dos adolescentes, sem escutá-los ou perceber suas singularidades. Para a imposição de limites é necessário que os pais assumam a responsabilidade de se confrontar com seus filhos e não se coloquem numa posição de "pais irmãos", como se fossem da mesma geração. É fundamental uma troca intergeracional de experiências.

Os educadores também têm papel fundamental no crescimento psíquico dos adolescentes e na "não-alienação". Os profissionais inseridos nas escolas podem contribuir com a descoberta de recursos internos do jovem.

Em relação à prevenção de perdas injustificadas na adolescência e nas esferas da morte concreta, simbólica e escancarada (que vou discutir melhor nos próximos capítulos), passo a destacar alguns temas fortemente vinculados com os jovens na atualidade:

- ***Suicídio***

> Um jovem se jogar do alto de um prédio ou disparar uma arma contra a própria cabeça choca mais que o mesmo ato cometido por uma pessoa idosa. O suicídio de um ancião doente ou solitário é, afinal, compreensível. Mas a morte voluntária do adolescente é uma afronta à vida, uma atitude contrária à sobrevivência da espécie (CAVALCANTI et al, 2007).

A ocorrência de suicídios na adolescência é um fenômeno trágico que aumenta de forma assustadora e pode ser visto como um grito de dor. Os índices revelados são dados subestimados uma

[10] HAUDENSCHILD, T. R. L. "A infância e a adolescência violentadas psiquicamente". Palestra proferida na JORNADA: PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO – PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA. São Paulo, 2006.

vez que só registram os números oficiais de suicídios, excluindo-se as mortes por "causas acidentais", sendo algumas delas suicídios encobertos:

> Em 2004, o Brasil registrou 743 mortes por suicídio na faixa etária dos 10 aos 19 anos (...) com base em dados da OMS e do Ministério da Saúde, o índice de suicídios entre 15 e 24 anos aumentou dez vezes entre 1980 e 2000 (...) pressões decorrentes das dificuldades de se inserir socialmente, de conseguir um emprego ou até mesmo de ser aprovado no vestibular tornam os jovens brasileiros especialmente vulneráveis ao ato. Além dos fatores exteriores, entram em jogo nesse momento questões próprias da adolescência, capazes de levar à desestabilização psíquica (...) Muitos jovens enfrentam a armadilha dos três 'is', quando sentem uma situação como intolerável, inescapável e interminável (CAVALCANTI et al, 2007).

Segundo o IPAS (op.cit.), na população entre 15 e 24 anos observa-se o **crescimento dos suicídios** nas nove principais capitais do Brasil. As taxas médias anuais de suicídios corresponderam a 4,33 (em 1979), 4,10 (1985), 4,48 (1990) e a 5,86 (em 1995) por 100.000 habitantes de 15 a 24 anos. Salvador teve uma das menores taxas (0,37); enquanto Porto Alegre (7,63) e Curitiba (7,29) apresentaram as maiores taxas. O principal meio utilizado foram armas de fogo e explosivos, apontando a necessidade de ações conjuntas da área da saúde com a de segurança pública no sentido de controlar o uso de armas de fogo pelos jovens.

A adolescência é um período de risco para a ocorrência de sintomas depressivos. Nesta fase de construção da identidade, a despedida da infância pode ser dolorosa. Caminham juntos o caos e o esclarecimento; a alegria e o desespero; as conquistas e as frustrações; os sucessos e os fracassos. A adolescência é um movimento de reordenamento interior, simultâneo ao aumento das exigências externas, podendo gerar sentimentos de angústia e insegurança. As escolhas a serem feitas implicam em sentimentos de perda.

Segundo o Instituto Nacional de Saúde Mental norte-americano (NIMH)[11], o número de suicídios de adolescentes é muito alto nos Estados Unidos. De acordo com os dados, o suicídio, se computadas todas as faixas etárias, era a 11ª entre as causas de morte no país (32.439 vítimas) em

[11] Fonte: http://www.nimh.nih.gov/

2004. Mas, entre os adolescentes (15 a 19 anos) e jovens adultos (20 a 24 anos), o suicídio era a 3ª maior causa de morte.

Pesquisas do NIMH apontam o suicídio como um problema de saúde pública. Entre as causas de morte de adolescentes americanos, o suicídio apresenta índices mais elevados do que o câncer, doenças cardíacas, AIDS, pneumonia entre outras. Segundo o Instituto, a depressão e o abuso de substâncias são fatores relacionados aos altos índices de suicídio. Os estudos têm enfatizado os fatores de prevenção ao suicídio, como por exemplo, a inclusão das famílias nos cuidados e a importância de outros profissionais de ajuda (além do médico) no tratamento e acompanhamento dos pacientes. Enfermeiros são considerados fundamentais no monitoramento dos efeitos colaterais do tratamento e os terapeutas no processo de acompanhamento emocional dos pacientes. Entretanto, muitos jovens não são identificados, sofrendo de forma solitária e com sentimentos de desamparo (falta de esperança).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), nos últimos 45 anos a taxa mundial de suicídios aumentou 60%. Está entre as três principais causas de morte entre 15 e 44 anos em ambos os sexos. Os transtornos mentais (particularmente a depressão e o abuso de substâncias) estão associados a mais de 90% dos casos. Entretanto, o suicídio pode ser resultante de muitos fatores complexos ou relacionados a períodos de crise (situações sócio-econômicas, familiares ou individuais). Alguns exemplos citados foram desemprego e perda de pessoas significativas por morte. Segundo a OMS, a discussão sobre o suicídio ainda é considerada tabu em muitos países. Apenas alguns deles incluíram a prevenção do suicídio entre suas prioridades, englobando não só o campo da saúde como também da educação, trabalho, polícia, justiça, religião, lei, política e mídia.

Eventos de vida traumáticos também estão entre os fatores relacionados ao suicídio. A tríade fracasso, perda e humilhação surge como causa que pode deflagrar o ato. Sentimentos de desespero e atos de violência contra si podem estar relacionados a acontecimentos que desencadeiam os

sentimentos desta tríade, como por exemplo, uma nota ruim na escola, o fim de um relacionamento amoroso, atitudes hostis que as pessoas enfrentam no seu círculo social ou a derrota numa competição esportiva importante.

Sukiennik et al. (2000) relacionam a depressão e o risco de suicídio em adolescentes e consideram possível a identificação destes fatores em sala de aula. Chamam atenção para que os educadores busquem conhecimentos sobre essas possíveis situações no ambiente escolar. Assim, as contribuições dos profissionais de educação são muito significativas em relação à identificação, encaminhamentos e até prevenção dos quadros mencionados. Ampliar as informações dos educadores pode torná-los observadores e compreensivos em relação aos seus alunos adolescentes.

O apoio da família, dos amigos e dos professores é essencial, sendo necessário que estejam atentos a sinais de mudanças de comportamento do jovem, como por exemplo, excesso de faltas às aulas, diminuição do rendimento escolar, afastamento de relações sociais entre outros. Piltcher e Sukiennik (1996) apontam que a escola, enquanto instituição, e seus educadores, como "células básicas", podem representar importantes fatores de proteção aos jovens. Ao reconhecer sinais de autodestruição podem agir para atenuar os riscos. Mas, antes, é preciso admitir que esses sinais estão presentes no contexto escolar e, em seguida, o olhar deve buscar quais alunos manifestam estes problemas.

É comum, por outro lado, a ocorrência de comportamentos dos educadores que visam proteger e "mascarar" a percepção desses sinais de sofrimento. Essa atitude pode adiar perigosamente possíveis ações e a busca de ajuda. Certamente, não existe um caminho único, nem receitas de conduta; o que se discute são reflexões e buscas de propostas para lidar com a questão. Não existem soluções mágicas para evitar totalmente as condutas autodestrutivas entre os jovens, já que esse problema não é desvinculado de questões sociais mais amplas. Esta pesquisa teve a intenção de

discutir e colaborar com profissionais de educação para uma percepção integrada de sinais relacionados a comportamentos autodestrutivos e a possibilidade de morte.

- ***Bullying Escolar***

As perdas presentes na adolescência perpassam *as várias mortes* desta etapa da vida. Um assunto muito discutido, hoje em dia, pelos educadores e profissionais de saúde mundiais é o *bullying escolar*. Refletindo sobre esta temática, podem ser estabelecidas relações com as *mortes concretas e simbólicas* que fazem parte da adolescência e do ambiente escolar. As ***mortes concretas*** incluem homicídios e suicídios (ou tentativas). As ***mortes simbólicas*** envolvem situações de exclusão, isolamento, humilhação, mudanças de grupo, de escola, entre outras. Estas mortes simbólicas provocam vários sentimentos nos jovens que passo a descrever a seguir.

Segundo Mottoka, Affonso e Hilel (2006), o termo *"bullying"* vem da palavra inglesa *"bully"*, significando "valentão" ou "brigão". Designa comportamentos agressivos e anti-sociais e, freqüentemente, há ausência de justificativas para eles. Caracteriza-se por uma relação de poder desigual e ações que podem provocar medo, opressão, intimidações, humilhações, maus tratos, entre outros. Podem manifestar com freqüência comportamentos agressivos e intencionais, causando sentimentos de angústia e sofrimento. Apresentam-se como atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos. Estas agressões físicas ou verbais podem caracterizar violências reais ou virtuais e comprometer o desenvolvimento dos adolescentes.

Fante (2005) aponta que, quando não ocorre a intervenção frente aos comportamentos intimidatórios, pode ficar abalada nos agressores a aprendizagem de valores como tolerância, solidariedade, respeito às diferenças e compaixão. Praticantes de bullying na adolescência podem se transformar em agressores potenciais na vida adulta, vindo a praticar violência doméstica, condutas

delituosas ou ações agressivas no ambiente profissional, pois vêem a violência como caminho de obtenção de poder.

O bullying é composto por três elementos:

a)*comportamento agressivo;* ***b)*** *repetição da ação agressiva e* ***c)*** *desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.*

Os estudos sobre o bullying escolar foram iniciados na década de 1970, na Noruega, Suécia e Dinamarca, a partir do aumento na ocorrência de suicídios entre crianças e adolescentes europeus. Uma das causas declarada na época foram os maus-tratos sofridos por jovens no ambiente escolar. Estudos realizados entre 1978 e 1993 pelo professor da Universidade de Bergen, na Noruega, Dan Olweus, estabeleceram parâmetros para identificar o bullying nas brincadeiras próprias da idade escolar. Segundo ele, 15% dos alunos noruegueses, entre 8 e 16 anos, eram vítimas ou agressores e muitos jovens que apresentaram tendências suicidas tinham sofrido ameaças na forma de bullying.

O bullying leva, freqüentemente, a situações de isolamento social e ações e comportamentos agressivos chegam até causar a morte de adolescentes. Podemos então estabelecer algumas relações desta situação com as mortes simbólicas que fazem parte do contexto escolar envolvendo alunos adolescentes. Episódios de bullying podem se tornar tão embaraçosos ou violentos para as vítimas que estas acreditam que o único caminho é a mudança de escola, de residência ou de ambos.

O bullying pode envolver situações de violência física (possibilidade de morte concreta na adolescência), assim como o abuso psicológico ou verbal (levando ao sofrimento a partir da vivência de mortes simbólicas). O isolamento social pode se apresentar como uma morte simbólica para o jovem; sendo provocado a partir de rumores, fofocas ou conteúdos depreciativos sobre ele. O isolamento impede a socialização e a vítima pode sofrer intimidações ou críticas de aspectos como raça, religião, orientação sexual, nível sócio-econômico, aparência ou dificuldades físicas.

Atualmente, o *cyberbullying* também é prática freqüente do bullying virtual. Esta se utiliza das tecnologias de informação e comunicação para a prática do bullying (e-mails, mensagens de texto para celulares, sites, blogs ou páginas pessoais difamatórias) É freqüente, por exemplo, o uso de expressões ameaçadoras dirigidas a uma ou mais vítimas e a criação de falsas informações sobre os colegas, familiares e até educadores. As ferramentas disponíveis nas atuais tecnologias de informação garantem a impunidade e o anonimato, uma vez que os agressores utilizam nomes fictícios ou identidade falsa.

A prática de bullying na adolescência ocorre, geralmente, dentro ou nas proximidades de escolas. Nos anos 1990, vários episódios desta prática foram muito divulgados nos Estados Unidos (o mais impactante foi o massacre de Columbine[12]). Os agressores alegaram ser vítimas de bullying e o caminho escolhido pela violência foi justificado pela falha dos profissionais da escola em intervir de forma mais eficiente antes e durante o episódio.

Para Calligaris (2007b), os assassinatos em massa já são uma tradição nos Estados Unidos e na Alemanha (desde o massacre de Erfurt[13] em 2002). Houve também manifestações na Escócia e na Finlândia. Há singularidades de razões em cada caso e os atiradores (sempre homens) parecem agir numa tentativa de se levarem a sério e de serem, enfim, levados a sério.

Destaco a seguir consequências e efeitos do bullying escolar nos jovens (MOTTOKA; AFFONSO; HILEL, 2006):

- depressão reativa (depressão clínica causada por eventos externos ao indivíduo)
- perda de autoestima
- receio em expressar sentimentos e emoções

[12] Episódio retratado no filme *Tiros em Columbine (Bowling for Columbine, 2002)* do documentarista Michael Moore. Massacre ocorrido na escola de Columbine, nos Estados Unidos, provocando muitas mortes e feridos após ataque de alunos perseguidos pelos colegas. Em 2007, na Universidade Técnica da Virgínia, nos Estados Unidos, ocorreu outra tragédia protagonizada por alunos que eram ridicularizados pelos colegas e excluídos do convívio social.

[13] O *Massacre de Erfurt* ocorreu em 26 de abril de 2002, na escola Gutenberg-Gymnasium em Erfurt, Alemanha. O atirador foi o estudante Robert Steinhauser, de 19 anos, que havia sido expulso da escola. Ele atirou e matou 16 pessoas, incluindo 13 membros da escola, 2 estudantes e um policial, antes de cometer suicídio. Mais 7 pessoas ficaram feridas,

- problemas de relacionamento interpessoal
- abuso de álcool e outras drogas
- automutilação
- tentativas de suicídio
- níveis elevados de evasão escolar

Conseqüências do bullying escolar envolvem a possibilidade de morte entre jovens. Destaco o item "receio em expressar sentimentos e emoções", uma vez que este aspecto pode dificultar a percepção de situações de bullying e a prevenção de comportamentos que colocam a vida de alunos adolescentes em risco. Familiares, educadores (e outros profissionais da escola) e os amigos adolescentes devem estar atentos e precisam relatar estes episódios para buscar caminhos para lidar com a situação.

Fante (2005, pp.60-61) descreve outras graves consequências do bullying escolar:

> Para as vítimas, promove, no âmbito cognitivo, o desinteresse pelos estudos, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento escolar, a reprovação escolar. Na saúde, provoca queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, como cefaléia, tontura, náusea, ânsia de vômito, dores epigástricas, diarréia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento de apetite, dores generalizadas, entre outros. Podem surgir doenças de causas psicossomáticas como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios e obesidade.

O fato é que o bullying escolar é revelador de várias crises que ocorrem no ambiente escolar. Atualmente, observa-se com frequência as "aulas de humilhação" a que muitos alunos estão sendo submetidos. Coelho (2006) cita o caso de uma menina de 13 anos em Petrolina (PE) que morreu asfixiada depois de sofrer ataques dos colegas de classe. As humilhações podem ocorrer nas lousas e carteiras escolares. A revista "Época" divulgou um estudo que avaliou o bullying em alguns países: na Espanha 13% dos alunos já sofreram insultos pelos colegas e 3,5% foram abordados fisicamente. No Brasil esses números são bem maiores: 33% sofreram humilhações e 20% foram agredidos fisicamente.

> Estatísticas brasileiras mostram: no interior paulista, um estudo pioneiro, entre 2000 e 2003, com um grupo de 2 mil alunos de oito escolas da rede pública e particular de ensino, mostrou o envolvimento de 49% dos adolescentes em bullying. Outra pesquisa foi realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), em 2002 e 2003, no município do Rio de Janeiro, com a participação de 5.875 estudantes. Conclusão: 40,5% estavam envolvidos em bullying. Em 2006, o Instituto SM para a Educação (Isme) apresentou dados de pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Nesse panorama, os alunos brasileiros, em comparação aos outros, são os que mais sofrem insultos, apanham e são assediados verbal, física e sexualmente. Por esse motivo, o Brasil foi apontado como campeão em bullying (...) estes dados representam um alerta para o aspecto epidêmico do bullying, pois se trata de comportamento psicossocial expansivo (FANTE, 2005).

Reflexões associadas ao bullying são trazidas para discussão: hoje em dia, a "ditadura do grupo" é imposta aos comportamentos individuais dos jovens. São impostos aos jovens padrões cada vez mais rígidos de consumo e atitudes. Coelho (2006) aponta que hoje ser gordo é quase um estigma de caráter. Pais e educadores devem estar atentos a essas ações de humilhação e suas conseqüências. Por exemplo, se a prática do bullying é mais frequente no horário de recreio, os educadores devem buscar cuidados e rever suas práticas em relação a isso. Ações mais efetivas diante do bullying escolar devem ser pensadas de forma cuidadosa e urgente.

A imprensa de Tóquio divulgou em 07.02.2007 (Fonte: Reuters) o suicídio de uma jovem após ser intimidada por colegas na escola que freqüentava. A notícia divulga o número crescente de suicídios na adolescência relacionados a provocações, intimidações, insultos, ameaças de espalhar boatos entre outros problemas recorrentes nas escolas japonesas. Outros motivos relacionados podem ser as características do sistema educacional japonês que ressalta a competição entre os alunos e os resultados acadêmicos que podem favorecer intimidações e a constante pressão sobre os adolescentes. Devemos estar atentos para verificar se estes problemas também ocorrem em escolas brasileiras e em que proporções.

Segundo Crochík (1995), a humilhação é muito encontrada no cotidiano, podendo provocar submissão, incapacidade e fraqueza frente a vários tipos de situação. Pode haver uma perpetuação da

humilhação, uma vez que quem a sofre pode exercê-la contra os outros, tentando, desta forma, se fortalecer. O autor aponta que a humilhação é, às vezes, mais dependente do seu significado do que do ato de violência sofrido. Por exemplo: uma pessoa que leva um tapa pode sofrer mais pelo significado atribuído a ele do que pela dor física. Um jovem chamado de "burro" pode se preocupar mais com a repercussão social desse xingamento. O que mais incomoda é a humilhação frente a si e os outros. Estas situações podem, assim, ser vividas como mortes simbólicas, perdas em vida, na vida escolar de jovens alunos.

O bullying, como uso do poder e da força para ameaçar ou perseguir alguém, vem apresentando uma incidência crescente no contexto escolar. Por isso é importante sua identificação precoce por parte de pais e educadores, evitando que o problema gere efeitos mais graves como ideação ou tentativa de suicídio. O conhecimento desse fenômeno em toda a comunidade escolar, a sensibilização para sua identificação e o controle são fundamentais. Lopes (2007) chama atenção para a criação de regras claras quanto à não tolerância ao bullying. Assim, suas vítimas se sentirão mais seguras em relação a expor seus sentimentos, diminuindo o silêncio causado pelo medo, vergonha e insegurança.

Espaços para a reflexão sobre a valorização da amizade, solidariedade e diversidade são vistos como fundamentais no contexto escolar para a formação de uma cultura de paz e não-violência. Estes espaços devem ser criados e incentivados nas escolas como forma de promover uma convivência sadia e segura entre os jovens alunos. Lopes (2007) aponta que os educadores devem estar disponíveis para ouvir e acolher os sentimentos dos alunos, construindo um ambiente escolar seguro, respeitoso e prazeroso.

A escola pode ser vista como espaço para transformações e conscientizações sociais. Esta instituição não é somente um espaço para a aprendizagem acadêmica uma vez que a formação

individual é bem mais ampla. O contexto escolar deve lançar desafios, discussões polêmicas e enriquecedoras que visem o desenvolvimento integral do aluno adolescente.

Fante (2005) diz:

> O bullying viola o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. É uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos não somente ao ambiente escolar, mas à sociedade, em decorrência das atitudes de seus membros.

E acrescenta que, apesar do aprofundamento dos estudos brasileiros sobre o bullying escolar, este tema ainda não é conhecido por muitos profissionais da área da saúde, educação e segurança pública. Assim, requerem-se medidas urgentes de informação, intervenção e prevenção, envolvendo toda a comunidade escolar. Dessa forma, a escola poderá vir a ter o papel de questionamento de práticas excludentes, eliminatórias e de humilhação entre os alunos.

A seguir, passo a descrever um outro cenário que leva sinais da morte ao contexto escolar e à vivência de educadores e adolescentes. Trata-se de situações relacionadas à vivência do luto. Será que a escola pode ser continente?

1.2c) Apoio ao aluno enlutado

> ***"Nesse período indeterminado que chamamos de 'luto', é como se estivéssemos num submarino silencioso no fundo do mar, sofrendo a pressão da profundidade. Às vezes estamos perto, às vezes estamos longe, sempre mergulhados em recordações".***
>
> (DIDION, 2006, pp.29-30)

> ***"Durante várias semanas, aquele foi o modo como eu acordava para enfrentar o dia. Acordo e sinto o cair da noite, e não o romper do dia".***
>
> (DIDION, 2006, p.34)

> ***"Quando choramos nossas perdas (...) a gente chora (...) também por nós mesmos. Pelo que nós éramos. Pelo que não somos mais. Pelo que um dia não seremos de modo algum" .***
>
> (DIDION, 2006, p.194)

Embora milhares de adolescentes, todos os anos, experienciem a morte de pessoas significativas, há poucas evidências de que escolas realizem trabalhos ou tenham serviços especializados para lidar com o luto, a dor e o sofrimento dos alunos que sofreram a perda de colegas ou membros da comunidade escolar. A ausência desse apoio é percebida principalmente quando ocorrem mortes inesperadas. Apesar da freqüência da ocorrência destes eventos traumáticos, há pouco espaço nas escolas para acolher os sentimentos diante da perda. Muitos profissionais que

trabalham em escolas acreditam que a família está fornecendo o suporte necessário para o jovem. A família, por outro lado, espera da escola esse apoio.

É importante incluir alunos, membros da comunidade escolar e familiares na assistência aos jovens que sofreram perdas. Adolescentes que perderam o pai ou a mãe citaram seus amigos como a ajuda emocional mais significativa, pois a possibilidade de falar sobre sua perda tinha sido uma ajuda importante. Os jovens apontaram a importância da comunicação, da presença e da expressão de preocupação de seus amigos como fundamentais fontes de apoio (GRAY, 1989).

A partir dessas reflexões, escolas americanas desenvolveram possibilidades de trabalho no contexto escolar. Todas estas propostas são interessantes, não sendo excludentes:

- programas preventivos de intervenção (pré-situações de crise)

- programas de trabalho logo após a ocorrência de morte(s) repentina(s) – exemplo: morte de algum membro da comunidade escolar

- oferecer esse programa como um serviço que funciona permanentemente (CARSON; WARREN; DOTY, 1994-95).

Após pesquisa bibliográfica realizada, percebo que há escassez de trabalhos sistematizados nas escolas brasileiras que cuidem da dor, do luto e do sofrimento decorrentes de situações de morte na vida dos adolescentes. As várias propostas americanas citadas poderiam ser introduzidas no Brasil (KOVÁCS, 2003; RODRIGUEZ, 2005).

Davidson e Doka (1999) destacam o quanto pode ser difícil para os administradores escolares e professores o reconhecimento de certos comportamentos dos alunos que envolvem dor, tristeza e o luto. Esses autores reconhecem que esses profissionais têm uma falta de preparo para compreender e oferecer apoio aos alunos que estão passando por um processo de sofrimento. Apontam como importante o reconhecimento das dificuldades que ocorrem na busca de caminhos para lidar com a dor e a perda no ambiente escolar.

Domingos (2003) realizou um estudo em escolas com adolescentes sobreviventes de perdas de pessoas significativas. Concluiu que as mortes mais difíceis de serem elaboradas e compartilhadas foram as causadas por homicídio, suicídio e AIDS, já que estas mobilizam fortes sentimentos e estigma social. São mortes violentas, repentinas e envolvem jovens. O luto e a expressão da dor podem não ser autorizados ou publicamente reconhecidos, inviabilizando a elaboração da situação. Para muitos jovens ouvidos neste trabalho, a família e a escola foram fontes de suporte pouco eficazes para suas necessidades. Apresentavam uma postura defensiva em relação à exposição de sentimentos, pois os jovens percebiam o contexto escolar como pouco receptivo às suas necessidades decorrentes das perdas sofridas. Os professores podem ser surpreendidos por eventos de perda e luto com os quais não estão preparados para trabalhar, nem teórica e nem emocionalmente (MAHON; GOLDBERG; WASHINGTON, 1999).

Uma questão fundamental é como adolescentes elaboram lutos por perdas de amigos da mesma faixa etária, já que estas têm se tornado experiências frequentes. Em meu trabalho anterior, ao ouvir adolescentes sobre suas experiências de contato com a morte de amigos, verifiquei que são comuns os sentimentos de choque e tristeza intensa e que a possibilidade de falar sobre estas questões alivia sua dor:

> *16 anos, esfaqueada e estuprada, ela morreu, a gente tinha a maior amizade, eu fiquei muito chocada, muito, muito, muito. Meus amigos, a gente sentou e começou a conversar, um ajudou o outro, a gente se abraçou, conversou, pudemos expressar a saudade dela, ontem ela estava aqui com a gente, a gente saía junto, era tão bom quando isso acontecia* (RODRIGUEZ, 2005, p.84).

A morte de um amigo pode abalar os alicerces sociais e emocionais dos adolescentes e também fazer com que questionem suas fantasias de onipotência e imortalidade. Situações de grave adoecimento também são eventos inesperados na vida de um jovem (ele próprio e seus amigos). Fica, assim, exposto à realidade da fragilidade da vida, abalando seu mundo interno, a vitalidade do seu

corpo jovem, sua rotina, seus projetos futuros: *"sonhos são congelados"*. Sobre isso, Cavalcanti et al (2007, p.93) diz que o jovem pode *"conversar com a morte"* superando a solidão:

> O diagnóstico da doença coloca o adolescente face a face com a questão da finitude, convocando-o a enfrentar os dilemas de sua existência. Elementos subjetivos são solicitados para articular organismo, doença, paixões e projetos.

Domingos (2003) compreende o luto como uma experiência que transcende o indivíduo, envolvendo um conjunto de reações psíquicas, conscientes e inconscientes, diante da perda de um ente querido. A quebra de um vínculo afetivo pode ser sentida como desamparo. Então o luto como crise não envolve somente uma pessoa isolada, mas também sua família e outros grupos da sociedade aos quais se pertence. Por isso, é importante, no suporte ao adolescente enlutado, além da família, pensar na escola e nos educadores, pois estes podem interferir de maneira positiva no enfrentamento destas perdas. Este autor também discutiu o impacto das perdas nas atividades escolares (no processo de ensino-aprendizagem) e as dificuldades dos adolescentes enlutados em retomar, acompanhar os conteúdos escolares e manter o desempenho anterior à perda. No primeiro ano posterior à perda são freqüentes os problemas de atenção e concentração, resultando em reprovações. Foram relatados sintomas como ansiedade, variações de humor, pensamentos recorrentes sobre a pessoa perdida, apatia, afastamento de colegas, cansaço, sono, tontura e crises de choro. Em relação ao comportamento da comunidade escolar, são fontes de suporte o adiamento de avaliações pelos professores e a ajuda de colegas na realização de trabalhos escolares. Porém, além desses aspectos, é necessário oferecer aos jovens um suporte às suas necessidades emocionais e algumas possibilidades de enfrentamento.

Parkes (1998), ao se referir a adolescentes enlutados, ressalta o sentimento de raiva como parte do luto; quando não há elaboração e a possibilidade de expressar a raiva, este sentimento pode se transformar em violência, agressividade, desafio a figuras de autoridade e abuso de drogas. O autor afirma que a raiva também pode ser canalizada para uma transformação social, ao se vivenciar este

sentimento de forma criativa. Pergunto: *será que a escola pode ajudar os jovens nesta tarefa? Com a ajuda dos educadores, pode-se propiciar espaços para os jovens falarem sobre a relação entre violência e morte e buscar caminhos e soluções para estes conflitos?*

Enfim: por que é tão importante falar sobre morte com adolescentes?

"Todo o tempo do mundo tem de ser agora, parecem dizer os jovens".
(MINATTI, 2007)

Charlot (1979) e Forquin (1993) afirmam que o conteúdo da educação envolve a comunicação, a transmissão e a aquisição de vários aspectos como: competências, crenças, hábitos, valores e modelos de comportamento sociais (de trabalho, de autoridade, de relações afetivas etc). No desenvolvimento psicológico dos alunos, as esferas da cognição e da emoção são inseparáveis; por isso a discussão sobre o espaço da afetividade e das necessidades emocionais dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem e na transmissão do conhecimento torna-se fundamental. No próximo capítulo trago a proposta da *aprendizagem significativa* segundo os referenciais de Rogers (1997).

Sukiennik et al. (2000) chamam a atenção para um aspecto que é muito discutido com os profissionais de saúde e podem ser pensados para os profissionais de educação. Os autores apontam que, muitas vezes, negligencia-se o fato de que a escola também deve cuidar de quem ensina. Para que a própria instituição não chegue à auto-destruição, devem-se cultivar condições adequadas e criativas de trabalho. A integridade do ambiente escolar pode interferir no processo de identificação dos alunos. A escola deve ser o espelho futuro onde o jovem possa se agarrar.

Para Outeiral e Cerezer (2003), uma importante conquista da adolescência é o pensamento formal que possibilita aos jovens refletir sobre hipóteses e construir conclusões. Este é um importante espaço para o desenvolvimento da criatividade e precisa de ambientes acolhedores de necessidades,

sem esquecer dos limites. A escola deve propor limites aos jovens para que eles se sintam protegidos e possam expressar sua criatividade, seus pensamentos e verbalizar seus conflitos sem receios.

Considero de grande importância a discussão com os adolescentes sobre o tema da morte. Alguns jovens, ao serem questionados sobre este fato, disseram:

> *Você estaria ajudando os jovens, não só perguntando o que é a morte para eles, mas falando 'faça isso, não faça aquilo' (...) Muitas vezes o jovem está desinformado, não está consciente de que pode se prejudicar* (RODRIGUEZ, 2005, pg.111).

Assim, entre os papéis da escola, além da transmissão de conhecimentos, seria importante a busca da prevenção de comportamentos que coloquem a vida dos jovens em risco. Para que isso aconteça, os alunos precisam se sentir acolhidos para expor seus sentimentos, dúvidas e necessidades.

Durante a vida, vamos construindo "projetos", um aglomerado de sonhos, desejos por experiências e objetivos a serem atingidos. Os educadores, ao fazerem parte da vida de seus alunos, estão presentes neste processo de busca pela realização dos projetos dos jovens.

Ao relacionar vida e morte, estamos falando de busca pela vida. Estimular a discussão sobre a morte pode abrir novos caminhos na vida dos jovens. Sendo que a maior parte das mortes de jovens é provocada por fatores externos, abre-se então a possibilidade de prevenção de comportamentos que impeçam a realização destes tão sonhados projetos dos adolescentes. A forma ideal de construção e execução das discussões sobre vida e morte deveria envolver os educadores e os próprios adolescentes e não deveria ocorrer uma imposição de atividades. Portanto, é fundamental ouvir o que os jovens têm a dizer sobre isso. Thornton (1991) chama atenção para a participação ativa dos alunos no planejamento de cursos sobre a morte e o morrer.

Para que os educadores possam trabalhar com o tema da morte nas escolas, é preciso disponibilidade para o novo e para o mistério que compõe a singularidade dos indivíduos nos vários momentos de suas vidas. A capacidade de conviver com o novo e com o diferente é poder acompanhar o curso da vida. Falar de morte não é tarefa fácil. Porém, na dificuldade deste ato, há a

possibilidade de crescimento pessoal que é um dos propósitos da nossa existência. Assim, destaco um trecho que resume bem os benefícios desta comunicação:

> ***"Viver é como ir para a escola. Dão a você muitas lições para estudar. Quanto mais você aprende, mais difíceis ficam as lições"*** **.**
>
> (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 19).

1.3) Algumas reflexões sobre educação e a educação para morte

"Quando minha mãe estava com noventa anos, ela me disse que estava preparada para morrer, mas que não podia ir embora".

(DIDION, 2006, p.98)

"A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não-ser; é um certo algo e não o completo nada".

(VYGOTSKY, 1996, p.265)

A discussão sobre a abordagem do tema da morte nas escolas aponta a importância de resgatar algumas noções sobre o papel da educação, aproximando-o do conceito de educação para a morte – tema fundamental desta pesquisa. E aí surge a questão principal deste projeto: *será que as escolas e seus educadores podem assumir a educação para a morte como uma proposta de trabalho com seus alunos adolescentes?*

Dimenstein (2009) questiona:

> Será que precisamos estar prestes a morrer para refletir sobre o que é essencial? Talvez aí esteja uma das grandes falhas do sistema educacional. Educa-se para o fazer e não para o ser. Pior, educa-se para o sucesso, que, como todos sabemos, é superficial e passageiro. Não se educa para que cada um ache seu significado na vida, seja ele qual for, o que implica várias medidas de sucesso.

O autor ainda sugere o ensino de filosofia nas escolas como uma ponte para a discussão com os alunos sobre o porquê vale a pena viver. Este tema merece atenção especial em se tratando dos alunos adolescentes como visto no capítulo anterior.

Para Glass (1990), a educação é um caminho para confrontar a ansiedade e o medo diante de um tema desconhecido, tornando-o mais familiar e permitindo o seu enfrentamento. As perdas significativas no decorrer do processo do desenvolvimento humano correspondem a um desses temas a serem enfrentados durante a vida. Por isso o tema desta pesquisa é a morte nas suas várias facetas presentes na formação, no desenvolvimento dos alunos e na realidade em que vivem.

Mahfoud (1999, p.143) destaca a verdadeira finalidade da educação: *"a formação da pessoa e a formação de uma consciência ampla de si e da realidade"*.

O tema desta pesquisa, presente na formação, no desenvolvimento dos alunos e na realidade em que vivem, é a morte nas suas várias facetas. Este autor entende que, uma vez explicitada esta finalidade pelos próprios educadores, será possível pensar-se em novas oportunidades para objetivos, métodos e técnicas em educação. Nesse sentido, a contribuição da psicologia pode ser fundamental na construção de oportunidades na escola para que o aluno possa se desenvolver como pessoa. O papel do educador é referido em seus aspectos essenciais:

> A consciência ampla do educador, ali frente ao aluno, traduz-se também em disponibilidade e cumplicidade, para que o aluno viva com realismo e com cuidado consigo mesmo (Mahfoud, 1999, p.146).

Fazem parte dos processos de educação várias perspectivas de cuidado aos alunos, como por exemplo, a preservação de suas vidas. O tema da morte é parte intrínseca dessa discussão. A disponibilidade do educador para discutir este tema com o aluno pode refletir um maior cuidado deste com sua vida. Este é um dos objetivos desta pesquisa: investigar os profissionais disponíveis para a abordagem do tema da morte nas escolas.

Morato e Schmidt (1999, p.115) chamam a atenção para um aspecto essencial da formação dos profissionais da área da educação: *"as dimensões psicológicas estão envolvidas no processo de aprendizagem e no exercício dessas profissões"*. Nesse sentido, é papel da educação ampliar a noção de ensino "teórico-técnico".

Um dos referenciais teóricos deste projeto é a proposta educativa postulada por Rogers (1997). Sua concepção é de uma aprendizagem que provoque transformações, denominada *"aprendizagem significativa"*, priorizando o desejo do aluno de aprender, descobrir e criar. Para isso, o educador deve favorecer espaços e disponibilizar recursos para despertar a originalidade, a autonomia e a iniciativa dos alunos. O educador deve promover aprendizagens *funcionais* que provoquem modificações nas ações de seus alunos e abertura para novas possibilidades.

Procuro discutir nesse trabalho o papel da educação como caminho para a abordagem do tema da morte nas escolas. A relação do educador com os conteúdos pedagógicos pode incluir o tema da morte nas salas de aula, envolvendo comportamentos e sentimentos dos alunos adolescentes. Kovács (2003) afirma que, na formação do psicólogo e demais profissionais de saúde, um dos principais instrumentos de trabalho é o próprio profissional e sua prática cotidiana de trabalho. Penso que essa reflexão pode ser ampliada para os educadores.

A autora aponta que os princípios da aprendizagem significativa priorizam a associação entre os aspectos cognitivos e afetivos, considerando, ao mesmo tempo, as esferas da teoria, da prática e do desenvolvimento pessoal:

> É muito mais do que um acúmulo de informações, é elaboração, questionamento, confrontamento destas com as perspectivas e valores do aluno e, com isto, acrescentar e aperfeiçoar, com uma devolutiva para o próprio crescimento já acumulado (p. 207).

Rogers (1997) destaca que o grande desafio da aprendizagem significativa é criar condições facilitadoras e trazer mudanças para as pessoas envolvidas. Busco explorar quais as condições já existentes para a abordagem do tema da morte nas escolas, além da exploração de novas possibilidades. Este trabalho pode resultar em modificações pessoais, nos educadores e nos alunos envolvidos nestas atividades, possibilitando a abertura e a revisão de estereótipos relacionados à morte. A formação profissional do educador também deve ser repensada a partir do contato e expressão de opiniões e sentimentos relacionados ao tema da morte.

A partir dessas considerações, verifico que a abordagem do tema da morte no contexto escolar pode estar relacionada aos princípios da aprendizagem significativa. Para que ela ocorra, o educador deve aceitar o aluno na sua forma, buscando compreender os sentimentos de ambos. O desenvolvimento pessoal pode ser facilitado pela abertura de espaços de sensibilização e discussão do tema da morte elaborando experiências acumuladas pelos educadores e adolescentes. Observo que estas experiências vividas de forma positiva ou negativa podem favorecer a abertura de espaços na escola. Ao se transportar para sua experiência pessoal, o educador pode favorecer a empatia com os sentimentos dos alunos.

Kovács (2003) ressalta a importância de se reviver a experiência, falar sobre descobertas, reverberações e sentidos percebidos, buscando a sensibilização e escuta dos processos internos em relação aos vários temas que envolvem a morte. Nessa pesquisa procurei explorar as experiências

vividas pelos educadores e a criação de possibilidades de abordagem do tema da morte nas escolas com adolescentes. O oferecimento de uma atmosfera de confiança e respeito, sem críticas ou julgamentos, favorece o contato com os próprios sentimentos e o compartilhamento com outros. Sentimentos diversos surgem iluminados e devem ser respeitados nesta atmosfera de acolhimento.

Mesmo que o educador se envolva e se desenvolva no preparo e na abordagem do tema da morte na escola, os princípios da aprendizagem significativa em educação não visam transformar o espaço pedagógico em psicoterapêutico. Este aspecto deve ser esclarecido aos participantes, educadores e alunos, sem desconsiderar as reflexões pessoais e o contato com a riqueza dos próprios sentimentos que possam ser expressos nestas ocasiões. Kovács (2003) ressalta este ponto ao falar com seus alunos na disciplina "Psicologia da Morte", optativa do curso de graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, desde 1986, e também nos vários cursos de formação para profissionais de saúde e de educação que ministra.

Morato e Schmidt (1999) apontam para a necessidade de propostas pedagógicas que considerem, ao mesmo tempo, as dimensões cognitiva e afetiva do processo de aprendizagem. Por isso, a aprendizagem significativa tem sentido ao se pensar no educador como cuidador quando aborda temas tão complexos e pessoais como a morte.

A partir dos referenciais teóricos adotados para se entender o processo de educação, busco então tecer relações com a proposta de **educação para a morte nas escolas.**

A proposta da aprendizagem significativa, ao articular as dimensões cognitivas e afetivas, prioriza os momentos de apropriação e elaboração das experiências vividas. Essa maneira de entender o processo de aprendizagem busca revelar novas possibilidades de compreensão e atribuição de significados para as relações e situações vividas pela pessoa, seja consigo mesma, seja com o mundo ou com os outros.

A educação para a morte, pautada nos princípios da aprendizagem significativa, visa à possibilidade de mudanças e abre novos horizontes no campo da educação.

Kovács (2003) refere-se ao conceito de educação para a morte no século XXI, entendendo a educação como processo de desenvolvimento pessoal e ressalta a necessidade atual de propiciar espaços para reflexão e discussão sobre o tema da morte, não propondo "receitas prontas". É fundamental investigar a disponibilidade das pessoas envolvidas em trocar experiências de dor, necessidades e sofrimento. São destacados três pontos na proposição da educação para a morte: **1)** Sensibilização e reflexão sobre experiências trazidas para discussão nas aulas; **2)** Apresentação e questionamento de várias abordagens teóricas sobre a questão da morte. **3)** Reflexão sobre experiências vividas e práticas profissionais nos cuidados às pessoas que estão vivendo situações de perda e morte, envolvendo aspectos cognitivos e afetivos.

Costa e Lima (2005), referem-se à educação como estratégia para propiciar mudanças de atitudes e comportamentos dos profissionais. A educação para a morte também pode ser vista como oportunidade de provocar mudanças de postura dos profissionais que lidam com esse tema no seu cotidiano de trabalho, além de oportunizar reflexões pessoais sobre sua vivência com o assunto. Trata-se de perceber a morte como fato inerente à vida de qualquer ser humano, que pode ser acompanhado de dor e sofrimento.

Segundo Elias (2001), o ser humano é o único ser vivo que tem consciência que vai morrer um dia. A morte do outro gera a lembrança da possibilidade de morte de si próprio ou de pessoas queridas, antecipando o medo do processo de morrer que pode se tornar presente durante todo o curso da vida.

Para os autores destacados Kovács (2002), Morato e Schmidt (1999) e Rogers (1997), as condições para a existência de uma aprendizagem significativa refletem aspectos relacionados à expressão e comunicação, temas fundamentais nessa pesquisa. A existência de condições para que a

comunicação possa ocorrer de forma mais aberta permite a criação de novos significados e possibilidades de educação e aprendizagem com características de proximidade com o vivido, permitindo a articulação entre informação e experiência.

Esta pesquisa busca discutir sobre a comunicação do tema da morte nas escolas, envolvendo o aperfeiçoamento da formação teórica dos educadores e a expressão de sentimentos que a abordagem do assunto possa suscitar. O educador representa o facilitador das discussões entre os adolescentes, auxiliando questionamentos e respeitando diferentes pontos de vista, uma vez que o tema da morte não permite respostas certas ou verdades absolutas.

1.4) Os profissionais de educação e a expressão do tema da morte no contexto escolar

"Refletir sobre a morte pode torná-la mais familiar e, portanto, menos ameaçadora ".

(VOMERO, 2002, p. 38)

"(...) meu filho morreu esta semana (...) meu filho morreu, e eu vivo. Um acontecimento bizarro: a morte enganou-se na porta. Em vez de bater à minha porta, bateu à do meu filho (...) Jonas ficou de novo solitário, e o silêncio invadiu-o (...) entre milhares de pessoas não se encontrará uma só que o quisesse escutar? Mas a multidão apressa-se, sem o notar, a ele e à sua tristeza. A sua tristeza é imensa, não tem limites. Se o peito de Jonas estalasse, se a sua tristeza se espalhasse, ela inundaria o mundo inteiro, assim lhe parecia. E, contudo, nem se notava! (...) ele tinha necessidade de falar. Havia bem uma semana que seu filho morrera e não falara ainda disso com ninguém, durante todo esse tempo. Necessitava de falar inteligivelmente, sossegadamente (...) narrar como o filho ficara doente, como ele agonizara, o que ele dissera antes de morrer, como ele morrera (...) não lhe faltavam assuntos para conversar: dos que fazem o interlocutor gemer, suspirar e lamentar!"

(TCHEKOV, 2001, pp.85-91)[14]

[14] "Tristeza", conto russo que narra a História de Jonas e a necessidade de compartilhar a dor pela perda de seu filho.

Sendo a morte e o sofrimento da perda elos fundamentais da humanidade e a possibilidade de compartilhar a dor vista como amparo e não isolamento, é importante observar como conviver melhor com a finitude e com as várias perdas e rupturas vividas. Penso que a representação da morte na cultura ocidental atual, negada e evitada, reflete-se nas pessoas e nos espaços sociais que elas habitam como hospitais e escolas, sendo estas últimas o contexto principal abordado nesta pesquisa.

Os estudantes de medicina, normalmente, pouco aprendem em seus cursos de graduação sobre a morte e o processo de morrer. O mesmo é verdade para os futuros profissionais da área de educação. Esslinger (2004) afirma que, diante do potencial dos recursos da medicina atual, a morte é vista como inimiga e, muitas vezes, o papel do médico é ser "adversário da morte". O sofrimento, que faz parte do processo de cuidar, passou então a ser sinônimo de fracasso e não mais de humanidade. Observo que os profissionais de educação, assim como os da área da saúde, são também cuidadores, já que a escola possui um significado primordial na formação de seus alunos. Porém, antes de poder cuidar os educadores precisam se sentir cuidados. Explorei este aspecto com maior profundidade ouvindo professores a respeito desta questão.

Atualmente é considerado papel dos educadores desenvolver os alunos e fornecer informações. A escola pode propiciar inúmeras transformações individuais ao estimular posturas críticas e reflexivas sobre a realidade e o conhecimento humano, valorizando, assim, as esferas cognitivas, afetivas, familiares, profissionais, políticas, éticas e sociais.

A escola é lugar de desenvolvimento, abrigo, proteção e fortalecimento pessoal do aluno. Além dos adolescentes, educadores e outros profissionais podem fazer parte do processo de evolução, crescimento e desenvolvimento pessoal (FERREIRA; ARAÚJO, 1996).

Assim, como ressalta Kovács (2003), fazem parte da educação, no sentido mais amplo, o aprimoramento e o cultivo da pessoa, sua formação e socialização, e não somente o acesso ao conhecimento padronizado de informações sem questionamento. O contexto escolar tem como papel

educar indivíduos em desenvolvimento, transmitindo a experiência humana. Poderão, então, fazer parte da convivência entre educadores e alunos, as experiências de dor, sofrimento, perdas, separações e morte.

Kovács (2003) aponta que em sua pesquisa bibliográfica encontrou poucos estudos sobre a abordagem do tema da morte no contexto educacional e a formação de educadores. Há mais referências sobre o tema da morte no contexto hospitalar, embora em ambos os contextos haja referência à falta de preparo dos profissionais para abordar o tema em seu cotidiano de trabalho.

Mahon, Goldberg e Washington (1999) discutem o motivo de haver poucos trabalhos sobre a abordagem do tema da morte nas escolas, mesmo nos EUA, país pioneiro na criação desses projetos. Entre as razões apontadas estão as seguintes: ausência de profissionais envolvidos com o tema, alegando-se falta de tempo; o tema da morte visto como questão pessoal e por isso não deveria ser abordado na escola; os educadores podem se sentir desconfortáveis em relação ao tema; os currículos pedagógicos já estão completos e sem espaço para atividades extras. Os autores apontam que os educadores disponíveis para a abordagem do tema da morte na escola não sabem o que fazer ou dizer e esperam um programa com as atividades já prontas e planejadas. Também discutiram que menos de 1/3 dos educadores se sentia preparado para estas atividades na escola, apontando que é importante propiciar espaços para os alunos lidarem com o tema, mas não com eles e sim com profissionais especializados, como os psicólogos. Segundo Vicentin (2009)[15], este ponto merece atenção em relação ao reducionismo deste trabalho: *somente psicólogos poderiam abordar o tema da morte nas escolas?* O caminho não parece ser uma especialização. Refletir sobre o âmbito social pode permitir que as escolas gerem um posicionamento e uma elaboração dos jovens em relação à morte.

[15] Vicentin, M.C.G. Fala proferida na defesa de dissertação de mestrado "O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com a lei" da candidata Clodine Janny Teixeira, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

Estas reflexões demonstram que muitos educadores não querem ou não sabem como se dedicar às atividades que envolvem o tema da morte nas escolas. Além disso, não acham importante se preparar e participar das atividades relacionadas ao tema da morte.

Melo (1999) afirma que a reflexão sobre o tema da morte entre profissionais de educação e seus alunos é uma forma de rehumanizar a morte e rever a atitude atual diante dessa questão. Este autor propõe como subsídios aos educadores alguns conteúdos a serem abordados em sala de aula: na disciplina de biologia poder-se-ia refletir sobre o processo de decomposição das plantas e animais e a relação com o fenômeno universal da morte entre os seres vivos, incluindo o homem. A idéia da morte como parte inerente à vida poderia ser abordada nas aulas de ecologia, nas quais se discute a relação do homem com seu ecossistema, sendo a morte uma esfera da vida. Também há um destaque para as ciências sociais e a filosofia que podem levar à reflexão crítica sobre os rituais fúnebres, as crenças religiosas e as várias posturas sociais diante da morte ao longo dos séculos.

Ampliando esta discussão, penso que o tema da morte pode perpassar várias disciplinas escolares, entre elas: português (ou outros idiomas) e a literatura como instrumento facilitador para discussões e reflexões sobre o tema; História com o estudo das guerras, conflitos e os diferentes ritos fúnebres; biologia pelo estudo de doenças; Geografia com as estações do ano; ou as atividades transversais que englobam mais de uma disciplina. É fato que os alunos passam muito tempo na escola e, muitas vezes, frequentam atividades extracurriculares como esportes, informática, cursos de idiomas ou outras ligadas às artes como música ou teatro. O tema da morte pode ser incluído nestas atividades, aproveitando este tempo dos alunos. Além disso, todas estas propostas podem dar uma nova dimensão à experiência profissional dos educadores para se repensar o processo de aprendizagem ao longo do desenvolvimento.

Ao discutirem os trabalhos com grupos desenvolvidos no contexto escolar, Outeiral e Cerezer (2003) descrevem uma experiência com pais e professores cujo tema proposto era identidade e

juventude. Ao fazerem o levantamento dos temas que desejavam discutir, surgiram questões como a identidade religiosa e cultural e a morte. Vê-se que, mesmo tendo a experiência dos jovens como foco inicial, o tema da morte apareceu como questão relevante. Alguns dos estímulos sugeridos para facilitar este trabalho foram: peças de teatro, filmes, poesias, contos, desenhos e pinturas.

Nas escolas, a discussão sobre o tema da morte ainda está no início de um longo caminho e estas experiências propostas ainda estão sendo esboçadas. Assim, pretendi discutir, refletir, reformular e co-construir com os educadores participantes desta pesquisa, sensibilizando estes profissionais para a abordagem do tema da morte no contexto escolar.

Destaco três situações de morte que podem estar presentes na experiência dos alunos e que podem ser compartilhadas com eles nas escolas:

1) <u>Mortes concretas:</u> alunos que vivem a perda de pessoas significativas, morte de familiares, amigos, ídolos, animais de estimação e, também, a possibilidade de estarem vivenciando o luto e situações traumáticas. Kovács (2007) afirma que os professores são figuras importantes para os alunos, assim como os cuidados dispensados àqueles que sofreram perdas de pessoas próximas.

2) <u>Mortes simbólicas:</u> são *"mortes em vida"*; algumas delas vivenciadas no processo de desenvolvimento humano apresentando analogias com a experiência da morte, podendo provocar rupturas e levando à vivência do luto. Correspondem a início e final de situações da vida que nos confrontam com várias perdas, sentimentos de medo e tristeza pelo que está sendo deixado ou terminado, diante do novo e desconhecido que se apresenta. Como exemplos, podemos apontar: separações (dos pais, de amigos, de familiares), casamentos, viagens, nascimento de um irmão, mudanças de sala de aula, de série ou reprovação, saída de amigos, mudanças de escola, de cidade ou de casa, as várias fases do desenvolvimento com suas perdas e ganhos, adoecimentos entre outras. Estas são situações preciosas para aprendizagem, ressignificação da vida e para o crescimento pessoal dos alunos. Kovács (1996) afirma que, muitas vezes, é necessário construir uma nova vida, agora sem

o outro, retomar atividades cotidianas e estabelecer novas relações. Falar de perda é falar sobre vínculos que se rompem e novos que se formam.

3) <u>Mortes escancaradas:</u> Kovács (2003) aponta que esta denominação da morte faz parte, principalmente, de um contexto do fim do século XX e início do XXI e pode fazer parte da História pessoal com pouca ou nenhuma forma de proteção, defesa ou controle. Atualmente, ao mesmo tempo em que é evitada e negada, a morte invade espaços, é vista sem "máscaras" e ocorre na frente de qualquer pessoa, não poupando idade ou classe social. A violência, a dor e o sofrimento podem ser naturalizados, configurando mortes anônimas. São alguns exemplos: a violência nas ruas, principalmente nas grandes metrópoles; os acidentes, os homicídios e a morte exibida pelos meios de comunicação. Alguns eventos são muito divulgados pela mídia, veiculando-se desastres, tragédias e muitas mortes como os atentados de 11 de setembro de 2001 e a ocorrência do tsunami em 2004 no Oceano Índico. Mais recentemente, no Brasil, dois eventos foram amplamente abordados pelo país afora: caso Isabella[16] e da adolescente Eloá[17].

Schilling (2002) aponta que é consenso que se fale pouco sobre a morte e o luto, temas negados na contemporaneidade, pois são considerados "assuntos da vida privada". A autora destaca a importância da construção de espaços em que se possa falar sobre estes temas com confiança de ser ouvido, já que mortes, principalmente violentas, envolvem complexidade e multidimensionalidade.

A divulgação maciça e irresponsável de imagens e notícias violentas e o caráter de sua transmissão pelos meios de comunicação podem gerar um efeito alienante em relação a elas. A perplexidade e o impacto emocional podem interferir na geração de novas consciências sobre uma realidade violenta e, como forma de defesa, o espectador não interage com o que presencia:

---

[16] Caso muito divulgado pela mídia em 2008. A menina Isabella Nardoni de 5 anos foi jogado do 6º andar do seu prédio, falecendo no mesmo dia. O pai e a madrasta da menina são os principais suspeitos do crime.

[17] Evento com repercussão nacional e internacional, por este ter sido o mais longo caso de cárcere privado da História do Estado de São Paulo. Em outubro de 2008, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi seqüestrada durante 100 horas pelo ex-namorado Lindemberg Alves Fernandes, 22 anos, em Santo André, Grande São Paulo. A garota foi assassinada no desfecho do crime.

> Enquanto a morte e a violência, como puras substâncias, estão sendo mais e mais disfarçadas em nosso espaço social, as imagens de morte e violência estão sendo cada vez mais expostas (ENDO, 2005, p. 258).
>
> A banalização da violência através de sua reprodução exaustiva e repetitiva implica também que, desse modo, ela perca todo seu potencial de alarme para tornar-se apenas algo (des) prazeroso de se ver (ENDO, 2005, p. 261).

Pode-se pensar em mortes escancaradas quando o autor descreve as violências intersubjetivas. Estas são vistas como necessidade de coexistência com as várias formas de violência que se impõem no convívio público. Alguns mecanismos para lidar com o sofrimento que nos invade são suprimir, adiar ou negar. Essas várias formas de violência refletem-se, inevitavelmente, na constituição das subjetividades e na forma como os indivíduos se posicionam diante do sofrimento pessoal e alheio. Pela mídia nos tornamos "co-espectadores involuntários" dos sofrimentos e imagens violentas exibidas a todo momento.

Como aponta Kovács (2007, p.78), a morte está se tornando assunto cada vez mais frequente nas salas de aula, como parte importante do cotidiano dos alunos:

> As mortes escancaradas exibidas pelos meios de comunicação dificultam a triagem das informações e o controle das conseqüências. O sentimento de vulnerabilidade que a morte escancarada suscita pode ser assustador. As pessoas são expostas a cenas chocantes, repetidas à exaustão com textos superficiais e depoimentos emocionados. Imagens assim, seguidas de notícias amenas ou propagandas, eliminam o espaço de elaboração do luto, sendo a morte vista como espetáculo.

Nossos alunos, pacientes e familiares também estão em contato com este tipo de morte. Então surge a questão: *como é a elaboração destes fatos?* Penso que a escola pode se constituir num importante espaço para os educadores discutirem estes eventos com seus alunos, propiciando a reflexão crítica, a legitimação e a expressão de sentimentos. A escola pode ajudar a dignificar os depoimentos e testemunhos sobre a morte.

A questão é como favorecer a comunicação entre os educadores sobre estas três possíveis situações de morte no contexto escolar, já que podem provocar abalos na vida e na identidade dos alunos. Apresento algumas das questões que pretendi aprofundar nesta pesquisa:

> a)Por que os cursos de formação/ graduação não incluem o tema da morte?
> b)Como a proximidade de situações envolvendo a morte afeta e mobiliza sentimentos nos educadores e educandos?
> c)Como é possível continuar as aulas como se nada tivesse ocorrido?
> d)Percebem a importância da abordagem deste tema?
> e)Como os profissionais de educação podem se preparar para lidar com as várias situações de morte no seu cotidiano de trabalho?
> f)Estão dispostos a se preparar?

É compreensível que estes profissionais precisem se sentir seguros para trabalhar com um tema tão intenso como o da morte, mais um além das várias situações complexas que já existem na sala de aula, como as dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita, entre outros. Assim, profissionais com fundamentação teórica e experiência com o tema podem ajudar na preparação dos educadores e na distribuição de funções. Numa situação ideal de trabalho, outros profissionais (médicos e enfermeiros, por exemplo) também podem fazer parte deste preparo que envolve observação, escuta, reflexões e ações. O interessante desta proposta de equipe é poder despertar lideranças dentro do próprio grupo de trabalho.

Situações que envolvam um ou mais dos três tipos de morte descritos podem provocar nos educadores a necessidade de se aprofundar na reflexão sobre sentimentos pessoais e no preparo para ações práticas que envolvam esses temas. Os profissionais de educação podem assim refletir sobre suas próprias necessidades e de seus alunos. Durante este processo, é possível que surjam algumas dificuldades para se lidar com os sentimentos de raiva, revolta, angústia e culpa. Por isso, para desenvolver este projeto, é preciso estar atento na escolha destes profissionais considerando as suas experiências de luto.

Parkes (1998) define o luto como a reação a qualquer perda significativa (concreta ou simbólica) e o rompimento de um vínculo afetivo. Destaca que profissionais na Inglaterra não

trabalham com enlutados se tiverem vivido perda de pessoas próximas por um período de até 2 anos, pois pode ser difícil lidar com sentimentos e questões decorrentes do trabalho com pessoas enlutadas. Assim, o autor aponta que selecionar, preparar e supervisionar os profissionais envolvidos é essencial para o sucesso do trabalho.

Segundo Cullinan (1990) e Cunningham e Hare (1989), é interessante investigar como os educadores lidam com seus processos de luto, pois estes podem influenciar na abordagem do tema com os alunos. A preparação dos educadores deve envolver aspectos teóricos sobre o tema da morte, valorizando a expressão livre de sentimentos. Esses professores-alunos também devem ter a possibilidade de falar sobre suas dificuldades pessoais ao lidar com o tema da morte na sua vida e na atuação com seus alunos. Nesse sentido, o preparo do educador se relaciona com os princípios da *aprendizagem significativa* discutida no capítulo 1.3.

Para Bromberg (2000), na vivência do luto podem se manifestar alguns sintomas psicológicos e somáticos que causam sofrimento e dor. As manifestações afetivas ou comportamentais que podem se manifestar são: culpa, ansiedade, fadiga, choro, baixa auto-estima, lentidão do pensamento e da concentração, perda de apetite, distúrbios do sono, náuseas, nó na garganta, palpitações, necessidade de suspirar, sensação de estômago vazio, entre outras. Alguns desses sintomas precisam ser compreendidos e vividos como manifestações normais frente à perda de alguém significativo.

Pode também ocorrer o envolvimento emocional e a empatia entre educadores e alunos. Os profissionais de educação têm convivência por vezes diária com seus alunos e até, em algumas situações, por vários anos. Os educadores podem estabelecer vínculos mais ou menos intensos com seus alunos e vir a sofrer com a separação ou a perda destes, manifestando vários tipos de sentimentos.

Apresento aqui uma reportagem[18], sobre uma professora brasileira, muito mobilizada, ao sofrer a perda de alunos nos ataques no Líbano no mês de julho de 2006. Um foguete lançado pelo grupo terrorista Hezbollah contra o território matou duas crianças brasileiras que brincavam fora de casa. O impacto do conflito foi sentido também no Brasil, numa escola no Paraná. Dois alunos não voltaram para casa e nem para a escola:

> Esta tristeza é uma tristeza que nós jamais pensávamos em ter, afirma a diretora dessa escola. Nós tínhamos o Basel conosco há quatro anos, desde o Jardim I até agora. Ele estava na 1ª série. O Hadi foi nosso aluno durante dois anos. Ele foi para o Líbano para ter uma vivência da língua árabe e iria retornar", conta a educadora. Outra professora disse: o Basel estava bastante ansioso, falava muito na viagem. É muito triste. Será muito difícil para mim voltar a dar aulas, olhar para os alunos sem o Basel. Não deu até para entregar as provas dele. Os alunos vestiram uma camiseta com a lembrança dos colegas. Vamos sentir falta deles e vamos ficar lembrando deles com essa camiseta. Eu vou sentir muita saudade deles, eles vão estar sempre no meu coração, disseram alguns colegas de escola.

Assim, o educador também pode iniciar um processo de luto diante da morte de um aluno que lhe é querido e com o qual estabeleceu vínculo afetivo. O mesmo ocorre com o aluno em relação ao professor. Uma das questões discutidas nesta pesquisa é como os educadores, em alguns momentos, podem atender as necessidades emocionais de seus alunos sem prejudicar sua atuação profissional. Pelo contrário, visando ampliar e valorizar o seu trabalho na escola.

Outro aspecto explorado com os educadores nesta pesquisa é em relação aos instrumentos facilitadores para abordar o tema da morte no contexto escolar. A partir deles podemos legitimar os sentimentos dos alunos, instigá-los ao conhecimento, estimular a criatividade e abordar suas crenças, valores e comportamentos. Foi observado que o grupo de amigos, conversas sem censuras com familiares e educadores, jogos, esportes, músicas, literatura, pinturas ou esculturas, peças teatrais, fotografia, cinema, seriados de TV podem ser alguns recursos importantes (RODRIGUEZ, 2005).

Kovács (2007) afirma que algumas ferramentas terapêuticas podem auxiliar os alunos a se expressarem diante do tema da morte despertando, por exemplo, sentimentos de identificação com

[18] Reportagem **"Crianças brasileiras mortas no Líbano"** em 23.07.2006. Fonte: http://fantastico.globo.com

personagens ao ler e ouvir novas Histórias e ao entrar em contato com novos conhecimentos. A autora acrescenta alguns aspectos que devem ser verificados na escolha destes títulos: se o luto é nomeado, se há elaboração da separação, se os personagens têm apoio ou enfrentam a dor de maneira solitária. No entanto, filmes e livros não substituem o cuidado de outras pessoas ou o acompanhamento psicoterapêutico, mas são elementos coadjuvantes, sobretudo se o processo envolver outras crianças, adolescentes e/ou adultos. Esta reflexão faz parte do desenvolvimento de propostas e atividades pedagógicas para abordar as *várias mortes* na escola.

No universo da criança e do adolescente, o uso da literatura é um recurso que pode levar a reflexões, indagações e descobertas sobre o crescimento e o desenvolvimento pessoal. Podem-se abordar temas como o corpo e a sexualidade, relacionamentos entre amigos e familiares, separações, perdas e mortes. Estas situações, ao serem vividas, são acompanhadas por sentimentos e conflitos e, por meio dos livros, torna-se possível a identificação com situações atuais e emoções ou dúvidas podem então ser compartilhadas entre educadores e alunos (ABRAMOVICH, 1997). Alguns temas ligados à vida e à morte são encontrados em livros infantis de contos de fadas universalmente conhecidos. Assim, com estes instrumentos, pode-se abordar em sala de aula situações e sentimentos vividos na realidade, não só com relação à morte concreta, mas também a perdas sofridas e as formas de enfrentamento destas dificuldades.

Góes (1990) enfatiza a importância da leitura *ativa* das crianças/dos adolescentes, na qual se propõe uma postura participante, comunicativa, unindo a imagem e a ação com suas imaginações. Outras atividades que ajudam na abordagem do tema da morte são as dramatizações e a produção de desenhos. São importantes os trabalhos em grupo desenvolvidos na escola, pois além da relação com novos conhecimentos, exerce-se também a função de socialização e a possibilidade de entrar em contato com as situações vividas pelos alunos e educadores.

O livro *"Longas cartas para ninguém",* do autor Julio Emílio Braz (1998), pode ser um dos instrumentos para abordar o tema da morte na escola. Esta obra aborda a perda de um grande amigo adolescente, por suicídio, e as dúvidas e sentimentos que surgem nos jovens sobreviventes, seus amigos:

> Este livro narra a História de oito amigos adolescentes inseparáveis. A História é narrada em 1ª pessoa por um deles: Fabrício. Eles adoravam estar juntos, tinham a sua própria língua, eram loucos por uma confusão e "viciados" em adrenalina; queriam sempre mais. Essa era a tribo, seu mundo e seu universo. Eram tempos de aventura, de perseguições implacáveis a emoções cada vez mais poderosas. Cada um a seu jeito e a seu modo diferentes, eram o grupo mais unido onde quer que estivessem. Altos, baixos, gordos ou magros; nada importava; pois eram iguais quando estavam juntos. Um emaranhado de sentimentos confusos os mantinha juntos. Não tinham um chefe, mas se resolvessem eleger um, com certeza, Rodrigo seria a escolha de todos. Era difícil defini-lo, era como se fosse a alma da festa. Rodrigo era tudo o que todos gostariam de ser: questionador, inquieto, amigo, melancólico, atrevido, irritante, brincalhão, sério, desafiador, abusado, romântico, criança, homem, louco, são, inteligente, distraído. Certa manhã Fabrício recebeu a notícia de que Rodrigo morrera. Fabrício não conseguia acreditar que aquilo se tratava de um suicídio. O herói de todos havia cometido suicídio. Fabrício sentia que não existia ninguém no mundo com quem conversar; ninguém poderia entender a sua dor, compreender a verdadeira extensão do seu sofrimento e a perplexidade que tomara conta dele depois que soube da morte de Rodrigo. Fabrício desistiu do mundo, fugiu de todos, trancou-se em seu quarto e refugiou-se em sua cama. "É como se tudo tivesse parado – tempo, vida, mundo. Nada existe, nada importa. A melancolia é infinita e dói, meu Deus, como dói". Fabrício se questionava por que Rodrigo não se despedira e não deixara ao menos uma resposta convincente para aqueles que o amavam. "Tem horas que tento entender e me frustro completamente. As respostas, se é que elas existem, são inalcançáveis para mim". Fabrício se perguntava o que a tribo havia feito para Rodrigo. Sentia-se culpado; queria uma boa explicação; qualquer coisa servia; qualquer coisa era melhor que a dúvida que o incomodava demais. Não achava justo Rodrigo tê-los deixado como se não tivessem a menor importância para ele. Fabrício começou a escrever cartas, longas cartas para ninguém e, ao mesmo tempo, para um grande amigo. Colocava seus pensamentos, não eram comentários ou acusações, eram apenas um grande ponto de interrogação. Nenhum dos amigos da tribo havia se visto muito freqüentemente após a morte de Rodrigo. Depois de um tempo e com certo constrangimento passaram a se encontrar na porta da escola. Os rostos ainda estavam sofridos e os sorrisos forçados. Ainda em silêncio foram se aproximando. Choraram juntos e se abraçaram. Ninguém disse nada ou falou do passado. Este ficaria para depois quando doesse menos. Havia um presente a ser escrito e todos estavam com pressa de começar. Todos queriam viver e nada mais. (RODRIGUEZ, 2005, pp.253-255)

Kovács (2003) aponta que o uso da literatura é uma forma dos alunos entrarem em contato com fatos da existência humana e desenvolverem uma compreensão ampla sobre o tema da morte. Os

próprios educadores podem narrar as Histórias e permitir que os alunos entrem em contato com os sentimentos despertados. O cenário escolar pode ser muito rico para a realização dessas atividades.

Outro instrumento facilitador para refletir as *várias mortes* no contexto escolar com os alunos são os filmes. Minatti (2007) descreve a riqueza deste recurso:

> Em sua fala privilegiava a possibilidade de dois mundos (vida e morte), a passagem entre eles e o questionamento do sentido de cada um, bem como o valor de seus personagens. Montava cenários onde se anunciava a mortalidade no exato momento – adolescente – em que a imortalidade insistia em empunhar sua bandeira. Filmes podem oferecer material fértil para atribuição de sentidos e definição de padrões e valores. Seus recursos – imagem, som, narrativa – são recursos de linguagem. Dependendo da qualidade artística, podem ser tomados como meios de transposição do que seria apenas vivenciado sem ser compartilhado. O espectador por meio de fantasias, estabelecendo novas conexões e pensamentos criativos.

Esslinger e Kovács (2004) sugerem vários filmes para reflexão e debate na escola entre alunos e educadores. Descrevem as sinopses de cada filme e quais temas da adolescência podem ser abordados, entre eles: a fase da adolescência; suas alegrias, conflitos e buscas; comportamentos autodestrutivos; suicídio; acidentes; violência; uso de drogas; culto ao corpo; sexualidade; AIDS; relações familiares e os rituais a partir da morte. Alguns dos filmes destacados são: *"Bicho de sete cabeças"*[19]*; "Cazuza"*[20]*; "Clube dos Cinco"*[21]*; "Clube dos Cinco 2"*[22]*; "Diário de um adolescente"*[23]*; "E a vida continua"*[24]*; "Filadélfia"*[25]*; "Gente como a gente"*[26]*; "Kids"*[27]*; "O quarto do filho"*[28]*; "Sociedade dos poetas mortos"*[29]*; "Todas as coisas são belas"*[30]*; "Trainspotting*

[19] Bodanzky, L. **Bicho de sete cabeças** (filme-vídeo). Brasil: Columbia Tristar, 2000. DVD/NTSC, 74 min. color.
[20] Carvalho, W.; Werneck, S. **Cazuza** (filme-vídeo). Brasil: Columbia Tristar, 2004. DVD/NTSC, 98 min. color.
[21] Hughes, J. **Clube dos cinco** (filme-vídeo). Estados Unidos: Universal Pictures, 1985. DVD/NTSC, 93 min. color.
[22] Pattinson, M. **Clube dos cinco 2** (filme-vídeo). Austrália, 1992.
[23] Kalvert, S. **Diário de um adolescente** (filme-vídeo). Estados Unidos: Flashstar Home Vídeo, 1995. DVD/NTSC, 102 min. color.
[24] Spottiswoode, R. **E a vida continua** (filme-vídeo). Estados Unidos: Columbia Pictures, 1993. DVD/NTSC, 118 min. color.
[25] Demme, J. **Filadélfia** (filme-vídeo). Estados Unidos: Columbia Tristar, 1993. DVD/NTSC, 122 min. color.
[26] Redford, R. **Gente como a gente** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paramount Pictures, 1980. DVD/NTSC, 124 min. color.
[27] Clark, L. **Kids** (filme-vídeo). Estados Unidos: PlayArte, 1995. DVD/NTSC, 91 min. color.
[28] Moretti, N. **O quarto do filho** (filme-vídeo). Itália, 2001. DVD/NTSC, 100 min. color.
[29] Weir, P. **Sociedade dos poetas mortos** (filme-vídeo). Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1989. DVD/NTSC, 129 min. color.
[30] Widerberg, B. **Todas as coisas são belas** (filme-vídeo). Dinamarca, Suécia, 1995. DVD/NTSC, 125 min. color.

– sem limites"[31]*; "As virgens suicidas"*[32]*; "Vivendo na eternidade"*[33]*; série de televisão "Confissões de adolescente"*[34].

Um outro filme muito rico para discussão com jovens se chama *"Buenos Aires 100km"*[35]. A História retrata um verão em que cinco amigos vivem a fase da adolescência e a compartilham num povoado no meio do nada a apenas 100 km da capital da Argentina. Entre jogos de futebol, namoros e passeios de bicicleta, os garotos são confrontados com a dura realidade da vida: falta de dinheiro, decepções amorosas, a luta pela sobrevivência, as pequenas e grandes mentiras, muitos segredos etc. Os cinco garotos querem amadurecer e sonham viver num lugar melhor.

Destaco também *"Juno"*[36], um filme muito apreciado pela crítica em 2007/2008. Este fala sobre "mortes simbólicas", perdas em vida, além de considerar este material importante para adolescentes por se tratar de uma verdadeira lição de vida. A História é sobre uma jovem de 16 anos chamada Juno MacGuff, que, após descobrir estar grávida de 9 semanas de seu colega de escola, pondera sobre várias soluções para a sua situação de vida. Logo no início decide realizar o aborto, mas muda de idéia optando por entregar a criança para adoção. Ao longo da História surgem complicações e mudanças na sua vida escolar, familiar e amorosa.

Para se trabalhar com cuidado o tema da morte com os alunos, é importante o preparo teórico dos educadores para que possam abordar as questões propostas com naturalidade e segurança. Esta postura não exclui possíveis medos e dificuldades ao se lidar com um tema tão complexo como este. Assim, as esferas cognitiva e afetiva estarão presentes.

Esta possibilidade de trabalho no contexto escolar não tem como objetivo isentar o papel ou as responsabilidades dos familiares com a questão, e sim ampliar os canais de comunicação entre a

---

[31] Boyle, D. **Trainspotting** (filme-vídeo). Inglaterra: Spectra Nova, 1996. DVD/NTSC, 94min. color.
[32] Coppola, S. **As virgens suicidas.** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paramount Pictures, 1999. DVD/NTSC, 97min. color.
[33] Russel, J. **Vivendo na eternidade.** (filme-vídeo). Estados Unidos: Walt Disney Pictures / Buena Vista International, 2002. DVD/NTSC, 90min. color.
[34] Filho, D. **Confissões de adolescente.** (série de televisão). Brasil: TV Cultura, 1994.
[35] Meza, P.J. **Buenos Aires 100km** (filme-vídeo). Argentina, Espanha, França: Platina Filmes, 2004. DVD/NTSC, 90 min. color.
[36] Reitman, J. **Juno** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paris Filmes, 2007. DVD/NTSC, 92 min. color.

escola e as famílias dos alunos, compondo uma parceria e compartilhando dificuldades e conflitos que possam emergir. O objetivo comum dos educadores e dos familiares é o auxílio e acolhimento dos jovens. Outeiral (2003) aponta que o tripé do processo educacional é composto pelos aspectos constitucionais dos indivíduos, seus vínculos familiares e o ambiente escolar. A escola é considerada como espaço de transição entre a família e a sociedade; não é nem aquele conhecido e protegido da família, nem o tão temido ambiente social. O contexto escolar é visto, dessa forma, como o *locus* onde os alunos podem desenvolver e construir sua independência e sua individualidade.

Sobre o âmbito familiar e a abordagem do tema da morte na escola, Mahon, Goldberg e Washington (1999) apontaram que muitos pais, que não se sentem preparados para a abordagem do tema da morte, afirmaram que a escola seria o contexto ideal. Kovács (2003) analisa essa situação como "uma transferência de responsabilidades".

Discuto a questão de como é possível no contexto escolar quebrar barreiras em relação ao tabu do tema da morte e ajudar na aproximação dos profissionais de educação e seus alunos. É importante que o conhecimento teórico produzido sobre o tema da morte entre educadores torne-se também prático, por meio de trabalhos em equipe em que haja troca, auxílio e participação de outros profissionais e familiares.

É interessante também buscar parcerias com laboratórios, institutos e centros especializados no estudo e na abordagem dos vários temas relacionados à morte e ao desenvolvimento humano. Esta ajuda profissional enriqueceria a preparação e o treinamento dos educadores, além de ser um apoio em possíveis encaminhamentos.

Kovács (2003) aponta para uma questão fundamental: *"o que é estar preparado para lidar com o tema da morte?"* Afirma que nunca estamos *totalmente* preparados para lidar com um tema tão complexo como é o da morte. Não existem respostas simples e universais; o que se propõe é a possibilidade de questionamento, de autoconhecimento e de entrar em contato com os próprios

sentimentos. Assim, a preparação é entendida como sensibilização e abertura pessoal para o tema, caracterizando-se por aprendizado e desenvolvimento constantes, assim como deve se estabelecer o processo de nossas vidas.

Segundo Combinato e Queiroz (2006, p.215), os indivíduos vêm perdendo a *"competência comunicativa de controlar e participar das condições que influenciam a sua própria vida".* Uma destas condições humanas é a morte. Muito se tem discutido sobre a implantação de programas de capacitação e cuidado aos profissionais da área da saúde, os quais lidam cotidianamente com processos de morte e morrer. Estes buscam beneficiar a qualidade de vida de profissionais, pacientes e seus familiares. O papel da psicologia deve ser o de introduzir aspectos emocionais e simbólicos relacionados à experiência com a morte. Este trabalho caminha nesse sentido: tentando introduzir o tema na área da educação, procurando levantar questões sobre o trabalho dos educadores com a morte, condições, possibilidades e dificuldades.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral: possibilitar a escuta dos profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar.

Objetivos específicos:

Investigar:

a) quais temas relacionados à morte e à adolescência estão presentes no contexto escolar pelo olhar do educador;

b) como o tema da morte é abordado nas escolas;

c) os sentimentos e o preparo dos educadores para abordar estes temas;

d) quais são as possíveis formas de intervenção, entre educadores e alunos adolescentes, em relação à abordagem do tema da morte no contexto escolar.

3. MÉTODO

3.1) Escolha da abordagem qualitativa

Segundo Alves (2006), a busca pelo caminho mais adequado e mais próximo das reflexões que englobam uma pesquisa exige cautela e várias ponderações importantes. A autora destaca um ponto fundamental da ação de pesquisar que consiste em preservar o bem-estar dos participantes os quais, mesmo num contexto científico, devem ser considerados como indivíduos singulares com suas Histórias de vida. A abordagem qualitativa deve então enfatizar as diferenças, as particularidades e os eventos únicos na vida de cada pessoa.

A pesquisa qualitativa considera os participantes do estudo como pessoas vinculadas as suas crenças, valores e significados. Como busquei compreender a abordagem do tema da morte no contexto escolar, encontrei afinidades com a abordagem qualitativa, uma vez que o processo de conhecimento ocorreu pela interação entre a pesquisadora e os participantes.

Segundo Chizzotti (1998), na pesquisa qualitativa é importante ir além das aparências, buscando chegar próximo à essência dos fenômenos. Os participantes de pesquisas desta modalidade são vistos como tendo representações particulares acerca do fenômeno estudado, as quais são elaboradas pelas Histórias de vida e norteadas pelas ações individuais. Os dados não são vistos como uma "fotografia" fixa e imutável, e sim como um processo que ainda está para ser revelado. O pesquisador precisa ter flexibilidade para lidar com aspectos não previstos e uma disposição constante para rever posições.

Nessa pesquisa pretendi explorar as várias representações de morte dos participantes (como dados individuais) e como é sua transposição para o contexto escolar (os educadores no seu ambiente de trabalho). Envolvendo as várias esferas da morte **(concreta, simbólica e escancarada)**, procurei revelar possibilidades de atuação com alunos adolescentes.

Para Martins e Bicudo (1989), nesse tipo de abordagem não se buscam regras, princípios explicativos ou generalizações que possam ser transpostas rapidamente para quaisquer outros dados. Pelo contrário, investiga-se uma compreensão particular do fenômeno estudado com seu caráter complexo e multidimensional. Assim, na pesquisa qualitativa os dados são coletados por meio da comunicação entre os participantes, buscando-se a compreensão dos significados das palavras e falas apresentadas. Ao buscar estudar como a morte é vivenciada por educadores no contexto de trabalho e estudo, defrontei- me com a riqueza de significados da experiência humana na sua esfera subjetiva, envolvendo sentimentos e reflexões peculiares.

A pesquisa que prioriza a abordagem qualitativa é uma oportunidade rica para os participantes revelarem suas percepções acerca dos fenômenos do mundo interno e externo e o pesquisador torna-se um participante privilegiado por essas considerações. A complexidade e a intensidade dos sentimentos pessoais podem então ser expressos, assim como as conexões que os participantes estabelecem com a realidade externa (NOGUEIRA-MARTINS, 2001). Nesta pesquisa, explorei os acontecimentos vividos no contexto escolar pelos educadores e como estes se conectam com suas visões de vida e de morte. Além disso, pretendi refletir sobre como esses fenômenos, que são vividos de forma singular, podem interferir nas atuações dos educadores com os adolescentes no âmbito escolar. Ao longo dessa tese, observei, ponderei e considerei as necessidades, angústias e expectativas dos educadores e sua relação com a vida e as várias mortes de seus jovens alunos. Não pretendi alcançar verdades sobre como o tema da morte deve ser abordado nas escolas, e sim problematizar, levantar questionamentos e levar a reflexões de vários caminhos possíveis.

3.2) Dos participantes e local da pesquisa

Foram convidados a participar desta pesquisa profissionais da área da educação que trabalham com alunos adolescentes no contexto escolar. O número de participantes foi definido de acordo com a disponibilidade das escolas e dos profissionais de educação envolvidos e com o tempo previsto para este projeto. Esta liberdade é possível uma vez que a particularidade do processo e o aprofundamento dos dados obtidos são mais relevantes que a quantificação dos dados, de acordo com o referencial teórico escolhido.

Após a leitura dos objetivos, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, corroborando a sua participação voluntária no trabalho.

Participaram educadores vinculados a escolas das redes privada e pública do estado de São Paulo. As entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho (contexto escolar), na residência do entrevistado ou em salas de aula da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. Como meu objetivo principal foi ouvir o que educadores têm a dizer sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar, não pretendi explorar detalhadamente as características das escolas escolhidas, nem comparar tais dados. Mas, considero importante que esse aspecto possa ser aprofundado em outros trabalhos. Como forma de garantir o anonimato das escolas, estas serão denominadas apenas como escola pública ou particular.

Ao todo foram realizadas sete entrevistas, a saber: **LUISA** é diretora de uma escola pública (já atuou em escolas particulares como orientadora educacional); **FERNANDA** é psicopedagoga e professora de português de uma escola pública (também já atuou em escolas particulares); **ANDRÉA** atua como pedagoga de uma escola pública e assessora pedagógica na formação de professores; **CAMILA** é professora de português de uma escola pública (também já tendo trabalhado em escolas particulares); **TELMA** é psicóloga e desenvolve trabalhos em escolas públicas e particulares; **ARMANDO** é professor de literatura de um cursinho pré-vestibular popular e **MARIA** é professora

de ciências e coordenadora de série de uma escola particular. Os nomes escolhidos são fictícios como forma de garantir a preservação da identidade dos participantes. Estes colaboradores serão melhor descritos no próximo capítulo sobre a compreensão das entrevistas.

3.3) Da coleta de dados

"(...) a técnica é o ponto de interação entre a ciência e as necessidades práticas."

(BLEGER,1991, p.9)

Os dados foram coletados por meio da realização de entrevistas individuais com profissionais de educação. Silva, Ribeiro e Marçal (2004) afirmam que a situação de investigação possibilita a utilização de várias práticas e instrumentos. Um dos recursos técnicos de que o psicólogo dispõe é a **entrevista** como meio de obter informações, possibilitar aprendizagens e como um dos instrumentos por excelência das pesquisas qualitativas.

Para Bleger (1991), as entrevistas possibilitam momentos privilegiados de escuta, pois envolvem relação humana na qual um dos integrantes busca conhecer o outro e atua a partir do que observa. É importante a interação interpessoal na qual o profissional investiga a partir da escuta do entrevistado.

Nas entrevistas que ocorrem no contexto de pesquisa, as condições subjetivas do entrevistador também se fazem presentes, envolvendo escuta efetiva, acolhimento e reflexão sobre sentimentos despertados durante o processo. Thiollent (1987) aponta que o entrevistado pode expor dados relacionados à sua História pessoal que envolvam vários sentimentos profundos e é importante sentir-

se ouvido para que ele tenha liberdade para expressar questões singulares do seu contexto de vida como angústia, raiva, medo ou dúvidas.

Em situações de pesquisa, as entrevistas são utilizadas com fins investigativos. Pode se iniciar a situação de maneira mais ampla e livre, direcionando e aprofundando temas durante o processo, dependendo dos objetivos propostos. Optei por realizar algumas perguntas que serviram de base para o aprofundamento de meus objetivos. É importante, também, ter certos cuidados com relação a perguntas que se proponham apenas à confirmação do que se quer saber. Para Silva, Ribeiro e Marçal (2004), o entrevistado deve falar por si.

Assim, optei por utilizar as entrevistas no contato com os educadores para possibilitar maior flexibilidade, profundidade e riqueza de reflexões. Com isso, pude recolher dados descritivos da linguagem do entrevistado, construindo conhecimento acerca das várias interpretações dos aspectos do mundo do qual faz parte (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Em situações de pesquisa a entrevista investiga o tema proposto, sendo importante complementar o estudo com outros elementos (relato de impressões, observações, diário de campo entre outros). Assim, considerei importante complementar todas as entrevistas realizadas com o diário de campo, que incluíram minhas observações, sentimentos e reflexões.

Em relação aos objetivos dessa pesquisa, cito Esslinger (2004) que afirma: falar sobre a morte é tentar compreender e admitir sua existência. Os temas propostos nas entrevistas tiveram o intuito de situar os educadores nos pontos relevantes desta pesquisa, mas não caracterizaram um roteiro rígido. Outros temas puderam ser abordados a partir do que os participantes foram apresentando.

Apresento a seguir os eixos temáticos que foram abordados com os educadores nas entrevistas a partir dos objetivos dessa pesquisa:

- ✓ Formação e trajetória profissional dos educadores
- ✓ Papel da educação

- ✓ O tema da morte na sociedade atual e questionamentos pessoais, dificuldades e sentimentos
- ✓ Levantamento de temas sobre as principais situações relacionadas ao tema da morte, aos educadores e aos alunos adolescentes presentes no contexto escolar
- ✓ Prática profissional no ambiente escolar: relato de espaços já construídos e de experiências já vividas com o tema da morte
- ✓ Existência ou não de suporte/comunicação em relação aos adolescentes e os vários temas vinculados à morte.
- ✓ Opiniões sobre a abordagem do tema da morte nas escolas e disponibilidade dos educadores para se prepararem
- ✓ Construindo espaços – a busca pela comunicação sobre o tema da morte entre educadores e adolescentes
- ✓ Quais os profissionais de educação que estão "mais preparados"?
- ✓ Preparo e instrumentalização dos educadores para lidar com o tema: conhecimentos teóricos, necessidades, sentimentos e experiências.
- ✓ Instrumentos facilitadores
- ✓ Quando abordar o tema da morte na escola: inserção nas atividades pedagógicas e/ou em momentos que ocorrem situações envolvendo a morte?
- ✓ Reflexão dos educadores sobre os adolescentes em relação ao tema da morte.
- ✓ Quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

3.4) Procedimentos

A escolha dos participantes foi intencional. Verifiquei, em meu círculo social, os educadores que atuam com adolescentes ou que colegas profissionais conheciam. A partir dos contatos telefônicos, agendei as entrevistas. Desde o primeiro contato apresentei os objetivos da pesquisa e explorei a possibilidade da sua participação caso fosse de acordo. Como pesquisadora, esclareci os cuidados éticos, garantindo sigilo e anonimato, e me coloquei à disposição para esclarecer possíveis dúvidas. A partir daí, fiz a seleção dos participantes disponíveis para os depoimentos sobre o tema da morte no contexto escolar.

Como forma de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, as entrevistas basearam-se nos eixos temáticos descritos no *item 3.3 (Da coleta de dados).* Estes temas não caracterizaram um roteiro rígido, o intuito foi situar os participantes no campo pesquisado. Outros temas puderam ser abordados a partir do direcionamento dado pelos participantes. Busquei garantir um clima de liberdade e flexibilidade na realização das entrevistas. Estas foram gravadas com a autorização dos profissionais (vide termo de consentimento no ANEXO 1) e transcritas de forma detalhada. O sigilo foi garantido, uma vez que os relatos não foram apresentados com os nomes reais dos profissionais e nem suas instituições de ensino foram reveladas.

Ao final da realização de cada entrevista, elaborei um diário de campo com minhas impressões e reflexões sobre cada encontro, as quais serão apresentadas no capítulo seguinte.

3.5) Da compreensão dos dados

Para a interpretação dos depoimentos de uma pesquisa qualitativa não existem respostas e fórmulas únicas e específicas, várias são as possibilidades de compreensão. As características de estilo do pesquisador são parte dessa busca pela compreensão dos conteúdos (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004). Além disso, tanto o entrevistador quanto o entrevistado participam da construção do campo pesquisado. Ambos modificam e são modificados ao se disporem a fazer parte do processo de busca de conhecimentos acerca dos temas investigados e sobre a vida humana de uma forma geral.

O referencial para a compreensão das entrevistas realizadas foi inspirado nas propostas de Minayo (1996). Segundo a abordagem proposta, os dados colhidos em campo possuem "níveis de interpretação". Há a fase exploratória do campo pesquisado e seus participantes, retomada na análise final dos dados. O contexto escolhido para esta pesquisa foram as escolas e, considerando meus objetivos, realizei um levantamento bibliográfico envolvendo a abordagem do tema da morte, a adolescência e o ambiente escolar. No segundo nível de interpretação, são efetuadas reflexões sobre os dados transcritos e deve-se dar atenção às dimensões objetivas e subjetivas que ecoam a partir deles. A partir dos depoimentos, busca-se extrair temas comuns, inferir significados, conhecimentos e construir categorias temáticas para uma discussão abrangente do material coletado.

Silva (2007, p.68) citando Minayo (1996) organiza a proposta interpretativa dessa autora:

> a) ordenação dos dados, no qual se inclui a transcrição de fitas, a releitura do material, a organização de relatos e dados de observação.
> b) classificação dos dados a partir do material recolhido, mas com embasamento em algumas hipóteses teóricas. É o início do trabalho com os dados através da leitura exaustiva e repetitiva do texto, ou o que se chama de leitura flutuante, para apreender as estruturas relevantes, idéias centrais e momentos-chave.
> c) leitura transversal de cada entrevista, recortando-a e formando uma unidade que será pensada em termos de temas ou tópicos. Para tanto, serão necessários vários níveis de classificação, desde o mais grosseiro, em que cada pequeno tema é separado e colocado em sua 'gaveta', até se alcançar melhores refinamentos, enxugando a classificação em categorias centrais que estejam concatenadas.

Dessa forma, num primeiro momento, as entrevistas foram analisadas individualmente, destacando-se algumas categorias temáticas principais e que refletiram, de certa forma, a experiência de cada entrevistado. A partir dos objetivos propostos nesta pesquisa, passo a descrever os eixos temáticos que nortearam a compreensão dos depoimentos:

- O papel da educação
- A educação e o tema da morte
- O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?
- A escola, o adolescente e as várias mortes – **concreta, simbólica e escancarada** – relatos de experiências

Construindo novos espaços – a busca pela comunicação do tema da morte entre educadores e adolescentes:

- A escola deveria abordar o tema da morte?
- Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado"?
- Sobre o preparo dos educadores
- Instrumentos facilitadores
- A morte nas disciplinas escolares
- Quando abordar o tema da morte na escola?
- Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador
- O dia de Finados na escola
- A participação da escola nos rituais
- O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes
- A busca pela vida na escola
- Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis

Após a apresentação individual dos entrevistados, elaborei um ***"Quadro-Resumo"*** como forma de facilitar a compreensão dos depoimentos dos educadores em cada categoria temática.

O momento seguinte de compreensão das entrevistas consistiu numa discussão geral que englobou aspectos comuns das falas dos educadores. Nesse momento, pretendi estabelecer um diálogo com os autores pesquisados e busquei novas referências bibliográficas (a partir das questões levantadas pelos entrevistados).

Como forma de trazer uma maior riqueza dos dados, apresento as entrevistas na íntegra nos ANEXOS 3 a 9.

3.6) Considerações éticas

Ao reconhecer que falar sobre o tema da morte não é uma postura comum e natural na sociedade atual, e por ter abordado este tema tabu com os educadores participantes desta pesquisa, tomei alguns cuidados para que as entrevistas não provocassem danos ou sofrimentos. A presente pesquisa se norteou por algumas diretrizes regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, como consta na resolução nº 196 de 10/10/1996, do Ministério da Saúde e no Código de Ética Profissional do Psicólogo, de 2005.

- O psicólogo deve ter como base do seu trabalho profissional o respeito à dignidade e à integridade do ser humano.
- As ações do psicólogo devem promover o bem-estar do indivíduo e da comunidade, assim como a busca por métodos e práticas para a obtenção de seus objetivos.
- Foi garantido o anonimato e o consentimento informado de todos os participantes, assim como das pessoas por eles citadas.
- Para cada participante foi solicitado que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a gravação das entrevistas e a utilização do material na pesquisa. Este termo encontra-se no ANEXO 1.
- Houve respeito à dor e ao sofrimento que os participantes possam ter vivenciado a partir da abordagem dos temas deste trabalho.
- Foi enfatizado aos participantes que não desejassem participar da pesquisa que eles não seriam prejudicados em relação às suas atividades pedagógicas nas escolas visitadas.
- Houve respeito ao desejo de não gravar os depoimentos.
- Houve respeito às informações relatadas, sem emissão de juízo de valor, tanto durante as atividades quanto durante a escrita deste trabalho.

- Foi aberto um espaço para a escuta dos participantes e estes puderam questionar a pesquisa, assim como resolver algumas dúvidas que tenham surgido durante as atividades propostas.
- Houve a possibilidade de encaminhamentos daqueles que, em decorrência da pesquisa, perceberam a necessidade de ajuda.
- Foi proposta a possibilidade de encontros para entrevistas devolutivas com os educadores após o término desta tese, assim como o acesso a este material.

4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS

A partir da abordagem qualitativa que fundamenta esta pesquisa, busquei, num primeiro momento, realizar a compreensão individual das entrevistas realizadas com cada educador. Como forma de facilitar a leitura, descrevo, a seguir, como foram organizados os dados de apresentação e compreensão das falas dos educadores:

- 4.1) apresentação de cada entrevistado envolvendo formação, trajetória profissional e características do contexto escolar em que estão inseridos
- 4.2) algumas impressões do contato com os educadores
- 4.3) elaboração de um ***"Quadro-Resumo"*** com os depoimentos dos educadores em cada categoria temática adotada.
- 4.4) apresentação das entrevistas segundo categorias temáticas que se relacionam aos objetivos desta pesquisa, destacando falas significativas.

Foram realizadas também reflexões teóricas em diálogo com os autores destacados nesta pesquisa. Aspectos comuns das várias entrevistas foram aprofundados na discussão. A ordem de apresentação a seguir é a mesma em que foram realizadas as entrevistas.

As várias experiências com a morte no contexto escolar: o que os educadores têm a dizer?

1. LUISA

"A escola não pode fazer tudo sozinha. Não tem esse objetivo. Ela é uma das instituições mais importantes, mas não tem competência para fazer tudo. Alguma coisa sempre falha e ficamos com a consciência pesada por não termos conseguido salvar uma vida".

4.1 Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Sou diretora de uma escola pública. Esta já é a terceira escola que eu dirijo, escolas grandes, que abrangem crianças e adolescentes. A escola em que estou inserida, atualmente, é especificamente de Ensino Médio e Ensino Fundamental ciclo 2 (6º ao 9º ano). Sou pedagoga e orientadora educacional. Acabei deixando, aos poucos, as escolas particulares e me concentrei na escola pública. Esta escola é muito sensível às questões do ser humano. Então, a gente se sente muito feliz com isso. Estou nessa escola desde 1993. Fiz um pouco de Psicologia também.

Eu inicio a escola com uns 2.500 alunos, é bastante, é um colégio bem grande. Nós temos agora também o supletivo, o EJA (educação de jovens e adultos) e, portanto, em alguns períodos ela fica escola de passagem: o indivíduo vai da escola para o trabalho e depois passa pela escola. Os alunos da manhã são adolescentes na maioria e alguns já trabalham ou fazem o seu cursinho. No noturno são alunos trabalhadores.

4.2 Minhas impressões

A entrevistada foi indicada por um colega psicólogo. Comentei com ele o meu interesse em realizar entrevistas com educadores que atuassem com adolescentes. Disse quais eram os objetivos da pesquisa para que a entrevistada decidisse se participaria ou não. Tendo concordado, entrei em contato com ela pelo telefone, explicando os objetivos. Desde o início, senti grande disponibilidade por parte da entrevistada em colaborar com a pesquisa e um desejo de relatar sua experiência profissional.

Esta entrevista teve a duração de aproximadamente 1h e 30 minutos e foi realizada na residência da entrevistada em 05.03.2007. Luisa se recuperava de uma cirurgia de câncer de mama realizada em 09.02.2006, motivo pelo qual estava de licença médica. Durante a entrevista compartilhou comigo sobre o momento de voltar ou não para o trabalho. Ela disse que gostava muito das suas atividades na escola e que os colegas pediam seu retorno, o que fazia com que ela refletisse sobre esta questão.

No início da entrevista, perguntei se o cansaço físico ou os temas da mesma seriam possíveis impedimentos para sua realização. Ela disse que "não" e que gostaria muito de participar. Agradeci e reafirmei que a entrevista poderia ser interrompida a qualquer momento. Ela concordou com as condições de nosso trabalho.

Senti que havia um grande desejo de Luisa de contar sua experiência profissional e, a partir desta, tecer reflexões sobre os prós e contras de retornar ao cotidiano de trabalho, já que aos poucos vinha se recuperando. Continuamos a falar sobre este assunto após o término da entrevista.

Seu desejo de ajudar era tanto que havia separado alguns materiais e frases para reflexão que foi apresentando ao longo da entrevista. Apresento alguns elementos significativos:

- ✓ Luisa destacou a seguinte frase sobre educação de Blaise Pascal (1623-1662), filósofo e matemático francês: *"ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar, e ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender".*
- ✓ Havia recortado uma notícia do Jornal "O Estado de São Paulo" de 04.03.2007 (página A22) sobre o "1º curso de Educação para a Morte" promovido pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Discutimos sobre o desafio de encarar o tema da morte não mais como tabu ou assunto a ser evitado nos hospitais e nas escolas. Segundo a matéria: *"este evento pretende pedir a ajuda da pedagogia, da filosofia, da História e das religiões para defender as vantagens de tirar do campo dos assuntos proibidos aquilo que vai acontecer*

com todos nós". A Profª Maria Julia Kovács, orientadora da pesquisa atual, foi entrevistada, tendo destacado aspectos importantes sobre a morte:

> É importante conversar para poder planejar a própria morte. Lutar para diminuir o sofrimento, o sentimento de solidão e abandono para entender o significado da existência humana.

Achei importante e significativo Luisa ter lido e destacado esse material para mim e, a partir das reflexões sobre ele, iniciei a entrevista.

- ✓ Após a entrevista, ela me ofereceu o texto *"Por que somos tão tristes?"* de Sandra Mara Corazza[37]. Como diretora, havia entregue este texto para os educadores com o seguinte escrito: *"sr.(a) professor(a), que sua atitude encorajadora e sua intervenção acolhedora possam ajudar nossos alunos a superar suas dificuldades e contribuir para a construção de um novo cidadão".*

Este escrito traz questões importantes para reflexão como sua postura enquanto educadora e sua visão sobre o papel da educação. A autora chama atenção para algumas *"mortes em vida"*, que podem ser elaboradas a partir da postura que chamou de *"educar-artista".* Destaco alguns aspectos que podem ser vistos como perdas ou mortes em vida no campo da educação, como por exemplo: o estado de tristeza do educador que tem suas ações educativas *"julgadas, medidas e limitadas".* O educador triste é aquele que *"faz pensar o já pensado, dizer o já dito, fazer o já feito".* Este profissional então é levado a ter *"cada vez menos idéias, menos amor à sua profissão e menos escuta ao que lhe é interessante".* A autora procura resgatar o papel do educador como tendo *"vida criativa"* num contraponto a esta *"morte da profissão".* Ao considerar as *"doenças do vivido",* é possível *"viver a saúde da sua profissão".* O caminho seria a educação para além das disciplinas: *"mais do que livros e palavras".* A beleza da educação e o contato com a criação e com a vida devem ser resgatados.

[37] O texto na íntegra encontra-se no ANEXO 10.
http://www.unifebe.edu.br/04_proeng/formacao_continuada/2008_2/material_palestras/porque_somos_tao_tristes.pdf

- ✓ Ao final da entrevista, trouxe um escrito de Mário Quintana[38] que havia fixado no mural da escola para que os alunos refletissem. Achei interessante destacá-lo, pois a educação, a vida e a morte são temas desse material:

> Sentir primeiro, pensar depois
>
> Perdoar primeiro, julgar depois
>
> Amar primeiro, educar depois
>
> Esquecer primeiro, aprender depois
>
> Libertar primeiro, ensinar depois
>
> Alimentar primeiro, cantar depois
>
> Possuir primeiro, contemplar depois
>
> Agir primeiro, julgar depois
>
> Navegar primeiro, apontar depois
>
> Viver primeiro, morrer depois.

[38] Quintana, M. **80 anos de poesia.** São Paulo: Globo, 2008.

2. FERNANDA

"Quando os alunos sofrem uma perda, eles querem conversar, falar em sala de aula sobre o amigo que morreu. Nestes momentos tem que deixar o conteúdo de lado e acolher este aluno".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Eu sou formada em Letras pela Universidade de São Paulo. Depois eu fiz os cursos de Psicologia, Psicopedagogia e História na PUC. Atualmente, estou fazendo um curso de Informática Educacional porque eu também dou aulas na escola da prefeitura como POIE – Professora Orientadora de Informática Educativa. Então, eu caminhei por essas várias trilhas, mas essas várias trilhas têm sempre um único foco que é a educação. Eu trabalho aqui desde que me formei como professora de português e há 17, vai fazer 18 anos, que eu dou aulas também na escola da prefeitura. Já dei aulas em escolas particulares, já dei aulas de Literatura Brasileira Comparada, eu também já desempenhei a função de coordenadora do magistério.

É uma escola que eu acho prazerosa para trabalhar. Os alunos que frequentam esta escola têm uma carência emocional: da falta do pai ou da mãe em casa porque saem para trabalhar o dia todo. Às vezes os alunos me param no corredor para pedir um conselho até amoroso.

Meu contato com Fernanda foi indicação de Luisa, sua colega de trabalho. Havia comentado com ela sobre o meu interesse em realizar outras entrevistas com educadores desta escola e que atuassem com adolescentes. Luisa então pensou em Fernanda, pela sua relevante atuação com adolescentes e por admirar seu trabalho com eles. Foi feito o convite à Fernanda, explicando os objetivos da pesquisa. O convite foi aceito e marcamos um encontro para a semana seguinte (12.03.2007).

Desde o primeiro contato, pelo telefone, senti uma disponibilidade grande da entrevistada em participar. A entrevista teve a duração de aproximadamente 1h e 30 minutos e foi realizada na escola em que Fernanda atua. Fui muito bem recebida, senti acolhimento, disponibilidade e interesse da parte de Fernanda em contribuir com o trabalho, o que me deixou à vontade. A entrevista foi realizada numa sala reservada da escola. Por ser horário de almoço e mudança de turnos (da manhã

para a tarde), havia muito barulho nos corredores da escola. Apesar disso, a entrevista fluiu bem e consegui abordar os temas com facilidade.

3. ANDRÉA

"Fiquei chocada com isso. Um aluno da escola que morreu e não houve nenhum vínculo da escola com esta morte, com a situação desta família".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Eu fiquei muito tempo só com o magistério e eu comecei a dar aulas de professora primária. Foram 8 anos de sala de aula e aí eu fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em 1993. Aí eu trabalhei 9 anos na Secretaria Municipal de Educação fazendo formação de professores, de educadores em geral na verdade, diretor, supervisor, coordenador (...) fazíamos a orientação pedagógica do município de São Paulo. Depois passei a trabalhar na assessoria pedagógica de professores do Brasil inteiro. Atualmente meu trabalho é esse. Eu continuo em sala de aula, mas é meu último ano agora na prefeitura.Vai fazer 6 anos que eu estou trabalhando com educação de jovens e adultos à noite. E, durante o dia, com formação de professores. A minha formação depois do magistério, eu já tinha 45 anos, eu fui fazer Faculdade de Educação na USP e me formei pedagoga.

Esta é uma escola municipal, é uma escola pequena, tem poucas salas de aula, quer dizer, são 7 salas de aula em cada turno, são 4 turnos. Na configuração física é uma escola pequena, mas tem muito movimento por conta do número de turnos. É uma escola de qualidade, comparativamente. A gente sabe que o ensino público está muito precário, mas esta escola é considerada de um nível razoável, bom.

A entrevistada foi indicada pela mãe de uma colega minha que é professora de matemática do Ensino Médio de uma escola pública. Havia comentado com ela sobre o meu interesse em realizar entrevistas com educadores que atuassem com adolescentes e sobre os objetivos desta pesquisa. Ela indicou uma professora que poderia me ajudar, pois, na sua opinião, tinha experiência com adolescentes de escolas púbicas.

Entrei em contato com Andréa, pelo telefone, explicando os objetivos da pesquisa. Desde o primeiro contato, senti sua disponibilidade para me auxiliar e o interesse em conhecer melhor meu trabalho com o tema da morte e os adolescentes: *"é muito bom conhecer novos trabalhos".*

Esta entrevista, que teve a duração de aproximadamente 1h e 30 minutos, foi realizada em 02.04.2007, na residência da entrevistada, onde fui bem recebida. Ela teve facilidade para relatar várias experiências profissionais.

4. CAMILA

"Eu acho que a morte deve ser trabalhada dentro da escola, por mais que doa, isso tem que ser trabalhado de certa maneira. Nem que seja compartilhar, sofrer junto (...) Mas o aluno e o educador têm que se abrir para isso".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Eu fiz graduação em Letras na Universidade de São Paulo. Agora estou fazendo o mestrado em Literatura. Já trabalhei em escolas particulares, em vários projetos do Estado como professora dando acesso à supervisão, como assessora, como monitora e agora estou trabalhando somente na prefeitura. Dou aulas particulares também.

Hoje trabalho numa escola pública da prefeitura. Meu cotidiano de trabalho é muito bom, "estou no paraíso". É uma escola mais voltada para o conteúdo, para o tradicional. É uma escola pública típica de alunos que entram na USP. Na 5ª ou 6ª série os alunos já são todos alfabetizados, todos com reflexão, todos com espírito crítico. Eu dou aulas de português para a 5ª e 6ª séries. Hoje a minha escola, apesar dela ser da prefeitura, ela é frequentada por alunos de classe média. Apenas 0,2% dos alunos residem em favelas. Os problemas são de classe média.

Esta entrevista teve a duração de aproximadamente 3 horas e foi realizada em 04.08.2008. A entrevistada, de 26 anos, estava disponível para refletir sobre os vários temas abordados e sentia que ela estava desfrutando desta oportunidade. Eu a conheci na disciplina de graduação "Psicologia da Morte". Camila também cursou a disciplina de pós-graduação "A morte no processo do desenvolvimento humano e sua relação nas instituições de saúde e educação" ministrada pela minha orientadora, a Profa Maria Julia Kovács, no Programa Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP, em 2003. Lembro que suas observações durante as aulas me chamavam a atenção. Ela é educadora da área de Literatura e eu tinha curiosidade em ouvir suas reflexões sobre os temas abordados nesta pesquisa.

Durante a entrevista, Camila disse que procurou as disciplinas referidas porque queria compreender melhor o tema da morte e as questões sobre a vida, assuntos importantes para ela. Também buscava formas de lidar melhor com as perdas que havia sofrido ao longo de sua vida. Ela contou que quando foi fazer iniciação científica, sua orientadora disse que poderia escolher o projeto

que quisesse no tema “poesia contemporânea”. Nesta época, estava no 1º ano da graduação do curso de Letras e não sabia que tema escolher. Foi à livraria, pesquisou vários poetas e chamou sua atenção um poema sobre a morte: *“era um poema lindo, eu me encantei”.* O título é “Morte de Clarice Lispector” de Ferreira Gullar. Estudar e entender melhor a morte e poder ajudar as pessoas em luto é o que a mantém viva, é seu objetivo de vida. Quando procurou a disciplina “Psicologia da Morte” estava com muito medo de que o tema a abalasse muito, por isso pediu para seu irmão, que frequentava o curso de História na época, acompanhá-la durante as aulas. Após cursar a disciplina, relatou:

> *Foram cursos que abriram muitas coisas para mim, eu acho que pessoalmente me elucidou muitas coisas, fizeram com que eu repensasse muitas coisas, algumas mortes da minha vida (...) muitas mágoas pessoais se dissolveram, me tornei uma pessoa melhor. Estes cursos também me ajudaram a pensar sobre a morte nas escolas, foi fundamental para mim enquanto educadora, enquanto ser humano. O cuidado que eu tenho com os meus alunos hoje, eu acho que devo muito a isso. Eu me senti muito cuidada pela Profa. Maria Julia Kovács, eu tenho uma enorme gratidão por ela (...) fazendo estes cursos sobre a morte no Instituto de Psicologia, eu aprendi a levar o humano acima do pedagógico. Hoje eu percebo o quanto os meus alunos gostam de mim e o quanto eu me tornei uma pessoa e uma educadora melhor.*

Entrei em contato com Camila por e-mail em 28.07.2008 e ela se mostrou disponível para a entrevista no mesmo dia. Marcamos nosso encontro para a semana seguinte. Esta entrevista foi realizada no prédio da Letras (FFLCH-USP) numa sala que não estava sendo ocupada por aulas. Tivemos privacidade e me senti à vontade para intervir ou esclarecer suas falas. Camila já sabia do meu interesse em abordar o tema da morte nas escolas e disse que poderia falar coisas que me desagradassem. Também afirmou que sua fala não seria acadêmica. Pedi que fosse sincera e realista, pois aí estaria a riqueza de seu depoimento. Durante a realização da entrevista, fiquei totalmente envolvida e interessada e nem percebi que a entrevista teve duração tão longa, 3 horas. Minha curiosidade em ouvi-la era grande e senti que Camila também estava muito envolvida. Alguns dias depois ela me escreveu um e-mail indicando leituras e autores que abordam o tema da morte em suas

produções literárias. Respondi como esta troca de experiências e materiais também fora rica para mim no desenvolvimento deste projeto.

5. TELMA

"Fala-se pouco sobre a morte, fala-se muito superficialmente. Não se dá a devida importância para o quanto a morte está na nossa vida, parece que ainda é algo invisível. Se déssemos o devido valor para a morte, trabalharíamos muito melhor a vida".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

A minha formação é em Psicologia, me formei em 1995, e depois eu comecei a oferecer palestras em escolas através de amigas que me pediam: 'você não pode falar sobre sexualidade para adolescentes?' Foram surgindo mais palestras até que deixou de ser voluntário e eu comecei a prestar serviços para as escolas públicas tratando de assuntos polêmicos para os jovens: profissão, drogas, sexualidade e muito mais. Fui também professora de Ciências, na época do ginásio, hoje Ensino Fundamental. Então fui fazendo um paralelo entre a clínica e a escola, tendo também muito contato com adolescentes. Minha trajetória, depois, passou pelo hospital psiquiátrico. Foi no hospital que eu conheci esta associação que se chama ASEC (Associação pela Saúde Emocional da Criança) onde tem o programa Amigos do Zippy. Eu apresento e ofereço o programa para várias instituições, escolas, secretarias de educação, prefeituras, empresas. Hoje nós temos 64 salas de aula, uma média de 30 escolas públicas e particulares, sendo a maioria pública. Também desenvolvo este trabalho em creches.

Esta entrevista teve a duração de aproximadamente 1 hora e 20 minutos e foi realizada em 07.08.2008 na cidade de São José dos Campos. Apesar de Telma (38 anos) não mais atuar tão diretamente com adolescentes, ela é vinculada ao programa *Amigos do Zippy* com o qual tive contato pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM/IPUSP). Como já citado na Apresentação desta pesquisa, *Amigos do Zippy* é um programa que visa o desenvolvimento emocional de crianças de 6 a 7 anos de idade. Ensina os alunos a lidarem com as dificuldades do dia a dia, a identificar e conversar sobre seus sentimentos e a explorar maneiras de lidar com eles. Um dos módulos deste programa lida com mudanças e perdas, grandes ou pequenas, inclusive a morte. Daí meu interesse em poder ouvir a experiência desta profissional. Embora adultos normalmente considerem a morte um assunto difícil, Telma afirmou que raramente acontece o mesmo com crianças pequenas. Na sua opinião, elas recebem muito bem a oportunidade de falar abertamente a respeito deste tema que se tornou tabu para muitos adultos.

Desde o primeiro contato, Telma se mostrou contente em contribuir com a pesquisa, valorizando o tema e dizendo: *"como é importante a abordagem do tema da morte nas escolas".* Senti-me à vontade durante a realização desta entrevista e fiz poucas intervenções. Foi muito interessante ouvi-la e Telma me pareceu apaixonada pelo seu trabalho no programa *Amigos do Zippy.*

Quando finalizamos a entrevista e desliguei o gravador, Telma ainda enfatizou a importância do educador não estar sozinho nas atividades que envolvem o tema da morte com os alunos. Relembrou a experiência no ano anterior quando sua mãe estava na UTI e ela ficou muito sensibilizada ao abordar o tema com os alunos, principalmente envolvendo a questão das doenças. Telma se sentia *"incapaz", "não preparada" e "só tinha vontade de chorar".* Disse que o apoio dos colegas e o respeito aos seus limites foram fundamentais. Telma só conseguiu dar andamento às atividades porque trabalhava em dupla ou em equipe e nunca ficou sozinha com os alunos.

6. ARMANDO

"Em sala de aula o aluno pode aprender a olhar a morte, mas isso, infelizmente, não acontece na maioria das escolas. O momento da morte é o momento de valorização da vida".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Minha graduação foi em Letras (com habilitação em português) aqui pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desde 2004 eu já atuo, ou trabalhando voluntariamente, ou trabalhando no Estado como professor. Em 2004 e 2005 eu fazia, voluntariamente, um curso de redação e leitura de textos com jovens na escola pública onde eu estudei. E depois eu fiquei um ano em uma escola pública como professor de literatura, é uma experiência um pouco diferente. Quando você trabalha de forma voluntária, os alunos estão de fato mais interessados. A partir do momento em que você encontra com alunos que estão querendo resistir ao mundo escolar, então já é uma coisa mais complexa de se trabalhar. Eu também comecei a atuar em cursinhos populares que trabalham com jovens que estão saindo das escolas. Hoje eu trabalho num cursinho que tem este caráter de oferecer aos jovens de escolas públicas a oportunidade para entrar na universidade. Com eles eu encontro uma certa facilidade de trabalhar o tema da morte. Os alunos estão recém-saídos da adolescência.

Esta entrevista teve a duração de aproximadamente 3 horas e foi realizada em 29.10.2008 no prédio da Letras (FFLCH-USP) numa sala que não estava sendo ocupada por aulas. Conheci Armando (26 anos) por indicação de Camila, que foi sua colega de faculdade. Camila disse que havia assistido a algumas aulas de Armando, pessoa sensível e dedicada. Além disso, é seu amigo próximo com quem passava horas discutindo sobre literatura, sociedade e morte.

Desde o primeiro contato por e-mail, Armando mostrou-se disponível e interessado pelo tema da pesquisa. Estava curioso para saber quais perguntas eu lhe faria, afirmando que o tema da morte, infelizmente, ainda é pouco trabalhado nas escolas.

Antes de se iniciar a gravação, conversamos sobre meu mestrado, pediu que eu lhe enviasse o material, além das referências bibliográficas dos artigos de minha autoria. Demonstrou grande interesse pelo tema da morte e adolescência, desejando aprender algo novo para suas aulas. Armando também mostrou uma pasta na qual havia cópias de poemas e contou sobre o seu *blog* que se propõe

a exercitar a capacidade de ler e pensar daqueles que o acessam. Comentários, críticas e sugestões de leitura são incentivados e espera que assim possa ajudar a interpretar a beleza da poesia. No *blog* há indicação de várias leituras de poetas como: Alberto Caeiro, Álvares de Azevedo, Álvaro de Campos, Antero de Quental, Bertolt Brecht, Carlos Drummond, Cecília Meireles, Cruz e Sousa, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Luís de Camões, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. A seção "ANÁLISE", à semelhança de uma câmera fotográfica, tenta flagrar algumas nuanças mágicas do poema. Assim como Camila, Armando é uma pessoa sensível como pude observar no breve contato e pelas suas observações durante toda a entrevista. Suas reflexões eram interessantes e ricas e tive a sensação de estar assistindo a uma "aula de literatura".

7. MARIA

"Nunca aconteceu de um professor me dizer que não consegue lidar com o tema da morte".

Apresentação do entrevistado e características do contexto escolar

Eu sou formada em Biologia e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Fiz Psicopedagogia como especialização. Eu trabalho em escola desde que eu estava na faculdade. Comecei trabalhando com a área de matemática, como professora substituta, aí, conforme foi passando o tempo da minha faculdade de Biologia, eu fui assumindo classes de Ciências. Então eu trabalhei a maior parte do tempo somente como professora. Nos últimos 5 anos, quando eu estava no meu último trabalho (fora este que estou hoje), eu fiquei coordenadora de série. É uma espécie de tutoria que favorece a relação da escola com o aluno sendo professora de Ciências. E, atualmente, eu sou coordenadora de Ensino Fundamental II de uma escola particular. Eu só trabalhei em escolas particulares.

Esta entrevista teve a duração de aproximadamente 1 hora e 10 minutos e foi realizada no dia 17.11.2008 na residência de Maria (51 anos). Seu cotidiano de trabalho é bastante movimentado e ela havia me dito que seria difícil não sermos interrompidas durante o tempo da entrevista se estivéssemos na escola. Maria adora seu trabalho e diz que são muitas as atividades a serem desenvolvidas no seu dia a dia na escola. Desde meu primeiro contato, por e-mail, Maria se mostrou disponível a participar desta pesquisa. Seu nome foi indicado por um colega de trabalho dela. Disse que sua experiência profissional era rica e que teria muito a contribuir. Maria disse que ficou pensando bastante no tema deste estudo, desde o meu primeiro contato até o dia da entrevista. Acredita que o tema da morte pode ganhar espaço nas escolas aos poucos, assim como ocorreu com o tema das drogas e sexualidade. Enfatizou o quanto é importante para os adolescentes terem a possibilidade de manifestação de sentimentos, opiniões e reflexões na escola e não apenas acumular informações relacionadas a estes temas.

Como pesquisadora, ao ouvir o relato de Maria, senti que estava aprendendo com sua experiência, seu otimismo e sua paixão pelo trabalho com os jovens. Houve vários pontos de identificação entre a experiência dela e a minha.

4.3 QUADRO-RESUMO DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS

Após várias leituras das transcrições das entrevistas realizadas, procedi à ordenação dos dados. Estes pretendem facilitar a compreensão dos eixos temáticos apresentados pelos participantes na sua entrevista individual. Elaborei o ***Quadro-Resumo*** que destaca os aspectos principais dos depoimentos de cada educador, caracterizando, assim, sua singularidade.

1. LUISA

O papel da educação	Escola como instituição sócio-educativa comprometida com o desenvolvimento integral do aluno. Preparo para a cidadania, desenvolvimento de habilidades e competências, disciplina como meio.
A educação e o tema da morte	Atuação do professor para além das disciplinas. Ensinar os alunos a serem cidadãos melhores e mais felizes.
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Destaca tema das drogas e da violência (bullying). Escola como um dos campos da sociedade. Necessário estar preparado para a morte para poder viver uma vida melhor. Experiência pessoal de adoecimento a levou à reflexão sobre o que e com quem pode melhorar.
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Aluno enlutado** (perda do pai): isolamento, depressão. Apoio da escola, mas não pode ficar só, não pode fazer tudo, pois extrapola sua função. Contato com a família (principais responsáveis) e encaminhamento ao psicólogo, pois é uma situação que exige acompanhamento.
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Bullying e Cyberbullying:** ameaça, perseguição, intriga, humilhação, isolamento, exclusão do grupo, agressões físicas, muitas perdas (relações afetivas, familiares, sociais). É necessária atenção do professor e do inspetor de alunos. Não estigmatização do adolescente. É difícil para a escola lidar, é necessária presença do psicólogo, orientador educacional, parceria com as universidades (alunos devem comparecer na escola), ter contato com os pais (História familiar). **Preconceitos** do professor (investimento X rejeição dos alunos)
A escola deveria abordar o tema da morte?	É aberta ao tema, mas tem receio dos problemas que possam surgir com a família dos alunos, *"é arriscado"*. Necessário trabalhar temática com os pais e com a comunidade. Outros temas citados: educação sexual, ética, paz, vida. Todas as disciplinas

	devem trabalhar estes temas.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Parceria com as universidades + psicólogos como agentes externos (distanciamento importante) + envolvimento de todos os profissionais da escola + participação dos pais (algo que ainda não conseguiu). Trabalho como um processo (acompanhar até os encaminhamentos) e todas as disciplinas devem estar envolvidas.
Sobre o preparo dos educadores	Levantamento sobre o preparo e as angústias deveria ser feito na escola com os professores. Sentimento de impotência, não preparo, incapaz de trabalhar o tema sozinha, existe pouco tempo. O preparo teórico do professor deve ser feito por um psicólogo da área.
Instrumentos facilitadores	**Música** "O meu guri" (Chico Buarque); **disciplinas escolares** e **filmes** para a sensibilização ao tema da morte. Empatia varia com o professor.
A morte nas disciplinas escolares	**Literatura** (Álvares de Azevedo). **Redação** de um aluno sobre a morte (preocupação da escola e contato com a mãe): observação do comportamento deste aluno (isolamento e agressividade) e encaminhamento para a universidade (este caso extrapolou papel da escola). **Química** trata da vida. **Filosofia** fala sobre a ética. Todas as disciplinas deveriam abordar a ética, a paz e a vida. **Ensino religioso** trabalha com valores.
Quando abordar o tema da morte na escola?	Todos os dias existem motivos para abordar o tema da morte com os jovens em qualquer disciplina.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Adora trabalhar com jovens. Adolescentes de hoje inseridos numa nova família que delega funções para a escola: ausência dos familiares em casa e na escola, diálogo com a incerteza, falta de informações (por ex. sobre drogas, aborto, DST) e pouco diálogo com a família. Inquietações atuais dos jovens: confronto com o grupo (medir força ou beleza); distanciamento da família: permissividade X relação de poder com acolhimento; decepção com o mercado de trabalho, impossibilidade de ensino superior. Tema da morte muito presente na vida dos jovens: falta maturidade e equilíbrio para lidar com as mortes concretas e simbólicas. O adolescente é um *"otimista"*, acha que vai mudar o mundo. Só traz o tema da morte quando perde um amigo: esperança X desilusão.
A busca pela vida na escola	Violência: trabalhos com enfoque na vida e na paz (solidariedade, companheirismo, humanidade, valores). Projeto de preservação do patrimônio e muro para exercer criatividade. Hoje há uma proximidade maior com os professores. Adolescentes gostam de se expressar. A escola tem que ser prazerosa.

	Professores: relação de poder com acolhimento e limites (desafio de aprender, respeito às idéias no planejamento das aulas, superação possível, apoio às dificuldades).
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Educador pode interferir na autoestima do jovem e na sua sensação de segurança. Para isso ocorrer, é necessário mais tempo para o educador escutar este aluno e mais apoio da família. *"A escola não pode fazer tudo sozinha".*

2. FERNANDA

O papel da educação	Espaço de acolhimento que leve ao conhecimento (de si próprio, do outro, da cultura humana e das artes). Ajudar o aluno a se encontrar e encontrar o outro. Busca pela felicidade.
A educação e o tema da morte	Perda do acolhimento, do desejo de aprender. Morte da expectativa do jovem em relação à escola: *"morte do conhecimento"*. Metáfora com a Pedra de Sísifo[39] (obstáculos com movimento e desafios).
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Sem definição única, visões pessoais muito diferentes (assim como o significado da vida e do amor). Luto na cultura ocidental pode ser um trauma. Banalização da morte (homem como objeto, sem identidade, a vida passa a não ter importância). Morte da cultura e da literatura. Cita tema da violência: sentimento de prazer, não valorização do ser humano, aquele que mata é visto como "herói".
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Alunos enlutados:** perda de colegas por acidente. Educador trabalhou com a classe através de técnicas de sensibilização e de comunicação. Esta classe se transformou totalmente, os alunos se tornaram mais quietos, pensativos e sensíveis. Intensidade também pela ocorrência, ao mesmo tempo, da morte simbólica pela conclusão do Ensino Médio. Preparo de texto sobre a morte e trabalho com os alunos (inspirado no livro "Amor de Perdição" – Camilo Castelo Branco e discussão da letra de música "Construção" – Chico Buarque)
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Bullying:** ausência de comunicação entre alunos e entre os alunos e os educadores; violência verbal e moral; situações de isolamento dos alunos no ambiente escolar; afastamento do jovem do conhecimento *("o aluno se fecha em si mesmo")*. Tolerância aos deficientes físicos. Difícil para escola lidar com as situações de bullying: necessário trabalho com a autoestima do aluno, atenção do professor, grupos pequenos, diversificar atividades *("protagonismo juvenil").* **Separação de familiares** (por viagens), **ausência de diálogo** – grande perda na adolescência, medo de ficar longe dos pais.

[39] Por toda a eternidade Sísifo foi condenado a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força irresistível. Por esse motivo, a tarefa que envolve esforços inúteis passou a ser chamada "Trabalho de Sísifo". Sísifo tornou-se conhecido por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Tratava-se de um castigo para mostrar-lhe que os mortais não têm a liberdade dos deuses. Os mortais têm a liberdade de escolha, devendo, pois, concentrar-se nos afazeres da vida cotidiana, vivendo-a em sua plenitude, tornando-se criativos na repetição e na monotonia.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADsifo

	Saída da escola (expectativas diante da vida, medos, perda dos amigos)**; Perdas amorosas** (dor insuportável) – o aluno se abre para o educador "receptivo" (professor, coordenador, diretor, auxiliares). Os pais podem participar deste processo.
A escola, o adolescente e as mortes escancaradas	Alunos trazem para a sala de aula discussões sobre mortes de crianças e jovens abordadas pelos meios de comunicação (por ex. Caso João Hélio-RJ[40]). Adolescentes fazem crítica à mídia (cenas de sofrimento acompanhadas do Big Brother). Espaços para discussão na escola (com educadores e colegas) e na família vistos como importante, buscar motivos. *"Morte cultural e da sociedade"* derivando das mortes escancaradas: não valorização da vida.
A escola deveria abordar o tema da morte?	Sim, faz parte da vida e do conhecimento do jovem. As escolas deveriam abordar as *várias mortes:* concreta, simbólica, escancarada e acrescentou a morte cultural.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Qualquer profissional sensível ao tema da morte. O mais preparado é o psicólogo. Ideal que seja um profissional inserido na escola (por ter maior proximidade com os alunos). Há na escola o professor de psicologia.
Sobre o preparo dos educadores	Educador deve ter um conhecimento para além das disciplinas (tema da morte é muito amplo, perpassa as áreas da arte, da estética, da História, da psicologia, da sociologia, da filosofia). Ao discutir o tema da morte aparece o sentimento de medo que deve ser trabalhado com/entre os alunos. As próprias experiências de morte do educador podem ajudar (talvez mortes não recentes). Escola só se preparou para abordar o tema quando ocorreram mortes de alunos (houve reunião sobre como agir em sala de aula). O ideal é ocorrer um preparo anterior à perda de um aluno (prevenção).
Instrumentos facilitadores	Trechos de **filmes**, **propagandas**, **músicas**, **telas**, **notícias e fatos atuais** da mídia, recursos que suscitem o interesse dos jovens (importante expressão dos sentimentos). **Música** "Construção" (Chico Buarque).
A morte nas disciplinas escolares	**Português, Literatura, Redação**: *"escrever sobre o que está sentindo"*. **Biologia**: abordar a morte de um feto. **Artes, Filosofia, História**: expressão sentimentos dos jovens. Compartilha suas aulas com os professores de outras disciplinas. Tela sobre o homem do Renascimento. Poesia "Mors Amor" (Antero de Quental),

[40] O menino João Hélio Fernandes Vieites, de apenas 6 anos, morreu após ser arrastado por mais de sete quilômetros, preso ao cinto de segurança do carro onde estava, no bairro Oswaldo Cruz, Zona Norte do Rio, em fevereiro de 2007. O crime ocorreu durante um assalto. A mãe, uma amiga e a irmã de 13 anos de João conseguiram escapar, mas o garoto ficou preso ao cinto quando os assaltantes arrancaram com o carro.

	"Rapunzel", "Romeu e Julieta" (Shakespeare), "Amor de Perdição" (Camilo Castelo Branco): *"assim como o amor, a morte não tem definição"*.
Quando abordar o tema da morte na escola?	Nos momentos que fizer sentido para o educador; durante as atividades pedagógicas e a partir de situações ocorridas e relacionadas às várias mortes.
Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador	Limitações do educador: não há preparo específico para situações de luto. Limitações do educador para lidar com mortes concretas e simbólicas vividas pelos alunos (perdas recentes). Há professores que por motivos semelhantes de perdas ou mortes se *"fecham"* para o aluno, não conseguem ver o outro, se sentem inseguros para abordar o tema. Nestes casos é melhor nem tocar no assunto. As próprias experiências de mortes do educador podem ajudar no trabalho com os alunos (talvez mortes não recentes).
A participação da escola nos rituais	*Protagonismo juvenil* (liberdade para o aluno poder se expressar para os professores e a direção)*: "é importante o jovem poder dizer o que está sentindo, tomar a frente. Então, faleceu o amigo dele de classe e ele poder dizer: quero ir à missa. Então professora, hoje nós vamos nos reunir e vamos ao culto".*
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Pouco diálogo e presença da família (carência emocional); alunos buscam escuta e conselhos amorosos do educador. As várias mortes que os jovens mais expressam: medo de perder namorado(a); expectativas após saída da escola; separações; medo da ausência física dos pais; medo da violência. Morte inicialmente um tema distante. Quando ocorre morte próxima, há um medo muito forte e expressam sentimentos. Estes são mais intensos quando ocorrem várias mortes ao mesmo tempo (concretas e simbólicas). Ao mesmo tempo em que têm mais liberdade, eles têm mais responsabilidade (3º ano Ensino Médio).
A busca pela vida na escola	Jovens têm necessidade de expressar sentimentos. Educadora possibilita espaços, sensibiliza, explora vários canais de comunicação, dá oportunidades. *"Protagonismo juvenil"*: às vezes é o próprio aluno quem encaminha as idéias de atividades: *"aluno como sujeito do processo educacional, protagonista da sua vida".* Disponibilidade do educador para ouvir o que os jovens têm a dizer (em sala de aula ou individualmente). Movimento de abertura e diálogo com os alunos. Acolhimento do aluno: olhar para ele e ele poder olhar para si mesmo e para o outro, devolver este olhar. Os jovens normalmente expressam seus sentimentos. Quando não se abrem, às vezes é

	necessário encaminhar para a terapia.
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Os jovens valorizariam mais o espaço escolar e os educadores. Haveria mais respeito com os outros alunos, mais espaço para o jovem falar de si, da vida e da morte. Jovem poderia perceber que os professores se preocupam com eles e que eles fazem parte da construção da História, deste contexto e que podem deixar suas contribuições. Com a maior valorização deste espaço e com o acolhimento poderia haver melhora também do rendimento escolar. *"Este espaço é muito bem vindo".*

3. ANDRÉA

O papel da educação	Ensinar os conteúdos historicamente acumulados pela humanidade e, a partir daí, construir conhecimentos novos. Crítica à mudança de papel da escola, como assumir a educação familiar. Qualidade ruim da escola, por falta de tempo e por assumir papéis que não deveriam ser de sua competência. Tarefas deveriam ser compartilhadas com outras instituições (assistência social e secretaria da cultura).
A educação e o tema da morte	Percebe relações entre os temas. Necessário o trabalho interdisciplinar e uma visão mais holística do mundo. Ninguém ensina o professor: não faz ou faz mal feito. Necessário reforma curricular para aumentar tempo de cada aula. *"A maneira mais eficiente de influenciar os jovens é através do conhecimento. A partir deste chegamos à História do adolescente".*
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Tema da morte como um dos temas mais presentes nos vários meios de comunicação gerando medo, insegurança, consciência dos riscos, ameaça da morte (violência e saúde): *"as pessoas falam sobre isso a todo momento e em todos os lugares".*
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Morte de aluno por adoecimento:** com melhora temporária, este aluno quis retornar à escola. Após falecimento situação provoca choque, impotência, desilusão com a vida, medo e percepção que a morte está próxima. Morte também atinge os jovens, indignação dos colegas e da professora com a postura da escola: "*um aluno da escola que morreu e não houve nenhum vínculo da escola com essa morte, com a situação da família".* A escola poderia ter dado mais apoio à família, ter participado dos rituais e ter agido no esclarecimento da doença (meningite) para os outros alunos.
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Alunos com familiares hospitalizados:** expressam seus sentimentos no contexto escolar, mas educadores têm pouco tempo para ouvi-los. Situações de exclusão e humilhação ocorridas no contexto escolar: **higiene dos alunos e alcoolismo** (às vezes decorre em abandono da escola). **Adoecimentos e Acidentes:** por ex. atropelamentos de alunos (por conta da excessiva carga horária de atividades): pode decorrer em abandono da escola, dos estudos, da esperança. São grandes perdas na vida do jovem. Tentativa de cuidados da educadora X pressão da direção (não tratamento individualizado do aluno, ameaças de perder a vaga, questões econômicas da escola).
A escola, o adolescente e as mortes	Jovens têm acesso às informações apelativas, ficam

escancaradas	"chocados" e levam notícias para discussão em sala de aula. Educadores não dão espaço para discussões (pouco tempo de aula e não planejamento da atividade). Percebe a importância dos jovens expressarem seus sentimentos, mas isso efetivamente não ocorre na prática.
A escola deveria abordar o tema da morte?	As várias mortes são temáticas pertinentes de serem discutidas na escola. Falta de preparo do educador. Critica preconceito dos professores com novas temáticas inseridas na escola: não reflexão sobre a função social, as necessidades atuais dos jovens e as relações com os conteúdos ensinados. Necessidade de reestruturação do currículo, ponte entre a teoria e a prática. Atualmente, não há espaços para o tema da morte dentro do contexto escolar, mas é visto como necessidade na vida dos alunos. Crítica à escola: falta de valorização de temas mais importantes a serem inseridos. Há espaço para inserção do tema da morte no contexto escolar. Importante incluir os pais e a comunidade. Outros temas: valores, civilidade, meio ambiente, sexualidade, saúde e violência dentro do trabalho com os conteúdos.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Professores ou coordenadores pedagógicos que estivessem em formação permanente, mas estes ainda são poucos.
Sobre o preparo dos educadores	Falta de preparo do educador: ou não consegue dar conta das novas temáticas ou abandona o papel de ensinar os conteúdos pedagógicos com a cobrança posterior da família. Crítica à "metodologia da transversalidade". Pondera sobre a qualidade de discussão destes temas com os jovens (pela família, pela mídia). Necessidade de reformulação do currículo escolar, tempo de aulas. Há falta de mobilização. Deveria haver estímulos e cobrança de resultados. Propor cursos de formação em parceria com universidades e secretarias de educação e oferecidos no horário de trabalho. Necessária formação continuada e turmas pequenas com vínculo e comprometimento.
Instrumentos facilitadores	Tema da morte relacionado aos conteúdos escolares das **disciplinas**. Educadores não gostam de ler livros e vídeos devem ser voltados para o trabalho do professor, deve fazer sentido. **Apostilas didáticas** com atividades bem especificadas: disciplina a ser desenvolvida, tempo de duração, perguntas, discussões etc. Não contar com a escola para viabilizar estas ações. Atividades devem estar previamente especificadas e detalhadas. Discussão de **filmes** sobre as *várias mortes.*
A morte nas disciplinas escolares	**Ciências:** corpo humano, sexualidade na adolescência, papel da alimentação, qualidade de vida, poluição. Espaço para tirar dúvidas.

	Abordagem do tema da morte através do próprio material didático do professor. Deve haver uma citação explícita dos temas a serem abordados junto a um projeto de realização de atividades com os alunos: projeto de leitura, de discussões, produção de textos. Sugestão de análise do material didático adotado pelas escolas: pesquisar como o tema da morte pode estar contemplado nestes instrumentos, como por ex., os livros sobre adolescência mais adotados pelas escolas atualmente.
A participação da escola nos rituais	Escola deveria ter participado dos rituais após a morte de um aluno por adoecimento. Dar apoio à família. Ficou chocada com a falta de vínculo da escola.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Há dois tipos de adolescentes: *a)* alienado, sem consciência da morte, dos comportamentos de risco (por ex. drogas, sexualidade, gravidez, influência do grupo). Medo da morte só relacionado à violência; *b)* trabalhador; tem medo da morte e do sofrimento da perda de pessoas queridas; tem consciência dos riscos vinculados à saúde e valorizam as discussões que ocorrem na escola.
A busca pela vida na escola	O trabalho sobre a morte deveria ser realizado nas salas de aula. Os alunos gostam de discutir as várias temáticas extracurriculares que deveriam ocorrer com mais freqüência nas escolas. O educador não deve adiantar suas respostas ou dar conselhos prontos.
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Escola poderia fazer uma crítica à visão de morte incentivada pelos meios de comunicação e que podem estar contribuindo para a alienação dos jovens em relação ao tema da morte (morte vista como ficção, mito, e jovem visto como imortal). Educadores poderiam dar espaço para esta discussão, conhecimento construído com os jovens. Sentimentos poderiam ser trabalhados no contexto escolar. *"Eu imagino que para uma minoria dos jovens, isso possa resultar numa reflexão importante, há muita influência do mito e da ficção".*

4. CAMILA

O papel da educação	Formar cidadãos críticos, humanos, autônomos, que possam refletir por si só e que tenham acesso/direito ao conhecimento.
A educação e o tema da morte	Educar para a morte, para o amor e para a vida. É uma relação intrínseca: *"não tem como falar da vida sem falar na morte".* Literatura: amor e morte como sentimentos intrínsecos ao ser humano. Para educar seres humanos é preciso falar de amor e de morte. E amar é perder: *"a vida da gente é repleta de perdas. Você não pode pensar no alcance da felicidade de forma linear. A perda é uma constante".*
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Alunos enlutados:** deixa as atividades de português, naquele dia, como optativas, mas o aluno faz como forma de respeito e gratidão: *"eu não acho a minha aula mais importante do que a dor dele".* Redação de uma aluna sobre mudanças de comportamento devido à dor da perda de um ente querido. Receio de provocar sofrimento nos alunos. Deixa que eles a procurem para conversar. O tema da morte vem à tona na escola para justificar a indisciplina de um aluno (mortes concretas e simbólicas). **Morte dentro da escola:** atropelamento de duas alunas na saída para um passeio organizado pela escola – uma faleceu e a outra ficou gravemente ferida: grande mobilização. Sentimento de impotência e choque por não poder evitar a morte. Inicialmente não queria voltar para a escola e nem olhar para os alunos: *"não dava para fingir que aquilo não estava acontecendo".* Trabalho com os alunos (reza: espaço criado junto com os alunos). Dor em vê-los sofrendo durou meses, ela precisou se afastar da escola: *"a gente nunca deve dizer uma coisa que não está sentindo para os alunos".* Sofrimento dos outros professores (passaram a tomar remédios psiquiátricos, deixavam expostos como forma de manifestação do luto): *"eu não posso falar, mas o remédio fala por mim".*
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Perdas amorosas, traições** (alunos pedem conselhos). **Acidentes de alunos (afastamento da escola, perda dos amigos)**: *"o mês inteiro passou e ninguém da escola foi visitá-la ou levar lição. Estava rolando um tabu".* Professora promove visita com outros alunos (escrevem cartas, expressam sentimentos). Escola quis reprovar a aluna: *"não custava nada levar umas lições para ela fazer".* **Anorexia:** *"a morte está ali, pode acontecer a qualquer momento".* Desperta sentimentos nos outros

	alunos. **Morte dentro da escola** (atropelamento de duas alunas na saída para um passeio organizado pela escola – uma faleceu e a outra ficou gravemente ferida): grande mobilização para ajudar aluna hospitalizada. Perda: ausência da escola. Professores ajudaram com cestas básicas. **Automutilação:** pedido de ajuda, contato com os pais e encaminhamento. Tabu, interdição, "falta de coragem": professora não conseguiu compartilhar seus sentimentos (por ex. raiva), mas estabeleceu vínculo com aluna. **Separação dos pais:** é o tema mais citado pelos jovens. **Alunos deficientes** **Bullying escolar:** necessária participação dos pais, mas é difícil abordar estes casos. Mortes simbólicas: perda da amizade, de relações saudáveis, discriminações. É complicado justificar indisciplina pelas mortes concretas e simbólicas.
A escola, o adolescente e as mortes escancaradas	**YouTube** (cenas de violência, acidentes, suicídios). Alunos fazem comentários com risadas e ironias (diferente da morte de pessoas com vínculos). Comentam mortes públicas exibidas na televisão (Caso Isabella[41]), mas há um distanciamento: *"o assunto da mídia não mexe com as emoções".*
A escola deveria abordar o tema da morte?	Sim, para que a escola aborde o tema da morte alguns cuidados são necessários: formação de professores e estar disponível para o sofrimento dos alunos. Função do professor enquanto cuidador. A escola é aberta ao tema da morte (necessário esclarecimento). O aluno também tem que dar a situação de morte como facilitadora : *"eu acho que a morte dentro da escola deve ser trabalhada por mais que doa, nem que seja sofrer junto, compartilhar, tem que acontecer de certa maneira".*
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Aquele que estiver mais disponível.
Sobre o preparo dos educadores	Professores precisam estar disponíveis para o sofrimento dos alunos. Função do professor como cuidador. Necessário embasamento teórico e postura crítica. Liberdade de escolha para abordar o tema: já levou matéria da Folha de São Paulo sobre como falar de morte com crianças.
Instrumentos facilitadores	**Filmes, televisão, jornal, música, fotos, imagens, pinturas.** Riscos e cuidados: não fazer a experiência de um aluno como tema da aula, a não ser que ele queira.

[41] Caso muito divulgado pela mídia em 2008. A menina Isabella Nardoni de 5 anos foi jogado do 6º andar do seu prédio, falecendo no mesmo dia. O pai e a madrasta da menina são os principais suspeitos do crime.

	"A morte está presente no dia a dia da sala de aula, nas disciplinas, o tempo todo".
A morte nas disciplinas escolares	**Literatura:** trabalha o tempo todo com a morte, a vida, o amor e outros sentimentos: *"tudo o que está na sociedade está nos livros, é ilusão você achar que não fala de morte, os personagens morrem".* Poemas e autores citados: "A um ausente"; "A morte a cavalo" (Carlos Drummond de Andrade); "Visita" (Ferreira Gullar); Cecília Meirelles; Ana Cristina César; Fernando Pessoa; "Anatomia da depressão – louco no oco sem beiras" (Frederico Barbosa); "Memórias póstumas de Brás Cubas" (Machado de Assis); "A terceira margem do rio"; "Fita verde no cabelo"; "A menina de lá" (Guimarães Rosa): *"tem várias coisas lindas sobre a morte".* Livros infantis e juvenis: "Menina Nina" (Ziraldo) **Redação** sobre como foi perder alguém significativo. Redação sobre as "férias" apareceu várias perdas (concretas e simbólicas). Disponível para os alunos a procurarem para conversar, respeito ao tempo. Receio da sua curiosidade se transformar em sofrimento para o aluno. Projeto de Redação sobre biografia e autobiografia. **História:** a linha do tempo engloba a morte, as guerras e as disputas políticas. **Geografia:** fome e miséria no mundo. **Educação artística:** morte da arte ou falar sobre a vida do pintor. **Biologia:** sexualidade e prevenção. Necessário trabalhar as relações afetivas. **Ciências:** ciclo da vida e cadeia alimentar. **Filosofia**
Quando abordar o tema da morte na escola?	Inserção nas atividades pedagógicas, basta o educador querer discutir. Atividade deve ser optativa e sem premiações. Em momentos que ocorressem situações relacionadas à morte no contexto escolar.
Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador	Trabalho com a morte no dia de Finados: educador tem que estar disponível para acolher sentimentos, não pode ser um dia que ele não esteja bem. Caso anorexia: não se sentiu capaz de ajudar aluna, pois também considera que tem um transtorno alimentar (obesidade). Pediu ajuda para outra professora. Necessário encaminhamento (escola normalmente só se preocupa com os alunos indisciplinados): *"isso tem a ver com a concepção de morte (...) a morte iminente sendo tratada com um descaso total".* Trabalho com poema "Visita" (Ferreira Gullar) que tem relação com a sua História de vida (perda de um grande amigo), mobiliza emoções: *"talvez porque mexa comigo e eu consiga transmitir isso para os*

	meus alunos". Considera importante compartilhar com os alunos experiências pessoais: *"isso ajuda mais do que qualquer coisa".*
O dia de Finados na escola	Fez atividade optativa no dia de Finados e os adolescentes gostaram de falar sobre a morte, talvez porque ninguém fale com eles sobre este tema explicitamente. Leitura de livro infantil e redação sobre como foi a perda de alguém significativo. Receio em suscitar *"sentimentos negativos"* e não conseguir acolher 40 alunos em 50 minutos, não ter tempo para cuidar: *"você tem que estar preparado para lidar com isso (...) a sala de aula é o lugar do inesperado, você pode ferir alguém".*
A participação da escola nos rituais	**Caso de morte dentro da escola** (atropelamento de duas alunas na saída para um passeio organizado pela escola tendo uma delas falecido). Houve grande mobilização: festa junina arrecadou dinheiro para os rituais funerários da aluna.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Adolescentes se interessam pelo tema da morte, mas não têm com quem falar sobre o tema que é visto como tabu. Por isso eles cobram este espaço na escola, querem compartilhar.
A busca pela vida na escola	O espaço para trabalhar com o tema da morte na escola é o educador quem faz (assim como a interdição). Sempre falou de morte com seus alunos; familiares e direção nunca reclamaram. Necessário: seriedade e competência. O aluno também tem que dar a situação de morte como facilitadora.
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Alguns adolescentes vão refletir sobre o tema de uma forma distante e defensiva. Outros serão tocados com a discussão. Depende mais do adolescente do que do educador.

5. TELMA

O papel da educação	É a base humana, o limite, poder explorar e conhecer o novo e a si próprio. É aprender a se relacionar. Educação para além das disciplinas.
A educação e o tema da morte	É uma relação intrínseca. A educação não dá o valor devido, não tem consciência que a morte está no cotidiano. O tema da morte deveria ser primordial na escola: *"se déssemos o devido valor para a morte, trabalharíamos muito melhor a vida".* Desmistificar a morte é uma forma de libertação das pessoas de crenças errôneas. É poder conhecer o desconhecido.
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Fala-se pouco e superficialmente sobre a morte. É vista como algo *"invisível"; "chega só até a casa do vizinho; é vergonhosa, silenciosa, as pessoas fogem e disfarçam".* Nos velórios as pessoas não querem sentir a dor do outro, isso implica em se aproximar da própria morte. A morte é pouco explorada, sentida e permitida na nossa sociedade.
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Morte de um aluno:** silêncio causado por uma professora que não conseguiu abrir um espaço para discussão de sentimentos (por ex: saudades, raiva, tristeza). Lugar ocupado pelo aluno em sala de aula fica vazio (respeito, medo, "sensação estranha"). O "vazio" aumenta com o silêncio. Educadores não falam sobre a morte com os alunos porque este tema dói neles. Com isso, alunos se sentem sozinhos. Necessário: *empatia* e *confiança* no ambiente escolar. **Amigos do Zippy:** trabalho com alunos nas várias situações de morte (por ex. respeito aos enlutados e apoio aos familiares). **Alunos enlutados:** poder sofrer ao lado de amigos e educadores, poder expressar a sua dor.
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Perdas amorosas, separação dos pais.** Mortes simbólicas causam "sintomas" e mudança de comportamentos (silêncio, irritação, variação de humor). Isso causa conflitos na relação entre alunos e educadores: *"a distância do encontro dos sentimentos (entre educadores e alunos) é uma morte simbólica".* Educadores não exploram as situações de **humilhação** que ocorrem na escola.
A escola, o adolescente e as mortes escancaradas	Violência: tema muito presente para os jovens, medo associado de perder a vida. Questão do poder associado àquele que mata, necessário para a permanência no grupo. Os jovens satirizam alguns casos presenciados através da televisão, não se estimula uma discussão sobre o próprio valor da vida deles. Os educadores não exploram os sentimentos provocados, não trazem casos para a realidade dos jovens.
A escola deveria abordar o tema da	Sim, principalmente com alunos adolescentes. Mas

morte?	cada educador tem o seu limite, escola tem que explorar este aspecto. Escola poderia ajudar na preparação para a morte. *"Pensar sobre a morte é ter uma vida com mais qualidade".* Mas, tema da morte na escola ainda é um tabu. Citou também o tema da sexualidade.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Professor (aquele que tem uma maior afinidade com o aluno, mais sensível, mais aberto) + orientador educacional, coordenador pedagógico ou ajudantes. Importante não estar sozinho na realização das atividades. Importante formar uma equipe dentro da escola para ocorrer um "equilíbrio" na discussão.
Sobre o preparo dos educadores	Percebe uma resistência dos professores. Tema da morte deve ser tratado na sua realidade, como um processo natural da vida. Mostrar as vantagens deste preparo e deixar que educadores expressem sentimentos e sua História pessoal.
Instrumentos facilitadores	Abordar tema de forma lúdica para os alunos poderem visualizar. **Filmes, livros, desenhos, marionetes.**
A morte nas disciplinas escolares	**Biologia:** sexualidade, amadurecimento de frutas e a abordagem do tema da morte.
Quando abordar o tema da morte na escola?	Atividades devem ocorrer de maneira periódica. Trabalho preventivo.
Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador	Professores não falam sobre a morte de um aluno porque este tema dói neles. **Amigos do Zippy:** no início há uma resistência muito grande dos professores em falar sobre a morte. Educador não deve estar vivenciando o luto, atividade deve ser optativa. No momento que sua mãe estava na UTI não conseguiu abordar o tema com seus alunos. Importante também educador não estar sozinho durante estas atividades.
A participação da escola nos rituais	**Amigos do Zippy:** atividade de visita ao cemitério para desmistificar a morte. Explora-se as Histórias das pessoas falecidas. Os alunos aprendem a respeitar mais o outro e a si mesmo. Quebra de preconceitos dos educadores, alívio, esclarecimento para os alunos e momento de despedida.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	A morte está ao mesmo tempo muito próxima e muito distante para o adolescente: sentimento de onipotência, corre muitos riscos (por ex. direção perigosa, roleta russa, uso de drogas excessivo, má alimentação). Jovens desafiam a morte, "esquecem" que ela é universal. Algumas mortes são vistas sem importância, perdem sentimento de indignação. A escola tem que preparar estes adolescentes, trabalhos de prevenção são vistos como importantes, explorar as escolhas de vida dos jovens.
A busca pela vida na escola	Diminuir distância entre educadores e alunos pela escuta, pela voz acolhedora, pelo olhar. Poder se colocar no lugar do aluno. Falta tempo ao professor.

	Importante deixar o aluno perguntar, esclarecer dúvidas.
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Os adolescentes teriam mais consciência de si mesmos, do próprio valor e de quem está em torno dele. Trabalhos de prevenção com a morte e compartilhar sentimentos promovem o fortalecimento do jovem, melhoram o relacionamento familiar. Trabalho com as mortes simbólicas melhoraria autoestima dos adolescentes. Educadora também se transforma nestas atividades: *"é terapêutico, penso nas minhas mortes concretas e simbólicas".* Familiares contam mudanças de comportamento dos filhos durante rituais, por exemplo: expressão de sentimentos e apoio do adolescente à família no momento de uma perda.

6. ARMANDO

O papel da educação	Reflexão sobre o que acontece no cotidiano, sobre a relação com as pessoas e as próprias ações. Em muitas escolas há a "mecanização de valores". Importante construir bases e pontos de referência.
A educação e o tema da morte	A morte faz parte do cotidiano e o aluno não reflete sobre isso. Percebe a relação com a educação e enumera as disciplinas escolares que trazem o tema da morte.
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Há uma desvalorização da morte na nossa cultura. A morte deixa o ser humano impotente. Por isso maioria das pessoas não pensa na morte. A experiência de morte do outro provoca um abalo pessoal. A morte que é exibida na TV tem muito mais impacto para o jovem do que a morte que acontece perto da casa dele. Ocorre uma banalização das mortes de pessoas que fazem parte de uma camada inferior da sociedade. Homenagem somente às pessoas tidas como importantes na sociedade (por ex. políticos ou pessoas com posses). Repertório de desvalorização faz parte da visão de morte na sociedade. Esta visão é reproduzida nas escolas, nos livros de História, por exemplo, e isso influencia os adolescentes.
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	Professor comenta com alunos **experiência pessoal de perda** de um amigo próximo (alunos iniciam reflexão). **Aluno enlutado –** professor se questiona: *"o que poderia ter feito? Fui a casa dele (junto com outros alunos) e demos os nossos cumprimentos".* Não saber o que dizer, qualquer fala parecia ser inútil. A morte deixa o ser humano impotente. Sentiu-se morrendo um pouco com a dor do seu aluno. Tentou ser um ponto de referência para ele. Escolas públicas do Estado: **mortes por tráfico de drogas e acidentes de carro** (estas mortes não são refletidas na escola pelos educadores, viram estatísticas): *"se o aluno escolheu se envolver com drogas que ele descanse em paz e acabou, é um a menos".* Professores só estão preocupados em ganhar o seu salário no fim do mês, não são pontos de referência para os alunos.
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	Ao longo da vida vamos perdendo referências, morremos junto com o outro. O aluno não tem pontos de referência dentro da escola. **Ausência dos pais:** gera uma falta de pontos de referência e um impacto na visão de morte do adolescente. Alunos 3º ano Ensino Médio: **perda de contatos, pontos de referência** com outros alunos e professores. Há festividades no último dia de aula, é um rito de passagem importante (sair da escola para a

	vida adulta). **Ganhos:** o mundo do jovem se torna maior, possibilidade de novas amizades, novas relações, novas experiências, novos conhecimentos. Em alguns alunos, há a sensação de liberdade. Não há formatura em escolas públicas: rito de passagem pouco trabalhado. Importante: despedida e reflexão sobre os ganhos com os alunos. As mortes simbólicas levam os jovens à reflexão sobre a valorização da vida.
A escola, o adolescente e as mortes escancaradas	Comoção nacional com o caso da morte da adolescente Eloá[42] atinge os alunos: *"o que a TV fala é real e o que os alunos vivem parece que é imaginário, tem menos impacto, as mortes próximas são banais. O mundo, os valores estão invertidos".* Alunos comentam sobre mortes violentas exibidas na TV e em filmes: *"morte como espetáculo, ser humano descartável".* Professor tenta provocar esta consciência nos alunos. Escola não desenvolve esta sensibilidade nos alunos, imita-se a estrutura social e a inversão de valores.
A escola deveria abordar o tema da morte?	Sim, o tema da morte faz parte do cotidiano do ser humano e deveria ter uma abordagem filosófica, sociológica e literária na escola. Tema não é muito abordado na prática.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Professores da área de humanas (Geografia, História, filosofia, português). Necessária coordenação entre as disciplinas e atuação do coordenador pedagógico. Este normalmente mais voltado para as questões burocráticas ao invés das questões educacionais.
Sobre o preparo dos educadores	A maioria dos professores não tem um preparo adequado para trabalhar os vários temas que envolvem a morte. Limites para um melhor preparo: excessiva carga horária de trabalho, salários baixos em escolas públicas, descoordenação da direção da escola. Necessário a valorização dos professores. Rever formação humanística do professor na graduação. Universidades particulares: ensino mecanizado. Curso de Letras (USP) há disciplinas que trabalham temática da morte. Isso leva a uma maior segurança para o educador trabalhar a morte em sala de aula.
Instrumentos facilitadores	Ilustrar o tema da morte com **quadros, pinturas, músicas** ("Construção" Chico Buarque). Já trabalhou com os alunos a idéia de desvalorização da morte com esta música.
A morte nas disciplinas escolares	**Literatura:** "Cemitério Pernambucano" (João Cabral de Melo Neto); "Consoada" (Manuel Bandeira) – proximidade com a idéia da morte.

[42] Evento com repercussão nacional e internacional, por este ter sido o mais longo caso de cárcere privado da História do Estado de São Paulo. Em outubro de 2008, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi seqüestrada durante 100 horas pelo ex-namorado Lindemberg Alves Fernandes, 22 anos, em Santo André, Grande São Paulo. A garota foi assassinada no desfecho do crime.

	"As palavras organizam o mundo, provocam sensações". "Um poema sobre a morte não pode ser apenas lido, é necessário refletir". Outros poemas e autores citados: "Redundâncias" (Ferreira Gullar); "Poemas em conjuntos" (Alberto Caeiro); "Perguntas de um trabalhador que lê" (Bertold Brecht); Álvaro de Campos; Fernando Pessoa. **Geografia:** trabalho com dados estatísticos atenuando o impacto das mortes. Necessária reflexão com os jovens sobre a causa destes dados. **História:** seria importante reflexão com os alunos sobre os trabalhadores (por ex. sobre quem construiu as pirâmides do Egito ou o Taj Mahal e sobre os escravos) – sua valorização na História e o valor destas vidas perdidas. Aquele professor que não valoriza estas mortes vai passar esta visão de sociedade para os adolescentes (que somente as pessoas mais ricas e poderosas são importantes). Importante *coordenação entre as disciplinas* para se trabalhar temática da morte na escola. Por ex. durante um bimestre ou um semestre os vários professores da área de humanas poderiam trabalhar com a morte dentro da sua disciplina.
Quando abordar o tema da morte na escola?	Abordar o tema da morte como parte das disciplinas. Trabalho preventivo: preparar o aluno para uma maior sensibilidade ao tema quando a morte fizer parte da sua experiência de vida.
Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador	Professor analisa em aula poema "Consoada" (Manuel Bandeira). Este material traz a idéia e o medo da morte como algo que não se pode enganar. Neste dia estava sob o impacto da morte de um amigo e fez a reflexão sobre a valorização da vida. Limite pessoal: ir ao cemitério (impacto em perceber ali Histórias enterradas, não quer perder pontos de referência).
A participação da escola nos rituais	Limite pessoal: não consegue ir ao cemitério. São poucos os educadores que vão ao enterro de um aluno com os outros adolescentes e levam a reflexão por ex. sobre o uso de drogas.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Distanciamento da idéia da morte. Os jovens acham que valorizar a vida é transformá-la em algo passageiro perdendo até o sentido da morte. Não pensam sobre o que estão fazendo com a própria vida, vivem o momento, sem reflexão. O jovem vive sem criar pontos de referência, sem se apegar ao outro, suas relações são passageiras. Mortes próximas podem ser vividas de forma banal: *"é mais um que morreu"*. O adolescente não sabe qual é o real sentido da liberdade. Para muitos educadores o adolescente é uma

	"geração perdida". Adolescentes de hoje não têm os pais muito presentes. A ausência de pontos de referência tem um impacto na visão de morte.
A busca pela vida na escola	A juventude deve pensar sobre a questão da morte para saber valorizar a vida. Os alunos deveriam valorizar o outro, seus atos e suas próprias perdas. Pensar sobre a morte é revelar a vida e tudo o que ela proporciona. Escola deveria trabalhar a noção de que a liberdade é algo a ser conquistado: *"o adolescente é livre para saber viver".* Morte simbólica enquanto educador: se sente impotente, quer ser ponto de referência para os adolescentes. Professor precisa ser sensível e se impor, provocar conflitos e autoquestionamento nos alunos. Compartilhar o tema da morte é poder ter uma visão melhor do mundo. Se o aluno se sentir desvalorizado dentro da escola, a idéia da morte também será desvalorizada.
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Os jovens valorizariam muito mais as suas raízes e cada etapa das suas vidas. Poderiam acumular mais lembranças para serem resgatadas. As experiências não seriam tão passageiras e mecanizadas.

7. MARIA

O papel da educação	Conjunto de informações, valores e conhecimentos culturais. Alunos podem escolher instrumentos para resolver seus problemas durante a vida e poder atuar e transformar o mundo: *"a educação faz o papel tanto de passagem do que já existe como a construção de uma nova perspectiva".*
A educação e o tema da morte	Percebe a relação entre os temas. A educação trata de seres humanos o tempo todo (professores, coordenadores, equipe técnica, alunos, familiares) e a morte faz parte do ciclo de vida de todos. A morte é abordada dentro da escola, por exemplo, no programa das disciplinas.
O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?	Crianças e adolescentes ficam *"mexidos"* com as mortes ocorridas na sociedade e amplamente divulgadas pela mídia.
A escola, o adolescente e as mortes concretas – *relatos de experiências*	**Morte de animais de estimação, morte de entes queridos (familiares e amigos dos jovens).** Estas perdas provocam mudanças de atitudes/comportamentos nos alunos (por ex. ficam mais tristes, sensíveis, agressivos). Em escolas particulares os pais comunicam à escola as perdas sofridas pelos alunos e os professores são avisados. A partir daí, os professores respeitam as oscilações de comportamento, as reações não esperadas e se preocupam em acolher (ser sensível, estar próximo, entender as necessidades destes alunos). Normalmente os professores estão disponíveis, mas não são todos que conseguem lidar. **Uso de drogas:** alunos falam sobre overdose, caso do ator Fábio Assunção que em 2008 assumiu ser usuário de cocaína e se internou em clínica de reabilitação para dependentes químicos. Jovens falam sobre a **morte de ídolos** (Ayrton Senna). O Brasil tem poucos ídolos. **Orientação sexual:** DST e Aids. **Atividade no dia dos pais:** se o pai é falecido, os professores se mobilizam para acolher este aluno, há uma preocupação anterior. O aluno pode presentear outra pessoa ou fazer outra atividade neste período.
A escola, o adolescente e as mortes simbólicas	**Separação de amigos; separação dos pais.** Perdas provocam mudanças de comportamento nos alunos. Discussão sobre as **perdas** decorrentes na vida de um jovem com **Aids** e seus familiares. **Alunos novos** que chegam na escola (perda dos amigos antigos, nova situação). *Estudo do meio – trabalho com perdas:* viagem com atividades de integração, convivência e esportes. **Atividade no dia dos pais:** se o pai não puder comparecer os professores se mobilizam para acolher

	este aluno, há uma preocupação anterior. **Passagem do 5º para o 6º ano** (professor deixa de ser polivalente). Perdas e separações são trabalhadas (projeto de passagem). Os professores também sentem (ela compartilha com os colegas e a orientação educacional).
A escola, o adolescente e as mortes escancaradas	Crianças e adolescentes ficam "mexidos" com as mortes ocorridas na sociedade e amplamente divulgadas pela mídia, se identificam com as Histórias (Caso Isabella e Caso Eloá, 2008). Escola abordou estes casos mesmo sem ter se preparado para isso. Temas trabalhados: violência, relações familiares. Escola judaica bastante comoção com as guerras em Israel. Violência (ataques PCC em 2006): comoção e pânico na escola e dos familiares.
A escola deveria abordar o tema da morte?	Sim, o tema da morte deve ser abordado na escola, por ex. dentro do programa das disciplinas. Outros temas citados: drogas, sexualidade, perdas, separações, doenças, ética, relações humanas, sentimentos. Os três tipos de mortes devem ser trabalhados. Nesta escola se trabalha, mas não é algo programado. A escola envolve o contato de seres humanos. No passado as funções eram divididas entre a escola (conhecimento) e a família (regras sociais). Hoje função da escola é para além do conteúdo pedagógico. Os alunos precisam entrar em contato com as perdas do dia a dia. Adolescentes de escolas particulares vivem numa *"bolha de felicidade"*.
Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado?"	Orientador educacional (psicólogo) é referência para o aluno. Coordenadores e professores disponíveis (área de humanas: português, História e filosofia parecem mais sensíveis a estas temáticas).
Sobre o preparo dos educadores	Preparo para trabalhar as mortes escancaradas (discutir juízos de valor da sociedade e do educador). Importante reunião de professores com o orientador educacional e que aqueles possam expor suas angústias, seus questionamentos. Trabalho preventivo das questões que possam surgir em sala de aula para poder ter uma postura mais ponderada.
Instrumentos facilitadores	**Fatos** dos vários meios de comunicação, **reportagens. Textos de psicologia; livros paradidáticos** (temas trabalhados: mortes, perdas, separações, doenças, ética, relações humanas, sentimentos como o medo do desconhecido na adolescência): "De repente nas profundezas do bosque" (Amós Oz); "O menino do pijama listrado" (John Boyne); "O diário de Anne Frank"; "O diário

	de Zlata"[43]. Atividades são planejadas com os professores das várias disciplinas e o orientador educacional.
A morte nas disciplinas escolares	**Ciências/Biologia:** ciclos de vida dos seres vivos, equilíbrio das populações na cadeia alimentar: *"a morte tem que acontecer".* Os alunos se chocam com a morte dos animais, refletem sobre a necessidade destas mortes. **Filosofia:** discussão sobre uso de drogas, sexualidade e valores. Filósofos que tratam a morte. **História:** as várias guerras (professora compartilha com os alunos sua experiência da Marcha da Vida – evento que perfaz o caminho entre campos de concentração da 2ª Guerra Mundial). Outros temas: a morte, a família e a sociedade. **Geografia:** relações humanas, políticas. **Português:** mídia, textos, comunicação. *"O tema da morte não faz parte dos programas das disciplinas, mas isso não furta a discussão".*
Quando abordar o tema da morte na escola?	Quando os alunos trazem os vários temas para a sala de aula e quando o conteúdo da disciplina abordar temas relacionados à morte. Os alunos expressam sentimentos.
Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos – limites do educador	Trabalhar com o tema da morte é difícil, não é todo professor que consegue lidar. Identificou-se com a situação de separação dos pais de uma aluna pela sua vivência pessoal de separação. Disse à aluna que suas filhas estavam bem após a dor sofrida e ela também. A identificação de vivências e a sua experiência de vida ajudam seu trabalho e a compreensão da dor do aluno. A partir daí, o adolescente consegue expressar o que está sentindo para ela.
O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes	Escola particular: camada específica da população. Os alunos sofrem muito com as mortes e perdas vivenciadas: *"eles não estão acostumados a perder e a lidar com mortes e separações. São super protegidos, nada falta. Muitas vezes, o aluno se desestrutura quando passa por alguma morte".*
A busca pela vida na escola	Se a escola não ouvir os adolescentes, menos instrumentos para reflexão e ação os alunos vão ter. Se os jovens não se sentirem ouvidos na escola e na família, eles vão se sentir perdidos, sem respostas. As temáticas vão surgindo e a escola vai buscando instrumentos de trabalho com os alunos. No passado a escola só possibilitava informações. Hoje é importante o aluno ter espaços para a manifestação de sentimentos. Escola não abordava tema das drogas e orientação sexual – medo de suscitar curiosidade nos jovens. Hoje se aborda o prazer envolvido e as propostas de

[43] Estes materiais estão detalhados no ANEXO 9.

	experimentação: *"o tema da morte também pode ir entrando aos poucos nas escolas".*
Falando de morte com o adolescente no contexto escolar – transformações possíveis	Ao se expressar, os jovens poderiam elaborar melhor seus sentimentos nas relações. Ao elaborar idéias sobre a morte, o adolescente se fortalece com isso.

4.4 FALANDO DE MORTE NAS ESCOLAS: ASPECTOS ENTRELAÇADOS DAS VÁRIAS ENTREVISTAS

Neste capítulo são apresentadas as categorias temáticas relacionadas aos objetivos desta pesquisa, destacando as falas significativas dos participantes. Trabalhei nesta pesquisa com educadores de escolas públicas e particulares na tentativa de abarcar a visão da comunidade escolar de forma geral. Entrevistei **LUISA**, diretora de escola pública; **FERNANDA**, psicopedagoga e professora de português de escola pública; **ANDRÉA**, pedagoga de escola pública e assessora pedagógica na formação de professores; **CAMILA**, professora de português de escola pública; **TELMA**, psicóloga que desenvolve trabalhos em escolas públicas e particulares; **ARMANDO**, professor de literatura de um cursinho pré-vestibular popular e **MARIA**, professora de ciências e coordenadora de série de escola particular.

Os temas que se destacaram nas entrevistas explicitam as questões ligadas à sua trajetória profissional nas escolas. Neste momento, trabalho com as categorias e eixos temáticos que emergiram da leitura dos depoimentos e destaco o entrelaçamento de temas recorrentes e fundamentais, não mais vistos individualmente, analisando-os com base no levantamento bibliográfico realizado.

O papel da educação

A educação de jovens envolve a percepção de que suas perspectivas de vida fora dos muros da escola não são limitadas. A escola e seus educadores deveriam ter como objetivos fornecer aos jovens ferramentas necessárias para que eles sigam suas trajetórias para além de seu espaço e relações vividas. Nesse sentido, as esferas da educação e cidadania se entrelaçam. Para Silva (2008), o cidadão

deve saber pensar e encarar seus problemas considerando a comunidade em que está inserido. A escola deve confrontar idéias e valores, estimulando a mudança de postura de seus alunos frente aos problemas que vivenciam.

Luisa resumiu a escola como *"instituição sócio-educativa"*. A educação, segundo vários entrevistados, deveria estar comprometida com o desenvolvimento integral do aluno envolvendo informações, habilidades, competências, limites, valores (como respeito e ética), espírito crítico, autonomia, exploração de novos conhecimentos, reflexões sobre cotidiano, cultura etc. Armando expôs sua percepção da realidade escolar:

> *Infelizmente a maioria das escolas não faz esta reflexão. Há uma mecanização de valores. Isso não faz com que os alunos reflitam sobre suas ações. Os alunos querem que alguém fale com eles sobre estes valores, é um momento que eles estão construindo bases e pontos de referência.*

Segundo Outeiral (2003), a escola tem atualmente a responsabilidade de promoção da saúde para que os adolescentes possam conhecer um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. A escola a partir da valorização da produtividade, seguindo a idéia da sociedade industrial, expulsou o prazer da aprendizagem em sala de aula. Muitas vezes, confunde-se seriedade no trabalho com exclusão da alegria e os professores não têm paixão para educar e estar em contato com seus alunos. A escola deveria, portanto, resgatar a capacidade dos jovens de acreditar nos seus sonhos e desejos. Estar vivo não é sinônimo de saúde. Saúde é viver de forma criativa, incluindo transgressão, questionamento, espontaneidade e criatividade.

Fernanda afirmou que o contexto da escola deveria ter *"um espaço de acolhimento"*, este é o caminho para a aquisição de novos conhecimentos. A perda do acolhimento e do desejo de aprender pode significar, segundo ela, a morte da expectativa do jovem em relação à escola, uma *"morte do conhecimento"*. Os desafios são necessários para o aluno não ficar paralisado e poder trocar conhecimentos com os educadores.

Os educadores entrevistados afirmaram que o conhecimento deve ser transmitido para além das disciplinas e conteúdos pedagógicos. Segundo Luísa:

> *A minha meta principal é o desenvolvimento do aluno. As disciplinas são meios para se conseguir uma pessoa melhor, mais feliz e mais comprometida com o mundo em que nós vivemos. Eu acho que os professores estão muito preocupados com o conteúdo da sua disciplina porque também há uma satisfação, um prazer do professor em saber que ele ensinou algo e o aluno aprendeu. Mas, às vezes, os professores se esquecem do quanto é importante ensinar os alunos a serem cidadãos melhores e mais felizes.*

Percebo relações destas falas com a proposta de *aprendizagem significativa* que contempla as dimensões cognitivo-afetivas no processo de conhecimento. O processo de aprender implica em sentidos, idéia descrita por Morato (1999, p.36-37):

> É a aprendizagem não de informações e conteúdos somente, mas numa possibilidade para o aprendiz ser o verdadeiro sujeito de sua própria experiência e aprendizagem. Resgata, assim, seu desejo de aprender a aprender. A aprendizagem significativa é criação de sentido, no qual afeto e cognição articulam-se abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico. Faz-se premente a articulação entre a teoria, a prática e o processo de crescimento pessoal envolvidos neste processo, para que sua atuação possa constituir-se como experiência significativamente humana e não meramente técnica.

A educação também é percebida como a busca por um relacionamento melhor e uma ampliação do conhecimento do aluno sobre si e os outros, levando à transformação da sociedade. Segundo Maria:

> *Educação é um conjunto não só de informações, mas de informações de uma forma bem ampla, desde valores até conhecimentos culturais que vão sendo desenvolvidos e trabalhados com os alunos de forma que eles possam escolher os instrumentos para que eles consigam resolver seus problemas durante a vida. De forma que eles possam atuar e transformar o mundo trazendo estes valores, estas idéias que eles vão construindo durante a sua trajetória para o bem comum. Então eu acho que a educação faz o papel tanto de passagem do que já existe como a construção de uma nova perspectiva.*

Estas falas também dialogam com a proposta de *aprendizagem significativa* citada acima:

> É uma ação articulada, permitindo ao homem aberturas ou mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens (MORATO, 1999, p.37)

O filme “Entre os muros da escola” (Cantet, 2008), vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2008, aborda como a vida dos alunos adolescentes converge para a sala de aula e como as suas experiências implicam em aprendizado. Estas são consideradas pelo professor que realiza uma atividade de autorretrato com os alunos. Percebe-se aí a essência do processo educativo: levar os alunos a reflexões mais amplas e críticas.

Rogers (1997) propõe relacionar educação com desenvolvimento emocional. O autor afirma que as relações de ensino, quando pautadas na aceitação e na empatia, podem permitir que a pessoa descubra em si a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, mudar e se desenvolver.

Luisa e Andréa manifestaram suas opiniões e críticas em relação ao papel da educação. Falaram a respeito da sobrecarga atual assumida pela escola com a transferência de responsabilidades e o que entendem por educação familiar. Ponderaram sobre o comprometimento da qualidade de ensino pela falta de tempo e competência da escola para assumir papéis que extrapolam os conteúdos pedagógicos. Entendem que deve haver o trabalho sobre os valores nos programas pedagógicos, mas que não deve substituir a ação da família. Além disso, elas destacaram que a formação do aluno deve ser compartilhada com outras instituições como universidades, instituições de assistência social e a Secretaria da Cultura. É importante que os educadores reflitam sobre estes pontos: *como fica a delegação de funções? A quem recorrer? O que significa extrapolar o papel da escola?*

Paes (2004, p.14-15) comenta sobre a relação entre a escola, família e o compartilhamento de tarefas:

> As transformações ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, as mudanças nas relações familiares trouxeram novos desafios para a escola. Se, antes, era tarefa quase que exclusiva da família criar e educar os filhos, hoje ela é compartilhada com a escola. Esta teve que se adaptar e modificar sua relação com o aluno, não oferecendo apenas um ensino de qualidade intelectual, mas também proporcionando condições de desenvolvimento social e afetivo. A formação veio somar-se à informação.

Cabe a sociedade, família e escola lutarem pela preservação e papel da educação segundo os princípios apresentados. Cada um tem seu papel importante de facilitador e os pais devem estar integrados neste processo. A escola deve refletir sobre formas mais eficazes de estabelecer canais de comunicação com o grupo familiar. Além disso, a escola é campo fértil para alunos experimentaram relações sociais. Para Meirelles e Sanches (2005), certas experiências como, por exemplo, separações, doenças ou a morte de um ente querido, se não forem elaboradas no momento em que ocorrem podem se tornar traumáticas. A escola pode ser espaço importante para esta elaboração, desde que estas situações sejam reconhecidas, exigindo-se formação dos educadores para cuidarem destas situações.

A educação e o tema da morte

Paes (2004), a partir de sua inquietação pessoal e profissional, como psicóloga e educadora, investigou como professores lidam com o tema da morte e as perdas significativas em sala de aula. Segundo a autora, é importante que o professor construa uma relação pedagógica que contribua para o desenvolvimento integral do seu aluno, além da transmissão de conteúdos. Um trabalho de *educação para a vida* deve considerar a dimensão da *morte* e o apoio afetivo. Além disso, a educação para a morte é vista como fator de prevenção da saúde emocional.

A finitude do homem dá sentido à existência. *Pode a morte colocar em dúvida o sentido de uma vida inteira?* Segundo Frankl (2003), isso não é possível. Se fôssemos imortais, poderíamos adiar cada uma de nossas ações até o infinito. A morte coloca limites nas possibilidades e obriga que se desfrute o tempo de vida:

> Mesmo que se apague, não se pode dizer que uma tocha não teve sentido no seu resplendor enquanto iluminou. Em compensação, o que não tem sentido nenhum é tomar uma tocha apagada e desatar a correr com ela, mesmo que a corrida nunca acabe (p.113).

Luisa refletiu sobre a interface entre vida, morte e escola, sendo esta um dos campos da sociedade que deve abordar estes temas. Trouxe sua vivência pessoal de proximidade com a morte (pela experiência de adoecimento) e as mudanças que fez para viver melhor sua vida. Baseada na sua reflexão, pergunto: *o que significa estar preparado para lidar com a morte?*

> *A gente precisa sempre estar preparado para a morte para poder viver uma vida melhor. Quando a gente passa pelas sombras, pelos caminhos da morte, a gente pára para refletir com mais cuidado e saber onde a gente pode melhorar. A gente e com os outros.*

Andréa também destacou as possíveis relações entre o papel da educação e o tema da morte. É necessário um trabalho interdisciplinar, *"uma visão mais holística do mundo"*, mas ninguém ensina ao professor como fazer isso. Apesar de haver sobrecarga de funções na escola, reconhece as experiências de perdas, mortes e sofrimento presentes na vida dos seus alunos adolescentes. Para que elas sejam abordadas é preciso processar uma reforma curricular e aumentar o tempo das aulas. Considerou as *várias mortes* como temas presentes na escola, mas apontou a falta de preparo do educador:

> *Ou ele não consegue dar conta das novas temáticas inseridas na escola ou ele abandona o papel de ensinar os conteúdos pedagógicos para os alunos com a cobrança posterior da família. O professor pode trabalhar com conteúdos pessoais e valores, mas não foi preparado para isso. A maneira mais eficiente de influenciar os jovens é através do conhecimento. A partir deste chegamos à História do adolescente.*

Camila, Telma, Armando e Maria disseram que temas como morte e educação possuem uma relação intrínseca. Camila relacionou vida, amor e morte às perdas:

> *Não tem como falar da vida sem falar na morte, eu acredito no educar para a morte, a vida da gente é repleta de perdas. Você não pode pensar no alcance da felicidade de forma linear. A perda é uma constante.*

Segundo Telma, o processo da educação deveria valorizar a consciência dos alunos de que a morte faz parte do cotidiano. Além disso, desmistificar a morte pode *"libertar"* os educadores de crenças errôneas, oferecendo oportunidade de conhecer o desconhecido:

Se déssemos o devido valor para a morte, trabalharíamos muito melhor a vida.

Maria acrescentou que a educação diz respeito a seres humanos e a morte faz parte do ciclo de vida de todos os professores, coordenadores, equipe técnica, alunos e familiares.

Santos (2009) diz que faz parte do processo educativo para a morte educar a sociedade para cercar o ato de morrer dos melhores cuidados possíveis. Além disso, a educação para a morte deveria incluir aspectos interdisciplinares e iniciar-se desde a infância, já que seria um passo na educação para as novas gerações.

Esslinger, Kovács e Vaiciunas (2004) apontam que profissionais de saúde, ao se depararem com situações cotidianas de morte, terão suas maneiras pessoais de lidar com a dor e as perdas revistas. É possível estabelecer relações entre a pesquisa realizada por estas autoras e as situações envolvendo as várias mortes que são vividas pelos profissionais de educação. Como afirma Melo (2007), a morte também é objeto da prática docente nas instituições educacion*ais. Então, por que evitar um tema que faz parte da realidade educacional de alunos e professores?*

O que os educadores têm a dizer sobre o tema da morte?

Yalom (2008) afirma que a morte está sempre no terreno da incerteza e do desconhecido. Embora as religiões pretendam, desde o início dos tempos, oferecer respostas para a finitude da existência, todas as reflexões sobre a morte são frutos da imaginação.

Segundo Tinoco (2003), provavelmente, uma das tarefas mais difíceis e desgastantes do ser humano é lidar com a morte. Esta é desconhecida, incontrolável, provoca medo, daí o desejo de distanciamento. As possibilidades de enfrentamento podem parecer mais difíceis, uma vez que atualmente as pessoas se posicionam de maneira alheia e distante. A comunicação é elemento fundamental no enfrentamento da morte e dos sentimentos a ela vinculados. Pretendi discutir como

ocorre a comunicação sobre este tema nas instituições escolares e como mobilizar seus profissionais para esta tarefa.

Andréa afirmou que o tema da morte é um dos assuntos mais presentes em vários meios de comunicação. Destacou os sentimentos de medo e insegurança, a consciência dos riscos e a ameaça da morte nos campos da violência e da saúde:

> *Você dorme com medo e acorda com medo. Temos a consciência de que os riscos estão presentes. É um tema que toma muito a mente e o espírito das pessoas. Falam a todo momento e em todos os lugares.*

A sociedade atual manifesta um medo onipresente da morte, interferindo no desfrutar da vida e seus prazeres. A vida pode perder seu significado:

> A morte do meu pai foi uma experiência tão caseira, humana, pacífica e acolhedora, apesar do sofrimento e da dor, que me fez por alguns segundos achar que esse absurdo que é a morte, afinal de contas, pode fazer parte da vida (TORRES, 2008)[44]

Telma disse que apesar de o tema estar tão presente no dia a dia, fala-se pouco e superficialmente sobre a morte. Esta é pouco explorada, sentida e permitida na nossa sociedade. Parece ocorrer a dificuldade de envolvimento com o tema:

> *Parece que a morte é algo invisível. Eu sinto que as pessoas acham que a morte é algo que chega só até a casa do vizinho, mas não chega na minha casa. E se chega ela pode ser vergonhosa, silenciosa, as pessoas fogem e disfarçam. Até mesmo, a gente percebe nos velórios, as pessoas não chegam sentindo a dor do outro, ela não quer sentir a dor do outro.*

Esta educadora também ressaltou que a escola pode ser vista apenas como *"lugar de trabalho"*, sendo a expressão de sentimentos relacionados à morte percebida como algo vergonhoso. Mas o fato é que as várias mortes podem fazer parte do trabalho dos educadores.

Fernanda se referiu ao luto na cultura ocidental como uma situação que pode ser vista como um *"trauma"*. Atualmente, a morte é vista, muitas vezes, como um evento sem importância, implicando numa visão banalizada, sem valor e ocorrendo a relação entre matar e prazer. O ser

[44] TORRES, F. (2008). **A dança da morte.** Recuperado em 17 de setembro de 2008 de http://vejabrasil.abril.com.br/rio-de-janeiro/editorial/m761/a-danca-da-morte

humano é visto, muitas vezes, como objeto, sem identidade. Ela questionou: *"qual o significado da vida para o ser humano?"*

> A banalização da apresentação da morte em nossa sociedade, através dos meios de comunicação, é fruto das desigualdades sociais, que desnuda um cenário de horrores, mortes violentas, guerras, fome, miséria, colabora mais ainda para que mantenhamos a morte distante, inatingível e transforme-se numa rotina que aos poucos não nos toca mais (PAES, 2004, p.13)

Armando disse que há uma desvalorização da morte na nossa cultura, uma vez que sua ocorrência deixa o ser humano impotente. Esta mesma visão ocorre também no contexto escolar, influenciando os adolescentes. Segundo este educador, a morte que é exibida na TV tem muito mais impacto para o jovem do que a morte que acontece perto de sua casa. Ocorre, portanto, a banalização da morte de pessoas que fazem parte da camada menos favorecida da sociedade. Somente pessoas tidas como "importantes" (como por exemplo, políticos ou pessoas com posses) são homenageadas:

> *A quem está na camada inferior da estrutura social, sua morte é uma coisa banal, é mais um que morreu e, portanto, isso não tem impacto. Agora com a morte que é televisionada isso é diferente. A morte de algumas figuras, que são tidas como "importantes", tem um impacto imenso na vida dos jovens. Estes dias, eu até tirei sarro de uma História. O Centro Cultural da Juventude, no bairro de Cachoeirinha em São Paulo, recebeu um novo nome: "Ruth Cardoso". E aí a brincadeira que eu fiz com alguns alunos foi: "engraçado, 'Ruth Cardoso', por que não dar o nome de um morador antigo ali da região?" Eu acho que a Ruth Cardoso nunca foi ao bairro de Cachoeirinha. A estrutura social se reflete nestes nomes. Geralmente, as avenidas têm nome até de parentes de políticos e nunca tem nome de pessoas que trabalharam afincadamente na região. Os nomes são sempre baseados em pessoas que tinham posses, mas você nunca encontra o nome de pessoas simples como o nome de uma rua, por exemplo. Os poderosos, aqueles que têm posses que morrem que são dignos de louvor. E a morte de uma pessoa que foi até muito mais atenciosa com aquela região onde morava, não é tão valorizada. Este repertório de desvalorização faz parte da visão da morte na sociedade. Aliás, eu acho que isso até começa na escola. A partir do momento que a escola não reflete sobre esta situação, o porquê dela ser assim, no final das contas tudo isso acaba sendo natural (...) infelizmente, isso já começa a se reproduzir através dos livros. A escola faz parte de uma estrutura social que acaba reproduzindo esta visão. E isto se reflete em toda a sociedade de uma forma triste. Até nos adolescentes isso se reflete, infelizmente.*

Bauman (2008) afirma que a banalização da morte tenta nos "vacinar" contra o medo de sua chegada. A experiência da morte, neste cenário, passa a ser característica comum do cotidiano. Luft

(2009) afirma que por mais que sejamos rodeados pela banalização da morte, sempre que ela nos atinge sentimos um impacto e profundo estranhamento:

> A morte abriu-me as portas do mistério e, embora eu nunca passasse da soleira, me fez valorizar mais a vida, os afetos, o que há de belo e bom na natureza, na arte e no ser humano, e me fez acreditar nos laços de amor que ela não desfaz (p.22).

Maria relatou que adolescentes se envolvem com mortes ocorridas na sociedade e amplamente divulgadas pela mídia. Ocorrem questionamentos importantes:

> *Têm acontecido algumas mortes importantes, dentro deste contexto maior, com crianças e adolescentes: o caso da Eloá ou o caso Isabella e os alunos ficam profundamente "mexidos" com isso. Para as crianças pequenas a História da Isabella marcou muito, algumas das perguntas deles foram: "mas como que os pais a jogaram pela janela?" Então eles ficam assim com algumas questões importantes.*

Silva (2008) traz o problema das dificuldades que os professores têm para lidar com questões controversas e dilemáticas em sala de aula. Algumas das justificativas destacadas são: desconforto em se expor, medo de relacionar fatos da mídia com suas opiniões e não ter habilidade para lidar com as discussões que emergem. Além disso, seu estudo apontou que a maior parte das discussões sobre questões da mídia são provocadas pelos alunos e raramente pelos professores. É importante discutir por que isso ocorre ao se considerar a educação para a morte nas escolas.

A escola, o adolescente e as mortes concretas – relatos de experiências

---

"a morte é o fim da vida, mas não de um relacionamento" (ALBOM, 1998)

Sekkel (2003) aponta que a sociedade atual está perdendo a capacidade de se apropriar da sua experiência. Propostas educacionais devem ir ao encontro de experiências. Assim, há uma necessidade de o educador se expor para poder se conhecer na relação com estas questões: *o que a*

minha prática profissional pode oferecer? Quais mudanças posso provocar na vida dos meus alunos?

Observei nesta pesquisa que, quando os educadores puderam expor suas experiências de morte vividas no ambiente escolar, propostas de trabalho foram desenvolvidas.

Quando perguntei aos educadores quais temas relacionados à morte concreta e à adolescência estão mais presentes no contexto escolar, estes citaram algumas situações já vivenciadas, entre elas: alunos enlutados pela perda de familiares, amigos, animais de estimação ou ídolos; morte de alunos por adoecimentos, acidentes e uso de drogas; morte de aluno nas proximidades da escola e educador enlutado pela perda de um amigo próximo.

Ao viver perdas importantes, crianças e adolescentes podem ter a sensação de que seu mundo desmoronou e, a partir disso, o acolhimento dos educadores pode resgatar a sensação de controle e segurança do aluno em sofrimento. Knapman (1999, p.126) assegura: *"a vida escolar, com suas horas de intervalo, reuniões, rostos familiares e rituais diários, pode dar um senso crucial de que a vida continua, de que o mundo não está desmoronando".* Portanto, a previsibilidade e a familiaridade do contexto escolar têm um valor intrínseco fundamental para o apoio ao aluno enlutado. Por exemplo: a percepção de que seu grupo escolar permanece o mesmo pode tranquilizar o aluno que em casa passou a ser filho único ou membro de uma família com apenas uma figura parental.

O luto, processo lento e doloroso de reação e elaboração de perdas significativas de pessoas ou situações investidas de afeto, não envolve somente a pessoa, mas também sua família, amigos e outros campos da sociedade. A escola, seus alunos e funcionários fazem parte deste momento da vida do adolescente. Segundo Parkes (1998), neste processo, a dor é a dor da mudança. As pessoas enlutadas terão que rever seus conceitos sobre o mundo e a vida e podem sentir discrepâncias entre a realidade e o mundo interno. Os momentos de adaptação, reconstrução e reconciliação fazem desta experiência singular que é o processo de luto.

Numa época em que a busca é por prazer e bem-estar, alguns questionamentos são importantes para profissionais da área da educação da atualidade: sentimo-nos impotentes para lidar com a dor alheia? Negamos ou "disfarçamos" esta dor? Queremos logo encontrar uma saída? Por outro lado, a escola e seus educadores podem resgatar o luto na nossa sociedade, possibilitando a expressão e a comunicação de sentimentos e lembranças. Os alunos podem ter sua dor reconhecida e permissão para expressar seu sofrimento, não se sentindo à margem de seus grupos de convivência. A escola, ao oferecer apoio ao aluno enlutado, exerce o papel de estimular a descoberta de mecanismos de enfrentamento da dor.

O que disseram os educadores ouvidos neste trabalho?

Luisa, Fernanda, Camila, Telma e Armando citaram situações envolvendo alunos adolescentes enlutados no âmbito escolar. Luisa expôs suas limitações e receios para lidar com situações desta natureza. Lembrou de um aluno que perdera o pai, das mudanças no comportamento dele, como *"isolamento" e "depressão".* A educadora deixou claro que o cuidado a este aluno nesta situação extrapola a função da escola e de seus profissionais, sendo os familiares os principais responsáveis. Além disso, apontou que situações como esta exigem encaminhamento e acompanhamento de um psicólogo. Percebi que, às vezes, Luisa se refere ao papel da escola como podendo fazer *tudo* ou não podendo fazer *nada* em relação ao luto de adolescentes, ou seja, uma certa oscilação entre onipotência e impotência.

Fernanda citou casos de alunos enlutados pela perda de colegas por acidentes e descreveu as atividades que foram realizadas na escola visando o apoio a estes jovens. Ela afirmou que *"esta classe se transformou totalmente, os alunos se tornaram mais quietos, pensativos e sensíveis".* Esta professora contou que trabalhou com a classe usando técnicas de sensibilização e comunicação, com propostas do uso da música e da literatura: *"os alunos querem conversar, falar sobre a aluna que morreu, tem que deixar o conteúdo de lado e acolher este aluno".* Além disso, Fernanda disse que

não são todos os professores que se sentem seguros para abordar o tema com seus alunos. Há professores mais envolvidos e outros que têm limitações pessoais para lidar com o tema da morte:

> *Tiveram adolescentes que já vivenciaram o luto dos próprios colegas que morreram. Já houve perdas do próprio colega de classe. Duas irmãs, inclusive num acidente com o pai (...) Eu acho que quando o educador tem que lidar com uma situação dessa, tem que deixar o conteúdo programático de lado e lidar com a situação ali, de imediato através de uma sensibilização, de uma conversa, de um diálogo, de uma música, de uma poesia, de uma tela. E dependendo da classe, que fale sobre o tema ou não, que seja ao contrário, falar sobre a vida (...) De início houve um diálogo com os outros alunos, depois nós fomos para a sala de aula e lemos um texto. Os professores prepararam um texto que falava sobre a morte. Um trecho deles é da morte da Mariana escrito em "Amor de Perdição", no final do livro. Nós levamos também uma música do Chico Buarque, "Construção". Discutimos também um pouco de filosofia. Mas, de início, logo no primeiro dia, é mais um acolhimento aos alunos, uma conversa. Os alunos querem conversar, querem falar como era a aluna que morreu em sala de aula, falar como ela era em casa. Então, a gente deixa eles falarem. E eles vão falando (...) Se o educador tiver firmeza em lidar com a situação e com o tema, eu acho mais fácil o diálogo. Agora, se não tiver firmeza, é melhor nem tocar no assunto. Eu acho que é assim que deve ser. Se o educador achar que não está seguro, se ele passou há pouco tempo por uma perda, é melhor que nem toque no assunto. O educador também tem suas limitações ao lidar com o tema da morte.*

Assim, a expressão dos sentimentos dos jovens e a comunicação são aspectos valorizados nesta escola. Fernanda também apontou que é importante aproveitar os espaços coletivos da escola para discutir temas como o das *várias mortes*:

> *Nós fizemos uma reunião, conversamos sobre o assunto, como deveríamos agir em sala de aula (...) foi tudo muito abrupto, de imediato. O ideal seria ter uma conversa antes sobre o assunto, antes do ocorrido. O ideal seria abordar o tema antes, isso com relação à morte física, concreta. Agora, com relação à violência, aliada à morte física, aí há um preparo sim. Nós, em HTPC[45], nas nossas reuniões, trabalhamos com o protagonismo juvenil. O aluno ser protagonista do seu próprio conhecimento, do seu ser, das suas buscas. Tornar o aluno sujeito protagonista da sua própria vida. À medida que você trabalha com o protagonismo, trabalhamos com vários dos temas que você citou. Vários temas que a sociedade lida e um deles é a morte que está aí constante na vida do jovem. O jovem poder protagonizar, ele dizer o que está sentindo, ele tomar à frente. Então, faleceu o amigo dele de classe e ele poder dizer: "quero ir à missa", "quero ir ao culto". É ser protagonista da sua ação. Isso é muito valorizado aqui na escola, a expressão da voz dos jovens. Os jovens têm muito a dizer, às vezes trabalha-se com um texto em sala de aula e o aluno pergunta: "professor, posso trazer uma música amanhã para tocar que fala sobre esse tema?" Então, a idéia quem traz é o aluno. Esta é uma forma de acolhimento, deixar com que o aluno seja sujeito da situação, da ação educacional. Não só o professor como sujeito e o aluno como objeto da ação educacional. O aluno é sujeito do seu*

[45] Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

> *processo educacional, ele tem que participar, ele tem que ser ouvido. Às vezes, eu peço orientação para os próprios alunos de como eles acham que deve ser feita determinada atividade. Eles trazem idéias muito boas. Esse também é um exemplo de acolhimento. O educador pode ajudar os alunos a se encontrarem, encontrar o outro.*

Kovács (2003) aponta princípios fundamentais para lidar com o processo de luto, alguns destes citados pelos educadores e que podem, portanto, ser adaptados ao contexto escolar: a) escuta aos envolvidos transmitindo segurança e conforto; b) acolhida ao sofrimento, à desesperança e à dor; c) reintegração da morte como parte da vida; d) aprendizagem a partir do processo de morrer garantindo-se o não esquecimento do falecido.

Fernanda destacou a capacidade de ouvir, questão fundamental nos escritos de Rogers (1997):

> Ouvir é o mais antigo e talvez o mais poderoso instrumento de cura. Com freqüência, é pela qualidade do modo como ouvimos e não pela sabedoria de nossas palavras que conseguimos efetuar as mudanças mais profundas nas pessoas que nos cercam. Quando ouvimos, oferecemos com atenção uma oportunidade para a integridade, para as partes sem lar que existem dentro da outra pessoa. As que foram negadas, desprezadas, desvalorizadas por ela mesma e pelos outros. Nesta cultura, a alma e o coração com freqüência ficam sem lar.

Segundo Kovács (2003), a morte pode ser importante conselheira, ensina muito se formos capazes de ouvir. Camila, assim como Fernanda, destacou a necessidade de deixar o conteúdo de sua disciplina *"de lado"* em momentos que percebe que seus alunos estão passando pelo processo de luto recente:

> *Quando você dá esta liberdade para o aluno, não quer fazer, não faça, ele faz. Quando o aluno está chorando, por exemplo, porque o primo morreu, aí o aluno está chorando, não quer fazer a lição e você chega pra ele e pergunta: "o que está acontecendo?". De início, ele não fala. Depois ele acaba falando e pergunta: "professora, o que eu preciso fazer?" E eu falo: "você não precisa fazer nada hoje, você não está legal, se você não quiser fazer, não faça, eu vou respeitar o seu tempo". Aí o aluno faz como forma de respeito, de gratidão. Eu realmente não acho a minha aula mais importante do que a dor dele, do que ele está sentindo naquele momento. Então eu acho que este momento tem de ser respeitado.*

Telma falou sobre sua experiência a partir da sua participação no programa *Amigos do Zippy* com alunos enlutados na escola. Destacou a necessidade de respeito e a importância de abrir espaços para manifestação de sentimentos pelos alunos e com os educadores:

> *No programa Amigos do Zippy a gente incentiva as crianças a pensar sobre a morte e também poder instrumentar e amparar pessoas que sofreram perdas importantes. Então, eu tenho o relato de uma criança que perdeu a sua avó e ela estava no pátio, estava triste e as crianças perceberam e sabiam o porquê da tristeza dela. Então, elas chegaram na criança e, ao invés de perguntarem detalhes da avó, perguntaram para ela o que ela gostaria de fazer, o que ela estava precisando naquele momento para se sentir melhor. De início surgiu um abraço, depois foram surgindo novos colegas. Outros colegas foram chamados e eles se abraçaram, ficaram com esta criança até o final do recreio. Depois quando teve a aula do programa do Zippy, esta criança falou: "eu pensei que estava sozinha no mundo, mas eu percebi que tenho vários amigos". Então, esta criança diz que estava sofrendo sozinha e que é muito melhor poder sofrer ao lado de amigos e de pessoas que percebem a dor dela. Os amigos sabiam da importância de estar perto, isso não traria a avó dela de volta, mas a faria se sentir bem melhor. Esta foi uma grande lição para mim, uma grande lição para muitos professores: poder permitir que o outro demonstre a sua dor, poder estar com ele, ao lado dele neste momento, isso muda todo um contexto. E aí eu fico pensando: "quantos adolescentes, quantos adultos sofrem sozinhos porque não se tem um ambiente propício para isso?" Então, trabalhar a morte é poder trabalhar esta empatia com a dor do outro. As muitas Histórias que eu tenho na escola incluem esta perspectiva do "estar junto com o sofrimento do outro". Então, se as pessoas tivessem esta percepção, esta sensibilidade no ambiente escolar ou em qualquer outro ambiente, eu acho que seria muito melhor do que falar: "meus sentimentos" e um abraço, um "tapinha" e "a vida continua, vamos lá!"*

Segundo Rogers (1997), a compreensão empática não implica em consolar ou solucionar a dor naquele momento, e sim na capacidade do profissional em fazer conexão com os sentimentos de outra pessoa, sem perder a própria identidade. A partir desta atitude, o indivíduo pode se sentir compreendido e livre para expressar todo e qualquer sentimento.

Armando contou a experiência de um aluno que perdera sua mãe, o impacto desta situação para ele, como educador, e o que fez para ajudar seu aluno. O problema maior parece não ser a morte em si, mas o que fazer com o aluno que está vivendo o processo de luto:

> *Eu não sabia o que dizer para este meu aluno que perdeu a mãe. Nestes momentos parece que qualquer fala será inútil. É neste momento que você percebe que a morte deixa o ser humano impotente. É um momento único que o ser humano não pode fazer nada, a impotência total do ser humano. Por isso que a maioria das pessoas não gosta de pensar sobre a morte. Enquanto eu estiver vivendo, eu sou potente para fazer tudo. Eu fui a casa dele na 2ª feira, claro que neste dia nós falamos de outras coisas, sobre política (...) fui eu e mais dois alunos a casa dele. O impacto da morte de um amigo pode até ser forte, mas não tanto como a morte de uma mãe ou de um pai. Mesmo uma relação conflituosa com a mãe ou com o pai trazia parte de si, é aquela famosa frase: "eu sou porque o outro existe". Meus pais foram quem me ajudaram a eu me construir, meus sentimentos, meus pensamentos (...) e você não sabe como consolar alguém que perdeu uma mãe, o tempo todo eu pensava: "e*

> *agora o que eu vou dizer?" Eu não sabia o que responder para ele. Então, se seu aluno se sente impotente naquela situação, você é mais impotente ainda. Acho que, às vezes, o impacto da morte não é exatamente pela perda, mas pela impotência diante dela. Porque no caso não fui eu que perdi uma pessoa importante, houve uma questão de impotência. Eu tentei ser um ponto de referência para o meu aluno naquele momento.*

Segundo Parkes (1998), as pessoas enlutadas gostam de receber visitas e manifestações de solidariedade. Estes atos validam a dor que estão sentindo pelo ente querido morto. No caso das escolas, os alunos podem perceber que não estão sozinhos no mundo, amenizando, assim, sua insegurança. Na adolescência, quando tudo pode parecer estranho, há quem possa acolher e orientar.

Como disse Armando, as mortes reverberam em nós, acentuam nossa impotência. A partir da sua ocorrência, passamos a pensar na nossa condição pessoal e profissional. Esslinger (2004) ressalta os mecanismos de defesa que podem ser ativados para se proteger de seus efeitos e lidar com a impotência diante da morte: distanciamento e negação de sentimentos; despersonalização e negação da importância desta pessoa e desvio do olhar. Por esta razão, os educadores devem estar atentos a estes sinais, identificar seus limites e acionar outras fontes de apoio aos alunos.

Nesta pesquisa Camila e Maria destacaram um ponto relevante: às vezes o tema da morte vem à tona na escola para justificar a indisciplina do aluno. Perdas provocam mudanças de atitudes e comportamentos, adolescentes ficam mais tristes, sensíveis ou agressivos. Maria relatou que nas escolas particulares, normalmente, os pais comunicam à escola as perdas sofridas pelos filhos e os professores são avisados. A partir daí, os educadores passam a respeitar as oscilações de comportamento, as reações não esperadas e se preocupam em acolhê-los. Daí a importância de investigar os vários casos e avaliar a natureza da ajuda oferecida para cada aluno. Maria apontou que nas escolas particulares parece haver mais cuidados e maior preocupação dos familiares para lidar com as várias mortes vividas pelos alunos. Esta pesquisa não se propôs a estabelecer diferenças entre escolas públicas e particulares, e sim discutir as várias formas de cuidados possíveis diante da morte nos dois contextos. Porém, é importante que este aspecto seja aprofundado em futuros estudos.

Maria destacou atividades realizadas nos dias comemorativos, como o dia dos pais, e disse como procede no caso de alunos que perderam entes queridos. Trata-se de um trabalho importante de prevenção do sofrimento, não se deixando o aluno sozinho. A idéia não é substituir a pessoa perdida:

> *A questão das perdas também é trabalhada através de alguma atividade de integração. Na outra escola que eu trabalhava eles faziam um trabalho de dia dos pais. Os pais vinham no dia dos pais e era uma data comemorada. E aí tinham alunos ou que não tinham pai ou que o pai não podia vir, pois os pais estavam separados. Então, as professoras, no geral, se mobilizavam pra acolher este aluno. Então ficavam ao lado dele, alguma professora sempre se mobilizava e acabava fazendo a atividade junto com estes alunos. Sempre tem alguém, não que vá tomar o lugar, mas nenhuma professora vai deixar o aluno lá sozinho. Existe uma preocupação anterior. E quando há esta atividade do dia dos pais, por exemplo, e um aluno não tem pai porque este faleceu? Se é um presente, por exemplo, a gente pergunta se ele gostaria de presentear alguém. Alguém especial pra ele: pode ser a mãe, um tio, avós (...) Aí ele faz o presente, como os outros alunos, e dá para outra pessoa. Se ele falar que não quer fazer pra ninguém, só para o pai dele faria, então ele não faz, ele pode fazer outra coisa durante este processo. Isso é muito chato, mas tem toda uma preparação anterior. A escola já sabe quem são estes alunos, então já se conversa anteriormente, já mobiliza os professores.*

Assim, a idéia de prevenção do sofrimento que pode ser desenvolvido nas escolas engloba a compreensão dos vários sentimentos suscitados, a não obrigação de participação dos alunos em atividades que possam causar sofrimento e o respeito à individualidade.

As parcerias e o auxílio às escolas são importantes para lidar com adolescentes enlutados. Segundo Pereira (2004), a perda de pessoas significativas pode ser fator de risco para os jovens, uma vez que este já se encontra num período de vida vulnerável com as perdas decorrentes do seu desenvolvimento. Esta autora aponta:

> Notei que os adolescentes que haviam perdido irmãos, pais, avós e primos não recebiam apoio na escola e seus pais, muitas vezes, não sabiam como ajudá-los. Após a perda, tanto os pais como os professores percebiam mudanças no comportamento destes adolescentes, como por exemplo, agressividade e baixo rendimento escolar. Desvalorizar aquilo que os adolescentes sentem é o primeiro passo para fechar a porta à partilha de pensamentos e sentimentos (...) a morte está cada vez mais presente no cotidiano deles e nem os pais ou a escola sabem como abordar este tema (p.IV e V)

A escola pode ser uma das fontes de apoio. Os sentimentos de solidão ou limitação podem surgir principalmente quando se pensa que o papel da escola é dar conta de *tudo sozinha.* A questão não é isentar-se do problema, mas atuar em parceria com outros profissionais e com os familiares, pois a escola não deve substituir o lugar dos pais, e sim estar com eles neste momento tão delicado.

Ao discutir com Andréa as situações de morte concreta no contexto escolar, ela lembrou da morte de um aluno decorrente de adoecimento. Andréa lembra-se da vontade do jovem de retornar à escola, mesmo que por breves momentos:

> *Tive um aluno adolescente que teve câncer e, na primeira semana de tratamento que ele se sentiu melhor, ele voltou para a escola, todo feliz. Mas, na semana seguinte a quimioterapia já foi muito violenta e ele veio a falecer.*

A partir deste relato, investiguei quais foram as reações ocorridas em sala de aula após o falecimento desse jovem com câncer. Os sentimentos foram de dor e tristeza, depois esquecimento, desaparecimento do fato, mas o medo, segundo ela, permanece. Nesta situação não foram desenvolvidos recursos para ajudar no enfrentamento da doença:

> *Foi uma perda, uma dor muito grande para todo mundo. Uma pessoa muito jovem, comentou-se muito. Depois isso vai se diluindo, é uma situação que provoca muito medo.*

Sobre o processo de luto no século XXI, Kovács (2003) comenta:

> O processo do luto sofre interferências, valoriza-se cada vez mais uma atitude discreta, como se a dor nem existisse. Exige-se silenciamento por parte de uma sociedade empurrada por uma necessidade de produção e eficiência – e manifestações da dor atrapalham esta lida. Na mentalidade da morte interdita, o luto é visto como uma doença. As pessoas se afastam com medo do contágio e do sofrimento. As pessoas ficam prensadas entre o peso do sofrimento e o interdito da sociedade (p.69).

Perguntei à Andréa como se sentiu diante desta situação e como lidou com isso. Ela descreveu sentimentos intensos, disse que sentiu-se sozinha no processo e sem poder ajudar. Relatou sua impotência, desilusão com a vida, choque e o medo que sentiu ao perceber que a morte está próxima, atingindo também seus jovens alunos.

Andréa lembrou outras mortes concretas de adolescentes que frequentavam sua escola, seu sentimento de *"indignação"* e de seus colegas com a postura da escola diante destas perdas. A direção da escola não tomou conhecimento e negligenciou possíveis cuidados. Professores e alunos ficaram *"chocados"* com a atitude da escola que parecia não se ver responsável por este problema. Neste relato a morte interdita se manifesta de forma explícita na escola:

> *Eu me senti impotente, arrasada e até um pouco deprimida, se é que pode dizer assim. Fiquei desestimulada, desiludida com a vida num monte de questões. Primeiro ao saber que um aluno, doente grave, não ia voltar para a escola. E ainda estava com um tratamento muito precário. Fiquei me sentindo sem ter o que fazer, tendo que me conformar, sem saber como ajudar esse aluno. A própria perda do aluno é um choque. Eu acho que é aterrorizador. É uma ameaça real. A morte está muito próxima. Até os jovens podem morrer. Você ouvir na mídia é uma coisa, mas seu colega de classe desaparecer no dia seguinte é outra bem diferente. Nessa escola é muito comum 4, 5 jovens morrerem por ano, isso é comum. Teve uma coisa que aconteceu na escola que eu fiquei muito chocada. Uma aluna, da minha classe, veio dizer pra mim: professora, eu acho um absurdo, porque morreu aqui, no período da manhã um aluno de meningite e eu vim comunicar à escola porque a escola não ficou sabendo. A família devia estar tão perdida que não comunicou à escola o falecimento e a escola não tomou nenhuma providência. Não sabíamos nem que a doença do aluno era tão grave, sabíamos que ele estava internado, mas não ficamos sabendo da morte. Essa aluna estava indignada: como a escola não participou desse processo? Não tomou nenhuma providência? Além disso, a escola não tinha se preocupado se os outros alunos estavam correndo risco, se era perigoso ou não. Fiquei chocada com isso. Um aluno da escola que morreu e não houve nenhum vínculo da escola com essa morte, com a situação da família.*

Perguntei à Andréa o que ela achava que se poderia ter feito no âmbito escolar nesta situação. Ela aponta que se poderia favorecer a participação nos rituais, o apoio da escola à família do aluno e o esclarecimento sobre a doença e a morte para os outros alunos da escola:

> *No sentido de orientação sobre a doença nada. Os pais nem procuram isso na escola, procuram na comunidade mesmo. Mas, uma vez que morreu, alguém da escola ter ido ao enterro do rapaz, mas a família também nem comunicou. Então, quando houve essa comunicação da morte por parte da minha aluna, a escola poderia ter tido uma atitude mais interessada, isso eu acho. Inclusive esclarecer. Falar para todos os professores explicarem para os alunos o que é a meningite, que casos essa doença leva ao óbito. Essa orientação e esclarecimento não foram feitos.*

É importante, portanto, que educadores abordem o porquê da ocorrência das mortes e a explicitação de suas causas para os alunos.

Telma e Armando também relataram como a escola em que trabalham lidou com a morte de seus alunos. Telma narrou sua experiência de silêncio, vazio, ausência de espaço para manifestação de sentimentos e solidão. Os educadores se confrontam com sua finitude. Apontou a empatia e a confiança no ambiente escolar como elementos fundamentais nesta situação:

> *Esta semana mesmo eu ouvi um relato assim: "os alunos parecem que querem falar sobre a pessoa perdida, mas não conseguem falar porque a própria professora não consegue abrir este espaço. O lugar ocupado por aquele aluno na sala de aula fica vazio, demora muito para se conseguir sentar, ocupar aquele espaço" Parece, por um lado, que é uma questão de respeito. Por outro lado, parece uma questão de medo. Então, é bem isso que acontece, uma sensação estranha que fica no ar e não se fala sobre esta sensação estranha. E não se fala da saudade, não se fala da revolta, da raiva, da tristeza. Poucas professoras conseguem fazer isso. Então, o vazio que a morte traz para aquele que está vinculado ao aluno parece que só aumenta com este silêncio. Se um profissional chorar na frente dos seus alunos é vergonhoso, não se permite, não é o local para isso, aqui é local de trabalho. E, assim, cada um fica com o seu vazio, com o seu desejo, se perde a oportunidade de explorar as saudades. Porque culturalmente não se fala. Eu acredito também que os professores não falam sobre o tema da morte porque dói neles. É uma dor intensa e parece que não se falando isso não emerge, mas na verdade é o contrário. Falar da dor do outro ou compartilhar esta dor é estar, é ser, é deixar fluir e esta espontaneidade, hoje, existe em poucas pessoas. São poucos os professores que permitem vivenciar estes sentimentos e compartilhar com seus alunos. E ainda ninguém estimula o contrário. Eu presenciei um caso que ilustra bem isso: uma aluna de dez anos que tinha acabado de perder sua melhor amiga, há três dias, ela estava chorando no corredor da escola e procurando sua professora para conversar, extravasar. O inspetor viu esta aluna no corredor e falou: "o que você está fazendo fora da sala de aula?" E ela respondeu: "eu quero conversar com a minha professora porque minha amiga morreu". E o inspetor falou: "ela morreu? Pronto, acabou, você tem que continuar estudando, volta para a sua sala". Guarde a sua dor, o problema é seu. E o aluno fica sozinho ou talvez com mais algum amigo nesta mesma situação. Mas talvez esta aluna queria falar com algum professor ou com alguma pessoa que ela tenha empatia ou que ela confia. Por que será que esta menina tinha saído da sala de aula? Quem ela estava procurando? Esta pessoa não estava na sala de aula? Como esta aluna se sentiu nestes três dias?*

Segundo Delours (1999), na aprendizagem o processo do conhecimento é construído a partir de vínculos de confiança. A confiança nas relações é, portanto, fundamental para a expressão das palavras. Nesse sentido, a construção de espaços de comunicação da morte entre educadores e adolescentes tem como base o acolhimento estimulado pela sensação de confiança dos alunos. O depoimento citado acima nos faz pensar: *como alunos podem sentir confiança numa situação na qual seus sentimentos não são respeitados e nem devem ser expressos?*

Telma, a partir das experiências vividas, apontou a importância da manifestação dos sinais do luto. Segundo Parkes (1998):

> A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver. É talvez o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso. Ignorar este fato ou fingir que não é bem assim é cegar-se emocionalmente, de maneira a ficar despreparado para as perdas que irão inevitavelmente ocorrer em nossa vida, e também ajudar os outros a enfrentar suas próprias perdas (p.23)

Armando também citou o descaso da escola (e o seu desconforto) com a morte de alunos adolescentes pelo tráfico de drogas ou acidentes de carro. Ele apontou que estas mortes concretas não são discutidas na escola pelos educadores, apenas *"viram estatísticas"*. É importante questionar: *por que será que estas mortes não são vinculadas a pessoas e sim a números? Por que ocorre este distanciamento?* A mentalidade de alguns educadores é a seguinte:

> *Na escola os alunos conversam muito entre si, mas eu percebo que até esta noção de amizade não é tão valorizada se a pessoa não é meu ponto de referência. Então, quando morre um aluno de acidente de carro ou de tráfico de drogas e este aluno não é meu ponto de referência, este evento é simplesmente assimilado, mas na outra semana nem se lembram que aquele aluno existiu na escola.*

Armando ressaltou que muitos professores só estão preocupados em ganhar seu salário no fim do mês e não se tornam pontos de referência para os alunos. *O que significa ser ponto de referência, principalmente quando não se tem referência sobre a morte?* Por outro lado, pôde compartilhar com seus alunos sua experiência de perda de um amigo próximo, o que permitiu algumas reflexões significativas em sala de aula. Armando, ao longo de sua entrevista, ressaltou a importância e empenho em ser um *"ponto de referência"* para os seus alunos adolescentes.

Sobre a experiência com mortes concretas, Camila citou, ainda muito sensibilizada, o caso de atropelamento de duas alunas na saída para um passeio organizado pela escola – uma faleceu e a outra ficou gravemente ferida. Este evento provocou grande mobilização da comunidade escolar, despertando em Camila sentimentos de impotência e choque por não poder evitar a morte da aluna. Inicialmente, não queria voltar à escola e nem olhar para seus alunos: *"não dava para fingir que*

aquilo não estava acontecendo". Camila realizou uma atividade com seus alunos envolvendo a manifestação de sentimentos e também foram propostas rezas. Os alunos se envolveram e construíram este espaço junto com a professora. A dor de Camila ao ver seus alunos sofrendo durou meses e ela precisou se afastar da escola: *"a gente nunca deve dizer uma coisa que não está sentindo para os alunos. Quando eu mudei de escola, eu melhorei".* Porém, mesmo abalada, sentiu a necessidade de cuidar dos seus alunos antes de sair da escola. Relatou o sofrimento dos outros professores com a situação: alguns passaram a tomar remédios psiquiátricos o que, na sua opinião, os deixavam expostos para a manifestação do processo de luto que estavam vivenciando: *"eu não posso falar, mas o remédio fala por mim".* Esta situação parece ter gerado um *"trauma"* na comunidade escolar: muitos educadores estavam em sofrimento e sofreram de forma solitária. Nestas situações é importante que se questione: *por que apesar de tão sensibilizados os educadores não conseguiram compartilhar sua dor? Este espaço poderia ter sido disponibilizado pela direção? Poderia ter sido solicitada ajuda externa?*

O estudo de Rowling (1995) destaca alguns traumas associados a eventos críticos de mortes envolvendo a comunidade escolar. É necessário chamar atenção para estas situações, uma vez que muitos funcionários não estão tendo sua dor e sofrimento reconhecidos. Segundo a autora, se os alunos tiverem a oportunidade de perceber o impacto destas situações também nos professores, as práticas educativas desenvolvidas no ambiente escolar terão uma maior aceitação, envolvendo a comunidade escolar como um todo.

Acredito que o processo de luto pode ser trabalhado na escola, não como única instituição que possa realizar esta função. Penso que cada espaço tem suas características especiais e valores fundamentais. Professores e familiares podem se ajudar em caminhos de apoio consistentes e compartilhados, disponibilizando horários comuns para conversas com pais ou familiares próximos, auxiliando o educador a compreender o que aconteceu, os principais sentimentos e as implicações

dessa perda na vida de seus alunos. Estas parcerias devem ser de conhecimento do aluno – criança ou adolescente – para que percebam a escola e a família como aliados no seu cuidado e suporte.

A escola, o adolescente e as mortes simbólicas – relatos de experiências

---

Paes (2004) afirma que as perdas que ocorrem durante o desenvolvimento são pequenas mortes ou mortes em vida que podem levar a aprendizados e a um melhor enfrentamento das mortes concretas.

Quando algo acaba ou se transforma, uma parte da História se encerra. Podem ser planos, perspectivas, relacionamentos, trabalho, saúde plena ou uma fase da vida. O inesperado faz parte da vida e é preciso buscar como agir diante desta realidade.

Os educadores descreveram as experiências relacionadas às mortes simbólicas e à adolescência que estão mais presentes na escola. As situações vivenciadas pelos educadores foram: transtornos alimentares; bullying escolar e cyberbullying; violência física e verbal; situações de exclusão e humilhação; automutilação; alunos com familiares hospitalizados; adoecimentos e acidentes envolvendo alunos; separação de familiares ou ausência de diálogo; perdas amorosas; mudanças de série e saída da escola.

Bullying Escolar

O *bullying* é uma prática de violência nas relações interpessoais, provocando de forma sistemática sofrimentos físicos e/ou psicológicos. A abordagem e as várias formas de intervenção ainda não são claramente conhecidas pelos educadores. Esse comportamento pode assumir várias formas, incluindo desde violência física, ameaças verbais, intimidação e exclusão do grupo. O alvo

pode ser uma pessoa ou um pequeno grupo, com poucas condições de se defender. Outeiral (2003) chama atenção para o fato que adolescentes, nos vários ambientes ocupados, podem ter dificuldades para encontrar com quem fazer identificações saudáveis. Segundo o autor, no embate entre civilização e barbárie, esta última se encontra com evidente vantagem. Conclui que talvez o fenômeno bullying, tão frequente nas escolas, seja uma reprodução deste encaminhamento da civilização para a barbárie.

Nesta pesquisa, Luisa, Fernanda e Camila descreveram situações envolvendo este tema que foram vivenciadas nas escolas em que atuam. Quando perguntei à Luísa sobre as situações de morte mais presentes no ambiente escolar, ela apontou as agressões físicas e verbais. O bullying escolar pode estar relacionado às mortes concretas e simbólicas. Na esfera concreta podemos incluir os assassinatos e suicídios ocorridos no ambiente escolar, provocados a partir de situações de bullying e violência física. A esfera simbólica pode se relacionar com situações de violência verbal e moral, sem comunicação e com eventos de humilhação e exclusão, provocando muito sofrimento nos jovens. Estes não se sentem parte do grupo, provocando situações que envolvem muitas perdas em vida. Camila destacou situações de mortes simbólicas: a perda da amizade ou de relações saudáveis na escola.

Luísa procurou chamar atenção dos professores: *será que o bullying é uma prática conhecida pelos professores? Quando é brincadeira e quando se torna ato agressivo? Como preparar os professores para lidar com estas situações?*

> *A gente acha que é brincadeira, próprias da idade, quando na verdade são atos agressivos, intencionais, repetitivos e ocorrem sem motivação evidente. O bullying envolve muitas perdas, são seqüelas, são prejuízos, são muitas dificuldades para lidar com essas perdas, com relações afetivas, familiares, sociais ou mesmo com o desempenho profissional. São traumas adquiridos, muitas vezes, nos bancos da escola. E isso, às vezes, passa desapercebido. Então, eu tenho procurado chamar atenção dos professores para que fiquem atentos a esses maus-tratos psicológicos, sociais, verbais, físicos, morais, materiais. Na escola tem muito a questão dos apelidos pejorativos também, gozações, difamações, ameaças, perseguições.*

Perguntei qual seria o papel da escola ao se confrontar com situações de bullying e quando se torna necessário o encaminhamento para profissionais de saúde. Luísa apontou que é muito difícil para os professores assumirem esse papel de enfrentamento do bullying e transferem esta função para o orientador educacional e o psicólogo que deveriam ser membros regulares da equipe. Sugeriu o encaminhamento para universidades, porém, segundo a diretora, estas já possuem uma sobrecarga de pedidos envolvendo o tema. Luísa apontou ainda que é importante chamar a atenção de professores e funcionários para as mudanças de comportamentos dos jovens. Eles não devem ser estigmatizados. Luísa relatou casos ocorridos e se questionou sobre as formas de prevenção, envolvendo um olhar atento e propondo que os educadores se imbriquem nesta tarefa. O bom educador, segundo ela, percebe, conhece e cuida:

> *Teve um caso de uma aluna, muito bonitinha, ela é japonesa. Eles montaram uma foto e divulgaram no metrô. Colocaram a menina como prostituta. Inicialmente, eu deixei passar porque era uma coisa que eu achei que podia ser resolvida, isso aconteceu fora da escola, eu não podia tomar providências. Na escola há sinais ameaçadores, intrigas. Eu li um estudo que fizeram em vários países: Argentina, México, Espanha, Chile e Brasil. Infelizmente chegaram à conclusão que o Brasil é pioneiro em bullying. 45% dos adolescentes já passaram por situações de bullying. Isso é muito, é demais. E isso acontece em escolas públicas e privadas. Conversando com os professores eu percebo que, em geral, os alunos ficam com medo, se sentem humilhados, constrangidos publicamente. Eles ficam isolados, excluídos do grupo. O que eu tentei falar para os professores é para eles prestarem atenção no início do isolamento de alunos porque o adolescente é "danado". Você não pode dizer que ele está com sono e, portanto, está usando drogas. Precisamos tomar muito cuidado para não "carimbar" o adolescente. Isso, às vezes, confunde muito o professor. Por exemplo: o fato de assistir muito à televisão ou ficar muito tempo na internet. O professor acaba achando que a rotina dele é típico da adolescência e não traz isso pra gente. As escolas, geralmente públicas, não têm bons inspetores de alunos. Em geral, esse papel também deveria ser dos professores e dos inspetores, que visualizassem os primeiros indícios pra que a gente pudesse fazer alguma coisa ou encaminhasse a profissionais. Então, através dessa parceria, podemos fazer encaminhamentos de alunos. As faculdades estão sempre muito cheias. Então, infelizmente, tudo fica por conta do diretor e dos seus coordenadores que tentam dar conta do pessoal, do individual e do institucional.*

Luísa percebia a própria dificuldade para lidar com estas situações, mas não delegava funções. Ela disse que quer parcerias e discutir o assunto em equipe. É uma educadora que tem vários projetos. Pensa que uma forma de lidar com o bullying é perceber o potencial de cada aluno, dando

oportunidades para que possam desenvolvê-lo. Ela também propôs a seguinte discussão: *preservar o ambiente físico ajudaria a preservar a esfera psíquica dos alunos? Ampliaria a consciência sobre respeito e tolerância?*

> *Eu sempre procuro focar, trabalhar com a vida, com a paz, sempre, trabalhar nesse sentido. Os projetos são sempre focando essa temática. Todo ano eu quero um projeto de preservação do patrimônio, que é uma coisa que eles arrebentam e quanto mais está arrebentado, mais eles arrebentam. A minha escola hoje está muito preservada, é uma coisa que me preocupa. Eles vão preservar o que, se o ambiente físico não está preservado?*

Fernanda também teceu relações entre o bullying escolar e as mortes simbólicas. Apontou situações de isolamento de adolescentes no ambiente escolar e o distanciamento do conhecimento que estas situações provocam:

> *Falta de diálogo é uma violência também. É preciso diálogo, conversa, se somos seres em formação, nós sempre estamos buscando isso. O aluno se fecha em si mesmo. Ele não se abre nem para o outro, nem para si e nem para o estudo, para o conhecimento, para conhecer. Ele acaba se fechando.*

Perguntei quais seriam possíveis caminhos de atuação em relação ao bullying escolar. A observação e o cuidado com a auto-estima são fatores relacionados, na opinião de Fernanda. Há um dilema em relação aos grupos grandes: *como olhar com atenção e cuidar de cada aluno? Como perceber a singularidade nas classes grandes?* É importante incentivar a expressão dos jovens de maneira livre, ampliando as atividades em busca do entendimento da diversidade:

> *O professor precisa ser muito perspicaz para perceber situações de bullying, precisa ter muita atenção. Diante de 40 alunos, às vezes, uma situação assim não é percebida. Então, observar cada um é muito difícil. Se você fizer um trabalho em grupos menores, dá para você observar melhor. Aquele que é líder, aquele que fica mais quietinho e que, de repente, é aquele que escreve melhor. Por isso que é muito bom diversificar as atividades em sala de aula, o máximo possível. Até recitar poesias é muito rico. Ou ler, ou escrever cartas e depois ler, não é legal obrigar o aluno a fazer algo que ele não quer, damos a oportunidade. Fazer atividades lúdicas, por exemplo "escrever sobre o que estou sentindo" e aí o aluno vai escrevendo sem se preocupar com vírgulas, pontos. Às vezes para o aluno isso é até muito difícil, pois eles já estão levando uma vida tão massacrada, tão cheia de vírgulas, pontos, pontos de interrogação, de exclamação que eles não conseguem escrever só de forma solta. Então, eu acho que diversificando as atividades em sala de aula, você descobre o caminho. Às vezes é o próprio aluno que te dá esse caminho.*

Situações de exclusão e humilhação

Andréa citou algumas questões decorrentes da **higiene** dos alunos adolescentes que trabalham durante o dia e estudam à noite. Apresentou uma outra forma de manifestação de mortes simbólicas, a estigmatização. Ela comentou sobre a ridicularização que estes alunos sofrem na escola, chegando ao abandono do ensino:

> *Os alunos, às vezes, vêm para a escola, de uma maneira vulgar falando, eles vêm "fedidos". Eles têm muita preocupação com isso, eles vêm direto do trabalho e a residência deles é muito longe. Não dá tempo de passar em casa para tomar banho. O aluno faz o que ele pode de higiene no trabalho para chegar limpo na escola porque tem mesmo essa questão de ridicularizar, muitos acabam até abandonando a escola por conta disso. Eles dão outra desculpa. O adolescente não quer ser o "fedido" da classe.*

Outro aspecto que leva à exclusão no ambiente escolar é o **alcoolismo**:

> *Há o alcoolismo também e a exclusão por conta disso. O aluno não quer fazer trabalho com aquele que está cheirando a álcool. Eu já perdi vários alunos alcoólatras por conta disso. Ele não consegue parar de beber e quando vem bêbado para a escola, o outro aluno fala mesmo. Isso é uma questão de preservação da própria qualidade dentro da sala de aula.*

Automutilação e Anorexia

Estas duas situações também são exemplos de mortes simbólicas manifestadas na escola, uma vez que envolvem perdas importantes, como relatou Camila. Estas situações mobilizaram tabus, emoções nos alunos e educadores e sentimentos pessoais até então desconhecidos. Camila sentiu raiva quando viu que a aluna tinha se cortado na sua aula fazendo com que ela se envolvesse no evento. Além disso, sentiu-se responsável e com medo da possibilidade deste fato ocorrer novamente. *Neste caso a escuta não foi possível ou será que sentiu que esta não deveria ser sua função? Não houve preparo para lidar com a situação ou é explícito o desejo de não se envolver? Quais são os limites neste caso?*

> *Eu tive um caso de uma menina com anorexia e era horrível. As amigas começaram a ficar com raiva dela. Eu falei para o grupo (de educadores) que esta aluna não estava bem, que ela precisava de um encaminhamento. Só que esta aluna é aquele tipo de menina boazinha, que faz tudo, que não dá trabalho, pelo menos de*

disciplina. E aquele aluno que subiu na carteira, ele sim precisa de um encaminhamento. Eu percebi que ninguém estava nem aí para esta aluna, entendeu? Porque ela não dava trabalho. Esta menina eu acho que precisava mais do que todos os outros alunos de um encaminhamento. A diretora não deu o encaminhamento, ela esqueceu porque os casos mais importantes para ela eram os outros alunos que estavam "atazanando" a escola. E a morte iminente sendo tratada de uma certa maneira com um descaso total. A morte quando ela vem à tona é para justificar a indisciplina do aluno. Então, estas questões estão muito intrínsecas.

Eu lembro de ter olhado nos olhos dela e visto um temor ali. Ela veio me mostrar o corte, disse que estava nervosa. Eu fiquei muito preocupada com a menina. Não conseguia dar aula. Aí eu levei a menina para a sala da coordenadora e disse que precisava chamar os pais dela, que ela precisava de um encaminhamento, os pais eram extremamente ausentes. Mas aí eu fui pra casa e fiquei com muita raiva porque eu não vi ela se cortando. Ali, por mais que eu tenha conhecimento, que eu ache que a morte não deve ser um tabu, neste caso eu percebi o quanto eu não consegui compartilhar aquilo tudo com os meus colegas. O quanto eu estava sofrendo, o quanto eu vi, na expressão da coordenadora, o choque. E foi a minha forma de lidar com a situação, de me proteger, de negar. Enquanto todo mundo estava sabendo, eu não consegui compartilhar meus sentimentos com meus colegas e várias pessoas estavam sofrendo com este caso. Este é um caso em que se poderia ter conversado, ter quebrado um tabu na escola e eu assumo a minha parcela de culpa aí também: eu não compartilhei com meus colegas, não abri para discussão. É aí mesmo que estão os tabus, nestas limitações do próprio educador, da sociedade. Tem momentos que é difícil. Quando eu falei que ia dar dez para a aluna, a coordenadora não me disse nada, não me perguntou o que a aluna tinha me apresentado, que ela não merecia aquela nota. Mas não, a coordenadora abaixou a cabeça e ficou quieta. Ali poderia ter ocorrido uma discussão, mas não ocorreu. Houve um tabu, uma interdição.

Alunos com familiares hospitalizados

Andréa relatou que os alunos expressam sentimentos no contexto escolar quando têm problemas familiares, mas os educadores têm pouco tempo para ouvi-los. *Efetivamente não há tempo? Será que não se sentem preparados? Ou a escola não é lugar para lidar com perdas e mortes?*

Eu tenho um aluno adolescente que está numa situação em que a mãe foi atropelada e está internada. Ele fala sobre a saudade que sente dela. Tenho outros alunos cujo pai ou a mãe estão doentes. Eles comentam. Mas a gente não tem muito tempo para ouvi-los, esse é o problema. O professor não tem tido muito tempo para ouvir cada caso. A gente ouve rapidamente o jovem dizendo: "ontem eu faltei porque meu pai foi internado ou minha mãe e precisei ficar com ela porque ela está muito doente". A gente procura ouvir como dá porque numa escola de nível central como estou, isso é muito difícil.

Adoecimentos e acidentes envolvendo alunos

Estas situações de mortes simbólicas foram citadas por Andréa e Camila. Andréa lembrou das situações de **adoecimento (ou acidentes)** de jovens alunos, decorrentes da excessiva carga horária de atividades. O abandono da escola, dos estudos e da esperança, são grandes perdas na vida do jovem:

> *Muitos alunos adoecem com essa dupla jornada de trabalhar e estudar. Para eles isso é muito desgastante, eles ficam até 11 horas da noite na escola e no outro dia têm que levantar 4 ou 5 horas da manhã. Eles têm problemas sérios de saúde e têm que abandonar a escola, é uma perda muito grande. A perda do estudo e da esperança de conseguir alguma conquista a partir da escolaridade. Há alunos que abandonaram 5 ou 6 vezes e voltaram. Todo ano eles se inscrevem e não conseguem terminar. Isso "mata" as esperanças.*
>
> *Tivemos alunos atropelados, pois eles saem muito tarde e cansados da escola. Então, eles vêem o ônibus do outro lado da rua e saem feito "loucos". Tivemos adolescentes atropelados por conta disso.*

Andréa descreveu a "pressão da direção" e o não reconhecimento das necessidades particulares dos alunos, mesmo em situações envolvendo mortes concretas. Há uma punição para quem está de luto e, nesse sentido, a escola parece praticar a não autorização da manifestação do processo de luto. O conflito entre as obrigações exigidas pela escola e as tentativas de cuidados de Andréa com seus alunos foram problematizados. Ela ainda ressaltou que cuidar destes alunos parece ser uma utopia. *Será que esta utopia não se torna necessidade em vista do aumento dos índices de mortalidade entre adolescentes?*

> *O mais chocante ainda foi a pressão da direção que recebi dizendo que eu dava um atendimento individualizado para os meus alunos. Eu estava tentando cuidar dos meus alunos, por exemplo, abonando faltas daqueles que tinham faltado por problemas de saúde ou que estavam muito cansados. Parecia que eu estava incentivando as faltas e não tentando cuidar dos meus alunos. Eu, que estou em contato com esses dramas pessoais do aluno, sei que não é uma comodidade. Eu já ouvi coisas do tipo: "você tem que ameaçar o aluno dizendo que ele vai perder a vaga se faltar". Alguns alunos faltaram porque perderam alguém importante da sua família, eles estavam de luto, estavam sofrendo muito, eu sei disso. Não faltaram por comodidade. E, se eu tento recuperar o conteúdo, isso é tido como algo inadequado porque o outro aluno vai querer atendimento individualizado também. Os meus argumentos não atendiam as necessidades práticas da escola que eram de garantir uma permanência de um número alto de alunos. A questão sempre é econômica. Os alunos foram vistos como números, embora os colegas entendessem a minha lógica, não achavam possível concordar dentro da realidade que o nosso país vive de educação. Tem que ter muitos alunos dentro de uma classe mesmo. E essa coisa*

> *perversa de tudo ser número, índices, percentual, pesquisa. Isso que mais me chocou. Embora ninguém negasse meus argumentos em relação ao direito do aluno de ter a escola à disposição. As pessoas achavam essa minha postura utópica.*

Camila também problematizou o caso de uma aluna que sofreu um acidente de moto. Num primeiro momento nenhum dos colegas ou professores da escola foi visitá-la. Em decorrência disso, Camila teve a iniciativa de promover a ida de seus alunos à casa dela. Estes escreveram mensagens, cartas, expressando seus sentimentos. Camila refletiu sobre como é difícil para ela e os colegas lidarem com estas situações, com tentativas de não envolvimento. Assim como Andréa, ela também ponderou sobre a atitude da direção da escola com o caso desta garota que reflete os limites de todos. A punição recai sobre os alunos que sofreram perdas e não sobre aqueles que apresentam comportamentos de indisciplina:

> *Eu acho que a cena mais indescritível que eu posso falar foi a emoção da menina, dos olhinhos dela quando ela me viu e viu os colegas chegando. E eles pulavam em cima dela e ela estava na maca, eu fiquei morrendo de medo (...) mas aí eu pensei: "é amor e amor não mata ninguém né? Se ela estiver sentindo dor, ela fala!" Mas foi uma cena muito bonita, eu acho que nunca vou esquecer a expressão no olhar dela. Tinha umas coisas escritas das mais bonitas, tiveram umas cartas que eu cheguei a chorar. Todos os sentimentos apareceram: "olha eu estou com raiva de você, por que você não usou capacete? Mas eu gosto muito de você. Estou com raiva porque na verdade eu amo você e você não está aqui comigo". Li cartas lindas. Então são estas coisas que podem fazer a diferença (...) e ainda queriam reprovar a garota, por isso que estas coisas, às vezes, são complicadas. E isso é engraçado, o aluno que "zoa" a aula inteira, aquele que não faz nada, eles passam para se livrar dele. E a menina que sofreu um acidente, que já tinha sofrido uma perda absurda, dos amigos, de tudo, ainda queriam reprovar. Não custava nada levar umas lições para ela fazer de vez em quando.*

Knapman (1999) sugere que mostrar preocupação e acolhimento ao colega de classe que sofreu perdas pode ser assinar um cartão coletivo. Em sala de aula pode ser pensado: *"o que dizer e como oferecer apoio?"* Cada aluno tem sua própria maneira de agir o que pode ser incentivado pelo professor que tenha disponibilidade para considerar estas singularidades e este gesto, aparentemente simples, pode ter grande valor. O aluno, sob impacto da perda, pode ter receio de ser evitado pelos colegas ou até perder sua amizade quando voltar às aulas. O professor deve discutir com a classe o

retorno do colega para a escola, ressaltando que é natural não saber o que dizer ou sentir-se constrangido. O contato com o sofrimento do amigo pode ser doloroso, mas se há desejo de se aproximar e ajudá-lo, isso pode ser importante fonte de conforto e apoio para elaboração da dor.

Camila trouxe reflexões sobre o caso da aluna atropelada em frente à escola quando ia para um passeio. Neste caso específico, houve grande mobilização da comunidade escolar para ajudá-la no tempo de hospitalização e afastamento do convívio escolar. Os educadores também se preocuparam com as perdas relacionadas à ausência da escola. Além disso, houve o oferecimento de cestas básicas à família da aluna que sofrera um impacto econômico.

Separação de familiares ou ausência de diálogo

As situações de separação de familiares foram citadas por Fernanda, Camila, Telma, Armando e Maria. Fernanda apontou que isto é sentido como uma *"morte"* para o adolescente, uma grande perda. Falou sobre a necessidade de receptividade do professor nestes momentos e ressaltou como algumas limitações do educador podem impedir que este cuide dos alunos. De maneira geral, sua escola procura acolher o aluno em sofrimento e ela destacou as necessidades dos professores. Observa-se que algumas escolas já incluem esta função de cuidado, pois consideram essencial:

> *Às vezes não é nem a morte de um ente, mas a situação do pai ou da mãe ir embora para o Japão trabalhar. Isso aconteceu recentemente aqui na escola. Para o aluno isso é uma morte, uma grande perda, pois ele sabe que o pai vai ficar longe durante 4 anos. E o jovem está passando pela adolescência, um momento que ele precisa bastante do pai ou da mãe. O aluno traz esta situação para o professor receptivo, para o coordenador, para o diretor, para os auxiliares, aquele que estiver mais disponível. O jovem tem essa capacidade de se abrir. Quando ele não se abre, existe um problema maior. Aí eu acho que o jovem pode estar precisando de uma terapia, pois o jovem, normalmente, se abre. Os pais também podem participar desse diálogo. Há professores, talvez até por motivos semelhantes de perdas, de mortes, que se fecham e aí não conseguem enxergar o outro. Mas, de uma maneira geral, os professores são bastante receptivos. Se somos seres em formação, sempre estamos buscando o diálogo.*

Camila apontou que a separação de pais ocorre com muita frequência na vida dos seus alunos, porém isto não é justificativa para silenciar seus sentimentos. Telma e Maria acrescentaram que mortes simbólicas como a separação de pais e perdas amorosas, provocam mudanças de comportamento que podem ser vistos como sintomas na vida dos adolescentes. Foram citados: silêncio, irritação e variação de humor, podendo levar a conflitos na relação com os professores. Estes podem se preocupar somente com os sintomas e não com o que realmente pode tê-los motivado. *Por outro lado, se a cobrança aos professores é somente quanto ao conteúdo como cuidar do aluno? Seria perda de tempo?* Telma problematizou sobre situações de perda no ambiente escolar:

> *A distância do encontro dos sentimentos, entre educadores e alunos, é uma morte simbólica. Estes sintomas que incomodam as pessoas, ainda mais quando estas pessoas não estão vinculadas à perda. Ficamos somente no sintoma e não aprofundamos a causa. Percebo os professores em sala de aula brigando com os alunos, bravos, exigindo tarefas. E o sintoma só aumenta, aí vem a raiva daquela professora que não me compreende, que não me pergunta o que eu tenho. Isso acaba provocando um conflito muito grande. Talvez um conflito sem fim que vai parar na diretoria. E não se pergunta, não se olha nos olhos e pergunta: "você não é assim, o que está acontecendo?" Então, o sintoma "cega" as pessoas e provoca conflitos nas relações. A professora chega com o compromisso de passar a matéria, ela é muito cobrada para isso e perde este contato de olhar nos olhos do aluno, de escutar alguma coisa, de fazer alguma brincadeira para despertar alguma aproximação entre eles. A relação entre o aluno e o professor é muito distante e aquilo que a gente não conhece a gente não valoriza.*

Armando apontou que o aluno tem cada vez menos pontos de referência na escola. Nesse sentido, a ausência dos pais na vida dos jovens também gera falta de modelos, insegurança e impacto na visão de morte deles. Alunos sentem falta de alguém que converse com eles sobre estes temas, uma vez que para se desenvolver necessitam de fontes de apoio. É interessante pensar no educador como referência não só para o saber, mas também para o afeto.

Perdas amorosas

Segundo Fernanda, Camila e Telma, os adolescentes compartilham experiências de perdas amorosas na escola. Para Fernanda, a morte simbólica por separação é uma *"dor insuportável"* na

vida dos jovens e estes buscam o *"educador receptivo"* para alívio das suas angústias. Camila comentou que adolescentes pedem conselhos sobre perdas amorosas e casos de traição.

Alunos novos, mudanças de série e saída da escola

Estes eventos foram lembrados por Fernanda, Armando e Maria. São exemplos de situações que envolvem mortes simbólicas na vida dos jovens. Consistem em etapas do desenvolvimento que podem representar ganhos, como o vestibular e a universidade, mas também trazem as perdas de amigos e da situação anterior conhecida. Fernanda destacou as expectativas dos jovens em relação à saída da escola e os medos diante da frustração e perda do contato com os amigos:

> *Eu percebo o medo das expectativas diante da vida. No 3º ano, isso é forte. Os alunos falam: "eu vou estudar, vou fazer vestibular e vou trabalhar com o que? Será que tem emprego para aquilo que eu estou procurando?" Às vezes eles também demonstram o medo de ficar longe dos pais mais tempo com o ritmo de vida, com uma mudança na vida. Os jovens ficam mais sensíveis às coisas no 3º ano do Ensino Médio, talvez por essa proximidade: ao mesmo tempo em que eles têm liberdade, eles têm muita responsabilidade. No 3º ano os alunos já estão sentindo a perda dos amigos, eles vão embora da escola, cada um vai para um lugar, há o medo de uma nova etapa da vida. No 1º ano eles estão chegando, começando.*

Armando falou sobre a experiência dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, a perda de contatos e pontos de referência com outros alunos e professores. Descreveu as festividades do último dia de aula como um rito de passagem importante que representa a saída da escola para a vida adulta. Ponderou sobre os *ganhos* das mortes simbólicas: o mundo do jovem se torna maior, com possibilidade de estabelecer diferentes relações e amizades, viver novas experiências e adquirir outros conhecimentos. Para alguns alunos, há a sensação de liberdade ao perceberem a *"ampliação de horizontes"*. Destacou que não existe cerimônia de formatura nas escolas públicas e este rito de passagem não é vivido. Para ele, seria muito importante promover a despedida do contexto escolar e estimular a reflexão dos alunos sobre os ganhos diante de uma nova vida até como trabalho preventivo às frustrações e aos medos. As mortes simbólicas, segundo Armando, podem levar os jovens à reflexão sobre o valor da vida. Os rituais, quando reconhecidos e valorizados, são importantes para lidar com estas perdas:

> *Eu fiquei muito emocionado, como educador, quando os alunos pegaram os cadernos e jogaram para o alto. É uma festividade muito emocionante.*

Maria, ao se referir às mortes simbólicas, lembrou dos alunos recém-ingressos que chegam à escola tendo que lidar com a perda dos amigos antigos e com a nova situação de vida. Citou o *"estudo do meio",* projeto desenvolvido na escola em que trabalha para ajudar os alunos a lidar com estas perdas por meio de viagens para integração e convivência. Destacou a passagem do 5º para o 6º ano, quando o professor deixa de ser polivalente, o que ocasiona perdas e separações. Esta etapa também é trabalhada no *"projeto de passagem"*, no qual os alunos conhecem os vários professores novos, trocam experiências e recebem ajuda do orientador educacional para lidar com este momento. O mesmo acontece quando os alunos deixam a escola no 3º ano do Ensino Médio, sendo proposto o resgate das experiências e preparo para a próxima etapa a ser vivida por eles. Os professores também sentem estas perdas e despedidas, podendo compartilhar seus sentimentos com os colegas, o orientador educacional e os alunos que vão para uma nova etapa. Segundo Maria, o professor que é coordenador de série se envolve bastante com alunos e seus familiares:

> *Então, cada turma que vai é uma perda, uma separação difícil. É começar tudo de novo com uma outra turma.*

Nesse sentido, Bromberg (2000) aponta os ritos de passagem como eventos que marcam o ciclo da vida e que são necessários para a aceitação de novos eventos a serem vividos. É importante que rituais como estes sejam valorizados nas escolas como caminho de elaboração das mortes simbólicas.

A escola, o adolescente e a morte escancarada – relatos de experiências

---

Quando perguntei aos educadores sobre os temas relacionados às mortes escancaradas e à adolescência que estão mais presentes na sua experiência no contexto escolar, foram citadas algumas situações: mortes de crianças e jovens amplamente divulgadas pelos meios de comunicação; mortes de ídolos; mortes na internet e no cinema; guerras e violência urbana.

A discussão das mortes escancaradas e os sentimentos provocados nos adolescentes em sala de aula fazem parte da experiência de alguns educadores.

Fernanda, Andréa e Maria acreditam que estas mortes mobilizam emoções e reações nos seus alunos, como por exemplo: identificação, medo, choque e indignação. Fernanda afirmou que as mortes escancaradas são levadas às salas de aula pelos jovens, possibilitando discussão entre educadores e alunos sobre a mídia e o sofrimento humano sob vários ângulos. Falou sobre a banalização da morte e como os jovens a percebem:

> *Recentemente a morte de jovens e crianças ocorridas na mídia, você chega em sala de aula e os alunos estão comentando. Nós começamos a comentar a respeito numa das salas e aí nós partimos para outras mortes. Nós percebemos uma crítica à mídia dos jovens. Nesse mesmo dia que um canal de televisão apresentou a morte do menino, aquela tragédia toda e, de repente, termina essa notícia e entra o Big Brother. É como se aquilo estivesse amenizando uma tragédia. Então, nós partimos para essa discussão.*

Perguntei à Fernanda como é a elaboração destas mortes pelos jovens. *O que eles fazem com estas imagens às quais assistem nos meios de comunicação?* Um dos caminhos que propôs é levar estas cenas para discussão em sala de aula e outro o incentivo à discussão no ambiente familiar. Fernanda apresentou a ideia da *"morte cultural"* como decorrência da morte escancarada. Esta pode ser vista como forma de *"anestesia"* ou não envolvimento com os acontecimentos, pois talvez ocorra uma preocupação maior com o espetáculo da morte e não com a sua elaboração:

> *Como são elaboradas essas mortes? Eu procurei dar um espaço para a discussão desse assunto em sala de aula. Inclusive foi um aluno que comentou o que a televisão mostrou logo após as imagens da tragédia ocorrida no Rio de Janeiro. Ele falou: "ah, professora, logo depois já entrou o Big Brother, eles dançando numa festa". Aí eu falei: "vamos tentar analisar isso". Existe uma morte nisso? Existe uma morte cultural. Existe uma morte concreta, física, e existe uma morte da sociedade, que não dá importância para isso, uma morte cultural. A mídia age assim.*

Para Endo (2005), a violência funciona como um conforto para o tédio do cotidiano. Acompanhar cenas trágicas pela mídia faz parte do hábito dos cidadãos no mundo. A morte na mídia é vista como espetáculo, diferentemente da morte pessoal que atinge cada um de nós.

Segundo Andréa, os professores não oferecem espaços para discussões das mortes escancaradas com os jovens devido ao pouco tempo de aula e ao não planejamento destas atividades. Pergunta-se: *quem estabelece este tempo? São os professores, a coordenação da escola? Este é imposto ou há margem para flexibilidade?* O fato é que alunos buscam ajuda, querem falar sobre o tema, mas os conteúdos e programas estabelecidos parecem ser mais importantes e esta discussão nunca ocorre. *Como resolver este dilema?*

> *O veículo de informação a que eles têm acesso é de baixíssimo nível, é aquele que chamamos de "apelativo". Então, os jovens chegam meio chocados com o tipo de notícia que eles ouviram. Os jovens comentam isso em sala de aula sim, sobre as notícias que presenciaram. Nós é que "cortamos" um pouco porque só temos 45 minutos para dar uma aula, não dá para discutir, não planejamos isso para aquele dia. Então, a gente não leva muito à frente essa discussão. Mas, eles comentam muito sobre as notícias presenciadas na mídia, sobre estas mortes escancaradas, e o assunto naquele dia passa a ser este, "o jovem que foi morto", eles trazem muitos detalhes.*

Andréa refletiu sobre a importância de os jovens expressarem seus sentimentos em relação às mortes violentas e bruscas, e afirmou que isso efetivamente não ocorre na prática, mas não chamou para si esta responsabilidade. *Será que os educadores sentem que precisam abordar o tema da morte?*

> *Eu acho que é quase uma necessidade "catártica" dos jovens. Estas notícias criam uma instabilidade emocional grande e comentar faz parte desta expressão de sentimentos. Isso precisa ser trabalhado de algum jeito, mas, na prática, não é muito não.*

Segundo Maria, crianças e adolescentes ficam abalados com as mortes amplamente divulgadas pela mídia e acabam por se identificar com as Histórias. Mesmo sem ter se preparado para isso, a escola em que leciona trabalhou temas como violência e relações familiares. Nas escolas judaicas há bastante comoção com as guerras ocorridas em Israel, tema abordado em várias situações. É importante questionar: *esta diferença se deve apenas por ser escola particular ou pela disponibilidade dos educadores?*

Flauzino e Grecchi (2009) prestaram assistência psicológica ao corpo docente, discente e pais de alunos da E. E. Prof. José Carlos Antunes, na qual estudava a garota Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, que foi sequestrada e assassinada pelo ex-namorado em 2008 em Santo André. Os autores investigaram a comoção mobilizada por este caso, a solicitação de ajuda e a necessidade de intervenção nesta comunidade escolar após o desfecho trágico. Refletiram sobre a não existência destes espaços para discussão e reflexão em outras escolas nas quais também ocorreram situações trágicas, mas que não atingiram a mesma exposição na mídia. Ofereceu-se assistência psicológica ao corpo docente, discente e pais de alunos e orientação à direção, coordenação e professores sobre como conduzir o tema aos demais estudantes, ajudar no entendimento das fases do luto e na expressão dos sentimentos diante da perda de alguém próximo.

Kovács (2003) nomeou a morte na mídia como retrato das mortes escancaradas. Há excesso de imagens, escassez de textos, pouco espaço e tempo para elaboração destes eventos. A morte nos meios de comunicação vem se configurando pela ausência de comunicação e emoções que possam ser assimiladas. Neste cenário não há o resgate do valor da vida e da morte e dos sentimentos a elas vinculados.

É importante refletir: *em que medida os meios de comunicação, a mídia e o mundo globalizado prejudicam a constituição do sujeito?* Camila, Telma e Armando observaram que há um distanciamento dos jovens em relação às mortes escancaradas, estas não sensibilizam mais suas vidas.

Quais seriam as razões para isso? Seria uma banalização influenciada pelo contexto social em que vivem ou uma forma de defesa porque o choque é intenso?

Segundo Flauzino e Grecchi (2009), os jovens questionam: como saber o quanto e para quem se expor, uma vez que eles sofreram tantas invasões de privacidade, além da banalização da sua imagem pessoal na mídia?

Camila destacou o website *YouTube*[46], no qual jovens acessam, frequentemente, cenas de violência, acidentes e suicídios. Porém, as mortes acessadas na internet parecem ser secretas e proibidas. Nas mortes escancaradas de casos públicos e amplamente divulgados, no entanto, os alunos fazem comentários com risadas e ironias bem diferente de quando se referem à morte de pessoas próximas com as quais têm vínculos. Segundo ela, há um distanciamento da situação:

> *Estes vídeos não mexem com as emoções dos adolescentes. Para os adolescentes levarem comentários da internet é muito difícil. Eles vêem escondidos e não te contam. Você está no papel de adulto, ele vai contar para o amigo dele. Eles comentam as mortes abertas para a sociedade, não quando é um segredo.*

Telma afirmou que jovens satirizam alguns casos presenciados na televisão, como se não levassem em conta o valor da vida. Na pesquisa que conduzi no mestrado, apontei que os jovens consideravam as mortes escancaradas como distantes da sua vivência e realidade. A proximidade somente é possível quando ocorre com alguém do seu círculo social (RODRIGUEZ, 2005). Na sua experiência, Telma percebeu que educadores não lidam com os sentimentos provocados por mortes escancaradas presentes na realidade dos jovens. *Por que será que isso ocorre? Os educadores não querem assumir esta função? Eles sentem que não têm respostas para todas as perguntas e acham que deveriam ter?*

Armando acrescentou que seus alunos comentam sobre mortes violentas exibidas na televisão e em filmes, que, segundo ele, são:

[46] *Website* que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos.

> *As mortes televisionadas ou vistas na internet são percebidas como espetáculo e o ser humano como descartável. Eu tenho vontade de dizer para eles acordarem que isso não é um espetáculo. Isso não deveria nem estar sendo divulgado. Isso é invasão de privacidade até daquele que morreu. A pessoa não tem culpa de ter morrido desta forma. Se esta idéia aparecesse novamente na escola, eu faria uma reflexão com os meus alunos sobre esta idéia da morte como show, como uma feiúra admirável.*

Como professor, tenta provocar a consciência de seus alunos, mas sente que outros educadores não desenvolvem esta sensibilidade nos alunos. A escola deveria então refletir sobre mudanças e alternativas que poderiam ter impacto na realidade dos adolescentes, buscando parcerias com os familiares. Quando há omissão e silêncio da escola repete-se, portanto, o modelo visto na sociedade.

Além disso, as mortes escancaradas, muitas vezes, são anônimas e as mortes de pessoas queridas tocam profundamente, deixando marcas e lembranças.

A seguir, destaco uma iniciativa importante como um dos caminhos para se lidar com as mortes escancaradas nas escolas: no dia 10 de fevereiro de 2009 ocorreu o Dia Internacional da Internet Segura ("Safer Internet Day") [47]. O objetivo deste evento foi promover o uso ético e seguro da internet e outras tecnologias, por meio da difusão de informações, recursos e guias de práticas adequadas. Estas atividades educativas e de prevenção ocorreram em 65 países. No Brasil, a organização do evento esteve sob a responsabilidade da SaferNet Brasil e do Ministério Público Federal. A proposta do evento foi integrar a responsabilidade dos governos, educadores, pais, ONGs, e veículos de mídia na proteção dos direitos dos cidadãos no que se refere ao uso de novas tecnologias, assim como reduzir os riscos decorrentes de comportamentos perigosos ou abusivos. Nas escolas a principal proposta da SaferNet foi a de reservar um espaço para conversas com os alunos sobre ética na internet e prevenção de práticas que estimulam comportamentos autodestrutivos. Filmes educativos e listas com propostas de segurança elaboradas pelos próprios alunos também foram ferramentas eficazes. Portanto, estas iniciativas das escolas e a ideia do professor-cuidador

[47] Fonte: http://www.safernet.org.br

podem ter papel importante na mudança desta situação de interdição da morte nas escolas e da banalização das mortes escancaradas.

Construindo novos espaços – a busca pela comunicação do tema da morte entre educadores e adolescentes

A escola deveria abordar o tema da morte?

Consultando bibliografia especializada sobre comunicação da morte entre educadores, observei uma escassez de trabalhos sistematizados nas escolas brasileiras que cuidem da dor, do luto e do sofrimento decorrentes de situações de morte na vida dos adolescentes. Segundo Bromberg (2000), trabalhos de prevenção poderiam interferir no rendimento escolar:

> Concluí que o desinteresse dos pesquisadores brasileiros por questões de morte e luto está calcado na crença de que as conseqüências do luto são um problema inevitável e suportável, considerando-as apenas em uma visão a curto prazo, desconsiderando as conseqüências psicossociais de longo prazo, como problemas psiquiátricos, aumento de freqüência às consultas médicas por doenças psicossomáticas e dificuldades de aprendizagem (p.160)

Para Cotter (2003), existe uma correlação significativa entre as notas escolares dos adolescentes e o número de comportamentos de risco em que esses alunos estão envolvidos. Notas mais baixas podem estar relacionadas ao aumento dos comportamentos de risco. Nesse sentido, um suporte acadêmico é importante.

Uma das principais preocupações da escola deveria ser formar indivíduos autônomos e preparados para cuidar de seu desenvolvimento, incluindo as várias situações de perdas e mortes vividas. Estas situações podem propor novos desafios aos educadores que devem estimular o

desenvolvimento pleno de seus alunos. Esta é uma das questões fundamentais relacionadas a este projeto.

Os participantes desta pesquisa apontaram a necessidade da comunicação sobre a morte no contexto escolar. Porém, alguns cuidados e limitações dos educadores foram destacados. Luisa tem abertura para falar sobre o tema, mas tem receio do que este trabalho possa acarretar em problemas no relacionamento com os familiares dos alunos. Segundo ela, há conflitos de crenças e interesses entre professores e pais de alunos. Foi citada, portanto, a importância de se incluir a comunidade escolar como um todo nas atividades promovidas sobre o tema da morte. A noção deve ser de parceria:

> *Eu acho que a escola deve estar aberta a todas as temáticas, inclusive a morte. A minha escola é aberta. Mas isso é algo arriscado, da mesma forma que a educação sexual. Eu posso criar um problema. Há pais que não aceitam que eu comente sobre isso. Então, você tem que trabalhar com a comunidade também. Primeiro fazer uma "escola de pais" e, depois, poder trabalhar com o aluno.*

Algumas reflexões são necessárias: *quais seriam os riscos? Quais seriam as dificuldades para abordar o tema? Quais seriam os motivos dos pais serem contra estas atividades?*

Andréa ponderou sobre o preconceito que pode surgir nos professores a partir de novas temáticas inseridas na escola. Segundo ela, muitos educadores não refletem sobre a função social de alguns conteúdos ensinados e as necessidades atuais dos jovens. Na sua opinião é possível inserir nas aulas a reflexão sobre o tema da morte, embora professores não vejam ou não queiram ver esta possibilidade. Afirmam não ter tempo, mas segundo seus questionamentos: será que todo o conteúdo oferecido nas aulas é essencial? A educadora propõe a reestruturação do currículo e o estabelecimento da ponte entre a teoria e a prática do conhecimento. Manter a rotina de trabalho pode ser uma forma de defesa para não enfrentar novas temáticas que emergem como a morte:

> *Acho ingenuidade achar que estas novas práticas são distanciadas da sala de aula, eu consigo enxergar muitas relações. Muitos professores podem não ver essa relação direta. Eles ficam pensando as relações disso com o currículo escolar. Ele até percebe a necessidade, mas não consegue fazer essa relação. Os professores têm*

> *um preconceito muito grande com novos temas trazidos, eles perguntam: "isso vai melhorar em que a minha aula?" Não fica explícita a relação com a prática. Tem professores trabalhando conteúdos absolutamente obsoletos ou que poderiam ser trabalhados num outro nível. E ele não consegue abandonar porque ninguém o convence de que ensinar aquilo, daquele jeito, tem menos função social, atualmente, do que enxugar o conteúdo e incluir essas temáticas. O professor, muitas vezes, ensina o que ele aprendeu e do jeito que ele aprendeu, desvinculado do momento atual, das necessidades atuais (dos alunos). E aí, esses novos conteúdos muito mais importantes, continuam de fora. Precisa haver um desenvolvimento da ponte entre a teoria e a prática.*

Schwartzman (2008), ex-presidente do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), afirma que o conhecimento acadêmico deve se transformar em serviços úteis oferecidos à sociedade. Observo que o trabalho de educação para a morte nas escolas poderia produzir conhecimento teórico para educadores e alunos, refletindo nas práticas cotidianas e no cuidado ao adolescente enlutado por morte concreta ou simbólica. É tornar possível conviver com a inevitabilidade da morte. Segundo Bauman (2008), conciliar os mortais com sua mortalidade dá à vida sentido, propósito e valor. Cabe a cada pessoa decidir quais "frutos" irá colher e quais marcas permanentes deixará na memória humana. Nossa existência é cheia de escolhas e a presença da morte traz prioridades à vida, não significando paralisar o desejo de viver:

> A morte também funciona como um estimulante extremamente poderoso. Em outras palavras, dota a vida de uma enorme importância (...) faz com que os dias contem e nós os contemos (p.71-72).

Segundo Andréa, atualmente não há espaços para a abordagem do tema da morte no contexto escolar, mas o assunto é visto como prioridade para os adolescentes. Muitos educadores pensam que o tema da morte precisa ser abordado, mas esperam que outros tomem as iniciativas. Faz críticas à falta de valorização dos educadores em relação a temas importantes a serem inseridos na grade curricular. *O que é essencial num currículo?* Na sua opinião, haveria espaços para a inserção do tema da morte no contexto escolar, no que Luisa concorda e ambas acham que seria importante incluir os pais e a comunidade escolar como um todo nesta discussão:

> *Não há espaços atualmente. Eu acho que poderia haver espaços a partir da reformulação do currículo. Há uma total incompetência, nem é falta de autonomia, é*

> *incompetência mesmo para gerenciar essa necessidade de reforma do currículo para contemplar as necessidades dos alunos, ver o que realmente é essencial. Falta muita orientação na formação do professor para isso. A morte poderia ser inserida nas atividades culturais da escola, mas ninguém nunca trouxe isso. Num tema como esse é importante também convidar os pais, a comunidade. Então, é falta de objetividade mesmo, de dar importância para isso. Há uma falta de valorização e objetividade da escola.*

Fernanda foi bem clara quando perguntei se a escola deveria abordar o tema da morte:

> *Sim, faz parte da vida, e abordar todas essas mortes que você citou: as mortes concretas, simbólicas e as mortes escancaradas. Eu acrescentaria a morte cultural também. Sem dúvida, a morte deve ser discutida na escola. Ela faz parte do conhecimento do jovem, é "mors amor" mesmo. Um do lado do outro.*

Maria afirmou que os três tipos de mortes (concretas, simbólicas e escancaradas) devem ser trabalhados nas escolas, uma vez que a educação envolve o contato entre seres humanos. Na escola onde trabalha não há uma programação para abordar o tema. Segundo ela, no passado, as funções educativas eram divididas entre a escola, com ênfase no conhecimento, e a família, que cuidava das regras sociais. Hoje a função da escola vai além do conteúdo pedagógico. Os alunos precisam entrar em contato com as perdas do dia a dia. Maria diz que os adolescentes de escolas particulares vivem numa *"bolha de felicidade". Será que esta condição existe mesmo? Por que então, muitas vezes, eles buscam comportamentos de risco?* O fato é que os índices envolvendo mortes violentas atingem todas as camadas da população.

Camila ressaltou quais cuidados devem ser tomados para que educadores abordem o tema da morte. Em primeiro lugar, é fundamental oferecer-lhes uma formação específica. Além disso, estes profissionais precisam estar disponíveis para acolher o sofrimento dos alunos. A função do professor, como cuidador, deve ser trabalhada. Telma lembrou também da importância de se respeitar os limites de cada educador para falar sobre a morte, visto que isto ainda é tabu na sociedade atual, assim como era o tema da sexualidade: *"pensar sobre a morte é ter uma vida com mais qualidade".*

Os temas da sexualidade e da morte sempre foram tabus, assim como destaca Bromberg (2000):

> Se a morte é tida como um grande tabu no século XX, semelhante ao tabu sexual no século XIX, trazê-la mais próxima ao campo das experiências inerentes à condição humana é tarefa ampla, envolvendo inúmeras áreas do conhecimento, não apenas a Psicologia. Não se trata de banalizá-la, mas de permitir que o ser humano a inclua em seu projeto de vida (p.161-162).

Para Camila, é o aluno que, muitas vezes, promove condições facilitadoras para a discussão sobre a morte:

> Eu acho que a morte dentro da escola deve ser trabalhada por mais que doa, nem que seja sofrer junto, compartilhar, tem que acontecer de certa maneira.

Para Armando, o tema da morte praticamente não é abordado nas escolas mesmo fazendo parte do cotidiano dos seres humanos. Na sua opinião, a abordagem da morte envolve questões filosóficas, sociológicas e literárias.

A comunicação sobre o tema da morte no ambiente escolar é um campo no qual podem ser encontrados elementos facilitadores ou complicadores. Segundo Silva (2002), aprimorar a comunicação significa conquistar o melhor de nós mesmos e poder direcionar nossa atenção para novas dimensões. A principal pergunta que podemos fazer é: *as escolas buscam assumir a educação para a morte como uma proposta?* O educador pode ser facilitador da discussão sobre os temas que envolvem a morte. Os vários pontos de vista de educadores e alunos devem ser respeitados, uma vez que não há respostas certas para perguntas nesta área. É importante que o educador esteja atento às emoções que surgem no seu contato com os alunos.

Seleção dos participantes para as atividades: quem está "mais preparado"?

Quando perguntei quem na escola abordaria o tema da morte com os alunos, Fernanda e Camila sugeriram que deveriam ser os profissionais mais disponíveis e sensíveis ao assunto. Fernanda apontou o psicólogo ou professor de psicologia por ter maior proximidade com os alunos. Camila fez uma objeção aos profissionais que não estão inseridos no contexto escolar, pois, segundo ela, *"quem está de fora não tem a dimensão do que ocorre na escola"*. Ela disse que se profissionais externos vão participar, o trabalho deveria ser na forma de orientação e esclarecimento de dúvidas e não de culpabilização dos educadores pelas situações ocorridas na escola.

Luisa, Telma, Armando e Maria sugeriram uma parceria entre professores de várias disciplinas, principalmente da área de humanas, para a abordagem do tema da morte na escola. Eles são vistos como tendo maior sensibilidade para discutir o assunto. Além disso, a comunidade escolar, o orientador educacional, o coordenador pedagógico e os ajudantes, de forma geral, também devem estar envolvidos. Maria afirmou que é importante ter um profissional na escola que possa ser referência para o adolescente. Na sua experiência em escolas particulares costuma ser o orientador educacional.

Telma destacou outro ponto fundamental: é importante o educador não estar sozinho na realização destas atividades. Assim, a formação de uma equipe para abordar a morte na escola poderia permitir um equilíbrio maior nas discussões, conciliando pontos de vistas diferentes.

Andréa também ressaltou a necessidade de formação permanente para a abordagem da morte, mas ponderou que os profissionais disponíveis a isso são minorias nas escolas públicas.

Luisa sugeriu parcerias das escolas com agentes externos, como universidades e psicólogos, reunindo assim profissionais com distanciamento do cotidiano escolar e educadores com

conhecimento relevante do dia-a-dia dos alunos. A participação e envolvimento dos pais para a realização destas atividades também foram destacados por Luisa. Seu sonho é ter uma escola em que pais estabeleçam parcerias com os educadores, pois sua frustração é perceber cada segmento isolado, delegando os problemas:

> *Eu acho que os pais devem ser envolvidos nesse trabalho com a morte. Uma das minhas frustrações, que eu acho que eu vou terminar com o meu tempo de serviço, é não ter conseguido fazer uma escola de pais. Eu sempre sonhei com isso e não consegui fazer. Às vezes, eu chamo profissionais de elite e, quando eu vejo, o auditório está com poucos pais. E, os pais que vêm, se revoltam com a ausência dos outros pais. Este envolvimento da família com a escola é fundamental. Às vezes, os familiares estão tão perdidos que eles não querem nem chegar perto da escola. Até para denunciar, expor uma incapacidade, isso é muito difícil. Assim, é muito importante envolver toda a comunidade interna da escola e a comunidade externa também, desde o inspetor de aluno, o servente, todos, cada um tem a sua responsabilidade. Eu acho que uma temática desta necessita do envolvimento de todos os profissionais.*

Ponderou que é necessário levar o tema da morte até a comunidade, uma vez que esta discussão extrapola, muitas vezes, o papel da escola. O processo deve ser acompanhado na escola até haver necessidade de encaminhamentos externos.

Será que Luisa pensa, fundamentalmente, em atendimentos clínicos realizados na escola envolvendo a temática da morte? Neste momento, ainda não parece estabelecer relações entre o papel da educação e a abordagem pedagógica da morte. *Será que a educadora vê a morte como tema a ser debatido na escola numa perspectiva educativa ou vê apenas numa ótica clínica?*

É importante ressaltar que esta pesquisa não teve o intuito de propor a criação de "pequenos consultórios" dentro das escolas ou desenvolver práticas clínicas nas salas de aula. A proposta é o desenvolvimento de um "olhar pedagógico" para o tema da morte e construir, a partir deste olhar, estratégias de intervenção para educadores e adolescentes.

Nicolelis e Varella (2008) refletem sobre a "aventura" do processo educacional que, na opinião dos autores, deveria ser movido pela curiosidade de educadores e alunos, não visando

respostas definitivas, e sim a ampliação de horizontes. Educar é fazer acontecer, transformando sonhos e ideias em realizações concretas.

Estar preparado para falar sobre a morte na escola, portanto, não é determinado por respostas prontas. A tanatologia e a educação podem se integrar num rico processo de aprendizado, no qual a comunidade escolar e seus alunos trilham seus próprios caminhos. Para Nicolelis (2008), o único propósito *da* vida é construir um propósito *na* vida e empreender a grande aventura da construção humana.

Sobre o preparo dos educadores

Segundo Paes (2004), a formação profissional do professor não apresenta elementos que permitam o acesso a informações e orientações sobre como lidar com as experiências de perdas e mortes de seus alunos. Além disso, percebe-se inexistência de instrumentos teóricos adequados para esta abordagem. É necessário, então, fornecer ao educador elementos teóricos e oportunidades para a expressão de sentimentos e experiências pessoais em relação à morte. Knapman (1999) aponta que falar sobre a morte e permitir sua expressão é um processo universal, não sendo assunto exclusivo de especialistas. Este autor afirma que, enquanto espectadores da morte, todos podemos vivenciar um enorme sentimento de impotência. Diante desta limitação, comum e natural, a tendência é querer eliminar o sofrimento.

Esslinger, Kovács e Vaiciunas (2004) questionam: *será que os profissionais que se dizem não preparados para enfrentar a questão da morte querem de fato se preparar?*

Nesta pesquisa, Armando destacou a necessidade de revisão da formação humanística do professor durante a graduação. Nas universidades particulares o ensino parece estar *"mecanizado"*, não estimulando a reflexão do aluno. No curso de Letras da USP, no entanto, há disciplinas que

trabalham a temática da morte. Armando destacou as aulas do professor José Antonio Pasta Júnior[48]. A abordagem humanista, segundo ele, favorece maior segurança para o educador trabalhar posteriormente com a morte em sala de aula.

Para Maria, é importante a reunião dos professores com o orientador educacional para que possam expor suas angústias e questionamentos. Luisa apontou que o psicólogo é o profissional que pode ajudar no preparo do educador para a abordagem do tema da morte no contexto escolar.

O tema da morte exige conhecimento amplo, além das disciplinas escolares. Segundo Fernanda, de forma geral, o educador deve ter sua atuação profissional não só vinculada a conteúdos pedagógicos ou informativos e as disciplinas da área de humanas podem abrir espaços para se trabalhar o tema da morte:

> *O profissional de hoje não pode ficar focado somente no seu trabalho, no seu conteúdo pedagógico. Então, o professor de português só vai trabalhar o conteúdo de português. Não, eu acho que tem que haver um conhecimento de arte, de estética, de História, de psicologia, de sociologia, de filosofia, pra que tenhamos um conhecimento mais abrangente, mais amplo. Principalmente quanto se trata de morte, ela é tão ampla! Ela abrange tantas áreas.*

E quais são os sentimentos presentes para o educador ao falar sobre o tema da morte? Fernanda aponta o medo que também pode estar presente entre os alunos:

> *Ao discutir o tema da morte em sala de aula vem o medo (...) eu presenciei isso na poesia "Mors amor". Eu comecei a abordar a poesia e a morte surgiu como um tema forte e, com ele, o sentimento de medo. Medo em relação à morte. E o medo também em discutir esse tema.*

A professora acrescentou que as experiências do educador com os vários tipos de mortes podem ajudar na abordagem da temática com os adolescentes. Por outro lado, se há professores que ainda estejam vivenciando o processo de luto, estes podem ter dificuldades de lidar com os sentimentos de seus alunos.

[48] Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

Rogers (1997) aponta que basear-se na própria experiência ajuda na reflexão. É importante poder se apropriar do vivido, perceber o sentido. Segundo este autor, o preparo é possível a partir da experiência. Aliás, ele se dá pela experiência. Pergunto então: *como tentar preparar o educador para o tema da morte sem oferecer espaços para que elabore suas experiências profissionais e pessoais?*

Andréa expôs a falta de mobilização dos educadores e propôs que haja estímulos e cobrança de resultados:

> *A disponibilidade (para o preparo) vai depender do estímulo. Se promovessem cursos pontuados. Vocês vão participar de um curso de formação sobre esse tema e vai valer tantos pontos para a sua carreira. Mas aí teria que cobrar o resultado também. Teria que haver uma valorização, um incentivo. Não existe uma grande mobilização não.*

Perguntei a Andréa como deveria ocorrer o preparo dos educadores. *Quais seriam as suas necessidades?* Respondeu que deveria haver parceria com as universidades e as secretarias de educação e que esta formação deveria ocorrer no horário de trabalho. Considerou importante que se proponha uma formação continuada com turmas pequenas, estimulando o vínculo e o comprometimento. Afirmou que há espaços em potencial nas escolas e estes são mal aproveitados:

> *Eu acho que cursos em parceria com as universidades e com as secretarias de educação. Alguns cursos deveriam ser oferecidos dentro do horário de trabalho. As escolas têm horários coletivos, pelo menos na prefeitura, no estado isso também tem. Aqueles horários são, muitas vezes, desperdiçados dentro da escola, com discussões vazias. Algumas palestras são úteis, mas, com certeza, é necessário um curso continuado com um determinado número de horas, estruturado com os temas, as horas e o tempo. Acho fundamental um curso mais longo e, se possível, trabalhar com uma turma pequena. Essa turma também precisa ter uma continuidade para a discussão e a formação. Uma formação continuada; com uma turma que permanecesse do começo ao fim. Como uma classe de estudos, com vínculo e comprometimento para se criar uma competência mesmo final.*

Outras limitações para um preparo adequado também foram citadas: tempo escasso, excessiva carga horária de trabalho, número grande de alunos, remuneração baixa e falta de coordenação da direção da escola. Armando também citou a necessidade de uma maior valorização da sua profissão.

Além disso, o receio do educador em abordar o tema e a sua disponibilidade para lidar com o sofrimento dos alunos foi lembrado. Camila apontou que deve ocorrer liberdade de escolha do educador para o seu preparo:

> *A partir do momento que eu me sinto oprimida pra fazer o meu trabalho, eu corro um sério risco de oprimir os meus alunos.*

É importante também que se observe e compreenda o discurso do educador sobre o não preparo para lidar com o tema da morte na escola. É interessante refletir com eles sobre o que significa esta falta na sua formação. Assim, eles podem identificar e trabalhar com suas resistências.

Camila ressaltou que professores devem *"cuidar"* de seus alunos, sobretudo aliviando seu sofrimento em situações que envolvem a morte. O embasamento teórico e uma postura crítica perante os vários casos é fundamental. O espaço para lidar com as questões da morte é criado pelo próprio professor e o preparo adequado é sua responsabilidade.

A importância do trabalho preventivo foi destacada por Fernanda e Maria. Esta última disse:

> *Eu nunca vi um professor perguntando como trabalhar com o tema da morte na escola. Eu acho importante um preparo para se trabalhar com os valores envolvidos nestas situações de morte. Normalmente a gente tenta ser o mais imparcial possível, às vezes, a gente acaba colocando a nossa opinião.*

Telma acrescentou as vantagens do preparo para a atuação do educador frente à morte. O ideal é ocorrer o preparo antes da ocorrência da morte, permitindo que professores possam ter uma *"postura mais ponderada"*. Muitas vezes, professores não sabem como iniciar este trabalho. Uma das formas é a expressão de sentimentos, ao invés de ocultá-los. A abordagem do tema da morte também pode partir da realidade de professores e alunos:

> *Como a morte é um tema tabu, os educadores não têm nem idéia de como ou por onde começar a falar. A maioria já se fecha quando citamos o tema, colocam uma "cortina preta" mesmo. Se eles pudessem, eles ficariam atrás desta "cortina preta". Quem for prepará-los, deve trazer os educadores para a realidade, de que a morte é um processo natural da vida, que, infelizmente, não é um tema muito falado e que a gente pode se permitir a falar. Mostrar as vantagens de se falar sobre o tema da morte e trazer algo deles mesmos, da realidade deles. E deixar eles falarem sobre suas opiniões, extravasarem seus sentimentos. É importante tentar perceber o que,*

> *neste percurso, desviou este processo nosso de não poder falar sobre a morte e aí sim abordar as necessidades porque eles não percebem e aí sim explorar todo o tema, a História deles, deixar eles falarem.*

Esta pesquisa traz inquietações importantes semelhantes às apontadas por Paes (2004). A autora conclui que a promoção de espaços para a reflexão do tema da morte nas escolas permite, também aos educadores, o contato com seus sentimentos, fazendo parte do preparo pessoal e profissional para lidar com o assunto em sala de aula. Torres (1983) foi pioneira na proposta de educação para a morte quando chamou a atenção dos educadores para o conceito de morte das crianças e seu desenvolvimento cognitivo. O preparo para a morte deve começar com as crianças nas escolas. Esta é uma contribuição valiosa para educadores, oferecendo suporte para uma conduta pedagógica mais adequada também com adolescentes.

Enfim, a preparação para a abordagem do tema da morte nas escolas não envolve somente a transmissão de informações. Segundo Sekkel (2003), só informações não garantem mudanças, as experiências são necessárias. As vivências com os vários tipos de mortes no contexto escolar podem resultar de fato em mudança de posturas pessoais e transformação nas vidas de educadores e alunos.

Instrumentos facilitadores

Segundo os princípios da *aprendizagem significativa* na educação propostos por Rogers (1997), educadores devem promover o real contato dos alunos com os problemas da vida. Os educadores podem estimular o desejo dos alunos de aprender, descobrir e criar. Os recursos didáticos devem ser oferecidos e compartilhados com os alunos, nunca impostos. Portanto, a função do professor é propiciar um clima facilitador nas aulas que favoreça a originalidade, autonomia e iniciativa dos adolescentes.

Para alcançar o objetivo de construir espaços para a comunicação do tema da morte nas escolas, é fundamental investigar instrumentos a serem utilizados ou desenvolvidos para facilitar a ação do educador com seus alunos. Foram citados: músicas, filmes, propagandas, telas, imagens, notícias e fatos atuais da mídia, apostilas didáticas relacionadas às várias disciplinas escolares, livros didáticos e paradidáticos, desenhos e marionetes.

Estes instrumentos podem motivar os alunos e contribuir para a comunicação com os educadores. Rocha e Silva (2002) estudaram possíveis mudanças em sala de aula que favoreçam a aprendizagem de alunos da área de enfermagem. Entre os aspectos facilitadores citaram: adequada dinâmica da aula, boa comunicação professor-aluno e a abordagem de conteúdos relevantes. Os métodos de ensino devem ser inovados e os instrumentos diversificados. Além disso, são importantes escuta, diálogo e melhor aproveitamento do tempo. Cabe ao professor buscar e utilizar todos os recursos disponíveis para facilitar o aprendizado de seus alunos, ajudando os jovens a pensar criticamente e construir seu próprio saber. Estas considerações nos permitem refletir sobre a construção de espaços que visem ao conhecimento da morte nas escolas:

> Acreditamos que o professor deva ser um comunicador que desperte o interesse dos alunos e considere os aspectos psicológicos envolvidos no processo de aprendizagem (...) precisa ter a capacidade de perceber a reação do outro e ser uma pessoa sensível nas relações humanas.

Luisa, Andréa e Maria apontaram algumas **disciplinas escolares** como instrumentos importantes para abordagem do tema da morte com adolescentes. Luisa e Maria enfatizaram a *ética* como base para a vida, devendo estar presente em todas as disciplinas por ser fundamental no processo da educação. Os temas transversais dos novos parâmetros curriculares incluem os temas da ética e da saúde. Com o olhar da ética, o aluno pode compreender o conceito de justiça e valores e sensibilizar-se pela necessidade de construção de uma sociedade justa, adotando atitudes de solidariedade e cooperação com seus pares. O tema da saúde também se relaciona às várias mortes,

uma vez que busca identificar fatores de risco aos alunos, chamando a atenção para a necessidade da autopreservação.

Andréa disse que, infelizmente, não dá para contar só com os profissionais da escola para a realização de atividades como as que estão sendo propostas por este projeto. Ela fez uma crítica aos educadores que, a partir da sua experiência, não gostam de ler livros. Acrescentou que os vídeos a serem utilizados devem ser direcionados para o trabalho do professor, devem fazer sentido para este. Enfatizou a necessidade de apostilas didáticas com as atividades bem especificadas: disciplina a ser desenvolvida, tempo de duração, perguntas a serem feitas aos alunos e sugestões de discussões. Sendo assim, as atividades devem ser previamente especificadas e detalhadas para o educador que for realizá-las:

> *Isso é muito difícil para eu reconhecer. É uma minoria dos educadores que gosta de ler. É raríssimo o professor que lê. Vídeos, nós também temos muitos, e eles também ficam lá "encostados". O vídeo deveria ser voltado para o trabalho do professor, voltado para o trabalho que ele desenvolveria com os alunos; tem que fazer sentido para o professor, para o projeto que ele vai desenvolver. Mandar um vídeo sozinho para a escola, ele fica lá parado do mesmo jeito que ficou o livro. Eu acho que pelo "vício" do professor de trabalhar só com o livro didático, então deveria ser uma apostila mesmo. Eu fico constrangida de falar isso. E junto com o texto teórico tem que haver um texto de instrução de como trabalhar isso com o aluno: "pergunte isso, discuta aquilo", bem esquemático mesmo. Este projeto e esta apostila devem estar bem especificados, por exemplo: "é um projeto que vai ser desenvolvido por um semestre, dentro da aula do professor de tal disciplina". Tudo tem que estar muito especificado e detalhado porque se depender da escola levar o projeto em frente, ele morre. É tudo um caos. A escola não consegue se organizar para viabilizar esse tipo de ação.*

A partir disso, discuto: *em se tratando de educação para a morte, será que é o caso de haver atividades tão estruturadas, quase como "receitas" de trabalho?* A questão é como motivar professores que não têm o hábito ou o prazer para leituras além do que se exige no seu cotidiano profissional.

Algumas *músicas* foram destacadas por Luisa, Fernanda, Camila e Armando: "O meu guri"[49] e "Construção"[50] de Chico Buarque. Com esta última, Armando já trabalhou a idéia de desvalorização da morte com seus alunos:

---

[49] **"O meu guri" – Composição: Chico Buarque**
Quando, seu moço
Nasceu meu rebento
Não era o momento
Dele rebentar
Já foi nascendo
Com cara de fome
E eu não tinha nem nome
Prá lhe dar
Como fui levando
Não sei lhe explicar
Fui assim levando
Ele a me levar
E na sua meninice
Ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega suado
E veloz do batente
Traz sempre um presente
Prá me encabular
Tanta corrente de ouro
Seu moço!
Que haja pescoço
Prá enfiar
Me trouxe uma bolsa
Já com tudo dentro
Chave, caderneta
Terço e patuá
Um lenço e uma penca
De documentos
Prá finalmente
Eu me identificar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro
Com carregamento
Pulseira, cimento
Relógio, pneu, gravador

Rezo até ele chegar
Cá no alto
Essa onda de assaltos
Tá um horror
Eu consolo ele
Ele me consola
Boto ele no colo
Prá ele me ninar
De repente acordo
Olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega estampado
Manchete, retrato
Com venda nos olhos
Legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente
Seu moço!
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato
Acho que tá rindo
Acho que tá lindo
De papo pro ar
Desde o começo eu não disse
Seu moço!
Ele disse que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí
Olha aí!
E o meu guri!...(3x)

Fonte: http://letras.terra.com.br/chico-buarque/66513/

[50] **"Construção" – composição Chico Buarque**

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro

Eu levo a reflexão sobre o morto estendido no chão que está atrapalhando o tráfego e não nos trazendo a reflexão que um ser humano acabou de morrer. É uma desvalorização brutal que o poeta registra de uma forma brilhante. O poeta traz o olhar desta situação, da sociedade, como ela vê a morte. A morte está atrapalhando o fluxo de carros, o fluxo significa a vida (...) precisa se trabalhar bem o sentido poético das músicas, eu faço isso com os meus alunos.

E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

Fonte: http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45124/

Fernanda, Camila e Armando destacaram *telas, quadros e pinturas* como instrumentos facilitadores. Camila ressaltou o cuidado a ser tomado pelo educador: *"não fazer a experiência de morte vivida por um aluno como tema da aula a não ser que ele queira".* Este trabalho *sobre* e *com* a morte não pode ser feito sem cuidados, é preciso preservar sempre aquele que está vivendo a situação. *Será que o temor é da exposição do aluno ou de não saber o que fazer com sentimentos que possam ser despertados?*:

> *Às vezes não é nem por maldade ou ingenuidade. O professor tem uma sala de 30, 40 alunos, às vezes no Ensino Médio são 50 alunos. O educador está fazendo uma atividade e, às vezes, nem para para pensar em como está agindo no ritmo frenético de trabalho.*

Propagandas, imagens, notícias e fatos atuais da mídia também podem ser elementos disparadores para a discussão da morte em sala de aula, segundo Fernanda, Camila e Maria. Para Fernanda, estes recursos devem suscitar o interesse dos adolescentes e destacou este aspecto essencial: *"deve haver um espaço para os jovens falarem sobre os seus sentimentos".*

Livros didáticos e paradidáticos foram destacados por Telma e Maria. Foi apontada a necessidade de planejar estas atividades envolvendo os professores de várias disciplinas e o orientador educacional. Estes recursos serão melhor explorados ao abordar a relação entre a disciplina de literatura e o tema da morte na próxima categoria "A morte nas disciplinas escolares". Maria enumerou temas que podem ser trabalhados a partir da leitura: mortes, perdas, separações, doenças, ética, relações humanas e sentimentos comuns na adolescência, como o medo do desconhecido. Os livros citados foram: "De repente nas profundezas do bosque" (Amós Oz); "O menino do pijama listrado" (John Boyne); "O diário de Anne Frank" e "O diário de Zlata" (Zlata Filipović). Há uma sinopse deste material no ANEXO 9 (entrevista Maria):

> *Os alunos precisam entrar em contato com estas perdas que fazem parte do dia a dia. Quando os adolescentes lêem estes livros, eles se identificam e entram em contato com as próprias perdas. Os livros são sempre instrumentos importantes.*

Um dos recursos fundamentais no processo da aprendizagem significativa é o uso da literatura:

> Kenneth Doka (1990) um dos tanatologistas mais conhecidos nos Estados Unidos e editor da revista *Omega*[51], fez uma relação de obras clássicas na área com seus comentários. Estes livros oferecem possibilidades de ajudar as pessoas a lidarem com os seus sentimentos diante das perdas da vida, configurando o que denominou de *biblioterapia* (KOVÁCS, 2003, p.160).

As Histórias podem trazer conflitos, impasses e situações desafiadoras para jovens alunos. Podemos utilizá-las para abordar temas importantes, sobre os quais, muitas vezes, não sabemos o que ou como falar. As Histórias podem permitir a identificação dos alunos com os personagens e seus sentimentos, encontrando caminhos para o compartilhamento de experiências, aliviando sentimentos como tristeza, culpa, raiva, medo e solidão. Nesse sentido, um dos cuidados a ser tomado pelo educador é explorar este material antes da utilização com os alunos, como forma de preparação. Os vários temas relacionados à morte podem despertar dúvidas e receios, fazendo com que o educador entre em contato com seus limites profissionais e pessoais.

Telma considerou que o tema da morte deve ser abordado na escola de forma lúdica, destacando o uso de *desenhos e marionetes.* Para ela, alunos devem *"visualizar e simbolizar"* de alguma forma a morte:

> *Na adolescência este visual do lúdico ajuda bastante, poder simbolizar. Não é trazer uma coisa trágica, pois esta facilmente vira para o cômico, para o humor negro. Com as crianças usamos marionetes. Mexemos bastante com ela e depois tiramos a mão da marionete. Relacionamos assim com a vida e com a morte. Enquanto ela está mexendo tem vida. No momento seguinte, a vida saiu dela e ela não sente mais nada, não fala mais nada, não sente mais dor e várias outras coisas. Eu percebo que, com as crianças, esta é uma maneira simples que não invade, não assusta, não frustra. Para os adolescentes poderíamos adaptar. Quando eu estou me preparando para fazer isso com as crianças, eu também paro para refletir. Isso é terapêutico também para a gente. Pensamos nas nossas mortes concretas e simbólicas. Isso é bem interessante.*

Luisa, Fernanda, Andréa, Camila e Telma destacaram os *filmes* como recursos importantes para a sensibilização de educadores e alunos ao tema da morte.

[51] *Omega: Journal of Death and Dying* – Periódico americano especializado em questões relativas a mortes, perdas e luto.

Calligaris (2009) afirma que alunos devem aprender na escola a apreciar a literatura, o cinema, o teatro e outras manifestações artísticas. Os professores devem buscar "contaminar" seus alunos com seu prazer pelas artes, provocando nestes uma reflexão sobre a experiência de si mesmo, dos outros e do mundo. No Estado de São Paulo foi proposto o programa "O cinema vai à escola"[52] destinado ao Ensino Médio. Os educadores recebem caixas de DVDs e cadernos de cinema do professor chamados "Luz, Câmera...Educação!" que transmitem os recursos possíveis do cinema nas escolas. Trata-se de um guia para estimular reflexões dos alunos após a exibição de cada filme, relacionando com o conteúdo das várias disciplinas e com a experiência vivida pelos alunos. A intenção é que os alunos se reconheçam nas Histórias. A definição dos critérios de escolha dos filmes considerou o interesse e as necessidades do público jovem, tendo em vista o currículo do Ensino Médio e a prática docente. Os dados da consulta, por amostragem, aplicada na rede estadual aos alunos do Ensino Médio, em 2007, revelaram a preferência pelos seguintes temas: problemas cotidianos, dilemas, ética em cidadania, sexualidade, drogas, violência, conflitos da adolescência, saúde e qualidade de vida entre outros. Vários destes temas podem perpassar as experiências relatadas pelos educadores desta pesquisa sobre a morte concreta, simbólica e escancarada.

Em síntese, os instrumentos relatados podem facilitar o acesso dos alunos às várias produções que contribuam para a formação crítico-reflexiva do jovem, a ampliação do seu repertório cultural, o desenvolvimento de competências e o diálogo entre o currículo escolar e as questões sociais mais amplas.

[52] http://www.educacao.sp.gov.br/

A UM AUSENTE – *Carlos Drummond de Andrade*

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.

Para Antunes (1998), o papel do professor é trabalhar com informações, crenças e experiências pessoais do aluno, construindo novas imagens. O educador transforma-se em uma "ponte" que liga os significados refletidos no conteúdo das disciplinas com a História pessoal dos alunos.

Durante as entrevistas abordei o tema *falando de morte na escola e as disciplinas escolares.* Estas podem trazer conteúdos que se aproximam da vida cotidiana dos alunos estando presente a questão da morte. As disciplinas escolares foram amplamente citadas pelos educadores como tendo potencial para a abordagem do tema. Segundo Luisa:

> *Eu acho que hoje cada dia você tem um bom motivo para se falar sobre a morte em qualquer que seja a disciplina. Como eu disse, para mim a disciplina nunca é um fim, ela tem que ser um meio para se alcançar alguma coisa melhor, é o instrumento de cada um. Eu digo sempre para os professores: "vocês têm sempre que mostrar para o que vieram, mostrar a beleza da sua disciplina". O objetivo da disciplina é para além dela. O pai dos meus filhos diz que a* ***química*** *é a vida. Eu acho que todas as disciplinas são importantes na vida. Mas sempre para alguma coisa maior. O tema da ética, por exemplo, não deveria ser dado só necessariamente na aula de* ***filosofia****. Todos os professores poderiam abordar o tema da ética. Surgiu o tema em determinado momento e aí ele aproveita aquele momento para discutir isso com os alunos. Infelizmente, temos, hoje em dia, todos os dias, motivadores para se discutir a morte. Ela está aí, todos os dias na vida do jovem, infelizmente.*

Segundo os educadores, as seguintes disciplinas podem incluir o tema da morte: *português, literatura e redação; química; filosofia; ensino religioso; biologia (ou ciências); artes; História e Geografia*. Apesar da conexão das várias mortes com os conteúdos pedagógicos, a abordagem pelos professores parece depender também da disponibilidade, da sensibilidade do educador, do seu espírito crítico e da sua fundamentação teórica. Sendo assim, o currículo escolar pode tratar o tema da morte de forma indireta ou intencional.

A seguir, passo a descrever como cada disciplina foi relacionada com o tema da morte pelos educadores:

Literatura

Luisa citou *Álvares de Azevedo*. Ele nasceu na cidade de São Paulo em 12 de setembro de 1831. A partir de 1851 o poeta passou a ter fixação pela idéia da morte e foi fortemente influenciado por Lord Byron. Sua poesia é marcada pelo subjetivismo, melancolia e um forte sarcasmo. Entre os temas mais comuns está a busca pela morte com o significado de fuga. O eu-lírico sente-se impotente frente ao mundo que lhe é apresentado e vê na morte a única maneira de libertação. Outros autores e obras citados por Fernanda, Camila e Armando, relacionados de alguma forma com o tema da morte, foram: "Mors Amor" (Antero de Quental), "Rapunzel" e "Romeu e Julieta" (Shakespeare), "Amor de Perdição" (Camilo Castelo Branco), "A um ausente" e "A morte a cavalo" (Carlos Drummond de Andrade); "Visita" e "Redundâncias" (Ferreira Gullar), "Anatomia da depressão – louco no oco sem beiras" (Frederico Barbosa), "Memórias póstumas de Brás Cubas" (Machado de Assis); "A terceira margem do rio", "Fita verde no cabelo" e "A menina de lá" (Guimarães Rosa), "Menina Nina" (Ziraldo), "Cemitério Pernambucano" (João Cabral de Melo Neto), "Consoada" (Manuel Bandeira), "Poemas em conjuntos" (Alberto Caeiro) e "Perguntas de um trabalhador que lê" (Bertold Brecht). Alguns destes poemas estão destacados nos ANEXOS 3 a 9.

Segundo Camila e Armando, a literatura trabalha o tempo todo com morte, vida, amor e os vários sentimentos envolvidos:

> *Tudo que está na sociedade está nos livros, é ilusão você achar que não se fala de morte, os personagens morrem. Então, não dá para trabalhar com educação na área de humanas sem se falar da morte. Faz parte do conteúdo pedagógico sim, por mais que as pessoas queiram se iludir dizendo que não faz parte (Camila)*

> *Eu costumo dizer para os meus alunos que as palavras organizam o mundo. É através das palavras que você busca até ter sensações. E você conhece o outro através do nome do outro. Um poema sobre a morte não pode ser apenas lido, é necessário refletir (Armando)*

Redação

Luisa relatou sua preocupação com o caso de um aluno que escreveu uma redação expondo o tema da morte. Sua conduta foi chamar a mãe dele para entender o que podia estar acontecendo na sua vida. Na verdade, Luisa se preocupou com os termos pesados usados pelo aluno e apontou que se não tivesse chamado a mãe poderia ser tachada de negligente:

> *Eu fiquei preocupada. Ele havia escrito algo muito negativo sobre a vida (...) o aluno falava sobre cemitérios, usava uma linguagem muito pesada. Eu chamei a mãe dele, a gente poderia pensar junto sobre essa questão. Eu não podia fazer de conta que estava fazendo alguma coisa. Aí são profissionais da área que tem que tomar uma posição sobre esse caso.*

Fernanda promove espaços de expressão nas suas aulas de redação. Os alunos, ao escreverem, expressam seus sentimentos e vivências e esta prática é valorizada por ela. Camila também já propôs redações sobre a perda de um ente querido. Mostra-se disponível para os alunos, respeitando seu tempo e limites. Além disso, propõe redações sobre biografia e autobiografia, o que a aproxima dos alunos:

> *Recitar poesias é muito rico. Ou ler, ou escrever cartas e depois ler (...) não é legal obrigar o aluno a fazer algo que ele não queira, nós damos a oportunidade. Fazer atividades lúdicas aparentemente despretensiosas. Por exemplo: "escrever sobre o que estou sentindo" e aí o aluno vai escrevendo sem se preocupar com vírgulas, pontos. Às vezes para o aluno isso é até muito difícil, pois eles já estão levando uma vida tão massacrada, tão cheia de vírgulas, pontos, pontos de interrogação, de exclamação que eles não conseguem escrever de forma solta. Então, eu acho que é importante diversificar as atividades em sala de aula, você descobre o caminho. Às vezes o próprio aluno que te dá este caminho (Fernanda)*

O filme "Entre os muros da escola" (Cantet, 2008) mostra o professor, personagem central, realizando a atividade de autorretrato com os alunos. Percebe-se aí a possibilidade do aluno refletir e escrever sobre o que está sentindo. Este instrumento é importante para estimular trabalhos e condutas de ajuda mais adequadas aos alunos, como por exemplo, o envolvimento de seus familiares e profissionais de dentro e ou de fora da comunidade escolar.

Biologia (ou Ciências)

Para Fernanda a morte de um feto pode ser abordada na aula de Biologia. Camila e Maria destacaram que o ciclo da vida, com começo, meio e fim, e o equilíbrio das populações na cadeia alimentar podem trazer reflexões sobre vida e morte. Segundo Melo (2009), o educador aborda a morte com seus alunos com enfoque biológico ao expor o ciclo da vida com nascimento, crescimento, reprodução e morte, sem explorar este último aspecto. Sobre isso, Maria relata:

> *A morte tem que acontecer. Muitos alunos se sentem em alguns momentos incomodados com isso. Sempre há uma dificuldade em se tratar deste tema. Neste momento eles param para pensar na necessidade de morrer mesmo. Estes são momentos importantes de discussão neste sentido da morte, da perda da vida.*

Melo (2007) analisa referências dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que auxiliam o professor a refletir sobre a sua prática docente e os vários temas que incluem a morte, como etapa final do ciclo da vida:

> Ao investigar o ciclo de vida dos seres humanos o professor pode solicitar aos alunos que coletem algumas figuras ou retratos de pessoas em diferentes fases da vida: bebê, criança, jovem, adulto e idoso. A partir dessa coleção, professor e alunos podem organizar um painel em que as diferentes idades sejam apresentadas em seqüência, construindo-se, assim, uma representação do ciclo de vida do ser humano. Essa representação se enriquece com figuras de mulheres grávidas, iniciando novos ciclos. (PCN, v.4 p.71).

Não conseguimos evitar que nossos alunos enfrentem perdas, decepção e dor, mas podemos prepará-los para enfrentar as adversidades da vida da melhor maneira possível. Nesse sentido, falar sobre a morte na escola pode ter caráter preventivo.

Entre os temas destacados nas aulas de Biologia, Telma falou sobre o amadurecimento das frutas e Andréa sobre o corpo humano de maneira geral: a sexualidade na adolescência, o papel da alimentação, a qualidade de vida e a poluição como temas que podem estar relacionados à morte na vida dos adolescentes. Segundo Andréa, Telma e Camila, a aula de Ciências também deve permitir que jovens esclareçam suas dúvidas. Camila ressaltou a necessidade de trabalhar as relações afetivas.

Silva (2008) desenvolveu um trabalho no qual destaca a importância do desenvolvimento dos domínios afetivo e ético no aprendizado de Ciências e Biologia na formação do estudante de ensino fundamental e médio. A Bioética ilumina a perspectiva de proteção do homem e auxilia no processo de tomada de decisões relacionadas à vida em comunidade, despertando, assim, a consciência crítica dos jovens. Nesta proposta, os alunos podem desenvolver habilidades analíticas, confrontando as noções de vida e morte, além de praticarem sua expressão e capacidade de ouvir vários pontos de vista.

História

Camila destaca as guerras, as disputas políticas e a linha do tempo que sempre inclui a morte de personagens da História:

> *Quando você pede para o aluno procurar numa enciclopédia o autor e aí está lá: ano de nascimento e um ponto de interrogação. O que é este ponto de interrogação? Significa que este autor vai morrer daqui um tempo. Então, são coisas mínimas onde a morte está ali presente.*

Para Armando seria importante nas aulas de História realizar uma reflexão sobre o não valor de vidas perdidas, como por exemplo: trabalhadores que participaram da construção das pirâmides do Egito ou do Taj Mahal. O professor que não valoriza estas mortes tende a passar esta visão de sociedade para os adolescentes, ou seja, que somente as pessoas mais ricas e poderosas são importantes, podendo influenciar o olhar dos jovens sobre o valor singular da vida. Ao falar da morte dos trabalhadores escravos discute-se o valor da vida humana sem atrelar ao nível socioeconômico. Portanto, algumas mortes não são valorizadas pela História, não causam impacto para os alunos e ficam “esquecidas”.

Melo (2007) afirma que os programas de História enaltecem a ação humana e o heroísmo de uns contra a fraqueza de outros, tão evidente nos fatos históricos que marcam conflitos e guerras.

Maria também chamou atenção para as guerras abordadas no conteúdo das aulas de História. Esta professora compartilha com os alunos sua experiência da Marcha da Vida – evento que percorre

o caminho entre campos de concentração da 2ª Guerra Mundial. Além disso, atividades são promovidas com o intuito de manter viva a memória das vítimas do holocausto judaico, combatendo o anti-semitismo e o preconceito em geral.

Geografia

Camila relacionou os temas da fome e da miséria pelo mundo com as várias modalidades de mortes. Armando afirmou que, normalmente, o professor de Geografia trabalha apenas com dados estatísticos atenuando o impacto das mortes ocorridas como se fossem somente números. É necessário estimular a reflexão dos jovens sobre a causa destas mortes, a sua conexão com o ambiente, os povos e os momentos históricos. Para Maria, as relações humanas e políticas devem ser aprofundadas nas aulas de Geografia.

Nesta categoria outro aspecto fundamental a ser destacado é o diálogo entre as disciplinas e seus professores facilitando a compreensão de conteúdos específicos. A interdisciplinaridade, segundo Piaget (1973), proporciona uma aprendizagem mais estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais e de estruturas metodológicas compartilhadas por várias disciplinas. Ao tratar do tema da morte na escola e sua complexidade, a abordagem mais global parece ser mais eficaz. Fernanda e Armando consideraram importante a *"coordenação entre as disciplinas"* para se trabalhar a temática da morte na escola. Durante o bimestre ou semestre vários professores da área de humanas poderiam trabalhar com a morte compartilhando conteúdos. Alivia-se, assim, a responsabilidade de que aquele conteúdo é somente daquele professor. Dessa forma, responsabilidades são compartilhadas, estimulando-se um espírito de equipe:

> *São vários os canais de expressão. Nós professores trabalhamos juntos: filosofia, artes, português, História. Nós comentamos: "o que vocês estão fazendo na sua aula?" "Na minha aula podemos trabalhar tal texto ou tal tela"* (Fernanda)
>
> *Toda vez que o adolescente tiver espaço para se colocar, eu acho que o jovem vai se beneficiar com isso. Ele vai se fortalecer, elaborar melhor as idéias que ele tem em relação à morte. Não é só o professor de biologia quem tem que dar aparelho*

> *reprodutor durante as suas aulas. Então o professor tem que ter este preparo para trabalhar com a morte, quais são os objetivos da escola, para que ele possa abordar o tema. Isso acontece com todos os temas transversais, até política. É importante o professor discutir sim, qualquer professor e não só o de Geografia, por exemplo. As relações humanas, políticas ou sexuais, têm que ser discutidas na escola (Armando)*

Quando abordar o tema da morte na escola?

Para Luisa todos os dias, infelizmente, existem motivos para abordar o tema da morte com os jovens. Esta é também a opinião de Fernanda, Camila, Telma, Armando e Maria: *"nos momentos que fizer sentido para o educador e a partir de situações ocorridas e relacionadas às várias mortes no contexto escolar"*. O tema da morte pode ser então abordado nas atividades pedagógicas. Além disso, estas atividades podem ser periódicas e configuradas como um trabalho preventivo de cuidado aos alunos. Segundo Telma:

> *Eu acho que é uma questão de prevenir. Quando falamos antes de estar sentindo a dor, a gente pode até pensar melhor, sem estar envolvida com aquele sentimento tão grande que a dor causa. Talvez na hora da dor, a gente nem consiga parar para pensar. Eu acho que prevenir, falar antes, explorar de alguma forma pode ser importante sim. Estes resultados são trazidos também pelos pais. Por exemplo: o caso de um pai contando sobre a participação do seu filho no velório de um parente. Este pai me disse que foi o filho dele que ajudou a família a lidar melhor com este momento. O filho chorou, sentiu, mas ele falava sobre o que estava sentindo, ele se expressava de outros jeitos, ele procurava formas de se sentir melhor diante da perda e ajudava a família também. O trabalho preventivo ajuda muito para um momento como este, os próprios alunos, filhos ajudam os pais num momento de perda. O que fazer para se sentir melhor diante da morte? O que eu posso fazer? Como as pessoas se sentem? Por quanto tempo? Este é um trabalho que pode ser desenvolvido de forma preventiva nas escolas.*

Segundo Armando, falar sobre a morte na escola pode preparar o aluno para uma maior sensibilidade ao tema quando este fizer parte da sua experiência de vida: *"o aluno pode aprender a olhar a morte, mas isso, infelizmente, não se faz na maioria das escolas"*.

Além disso, Camila ressaltou que atividades envolvendo a morte devem ser optativas e sem premiações. Esta ideia é importante uma vez que se houver obrigatoriedade, pode ocorrer recusa e ser visto como sobrecarga, levando à justificativa de que não é função do educador abordar o tema:

> *Eu acho que quando se coloca obrigatoriedade numa questão como esta (o tema da morte), é muito complicado. Ela tem que ser algo que o profissional eleja como algo que ele queira "abraçar". Quando você coloca uma premiação, o profissional faz. Um bônus qualquer, um incentivo, que seja dez reais, o profissional vai fazer por aqueles dez reais. Que seja uma canetinha, o profissional vai fazer por causa daquilo. Então, não pode ter este tipo de incentivo. Acho que o mais importante é a conscientização daquele profissional. Agora, quando acontece uma morte ou situações relacionadas ao tema da morte, quando morre alguém importante, eu acho importante aquilo ser trabalhado.*

Enfim, qualquer que seja o momento escolhido para abordar o tema, é preciso atentar para a maneira como será o procedimento. É essencial que alunos possam ter seus sentimentos legitimados pelos educadores e colegas.

Identificando-se com as várias mortes vividas pelos alunos: limites do educador

---

Rowling (1995) destaca a importância dos professores no apoio emocional aos alunos em situações de tristeza e luto. Entretanto, desempenhar este papel pode gerar impactos nas crenças e na vida pessoal dos professores. Educadores podem ter a necessidade de controlar as reações pessoais frente ao sofrimento, sofrer impacto a partir dos eventos que envolveram mortes e acidentes de alunos e não encontrar espaços para o reconhecimento de seus sentimentos no ambiente escolar. Parkes (1998) chama a atenção para o *luto não autorizado*, perdas que não são reconhecidas socialmente e publicamente validadas. *Seria esta uma prática frequente nas escolas?*

O estudo de Rowling (1995), ao exemplificar a experiência de vários professores, identifica alguns fatores que devem ser levados em consideração para o bem-estar de toda comunidade escolar. Nesse sentido, podemos nos questionar: *em casos de mortes que envolvem a comunidade escolar, quando o impacto também é profundo nos professores, não seria importante incluir neste trabalho profissionais não envolvidos com estas perdas?*

Deparar-se com os limites significa perceber seus reais contornos enquanto profissional de educação e pessoa. Lidar com as várias mortes vividas pelos alunos é poder reavaliar seus recursos, conhecimentos e suas experiências de vida. Falar sobre a morte na escola é confrontar e respeitar os limites do educador; é ultrapassá-los quando possível.

A dificuldade de alguns professores pode estar relacionada com o fato de sua História pessoal ser muito semelhante às dos alunos. Nestes casos a identificação dificulta a empatia. Nesta pesquisa a educadora Telma relatou:

> *Eu já vivi isso na minha adolescência, de precisar da minha melhor amiga ao meu lado na hora de um luto e ela não aguentar estar comigo. Cada um tem o seu limite. A escola poderia explorar mais esta questão, até mesmo saber que cada um tem o seu limite, falar dos sentimentos, do que pode ser permitido, sinalizado.*

Segundo Parkes (1998), a não disponibilidade para o apoio pode estar relacionada a experiências prévias com perdas, ou seja, não saber o que fazer ou dizer para ajudar e ao medo de agravar a situação.

Fernanda, Camila, Telma, Armando e Maria citaram algumas situações em que podem ocorrer limitações do educador para falar sobre a morte. Nestes casos, muitas vezes, a escuta não é possível. Fernanda destacou as perdas recentes de mortes concretas e simbólicas. Ela observou que os educadores podem, assim, *"se fechar para o aluno e não conseguir nem perceber a dor do outro".* Nestes casos acha melhor que nem tentem abordar o assunto, já que podem estar se sentindo inseguros e vulneráveis. Nesse sentido, Telma disse que é difícil cuidar do aluno que está vivendo perdas quando o próprio educador está passando pelo processo de luto. Na época em que sua mãe

estava hospitalizada, não conseguia falar sobre morte com seus alunos. Também chamou a atenção para que o educador, se possível, não esteja sozinho nestas situações, pois num momento difícil um pode ajudar o outro a conduzir a discussão em sala de aula. É importante também avaliar a possibilidade de parcerias na comunidade escolar para a realização destas atividades. Pode ocorrer, dessa forma, alívio dos sentimentos suscitados e aumento da sensação de segurança dos educadores.

Ao vivenciar o caso de uma aluna com anorexia, Camila não se sentiu capaz de ajudá-la. Ela considera que também tem um transtorno alimentar (obesidade) e achou que por isso não podia ajudá-la, recorrendo a uma colega que encaminhou o caso para um profissional especializado. *Então, o que colabora para esta compreensão?*

> *Se eu fosse esta aluna, eu ia pensar: o que esta professora pode me orientar sobre alimentação saudável? Eu não criaria este vínculo comigo para falar sobre transtorno alimentar, não depositaria esta confiança em mim exatamente por eu ser gorda.*

Armando deixou claro seu limite: não consegue ir ao cemitério, sente o impacto das *"histórias enterradas"* e teme *"perder seus pontos de referência".* Fernanda também destacou que não se deve trabalhar experiências de perdas recentes que ainda não estejam elaboradas.

Segundo Silva (2002), é importante que profissionais reflitam sobre os princípios da comunicação: qual o nível de troca que somos capazes de fazer com alguém que está precisando de ajuda, disponibilidade e conhecimento? Camila afirmou que trabalhar com a morte na escola no dia de Finados, por exemplo, exige disponibilidade do educador para acolher sentimentos: *"não pode ser num dia que ele não esteja bem".*

Além disso, o profissional de educação ao se comunicar com seus alunos se depara com conflitos, ou seja, situações envolvendo mortes podem trazer experiências e significados diferentes. Ser empático é ter a capacidade de perceber o outro.

Muitas vezes, ao identificar seus limites, o educador pode utilizar o trabalho para tentar não se envolver com uma situação que não é possível de ser esquecida. A noção de que a matéria a ser dada é mais importante pode ser uma forma de calar sentimentos, suprimir a sua dor. Entretanto, este método nem sempre é eficaz, gerando sintomas que se manifestam posteriormente.

É importante que educadores também possam explicitar o que dificulta sua prática com o tema da morte até mesmo para se abrir para novas experiências, sentimentos e enfrentar as dificuldades. Além disso, os educadores afirmaram que suas experiências de perdas podem ajudar os alunos a lidarem com as mortes vivenciadas.

Parkes (1998) aponta que o aumento do interesse de profissionais das várias áreas para lidar com a morte decorre da falta de apoio ao luto, o que ocorre, muitas vezes, no âmbito familiar e social. Os educadores, ao observarem esta necessidade na vida dos alunos podem oferecer sua ajuda.

Camila relatou o trabalho que realizou com os alunos utilizando o poema "Visita"[53] de Ferreira Gullar. Este poema se associa com a perda de um grande amigo e quando o utiliza em suas aulas mobiliza suas emoções e também dos alunos. Segundo ela, transmitir estes sentimentos para os alunos ajuda no trabalho. Além disso, considera importante compartilhar com os alunos suas experiências pessoais:

> *Isso ajuda mais do que qualquer coisa. Eu tinha 20 anos e ele tinha 19. Nós fomos criados juntos, vizinhos. Lá no meu prédio sempre foi uma coisa muito comunitária, da porta ficar aberta, das pessoas irem entrando. E as minhas vizinhas sentiram muito com a morte dele. Até minha mãe, eu nunca tinha visto ela emocionada com perda nenhuma e com ele ela ficou mal mesmo. Eu acho que esta possibilidade real de perder um filho dela, a morte iminente ali. Eu tinha algumas cópias deste poema e quando as pessoas iam lá em casa ela comentava deste poema lindo que eu estava estudando. E eu pensava que esta não era a hora de falar aquilo. Aí ela mostrava o poema e lia junto com a pessoa, com as vizinhas que iam lá em casa em busca de um consolo. E elas choravam juntas. Isso aconteceu várias vezes, a cena se repetia. E depois no final, esta vizinha, pedia para levar o poema embora. Estou contando tudo isso para falar do poder mobilizador da poesia em certos casos. Porque é uma História real: o pai que perde o filho e vai ao cemitério. Eu acho que mexe com os alunos aquilo que mexe com você, a emoção que você passa. E este poema sempre mexeu muito comigo. É um poema maravilhoso. Desde que eu comecei a dar aulas, com 18 anos, que eu passo este poema.*

[53] Este material encontra-se na íntegra no ANEXO 6 – entrevista Camila

Um dado interessante é que o próprio escritor Ferreira Gullar dedica grande parte de seus poemas ao tema da morte após vivenciar a perda de pessoas significativas[54]:

> A morte é sempre um tema da poesia, pois é o grande problema da humanidade. Mas ao longo desses anos a morte ganhou significados diferentes. Uma coisa é você ter a consciência de que vai morrer de forma quase abstrata ou filosófica. Outra é perder pessoas que significam a sua própria vida, como eu, que perdi meu filho Marcos em 1991. Aí você percebe que não sabia o que era a morte.

Segundo pesquisa realizada no *blog* de Armando, as várias faces da morte *"encontram abrigo"* nos textos de Ferreira Gullar. O depoimento a seguir ilustra o auge do sentimento de perda para Gullar que ocorre após a morte de seu filho Marcos:

> Depois que você começa a perder as pessoas a morte ganha uma outra dimensão, ganha uma concretude. Perder um filho, como aconteceu comigo, é uma coisa que não tem medida, um negócio que nunca imaginei, eu jamais me curei disso. É uma coisa de uma violência inaceitável. Não é mais uma coisa teórica, não – é uma coisa real, uma perda real, a vida te mostrando o seu lado duro. Aquela pessoa amada, que você criou, que estava ali ao teu lado não existe mais. A vida é de um absurdo esmagador. Milhões de pessoas já morreram, mas não é possível aceitar a morte.

Será que ao ler o poema os jovens podem entender o que vivem os pais quando perdem seus filhos? Este pode ser um exercício de empatia, poder se colocar no lugar do outro e se aproximar da sua dor. *É possível refletir sobre comportamentos autodestrutivos e a preocupação dos pais?*

Armando analisou em aula o poema "Consoada" de Manuel Bandeira num dia que estava sob o impacto da morte de um amigo. As suas emoções mobilizadas ajudaram a fazer reflexões sobre a valorização da vida com seus alunos:

> *Neste poema o autor usa a palavra "iniludível" para a morte, ou seja, a morte com certeza não tem como enganar, não tem como deixar para depois. Eu analisei a idéia da morte como limiar mesmo, como passagem para o mistério, como diria Manuel Bandeira: "todos nós temos medo do medo da morte".*

Maria identificou-se com a situação de separação dos pais de uma aluna, já que vivenciou as perdas decorrentes da separação de seu marido. Naquele momento, pôde compartilhar com a aluna

[54] Fonte: http://epoca.globo.com/edic/19990607/cult6.htm

que, após ter elaborado a dor da perda, suas filhas e ela estavam bem. A identificação de vivências e a experiência de vida ajudam no trabalho como educadora, compreendendo melhor a dor do aluno. A partir daí, o aluno sente que pode compartilhar o que está sentindo:

> *Quando eu vejo um aluno chorando por esta perda, eu fico muito sensibilizada. Eu consigo entender a dor que ele está sentindo. A identificação com a situação de vida do aluno foi uma facilidade para lidar com ela. Quando você diz para o aluno: "eu sei que você está chateado, eu sei que você está com raiva", o aluno se sente compreendido e consegue expressar aquilo que ele está sentindo. Isso é muito bom para o aluno.*

Como afirma Parkes (1998), as pessoas que tiveram experiências de perdas importantes podem estar mais qualificadas para ajudar pessoas enlutadas. Podem entender seus sentimentos e sabem que o luto não é o fim da vida. Esta pesquisa mostra que educadores sensíveis e atentos podem ser fonte de apoio valiosa aos seus alunos nestes casos.

O dia de Finados na escola

Entre os 7 educadores entrevistados, apenas Camila citou o dia de Finados como data a ser lembrada e trabalhada na escola. Pela Igreja Católica este dia é celebrado em 02 de novembro. Camila, por iniciativa própria, sugeriu uma atividade optativa neste dia com seus alunos adolescentes. Afirmou que eles gostaram da oportunidade de falar sobre a morte de forma mais explícita porque em outros momentos não têm esta possibilidade. Utilizou como materiais a leitura de "Menina Nina"[55] e a escrita de uma redação sobre a experiência da perda de pessoas significativas. Camila, apesar de

[55] Pinto, Ziraldo Alves. **Menina Nina – duas razões para não chorar.** São Paulo: Melhoramentos, 2002. O autor narra acontecimentos que inevitavelmente fazem parte da vida de todos nós, como a perda de um ente querido. Escrito como caminho para uma conversa entre adultos e crianças sobre um assunto delicado como a morte. Este livro se propõe a mobilizar emoções de leitores de todas as idades trazendo a esperança também para aqueles que ficam. As ilustrações desempenham um papel fundamental no enriquecimento do texto, fazendo uma interlocução com os leitores. Apresentam-se no início grandes e coloridas para demonstrar a alegria da vida, depois transformam-se em escuridão preparando o leitor para o momento de tristeza que se aproxima.

considerar esta atividade como positiva, pelo interesse dos alunos, manifestou receio de não conseguir ter controle sobre o que aconteceria: *"a sala de aula é o lugar do inesperado"*. Teve medo de suscitar sentimentos *"negativos ou ferir alguém"* e de não dar conta de acolhê-los: *"são 40 alunos, sou uma só e eu tenho apenas 50 minutos"*. Percebo a ambivalência nos sentimentos de Camila: desejo de falar sobre a morte na escola e, ao mesmo tempo, receio de não conseguir cuidar dos alunos. Ela respeita, ouve e acolhe e, ainda assim, acha que não consegue cuidar. Parece querer "garantias" de que não vai "ferir" seus alunos falando de morte. Eis o dilema enfrentado por Camila: *falar sobre a morte com os adolescentes pode ser algo invasivo?*

Quais seriam estes sentimentos tidos como negativos? Resistência? Tristeza? Raiva? O fato é que não desaparecem, mesmo que não se fale deles ou se tente ocultá-los. *Como e onde podem então ser expressos pelos alunos? É possível "ferir" um aluno ao dar a oportunidade para que ele fale sobre a morte?* O que se percebe, a partir do relato de Camila, é que um contexto que promova contatos interpessoais, como a escola, pode permitir a expressão de sentimentos já existentes após perdas sofridas e o alívio inicial da dor. Porém, ela ressalta que o tema não deve se tornar obrigatório na escola, faz parte da escolha do aluno e do professor tornar coletivas questões pessoais.

Os educadores podem então favorecer aos alunos a lembrança dos entes queridos no dia de Finados. Os alunos mais fragilizados podem ser cuidados quando lidam com sua dor e não com a tarefa de evitar ou fingir que ela não está presente. Apesar do dia de Finados ser uma oportunidade muito importante para trazer o assunto da morte na escola, apenas uma educadora entrevistada apresentou esta proposta.

A participação da escola nos rituais

Spaemann (2003) descreve a importância dos rituais para a sociedade. A cultura ritualizada da morte e dos funerais na antiga tradição européia foi uma experiência na qual a sociedade estava consciente de seus limites e os questionamentos eram possíveis.

Segundo Bromberg (2000), os rituais buscam explicações para a existência do homem, dão sentido à sua vida e tentam amenizar as angústias diante da constatação da finitude. As homenagens provocam transformações nos sobreviventes ao indicar que podem receber apoio da rede social. São marcos na transição do ciclo vital estabelecendo elos entre passado e futuro. Nesse sentido, surge a questão: *será que a comunidade escolar poderia participar dos rituais vividos pelos seus alunos? Poderia ajudar no apoio a eles facilitando a elaboração da perda de pessoas significativas e no questionamento de suas vidas?*

Segundo os entrevistados, a participação da escola nos rituais pode partir tanto do desejo dos alunos, quanto dos educadores. Fernanda destacou a importância de dar liberdade aos alunos para se expressarem nestas situações:

> *É importante o jovem poder protagonizar a sua ação, ele dizer o que está sentindo, ele tomar a frente, ter essa liberdade. Então, faleceu o amigo dele de classe e ele poder dizer para os professores e a direção: "quero ir à missa", "quero ir ao culto".*

Andréa, por outro lado, manifestou seu *choque* ao perceber a falta de vínculo da escola com a morte de um aluno e seus familiares. Afirmou que a escola deveria ter participado dos rituais, ter dado apoio à família e prestado esclarecimentos aos alunos sobre as causas da morte por adoecimento.

No caso citado por Camila, a morte de uma aluna na saída para um passeio organizado pela escola, houve grande mobilização dos funcionários. Estes arrecadaram dinheiro para os rituais

funerários. Neste caso, toda a equipe participou o que favoreceu a percepção de união e pertença, afastando a sensação de se estar sozinho com a própria dor:

> *A festa junina tem um valor simbólico muito importante para mim. Todo o dinheiro arrecadado foi para o caixão, o enterro, a família não tinha condições [financeiras] (...) todos os professores legitimaram a ação da diretora, teve uma grande mobilização.*

Telma, que faz parte do projeto *Amigos do Zippy* (citado na Apresentação desta pesquisa), descreveu a atividade de visita ao cemitério realizada com educadores e alunos para lidar com limites, explorando e desmistificando a morte. Percebe esta atividade como positiva, preventiva e esclarecedora, tanto para alunos, quanto para professores, ou seja, uma disponibilidade para o novo. Além disso, poder falar sobre a morte de pessoas conhecidas pode aproximar os alunos de suas histórias:

> *As crianças aprendem a respeitar mais o outro, a História de si mesmo, a História do outro e a não banalizar a morte. As professoras vão quebrando seus preconceitos impostos pela própria família, pela sociedade. É uma grande libertação. Eu acredito que isso liberta as pessoas de crenças errôneas, de poder conhecer o desconhecido. Estas professoras se sentiram aliviadas, mais tranquilas, mais capazes.*

A impossibilidade de falar pode deixar o sentimento preso, adquirindo a dimensão do intolerável. Traduzir em palavras pode ajudar na elaboração. Uma das professoras que participou da visita ao cemitério refletiu:

> *Eu não quero que as crianças sejam privadas desta experiência como eu fui. Poder falar ludicamente, responder claramente, sem metáforas. Ajudamos a criança a ter um grande alívio. Muitas vezes não é permitido à criança falar nada. Onde fica o medo da criança? O medo dela morrer? O medo de perder alguém? Temos que falar para a criança que o ritual é um momento de despedida.*

Entretanto, apenas Armando falou sobre seu limite pessoal de não conseguir ir ao cemitério ou participar de rituais. A partir de sua experiência, observou que são poucos os educadores que vão ao enterro de um aluno ou acompanham os demais adolescentes:

> *Eu tenho um certo horror a cemitérios. Não quero perder pontos de referência. Eu acho que é o fato de ter uma História ali. Aquelas pessoas tiveram uma passagem pela vida e muitas delas não deixaram nada de concreto. Eram pessoas que trabalhavam, com certeza a maioria dali tinha filhos, alguns até netos e, no entanto,*

> *estão ali agora. Como diz Manuel Bandeira em certo poema, como se tivesse havido até a morte do nome dele. Então esta idéia do nome, uma pessoa chamada tal está enterrada aqui, é como se já houvesse o impacto da referência. É uma referência perdida. Pode não ser referência perdida para você, mas para o outro sim. Parece que, às vezes, você passa a ter esta visão do outro.*

Esslinger, Kovács e Vaiciunas (2004) apontam que a forma como cada profissional lida com aspectos envolvendo a morte depende de sua História pessoal de perdas e de como puderam ser vivenciadas, influenciadas pelo contexto cultural no qual a pessoa está inserida.

Assim, os educadores refletem sobre a importância da participação da escola nos rituais de morte. Porém, a fala de Armando mostra o quanto é importante observar os limites individuais de cada educador e o direito de resguardar sua dor. Os significados pessoais na realidade do enfrentamento das várias mortes devem ser considerados. Este é um ponto muito importante quando se pensa como incluir o tema da morte nas atividades escolares.

O adolescente pelo olhar do educador – as várias mortes

O adolescente pode se encontrar em conflito, com idéias controvertidas e envolvido em atitudes que oscilam com as emoções. É uma fase, ao mesmo tempo, sofrida e prazerosa e as dificuldades de entender a si próprio e o mundo afloram com intensidade. Segundo Aberastury e Knobel (1992), os jovens são obrigados a confrontar os conceitos que têm a respeito de si mesmos e ao abandonar a auto-imagem da infância projetam-se no futuro de sua vida adulta.

Camila afirmou que adolescentes se interessam pelo tema da morte, mas não têm com quem falar, já que este é visto como tabu na sociedade. Por isso, cobram este espaço na escola, querem compartilhar suas inquietações.

Luisa se referiu ao grande potencial do jovem para mudar o mundo e considerou que este potencial deve ser aproveitado:

> *Eu acho que o adolescente é um otimista. Ele acha que vai mudar o mundo. Ainda bem que ele pensa isso, e tomara que mude mesmo.*

Ausência da família

Luisa destacou a falta de informação dos jovens e o equívoco de pais e educadores ao considerar o que é informação e esclarecimento. A questão da morte não deve ser apenas explicada, as dúvidas precisam ser ouvidas e os sentimentos acolhidos. Ela apontou a falta da família e enfatizou a importância da disponibilidade da escola para se aproximar dos jovens:

> *Esse distanciamento (da família em relação ao jovem) é algo muito frequente hoje. Muitas famílias hoje, para não perderem o diálogo com seus filhos, que eles alegam que é diálogo, eles incentivam a permissividade. Então, o jovem, o filho passa a comandar a família para que eles não percam o filho. E, eu acho que sempre tem que haver uma relação de poder. Eu sempre digo para os professores que tem que haver uma relação de poder, eles não podem ser os "amiguinhos" dos jovens. É claro que podem tratar com humanidade, com carinho, com acolhimento. Isso que tem feito a diferença com os jovens.*

Luisa falou sobre a importância dos jovens perceberem que têm um espaço de escuta na escola: *"quando eles começam a falar, não querem mais parar"*. Os adolescentes parecem gostar muito dessa possibilidade de falarem de si e da sua relação com os outros.

Fernanda também destacou a ausência e dificuldade de diálogo da família na vida dos filhos. Estes sofrem de *"carência emocional"* e buscam escuta e conselhos dos educadores. Ela é uma educadora que procura ouvir seus alunos, disponibilizando seu tempo para isso. Parece ser acessível e querida pelos alunos.

Segundo Armando, para muitos educadores o adolescente é uma *"geração perdida"*. Esta queixa do mundo contemporâneo, feita por pais e profissionais, parece grave e precoce. *Como esperar, então, que jovens invistam no futuro buscando competência e comprometimento? Será que não está ocorrendo delegação de funções e responsabilidades da família para a escola e vice-versa?* Weinberg (2001) aponta que o caminho para superar estas dificuldades não é buscar culpados, e sim compreender o que esperar de cada geração. A autora chama a atenção para a ideia de que adultos

podem se sentir perdidos se não assumirem que adolescentes precisam da solidez dos valores e da experiência dos mais velhos.

A família não foi citada como facilitadora pelos educadores entrevistados. Os jovens de hoje, muitas vezes, não têm pais presentes, sendo a ausência de pontos de referência fator de impacto na visão de morte do adolescente que não se apropria da noção de morte como possibilidade pessoal.

Morte próxima ou distante para os jovens?

O filósofo Lipovetsky (2004) observa cuidadosamente os fenômenos atuais que perpassam as relações sociais, refletindo sobre a pluralidade do indivíduo contemporâneo e as transformações na sociedade de consumo. Esse autor afirma que, atualmente, predomina a cultura hedonista que busca satisfação imediata das necessidades, estimulando a urgência na busca constante de novos prazeres. Consumir sem esperar, divertir-se e não renunciar a nada. A mídia eletrônica reina nas relações sociais atuais o que permite a troca de informações em tempo real, perpetuando a sensação do imediato, do aqui e agora e, sem valorizar possíveis frustrações. Estas condições podem promover o avanço do egocentrismo, da satisfação imediata e pessoal de necessidades, ao mesmo tempo em que desencoraja o desenvolvimento e manutenção de valores sociais estruturantes. É possível relacionar esta hipótese com o que observei na fala dos educadores. O individualismo sem o espírito de coletividade e solidariedade na sociedade atual pode levar os jovens a situações de risco e morte com mais frequência.

Luísa apontou aspectos significativos em relação à abordagem do tema da morte com adolescentes. Afirmou que eles só discutem o tema na escola quando há ocorrência de uma morte concreta próxima a eles. Ficam abalados e procuram os educadores para *"desabafar"*. Expressam sentimentos relacionados à morte de jovens como: decepção, desilusão e a busca de esperança. Luísa falou do educador como cuidador que lida com a ambivalência entre onipotência e impotência do

jovem, que acha que tudo pode, mas tem se confrontado com a finitude e a vulnerabilidade. Lembrou a questão histórica e observou que atualmente a morte está mais próxima do jovem que em outros tempos:

> *A morte para os jovens está muito mais presente, muito mais real do que no meu tempo. É preciso saber trabalhar com a morte. Eu não sei se eles têm maturidade para se equilibrar diante de um colega que morre, diante de uma brincadeira de mau gosto que põe, às vezes, a personalidade do jovem "em xeque", traumas que podem ficar para o resto da vida. Eles não têm nem maturidade para enfrentar todas as situações que envolvem a morte. A questão da morte, embora eu ache que possa passar pela cabeça deles, eles vêm contar para a gente só quando um colega morre mesmo. Aí fica aquela choradeira na escola. Mas, passado aquele momento, eles têm esperança.*

Para Fernanda, a morte é um tema em princípio distante para os adolescentes. Porém, quando ocorre a morte concreta de alguém conhecido o medo surge. Estes sentimentos são mais intensos quando ocorrem mortes concretas, simbólicas e/ou escancaradas ao mesmo tempo.

Andréa descreveu dois perfis de adolescente que observou na sua experiência como educadora levando em conta como eles lidam com a morte: a) há o adolescente inconsequente, alienado, que não tem consciência da morte e dos comportamentos de risco (drogas, sexualidade ou influência do grupo). O medo da morte só surge quando relacionado à violência. Está vinculado a sentimentos de onipotência que não levam em consideração os riscos e a morte como realidade. Este perfil, segundo ela, aparece em todas as classes sociais. b) o jovem trabalhador que expressa o medo da morte e do sofrimento frente à perda de pessoas queridas, tendo consciência dos riscos vinculados à sua saúde. A partir destes perfis citados por Andréa, questiono: *será que a questão dos jovens com a morte tem a ver com o fato de ser trabalhador ou por ter consciência dos riscos e comportamentos autodestrutivos? Por outro lado, aquele que é chamado de inconsequente não tem consciência dos riscos ou acredita que nada vai lhe acontecer?*

Para Telma, a morte está, ao mesmo tempo, próxima e distante para os adolescentes. Apesar dos elevados índices de mortalidade, percebe o sentimento de onipotência dos jovens. Estes correm

muitos riscos, desafiam a morte e não consideram que é fato universal, podendo ocorrer com eles. Além disso, observa a ausência de indignação diante de mortes que são vistas sem importância. É papel da educação também desenvolver trabalhos de prevenção quanto a certas escolhas dos jovens.

Para Armando, na adolescência ocorre um distanciamento da idéia da morte. Parece haver a idéia de que a realidade da morte somente está presente para os mais velhos. Há, portanto, dificuldades no período da adolescência para lidar com a concretude da morte. Este educador afirmou que os jovens pensam que valorizar a vida é torná-la passageira, perdendo o sentido da morte, não pensam sobre o que estão fazendo com a própria vida, fixando-se somente no momento atual, sem reflexão. Para este educador, o jovem vive sem criar pontos de referência, sem se apegar a ninguém, em relações passageiras. Mortes próximas podem ser vividas de forma banal: *"é mais um que morreu"*.

Maria, que trabalha em escolas particulares, apontou que sempre lidou com uma camada específica da população. Para esta população parece que as mortes escancaradas estão relacionadas aos pobres de escolas públicas. Na sua opinião, alunos de escolas públicas sofrem muito com as mortes e perdas vivenciadas:

> *Eles não estão acostumados a perder e a lidar com mortes e separações. São super protegidos, vivem naquela fantasia que nada falta. Muitas vezes, o aluno se desestrutura quando passa por alguma morte*.

Guimarães (2005) aponta o esforço do adolescente no seu processo de desenvolvimento lidando com a interface entre vida e morte. Na adolescência já existe a percepção e o reconhecimento do conceito de morte como irreversível, natural e universal. Quando surge a possibilidade de morte, os jovens tendem a viver seu cotidiano acreditando na invulnerabilidade e blindagem de riscos. Adaptar-se às mudanças pode ser difícil, lento e doloroso, mas os jovens podem também se sentir mais fortes após esta transformação.

A busca pela vida dentro da escola

Kovács (2003) e Tinoco (2003) se referem à educação para a morte como possibilidade de preparação para a vida e para as perdas. Destacam a importância da consciência da finitude dos outros e de si próprio como algo que pode contribuir para os indivíduos se tornarem seres plenos, capazes de observar e compreender a realidade. Não falar ou evitar pensar na morte pode interferir na riqueza das experiências, na exploração dos vários caminhos de enfrentamento e na qualidade de vida.

Em vários momentos das entrevistas, os educadores relacionaram o seu trabalho com a temática da morte no contexto escolar com a aproximação dos adolescentes com a vida e com o seu desenvolvimento como seres humanos. Além disso, os educadores puderam perceber modificações na sua postura pessoal e profissional, reavaliando seus valores em relação ao tema da morte para uma educação que inclua as várias esferas da vida. As relações de cumplicidade e confiança também foram destacadas. Por esta razão, considero significativo abrir espaços para a discussão do tema da morte nas escolas, possibilitando aos adolescentes explorar a interface deste tema com a vida.

Segundo Paes (2004), cabe ao professor, como profissional que está mais em contato com os alunos, promover oportunidades de reflexão sobre a vida. Refletir é poder se apropriar de novos conteúdos. Assim, os adolescentes poderão se sentir mais preparados para enfrentar situações futuras relacionadas a perdas significativas e trazer à consciência sua finitude.

Todos os educadores entrevistados deixaram claro que as escolas deveriam oferecer não só informações aos seus alunos. Permitir que jovens expressem suas opiniões e reflexões sobre o tema da morte pode propiciar esclarecimentos que os aproximem também de questões ligadas à busca da vida. O professor cuidador, que ouve e acolhe os alunos, vai além do programa dos currículos. Este aspecto foi destacado por Luisa, Fernanda, Telma e Maria:

> *Eu mais ouço do que dou opiniões. E, às vezes, eu percebo que só ouvindo eles se acalmam, se sentem melhores. O aluno se abre para aquele profissional que estiver mais disponível (Fernanda).*
>
> *O aluno só se abre com aquele professor que tem um olhar mais acolhedor, uma escuta mais aguçada, uma voz (...) A distância do encontro dos sentimentos (entre alunos e educadores) é um tipo de morte na escola (Telma).*

Maria afirmou que se os educadores não puderem ouvir os adolescentes, estes terão menos instrumentos para reflexão e ação. Poderão ficar perdidos, sem respostas e mais distantes da busca pela vida. O contato com a finitude da vida a partir da morte de entes queridos pode gerar um forte sentimento de desesperança em relação à realidade, fragilizando o adolescente, por isso é tão importante buscar oferecer compreensão e apoio.

A postura do educador na construção destas oportunidades para falar de vida e morte também foi destacada. Segundo Luisa, deve ocorrer, entre professores e alunos, uma relação de acolhimento e estabelecimento de limites para que exista, assim, o apoio às dificuldades, o desafio de aprender e o respeito às ideias:

> *Quando eu falo em acolhimento, não é passar a mão na cabeça do aluno. É parar, estar presente, ajudar o aluno a superar suas dificuldades. Isso também exige limites. Às vezes, os professores estão muito preocupados com o conteúdo da sua disciplina. Mas, às vezes, se esquecem do quanto é importante ensinar os alunos a serem um cidadão melhor e mais feliz.*

Para Fernanda quando o educador olha para o aluno, esta postura favorece o olhar do jovem para si mesmo e para os outros. Ao se sentir cuidado pode, portanto, retribuir este olhar. Segundo Rogers (1997), a *tendência atualizante* é a crença de que se a pessoa tiver condições favoráveis, ela poderá se direcionar de modo a suprir as suas necessidades e seus sentimentos poderão ser reconhecidos e aceitos. Fernanda disse que:

> *O aluno é sujeito do seu processo educacional, tem que participar. Ele deve ser protagonista do seu próprio conhecimento, do seu ser, das suas buscas. Às vezes, o adolescente não quer fazer uma análise literária naquele momento. Ele simplesmente quer fazer uma análise do ser humano, dos sentimentos. Eu valorizo muito a voz dos jovens nesse sentido.*

Andréa também acrescentou que na sala de aula o educador não deveria adiantar respostas ou dar conselhos prontos. Para Camila, as oportunidades para falar de morte devem ser facilitadas e construídas junto com os alunos. O educador deve entrar em campo interagindo com o tema, mas não como detentor do saber. Algumas condições facilitadoras podem ser fornecidas, respeitando o ritmo do aluno:

> *Eu sempre falei muito sobre morte com os meus alunos. Eu nunca tive um pai ou um diretor reclamando comigo por isso. Basta você criar este espaço com seriedade e competência. E o aluno tem que dar esta situação como facilitadora, ele tem que abrir para isso.*

Armando busca provocar conflitos e autoquestionamento nos alunos. Esclarece que jovens devem pensar sobre a morte para valorizar a vida. Assim, passam a respeitar seus atos, suas perdas e dos outros:

> *O professor precisa, ao mesmo tempo, ser sensível e se impor. Se o aluno se sentir desvalorizado dentro da escola, a idéia da morte também será desvalorizada. O momento da morte é o momento de valorização da vida. Por que não falar de morte e relacionar com a vida, com a reflexão sobre seus atos? E, portanto, você é livre para saber viver.*

É interessante observar o que Luisa apontou sobre o combate à violência com foco na vida e na paz. Como já citado, ela desenvolveu um projeto de preservação do patrimônio da escola no qual existe um muro para os que jovens exerçam livremente sua criatividade:

> *Eu sempre procuro focar, trabalhar com a vida e a paz, sempre nesse sentido. O ambiente físico preservado é uma coisa que me preocupa. Então, os alunos vão preservar o que se o ambiente físico não está preservado? Como vamos agir com o pedagógico se o espaço está todo destruído?*

Telma descreveu a interface entre a vida e a morte no contexto escolar:

> *A escola poderia ajudar nesta preparação para a morte. Eu acho que se pensássemos na morte, a vida teria muito mais qualidade. Se déssemos esta oportunidade nas escolas para as crianças e os adolescentes. E eu acredito que este trabalho não aumentaria só a consciência para a morte, mas a consciência humana de poder lidar melhor com as situações. Poder ter mais escolhas, poder arriscar, mas não arriscar próximo da morte e sim para viver melhor. Então, é esta consciência que não existe, por isso que talvez se viva tão mal, com tantos conflitos, com tanta indiferença.*

A ideia de interdição do tema da morte na escola pode aumentar a sensação de medo e insegurança dos alunos, podendo também incentivar a banalização dos riscos. Abrir espaços para a manifestação de sentimentos pode, no entanto, trazer os adolescentes para questões vinculadas à vida. Nesse sentido, Crochík (1995, p.72) estabelece uma relação entre a importância da comunicação e o resgate do sentido da vida:

> O indivíduo só pode se constituir na sua relação com os outros. O seu isolamento resulta no seu esvaziamento e na perda do sentido de sua vida.

Reflexão não é um fenômeno exclusivamente cognitivo, uma vez que inclui sentimentos e conflitos individuais como afirma Crochík (1995). Problematizar é buscar o sentido que o fato imprime nas relações. No mundo globalizado, percebemos um movimento de concordância e adesão sem reflexão.

Portanto, refletir sobre a morte pode mobilizar emoções e inquietações pessoais. Refletir sobre a morte na escola proporciona caminhos de desenvolvimento e aproximação das relações entre alunos e educadores. Enfim, a escola pode ser uma das instituições que possibilite a transformação desta realidade.

Falando de morte com o adolescente no contexto escolar: transformações possíveis

---

A escola é vista principalmente como espaço de transmissão de conhecimentos sócio-culturais acumulados, então, cabe perguntar: *que efeitos subjetivos podemos produzir ao discutir o tema da morte nas escolas?* Os educadores, ao perceberem a importância da manifestação dos sentimentos dos jovens no ambiente escolar, relataram transformações emocionais e comportamentais significativas nos adolescentes.

Luisa destacou a importância dos jovens terem momentos *"deles"* e *"para eles"*, ou seja, poderem desenvolver formas de expressão importantes. O educador pode interferir na autoestima dos adolescentes, propiciando um ambiente seguro e de pertencimento no contexto escolar. Ressaltou que a escuta do professor pode dar espaço às potencialidades do aluno. Para que isso seja possível, são necessários maior disponibilidade do educador para esta tarefa e apoio da família. Apontou que o professor tem dificuldade de falar da matéria que não é sua especialidade. ***Então a morte é matéria de quem?*** Esta é uma questão muito importante, pois em alguns momentos parece tarefa de todos e em outros, de ninguém. A escola não pode ser responsável por todos os problemas relativos a este tema. Segundo Luisa, parcerias são importantes:

> *Para ter esse canal aberto na escola, o professor deveria ter mais tempo para poder escutar mais o aluno. O professor tem que estar bem atento a tudo aquilo que os alunos propõem. Às vezes, há propostas espetaculares. Durante estas atividades, podemos estar orientando o que, muitas vezes, na aula não é possível. O professor também acha que não tem condições para abordar o tema em aula ou porque a matéria não é dele. O mundo moderno trouxe um monte de coisas boas, mas outras não tão boas como a redução do tempo dos pais para se dedicarem mais aos filhos. Às vezes, quando percebem o problema, este já está quase irrecuperável. E a escola não pode fazer tudo sozinha. Não tem esse objetivo. Ela é uma das instituições mais importantes, mas não tem competência para fazer tudo. Podemos colaborar, mas não é possível fazermos tudo perfeitamente. Alguma coisa sempre falha e ficamos com a consciência pesada por não termos conseguido salvar uma vida, muitas vezes.*

Os jovens, ao terem oportunidade de abordar as *várias mortes*, poderiam valorizar o espaço escolar e seus educadores, segundo a opinião de Fernanda. Além disso, haveria mais respeito com os outros alunos, mais espaço para o jovem falar de si e sobre temas relacionados à vida e à morte. Com este tipo de proposta, os jovens, acompanhados e cuidados, perceberiam os professores se preocupando, sentir-se-iam parte da construção da história na escola, contribuindo e deixando-se tocar, construindo sua identidade e sua inserção nos vários campos da sociedade. A escola que busca cuidar dos seus alunos é percebida como a *"escola deles"*. A *aprendizagem significativa* possui relações com esta proposta:

> *Os adolescentes valorizariam mais o espaço escolar e o educador. E o educador não é só o professor, é o diretor e todos os outros funcionários da escola. Haveria mais respeito com os outros colegas. O jovem teria um espaço para falar de si mesmo. E quem sabe falar sobre a morte e sobre a vida? Então, este espaço é muito bem-vindo. É um espaço de abertura para os jovens. É a identidade da escola e o aluno faz parte dessa identidade.*

O trabalho em grupo com os jovens pode ter um tom colaborativo em que cada um tem chance de escutar o outro. A troca de experiências, erros e acertos pode levar ao desenvolvimento de novas habilidades e à transformação de atitudes, possibilitando mudar as trajetórias de vidas.

Segundo Fernanda, com a maior valorização do compartilhamento de experiências e sentimentos, pode haver melhora também do rendimento escolar dos jovens:

> *Se o aluno sente esse acolhimento, percebe que a escola é um espaço dele e que ele pode usufruir desse espaço realmente com liberdade, ele passa a ter maior responsabilidade por esse espaço, passa a valorizar mais esse espaço, a preservar e o rendimento escolar, é claro, que melhora. E não é só o espaço, é o tempo dele aqui dentro também com as pessoas envolvidas.*

Segundo Andréa, as escolas não desenvolvem atividades estruturadas e continuadas sobre o tema da morte. Para ela um caminho interessante para abordar o tema com os jovens seria a crítica à visão de morte incentivada pelos meios de comunicação e vista como espetáculo. Incentiva-se a imortalidade dos jovens, sua morte é abordada como algo fictício e mito. Os educadores poderiam oferecer oportunidades para a reflexão dos jovens indo além das informações transmitidas pelos meios de comunicação. Este trabalho, orientado por educadores, poderia gerar um conhecimento construído *com os jovens*. Esta é uma forma de trabalhar a alienação dos jovens diante do tema da morte na escola gerando transformações.

A proposta de co-construção mantém relação estreita com a proposta da *aprendizagem significativa.* A discussão e a construção compreensiva junto com os jovens sobre questões relacionadas com a morte, favorece a co-construção de significados e sentidos (SPINK, 2003). Considero que seja importante a compreensão atenta das falas dos jovens sobre os temas abordados, facilitando a construção de opiniões e reflexões durante a interação com educadores na sala de aula.

A noção de co-construção está presente na visão dos processos de ensino-aprendizagem também para Luisa. Ela apontou a relação entre educador e aluno diante de situações difíceis e falar sobre a morte é um assunto delicado. Propõe o desafio e estimula a motivação de seus alunos, procurando envolvê-los no processo, mas lembrando que o acolhimento do aluno também exige limites que devem ser estabelecidos. Esta é uma proposta de aprendizagem significativa ao falar sobre a importância de conhecer os alunos e estimular a postura dos professores como cuidadores.

Camila, Telma, Armando e Maria destacaram que, ao expressar e compartilhar seus sentimentos, adolescentes fortalecem a autoestima e aprimoram seu relacionamento interpessoal com os outros alunos, educadores e familiares. Para Armando, a escola é o espaço de construção de referências e os alunos valorizam suas raízes a cada etapa de suas vidas. Além disso, acumulam lembranças para serem resgatadas e suas experiências não são vistas como passageiras e mecanizadas:

> *Trabalhar a morte é poder trabalhar esta empatia com a dor do outro, estar junto com a dor do outro (Telma)*

Telma destacou o caráter preventivo deste trabalho. Os adolescentes, segundo ela, teriam mais consciência de si mesmos, do próprio valor e de quem está em torno deles. Ela já ouviu depoimentos de familiares relatando que seus filhos adolescentes manifestaram apoio muito necessário em momentos de perda, como, por exemplo, durante rituais. É interessante observar o potencial de ajuda dos jovens:

> *Estes resultados são trazidos também pelos pais. Por exemplo: o caso de um pai contando sobre a participação do seu filho no velório de um parente. Este pai me disse que foi o filho dele que ajudou a família a lidar melhor com este momento. O filho chorou, sentiu, mas ele falava sobre o que estava sentindo, ele se expressava de outros jeitos, ele procurava formas de se sentir melhor diante da perda e ajudava a família também.*

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2008)[56], a comunidade escolar, envolvendo os pais dos alunos e tendo a colaboração de outros serviços de saúde, é agente de prevenção eficaz em relação a comportamentos de risco e morte de adolescentes.

Telma, no lugar de educadora, também se transformou durante estas atividades:

> *É terapêutico. Penso também nas minhas mortes concretas e simbólicas. Os professores também passam a valorizar muito mais a vida e as pessoas ao lado deles. Até o relacionamento familiar melhora.*

Negar o debate da educação para a morte nas escolas, especialmente aos adolescentes, implica em suprimir reflexões valiosas num contexto no qual são possíveis rápidas e profundas transformações, no sentido da vida ou da morte. Falar diretamente sobre a morte é respeitar a liberdade dos adolescentes para enriquecer seu conhecimento e incorporar valores para a vida. Educadores podem dar importância e se preocupar com as experiências dos jovens e o impacto da morte em suas vidas: *como os adolescentes podem integrar suas perdas em suas vidas? Como podem elaborar suas experiências de perdas? Como prevenir situações de risco?*

Enfim, no momento atual, com tantas situações de perdas e índices crescentes de mortalidade entre jovens, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de uma educação que não ameace o futuro dos adolescentes. É fundamental abrir espaços que os auxiliem a tocar suas vidas em frente após vivenciarem mortes concretas, simbólicas e processos de luto. Um dos objetivos deste trabalho foi explorar alguns caminhos de atuação da escola que favoreçam a preservação do futuro dos jovens e evitem perdas injustificadas de suas vidas. A educação para a morte busca a reflexão sobre o grande repertório de vidas possíveis na tentativa de influenciar a capacidade do adolescente inventar, criar e atingir um futuro próximo de seus sonhos.

[56] Fonte: http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf

"(...) os antigos egípcios tinham uma bela crença a respeito da morte. Quando suas almas chegavam ao céu, os deuses lhes faziam duas perguntas e suas respostas determinavam se seriam aceitos ou não: você encontrou alegria em sua vida? Sua vida trouxe alegria a outras pessoas?"[57]

[57] Trecho do filme **"Antes de Partir"** que narra a História de Carter Chambers (Morgan Freeman) um homem casado que há 46 anos trabalha como mecânico. Submetido a um tratamento experimental para combater o câncer, ele se sente mal no trabalho e é internado. Logo passa a ter como companheiro de quarto Edward Cole (Jack Nicholson), um rico empresário que é dono do próprio hospital. Edward também está com câncer e, após ser operado, descobre que tem poucos meses de vida. O mesmo acontece com Carter que decide escrever a "lista da bota", algo que seu professor de Filosofia o ensinou décadas atrás. A lista consiste em desejos a serem realizados antes de morrer. Ao tomar conhecimento dela Edward propõe que eles a realizem, o que faz com que ambos viagem pelo mundo para aproveitar seus últimos meses de vida.
Reiner, R. **Antes de partir** (filme-vídeo). Estados Unidos: Storyline Entertainment / Zadan/Meron / Two Ton Films, 2007. DVD/NTSC, 97 min. color.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O contexto escolar abrindo suas portas para a morte"

Esta pesquisa investigou os temas relacionados à morte e à adolescência presentes no contexto escolar pelo olhar do educador; como estes temas são abordados; os sentimentos e o preparo dos educadores e, por fim, quais as formas de intervenção que possibilitam falar de morte nas escolas com adolescentes. Para alcançar estes objetivos, foram entrevistados sete profissionais da área da educação que atuam com adolescentes em escolas públicas e privadas. Ao transcrever suas experiências, categorias temáticas foram delineadas formando eixos de análise.

Atualmente a morte é, simultaneamente, interdita e escancarada. Há tentativas de esconder a morte e os mortos, de silenciar questionamentos e sentimentos, ao mesmo tempo em que mortes invadem nossas vidas e lares. Observei como o contexto escolar, com sua riqueza de conhecimentos e experiências proporcionados aos alunos e educadores, pode contribuir para a **educação para a morte**. Como afirmam Meirelles e Sanches (2005), ações oferecidas pelas escolas podem ser fatores de prevenção de situações traumáticas e dificuldades no desenvolvimento emocional dos alunos.

A vida e a morte são assuntos complementares e não excludentes. Este trabalho evidenciou que a morte, "ignorada" nas várias esferas da sociedade, pode ser discutida e compreendida na escola. Podemos interferir em comportamentos individuais que se refletem em vários campos da sociedade ao permitir que uma instituição tão rica em possibilidades como a escola aborde um tema proibido e combatido socialmente. Nesse sentido, o canal de comunicação sobre o tema da morte, aberto no ambiente escolar, pode incluir a família e a comunidade de maneira geral. O compartilhar de sentimentos, multiplicando-se nos vários espaços sociais, pode tornar o tema da morte mais presente e não tão temido e combatido.

No mundo contemporâneo, a fase da adolescência é um processo complexo e delicado que pode tornar difícil a compreensão dos jovens. Os educadores entrevistados percebem que podem auxiliar os alunos a enfrentar seus problemas e dilemas avaliando seus recursos que os ajudarão durante a vida. Para isso, é fundamental que adolescentes e educadores compartilhem experiências vividas e ocorra a possibilidade de um diálogo interrogador e um olhar crítico sobre as questões da vida em sociedade. É preciso, segundo estes profissionais, considerar o que os jovens dizem e estar na sua companhia no caminho de se tornarem adultos.

Esta pesquisa evidenciou que o apoio e o acolhimento oferecidos pela comunidade escolar podem ser um método eficaz para ajudar adolescentes a lidar com as várias perdas (concretas e simbólicas) e com as mortes escancaradas. Estas situações provocam nos alunos e profissionais sentimentos de choque, impotência, medo, indignação, insegurança e desilusão com a vida.

Segundo Bauman (2008, p.47), uma das promessas da atualidade é lutar contra o impacto imobilizante da iminência da morte. Este autor diz que a qualidade de nossas vidas depende de como vivemos nossa vida *antes* de morrer:

> Lembrar a iminência da morte mantém a vida dos mortais no curso correto – dotando-a de um propósito que torna preciosos todos os momentos vividos.

Os educadores refletiram que ao acolher os alunos, reconhecem suas necessidades e, assim, podem gerar transformações. A elaboração do luto ajuda a tornar a perda real, apoiando o reajustamento ao ambiente escolar e preparando o aluno para continuar sua vida.

Construir espaços de comunicação sobre as várias modalidades de mortes entre educadores e adolescentes tem relação com questões importantes e urgentes para a sociedade brasileira de hoje. A partir das entrevistas realizadas, foram observados subsídios para a criação de espaços de reflexão e discussão sobre o tema da morte nas escolas e preparação dos educadores para esta tarefa. A partir da expressão de vários sentimentos, aliada ao conhecimento teórico e a informações sobre o tema,

proponho um espaço educacional e facilitador nas escolas para discussão e reflexão sobre vários temas relacionados a perda e morte.

Entretanto, os educadores também evidenciaram dificuldades importantes que impedem, muitas vezes, a realização deste trabalho, entre elas: resistência ou falta de tempo para preparo para lidar com o tema, necessidade de reforma curricular e sobrecarga de tarefas já assumidas. Segundo eles, as atividades envolvendo o tema da morte nas escolas devem ocorrer em parceria com outras instituições, como universidades, Secretarias da Educação, clínicas-escola, envolvendo também os familiares dos alunos. Os educadores também se deparam com limites pessoais, da escola em que atuam e aqueles impostos pelos familiares dos alunos. Estes dados são alguns indicativos da ausência de abordagem das várias mortes nas escolas.

Uma das decorrências deste trabalho é propor subsídios aos educadores sobre o tema "falando de morte na escola" com a sugestão de algumas atividades pedagógicas. A fundamentação para elaboração das atividades envolve os princípios da **aprendizagem significativa** proposta por Rogers (1997). Segundo o autor, as pessoas acumulam conhecimentos como fatos intelectuais, limitados à esfera cognitiva, o que é restritivo principalmente frente a temas complexos como a morte. Ocorre, dessa forma, um distanciamento não havendo espaço para a expressão de sentimentos. A aprendizagem significativa visa entrelaçar as esferas afetiva e cognitiva configurando a busca pelo pleno desenvolvimento do indivíduo.

Os profissionais entrevistados reconheceram as várias modalidades de mortes e refletiram sobre estratégias de intervenção e enfrentamento diante dos seguintes temas: alunos enlutados pela perda de pessoas significativas, ídolos e animais de estimação; mortes de alunos por adoecimento ou acidentes; bullying escolar; violência física e verbal; situações de exclusão e humilhação; alunos ou familiares hospitalizados; afastamento da escola; separação ou distanciamento de familiares; ausência de diálogo; perdas amorosas; automutilação; expectativas diante da saída da escola; mortes abordadas

pelos meios de comunicação; crítica à mídia e à banalização da morte. A partir dos temas trazidos pelos educadores, proponho as seguintes modalidades de ação para a abordagem do tema da morte nas escolas:

- ✓ Atuações preventivas diante de mortes concretas, simbólicas e escancaradas e intervenções em situações de crise.
- ✓ Discussões de casos de alunos e/ou educadores mobilizados por situações envolvendo os vários tipos de mortes.
- ✓ Abertura de espaços para sensibilização, escuta, acolhimento de necessidades, reflexão, esclarecimento de informações e manifestação de sentimentos diversos dos alunos sob seus cuidados.
- ✓ Discussão em grupo: legitimação dos sentimentos e ideias dos jovens, compartilhamento de experiências vividas pelos educadores, fortalecimento de vínculos e levantamento de propostas sobre como lidar com questões mobilizadoras.
- ✓ Participação da comunidade escolar nos rituais de morte e apoio aos familiares dos alunos.
- ✓ Vinculação de atividades com o dia de Finados e outras datas significativas.
- ✓ Encaminhamento de alunos para profissionais especializados quando necessário.
- ✓ Produção de material didático sobre temas que envolvem a questão da morte como instrumentos de sensibilização, apoio e orientação.

Segundo Flauzino e Grecchi (2009), é necessário realizar o diagnóstico, o levantamento dos temas a serem abordados e um planejamento das ações a serem realizadas de acordo com as necessidades de cada escola. Além disso, expostos às inúmeras variáveis presentes no contexto escolar, cada um dos envolvidos nas situações de perdas e mortes responderá às exigências da sua realidade de um modo particular. É necessário respeitar as singularidades, Histórias de vida e características de personalidade de cada um dos envolvidos.

Durante a realização deste trabalho, encontrei poucas pesquisas qualitativas a respeito desta temática e, por isso, é fundamental a exploração das vivências de morte nas escolas por outros profissionais interessados em desenvolver e realizar intervenções nesse sentido. Outras possibilidades de atuação que podem ser aprofundadas em futuras pesquisas são:

- ✓ Capacitação de professores com cursos de formação, reuniões temáticas e workshops realizados pela comunidade escolar ou auxiliados por outros profissionais (com experiência na área clínica, acadêmica ou educacional). Segundo Esslinger, Kovács e Vaiciunas (2004), estas atividades têm como objetivo fornecer subsídios teóricos, assim como abarcar, dependendo da situação, um maior número de profissionais de saúde e educação. Nos casos que envolvem cuidados de profissionais externos à comunidade escolar, as referências dos educadores serão muito importantes para o especialista que receberá este aluno.
- ✓ Supervisões centradas especificamente no desenvolvimento da observação e da atuação.
- ✓ Abordagem das várias mortes na formação acadêmica do educador.
- ✓ Estabelecimento de parcerias das escolas com outras instituições, como universidades, Secretarias de Educação e clínicas-escola.
- ✓ Aperfeiçoamento dos canais de comunicação entre a escola e a família dos alunos em situações de perdas e mortes.

A ideia do profissional de educação **"cuidador"** surgiu como temática importante nesta pesquisa. Isso não significa transformar educadores em psicólogos ou incluir intervenções clínicas em sua prática. Os profissionais entrevistados percebem que o olhar atento do educador pode explorar a necessidade de cada aluno, mas não buscando receitas prontas, uma vez que a dor e o sofrimento são vivenciados de forma muito particular. Muitas vezes, os educadores ouvem mais do que falam "as tais palavras certas e mágicas". O educador disponível à escuta e ao apoio já se configura como

alguém sensível às situações de morte vividas pelos alunos. Portanto, a disponibilidade dos educadores para a experimentação, as novidades, os sentimentos e os limites pessoais são importantes e, em muitos casos, isso é terapêutico, trazendo alívio e sensação de segurança para os alunos. A formação de uma equipe de trabalho na escola também foi citada como fator importante. A abordagem em grupo faz com que o educador não se sinta sozinho e minimiza sua insegurança em algumas situações. A participação de todos os profissionais da escola não deve ser obrigatória e os limites pessoais precisam ser considerados.

Os instrumentos facilitadores a serem utilizados devem ser revistos e adaptados às necessidades e condições dos vários contextos. Nesta pesquisa foram citados músicas, filmes, propagandas, telas, imagens, notícias e fatos atuais da mídia, apostilas didáticas relacionadas às várias disciplinas escolares, livros didáticos e paradidáticos, desenhos e marionetes. Para este trabalho, devemos considerar que as escolas apresentam diferentes expectativas e possibilidades de ação. Algumas questões institucionais devem ser ponderadas, como por exemplo: número de educadores disponíveis e de alunos envolvidos**;** tempo, espaço e datas para realização das atividades**;** definição dos temas a serem trabalhados**;** realização das discussões como parte de uma disciplina, de várias ou como atividades extras etc.

Falar sobre a morte com adolescentes envolve cuidados e cuidar é a capacidade que cada ser tem para interagir. Um dos princípios adotados por Silva (2002) do qual compartilho é: não existe neutralidade na maneira como nos relacionamos com as pessoas, ou seja, a comunicação envolve informação e sentimentos. Uma comunicação efetiva é a busca por atingir os objetivos para a solução de entraves detectados na interação com as pessoas. Educadores podem interagir de maneira mais rica e gratificante com seus alunos adolescentes. Ensinar e cuidar de seres humanos é lidar com as eternas capacidades de entender e estar com o outro, de compartilhar o que se tem de mais precioso, seu conhecimento e sua experiência. Enfim, é desafiar, é ampliar a visão, é promover novas

oportunidades. É a busca por fortalecer o que tem de melhor em si e no outro. Falar de morte nas escolas é levantar a possibilidade de cuidar, acolher, lidar com crises e crescer. É dar mais importância à vida. É interagir com a interface entre a vida e a morte e poder (se) transformar!

Perguntaram ao Dalai Lama[58]:

O que mais te surpreende na Humanidade?

E ele respondeu:

Os homens... porque perdem a saúde para juntar dinheiro e depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde;

E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente e nem o futuro;

E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido.

[58] Fonte: http://www.dalailama.org.br/home/

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A.; Knobel, M. **Adolescência normal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- Abramovich, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1997.
- Adorno, S. Adolescentes, crime e violência. In: Abramo, H.W.; Freitas, M.V.; Sposito, M.P. (Org.). **Juventude em debate.** São Paulo: Freitas, 2002.
- Albom, M. **A última grande lição.** Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- Alves, E.G.R. **Pedaços de mim: o luto vivido por pessoas com deformidade facial adquirida pós-trauma bucomaxilofacial e sua interferência no seu desenvolvimento.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Angerami-Camon, V.A. **A solidão. A ausência do outro.** São Paulo: Pioneira, 1992.
- _____. **O tédio na adolescência.** São Paulo: Papirus, 1999.
- Antunes ,C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos.** São Paulo: Papirus, 1998.
- Ariès, P. **A História da morte no Ocidente.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- Bauman, Z. **Medo líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Becker, D. **O que é a adolescência.** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Bellato, R.; Carvalho, E.C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 13 (1), 99-104, 2005.
- Bigard, C. Como falar às crianças sobre a morte. **Revista Veja,** 1998, 88-89, 2007.
- Bleger, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Bock, A.M.B. O conceito de adolescência: a necessidade de uma revisão. In: Silva, A.; Santos, B.R.; Sequeira; C.H. (Org.). **Infância e adolescência em perspectiva.** São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2006.
- Bodanzky, L. **Bicho de sete cabeças** (filme-vídeo). Brasil: Columbia Tristar, 2000. DVD/NTSC, 74 min. color.
- Bogdan, R.; Biklen, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- Boyle, D. **Trainspotting** (filme-vídeo). Inglaterra: Spectra Nova, 1996. DVD/NTSC, 94min. color.

- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** 3ed. Brasília, 2001.

- Brasil. Resolução nº196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Disponível em <http://www.datasus.gov.br>. Acesso em 2006.

- Brasil. Resolução nº 010, de 21de julho de 2005. Dispõe sobre o **Código de ética profissional do psicólogo.** Brasília: CFP.

- Braz, J.E. **Longas cartas para ninguém.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

- Bromberg, M.H.P.F. **A psicoterapia em situação de perdas e luto.** Campinas: Livro Pleno, 2000.

- Bromberg, M.H.P.F. et al. **Vida e morte: laços da existência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

- Calligaris, C. Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, p.E2, 2007a.

- Calligaris, C. A pedra do meio do caminho. **Pesquisa Fapesp**, 133, p. 79-83, 2007b.

- Calligaris, C. Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, p.E12, 2008.

- Calligaris, C. **Cinema na escola.** Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, p.E12, 2009.

- Campos, T.C.P. Motivos e razões que levam o adolescente ao hospital: o atendimento psicológico. In: Angerami-Camon, V.A. (Org.). **Novos rumos na Psicologia da Saúde.** São Paulo: Pioneira, 2002.

- Cantet, L. **Entre os muros da escola** (filme-vídeo). França: Haut et Court, 2008. DVD/NTSC, 128 min. color.

- Cardia, N.; Santos, A.C.V.R. **Os locais da cultura, esporte e lazer destinados a juventude e a violência da Região Metropolitana de São Paulo,** Prometo CEPID I "Monitoramento de Violações de Direitos Humanos (http://www.nev.prp.usp.br). Acesso em 2002.

- Cardia, N. **Jovens, violência fatal, superposição de carências e mercado de trabalho** (http://www.nev.prp.usp.br). Acesso em 2003.

- Carson, J.F.; Warren, B.L.; Doty, L. An investigation of the grief counseling services available in the middle schools and high schools in the state of Mississippi. **Ômega, Journal of Death and Dying**, 30 (3), p. 191-204, 1994-95.

- Carvalho, W.; Werneck, S. **Cazuza** (filme-vídeo). Brasil: Columbia Tristar, 2004. DVD/NTSC, 98 min. color.

- Cavalcanti, L. B. et al. O olhar adolescente. **Revista Mente & Cérebro,** vol. 1 a 4, 2007.

- Charlot, B. **A mistificação pedagógica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

- Chizzotti, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1998.

- Clark, L. **Kids** (filme-vídeo). Estados Unidos: PlayArte, 1995. DVD/NTSC, 91 min. color.

- Coelho, M. **Folha de São Paulo**, Caderno Ilustrada, p.E10 em 15.11.2006.

- Combinato, D.S.; Queiroz, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Revista Estudos de Psicologia**, 11(2), p. 209-216, 2006.

- Coppola, S. **As virgens suicidas.** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paramount Pictures, 1999. DVD/NTSC, 97min. color.

- Costa, J.C.; Lima, R.A.G. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Revista latino-americana de enfermagem**, 13(2), p. 151-157, 2005.

- Cotter, R.P. High risk behaviors in adolescence and their relationship to death anxiety and death personifications. **Ômega, Journal of Death and Dying**, 47 (2), p. 119-137, 2003.

- Crochík, J.L. **Preconceito: indivíduo e cultura.** São Paulo: Robe, 1995.

- Cullinan, A.L. Teacher's death anxiety, ability to cope with death and perceived ability to aid bereaved students. **Death Studies,** 14, p. 147-160, 1990.

- Cunningham, B. ; Hare, J. Essential elements of a teacher in service program on child bereavement. **Elementary School Guidance and Counselling,** 23, p. 175-182, 1989.

- Davidson, J.D.; Doka, K.J. **Living with grief: at work, at school, at worship.** Washington, DC: Hospice Foundation of America, 1999.

- Delours, J. **Educação : um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1999.

- Demme, J. **Filadélfia** (filme-vídeo). Estados Unidos: Columbia Tristar, 1993. DVD/NTSC, 122 min. color.

- Didion, J. **O ano do pensamento mágico.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- Dimenstein, G. Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, p.C4, 2009.

- Domingos, B. Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16 (3), p. 577-589, 2003.

- Eastwood, C. **Menina de ouro** (filme-vídeo). Estados Unidos: Europa Filmes, 2004. DVD/NTSC, 137 min. color.

- Elias, N. **A solidão dos moribundos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- Endo, P.C. **A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2005.

- Erikson, E. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

- Esslinger, I. **De quem é a vida afinal? ... Descortinando os cenários da morte no hospital.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

- Esslinger I.; Kovács, M.J.; Vaiciunas, N. Cuidando do cuidador no contexto hospitalar. **Mundo da saúde**, 28 (3), p. 277-283, 2004.

- Fante, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus, 2005.

- Ferreira, M.H.; Araújo, M.S. Psicodinâmica na sala de aula. In: **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

- Flauzino, C.J.; Grecchi, D. A escola depois da tragédia: a psicologia escolar no Caso Eloá. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, São Paulo, 2009.

- Forquin, J.C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- França, M.D.; Botomé, S.P. É possível uma educação para a morte? **Psicologia em Estudo**, 10 (3), p. 547-548, 2005.

- Frankl, V.E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise funcional.** São Paulo: Quadrante, 2003.

- Freud, S. (1917 (1915)). **Luto e melancolia.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. 14, 1974.

- Glass JR., J.C. Changing death anxiety through death education in public schools. **Death Studies,** 14, p. 31-52, 1990.

- Góes, L.P. **A aventura da literatura para crianças.** São Paulo: Melhoramentos, 1990.

- Gray, R.E. Adolescents' perceptions of social support after the death of a parent. **Journal of Psychosocial Oncology**, 7 (3), p. 127-144, 1989.

- Guimarães, J.P. O jovem e sua visão de imortalidade. **Revista de Medicina (Ribeirão Preto)**, 38 (1): 42-44, 2005.

- Heidegger, M. **Todos nós... ninguém – um enfoque fenomenológico do social.** São Paulo: Moraes, 1981.

- Hughes, J. **Clube dos cinco** (filme-vídeo). Estados Unidos: Universal Pictures, 1985. DVD/NTSC, 93 min. color.

- Jardim, J. **Pro dia nascer feliz** (filme-vídeo). Brasil: Copacabana Filmes, 2005. DVD/NTSC, 88 min. color.

- Kalina, E.; Grynberg, H. **Os pais de adolescentes.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

- Kalvert, S. **Diário de um adolescente** (filme-vídeo). Estados Unidos: Flashstar Home Vídeo, 1995. DVD/NTSC, 102 min. color.

- Knapman, D. (1999). *Apoiando a criança enlutada na escola – sentindo-se perdida?* In: Aquino, J.G. (Org.) **Transtornos emocionais na escola – alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1999.

- Kovács, M.J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

- _____. **Educação para a morte: temas e reflexões.** São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

- _____. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

- _____. Perdas precoces. **Revista Mente e Cérebro,** Ed. 175, p.74-79, agosto 2007.

- Kovács, M.J. et al. **Falando de morte com o adolescente** [Filme-vídeo]. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. VHS/ NTSC, 15 min. color.

- Kübler-Ross, E. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer.** Rio de Janeiro: GMT, 1998.

- Lipovetsky, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

- Lopes, A**.** Bullying Escolar. **Revista Páginas Abertas,** 32 (30), 2007.

- Luft, L. Os vivos e os mortos. **Revista Veja,** 42 (24), p.22, 2009.

- Mahfoud, M. Plantão psicológico na escola: uma experiência. In: MORATO, H.T.P. (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

- Mahon, M.M.; Goldberg, R.L.; Washington, S.K. Discussing death in the classroom: believes and experiences of educators and education students. **Omega, Journal of Death and Dying**, 39, p. 99-121, 1999.

- Mannoni, M. **O nomeável e o inominável.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

- Maranhão, J.L.S. **O que é morte.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

- Martins, J.; Bicudo, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia – fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Moraes, 1989.

- Meirelles, F.; Sanches, R.M. Um olhar psicanalítico na instituição educacional. In: Sanches, R.M. (Org.). **Winnicott na clínica e na instituição.** São Paulo: Escuta, 2005.

- Melo, A.F.T. **A vida, o olhar e o sentir maternos em distrofia muscular do tipo duchenne.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

- Melo, A.F.T. A questão da morte na escola: o que (não) dizem os professores. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, São Paulo, 2009.

- Melo, M.S.N. **A prática docente e a educação para a morte.** In: III ENCONTRO DE TANATOLOGIA DO CEARÁ, Fortaleza, 2007.

- Meza, P.J. **Buenos Aires 100km** (filme-vídeo). Argentina, Espanha, França: Platina Filmes, 2004. DVD/NTSC, 90 min. color.

- Minayo, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1996.

- Morato, H.T.P. Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In: Morato, H.T.P. (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

- Morato, H.T.P.; Schmidt, M.L.S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: Morato, H.T.P. (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

- Moretti, N. **O quarto do filho** (filme-vídeo). Itália: Warner Bros. / Bac Films, 2001. DVD/NTSC, 100 min. color.

- Morin, E. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

- Mottoka, R.; Affonso, C; Hilel, A. Bullying e os tempos hipermodernos – um olhar da psicologia analítica. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, Punta del Este, Uruguay, 2006, p. 258-261.

- Nicolelis, M.; Varella, D. **Prazer em conhecer: a aventura da ciência e da educação.** São Paulo: Jatobá, 2008.

- Nogueira-martins, M.C.F. **Humanização das relações assistenciais: a formação do profissional de saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- Nogueira-martins, M.C.F.; Bógus, C.M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, 13 (3), p. 44-57, 2004.

- O´Kelly, E. **Claro como o dia: como a certeza da morte mudou a minha vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- Outeiral, J. **Adolescer.** Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

- Outeiral, J.; Cerezer, C. **O mal-estar na escola.** Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

- Paes, A.P. **Professores e a experiência psicológica da morte: preparados? Um estudo da relação pedagógica diante de experiências de perdas significativas.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2004.

- Parkes, C.M. **Luto – estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus, 1998.

- Petrocelli, R. Conversa sem hora marcada. **Nós da Escola,** 42 (4), p. 37-39, 2006.

- Pereira, K.M. **Adolescência, luto e enfrentamento.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

- Piaget, J. **Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns**. Lisboa: Bertrand, 1973.

- Piltcher, R.B.; Sukiennik, P.B. Suicídio e comportamento autodestrutivo. In: **O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

- Pitta, A. **Dor e morte como ofício.** São Paulo: Hucitec, 1994.

- Quintana, M. **80 anos de poesia.** São Paulo: Globo, 2008.

- Redford, R. **Gente como a gente** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paramount Pictures, 1980. DVD/NTSC, 124 min. color.

- Reitman, J. **Juno** (filme-vídeo). Estados Unidos: Paris Filmes, 2007. DVD/NTSC, 92 min. color.

- Reiner, R. **Antes de partir** (filme-vídeo). Estados Unidos: Storyline Entertainment / Zadan/Meron / Two Ton Films, 2007. DVD/NTSC, 97 min. color.

- Rocha, E.M.; Silva, M.J.P. **Mudanças nas relações em sala de aula e sua influência na aprendizagem.** VIII Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem, 2002.

- Rodriguez, C.F. **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

- Rogers, C.R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- Rowling, L. The disenfranchised grief of teachers. **Ômega, Journal of Death and Dying**, 31 (4), p. 317-329, 1995.

- Russel, J. **Vivendo na eternidade.** (filme-vídeo). Estados Unidos: Walt Disney Pictures / Buena Vista International, 2002. DVD/NTSC, 90min. color.

- Santos, F.S. **Cuidados Paliativos - Discutindo a Vida, a Morte e o Morrer.** São Paulo: Atheneu, 2009.

- Sayão, R. **Contra o que os jovens podem se rebelar?**, Caderno Folha Equilíbrio, Folha de São Paulo, 2006.

- Schachter, S. Adolescent experiences with the death of a peer. **Ômega, Journal of Death and Dying**, 24 (1), p. 1-11, 1991/1992.

- Schilling, F. et al. **Reflexões sobre justiça e violência: o atendimento a familiares de vítimas de crimes fatais.** São Paulo: Educ/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

- Schwartzman, S. É preciso ir à luta. **Revista Veja,** 2008.

- Sekkel, M.C. **A construção de um ambiente inclusivo na educação infantil: relato e reflexão sobre uma experiência.** Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

- Silva, J.C.B. **Desenvolvimento humano na velhice: um estudo sobre as perdas entre mulheres no início do processo de envelhecimento.** Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

- Silva, M.J.P. O papel da comunicação na humanização da atenção à saúde. **Bioética**, 10 (2), p. 73-88, 2002.

- Silva, P.F. **Bioética e valores: um estudo sobre a formação de professores de Ciências e Biologia.** Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

- Silva, S.M.C.; Ribeiro, M.J.; Marçal, V.P.B. Entrevistas em psicologia escolar: reflexões sobre o ensino e a prática. **Psicologia Escolar e Educacional**, 8 (1), p. 85-90, 2004.

- Souza, L.G.A.; Boemer, M.R. O cuidar em situações de morte: algumas reflexões. **Revista de Medicina (Ribeirão Preto)**, 38 (1), p. 49-54, 2005.

- Spaemann, R. **A morte da morte.** Folha de São Paulo, Caderno Mais, 2003.
- Spink, M.J.P. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- Spottiswoode, R. **E a vida continua** (filme-vídeo). Estados Unidos: Columbia Pictures, 1993. DVD/NTSC, 118 min. color.
- Sukiennik, P.B. et al. Implicações da depressão e do risco de suicídio na escola durante a adolescência. **Adolescência Latinoamericana**, 2 (1), p. 36-44, 2000.
- Tchekov, A. Tristeza. In: Dostoiewsky, F.; Tolstoi, L.; Tchekov, A. **Três fabulosos contos russos.** Lisboa: Padrões Culturais, 1991.
- Thiollent, M.J.M. **Crítica metodológica, investigação e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1987.
- Thornton, G. Assessment of small group discussions in a death and dying course. **Death Studies,** 15, p. 437-480, 1991.
- Tinoco, V. **O luto como vivemos: educação para a morte.** Palestra proferida no II Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde e Psicossomática e II Simpósio Brasileiro de Psiconeuroimunologia, 03 de outubro de 2003.
- Torres, W.C. **A psicologia e a morte.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- _____. A morte, o morrer e a ética. **Arquivos de geriatria e gerontologia**, 2 (1), p. 23-37, 1998.
- _____. **A criança diante da morte: desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- Vomero, M.F. Morte. **Super Interessante**, 173, p. 37-44, fevereiro 2002.
- Vygotsky, L.S. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Weinberg, C. **Geração delivery – adolescer no mundo atual.** São Paulo, Sá Editora, 2001.
- Weir, P. **Sociedade dos poetas mortos** (filme-vídeo). Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1989. DVD/NTSC, 129 min. color.
- Widerberg, B. **Todas as coisas são belas** (filme-vídeo). Dinamarca, Suécia, 1995, DVD/NTSC, 125 min. color.
- Yalom, I.D. **De frente para o sol: como enfrentar o medo e superar o terror da morte.** Rio de Janeiro: Agir, 2008.

7. ANEXOS

ANEXO 1: Termo de consentimento entregue aos educadores

Prezado(a) Educador(a)

Meu nome é Cláudia Fernanda Rodriguez, sou psicóloga (CRP: 06/72324) e estou desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sob orientação da Profa. Dra. Maria Julia Kovács, docente do Instituto de Psicologia da USP, chamada "Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?"

Gostaria de contar com a sua participação voluntária como entrevistado(a). Havendo consentimento, os depoimentos serão gravados, para facilitar a compilação dos dados, e apenas eu ouvirei o conteúdo. As transcrições serão utilizadas para fins acadêmicos, sendo que os nomes (e quaisquer dados que permitam identificação) serão omitidos para a garantia do sigilo e da privacidade do(a) entrevistado(a). Além disso, a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento e o participante poderá sair da pesquisa se assim o desejar.

Coloco-me a sua disposição para esclarecimentos e fornecimento de informações, mesmo após o término da entrevista.

Esta pesquisa trata de um assunto pouco abordado nas escolas, mas de grande importância para a formação dos educadores e alunos. Haverá um retorno dos dados às escolas participantes do projeto.

Agradeço a sua colaboração

Atenciosamente
Cláudia Fernanda Rodriguez
CRP: 06/72324 – E-mail: claudiafr@uol.com.br
Fone: 3091.4185 – ramal 213.

Eu, _____, RG_____, declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?" e concordo em participar voluntariamente. Sei que a entrevista será gravada e que posso interromper a minha participação a qualquer momento. Declaro que possuo uma cópia desse termo de consentimento.

_____

Entrevistado(a)

_____

Pesquisadora: Cláudia Fernanda Rodriguez

São Paulo, ___ de _____ de 200__.

ANEXO 2: Modelo da entrevista realizada com os educadores

1- Agradecimento à disponibilidade para participação na pesquisa.

2- Apresentação dos objetivos: *"reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar".*

3- Formação e trajetória profissional. Características da escola atual e cotidiano de trabalho.

4- Na sua opinião: qual é o papel da educação?

5- Você vê relações (respostas do item 4) com o tema da morte?

6- Como você percebe o tema da morte na sociedade atual?

7a- Na sua opinião: quais são os temas relacionados à morte que estão mais presentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes?

7b- Questionamento das várias situações de morte que podem estar presentes na experiência dos adolescentes e no contexto escolar:

<u>mortes concretas:</u> alunos em situação de perda de pessoas significativas e vivência do luto.

<u>mortes simbólicas:</u> situações presentes no desenvolvimento humano e que envolvem perdas simbólicas: inícios e finais de situações de vida (vários sentimentos pelo que está sendo deixado, conhecido, e diante do novo e desconhecido).

<u>mortes escancaradas:</u> as mortes invadindo nossos espaços e as poucas formas de proteção em relação à isso. Exemplos: situações de violência, tragédias, sofrimento que podem ser presenciadas nas grandes cidades e/ou que são exibidas pelos meios de comunicação.

8- Você acha que a escola deveria abordar o tema da morte?

9- Você já vivenciou alguma experiência relacionada ao tema da morte e os adolescentes no contexto escolar? Como você lidou? Quais foram seus sentimentos/ necessidades?

10- Na escola em que você atua há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou com os adolescentes? Há disponibilidade da escola/ dos educadores para se prepararem para a abordagem do tema da morte com seus alunos?

11- É fato que a maioria das pessoas não se sente preparada para falar sobre o tema da morte, mas na sua opinião, quais profissionais deveriam realizar essas atividades? Quem está "mais preparado?"

12- Como deveria ocorrer o preparo desses profissionais? Quais seriam as necessidades de conhecimento? Sentimentos que surgem? Como as experiências poderiam ajudar?

13- Quais seriam os instrumentos facilitadores para a discussão; materiais que poderiam ser utilizados?

14- Quando abordar o tema da morte na escola, em que situações? (Inserção nas atividades pedagógicas e/ou em momentos que ocorrem situações relacionadas ao tema da morte)?

15- Uma vez que os educadores se sintam “preparados”, como realizar esse trabalho com os adolescentes?

16- Qual é a sua opinião sobre os adolescentes em relação ao tema da morte?

17- Quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

ENTREVISTAS

ANEXO 3: ENTREVISTA LUÍSA *(escola pública)*

Pesquisadora (PES): Agradeço muito a sua disponibilidade em participar da minha pesquisa. Gostaria de apresentar os objetivos da minha pesquisa, como já tinha falado para a senhora. Eles consistem na *"reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar".* Estou focando os alunos adolescentes, pois realizei minha pesquisa de mestrado sobre a adolescência e o tema da morte. Para começar, eu gostaria de saber um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional.

Entrevistado 1 (LUÍSA): *Meu nome é (...) Sou titular de cargo como diretora de uma escola pública. Esta já é a terceira escola que eu dirijo, escolas grandes que abrangem crianças e adolescentes. A escola que estou inserida atualmente é especificamente de Ensino Médio e Ensino Fundamental ciclo 2 (5ª a 8ª séries). Sou orientadora educacional, eu trabalhei muitos anos na PUC de Campinas. Acabei deixando, aos poucos, as escolas particulares e me concentrei na escola pública. Esta escola atual é muito sensível às questões do ser humano. Então, a gente se sente muito feliz com isso. Estou nessa escola desde 1993. Eu sou pedagoga e orientadora educacional. Fiz um pouco de Psicologia também, mas depois parei porque me casei e vim embora para São Paulo.*

PES: A senhora poderia me falar um pouco sobre as características dessa escola?

LUÍSA: *Inicialmente a escola tinha todas as faixas etárias, desde a pré-escola e inclusive o magistério. Com as mudanças do sistema, foram retiradas as crianças e depois o magistério. Eu trabalho com um projeto importante sobre inclusão. Foi um primeiro projeto, piloto, da secretaria da educação que é sobre a inclusão de surdos em classes de Ensino Médio regular. Eu aceitei isso, inicialmente, e depois levei um susto. Não era somente uma sala que eles estavam pedindo, mas a inclusão. Como eu não tinha professores habilitados e nem eu sou habilitada na linguagem de sinais, eu me preocupei muito. Esses alunos ficavam perdidos no Ensino Médio e tivemos um projeto pioneiro da inclusão de surdos em 1999. Comecei a estudar a Declaração de Salamanca*[59] *e o nosso projetinho começou a ser chamado de Projeto da Salamanca e ficou. Fomos visitados em 2005 pelo Ministério Público; ficaram satisfeitos e disseram que outras escolas deviam ter a nossa escola como exemplo. Eu não sei se estamos no caminho certo, pois escolas de outros países que fazem inclusão, como a Itália que eu estou me lembrando, quando há um aluno deficiente o número de alunos em classe deve ser de no máximo 25 alunos. Já batemos muito de frente com a secretaria da educação por conta disso. É uma briga muito grande esse tema.*

PES: A senhora poderia me falar um pouco sobre o cotidiano escolar?

LUÍSA: *Hoje, a grande maioria dos alunos, é de adolescentes e de jovens. Nós temos agora também o supletivo a partir de alguns anos, o EJA (educação de jovens e adultos) e, portanto, alguns períodos ela fica escola de passagem: o indivíduo vai da escola para o trabalho e depois passa pela escola. Os alunos da manhã não, estes são alunos que nos dão bastante trabalho, são alunos adolescentes na maioria, mas alguns já trabalham, têm o seu mercado de trabalho já claro, eles têm de 15 anos em diante na manhã, eles têm idade do Ensino Médio mesmo, adolescentes. No EJA eu tenho alunos com mais de 60 anos fazendo a "rotina do possível". Eles não tiveram a oportunidade de estudar. São alunos que nos dão até muito prazer porque eles vêm com a intenção de recuperar o tempo perdido o que, muitas vezes, não acontece com o aluno do diurno. Eles têm, muitas vezes, o pai ou a mãe que pagam, que sustentam. Embora muitos alunos da manhã já trabalham ou mesmo fazem o seu cursinho.*

PES: Mas, a maior parte desses adolescentes da manhã, eles trabalham?

LUÍSA: *Não é a maior parte. No noturno sim, são alunos trabalhadores.*

PES: Quantos alunos têm, aproximadamente, na parte da manhã?

LUÍSA: *Bem, agora eu estou afastada da escola por motivo de saúde (...) Eu inicio a escola com uns 2.500 alunos, é bastante. Esse ano teve uma queda muito grande porque a região é dotada de muitas escolas e elas estão fazendo alguns*

---

[59] A Declaração de Salamanca (1994) trata dos Princípios, Política e Prática em Educação Especial. Trata-se de uma resolução das Nações Unidas adotada em Assembléia Geral, a qual apresenta os Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências. A Declaração de Salamanca é considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social.

convênios e acordos com os pais e nós tivemos a redução de algumas classes. Mas, mesmo assim, é um colégio bem grande.

PES: E, na sua opinião, qual é o papel da escola, o papel da educação? De uma maneira geral, pois quero aproximar essa questão do tema da morte. Faz parte do processo de educação o desenvolvimento pessoal dos alunos e as experiências de perdas, morte, sofrimento e outros sentimentos decorrentes, podem estar presentes no desenvolvimento desses adolescentes e, sendo assim, pode haver relações dessas vivências com o papel da escola?

LUÍSA: *Eu acho que o papel da escola mudou radicalmente nesses últimos tempos. Num primeiro momento, o conceito de escola era um local de transmissão de conhecimento, de saber. O professor falava, o aluno não sabia e aí ele aprendia. Hoje, é importante enfatizar, que a escola é uma instituição sócio-educativa. Ela é um local comprometido com o desenvolvimento integral do adolescente, preparo para o exercício da cidadania, ajudá-lo a se inserir no mundo do trabalho e, além disso, ajudar no desenvolvimento de habilidades e competências que hoje se fala muito e a gente percebe o quanto é necessário. Quer dizer, o aluno continua sendo sempre o objeto principal desse processo, ele tem que ser tocado, estimulado. O nosso compromisso é com o aluno. Toda a parte técnica e administrativa, na minha opinião, tem que estar sustentando o pedagógico. Esse é o meu foco, a meta principal é o desenvolvimento do aluno, a educação deles. Tanto que eu enfatizei aos professores, nesse planejamento: "não façam de sua disciplina o objetivo em si mesmo". As disciplinas são meios para se conseguir uma pessoa melhor, mais feliz e mais comprometida com o mundo que nós vivemos.*

PES: E a senhora percebe relações entre o papel da educação, sócio-educativo, da formação da cidadania e o tema da morte?

LUÍSA: *Sabe, hoje é preciso dizer, que tudo está muito mudado, o mundo mudou muito rápido e os adolescentes estão inseridos numa nova família que também mudou. A mãe já não fica mais tanto em casa, já não comparece tanto à escola. Há motivos para essas mães estarem delegando à escola para que ela assuma o seu papel, que é responsabilidade da família. Eu acho que hoje, há muitos autores que falam sobre isso, nós vivemos na era da incerteza e, então, nós temos que aprender a dialogar com a incerteza. Eu me lembro de um caso uma vez: um aluno me foi encaminhado por uma professora. Ela estava ensinando Álvares de Azevedo para a classe e ela ficou assustada com a redação desse aluno que falava sobre a morte, que expunha o tema da morte. Eu acabei ficando preocupada com isso, a professora conhecia bem a classe, tudo isso. Eu mandei chamar a mãe e a mãe não veio, de pronto ela não veio.*

PES: A senhora, inicialmente, ficou preocupada com o que?

LUÍSA: *Com o que ele havia escrito. Ele havia escrito algo muito negativo sobre a vida. O autor já é romântico e "caindo" para o realismo e o aluno falava sobre cemitérios, uma coisa "muito pesada", uma linguagem "muito pesada". Esse aluno já tinha me dado alguns problemas porque a escola, já antes de eu chegar, adotava a camiseta. E ele vinha de negro. Ele era gótico. Ele estava sempre com roupas pretas, com os olhos pintados, as unhas pretas. Mas isso eu acho que é um pouco de modismo, isso passa, não me preocupo com isso, do aluno furar a orelha, essas coisas. O que me preocupa mais é a linguagem desse aluno, o que e como ele fala, a maneira como ele trata o professor. Essa coisa de modismo passa, eles querem afrontar a outra geração, são momentos na vida deles. O que me preocupou mais foi a fala de outros alunos sobre esse aluno gótico. Eles me contaram que haviam comentado com ele que não tinham conseguido dormir por conta do irmão mais novo. E aí esse aluno gótico falou: "mata ele". Além disso, eu observei um isolamento muito grande dele na escola, do grupo. O grupo, que ele se dava melhor, estava ficando com muito medo dele. Com medo, inclusive, que ele os matasse. Era um grupo de alunos, não ótimos, mas alunos bons e eles vieram me dizer que estavam preocupados. Aí eu fui atrás da mãe dele. Quando ela chegou, ela disse: "graças a Deus a senhora me chamou porque a senhora descobriu uma coisa que eu não conseguia falar". Eu perguntei porque ela não tinha vindo antes, que a gente poderia pensar junto sobre essa questão. Na verdade, a mãe estava com muito medo dele. Ele mexia muito bem com a parte de informática e eu tinha até pedido para ele fazer um plano de uso de uma sala que tínhamos na escola com TV e computador que havíamos ganhado de um médico. Já que não tínhamos grêmio na escola, poderia ser um início e ele mexia muito bem com informática. Esse plano seria feito, é claro, em horários fora do horário de aulas. Aí eu fiquei assustada com a maneira absurda, nazista com que ele fez a organização daquela sala. Ele controlava tudo, tudo, quem entrava e quem saía. Ele queria até a ficha de todos os alunos da escola e eu disse que não podia fazer isso. Eu fiquei cada vez mais preocupada, ele estava se isolando e os colegas disseram que ele estava falando sério quando disse para matar o irmão deles. Ele era um garoto muito sério mesmo. A própria mãe tinha medo dele, dele fazer alguma coisa com ela à noite. Ele ficava, à noite, no computador e deixava mensagens na tela sobre morte. Eu estava apreensiva com a situação, a respeito do psiquismo desse aluno, achava que tinha que encaminhá-lo a um profissional. Essa mãe me contou que ele havia pedido ao pai um crucifixo e o pai deu a ele. Aí, uma noite dessas, ele se cortou todo com o crucifixo*

e, com o sangue, escreveu com letras enormes "morte" na parede do quarto dele. A mãe estava com muito medo dele, dele atacá-la. Eu achava urgente essa mãe levá-lo a um psicólogo, psiquiatra. Ela me ouviu e eu entrei em contato com o pessoal da Escola Paulista de Medicina. Eu desconfiava também dele estar usando drogas, ele saía toda noite vestido daquele jeito para o encontro dos góticos. Ela também tinha medo de alguém machucá-lo. Ele procurou o médico e agiu de uma forma muito agressiva. A mãe estava achando o tratamento muito demorado e eu falei para ela que isso também tinha demorado para se instalar e para ela pedir ajuda para a escola. O caso desse aluno extrapolava o papel da escola e eu não sabia se o problema era só psicológico, eu desconfiava muito de drogas. Ela me contou até que chegou a chamar a polícia em sua casa, então esse caso extrapolou o papel da escola mesmo. Eu não podia fazer de conta que estava fazendo alguma coisa. Aí são profissionais da área que tem que tomar uma posição sobre esse caso.

PES: E como a senhora percebe o tema da morte na sociedade atual?

LUÍSA: *A violência está aí né? E nós não somos um mundo à parte da sociedade, nós fazemos parte dela e somos resultados, produtos dessa sociedade. A violência está em toda a parte, assim como as drogas estão em toda parte e isso tem feito muito mal a todos, inclusive aos jovens. Estamos muito aquém da onde gostaríamos de estar. As agressões mesmo através dos bullyings, a gente percebe que são crianças muito jovens. Isso traz traumas e conseqüências para o resto da vida.*

PES: O que a senhoria teria a me dizer sobre o bullying?

LUÍSA: *Eu acho que não é só o bullying, é o cyberbullying também, nós tivemos até um caso em que a professora da escola foi difamada, houve uma fofoca. E essa professora era excelente, alguém que promove o diálogo com o aluno. Teve até um outro caso de uma aluna, muito bonitinha, ela é japonesa. Eles montaram uma foto e divulgaram no metrô. Colocaram a menina como prostituta.*

PES: Como a escola lidou com esses casos de bullying?

LUÍSA: *Olha, inicialmente, eu deixei passar porque era uma coisa que eu achei que podia ser resolvida e de fato foi. No caso da garota isso aconteceu fora da escola, eu não podia tomar providências. Foi além de 100 metros da escola. Na escola há sinais ameaçadores, intrigas. Eu li um estudo que fizeram em vários países: Argentina, México, Espanha, Chile e Brasil. Infelizmente chegaram à conclusão que o Brasil é pioneiro em bullying. 45% dos adolescentes já passaram por situações de bullying. Isso é muito, é demais. E isso acontece em escolas públicas e privadas. Conversando com os professores eu percebo que, em geral, os alunos ficam com medo, se sentem humilhados, constrangidos publicamente. Eles ficam isolados, excluídos do grupo. O que eu tentei falar para os professores é para eles prestarem atenção no início do isolamento de alunos porque o adolescente é "danado" né? Você não pode dizer que ele está com sono e, portanto, está usando drogas. Precisamos tomar muito cuidado para não "carimbar" o adolescente. Isso, às vezes, confunde muito o professor. Por exemplo: o fato de assistir muito à televisão ou ficar muito tempo na internet. O professor acaba achando que a rotina dele é algo típico da adolescência e não traz isso pra gente. E, muitas vezes, nós pegamos na 25º hora. As escolas, geralmente públicas, não têm bons inspetores de alunos. Eu tenho inspetores de alunos que são uma beleza. São pessoas que conhecem o aluno por nome, sua vida, passa ano e entra ano e eles estão ali "firmes", felizmente. Em geral, esse papel também deveria ser dos professores e dos inspetores, é claro, que pudessem visualizar os primeiros indícios pra que a gente pudesse fazer alguma coisa ou encaminhasse a profissionais.*

PES: Uma vez percebido situações de bullying na escola, o que pode ser feito?

LUÍSA: *É difícil, é muito difícil, pois eu não tenho o cargo de orientador educacional, foi recolhido. Eu não tenho o psicólogo. Os encaminhamentos que fazemos são porque abrimos a escola para estágio: para a USP, para a Universidade São Marcos, FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) e outras faculdades. Então, através dessa parceria, podemos fazer encaminhamentos de alunos. As faculdades estão sempre muito cheias. Elas me atendem com muita presteza, mas não é aquela coisa do psicólogo que me atende amanhã ou na próxima semana. Então, infelizmente, tudo fica por conta do diretor e dos seus coordenadores que tentam dar conta do pessoal, do individual e do institucional. Então, o bullying envolve muitas perdas, são situações de humilhação, exclusão do aluno.*

PES: Penso que o bullying faz parte do que chamamos de "mortes simbólicas" na vida do adolescente. A humilhação e a exclusão podem provocar muito sofrimento no adolescente. O jovem pode não se sentir fazendo parte do grupo. São situações que envolvem muitas perdas em vida.

LUÍSA: *Concordo. A gente acha que é brincadeira, própria da idade, quando na verdade são atos agressivos, são intencionais, são repetitivos e ocorrem sem motivação evidente. Há, então, uma desigualdade de poder, pois em geral ocorrem dentro de grupos.*

PES: E estas situações, que ocorrem no ambiente escolar, podem ocasionar mortes concretas também.

LUÍSA: *Sim, com certeza. A gente viu isso, há pouco tempo, em Pernambuco, Estados Unidos é "mestre" nisso. Esse termo "bullying" eu acho que foi determinado na Suécia em 1970. E, logo depois, na Noruega em 1980. E, agora, nós somos "campeões". É muito triste. São seqüelas, são prejuízos, são muitas dificuldades para lidar com essas perdas, com relações afetivas, familiares, sociais ou mesmo com o desempenho profissional. São traumas adquiridos, muitas vezes, nos bancos da escola. E isso, às vezes, passa desapercebido. Então, eu tenho procurado chamar atenção dos professores para que fiquem atentos a esses maus tratos psicológicos, sociais, verbais, físicos, morais, materiais, não sei, mas que fiquem atentos à isso porque a gente quer pegar logo no início da coisa.*

PES: Então, a senhora disse que as Universidades podem ajudar as escolas em relação ao bullying escolar?

LUÍSA: *Eu queria dizer algo, você vai me desculpar, mas as Universidades deviam deixar o altar e vir ao meu laboratório, colocar a "mão na massa" no meu laboratório. Eu me lembro muito bem de uma 5ª série, eu tinha 35 crianças, todas hiperativas. O professor não podia abrir a boca que eles abriam também. Não, eram mais alunos, eram 45 alunos. Uma vez uma psicóloga passou e eu falei: "pelo amor de Deus, vem aqui, venha me dar uma mão porque não é possível, o professor não poder dar aula". Eu não podia trabalhar, tinha que ficar indo na classe. O professor não conseguia dominar a classe de jeito nenhum. Eram crianças bem pequenas, parecia que as escolas anteriores não tinham ensinado como se comportar. Essas crianças eram muito ativas, às vezes até confundidas com crianças excepcionais. Alguns eram considerados deficientes mentais. Aí quando encaminhamos à psicóloga, ficamos sabendo que eles eram apenas hiperativos. A mãe queria solucionar o problema mudando a criança de escola, como se isso fosse resolver. Recomendamos um profissional para ajudar e uma escola menor que pudesse tomar conta porque o aluno não parava em sala de aula. Ele entrava nas salas de aula, era "dono" daquele período. Na escola tem muito a questão dos apelidos pejorativos também, gozações, difamações, ameaças, perseguições.*

PES: Então, qual seria o papel do professor uma vez percebendo esses comportamentos?

LUÍSA: *Às vezes eles podem chamar os pais. Em geral, eu estou junto, o professor gosta que eu esteja junto. Se eu percebo que os pais comparecem a gente começa a pensar o que está envolvido no caso. Às vezes a mãe sabia e não veio contar; já estava notando que a coisa estava indo "a passos muito largos" e ficou com medo, receio de contar. Teve um caso de um pai que era muito permissivo, pois o filho era adotivo. Esse caso que eu contei do aluno gótico. No ano passado tivemos o caso de uma criança. A mãe deixou essa criança por absoluta pobreza com a irmã e a irmã criou esse menino que é uma graça, tem uma grande capacidade, conversa no mesmo nível que você. Se ele for bem orientado, esse menino vai longe, ele tem uma "cabeça muito boa". Mas, ele tem todos os trejeitos de mulher, tem muito jeito de mulher, agora ele está na 7ª série. Eu chamei a mãe biológica que disse que ele havia sido criado pela irmã dela até aquela idade porque ela não tinha dinheiro. Pra mim foi uma surpresa muito grande, uma criança tão pequena com manifestações tão femininas. O pai era muito violento, segundo a mãe, e ele havia sido criado como uma figura feminina. Eu já tive homossexuais na escola que tomavam conta da escola, por exemplo não admitiam qualquer tipo de droga na escola. Ele falava das suas suspeitas, de alunos que podiam estar usando drogas. Eu nunca tive problemas com homossexualismo até porque eu tenho professores homossexuais.*

PES: Retomando os objetivos da minha pesquisa, na sua opinião, quais são os temas relacionados à morte que são mais frequentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes? A senhora falou na violência, no bullying escolar, quais outros temas presentes na escola que estão relacionados à morte e aos adolescentes?

LUÍSA: *Não sei viu? Eu acho que essa agressão, não só verbal, mas física, é uma constante hoje na escola. Agressões físicas.*

PES: E o que pode estar relacionado com essas agressões físicas na escola?

LUÍSA: *"Who knows?" Acho que são muitas coisas. Eu não saberia dizer uma causa específica. Eu só sei que eles estão violentos, não é a maioria felizmente. Nesse ano me disseram que a escola está bem mais calma, ela não é uma escola violenta. Há casos pontuais, por isso eu não esteja conseguindo falar. Mas, eu sempre procuro focar, trabalhar com a vida, com a paz, sempre, trabalhar nesse sentido. Os projetos são sempre focando essa temática. Todo ano eu quero um*

projeto de preservação do patrimônio, que é uma coisa que eles arrebentam e quanto mais está arrebentado, mais eles arrebentam. A minha escola hoje está muito preservada porque quando eu cheguei lá ela estava destruída. Eu não quero dizer que eu seja formidável, mas é uma coisa que me preocupa, o ambiente físico preservado. Então eles vão preservar o que, se o ambiente físico não está preservado? Como vamos agir com o pedagógico se a coisa ali está toda destruída? Então, se você está na minha escola eu não gosto de pichação, não gosto de aluno pichador. Eu não gosto disso. Lá, eles têm um muro para exercer a criatividade. Engraçado que eles pedem o muro e depois não sabem o que fazer com ele. Nós tivemos um projeto chamado "Guri" que foi uma coisa linda baseada naquela música do Chico Buarque[60], o

---

[60] **"O meu guri" – Composição: Chico Buarque**
Quando, seu moço
Nasceu meu rebento
Não era o momento
Dele rebentar
Já foi nascendo
Com cara de fome
E eu não tinha nem nome
Prá lhe dar
Como fui levando
Não sei lhe explicar
Fui assim levando
Ele a me levar
E na sua meninice
Ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega suado
E veloz do batente
Traz sempre um presente
Prá me encabular
Tanta corrente de ouro
Seu moço!
Que haja pescoço
Prá enfiar
Me trouxe uma bolsa
Já com tudo dentro
Chave, caderneta
Terço e patuá
Um lenço e uma penca
De documentos
Prá finalmente
Eu me identificar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro
Com carregamento
Pulseira, cimento
Relógio, pneu, gravador

enfoque foi pela vida. Deixar um pouco de falar sobre as coisas negativas e trazer para eles as coisas que eles podem fazer.

PES: Me conta um pouco sobre esse projeto.

LUÍSA: *Era um projeto interdisciplinar que mobilizou todos os professores. Cada disciplina trabalhou com cartazes, com músicas, temas relacionados à vida: solidariedade, companheirismo, humanidade, valores. Em relação a valores, às vezes, até o professor comete alguns deslizes, infelizmente, alguns preconceitos, não é algo frequente, isso ocorre de forma mais pontual mesmo. Alguns pensam que o aluno que fala mais é o que tem o melhor desempenho, é o mais extrovertido. Às vezes um aluno que não gosta de ir à lousa responder duas questões, o professor passa a nunca mais chamá-lo e o aluno se sente rejeitado. Quer dizer, eu acho que a gente precisa parar para refletir todas essas coisas que, muitas vezes, dão margem para que o aluno se recolha, se frustre e aí é uma situação de perigo para ele mesmo. Em relação à informação, os adolescentes pensam que estão muito bem informados, mas não estão. Nós também pensávamos isso, mas eles não estão. Muitas jovens têm engravidado na escola. Alguns jovens até têm diálogo com os professores, mas eu acho que com a família isso tem acontecido pouco.*

PES: E como ocorre esse diálogo na escola?

Rezo até ele chegar
Cá no alto
Essa onda de assaltos
Tá um horror
Eu consolo ele
Ele me consola
Boto ele no colo
Prá ele me ninar
De repente acordo
Olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega estampado
Manchete, retrato
Com venda nos olhos
Legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente
Seu moço!
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato
Acho que tá rindo
Acho que tá lindo
De papo pro ar
Desde o começo eu não disse
Seu moço!
Ele disse que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí
Olha aí!
E o meu guri!...(3x)

Fonte: http://letras.terra.com.br/chico-buarque/66513/

LUÍSA: *Os adolescentes sempre focam num professor, aquele que eles têm mais proximidade. Engraçado que hoje nós não estamos mais tão distantes dos jovens como acontecia na minha época, eles entram mais fácil nas salas, procuram a gente com mais facilidade.*

PES: E é tão importante os jovens perceberem que têm esse espaço na escola para eles não é? Quando eles começam a falar, não querem mais parar, eles gostam muito de poder se expressar, pelo menos eu percebi isso na minha pesquisa de mestrado.

LUÍSA: *Eles (os jovens) gostam muito de se expressar, de poder falar com alguém sobre assuntos importantes para eles.*

PES: Quais seriam os temas mais recorrentes?

LUÍSA: *Eles gostam de falar sobre eles mesmos. No começo eles são mais resistentes, mas, em geral, eles vêm com a idéia de falar do outro, mas no fundo, no fundo eles querem falar sobre si mesmos. O problema é com eles.*

PES: Há alguma inquietação mais frequente dos jovens?

LUÍSA: *Eles têm muitas inquietações. O confronto com o grupo é algo muito frequente. Eles não querem ficar de fora da "galera" deles. Eles precisam fazer as coisas da forma como essa "galera" quer, eles não querem ficar de fora do grupo. Um pouco antes de eu sair de licença, eu tive um caso de um adolescente que agrediu um outro jovem na quadra por causa de um problema de camiseta de clube. Eles têm uma permissão de usar uma camiseta que não é da escola porque eles alegam que a camiseta suja na aula de educação física. Aí um começou a mexer com o outro e começaram a brigar. Às vezes um é mais forte que o outro, tem o corpo mais bonito e eles querem medir forças. E as meninas querem medir beleza porque as meninas também batem, elas têm isso também. Agora, com os pais eu percebo, eles falam: "é do meu filho ou da minha filha que a senhora está falando?" Então, eles "estão por fora" da coisa, parece que, às vezes, eles desconhecem o próprio filho.*

PES: Esse distanciamento da família do jovem, atualmente, é um problema muito recorrente?

LUÍSA: *Eu acho que esse distanciamento é algo muito frequente hoje. Não acho que seja a única causa, mas é uma das causas das inquietações dos jovens, o problema da ausência da família por isso ou por aquilo na vida dos adolescentes. Ou até um "diálogo", que eu coloco entre aspas, porque houve uma inversão. Muitas famílias hoje, para não perderem o diálogo com seus filhos, que eles alegam que é diálogo, eles incentivam a permissividade. Então, o jovem, o filho passa a comandar a família para que eles não percam o filho. E eu acho que tem que haver uma relação de poder. Aliás a Marilena Chauí fala disso né? Eu sempre digo para os professores que tem que haver uma relação de poder, vocês não podem ser os "amiguinhos" dos jovens. É claro que vocês podem tratar com humanidade, com carinho, fazer o que os autores modernos discutem muito, o acolhimento. Eu acho que isso é uma coisa muito bonita, poder acolher o aluno. E não é acolher só na parte da didática, é acolher naqueles mecanismos pessoais, culturais, psicológicos, sabe? Isso que tem feito a diferença com os jovens. Então, a escola coloca o aluno em contato com coisas que ele não sabe e com o desafio de aprender. E essa ousadia em aprender requer um novo aluno e requer um novo profissional. Essa postura dos educadores é importante até para os alunos se sentirem mais autoconfiantes e terem sucesso na escola. Os últimos dados não foram satisfatórios. A escola pública está muito abaixo daquilo que nós temos trabalhado. Então, nós estamos perdendo esse desafio. A primeira escola pública é do Piauí. As escolas particulares que estão nos 10 primeiros lugares, são aquelas que fazem uma seleção terrível, vestibulinho "peneira fina" e a própria federal que faz também seu vestibulinho. O professor, então, teria que reconhecer os processos dos seus alunos, interpretar, respeitar as suas idéias. Considerar essas idéias quando o professor vai montar o seu programa de aulas, quando a escola vai montar o seu currículo. O professor também tem que propor atividades que são desafios possíveis, que possam ser superados. Nada muito além da coisa. O professor precisa aproveitar as situações de aprendizagem. Todo momento é um momento de aprendizado. Às vezes, é preciso parar com a aula de matemática e verificar onde está o problema. Essa atitude respeitosa e de encorajamento do professor é uma coisa que precisa ser claramente discutida. Quando eu falo em acolhimento, não é passar a mão na cabeça do aluno. É parar, estar presente, ajudar o aluno a superar, dar o apoio para que o aluno supere suas dificuldades. Isso também exige limites. Há professores que com uma voz calma, ele resolve o problema. Não adianta ficar gritando com o aluno. Se ele grita, o aluno grita e aí não adianta nada.*

PES: Quando eu falo em tema da morte, nessa pesquisa, estou pensando em várias situações que podem estar presentes no contexto escolar, não só a morte concreta. Esta situação envolve alunos passando pela situação de perda de pessoas

significativas, ou seja, estarem vivenciando o luto e, possivelmente, situações traumáticas. A senhora já presenciou essa situação na escola? Como foi?

LUÍSA: *Sim, já percebi sim. E isso foi muito triste porque o aluno começou a ficar isolado. Ele não queria vir mais à escola. E nós fomos obrigados a ir buscar o aluno. Ele tinha passado pela perda do pai. Os professores me trouxeram a informação que ele estava faltando muito às aulas. Esse aluno começou a ficar depressivo, uma depressão muito grande. Esse caso me marcou muito. Naquela época eu tinha o magistério e uma psicóloga na escola. Eu pedi que ela o atendesse, ela era uma psicóloga muito boa. Ele estava tão deprimido que não conseguia nem vir mais à escola. Nós fomos conversando, eu e a psicóloga, e eu percebi que a escola não pode fazer tudo. A escola não resolve todos os problemas do mundo. A escola é uma instituição. É uma instituição muito importante? Sim, com certeza. Não existe, ainda, nenhuma instituição que vai substituí-la, mas eu acho que ela não pode ficar só.*

PES: Mas, na sua opinião, o que a escola poderia fazer por esse aluno? Como a escola poderia ajudar um aluno que passou pela perda de uma pessoa significativa?

LUÍSA: *O que eu fiz: mandei chamar os pais, no caso a mãe. A mãe já tinha notado que o filho dela estava muito depressivo, não queria levantar e não queria ir à escola. Eu fiquei muito assustada e recomendei outra vez que levasse o filho ao psicólogo. Se ela não conseguisse, eu conseguiria gratuitamente um profissional dessa área. Essa situação extrapola nossas funções, nós não somos profissionais para dar conta disso. Essa situação exige acompanhamento ou não? É uma situação que já está se agravando "a passos largos". Pela Constituição, os primeiros responsáveis são os pais. A escola não pode passar por cima dos pais. Qualquer que seja o problema, eu não lido com ele longe dos pais. Eles são os primeiros responsáveis. A lei das diretrizes básicas também diz isso.*

PES: E a escola poderia fazer algo por esse aluno em luto, em sofrimento?

LUÍSA: *Se tivesse um profissional da área, sim. Nós podemos ser participantes do processo, isso sim, mas não totalmente responsáveis.*

PES: O que você acha sobre a escola abordar o tema da morte?

LUÍSA: *Eu acho que a escola deve estar aberta a todas as temáticas, inclusive a morte. A minha escola é aberta e eu procuro sempre acompanhar as palestras. Eu trouxe uma vez um professor para uma palestra, que havia sido demitido de uma escola particular próxima a nossa, por ser HIV positivo. Mas isso é algo arriscado, da mesma forma que a educação sexual. Eu posso criar um problema. Há pais que não aceitam que eu comente sobre isso. Então, você tem que trabalhar com a comunidade também. Primeiro fazer uma "escola de pais" e, depois, poder trabalhar com o aluno. O caminho pode ser através das próprias disciplinas mesmo, até esse tema que você está trazendo. Outros temas legais de serem trabalhados nas disciplinas são temas como a ética, a paz, a vida. Todas as disciplinas devem trabalhar temas assim.*

PES: Retomando as situações de morte que podem estar presentes na escola, eu já falei sobre as mortes concretas. Há também as mortes simbólicas, que são situações que envolvem perdas simbólicas, chamamos de "mortes em vida". A senhora falou sobre o bullying escolar, que envolvem situações de humilhação e exclusão de alunos. E a terceira situação de morte, que pode estar presente na escola, chamamos de "mortes escancaradas". São as mortes que invadem os nossos espaços, os nossos lares e nós temos poucas formas de proteção em relação a isso. Alguns exemplos são situações de violência, tragédias, mortes que podem ser presenciadas ou que são exibidas, notificadas pelos vários meios de comunicação e chegam até nós, nossas crianças e nossos jovens sem que possamos nos proteger dessas notícias. A partir disso, os jovens podem levar essas mortes para discussão na escola com o educador. A senhora entende que essas mortes escancaradas podem fazer parte da escola?

LUÍSA: *Sim, entendo que sim. Quando eu cheguei nessa escola, ela estava reduzida a pegar todos os alunos que as outras escolas não queriam. Esse problema me foi "jogado" e a minha escola tinha que resolver esses problemas. Houve uma fase que eu tive que parar com isso e questionar. Algumas vezes quando nós temos muitos problemas (como alunos armados que faziam parte de gangues), isso passa do limite. Eles estavam colocando medo nos alunos e os alunos tinham medo também de falar sobre isso. Tive aluno que foi morto por "queima de arquivo". Os alunos levam um choque com isso, pois eles pensam que isso acontece com os outros, não com eles. Muitos me disseram que esse aluno que morreu não prestava, não valia nada. Eles nem gostam muito de comentar sobre isso, pois eles têm medo. Os jovens sabem muito mais do que a gente imagina, mas eles têm muito medo de contar pra gente. Ficam com medo do que podem acontecer*

com eles fora da escola, não dentro. Eu fui até ameaçada por alunos adolescentes há alguns anos. Me ligavam em casa de madrugada.

PES: Retomando, a senhora compreendeu, então, todos os temas que podem fazer parte do tema da morte e que podem ser abordados na escola? Estou destacando estes três eixos na minha pesquisa: as mortes concretas, simbólicas e escancaradas e os vários temas que perpassam estes eixos. Falamos sobre o luto de um aluno, sobre o bullying escolar, sobre situações de violência (...)

LUÍSA: *Entendi. Eu acho que a escola pode ser parceira em alguns projetos com o pessoal das faculdades, este pode ser um caminho. Vocês, profissionais da área, viriam como agentes externos, pois vocês até teriam um distanciamento importante do processo. Quem fica muito envolvido, às vezes, pode complicar para abordar os temas e ver com clareza. Deveríamos, então, realizar trabalhos nesse sentido, na parceria com as universidades. A morte para os jovens, está muito mais presente, muito mais real do que no meu tempo. É preciso saber trabalhar com a morte. Eu não sei se eles têm maturidade para se equilibrar diante de um colega que morre, diante de uma brincadeira de mau gosto que põe, às vezes, a personalidade do jovem "em xeque" para o resto da vida, traumas que podem ficar para o resto da vida. Então, eu acho que sim, deveríamos ter um acompanhamento de perto por profissionais da área, eu acho que o psicólogo seria uma coisa muito boa. Os educadores da própria escola fariam uma parceria nesses projetos, pois os professores conhecem o aluno, eles poderiam dar informações importantes para você realizar o trabalho. Todos deveriam trabalhar nesse projeto. Esse projeto deve ser algo mais amplo; não é só vir num momento e acabou, vai embora. Aponta os alunos que estão com problema e vai embora. Eu quero saber sobre os encaminhamentos também. É o que fazíamos com as questões de drogas e a Escola Paulista de Medicina. Fizemos um trabalho durante muitos anos e foi muito interessante. Tivemos recuperações de alunos formidáveis. Uma recuperação praticamente total deste aluno por causa de um professor dessa Universidade que me acolheu, me escutou.*

PES: E como deveria ser o preparo desses educadores para lidar com o tema da morte com os jovens? Quais são as necessidades de conhecimento? Que sentimentos que a senhora acha que são mais freqüentes?

LUÍSA: *Eu não sei, acho que você está melhor preparada do que eu para responder isso (risos).*

PES: Por isso eu acho tão importante saber a opinião dos educadores inseridos nas escolas para que, nós psicólogos, possamos ajudar os educadores a lidar com a temática da morte.

LUÍSA: *Eu acho que esse levantamento deveria ser feito na escola. Ir lá e conversar com o educador, pois, muitas vezes, eu acho que até com o tema das drogas, o educador não se sente preparado. Eles se sentem impotentes para abordar um tema por exemplo como esse. Os professores também têm pouco tempo ou até a disciplina deles não tem aquele foco. E aí os professores não se sentem capazes de abordar o tema sozinho. Esse profissional eu acho que tem que ser da área da Psicologia, é muito importante ter também um preparo teórico. Depois tem que ir lá, em locus, no laboratório, ver a coisa "ao vivo e a cores", acontecendo, de uma forma rápida e que nos surpreende cada vez mais e mais. Teria que ver com os professores quais são as principais angústias e inquietações do professor ao lidar com essas temáticas.*

PES: Quais seriam as angústias da senhora em relação à temática da morte ser abordada na escola?

LUÍSA: *Bom, a gente precisa sempre estar preparado para a morte para poder viver uma vida melhor. Agora, quando a gente passa pelas sombras, pelos caminhos da morte, a gente para para refletir com mais cuidado e saber onde a gente pode melhorar. A gente e com os outros. Um filósofo chinês disse que um líder é alguém que trabalha para alguém. E eu me considero assim, trabalhando sempre para alguém. E eu me propus, na medida em que fiquei doente, de me empenhar cada vez mais. Eu acho que quando um elo de amor arrebenta, o desamor começa a tomar conta das coisas. Eu acho que, às vezes, os professores estão muito preocupados com o conteúdo da sua disciplina, porque também há uma satisfação, um prazer do professor em saber que ele ensinou algo e o aluno aprendeu. O feedback dos alunos para eles é muito importante também. Mas, às vezes, eles (os professores) se esquecem do quanto é importante ensinar os alunos a serem um cidadão melhor e mais feliz. O professor tem que trabalhar em cima disso. Então, eu acho que o trabalho deveria começar com o professor, nas angústias do professor, naquilo que ele se sente incapaz. Esse preparo deve ser com um profissional da área.*

PES: E, pensando nesse trabalho sendo exercido na prática, você percebe instrumentos que poderiam ser abordados com os jovens que lidem com a temática da morte?

LUÍSA: *Eu acho que para a motivação ao tema, vocês poderiam escolher um filme, até para o professor se sensibilizar. A sensibilização ao tema é muito importante para o trabalho se iniciar. Indo à escola, conversando com esses professores, aí você poderia sentir melhor onde que a coisa está pegando em determinada escola. Há professores que têm uma empatia, uma coisa maravilhosa com o aluno, conseguem coisas maravilhosas com esse aluno. Há outros professores que têm a maior dificuldade em lidar com o aluno. Seria interessante talvez entrevistar uma equipe de professores e ver onde está a falha da coisa. Fazemos muito parte do processo e isso pode atrapalhar, a gente não saber como lidar com a coisa. Um profissional de fora pode ajudar nisso. Fazer com que a gente enxergue e escute a coisa de maneira melhor.*

PES: Quando abordar o tema da morte na escola, em que situações? Esse tema deveria ser inserido nas atividades pedagógicas da escola, em algumas disciplinas que abordem esses vários temas, ou ser abordado só em momentos em que ocorrem situações relacionadas ao tema da morte na escola e aí, a partir dessa situação, se iniciar um trabalho?

LUÍSA: *Eu acho que hoje cada dia você tem um bom motivo para se falar sobre a morte em qualquer que seja a disciplina. Como eu disse, para mim a disciplina nunca é um fim, ela tem que ser um meio para se alcançar alguma coisa melhor, é o instrumento de cada um. Eu digo sempre para os professores: "vocês têm sempre que mostrar para o que vieram, mostrar a beleza da sua disciplina". O objetivo da disciplina é para além dela. O pai dos meus filhos diz que a química é a vida. Eu acho que todas as disciplinas são importantes na vida. Mas sempre para alguma coisa maior. O tema da ética, por exemplo, não deveria ser dado só necessariamente na aula de filosofia. Todos os professores poderiam abordar o tema da ética. Surgiu o tema em determinado momento e aí ele aproveita aquele momento para discutir isso com os alunos. Infelizmente, temos, hoje em dia, todos os dias, motivadores para se discutir a morte. Ela está aí, todos os dias na vida do jovem, infelizmente. Às vezes, a comunidade me surpreende sabe? Porque muitos pais, quando são chamados, esse é um grande problema que eu tenho sentido, porque eu acho que os pais devem ser envolvidos nesse trabalho com a morte. E, às vezes, os pais não vêm. Uma das minhas frustrações, que eu acho que eu vou terminar com o meu tempo de serviço, é não ter conseguido fazer uma escola de pais. Eu sempre sonhei com isso e não consegui fazer. Às vezes eu chamo profissionais de elite e, quando eu vejo, o auditório está com poucos pais. E, os pais que vêm, se revoltam com a ausência dos outros pais. Esse envolvimento da família com a escola é fundamental. Às vezes, os familiares estão tão perdidos que eles não querem nem chegar perto da escola. Até para denunciar, expor uma incapacidade, isso é muito difícil. Assim, é muito importante envolver toda a comunidade interna da escola e a comunidade externa também, desde o inspetor de aluno, o servente, todos, cada um tem a sua responsabilidade.*

PES: Qual tema relacionado à morte que a senhora escolheria, de início, para ser abordado?

LUÍSA: *Podemos pensar, você tem sugestões? (risos)*

PES: Então, um dos objetivos da minha tese é fazer esse levantamento de temas com os educadores. Além disso, investigar quais são as principais necessidades de preparo.

LUÍSA: *Eu acho que uma temática desta necessita do envolvimento de todos os profissionais. Assim como foi o projeto pela paz. Todas as disciplinas estavam orientadas em trabalhar com a paz, foi um projeto muito bonito. Eu posso procurar se você quiser dar uma lida. Houve cartazes, eles foram expostos pelos alunos pela escola. Utilizamos o anfiteatro, então os alunos fizeram teatro, teve cinema, eles fizeram música. Acho que uma das músicas foi, se não me engano: "a escola, o nosso sonho". Aí foi discutido por alunos e professores, será que não estamos dentro de um pesadelo? Foram dois dias que a escola foi paralisada. Havia dois alunos, com vozes selecionadíssimas, eles trouxeram os instrumentos, alguns tocaram violão. Eles cantaram sobre a escola dos sonhos. As pessoas se emocionaram tanto que a menina que fazia a voz principal teve até que parar de cantar. As pessoas se emocionaram tanto. A escola é uma coisa muito bonita. E ela tem que ser prazerosa, isso é fundamental. Eu deixo eles fazerem o festival de banda que eles tanto gostam, isso é prazeroso para eles. É um momento deles, para eles, é uma forma de expressão muito importante. Esse festival é famoso. Muitos alunos de outras escolas querem vir para a minha escola para fazer parte do festival. Isso é visto como uma escola boa.*

PES: Já finalizando a entrevista, eu queria saber a opinião da senhora sobre os adolescentes em relação ao tema da morte. A senhora já trouxe um dado importante, sobre o distanciamento da temática, disse que eles nunca acham que pode acontecer com eles, somente com os outros. O que mais a senhora percebe em relação aos jovens e a morte?

LUÍSA: *Eu acho que o adolescente é um otimista. Ele acha que vai mudar o mundo. Ainda bem que ele pensa isso e tomara que ele mude mesmo. Eu adoro trabalhar com adolescentes, é a minha "cachaça". Mas, eu me preocupo muito com a questão das drogas, do aborto, do despreparo com as doenças sexualmente transmissíveis, isso me preocupa*

muito. Porque a gente pensa que os adolescentes sabem, que estão bem informados, ou estão bem preparados para enfrentar as situações, mas eles não estão. Eles não têm nem maturidade para enfrentar todas as situações que envolvem a morte. A questão da morte, embora eu ache que possa passar pela cabeça deles, eles não vêm contar para a gente só quando um colega morre mesmo. Aí fica aquela choradeira na escola. Eles choram, choram, falam, mas passado aquele momento, eles têm esperança. Eles são a esperança. Eles acham que a coisa pode melhorar, embora já estejam em contato com o mercado de trabalho e saibam que a coisa não é tão fácil desse jeito, que isso pode trazer muita decepção, desilusão porque não estão encontrando líderes, porque não estão encontrando o trabalho que gostariam de ter, a impossibilidade de fazer uma faculdade, o sonho de fazer uma faculdade e a impossibilidade de fazer, a impossibilidade econômica de fazer uma faculdade. Isso passa pela cabeça dos jovens sim e a gente poderia estar ajudando também, em levantar essa autoestima, nesse autoconceito melhor. O papel do educador também deveria ser este ao lado da parte da didática; é importante conhecer outros aspectos desse aluno.

PES: Então, para finalizar: quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

LUÍSA: *Poderíamos interferir na autoestima desse jovem, na sensação de segurança deles. Agora para ter esse canal aberto na escola, o professor deveria ter mais tempo para isso tudo para poder escutar mais o aluno. O professor tem que estar bem atento a tudo que os alunos propõem. Às vezes, há propostas espetaculares. No ano passado, na páscoa, uma ONG trabalhou com os adolescentes na escola. Eles fizeram, ao final com os adolescentes, um presépio. Saíram coisas lindas. Os próprios adolescentes colocaram numa cesta, que eles mesmos conseguiram, com alimentos, que eles mesmos conseguiram e foram numa favela próxima distribuir as cestas.*

PES: Os jovens puderam trabalhar de novo com a vida não é?

LUÍSA: *Isso, os jovens trabalharam com a vida. Aquilo foi muito gratificante.*

PES: A senhora percebeu mudanças nos jovens durante essas atividades?

LUÍSA: *Muitas mudanças. Foram trabalhadas questões como a moral, os valores e, durante essas atividades, podemos estar orientando o que, muitas vezes, nas aulas não é possível. O professor, às vezes, também acha que não tem condições para abordar o tema em aula porque a matéria não é dele. A religião é uma disciplina que tem na grade curricular, mas o aluno não é obrigado a fazer. Procuramos fazer mais um ecumenismo, falando mais de coisas morais do que propriamente de princípios religiosos. São valores sem atrelar com a religião. De novo, eu percebo pouca participação dos pais e isso não ocorre só na minha escola. Eles falam que estão trabalhando ou que tem o rodízio de carros ou porque não têm alguém que fique com a criança, é uma pena. O mundo moderno trouxe um monte de coisas boas, mas outras não tão boas como a redução do tempo dos pais para se dedicarem mais aos filhos. Às vezes, quando percebem o problema já está quase irrecuperável. E a escola não pode fazer tudo sozinha. Não tem esse objetivo, ela é uma das instituições mais importantes, mas não tem competência para fazer tudo. Ela é o lugar onde se vota, onde se recadastra, onde se faz a vacinação, é o lugar para tudo e não é bem assim. Podemos colaborar, podemos ser cidadãos, dar nossa cota de colaboração, mas não é possível fazermos tudo perfeitamente. Alguma coisa sempre falha e ficamos com a consciência pesada por não termos conseguido salvar uma vida, muitas vezes.*

PES: A senhora já viveu uma situação com essas características?

LUÍSA: *Infelizmente já. Esse ano um aluno até me procurou no começo do ano, foi preso, é um dos rapazes mais bonitos que eu já vi na minha vida e se envolveu com traficantes (...)*

PES: Era isso que eu queria perguntar para a senhora, muito obrigada pela sua participação.

LUÍSA: *Espero que eu tenha conseguido ajudá-la.*

PES: Com certeza me ajudou muito, obrigada.

ANEXO 4: ENTREVISTA FERNANDA *(escola pública)*

Pesquisadora (PES): Bem, primeiro eu gostaria de agradecer, por a senhora ter cedido seu tempo para participar da minha pesquisa. Eu considero importante, primeiramente, apresentar os objetivos da minha pesquisa que consiste na "reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar". Como eu trabalhei com adolescentes no mestrado, eu quero continuar pensando em trabalhar com essa faixa etária na escola. Busco refletir com os profissionais de educação sobre os vários temas que envolvem a morte e o público adolescente na escola. Para começar, eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: onde já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções que a senhora já desempenhou e falar um pouco também das características dessa escola que trabalha atualmente, do cotidiano de trabalho.

Entrevistado 2 (FERNANDA): *Tá certo. Eu sou formada pela Universidade de São Paulo também em Letras, depois eu fiz o curso de Psicologia também na PUC, fiz Psicopedagogia, História e, atualmente, estou fazendo um curso de Informática Educacional porque dou aulas, além daqui, eu dou aulas na escola da prefeitura como POIE - professora orientadora de informática educativa. Então, eu caminhei por essas várias trilhas, mas essas várias trilhas têm sempre um único foco que é a educação; todas elas voltadas para a educação. Eu trabalho desde que me formei aqui como professora de português e há 17, vai fazer 18 anos, que eu dou aulas também na escola da prefeitura. Já dei aulas em escolas particulares também, já dei aulas na Faculdade Osvaldo Cruz de Literatura Brasileira Comparada, que mais? Acho que é só. Aqui (...), eu também já desempenhei a função de coordenadora do magistério quando havia o magistério.*

PES: É uma trajetória profissional bem rica. A senhora poderia me falar um pouco sobre as características desta escola? O cotidiano de trabalho, como é trabalhar aqui, o dia a dia?

FERNANDA: *É uma escola que eu acho prazerosa para trabalhar mesmo porque, mesmo não gostando, a gente acaba comparando com outras escolas que já trabalhou. Então, esta é uma escola que eu acho prazerosa, os alunos que frequentam essa escola são alunos carentes de uma certa maneira, mas carentes não de recursos, são poucos os alunos carentes de recursos. Eu acho que a carência deles é muito mais de carência emocional: da falta do pai ou da mãe em casa porque saem para trabalhar o dia todo; eles querem uma conversa amiga, um conselho. Às vezes, os alunos me param no corredor para pedir um conselho até amoroso.*

PES: Os alunos são carentes de uma presença física, de alguém significativo presente?

FERNANDA: *São carentes de presença mesmo. São jovens que estão descobrindo o amor, principalmente os jovens do 1º ano, então eles sentem uma carência de conversar com alguém sobre os seus sentimentos.*

PES: E aí eles procuram os educadores. Como a senhora lida com esses eventos?

FERNANDA: *Normalmente eu peço para eles falarem e eu ouço. Eu mais ouço do que dou opiniões. E, às vezes, eu percebo que só ouvindo eles se acalmam, se sentem melhores.*

PES: Os jovens estão precisando, então, de espaços para se expressarem?

FERNANDA: *É mais espaço para se expressar. Nas aulas de português, eu procuro dar este espaço para eles ao escreverem, é uma maneira para eles colocarem para fora os sentimentos. Então, além do conteúdo de português que deve ser dado, eu alio também alguma coisa da vivência deles. Trabalho um pouco com arte com eles, não só a arte da palavra, da literatura, mas a arte da pintura, da música e isto desperta um pouco esta vontade deles de expressarem os sentimentos.*

PES: A senhora, então, procura trabalhar com vários canais de expressão?

FERNANDA: *São vários os canais de expressão. Há outros professores que também fazem o mesmo aqui também. Eu sei disso, pois nós trabalhamos juntos: filosofia, arte, português, História. Nós comentamos: "o que vocês estão fazendo na sua aula?" "Na minha aula podemos trabalhar tal texto ou tal tela".*

PES: A senhora percebe algo de comum na expressão dessas vivências dos jovens? A senhora falou em relacionamentos amorosos. Há vivências que os jovens expressam mais?

FERNANDA: *O medo de perder o namorado ou a "namoradinha". O medo das expectativas diante da vida, eu percebo esse medo deles. No 3º ano, isso é forte. Os alunos falam: "eu vou estudar, vou fazer vestibular e vou trabalhar com o que? Será que tem emprego para aquilo que eu estou procurando?" Às vezes eles também demonstram o medo de ficar longe dos pais mais tempo com o ritmo de vida, com uma mudança na vida. Eles já percebem esse tipo de mudança bem antes. Os jovens ficam mais sensíveis às coisas no 3º ano do Ensino Médio, eu já percebi isso, talvez por essa proximidade: ao mesmo tempo em que eles têm liberdade, eles têm muita responsabilidade.*

PES: E a senhora acha que os educadores podem acolher de alguma forma esses jovens? A senhora disse que costuma escutá-los, a senhora costuma dizer alguma coisa?

FERNANDA: *Eu costumo, às vezes, fazer uma sensibilização, pois como professora, acostumada a dar aulas para esse aluno, acompanhando desde o 1º ano, principalmente os 3os anos, e percebendo as carências afetivas ou mesmo as carências materiais, eu procuro sempre trazer alguma coisa que sensibilize antes: uma letra de música, um filme ou trecho de um filme, uma tela. Comparo, às vezes, uma tela do Renascimento, do Leonardo da Vinci com uma poesia de Camões que é Renascimento também, falando sobre esse homem do Renascimento; esse homem universal do Renascimento. Então, eu trago sempre alguma coisa que sensibilize para a fala, para o diálogo e isso no grupo, na classe. A partir daí, eles me procuram individualmente ou em sala ou fora dela.*

PES: A senhora procura sempre disponibilizar espaços para esses jovens?

FERNANDA: *Tem espaços para isso. E falando em amor eu dei aquela poesia "Mors Amor"*[61] *(Mors em latim é morte). Se não me engano é Antero de Quental que fala sempre sobre esses dois lados: a morte e o amor. Como os jovens lidam com esses sentimentos.*

PES: De separação, de perdas? São tantos sentimentos que afloram (...)

FERNANDA: *De separação, de perdas e de amor ao mesmo tempo. Esse turbilhão de sentimentos. Há renovação do amor ou não para algumas pessoas? Para a mãe, eles acham que não, que o amor é sempre o mesmo. Para a namorada, eles já acham que é possível a renovação de pessoas. Quando há a perda de alguém querido, para eles é como se tivesse ocorrido uma morte mesmo. A separação, para eles, é uma dor insuportável.*

PES: Nós entendemos essa perda como uma morte simbólica: inícios e finais das várias situações de vida de um jovem e os vários sentimentos decorrentes.

---

[61] Mors-Amor

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor:
E o corcel negro diz: "Eu sou a Morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o Amor!"

Antero de Quental

FERNANDA: *Isso e, às vezes, surgem essas situações. Alguns alunos mais desinibidos comentam em sala de aula mesmo. Outros não, aí já me procuram fora da sala de aula, nos intervalos, na saída da escola para perguntar alguma coisa.*

PES: E, na sua opinião, qual seria o papel da educação? Pensando de uma maneira bem geral.

FERNANDA: *De uma maneira bem geral, eu acho que o que vem primeiro é o acolhimento. Acolher esse aluno com felicidade. Mostrar esse lugar que ele veio em busca de conhecimento e que conhecimento traz uma felicidade interior, não só exterior. Que o conhecimento não leva só a uma profissão, a um salário melhor, mas a um conhecimento de si próprio, conhecimento do outro, conhecimento da arte, da cultura humana; de onde viemos e até onde chegamos; quais os conhecimentos que nós perpassamos até chegar aos dias de hoje. E este espaço tem que ser um espaço de acolhimento que leve ao conhecimento.*

PES: O acolhimento então vem como um caminho para o conhecimento?

FERNANDA: *O acolhimento é um caminho.*

PES: E a senhora vê relações desse acolhimento levando ao conhecimento com o tema da morte? Eu explico: na minha opinião faz parte do processo de educação o desenvolvimento pessoal dos alunos; sendo que, como a senhora acabou de dizer, as experiências de perdas, de morte, de sofrimento e outros sentimentos, podem estar presentes no desenvolvimento dos alunos adolescentes. Então, eu queria saber se a senhora vê relações entre o papel da educação e o tema da morte?

FERNANDA: *Sim, na medida em que o aluno perde, não só um ente querido, mas perde a oportunidade de ser acolhido realmente na escola já é uma perda, já é uma morte que está sendo ocorrida logo no início; de algo que ele veio buscar, mas ele encontra um obstáculo, como a pedra de Sísifo*[62]*. Mas ali é uma pedra que parece que se fixa, ela não se move e a montanha, ele vai empurrando para buscar o conhecimento. É como se a pedra ficasse fixa. Então, se você coloca um obstáculo fixo, não há um movimento. Mas, se este obstáculo é móvel (...) porque eu posso colocar um obstáculo para o aluno para ele tentar resolver, aí é bem diferente do obstáculo fixo, este faz com que o aluno (...)*

PES: Paralise?

FERNANDA: *Isso. O aluno paralisa, ele não busca. Pelo contrário, ele não quer mais saber daquele lugar, ele não quer conhecer aquela pessoa, não quer saber do conhecimento que aquela pessoa pode trocar com ele. Agora um obstáculo que eu acho válido, é o obstáculo com movimento.*

PES: Como um desafio?

FERNANDA: *Como um desafio para o aluno buscar o conhecimento como a "pedra filosofal"; ele buscar por si mesmo já é ultrapassar esse limite. Então, aí eu acho válido, aliás muito válido. Agora quando o obstáculo é fixo, nós perdemos, nós educadores perdemos um aluno, alguém que pode ter um grande potencial porque colocamos uma barreira. Esse acolhimento não é só ser "a professora boazinha". Claro que o toque pode haver, o abraço, sem dúvida que pode haver isso, mas eu não estou dizendo somente nesse sentido. É no sentido de olhar o outro e ele poder olhar para si mesmo e para o outro, devolver esse olhar. Então, se desde o início há uma morte da expectativa dele, o conhecimento não acontece. Assim como em cada aula. Se numa aula, o jovem tem uma expectativa com aquele professor e naquela aula essa expectativa não acontece, há uma morte ali, uma "morte simbólica" que você disse? Há uma "morte simbólica" ali. Isso também acontece na relação daquilo que estamos ali ensinando e aprendendo.*

PES: Retomando um pouco os objetivos dessa pesquisa, como a senhora percebe o tema da morte na sociedade atual? Qual é a sua opinião sobre esse tema e os seus sentimentos em relação a ele?

---

[62] Por toda a eternidade Sísifo foi condenado a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força irresistível. Por esse motivo, a tarefa que envolve esforços inúteis passou a ser chamada "Trabalho de Sísifo". Sísifo tornou-se conhecido por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Tratava-se de um castigo para mostrar-lhe que os mortais não têm a liberdade dos deuses. Os mortais têm a liberdade de escolha, devendo, pois, concentrar-se nos afazeres da vida cotidiana, vivendo-a em sua plenitude, tornando-se criativos na repetição e na monotonia.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADsifo

FERNANDA: *Na sociedade, esse tema tem vários caminhos, por exemplo o tema da morte de um ente querido. Na cultura ocidental é uma perda, é algo, às vezes, até traumatizante. O tema da morte banalizado que é tratar o homem como objeto, sem identidade; então matou, matou; morreu, morreu. A vida vista sem importância, a vida passa a não ter importância. Para aquele que sofre é uma violência. Para aquele que pratica também é uma violência. É um tema complicado esse da morte né?*

PES: Complicado em que sentido?

FERNANDA: *Porque se alguém mata fisicamente o outro, algum sentimento ele deve ter: ou de prazer ou de não prazer não é? Aquele que morre, os seus entes têm, normalmente, um sentimento de perda. Mas, aquele que mata parece-me que tem um sentimento de prazer na morte ou de não valorização do ser humano, de banalização mesmo. E até torna-se o herói em algumas comunidades nas quais ele vive. Então é bem complicado isso, a visão da morte para algumas pessoas é bem diferente para outras. Isso numa visão de morte física porque se vamos pensar numa visão de morte simbólica para este que usou uma arma, por exemplo, para matar. Qual o significado da vida dele? É a própria arma mesmo, o outro é visto como um "robocop", junta-se as latas e os parafusos e pronto. Como o herói medieval comparado com hoje. Ele usava aquelas roupas, aquelas armaduras e se resguardava. Hoje é esse herói que monta e se desmonta. Então, é como se isso estivesse no imaginário das pessoas; começa a fazer parte da visão das pessoas.*

PES: A senhora acha que essa visão atinge os adolescentes?

FERNANDA: *Atinge muito o medo da morte. Eu vejo o medo dos alunos saírem mais tarde porque eles querem ir com o colega embora para casa. Alguns pediram para mudar de sala porque queriam ir embora para casa com o colega de sala. Muitos alunos aqui moram em lugares distantes. Eu tenho um aluno que mora perto da favela de Heliópolis, então ele pediu que ficasse numa classe junto com outro colega para eles poderem ir embora para casa juntos. Eles se sentem inseguros mesmo em relação ao medo da morte física.*

PES: E quais são os seus sentimentos em relação ao tema da morte? Como educadora de jovens?

FERNANDA: *Como educadora, eu acho que a gente deveria fazer uma retrospectiva da humanidade e verificar que desde Cristo foi assassinado, morto e crucificado, não é mesmo? Verificar que há uma morte da cultura africana que nós não conhecemos e toda a cultura vem de lá. E vários autores relatam o amor em seus livros: Rapunzel, Romeu e Julieta, Mariana e Simão em "Amor de Perdição"*[63] *etc. Eles trazem essa luta diária contra a morte ou pela morte. Então, a morte é algo tão complexo de se definir, tanto quanto se definir a palavra "amor". A gente tenta definir, tenta buscar e está sempre buscando porque não tem definição; assim como o amor, a morte não tem definição.*

PES: E, na sua opinião, quais são os temas relacionados à morte que estão mais frequentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes? Quando falamos no tema da morte o que remete à senhora quando se pensa na escola e nos alunos adolescentes?

FERNANDA: *Violência física e verbal. Falta de diálogo eu acho uma violência também. Eu acho que é preciso diálogo, conversar. Porque se somos sempre seres em formação, nós sempre estamos buscando o diálogo. Que mais?*

PES: Por que a senhora falou em violência física?

FERNANDA: *A violência física traz resultados psicológicos e físicos. Eu vejo, por exemplo, uma violência psicológica na escola que é o bullying. E, frequentemente, percebemos isso.*

PES: Como isso é percebido na escola?

FERNANDA: *Colocando apelidos jocosos uns nos outros; não aceitando o outro adolescente como ele é. E eu não estou falando em alunos com deficiências físicas, não. É o aluno "gordinho"; é o aluno que tem um jeito de falar diferente; é o*

---

[63] Camilo Castelo Branco conquistou fama com a novela passional Amor de Perdição. Bem ao gosto romântico, a característica principal da novela passional é o seu tom trágico. As personagens estão sempre em luta contra terríveis obstáculos para alcançar a felicidade no amor. Como o drama de Romeu e Julieta, a obra focaliza dois apaixonados que têm como obstáculo para a realização amorosa a rivalidade entre as famílias. A ação se passa em Portugal, no século XIX. *Fonte: http://www.livrosparatodos.net/livros-resumos/amor-de-perdicao.html*

aluno homossexual. Isso provoca nos outros alunos um repúdio, um afastamento. Apesar do que eu vejo aqui na escola um não afastamento dos alunos surdos e cadeirantes; os jovens são mais tolerantes com esses alunos. Em compensação, há essa outra intolerância: a violência moral.

PES: Como a senhora relaciona esse tema do bullying escolar com a morte?

FERNANDA: *O aluno se fecha em si mesmo. Ele não se abre nem para o outro, nem para si e nem para o estudo, para o conhecimento, para conhecer. Ele acaba se fechando.*

PES: Nessa pesquisa, quando falo em tema da morte, estou pensando em várias situações, não só na morte concreta. Na minha opinião, as situações de morte que podem estar presentes na experiência dos adolescentes envolvendo o contexto escolar podem envolver três tipos de situações: a primeira situação são as mortes concretas, ou seja, alunos em situação de perda de pessoas significativas. Assim, os jovens podem estar vivenciando o luto ou terem passado por situações traumáticas. A senhora percebe a presença desse tema dentro da escola?

FERNANDA: *Percebo. Às vezes não é nem a morte de um ente, mas a situação do pai ou da mãe ir embora para o Japão trabalhar. Isso aconteceu recentemente aqui na escola. Para o aluno isso é uma morte, uma grande perda, pois ele sabe que o pai vai ficar longe durante 4 anos. E o jovem está passando pela adolescência, um momento que ele precisa bastante do pai ou da mãe.*

PES: Como essa situação foi percebida no contexto escolar?

FERNANDA: *O aluno traz. Aí é que está quando há a receptividade por parte do professor, o aluno pode trazer esse problema. Ele traz para o professor receptivo, para o coordenador receptivo, para o diretor, para os auxiliares (...)*

PES: Para o profissional que estiver mais disponível?

FERNANDA: *Isso. Aquele profissional que estiver mais disponível, o aluno se abre. O jovem tem esta capacidade de se abrir. Quando ele não se abre, existe um problema maior. Aí eu acho que o jovem pode estar precisando de uma terapia, pois o jovem, normalmente, se abre. Nós já tivemos casos de alunos que não se abriam e eles precisaram de terapia para ajudá-los.*

PES: Como o educador lida com uma situação assim?

FERNANDA: *Alguns educadores, desde o auxiliar de período, o coordenador, o professor, o diretor, os funcionários que estiverem disponíveis, os alunos se abrem para a ajuda. Os pais podem participar dessa conversa, deste diálogo. Há professores, talvez até por motivos semelhantes de perdas, de mortes, que se fecham. Às vezes, nós estamos assim no momento. Acontece, por exemplo, de um professor estar passando por um processo de cirurgia, é um momento que pode haver perdas. Está num momento que está somente se enxergando e aí não enxerga o outro. Pode acontecer isso também. Mas, de uma maneira geral, os professores aqui da escola são bastante receptivos, eu percebo isso. Um ou outro é mais rígido nesse sentido, mas, de uma maneira geral, desde a direção, há um movimento de abertura e diálogo com os alunos.*

PES: Junto com acolhimento?

FERNANDA: *Isso, junto com o acolhimento. O professor acaba entrando nesse caminho.*

PES: Então, retomando as situações de morte que podem estar presentes no contexto escolar, a senhora falou um pouco sobre situações de separação dos pais. E a morte concreta? A senhora já vivenciou essa situação envolvendo adolescentes aqui na escola? Adolescentes passando pelo processo de luto?

FERNANDA: *Já, já sim. Tem adolescentes que já vivenciaram o luto dos próprios colegas que morreram. Colegas que faleceram. Jovens que faleceram. Já houve perdas do próprio coleguinha de classe. Duas irmãs inclusive num acidente com o pai. Já aconteceu isso sim.*

PES: Quais são as principais necessidades dos educadores ao terem que lidar com situações assim?

FERNANDA: *Eu acho que quando tem que lidar com uma situação desta natureza, tem que deixar o conteúdo programático de lado e lidar com a situação ali, de imediato. Como eu disse de início, através de uma sensibilização, de uma conversa, de um diálogo, de uma música, de uma poesia, de uma tela. E dependendo da classe, que fale sobre o tema da morte ou que não, que seja ao contrário, falar sobre a vida.*

PES: Uma outra situação de morte que pode estar presente na escola, que eu já falei um pouco para a senhora, são as mortes simbólicas. Estas são situações que envolvem perdas simbólicas que também podem constituir situações traumáticas, assim como as mortes concretas. As mortes simbólicas são situações presentes no desenvolvimento humano entendidas como inícios e finais de situações de vida e os sentimentos que são provocados, pelo que está sendo deixado (o já conhecido) e diante do novo e desconhecido. A senhora citou a mudança de pais de alunos que vão morar no Japão; esta é uma situação nova que se apresenta na vida do adolescente e os sentimentos de perda, de ausência com a mudança dos pais para outro país. A senhora também apontou a situação do bullying escolar; de alunos que são afastados do grupo, de exclusão, de humilhação. Estas também são situações que podem ser vividas pelo jovem como mortes simbólicas (...)

FERNANDA: *O assédio moral está muito presente na escola. O assédio moral fica velado. O aluno provoca no outro jovem uma reação e sai, como se não fosse com ele, como se ele não tivesse provocado. Então, este assédio moral também acontece em sala de aula; o jovem provoca esta situação e depois se exclui dela. O assédio moral também numa situação de constrangimento com o outro.*

PES: Quais seriam os caminhos para a escola e os educadores lidarem com o bullying escolar?

FERNANDA: *Nossa, isso é muito difícil, como é difícil. E eu realmente sempre leio reportagens sobre. Podemos trabalhar com a autoestima do jovem. Conversar com eles todos. Mostrar que o colega não está se sentindo bem com aquela situação, que pra ele está muito difícil lidar com aquilo em sala de aula.*

PES: O que está "por trás" do bullying escolar?

FERNANDA: *Aqui na escola eu já percebi situações de violência dos pais, violência física. Tinha uma aluna que vinha no calor com blusa de frio. Ela vinha toda machucada, tem isso também.*

PES: Então há fatores vividos fora do ambiente escolar, situações difíceis no meio familiar que são trazidos para a escola e manifestados em forma de violência?

FERNANDA: *O professor precisa ser muito perspicaz para perceber isso. Precisa ter muita atenção para perceber isso. Diante de 40 alunos, às vezes, uma situação assim não é percebida. Então, observar cada um é muito difícil. Se você fizer um trabalho em grupos menores, dá para você observar melhor. Aquele que é líder, aquele que fica mais quietinho e que, de repente, é aquele que escreve melhor. Às vezes, a gente se surpreende com os alunos quietos; num seminário, é aquele que se sai melhor oralmente.*

PES: São aqueles alunos que têm muito a dizer né? E estão conseguindo se expressar (...)

FERNANDA: *Os próprios alunos se surpreendem. Por isso que é muito bom diversificar as atividades em sala de aula, o máximo possível.*

PES: A senhora está trazendo a importância de diversificar os canais de comunicação e expressão dos jovens dentro da escola.

FERNANDA: *Até recitar poesias é muito rico. Ou ler, ou escrever cartas e depois ler (...) não é legal obrigar o aluno a fazer algo que ele não queira, nós damos a oportunidade. Fazer atividades lúdicas aparentemente despretenciosas. Por exemplo "escrever sobre o que estou sentindo" e aí o aluno vai escrevendo sem se preocupar com vírgulas, pontos. Às vezes para o aluno isso é até muito difícil, pois eles já estão levando uma vida tão massacrada, tão cheia de vírgulas, pontos, pontos de interrogação, de exclamação que eles não conseguem escrever só de forma solta. Então, eu acho que é importante diversificar as atividades em sala de aula, você descobre o caminho. Às vezes o próprio aluno que te dá este caminho.*

PES: Os jovens têm muito a dizer né?

FERNANDA: *Muito, muito. Às vezes você trabalha com um texto em sala de aula e o aluno pergunta: "professor, posso trazer uma música amanhã para tocar que fala sobre esse tema?" Então, a idéia quem traz é o aluno. Esta é uma forma de acolhimento, deixar que o aluno seja sujeito da situação, da ação educacional. Não só o professor como sujeito e o aluno como objeto da ação educacional. O aluno é sujeito do seu processo educacional, ele tem que participar, ele tem que ser ouvido. Às vezes, eu peço orientação para os próprios alunos de como eles acham que deve ser feita determinada atividade ou trabalho. Eles trazem idéias muito boas.*

PES: No meu trabalho de mestrado eu abordei bastante esta questão de construir junto com os jovens as atividades e não impor como algo pronto e correto.

FERNANDA: *Isso mesmo. Agora mesmo eu dei um livro para eles lerem que chama: "O Noviço" do Martins Pena que é uma peça teatral pós-moderna. É um livro bem curtinho e ele foi doado à escola pela Editora Paulus. Antes, eu comentei com os alunos sobre o livro, sobre o autor. Provoquei uma sensibilização para a leitura. Então, eu percebi que quando eles pegaram o livro, eles estavam afoitos para começarem a ler na própria aula. Esse também é um exemplo de acolhimento.*

PES: A senhora convidou os alunos ao conhecimento.

FERNANDA: *Outros livros que eles vão ler são: "He" e o "She", sobre a personalidade masculina e a feminina. São livros que lidam também com mitologia, psicologia. É importante para eles entenderem Guimarães Rosa, por exemplo. Seria um conhecimento mais aprofundado sobre eles mesmos para depois dar um encaminhamento para o vestibular.*

PES: Este "contato com eles mesmos" pode despertar o interesse por outras leituras e também para outros interesses a serem desenvolvidos.

FERNANDA: *Isso. Poder encontrar o prazer da leitura, dos estudos. Outras vezes, eu peço para os alunos trazerem para a classe os livros que estão lendo em casa, que estão gostando, se interessando. Fazer um comentário rápido. Então, esse livro pode chamar a atenção dos outros alunos da classe. São maneiras que o educador pode ajudar os alunos a se encontrarem, encontrar o outro.*

PES: Tudo isso envolve o papel da educação?

FERNANDA: *Sim, isso envolve o papel da educação.*

PES: A terceira situação de morte que pode estar presente na escola, que a senhora também já falou um pouco, sobre a banalização da morte, o sentimento de insegurança dos jovens ao deixarem a escola e irem para casa. Chamamos esta representação de "mortes escancaradas". Estas são mortes que invadem os nossos espaços e nós temos poucas formas de proteção em relação a elas. São, por exemplo, situações de violência, situações de tragédias pelo mundo, situações de muito sofrimento que podem ser presenciadas por nós no dia a dia, nas grandes cidades, assim como através dos meios de comunicação. São mortes que são exibidas pelos meios de comunicação e invadem as nossas casas sem que possamos nos proteger delas. São mortes presenciadas por crianças, jovens e adultos através dos meios de comunicação: televisão, jornais, internet; eles têm contato com estas mortes. Então, eu queria saber se a senhora percebe as mortes escancaradas serem trazidas para dentro da escola?

FERNANDA: *Sim, sem dúvida. Recentemente a morte de jovens e crianças ocorridas na mídia. Você chega em sala de aula e os alunos estão comentando. Agora uma coisa que nós até comentamos em sala de aula, foi no dia que ocorreu a morte do menino lá no Rio de Janeiro, o João Hélio*[64]*. Nós começamos a comentar a respeito numa das salas e aí nós partimos para outras coisas, para outras mortes. Desde os escravos no Brasil, a morte das mulheres que eram consideradas bruxas, a morte de um homem que não tem um salário digno ou que não tem salário, não tem trabalho. Nós percebemos uma crítica à mídia dos jovens. Neste mesmo dia que um canal de televisão apresentou a morte do menino, e os outros meninos que mataram a criança, porque são meninos também, aquela tragédia toda, e de repente aparece,*

[64] O menino João Hélio Fernandes Vieites, de apenas 6 anos, morreu após ser arrastado por mais de sete quilômetros, preso ao cinto de segurança do carro onde estava, no bairro Oswaldo Cruz, Zona Norte do Rio, em fevereiro de 2007. O crime ocorreu durante um assalto. A mãe, uma amiga e a irmã de 13 anos de João conseguiram escapar, mas o garoto ficou preso ao cinto quando os assaltantes arrancaram com o carro.
Fonte: http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/06/08/296073544.asp

termina essa notícia e entra o Big Brother Brasil. Todos os participantes numa festa dançando. Então, é como se aquilo estivesse amenizando uma tragédia. Então, nós partimos para essa discussão.

PES: E aí, como são elaboradas estas mortes pelos jovens? Estas tragédias que são presenciadas através dos meios de comunicação? O que fazemos com essas imagens que recebemos?

FERNANDA: *Como são elaboradas estas mortes? Exatamente. Eu procurei dar um espaço para discussão deste assunto em sala de aula. Dialogamos sobre o assunto. Inclusive foi um aluno que comentou o que a televisão mostrou logo após as imagens da tragédia ocorrida no Rio de Janeiro. Eles falaram: "ah, professora, logo depois já entrou o Big Brother, eles dançando numa festa". Aí eu falei: "vamos tentar analisar isso. Existe uma morte nisso? Existe uma morte cultural. Existe uma morte concreta, física, que foi a morte do menino João Hélio e existe uma morte da sociedade, que não dá importância para isso, a morte cultural. A mídia age assim".*

PES: Esta morte cultural pode ser pensada como uma forma de não valorização da vida?

FERNANDA: *Uma não valorização da vida, isso mesmo.*

PES: Na sua opinião, como os jovens buscam a elaboração dessas mortes escancaradas?

FERNANDA: *Uma forma é esta mesma, trazer para a discussão em sala de aula. Discutir também em casa com seus familiares, seus pais ou responsáveis. Discutir entre eles mesmos, com os amigos. Tentar verificar o porquê, possíveis motivos. Em que situações estão estes jovens que agiram daquela forma? Matando uma criança? Eles estavam na escola? Onde está o poder público? Eles estavam estudando? Estavam como os nossos alunos numa sala de aula em busca de conhecimento, tendo diálogo com seus professores, com pessoas além dos seus familiares? Em busca de diferentes visões? Tem uma expressão em espanhol que fala de "nosotros", nós e os outros juntos na mesma palavra. Será que existe essa visão de nós juntos com os outros?*

PES: E essa é uma pergunta muito importante para o meu trabalho: a senhora acha que a escola deveria abordar o tema da morte?

FERNANDA: *Sim, faz parte da vida, e abordar todas essas mortes que você citou: as mortes concretas, simbólicas e as mortes escancaradas. Eu acrescentaria a morte cultural também. Sem dúvida, a morte deve ser discutida na escola. Ela faz parte do conhecimento do jovem, é "mors amor" mesmo. Um do lado do outro.*

PES: A senhora também já falou um pouco sobre essa pergunta, só se tiver algo a acrescentar: a senhora já vivenciou alguma experiência relacionada ao tema da morte e os adolescentes no contexto escolar? Como a senhora lidou, quais foram seus principais sentimentos e necessidades?

FERNANDA: *Já lidamos sim, com a morte de alguns alunos. De início houve um diálogo com os outros alunos, depois nós fomos para a sala de aula e lemos um texto. Os professores preparam um texto que falava sobre a morte.*

PES: Como era esse texto? Era da literatura ou foi algo escrito pelos próprios professores?

FERNANDA: *Não, é da literatura. Um trecho deles é da morte da Mariana escrito em "Amor de Perdição", no final do livro. Nós levamos esse trecho e levamos também uma música do Chico Buarque, aquela toda rimada com proparoxítonas: "Construção"*[65]*. Discutimos também o tema da morte pelo lado religioso, o "religar-se", discutimos um*

---

[65] **"Construção" – composição Chico Buarque**

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado

pouco de filosofia. Cada professor discute o tema com a classe. Mas, de início, logo no primeiro dia, é mais um acolhimento aos alunos, uma conversa. Os alunos querem conversar, querem falar como era a aluna que morreu em sala de aula, falar como ela era em casa. Então, a gente deixa eles falarem. E eles vão falando (...) os professores deixam eles falarem. E, depois, fazemos outras atividades com o tempo. Nós já fizemos isso umas duas ou três vezes.

PES: A senhora percebe quais são os principais sentimentos e necessidades dos educadores diante dessas situações? Achei bem legal que o tema é trabalhado aqui na escola e com certeza sentimentos e necessidades são suscitados.

Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

Fonte: http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45124/

FERNANDA: *Se o educador tiver firmeza em lidar com a situação e com o tema, eu acho mais fácil o diálogo. Agora, se ele não tiver firmeza, é melhor nem tocar no assunto. Eu acho que é assim que deve ser. Se o educador achar que não está seguro, se ele passou há pouco tempo por uma perda, é melhor que nem toque no assunto.*

PES: A senhora está falando sobre as limitações dos educadores diante do tema da morte?

FERNANDA: *Sim, o educador também tem suas limitações ao lidar com esse tema, é claro.*

PES: Se a senhora tiver algo a mais para acrescentar, eu queria saber: na escola em que a senhora está inserida, há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou com os adolescentes?

FERNANDA: *Sim, há espaços sim.*

PES: Há disponibilidade da escola e dos educadores para se prepararem para a abordagem do tema da morte com seus alunos adolescentes?

FERNANDA: *Olha, que eu me lembre (...) engraçado que a gente não se prepara para isso né? Isso só aconteceu, do professor se preparar para lidar com o assunto, com o tema da morte, quando aconteceu.*

PES: Como aconteceu essa preparação?

FERNANDA: *Nós fizemos uma reunião, conversamos sobre o assunto, como deveríamos agir em sala de aula, como nós iríamos entrar naquela sala de aula cuja menina ou menino havia falecido. Então, o preparo foi anterior, sabe? Foi tudo muito abrupto, de imediato. O ideal seria ter uma conversa antes sobre o assunto, antes do ocorrido. O ideal seria abordar o tema antes; há muitos textos sobre isso. Isso com relação à morte física, concreta. Agora, com relação à violência, aliada à morte física, aí há um preparo sim. Nós, em HTPC*[66]*, nas nossas reuniões, nós trabalhamos com o protagonismo juvenil. O aluno ser protagonista do seu próprio conhecimento, do seu ser, das suas buscas. Tornar o aluno sujeito.*

PES: Tornar o jovem protagonista da sua própria vida?

FERNANDA: *Da sua própria vida. Nós tivemos cursos com os coordenadores a respeito desse tema. À medida que você trabalha com o protagonismo, nós estamos trabalhando com vários dos temas que você citou. Vários temas que a sociedade lida e um deles é a morte que está aí constante na vida do jovem, permanente. É importante o jovem poder protagonizar, ele dizer o que está sentindo, ele tomar a frente. Então, faleceu o amigo dele de classe e ele poder dizer: "quero ir à missa", "quero ir ao culto", "então professora, hoje nós vamos nos reunir e vamos (...)" Eles têm essa liberdade também com a direção, com os professores. É ser protagonista, protagonizar a sua ação.*

PES: Os jovens são sujeitos de suas próprias ações; são responsáveis por elas, assim como pelas consequências de suas ações.

FERNANDA: *Exatamente. Ou somente o fato de querer discutir aquele assunto naquele momento. Ele não quer fazer uma análise literária nesse momento, ele simplesmente quer fazer uma análise do ser humano, dos sentimentos.*

PES: Aqui na escola os jovens são incentivados a falar e a se expressarem é isso?

FERNANDA: *Sim, isso é muito valorizado, a voz dos jovens.*

PES: Hoje em dia, na nossa sociedade, sempre ouvimos que a maioria das pessoas não se sente preparada para falar sobre o tema da morte. Mas, na sua opinião, quais profissionais da escola que deveriam realizar essas atividades? Quem estaria "mais preparado"?

FERNANDA: *Eu acho que qualquer profissional que estude, que lide, que leia sobre o assunto; que seja sensível ao tema; que tenha um conhecimento. Porque pode ser, por exemplo, um advogado que tenha que lidar com uma família, um inventário, um momento dificílimo, que deve ser feito em um mês. Então, o advogado nesse momento tem que ser um*

[66] Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

pouco psicólogo pra lidar com a família. Na escola eu acho que todo educador que estiver disponível, que tenha essa sensibilidade. Não só esse tema como outros também.

PES: E o que seria importante para melhorar esse preparo dos educadores? Quais são as maiores necessidades de conhecimento?

FERNANDA: *Eu acho que o psicólogo é o profissional mais preparado para isso.*

PES: O psicólogo inserido na escola, o psicólogo escolar, ou um profissional de fora da escola?

FERNANDA: *Eu preferia o psicólogo já inserido na escola porque o aluno já teria alguém com uma proximidade.*

PES: Há psicólogos aqui?

FERNANDA: *Há o professor de psicologia. Então, normalmente, os alunos buscam também esse professor. O profissional de hoje não pode ficar focado somente no seu trabalho, no seu conteúdo pedagógico. Então, o professor de português só vai trabalhar conteúdo de português. Não, eu acho que tem que haver um conhecimento de arte, de estética, de História, de psicologia, de sociologia, de filosofia, pra que tenhamos um conhecimento mais abrangente, mais amplo. Principalmente quanto se trata de morte, ela é tão ampla! Ela abrange tantas áreas!*

PES: São tantas perguntas e tão poucas respostas (...)

FERNANDA: *São tantas perguntas! Inclusive a matemática. Há poesias essencialmente matemáticas. Então, se eu não tiver um conhecimento o pouquinho que seja da matemática, não vai acontecer o conhecimento real, mais profundo.*

PES: E quais são os sentimentos mais presentes do educador ao falar sobre o tema da morte?

FERNANDA: *Acho que o sentimento que mais surge é o medo. Porque surge o medo da violência; medo de morrer violentamente.*

PES: E ao discutir o tema em sala de aula com os jovens?

FERNANDA: *Ao discutir o tema em sala de aula vem o medo da violência, ao discutir o tema da morte. Eu presenciei isso na poesia "Mors amor" que eu te falei, do Antero de Quental. Eu comecei a abordar a poesia e a morte surgiu como um tema forte e, com ele, o sentimento de medo. Medo em relação à morte. E o medo também em discutir esse tema.*

PES: E a senhora acha que as experiências pessoais poderiam ajudar os educadores a discutir o tema da morte com os jovens?

FERNANDA: *Sim, à medida que o educador, se ele teve experiências de morte física, simbólica ou a morte escancarada, eu acho que para ele será mais fácil lidar com o assunto.*

PES: Na educação para a morte trabalhamos com a sensibilização, que a senhora já falou, aliada ao conhecimento teórico e às experiências pessoais e profissionais. Então, se outras situações já ocorreram na escola, elas podem ajudar o educador a lidar com novas que apareçam?

FERNANDA: *Exatamente. Uma educação que vai desde as atitudes; partindo das atitudes, dos procedimentos, não é isso? Os procedimentos longitudinais ficam nessa trilha que se procura. A escola tem um projeto político-pedagógico com uma trilha e o que se busca com essa trilha? Conhecimento para a felicidade? Conhecimento para passar no vestibular? Para a vida? Como é percorrido esse caminho? E esse caminho pode permear o tema da morte.*

PES: Sim, com certeza. A entrevista já está acabando, tá? Um tema que pensamos bastante a respeito são os instrumentos que seriam facilitadores para a discussão sobre o tema da morte. Materiais e procedimentos que poderiam ser utilizados no contexto escolar. A senhora já citou o uso de poemas (...)

FERNANDA: *Trechos de filmes. Então, por exemplo, numa aula de biologia: a morte de um feto. Que mais? Trechos de propagandas, de músicas, de notícias quaisquer, podem ser escritas, faladas, televisionadas. Acho que todo material que estiver disponível, que suscitar o interesse. Pode ser um fato acontecido no dia anterior, como a morte do João Hélio no*

Rio de Janeiro ou da moça que levou um tiro na Avenida Ibirapuera, próximo aqui de nós. Então, os fatos são muito importantes para a discussão.

PES: E os sentimentos mobilizados nos jovens?

FERNANDA: *Sim, é muito importante que os jovens falem sobre os seus sentimentos.*

PES: E quando abordar o tema da morte na escola? Em que situações? A senhora acha que o tema poderia ser inserido nas atividades pedagógicas, como a senhora citou na aula de biologia, psicologia ou português por exemplo. Ou em momentos que ocorrem situações relacionadas ao tema da morte? Ou nas duas situações?

FERNANDA: *Eu acho que em qualquer momento. E nas duas. No momento que fizer sentido para o educador.*

PES: E, uma vez que os educadores se sintam "preparados", como realizar esse trabalho com os jovens?

FERNANDA: Ouvir os jovens. Muitas vezes eu acho que é só ouvi-los. Muitas vezes, os jovens não querem opinião, eles querem que alguém os ouça. E, se quiserem, um diálogo. Eles vão buscar isso.

PES: Qual a sua opinião sobre os adolescentes em relação ao tema da morte?

FERNANDA: *Então, alguns quando você toca nesse assunto, eles têm medo. Outros não, levam na brincadeira, porque o tema parece distante deles. Quando só se trata do tema, não do fato, nem da realidade deles. Se trabalhamos com um fato do dia anterior, aí já é diferente. Mas, se lidarmos com qualquer tema que não esteja muito presente, é distante para eles.*

PES: No meu trabalho de mestrado eu realizei grupos com os jovens e eu percebi que, para muitos, a morte não é percebida como uma possibilidade pessoal. A morte só pode acontecer com o outro. Mas, essa perspectiva muda bastante, quando a morte ocorre com um amigo ou um familiar próximo do jovem. A morte passa a fazer parte da realidade dos jovens. Há muito sentimento de imortalidade, de onipotência (...)

FERNANDA: *A morte fica muito distante, parece estar muito distante para os jovens. Eles acham que não vão morrer (...)*

PES: E quando ocorre uma situação próxima deles? A senhora citou o evento do falecimento de uma colega de classe.

FERNANDA: *Aí vem um medo muito forte. Eu notei quando da morte das duas meninas, era um 3º ano, quase no final do ano, era uma classe que passou a ter uma "outra cara", mudou totalmente, essa classe se transformou totalmente. Os alunos se tornaram mais quietos, mais pensativos, mais sensíveis. No final do ano estes alunos choraram muito quando terminaram o curso. Foi uma classe que eu presenciei bem o que aconteceu. Isso já faz um tempo. Há pouco tempo morreu um garoto também. Foi início de ano e o rapaz tinha feito matrícula naquele ano na escola, mas ele já tinha feito amigos na escola. Houve também uma mudança na classe, mas não tão intensa quanto no 3º ano. Agora você me perguntando, eu percebo que houve uma diferença das mortes que aconteceram no 3º ano em relação à morte que aconteceu no 1º ano. No 3º ano os alunos já estão sentindo a perda dos amigos, eles vão embora da escola, cada um vai para um lugar, o medo de uma nova etapa de vida. No 1º ano eles estão chegando, começando. Então houve uma diferença grande do ocorrido nas duas classes.*

PES: Isso que a senhora falou é muito interessante porque houve a morte concreta no mesmo momento que os adolescentes estavam vivendo suas mortes simbólicas. As duas mortes ocorrendo juntas. Por isso talvez que os sentimentos foram mais intensos e manifestados também de forma mais intensa.

FERNANDA: *Com certeza tem relação sim. A classe do 3º ano sentiu mais intensamente que a do 1º ano.*

PES: Uma última pergunta: quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas? O que poderia ocorrer de mais significativo na vida desses jovens alunos havendo mais espaço para isso nas escolas?

FERNANDA: *Os adolescentes valorizariam mais o espaço escolar, valorizariam mais o educador. E o educador não é só o professor, é o diretor e todos os outros funcionários da escola. Haveria, eu acho, que mais respeito com os outros*

colegas, por que? O jovem teria um espaço para falar de si mesmo. E quem sabe falar sobre a morte e sobre a vida? Então, este espaço é muito bem vindo. É um espaço de abertura para os jovens, para eles falarem sobre si mesmos.

PES: Interessante os jovens valorizarem mais o espaço escolar e perceberem que eles fazem parte da construção desse espaço.

FERNANDA: *Sem dúvida. Os jovens poderem perceber que esse espaço aqui, junto com as pessoas que o compõe, que esse espaço está preocupado com eles. A escola é dos jovens também. A escola não é um espaço que eles vêm aqui, vão embora e não deixam nada. O aluno vai deixar sim aqui na escola uma parte da História dele. Tanto que fica na secretaria a ficha dele, com a História e o nome dele, não só uma ficha física. Porque a mãe escolheu aquele nome? Qual a História desse nome? Então, nós queremos que os alunos deixem uma parte deles na escola, sua marca aqui na escola. E esse espaço aberto, receptivo, de acolhimento, passa a fazer parte do aluno, da História de vida desse aluno.*

PES: No meu mestrado, eu ouvi de um educador que esse espaço pode até refletir num melhor rendimento escolar.

FERNANDA: *Sem dúvida, porque se o aluno sente esse acolhimento, percebe que a escola é um espaço dele e que ele pode usufruir desse espaço realmente com liberdade, ele passa a ter maior responsabilidade por esse espaço; passa a valorizar mais esse espaço; a preservá-lo e o rendimento escolar, é claro que melhora. E não é só o espaço, é o tempo dele aqui dentro também com as pessoas envolvidas.*

PES: É o que a senhora falou do jovem poder perpetuar a História dele aqui na escola: o espaço e o tempo juntos.

FERNANDA: *É o jovem poder voltar na escola daqui a 4 anos e poder ver as pessoas, os funcionários, poder falar com eles. É a identidade da escola e o aluno faz parte dessa identidade.*

PES: Muito obrigada, a senhora contribuiu muito para o meu trabalho, vou poder pensar em várias questões citadas. Agradeço a sua disponibilidade.

FERNANDA: *É mesmo? Que bom que eu pude te ajudar. Pode voltar se precisar. Você vai voltar na escola?*

PES: Na minha pesquisa de doutorado eu quero entrevistar vários educadores, sentir as opiniões, sentimentos e necessidades, para refletir sobre a construção de trabalhos com os jovens nos quais os educadores possam fazer parte. Eu quero ouvir dos educadores: necessidades e experiências, o que está faltando, se há disponibilidade do educador, se há espaço para isso na escola. Quero entrevistar educadores de várias escolas; quero saber o que está mais presente na vida dos alunos adolescentes quando se fala em morte na escola.

FERNANDA: *Muito bom. Tem que ser assim mesmo, é muito importante ouvir também a experiência dos educadores.*

ANEXO 5: ENTREVISTA ANDRÉA *(escola pública)*

Pesquisadora (PES): Primeiro eu gostaria de agradecer a sua disponibilidade em aceitar o convite para participar dessa pesquisa.

Entrevistado 3 (ANDRÉA): *É muito bom conhecer novos trabalhos.*

PES: Gostaria de apresentar os objetivos da minha pesquisa de doutorado. Meu objetivo principal consiste na "reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar". De início, eu gostaria que você me falasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: onde já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções que já desempenhou. Gostaria também de saber sobre as características da escola que você está inserida, sobre o cotidiano de trabalho.

ANDRÉA: *Eu fiquei muito tempo só com o magistério. Na minha época não existia o Ensino Médio, aí eu fui fazer o magistério e eu comecei a dar aulas, como a gente chamava, de professora primária. Foram 8 anos de sala de aula e aí eu fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em 1993. Aí eu trabalhei 9 anos na Secretaria Municipal de Educação fazendo formação de professores, de educadores em geral na verdade, pois não eram somente professores, entrava diretor, supervisor, coordenador; fazíamos orientação pedagógica do município de São*

Paulo. Fiquei 9 anos lá, trabalhando com os professores do município de São Paulo, com formação. E esse trabalho, abriu o campo também para trabalhar com empresas, então eu passei a trabalhar, também de forma particular na assessoria pedagógica de professores aí do Brasil inteiro. Eu viajo o Brasil inteiro fazendo a formação de professores. Acabei de chegar do Tocantins, depois vou para o nordeste, a gente viaja mesmo, interior, capitais, tudo.

PES: Formação de professores que trabalham com alunos de que idade?

ANDRÉA: *Todas as faixas etárias. Às vezes, creches. Sou convidada, às vezes, pela Secretaria de Educação para falar com o pessoal de creche. Então, eu trabalho de creche ao Ensino Médio e não só com professores. Nas creches, às vezes, não são professores, são educadores de todos os níveis, mas não são professores. Atualmente meu trabalho é esse, eu continuo em sala de aula, mas é meu último ano agora na prefeitura, o vínculo de 30 anos com a prefeitura municipal está terminando agora como professora, então eu ainda estou na sala de aula. Mas, agora, eu escolhi educação de adultos. Vai fazer 6 anos que eu estou trabalhando com educação de jovens e adultos à noite. E, durante o dia, com formação de professores. A minha formação depois do magistério, eu já tinha 45 anos, eu fui fazer Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo e me formei pedagoga. Eu não tinha condições, pelo trabalho profissional, de me dedicar à pesquisa, eu não tinha como fazer mestrado, doutorado, que é uma coisa muito exclusiva, que demanda muito tempo e por conta do caráter desse trabalho, eu fico muito fora de São Paulo. Então, eu fiz vários cursos de extensão universitária, era o que dava para fazer enquanto eu estava por aqui. Fiz estes cursos de 180 horas, com monografia, você só não faz a pesquisa e defende a tese. Neste setor de especialização eu fiz Psicanálise e Educação lá na USP, fiz Antropologia do Imaginário, como este tema reflete na cultura, é essa a temática. Fiz também por conta da natureza do meu trabalho, formação de professores, um curso no IEA (Instituto de Estudos Avançados da USP), um curso de leitura na era da informação porque hoje tudo é leitura e como continuar formando leitores numa era em que a tecnologia está tão presente? Como a tecnologia avançada atrai para um outro tipo de leitura diferente da escola. Então, fiz essas especializações e participo até hoje de congressos e seminários, mas não tenho nenhuma titulação em pesquisa.*

PES: Me conta um pouco do trabalho na escola em que você está inserida.

ANDRÉA: *É uma escola municipal. Aí que eu atuo à noite com alfabetização de jovens e adultos. É uma escola pequena, tem poucas salas de aula, quer dizer, são 7 salas de aula em cada turno, são 4 turnos. Na configuração física é uma escola pequena, mas tem muito movimento por conta do número de turnos. É uma escola central, fica na porta do metrô, então a demanda lá é muito grande e é tida como uma escola de qualidade comparativamente. A gente sabe que o ensino público está muito precário, mas esta escola é considerada de um nível razoável, bom.*

PES: E, na sua opinião, qual é o papel da educação?

ANDRÉA: *Eu acho que nem deveria haver dúvidas quanto a isso. O papel da escola é ensinar o conteúdo historicamente acumulado pela humanidade. Esta é a finalidade da escola, construir conhecimentos novos a partir do conhecimento acumulado pela humanidade. Então, fazer uma seleção desses conteúdos para cada modalidade de ensino e ensinar. Mas, isso está completamente desvirtuado. A escola ficou com a educação familiar quase que só para ela e a educação informal é hoje tarefa da escola também, mas isso está desvirtuando a competência principal da escola que deveria ser ensinar. Claro que também ensinar valores, sem dúvida nenhuma, mas dentro do trabalho com os conteúdos.*

PES: O que você está chamando de educação informal?

ANDRÉA: *A educação que não tem a ver com conteúdos específicos. A educação de dizer o que é civilidade, por exemplo. Isso também faz parte, mas isso é trabalhado dentro da matemática, da História, da Geografia. Mas não como uma coisa particular, isso deveria ser competência da família. A escola está perdida, é tudo por conta dela: assistência social, distribuição de material. Mas, eu não tenho a menor dúvida que a função da escola é ensinar a ler, a escrever, ensinar ciência, ensinar contar, operar com a matemática. Não sobra mais tempo para fazer isso, por isso que o nível é tão ruim. Transmitir conhecimentos historicamente acumulados ninguém mais pode fazer, só a escola. O resto, assistência social pode fazer, a secretaria da cultura pode fazer, pode trabalhar valores. Mas não, ninguém faz nada. Essa competência extra, de complementar a formação de um indivíduo deveria ser de todo mundo, de todos os níveis culturais. Mas não, fica somente específico como tarefa escolar. E aí não tem como; não tem nem competência, nem tempo hábil para explicar o que só a escola ensina e dividir com o resto da sociedade as outras tarefas que são extracurriculares, vamos dizer assim. Não estou eximindo a escola de ter também essa responsabilidade, mas dividida, compartilhada com as outras instituições. Mas é só a escola que faz. Então, ela tomou para si porque é mais urgente essa formação de valores e o conteúdo foi barateado e esse ninguém substitui. Então os alunos saem sem saber ler e escrever, contar, operar com a matemática, não entendem nada do espírito de pesquisa, das ciências, é isso.*

PES: Vou fazer uma pergunta que, ao longo da entrevista, você vai poder me entender melhor: você vê relações desse papel da escola, da educação com o tema da morte? Eu penso que faz parte do processo de educação o desenvolvimento pessoal dos alunos. Entendo a sobrecarga da escola, isso é importante de ser pensado, mas as experiências de perdas, de mortes, de sofrimento e outros sentimentos, podem estar presentes no desenvolvimento dos alunos adolescentes. Esses alunos passam por essas experiências, seja dentro ou fora da escola e podem trazê-las para dentro do contexto escolar. Os jovens têm trazido esses temas para a escola, para os educadores. Então, eu queria saber se você relações entre esses temas com o papel da educação escolar?

ANDRÉA: *Completamente. Uma coisa, acho que desde Descartes, ficou essa coisa dos opostos, entendeu? Então, ou é isso ou é aquilo. Eu não estou dizendo que não seja possível a escola contemplar dentro dos conteúdos específicos todas as temáticas pertinentes, afins. Só que ninguém ensinou o professor a fazer isso. Ele não sabe isso. É o que chamamos de trabalhar interdisciplinarmente, transdisciplinarmente, que é ter essa visão mais holística de mundo. Então como o professor não sabe fazer isso, já fez até uma tentativa mais formal, mais orientada até que foram os tais dos temas transversais. Foram trazidos pelos PCN*[67] *e tal. Mas o professor não sabe como fazer isso. O que ele faz? Ele abre o caderninho para estudar a morte. Ele tenta, mas ele não sabe fazer isso nessa metodologia da transversalidade. Então, ele acaba não achando tempo para fazer. Ou ele faz mal feito ou ele não faz, ou ele troca uma pela outra. Ele abandona o conteúdo e monta aqueles projetos lindos e maravilhosos que você trabalha todos esses outros temas e o pai vai buscar o conteúdo e não tem. Aí eles querem que volte ao ensino tradicional que ensinava somar, dividir, multiplicar e a gramática. Então a grande falha está na formação inicial do professor, ele não sabe fazer, então faz tudo errado, ele precisa aprender a fazer isso. Vou dar um exemplo concreto: eu acho que pra mim, uma situação de morte pode ser muito bem estudada quando você discute o corpo humano. Então, o que a escola faz? Antigamente a escola estudava os ditos aparelhos: aparelho respiratório, circulatório (...) A própria nomenclatura mudou. Hoje se estuda sistemas já dentro de uma visão sistêmica de mundo. Então não adianta falar para o aluno, quando estiver estudando o sistema reprodutor, onde fica o pênis, a vagina, mas ninguém tem coragem de tocar no assunto do que se faz com aquilo. O tema da sexualidade é por conta de não sei quem porque na família isso, muitas vezes, não é tratado também. Isso pra mim é um caso de morte. Quando um professor é muito avançado, e a televisão complementando essa educação escolar, ele ensina como se usa a camisinha, mas ninguém discute. Cadê o espaço? O garoto diz: "eu usei camisinha, mas a minha namorada engravidou". Então, esse fórum para trazer as dúvidas reais de cada caso não existe. Eu acho que não existe na mídia porque a mídia trata a coisa de maneira superficial, faz uma propaganda, mostra a camisinha, mas não toca nos particulares. Então, vamos estudar: por que se engravida apesar do uso da camisinha? Então, a escola não sabe incluir nos conteúdos escolares, por exemplo sobre o corpo humano no sistema reprodutor, a questão do uso da camisinha, a questão dos métodos anticoncepcionais. Então, esse estudo ninguém faz. É isso que você está falando, trazer esses temas por exemplo como contrair uma doença grave, pode ser um caso de morte. A mesma coisa ao estudar o sistema digestivo e onde está o estudo do papel da alimentação? O vínculo com o que se ingere. Não adianta você ficar sabendo onde fica cada órgão se você não traz para a discussão como a saúde interfere, como a qualidade do hábito alimentar interfere na saúde desse sistema. A mesma coisa com o sistema respiratório e ninguém falar sobre a poluição. Então, eu acho sim importante, mas tem que "enxugar" o currículo pra caber toda essa discussão. Tem que transformar o horário escolar porque uma aula de 45 minutos, o aluno começa a discutir um assunto e aí há uma "quebra", eu volto amanhã. Então, a transformação do currículo escolar para contemplar a inclusão dessa visão holística, sistêmica do conhecimento, teria que ter uma reforma. A escola até tem autonomia para fazer isso, mas não faz. Ela continua com todo o esquema anterior querendo contemplar as novas necessidades da sociedade. Então, eu não sou contra. Sou contra o detrimento da transmissão dos conhecimentos historicamente adquiridos, pois aí o papel da escola passa a ser outro. Não sou a favor de uma coisa ou outra. Sou a favor das duas coisas, mas com uma total reformulação dos conteúdos escolares ou o incentivo à escola reformular seu currículo. Do jeito que está, está um caos completo. Não faz nem uma coisa e nem outra direito.*

PES: E como você percebe o tema da morte na sociedade atual? Qual a sua opinião sobre o tema e seus sentimentos em relação a ele?

---

[67] Os PCN foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender. Propôs-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento da capacidade de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.
Fonte: http://portal.mec.gov.br/

ANDRÉA: *Eu tenho acompanhado depoimentos, pesquisas, todas estas informações veiculadas pela mídia em todos os níveis: entrevistas, documentários (...) O que a gente pode constatar, até por experiência pessoal, é que um dos temas mais presentes. Você dorme com medo e acorda com medo. Até por conta das informações a respeito de todas as doenças que ameaçam, que matam milhares de pessoas hoje. A globalização é uma realidade. Então, a gripe aviária está lá na Ásia e amanhã pode estar aqui. E nem temos um nível de informação que te dê segurança. Então, eu acho que essa consciência de que o risco está presente a todo momento, desde que você acorda até o momento que você dorme, por exemplo com a violência em geral que nos ameaça a todo momento. Então, a morte é um dos temas mais presentes na minha opinião. Essa ameaça pode estar relacionada ao número crescente de pessoas depressivas, ansiosas, devem ter estudos sobre isso. É um tema que toma muito a mente e o espírito das pessoas. E o medo.*

PES: E você acha que as pessoas falam sobre a morte e esse medo relacionado a ela?

ANDRÉA: *Falam a todo momento e em todos os lugares. As pessoas falam mais sobre a violência, ao nível de violência, principalmente aqui no Brasil. Falam sobre o PCC*[68] *que ligou para casa, do falso sequestro, medo de ir ao banco e tirar dinheiro. Então, a todo momento, as pessoas falam sobre essa ameaça da morte tanto no campo da violência, como no campo da saúde, sobre doenças agudas, crônicas e graves.*

PES: Voltando para a escola, eu queria saber, na sua opinião, quais os temas mais frequentes relacionados à morte que estão presentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes? O que os adolescentes levam para a discussão na escola?

ANDRÉA: *A gente tem dois tipos de adolescente na escola pública. A gente tem o adolescente que vive intensamente a adolescência: o inconsequente, o alienado. Então, esse aluno não tem consciência da morte, nem o risco para a saúde por conta do uso de drogas e nem por conta da sexualidade. São muitas garotas que se tornam mães muito cedo. Então essa preocupação não aparece de forma muito forte. É meio como se a morte não fosse acontecer nunca. E para esses adolescentes, eu acho que o único medo da morte é de acidentes, é de assalto, esse tipo de violência mais direta, assalto, tiroteio, muitos moram em favelas. Mas o medo da morte vinculada com a questão de saúde, de cuidados, é mais difícil. Temos adolescentes que se drogam até com álcool mesmo. Então, não há o medo da morte, nem o controle sobre isso. Temos um outro tipo de adolescente que é o trabalhador. Esse é mais maduro, já tem medo, já tem consciência. Então, ele sabe que ele fica doente e aí tem medo de não dar conta de alimentar os filhos, de perder um filho por essas doenças que ameaçam o aumento da mortalidade infantil. Eles revelam o medo dos filhos ficarem doentes e irem para um hospital ruim, não ter remédio, nem médico. Esses jovens têm consciência da ameaça da morte, o que isso representa e da dor porque têm irmãos, cônjuges, pais. Muitos adolescentes já vivem dramas sérios como pais doentes e poucas condições para dar bons cuidados.*

PES: E os jovens levam esses temas para a escola?

ANDRÉA: *Sim, bastante. No EJA (que chamamos de jovens e adultos) a gente ouve muito mais. Estes adolescentes, que vivem a adolescência mesmo de forma inconsequente, estão falando "abobrinha". Eu percebo que os adolescentes trabalhadores dão mais valor para as discussões, eles têm uma maturidade em relação a essa temática.*

PES: Na minha pesquisa, quando falo em tema da morte, eu penso em várias situações que podem estar presentes na escola e na experiência dos adolescentes, não só necessariamente a morte concreta. Há a morte concreta que seriam alunos em situação de perda de pessoas significativas. Então, os alunos podem estar passando pelo processo de luto ou situações traumáticas. A senhora já vivenciou essa situação de morte concreta sendo trazida para o contexto escolar?

ANDRÉA: *Eu tenho um aluno adolescente que está numa situação em que a mãe foi atropelada e está internada. Ele fala sobre a saudade que sente dela. Tenho outros alunos cujo pai ou a mãe estão doentes. Eles comentam. Mas a gente não tem muito tempo para ouvi-los, esse é o problema. O professor não tem tido muito tempo para ouvir cada caso. A gente ouve rapidamente o jovem dizendo: "ontem eu faltei porque meu pai foi internado ou minha mãe. Precisei ficar com ela porque ela está muito doente". A gente procura ouvir como dá porque numa escola de nível central como estou, isso é muito difícil.*

---

[68] O **Primeiro Comando da Capital** (**PCC**) é uma organização de criminosos existente no Brasil, criada para supostamente defender os direitos de cidadãos encarcerados no país. Surgiu no início da década de 1990 no Centro de Reabilitação Penitenciária de Taubaté, local que acolhia prisioneiros transferidos por serem considerados de alta periculosidade pelas autoridades.

PES: Outro tipo de situação são as chamadas mortes simbólicas: situações que envolvem perdas simbólicas e estão presentes no desenvolvimento dos adolescentes. São inícios e finais de situações de vida e os sentimentos decorrentes pelo que está sendo deixado e diante do novo e desconhecido. Você citou, por exemplo, a situação de adoecimento de um jovem e as perdas que podem fazer parte desse processo. Você percebe situações que envolvem mortes simbólicas dentro da escola?

ANDRÉA: *Eu percebo, tem muito. Os alunos, nesse nível que eu trabalho, às vezes vêm para a escola, de uma maneira vulgar falando, eles vêm "fedidos". Eles têm muita preocupação com isso, eles vêm direto do trabalho e a residência deles é muito longe. Não dá tempo de passar em casa para tomar banho. O aluno faz o que ele puder de higiene no trabalho para chegar limpo na escola porque tem mesmo essa questão de ridicularizar, muitos acabam até abandonando a escola por conta disso. Eles dão outra desculpa. O adolescente não quer ser o "fedido" da classe. Há o alcoolismo também e a exclusão por conta disso. O aluno não quer fazer trabalho com aquele que está cheirando a álcool. Eu já perdi vários alunos alcóolatras por conta disso. Ele não consegue parar de beber e quando vem bêbado para a escola, o outro aluno fala mesmo. Isso é uma questão de preservação da própria qualidade dentro da sala de aula. Muitos alunos adoecem com essa dupla jornada de trabalhar e estudar. Pra eles isso é muito desgastante, eles ficam até 11 horas da noite na escola e no outro dia, eles têm que levantar 4 ou 5 horas da manhã. Eles têm problemas sérios de saúde e têm que abandonar a escola, é uma perda muito grande. A perda do estudo e da esperança de conseguir alguma conquista a partir da escolaridade. Há alunos que abandonaram 5 ou 6 vezes e voltam. Todo ano eles se inscrevem e não conseguem terminar. Isso "mata" as esperanças. Tive um aluno adolescente que teve câncer e, na primeira semana de tratamento que ele se sentiu melhor, ele voltou para a escola, todo feliz. Mas, na semana seguinte a quimioterapia já foi muito violenta e ele veio a falecer. Tivemos alunos atropelados, pois eles saem muito tarde e muito cansados da escola. Então, eles veem o ônibus do outro lado da rua e saem feito "loucos". Tivemos adolescentes atropelados por conta disso.*

PES: Quais foram as reações em sala de aula após o falecimento desse jovem com câncer?

ANDRÉA: *Foi uma perda, uma dor muito grande para todo mundo. Uma pessoa muito jovem, comentou-se muito. Depois isso vai se diluindo, é uma situação que provoca muito medo.*

PES: Como você se sentiu com essa situação? E como lidou com ela?

ANDRÉA: *Eu acho que é aterrorizador. É uma ameaça real. A morte está muito próxima. Até os jovens podem morrer. Você ouvir na mídia é uma coisa, mas seu colega de classe desaparecer no dia seguinte é outra bem diferente. Nessa escola é muito comum 4, 5 jovens morrerem por ano, isso é comum. Teve uma coisa que aconteceu na escola que eu fiquei muito chocada. Uma aluna, da minha classe, veio dizer pra mim: "professora, eu acho um absurdo, porque morreu aqui, no período da manhã um aluno de meningite e eu vim comunicar à escola porque a escola não ficou sabendo. A família deve estar tão perdida que não comunicou à escola o falecimento e a escola não tomou nenhuma providência. Não sabíamos nem que a doença do aluno era tão grave, sabíamos que ele estava internado, mas não ficamos sabendo da morte. Essa aluna estava indignada: "como a escola não participou deste processo? Não tomou nenhuma providência? Além disso, a escola não tinha se preocupado se os outros alunos estavam correndo riscos, se era perigoso ou não. Fiquei chocada com isso. Um aluno da escola que morreu e não houve nenhum vínculo da escola com essa morte, com a situação da família.*

PES: Neste caso, o que a escola poderia ter feito na sua opinião?

ANDRÉA: *No sentido de orientação sobre a doença nada. Os pais nem procuram isso na escola, procuram na comunidade mesmo. Mas, uma vez que morreu, alguém da escola ter ido ao enterro do rapaz, mas a família também nem comunicou. Então, quando houve essa comunicação da morte por parte da minha aluna, a escola poderia ter tido uma atitude mais interessada, isso eu acho. Inclusive esclarecer. Falar para todos os professores explicarem para os alunos o que é a meningite, que casos essa doença leva ao óbito. Essa orientação e esclarecimento não foram feitos.*

PES: Uma terceira situação de morte que, na minha opinião, pode estar presente no contexto escolar são as chamadas "mortes escancaradas": são mortes que invadem os nossos espaços, atualmente, sem que tenhamos formas de proteção contra elas. São situações de morte, violência ou tragédias que presenciamos no nosso cotidiano através dos vários meios de comunicação ou no nosso cotidiano. Essas mortes invadem nossas casas e nossas vidas sem que possamos nos proteger delas. E, assim, as mortes escancaradas também são presenciadas pelos alunos adolescentes. Você percebe se estas situações são trazidas para a escola pelos jovens?

ANDRÉA: *Percebo. Infelizmente, o veículo de informação a que eles têm acesso é de baixíssimo nível, é aquele que chamamos de "apelativo". Então, os jovens chegam assim: meio chocados com o tipo de notícia que eles ouviram. Os jovens comentam isso em sala de aula sim, sobre as notícias que presenciaram. Nós é que "cortamos" um pouco porque só temos 45 minutos para dar uma aula, não dá para discutir, não planejamos isso para aquele dia. Então a gente não leva muito à frente essa discussão não. Mas, eles comentam muito sobre as notícias presenciadas na mídia, sobre estas mortes escancaradas, e o assunto naquele dia passa a ser este: o jovem que foi morto, eles trazem muitos detalhes.*

PES: Quais seriam as necessidades desses jovens ao comentarem essas notícias?

ANDRÉA: *Eu acho que é quase uma necessidade "catártica". Eu acho que essas notícias criam uma instabilidade emocional grande e comentar faz parte dessa expressão de sentimentos. Isso precisa ser trabalhado de algum jeito, mas, na prática, não é muito não.*

PES: E você acha que a escola deveria abordar o tema da morte? A partir dessas três situações que eu estou destacando?

ANDRÉA: *Com certeza. Principalmente relacionada diretamente aos conteúdos escolares, pedagógicos. Essas novas pedagogias, como a gente chama, a visão sistêmica, o trabalho com temas transversais, que é muito discutido na academia, na UNICAMP, na USP, nos congressos (...) isso, às vezes, é até criticado. Nessa semana, na revista Veja, o Ruy Castro criticou esses modismos dizendo que há um distanciamento do professor. Eu acho ingenuidade achar que essas novas práticas são distanciadas da sala de aula. Pode ser feito um mau uso dessas práticas, da produção teórica. Então, você publica sua tese e o professor não consegue enxergar as relações com a sala de aula. Eu consigo enxergar muitas relações. Muitos professores podem não ver essa relação direta. A formação dos professores, atualmente, não explicitam essas relações. Ele fica pensando as relações disso com o currículo escolar. Ele até percebe a necessidade, mas não consegue fazer essa relação. Os formadores deixam por conta do professor e ele não consegue fazer as relações. Os professores têm um preconceito muito grande com os novos temas trazidos, eles perguntam: "isso vai melhorar em que a minha aula?" Há uma desistência total, de rejeição do novo. Não fica explícita a relação com a prática. Então, por exemplo, você chega lá, dá uma palestra sobre o tema e convence o professor da importância de levar essa temática para a sala de aula. Mas, você não ajudou ninguém com essa competência, nem ajudou a reformular o currículo para isso. Tem professores trabalhando conteúdos absolutamente obsoletos ou que poderiam ser trabalhados num outro nível. E ele não consegue abandonar porque ninguém o convence de que ensinar aquilo, daquele jeito, tem muito menos função social atualmente do que enxugar o conteúdo e incluir essas temáticas. Então, o professor não consegue incluir e continua ensinando um monte de coisas inúteis que vão ser esquecidas no momento seguinte. O aluno nem sabe o que fazer com aquele conteúdo, não vai usar para nada na vida dele. Então, a escola precisa ser ajudada a reelaborar esse currículo; como eu deixo isso para incluir aquilo, ou eu transfiro? Já foram transferidos muitos conteúdos de História, Geografia para o Ensino Médio. Muitos professores não têm conhecimentos, nem capacidade para absorverem essas transformações e continuam ensinando conteúdos velhos. O professor, muitas vezes, ensina o que ele aprendeu e do jeito que ele aprendeu, desvinculado do momento atual, das necessidades atuais. E aí, esses novos conteúdos muito mais importantes, continuam de fora. Precisa haver um desenvolvimento da ponte entre a teoria e a prática. No meu trabalho na Secretaria da Educação eu busco fazer isso. Ajudo a reformular o planejamento dentro da escola, dentro da sala de aula. Houve uma pequena transformação temporária.*

PES: Retomando outras experiências: você já vivenciou alguma experiência relacionada ao tema da morte e os adolescentes no contexto escolar? Como você lidou? Quais foram seus principais sentimentos e necessidades?

ANDRÉA: *Eu me senti impotente, arrasada e até um pouco deprimida, se é que pode dizer assim. Fiquei desestimulada, desiludida com a vida num monte de questões. Primeiro ao saber que um aluno, doente grave, não ia voltar para a escola. E ainda estava com um tratamento muito precário. Fiquei me sentindo sem ter o que fazer, tendo que me conformar, sem saber como ajudar esse aluno. A própria perda do aluno é um choque. O mais chocante ainda foi a pressão da direção que recebi dizendo que eu estava dando um atendimento individualizado para os meus alunos. Eu estava tentando cuidar dos meus alunos, por exemplo abonando faltas daqueles que tinham faltado por conta de problemas de saúde ou que estavam muito cansados. Parecia que eu estava incentivando as faltas e não tentando cuidar dos meus alunos. Eu, que estou em contato com esses dramas pessoais dos alunos, sei que não é uma comodidade. Eu já ouvi coisas do tipo: "você tem que ameaçar o aluno dizendo que ele vai perder a vaga se faltar". Alguns alunos faltaram porque perderam alguém importante da sua família; eles estão em luto, estão sofrendo muito, eu sei disso. Não faltaram por comodidade. E, se eu tento recuperar o conteúdo, isso é tido como algo inadequado porque o outro aluno vai querer atendimento individualizado também. Então, eu vejo que está completamente distorcido o sentido e a função da escola de disponibilizar mesmo a atenção e o conhecimento para quem precisa mais.*

PES: E, nesse momento, quais foram as suas necessidades?

ANDRÉA: *Eu acho que eu até fui às vias de fato. Eu convoquei uma reunião com a direção, com os outros colegas. Embora eu tenha um poder de convencimento muito grande, os meus argumentos não atendiam às necessidades práticas da escola que era de garantir a permanência de um número alto de alunos. A questão sempre é econômica. Os alunos foram vistos como números, embora os colegas entendessem a minha lógica, não achavam possível concordar dentro da realidade da educação que o nosso país vive. Tem que ter muitos alunos dentro de uma classe mesmo. E essa coisa perversa de tudo ser número, índices, percentual, pesquisa. Isso que mais me chocou. Embora ninguém negasse meus argumentos em relação ao direito do aluno de ter a escola à disposição, as pessoas achavam essa minha postura utópica.*

PES: Então na escola que você está inserida não há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou com os adolescentes? Você acredita que poderia haver disponibilidade da escola e dos educadores para se preparar para a abordagem do tema da morte com seus alunos?

ANDRÉA: *Não há espaços atualmente. Eu acho que poderia haver espaços a partir da reformulação do currículo. Há uma total incompetência, nem é falta de autonomia, é incompetência mesmo para gerenciar essa necessidade de reforma do currículo para contemplar as necessidades dos alunos, ver o que realmente é essencial. Falta muita orientação na formação do professor para isso. Haveria espaço sim. No ano passado a prefeitura do município e a secretaria reorganizaram o horário escolar e colocaram pré-aula e pós-aula. E aí havia todo o tipo de oficina. Havia danças, atividades recreativas, culturais (...) houve uma programação para isso. A morte poderia ser inserida nas atividades culturais da escola, mas ninguém nunca trouxe isso. Sempre promovemos eventos, feiras culturais. Num tema como esse é importante também convidar os pais, a comunidade. Então, é falta de objetividade mesmo, de dar importância para isso. Há festas do sorvete, isso é importante também, mas há temas mais importantes para serem preparados. Há uma falta de valorização e objetividade da escola.*

PES: Mas, na sua opinião, haveria uma disponibilidade dos educadores para se prepararem para a abordagem do tema da morte com os adolescentes?

ANDRÉA: *Depende. A disponibilidade vai depender do estímulo, se promovessem cursos pontuados, se dissessem aos educadores: "vocês vão participar de um curso de formação sobre esse tema e vai valer tantos pontos para a sua carreira". Mas aí teriam que cobrar o resultado também. Teria que haver uma valorização, um incentivo. Não existe uma grande mobilização não.*

PES: Ocorrendo essa mobilização, quais profissionais estariam "mais preparados" para abordar o tema da morte na escola?

ANDRÉA: *Eu acho que é sempre o professor. Alguns professores dentro do corpo docente. E, em algumas escolas, os coordenadores pedagógicos. Mas são poucos os professores; é uma minoria; são aqueles que estão em formação permanente que se interessam.*

PES: E como que você acha que deveria ocorrer o preparo desses profissionais? Quais seriam as necessidades dos educadores? Essa é uma pergunta importante na minha pesquisa.

ANDRÉA: *Eu acho que cursos em parceria com as universidades e com as secretarias de educação. Alguns cursos deveriam ser oferecidos dentro do horário de trabalho. As escolas têm horários coletivos, pelo menos na prefeitura, no estado isso também tem. Aqueles horários, muitas vezes, desperdiçados dentro da escola, com discussões vazias etc. Algumas palestras são úteis, mas, com certeza, é necessário um curso continuado com um determinado número de horas, estruturado com os temas, as horas e o tempo. Acho fundamental um curso mais longo e, se possível, trabalhar com uma turma pequena. Essa turma também precisa ter uma continuidade para a discussão e a formação. Uma formação continuada; com uma turma que permanecesse de começo ao fim. Como uma classe de estudos, com vínculo e comprometimento para se criar uma competência mesmo final.*

PES: Quais instrumentos seriam facilitadores para a discussão? Quais materiais poderiam ser utilizados para abordar o tema da morte? O que daria resultados dentro da escola; chamaria a atenção dos educadores e dos adolescentes?

ANDRÉA: *Olha, isso é muito difícil. Pra mim é terrível reconhecer isso, mas livro ninguém lê. Eu mesma já comprei quando era da secretaria da educação o que havia de melhor, de mais atual e está tudo lá "encostado". É uma minoria dos educadores que pegam para ler. Então, o professor não gosta de ler; não lê mesmo. É raríssimo o professor que lê. O*

professor, o coordenador e o diretor também; é raríssimo quem lê; não estou falando mal só de professor. Educador não gosta de ler, em todos os lugares que eu já passei, na minha experiência, eu percebo isso. Vídeos, nós também temos muitos, e eles também ficam lá "encostados". O vídeo deveria ser voltado para o trabalho do professor, voltado para o trabalho que ele desenvolveria com os alunos; tem que fazer sentido para o professor, para o projeto que ele vai desenvolver. Mandar um vídeo sozinho para a escola, ele fica lá parado do mesmo jeito que ficou o livro. Eu acho que pelo "vício" do professor de trabalhar só com o livro didático, então deveria ser uma apostila mesmo. Eu fico constrangida de falar isso, é ridículo. E junto com o texto teórico tem que haver um texto de instrução de como trabalhar isso com o aluno: "pergunte isso, discuta aquilo", bem esquemático mesmo. Você não sabe o quanto me custa falar isso da minha profissão, mas é assim que acontece. Infelizmente é assim que acontece na experiência que eu tenho.

PES: Você está falando, então, que deve ser um material bem prático, direto e dinâmico? Nada que tome muito o tempo do educador?

ANDRÉA: *Este projeto e esta apostila devem estar bem especificados, por exemplo: "é um projeto que vai ser desenvolvido por um semestre, dentro da aula do professor de educação física ou artes ou do corpo docente mesmo. Então, essa aula vai ficar para o professor de português, esta para o professor de ciências (...)" Tudo tem que estar muito especificado e detalhado porque se depender da escola levar o projeto em frente, ele morre. É tudo um caos. A escola não consegue se organizar pra viabilizar esse tipo de ação.*

PES: Você já me falou um pouco sobre isso, só para sintetizar: quando abordar o tema da morte na escola, em que situações? Esse tema deveria ser inserido nas atividades pedagógicas, nos conteúdos curriculares ou/ e em momentos que ocorressem situações relacionadas ao tema da morte na escola? Como por exemplo a ocorrência da morte de um aluno, como você citou.

ANDRÉA: *A minha idéia é de que as coisas não devem se excluir. Eu acho que o material didático sendo recomendado como usá-lo, como eu te disse, ele devia trazer explícito que contempla esse tema da morte, da violência dentro do conteúdo escolar. Muitos autores de livros já trazem esses temas, já é uma preocupação maior hoje em dia. Os autores discutem sobre meio ambiente, sexualidade, saúde, violência (...) Até temos materiais que contemplam isso. Hoje, os materiais didáticos trazem projetos. Você compra, por exemplo, um livro de português e ele tem um projeto de leitura que é quase um presente para a escola. Há projetos inter ou extracurriculares tratando de uma temática específica relacionada ao conteúdo pedagógico, indicações de leituras, produção de textos etc. Já é uma grande contribuição. Eu acho que vocês pesquisadores poderiam analisar esses materiais didáticos. Fica uma sugestão para o seu pós-doutorado. Hoje em dia, sem dúvida nenhuma, é o material didático que mais influencia a prática do professor em sala de aula. Então, seria muito importante uma pesquisa sobre o quanto os materiais didáticos contemplam a discussão e o estudo dessas temáticas em sala de aula, como por exemplo a temática da morte. É esse material que vai influenciar a entrada dessa temática no cotidiano escolar. É o veículo mais eficiente, de todos aqueles que eu estou te falando, é o material didático. Por isso eu acho que na sua pesquisa cabe uma "olhadela" no material didático do professor, nas várias disciplinas e como o tema da morte se insere nele. Esta discussão, desses temas que você está trazendo, pode ser contemplada através do próprio material didático mesmo. É o material mais eficiente para se trabalhar com o educador. Buscar quais são os livros mais adotados na adolescência; qual material está circulando nas escolas. A discussão dessas temáticas que você apontou podem ser contempladas no próprio material didático do professor, você pode pesquisar sobre isso também. Na internet se encontra qual foi o livro de português, de ciências mais adotado nas escolas. Você pode pegar esses livros e ver o quanto ele contempla essas temáticas que você está estudando. É bom ver também aquela parte final destinada ao professor, o quanto o autor no final do livro explicita a preocupação com aquela temática. Quais são os projetos que estão acompanhado esse material didático.*

PES: Você me deu uma idéia bem interessante: como os vários temas relacionados à morte podem fazer parte dos conteúdos contemplados nos materiais didáticos adotados pelo professor. Ou como iniciar uma discussão a partir desses conteúdos mesmo. E, uma vez que os educadores se sintam "preparados", como realizar esse trabalho com os adolescentes?

ANDRÉA: *O melhor lugar para este trabalho ser realizado é a sala de aula, sem dúvida nenhuma. Os jovens gostam; acham que essas discussões não são lições, eles estão cansados de lições. Aproveitar para inserir essas discussões nas atividades extracurriculares. Porque se faz muitas visitas a museus, por exemplo, isso é importante, mas também é importante incluir essa discussão em mini-cursos, palestras, nas mostras culturais: oficinas sobre essa temática, passar um filme, eles gostam muito de cinema. Poderia se pensar qual filme poderia estar relacionado com as mortes concretas, simbólicas ou a escancarada que você trouxe. Eu mesma passei "Cidade de Deus" e discuti bastante com todas as*

turmas. Eu estava na sala de leitura. Discutimos sobre a violência de pertencer diretamente ao crime, de estar envolvido e sobre o consumo de drogas. Mas essas atividades não são tão freqüentes na escola, deveriam ocorrer mais.

PES: E qual é a sua opinião sobre a adolescência e o tema da morte? Você dividiu os jovens em dois grupos, os que percebem a morte como possibilidade pessoal e aqueles que não percebem? Você percebe isso mesmo?

ANDRÉA: *A gente constata mais do que percebe. Pelo número de garotas grávidas, de garotos que se drogam. Vemos que esse jovem não tem a menor noção dos riscos que ele corre. O jovem não vê esses riscos, não está preocupado, está completamente alienado. Isso é chocante e a gente vê demais, demais mesmo. Isso não é privilégio da escola pública, infelizmente. Nas escolas particulares há muitas meninas que tomam pílula do dia seguinte. Percebo na escola pública o medo das garotas em estarem grávidas. Então, se ela estava com medo, é porque não tinha evitado uma gravidez. Não há preocupação com coisas sérias, nem corriqueiras. A minha escola fica na porta do metrô e a calçada da escola é muito estreita. Na hora da saída vemos muitos alunos de bicicleta fazendo aquelas manobras no meio dos ônibus. Não vão embora direto para casa. No ano passado uma aluna foi atropelada por causa disso. Quando os alunos estão em bando, é isso mesmo que acontece.*

PES: E quais seriam possíveis mudanças de os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas? Como esses espaços poderiam influenciar, transformar a experiência desses jovens?

ANDRÉA: *Como a gente não tem, tudo que eu disser é hipotético. Essa pergunta pra mim é muito difícil. Eu acho que a mídia e o tipo de lazer que os jovens têm já estão tão ligados à questão da morte. Como fazer essa diferença para o jovem? Há tantos filmes que incentivam a imortalidade do jovem; ele não morre no filme. A morte aparece como algo muito fictício, a morte não aparece como uma verdade para o jovem; fica distanciada dele. Vou tentar explicar melhor: todo o contato que os jovens têm com a questão das perdas, da morte, da violência na mídia, é tão fictício, que isso pode estar contribuindo para a alienação dos jovens.*

PES: E aí como a escola poderia trazer para o jovem que a morte é uma realidade pessoal?

ANDRÉA: *Então, deveria se fazer um contraponto dessa alienação e dessa ficção. A televisão, a mídia tem muita força na vida do jovem e aí a realidade não aparece com a força que deveria ter, entendeu? Os jovens assistem muitos filmes violentos e programas de TV com a morte sendo vista de forma sensacionalista. São informações puras.*

PES: Os jovens não estão fazendo a elaboração do que assistem a partir dos meios de comunicação, não é isso que você está me dizendo?

ANDRÉA: *Recebem informações puras e informação não é conhecimento. São informações distorcidas, apelativas, fictícias, muitas vezes. A escola poderia fazer uma crítica a isso. Estou falando de forma hipotética; isso poderia ser tentado. Mas reafirmo, a maneira mais eficiente de influenciar os jovens é através do conhecimento. Os jovens estudam o conhecimento escolar e dentro desse conhecimento chegar à História deles, fazer uma articulação completa disso. Buscar projetos em outras escolas que tenham feito isso, de forma séria, continuada, dentro de um modelo considerado bem elaborado. Na escola pública isso é uma suposição. Eu imagino que para uma minoria dos jovens, isso possa resultar numa reflexão importante. Eu trabalho há 30 anos em escola e nunca vi um projeto desse. Há muita influência do mito e da ficção na mentalidade desses jovens. O educador, ao trabalhar com livros, por exemplo, não pode adiantar a sua opinião para os jovens, ele deve deixar o jovem falar e não já adiantar as suas conclusões prontas e vistas como certas. O educador deve fazer a pergunta certa e não já adiantar as suas respostas ou dar conselhos prontos.*

PES: Era isso que eu queria te perguntar. Muito obrigada, Andréa, pela sua participação.

ANEXO 6: ENTREVISTA CAMILA *(escola pública)*

Pesquisadora (PES): Gostaria de começar agradecendo a sua disponibilidade em participar da minha pesquisa. É uma pesquisa de doutorado, realizada pelo Instituto de Psicologia da USP, e faz parte dos objetivos a reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar. Esta pesquisa é decorrente da minha dissertação de mestrado na qual eu discuti o tema da morte com adolescentes. Neste momento estou buscando entrevistar educadores para trabalhar mais especificamente com o tema da morte no contexto escolar.

Entrevistado 4 (CAMILA): *Você está considerando educadores que trabalhem com qual faixa etária da adolescência?*

PES: Estou considerando educadores que trabalhem com o Ensino Fundamental ciclo II (antigas 5ª a 8ª série) e com o Ensino Médio. Hoje em dia, além disso, não há um critério único estabelecendo quando começa e quando termina a adolescência. O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Organização Mundial da Saúde apresentam faixas etárias diferentes.

CAMILA: *Certo.*

PES: Bom, iniciando nossa entrevista, qual a sua idade?

CAMILA: *26 anos.*

PES: Eu gostaria que você me contasse de uma maneira breve sobre a sua formação e trajetória profissional: onde já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções desempenhadas (...) e também falasse um pouco sobre o seu cotidiano de trabalho atual.

CAMILA: *Eu fiz graduação em Letras na Universidade de São Paulo. Agora estou fazendo mestrado em Literatura. Já trabalhei em muitos lugares: diversas escolas particulares, em vários projetos do Estado como professora dando acesso à supervisão, como assessora, como monitora também e agora estou trabalhando somente na prefeitura. Dou aulas particulares também. Hoje trabalho numa escola pública da prefeitura. Meu cotidiano de trabalho é muito bom, "estou no paraíso", estou numa escola muito boa. É uma escola que fica perto de metrô, é muito gostosa. É uma escola mais voltada para o conteúdo, para o tradicional. É uma escola pública típica de alunos que entram na USP. Na 5ª ou 6ª série os alunos já são todos alfabetizados, todos com reflexão, todos com espírito crítico. É um paraíso mesmo, é muito bom.*

PES: E lá você dá aulas?

CAMILA: *Eu dou aulas de português para a 5ª e 6ª séries.*

PES: E, na sua opinião, qual é o papel da educação?

CAMILA: *Eu acho que é formar cidadãos críticos, autônomos, que possam refletir por si só, que possam ter acesso ao conhecimento, ter direito ao conhecimento. E, além disso, eu acho que é formar cidadãos humanos, isso é fundamental, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) mesmo fala sobre isso. Eu, como educadora e professora, trabalho nos dois âmbitos. Pra mim, eles não são separados. Educação pra mim é isso: é o dia a dia, não sei (...) é difícil falar sobre educação. Eu estou respondendo para você o que está no protocolo.*

PES: Mas para você esta definição faz sentido?

CAMILA: *Faz muito sentido. Eu acredito nela e busco isso no meu cotidiano de trabalho.*

PES: E você vê relações entre o papel da educação e o tema da morte?

CAMILA: *Sim, vejo bastante (...) eu acredito no educar para morte, é uma relação intrínseca. A morte faz parte da vida. Não tem como você falar da vida sem falar na morte. E como professora de literatura, principalmente, isso fica muito claro porque quando você pega um poeta, um escritor que trate de sentimentos, ele pode não tratar de quase nenhum, mas dois são intrínsecos ao ser humano: o amor e a morte. Então, não tem como você educar um cidadão, educar um ser*

humano sem falar de amor ou sem falar de morte. Dizem por aí que o ser humano não vive sem amor. E, a partir do momento que ele ama, ele perde. Então não tem como passar pela vida sem o amor ou sem a morte. Como profissional da área de educação você tem que estar atento a isso, você tem que educar para a morte também, assim como para o amor e para a vida.

PES: O que você entende por "educar para a morte"?

CAMILA: *Puxa, não sei, isso é muito amplo, muito vago, é difícil.*

PES: Por exemplo como educadora, se você abordasse este tema em uma aula para os jovens: "vamos pensar numa atividade para educar para a morte". O que você pensa sobre isso?

CAMILA: *Eu posso falar na minha área, como professora de literatura. Quando você trabalha com livros, você trabalha o tempo todo com amor, com morte, com sentimentos. Tudo o que está na sociedade está nos livros. Nas matérias chamadas humanas isso fica muito mais fácil de se trabalhar e você trabalha o tempo todo. É ilusão você achar que não fala de morte. Quando você está na aula de História, por exemplo, e mandam o aluno escrever a linha do tempo, você está falando da morte dele, da morte de alguém. Quando você pede para o aluno procurar numa enciclopédia o autor e aí está lá: ano de nascimento e um ponto de interrogação. O que é este ponto de interrogação? Significa que este autor vai morrer daqui um tempo. Então, são coisas mínimas onde a morte está ali presente. A morte está presente no dia a dia da sala de aula, nas disciplinas, no conteúdo, o tempo todo. E, como professora de literatura, isso fica muito claro. Não tem um livro que um personagem não morre. A maioria dos livros eu acho que traz isso. Ou que não apareça a perda de alguém, mesmo as perdas simbólicas, elas acontecem o tempo todo, como as ilusões, por exemplo. Então, não dá para trabalhar com educação na área de humanas sem se falar da morte. Faz parte do conteúdo pedagógico sim, por mais que as pessoas queiram se iludir dizendo que não faz parte. Agora tem um outro lado, há controvérsias, sobre preparar uma aula sobre morte, como trabalhar isso? Eu não gosto muito disso em si porque é complicado você pensar em uma aula a sobre morte. Dia de Finados eu sempre levo alguma coisa para eles, e os adolescentes gostam, viu? No ano passado eu estava trabalhando com as 7as séries e teve a feira cultural, era uma escola que eu não gostava muito. A diretora chegou pra mim pedindo que eu falasse sobre aquecimento global. E eu não queria falar sobre isso, eu queria falar sobre o amor, era uma escola que estava precisando muito de amor. Aí eu falei para os meus alunos: "eu vou dar uma aula sobre o amor no sábado de manhã". E eles: "professora, sobre o amor? A gente vem, tudo bem, mas só porque é a senhora". Aí no dia de Finados, uma semana antes, eu falei pra eles: "olha, dia de Finados está aí e eu vou falar sobre a morte pra vocês, vocês querem que eu fale sobre a morte?". E eles: "a gente quer, professora, você vai falar mesmo?" E eu falei: "vou sim, vou falar". Aí eu esqueci. O dia de Finados passou e eles vieram me cobrar zangados. Então, os alunos têm o interesse, talvez porque ninguém fale sobre a morte explicitamente. Eles estão cansados, por exemplo, de ouvir sobre sexualidade, como fazem bebês etc. A professora de biologia trabalha com isso e não com relações afetivas, por exemplo. Ela trabalha sobre sexo, prevenção etc.*

PES: E como foi esta sua atividade no dia de Finados?

CAMILA: *Eu trabalhei livros infantis com eles. Eu li o "Menina Nina"*[69] *e eles ficaram "quietinhos". Eu não sei muito controlar a sala, ser muito autoritária, estou aprendendo. Então, quando eu quero que eles fiquem quietos, eu leio livros, eles prestam atenção. E depois eu pedi que eles escrevessem sobre o seguinte tema: se eles já tinham perdido alguém e como tinha sido. Hoje eu digo que nunca mais vou fazer isso. Porque você suscita noções neles tidas como negativas e você está com 40 alunos. Um começa a chorar, o outro fica emburrado, o outro cruza os braços e diz: "não vou fazer", entendeu? O outro escreve numa boa. Mas você está com 40 alunos na sala. Não é uma atividade como fazer uma redação sobre a justiça na sociedade. Eles podem até reclamar, mas eles fazem. Ali você desperta sentimentos e aí que está o problema. Você tem que estar preparado para lidar com isso. Não pode ser, por exemplo, um dia que você não esteja bem. Tem que ser um dia que você esteja disponível pra aquilo. E a sala de aula é o lugar do inesperado, acontecem muitas coisas. Agora você imagina você suscitar diversos sentimentos negativos num espaço que você tem 50 minutos, que você tem pouco tempo, que você tem que praticamente se desdobrar para não ferir ninguém. Sabe-se lá se você acaba ferindo alguém. Então, é muito complicado lidar com isso. O que eu fiz foi: "não quer fazer, não faz, tudo bem". Mas o que acontece é que isso dificilmente vai acontecer numa escola. Dificilmente um professor vai falar "não faça", ele vai obrigar o aluno a fazer, principalmente no Ensino Fundamental. Isso é complicado.*

---

[69] PINTO, Ziraldo Alves (2002) **Menina Nina – duas razões para não chorar.** São Paulo: Melhoramentos. Ziraldo escreveu este livro para crianças. Ele fala de personagens que conhece, com quem conviveu e com quem construiu sua vida.

PES: Então, você enquanto professora, desenvolvendo uma atividade no dia de Finados, daria liberdade para o aluno participar ou não, é isso?

CAMILA: *Sim, é claro. E acontece uma coisa engraçada. Quando você dá esta liberdade para o aluno, não quer fazer, não faça, ele faz. Quando o aluno está chorando, por exemplo, porque perdeu o namorado ou o primo morreu (como aconteceu semana passada, ele caiu da laje), ou o irmão foi preso (...) aí o aluno está chorando, não quer fazer a lição e você chega pra ele e pergunta: "o que está acontecendo?". De início, ele não fala. Depois ele acaba falando: "meu irmão foi preso" ou "meu primo caiu da laje e morreu" e depois pergunta: "professora, o que eu preciso fazer?" E eu falo: "você não precisa fazer nada hoje, você não está legal, se você não quiser fazer, não faça (...) eu vou respeitar o seu tempo" Aí o aluno faz como forma de respeito, de gratidão. Eu não falo isso com esta intenção. Eu realmente não acho a minha aula mais importante do que a dor dele, do que ele está sentindo naquele momento. Eu realmente não acho que português seja mais importante que o sofrimento dele. Então eu acho que este momento tem de ser respeitado. Eu nunca achei que literatura fosse mudar o mundo, nem português.*

PES: Você se lembra nesta sua atividade no dia de Finados o que você sentiu como positivo e o que você sentiu como negativo?

CAMILA: *Olha, positivo foi o interesse deles. Os alunos se interessaram pela História. Imagina você contando sobre um livro infantil para os meninos de 13,14 anos? Eles ficaram quietinhos, ouviram. É uma idade em que eles estão se assumindo o tempo todo. Eles fizeram a redação, no final todos acabaram fazendo. Talvez tenha tido um lado negativo que é: "eu não sei o quanto eu posso ter ferido alguém lá dentro com isso".* São 50 minutos, são 30 alunos de 13, 14 anos e aí o que você faz numa situação desta?

PES: O que você está chamando de "ferir os alunos"?

CAMILA: *Essa coisa de despertar estes sentimentos negativos e não ter tempo para cuidar.*

PES: Quais seriam estes "sentimentos negativos"?

CAMILA: *Você olha para a "carinha" deles, entendeu? Eles estão emburrados, eles estão chorando, alguns choram realmente. Outros olham para você com cara de raiva, cruzam os braços e falam: "não vou fazer".*

PES: Como você se sentiria cuidando dos seus alunos nesta situação?

CAMILA: *Eu não sei (...) eu acho que é a falta de relação "aluno, professor e tempo", sabe aquela equação? São 30 alunos, 50 minutos e eu sou uma só. Então, eu acho que é esta relação que pesa.*

PES: Então a grande limitação que você sentiu foi o número excessivo de alunos, você sozinha e o pouco tempo para abordar o tema da morte? Se você tivesse mais tempo e um número menor de alunos, você se sentiria mais confortável para falar sobre a morte com eles no dia de Finados?

CAMILA: *Eu não sei, eu realmente não sei (...) mesmo a relação humana que você estabelece com um aluno é diferente da relação com outro aluno e eu não posso afirmar que eu me sentiria melhor ou pior se eu fizesse isso neste momento mesmo que eu tivesse as mesmas condições. É muito difícil afirmar qualquer coisa nesse sentido, eu não sei mesmo, mas eu fiz uma coisa que eles gostaram: um dia tinha uma aluna que não gostava de mim e naquele momento eu me senti cuidando, mas fui eu com uma aluna só, entendeu? Isso foi quando esta aluna escreveu uma carta pra mim um dia antes de sofrer um acidente. Aquela menina me odiava. Eu tinha uma relação muito amigável com a sala, a sala gostava bastante de mim. Tanto gostavam que eles se negaram a ir ao Hopi Hari se eu não fosse junto. E esta menina não gostava de mim de jeito nenhum. Eu cheguei num canto um dia e falei para ela: "eu não agüento mais (...) falei tudo o que eu tinha para falar pra ela". Aí ela me escreveu uma cartinha. Ela escreveu: "olha professora, eu sei que você não tem nada a ver com isso, mas meu avô morreu faz quinze dias e meu avô foi a pessoa que me criou, eu morava com ele, eu não tenho pai e eu queria te pedir desculpas porque, às vezes, eu machuco as pessoas porque eu estou querendo esconder uma dor e esta dor que eu estou sentindo é muito grande, eu não quero sentir e acabo machucando as pessoas". Ela escreveu tudo isso de uma maneira extremamente lúcida, era uma menina muito inteligente, tinha uns 14 anos. E aí ela morreu, quer dizer ela não morreu, ela morreu para a sala porque não voltou mais para a escola, ela sofreu um acidente de moto no dia seguinte de ter me dado esta carta. E eu fiquei muito assim (...) esta menina se abriu comigo, me pediu ajuda de certa maneira (...) Eu estava corrigindo concurso de manhã e voltava para dar aulas à tarde, então eu não tinha tempo. O mês inteiro passou e ninguém foi visitar a menina e ela ainda morava atrás da escola. Neste mês eu*

estava corrigindo concurso e chegava até 5 minutos atrasada na escola, não tinha como eu ir mesmo. Mas eu fiquei pensando na menina, aquela coisa ficou em mim, sabe? Ela me escreveu aquela carta e sofreu o acidente no dia seguinte. Ela ficou um tempo no hospital e depois foi para casa. Aí eu perguntei para os alunos: "vocês foram visitar a (...)?" E eles falaram: "não professora, a gente não foi". "E vocês vão?" E eles: "a gente não sabe se vai (...)" E ninguém da escola também foi visitar, ninguém foi dar satisfação, ninguém foi levar lição para ela fazer, nada. E ela não morava longe, era só atravessar a rua, ela morava na rua de baixo da escola. Aí um dia, quando passou o negócio do concurso que eu tava corrigindo, era um dia de reunião pedagógica e a gente ia embora mais cedo. Aí eu pensei: "vou combinar com os meninos". Cheguei para meus alunos adolescentes e disse: "estou pensando em visitar a (...) hoje". E eles falaram: "legal professora, a gente vai com a senhora". Eles iam sair mais cedo também. E eu pensei que estava rolando um tabu, eu percebi que o maior obstáculo era meu, não era deles. Aí eu enrolei muito (...) depois de uma meia hora, eu disse: "eu estou pensando da gente escrever algumas cartas para levar para ela de quem não for, quem não puder ir, eu acho que ela vai ficar muito feliz". Aí todo mundo escreveu. Todos que não queriam no final acabaram escrevendo. Teve um menino que falou: "eu não vou escrever nada porque quando eu sofri acidente ninguém escreveu nada pra mim". Aí no final ele acabou escrevendo Aí eu comecei a perguntar pra eles: "vocês acham que ela vai ficar contente?" Aí eles falaram: "ah professora, se fosse eu, eu ficaria muito contente". Aí eu acabei pegando as cartas, li uma por uma, não ia entregar uma coisa sem ler (...) tinha umas coisas escritas das mais bonitas, tiveram umas cartas que eu cheguei a chorar. Todos os sentimentos apareceram: "olha eu estou com raiva de você, por que você não usou capacete? Por que você andou de moto deste jeito? Mas eu gosto muito de você. Estou com raiva porque na verdade eu amo você e você não está aqui comigo". Li cartas lindas. Até um menino que era cego, ele escreveu, fez um coração, fez um rabisco que era um coração e escreveu em braile, aí eu escrevi a lápis o que ele tinha escrito em braile. E levei as cartas. E os meninos foram comigo. A gente lotou a casa dela, não cabia mais ninguém. Então são estas coisas que podem fazer a diferença (...) e ainda queriam reprovar a garota, por isso que estas coisas, às vezes, são complicadas. E isso é engraçado, o aluno que zoa a aula inteira, aquele que não faz nada, eles passam para se livrar dele. E a menina que sofreu um acidente, que já tinha ainda sofrido uma perda absurda, dos amigos, de tudo, ainda queriam reprovar. Não custava nada levar umas lições para ela fazer de vez em quando.

PES: E como foi para você esta visita, este gesto seu?

CAMILA: *Olha, eu acho que a cena mais indescritível que eu posso falar foi a emoção da menina, dos olhinhos dela quando ela me viu e viu os colegas chegando. E eles pulavam em cima dela e ela estava na maca, eu fiquei morrendo de medo (...) mas aí eu pensei: "é amor e amor não mata ninguém né? Se ela estiver sentindo dor, ela fala!" Mas foi uma cena muito bonita, eu acho que nunca vou esquecer a expressão no olhar dela.*

PES: Seu gesto foi um gesto de amor (...)

CAMILA: *Ah, eu não sei (...) eu acho que foi um gesto de alguém que se sentia responsável, não sei se foi um gesto de amor, amor foi a cena que aconteceu ali, não o meu gesto em si (...) Outra coisa que também acontece que você pode trabalhar é trabalhar individualmente com redação. Eu voltei agora de férias há pouco tempo e eu pedi para eles escreverem uma redação sobre as férias, aquela famosa redação "fale sobre as suas férias". As minhas redações são sempre assim, eu sempre peço para eles falarem deles. E é impressionante numa sala de 35 alunos, devia ter uns 15 alunos no 1º dia de aula, era uma 4ª feira (...) e tinha um aluno que o primo tinha caído da laje e dois alunos que tinham perdido os avós e que escreveram sobre isso na redação. E ainda tinha uma outra aluna que tinha presenciado um menino levar 8 tiros na frente da casa dela. E isso tudo estava lá nas redações.*

PES: Então várias redações sobre as férias trouxeram o tema da morte?

CAMILA: *Em 15 dias de férias e apenas 15 alunos na sala de aula!*

PES: E como você trabalha a partir do material destas redações nas quais os alunos falam sobre perdas sofridas?

CAMILA: *Normalmente eu escrevo um recadinho na redação em si. Eu acho que se o aluno quiser falar comigo, ele vem e fala comigo. Respeito o momento do aluno. Se ele acha que a redação pode ser a mediação para isso, pode ser o suporte para isso, então que seja a redação. Normalmente eu peço para os alunos fazerem a redação, eles leem e corrigem e depois eles trocam a redação com o amigo. O amigo lê a redação do colega e também corrige e só depois que eles dão para mim. Aí eu corrijo e devolvo para eles. Eu estava corrigindo as redações na sala de aula e depois que eu vi o terceiro caso de morte, eu pensei: "Jesus! Quanta gente morrendo em 15 dias!"*

PES: Que recadinhos você escreveu para seus alunos?

CAMILA: *Depende do conteúdo que está ali (...) por exemplo: "puxa, que triste, você deve estar sentindo muito (...)" depende do contexto, do que está escrito.*

PES: E você se coloca disponível para a escuta, se eles quiserem te procurar ou não?

CAMILA: *Não. Não que eu não me coloque disponível. Eu não chego para o aluno e digo: "olha, se você quiser conversar sobre (...)" porque eu já fiz isso. E aí é aquela coisa que você faz porque você "cutuca" o aluno, você força o aluno e ele não está a fim, ele não quer falar, o máximo que ele consegue é escrever no papel, ele quer esta distância e aí você vai lá e força e cutuca e você não dá o tempo dele. Então, eles sabem que eu sou extremamente aberta, brinco muito com eles, deixo eles me procurarem, então é isso (...)*

PES: Os alunos já sabem que podem te procurar, então você não precisa escrever isso nas redações (...)

CAMILA: *Sim, eles sabem. Quando eles querem, eles me procuram, mas eu não forço de jeito nenhum.*

PES: O que seria, na sua opinião, "forçar" os alunos?

CAMILA: *Eu acho que "forçar" é qualquer coisa, entendeu? Por exemplo quando este menino veio me falar do garoto que tinha sido preso. "Forçar" seria eu começar a cutucar, entendeu? Perguntas coisas como: "foi preso, por que? Como você está se sentindo? De que jeito?" Muitos professores fazem isso. Eu acho que a minha função não é sanar a minha curiosidade ou qualquer coisa deste tipo ou juntar um monte de informações para virar fofoca na sala dos professores. Esta é a postura que eu vejo em alguns colegas professores. Isso é complicado, é invadir muito o espaço do outro sem o outro dar esta permissão, eu acho. Ainda mais porque você é uma figura de autoridade e a pessoa de certa maneira pode se sentir coagida e acabar falando, falando e eu não me dou o direito desta invasão de privacidade, desta invasão do espaço do outro a não ser que ele queira. Esta é uma postura minha.*

PES: Então você sempre espera que os alunos te procurem?

CAMILA: *Sim. Eu não sei, eu acho que esta é a maneira mais correta.*

PES: E como você percebe o tema da morte na sociedade atual?

CAMILA: *Eu não sei (...) especifica um pouco.*

PES: É uma pergunta bem ampla mesmo (...) como você acha que o tema da morte é visto na sociedade de uma forma geral?

CAMILA: *Puxa, isso é muito difícil (...) deixa eu pensar um pouco por onde eu começo (...) primeiro eu acho que a gente precisa delimitar, isso é muito amplo, pelo menos eu acho. Na sociedade que eu vivo, contemporânea, Brasil, São Paulo (...) como eu vejo a morte? Puxa, eu não sei (...) é muito amplo. Não vou dar uma resposta.*

PES: Como você acha que a morte é vista pelas pessoas hoje em dia? A morte é algo abordado na sociedade contemporânea? Pensando nos vários contextos em que estamos inseridos (...)

CAMILA: *Isso é muito amplo (...) pensando na escola, você tem uma abordagem da morte indiretamente que ela acontece o tempo todo através do conteúdo, que eu já falei pra você, quando o professor coloca a linha do tempo, quando eu vou dar uma aula sobre um poema que fala sobre a morte, não tem como você não falar da morte, ela é um dos temas universais, intrínsecos ao ser humano (...) a gente pode voltar nesta questão depois?*

PES: Claro que sim! Talvez esta pergunta faça mais sentido para você ao longo da entrevista (...) e eu acho que vamos acabar falando desta questão de uma forma ou de outra, não se preocupe em responder agora (...) Bom, e na sua opinião, quais são os temas relacionados à morte que são mais frequentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes?

CAMILA: *Que tipo de temas? Dá só um exemplo para eu entender melhor.*

PES: Quando penso na possibilidade de trabalhar com o tema da morte nas escolas, estou me referindo a três eixos: as mortes concretas, simbólicas e escancaradas. Ao longo da entrevista vou poder explicitar melhor estes temas para você entender melhor (...) mas eu queria saber, de início, que temas surgem para você quando você pensa em morte, adolescência e escola?

CAMILA: *Entendi. Depende da escola que você trabalha. Mas o que me vem agora à cabeça é a "anorexia". Eu acho que a morte está ali, intrínseca, que pode acontecer a qualquer momento. Eu estou falando sobre isso porque eu tive um caso de uma menina com anorexia e era horrível (...) tudo começou um dia que era Páscoa e a prefeitura distribuiu chocolatinhos para eles. E aí ela comeu chocolate e falou: "professora, eu posso ir ao banheiro?" E eu falei que podia. Não sei o que me deu "aqueles cinco minutos", eu pensei: "esta menina vai vomitar". Aí eu fui lá atrás dela e eu não largo sala de aula de jeito nenhum. Eu fui atrás dela e dito e feito, a menina estava vomitando no banheiro. Eu não falei nada, só falei: "vamos voltar para a sala? Você está passando bem?" Não falei nada. E ela me falou: "professora está tudo bem". Aí ela começou a passar mal toda aula minha, era impressionante. Era dor de cabeça ou qualquer outra coisa. Aí um dia ela começou a me falar: "professora, eu estou muito gorda não estou?" E aí eu falei: "não, você está bem, você é muito bonita". E ela era uma menina extremamente bonita mesmo, mestiça, muito linda. E ela ficava me dizendo como estava gorda e que ia começar a fazer regime. E eu falei que ela não precisava disso. E aí ela começou: "professora, eu só estou comendo duas colheres de arroz por dia. Professora, olha o quanto eu já emagreci" E as amiguinhas dela começaram a ficar com raiva dela. Até então todo mundo já sabia que ela estava com anorexia. E aí eu comecei a falar: "não faça isso, você não precisa disso". E ela começou a criar artimanhas para se esconder. Ela colocava cinco calças, só que ela fazia questão de vir me mostrar as cinco calças: "olha professora, eu estou escondendo da minha mãe que estou emagrecendo para ela não bater em mim. E eu só estou comendo uma colher de arroz por dia". Aí eu pensei: "assim não dá. Vou conversar com a (...) que ela é uma professora de inglês maravilhosa. Eu a tenho como mãe, a adoro." Contei o caso desta aluna para ela porque ela não estava sabendo e ainda falei: "como você já teve anorexia, conversa com ela". Porque eu pensei assim: "essa aluna tem anorexia, quem sou eu para dar conselhos para ela? Eu sou gorda!" Se eu fosse ela, eu ia pensar: "O que esta gorda, que deve ter transtornos alimentares piores do que o meu, pode me dar de conselhos sobre alimentação saudável?" Aí eu fui conversar com esta professora de inglês, ela é muito elegante, bonita e ela já teve anorexia. Aí no outro dia esta aluna me disse que a professora de inglês tinha ido falar com ela, ela me disse: "ai professora ela falou um monte pra mim, me deu um sermão". Aí eu perguntei se ela tinha se aberto com a professora. E a aluna disse que ficou quieta. Aí ela começou a me dizer que me considerava como mãe dela, que queria que eu fosse na festinha de aniversário dela. Eu acho que ela criou este vínculo comigo de alguma maneira. Eu não criaria este vínculo comigo para falar sobre transtorno alimentar, depositar esta confiança em mim exatamente por eu ser gorda. Se fosse eu, eu não faria isso. Aí eu comecei a conversar com ela todas as aulas. Enfim, foi isso durante o ano todo e ela começou a comer de novo depois de muito sacrifício. Mas, o grande problema que eu encontro aí, foi: na prefeitura nós nos reunimos, os professores, uma vez por semana, depois das aulas, durante 2 horas, e a gente ganha com isso, fazemos ações, discutimos coisas importantes. E eu falei para o grupo que esta aluna não estava bem, que ela precisava de um encaminhamento. Só que esta aluna é aquele tipo de menina boazinha, que faz tudo, que não dá trabalho, pelo menos de disciplina. E aquele aluno que subiu na carteira, ele sim precisa de um encaminhamento. Um outro aluno, num momento de explosão, que mandou o professor calar a boca, ele sim precisa de encaminhamento ao invés de tomar outro tipo de providência. E eu percebi que ninguém estava nem aí para esta aluna, entendeu? Porque ela não dava trabalho. Esta menina eu acho que precisava mais do que todos os outros alunos de um encaminhamento. Então, eu acho que isso tem a ver com a concepção de morte. Num outro dia a diretora disse: "é melhor a gente dar um encaminhamento mesmo porque depois se esta menina morre ou é internada, ainda vão processar a escola porque a escola se omitiu". Mesmo assim a diretora não deu o encaminhamento, ela esqueceu porque os casos mais importantes para ela eram os outros alunos que estavam "atazanando" a escola.*

PES: Alunos com problemas de comportamento, de conduta dentro da escola?

CAMILA: *Isso. Aí eu tive que falar com uma colega da secretaria, pedir o encaminhamento para ela. Dei todos os dados da aluna e disse que ia a casa dela entregar o encaminhamento para a mãe dela, ela também morava na rua da escola. Aí esta minha colega falou que ia chamar a mãe na escola para conversar com ela. Este era um típico caso de morte iminente, poderia acontecer a qualquer momento. As melhores amigas desta aluna estavam sentindo raiva dela por ela estar fazendo aquilo. Durante um tempo, um, dois meses, tentaram a ajudar, falando para ela comer. Depois elas começaram a ficar com raiva dela porque ela não comia. E a morte iminente sendo tratada de uma certa maneira com um descaso total. Como o caso da menina que tinha sofrido o acidente e um descaso total pela menina. A morte quando ela vem à tona, quando alguém perde um familiar dentro da escola, ela vem à tona para justificar a indisciplina do aluno: "tal aluno está indisciplinado porque perdeu o pai ou a mãe". Na escola que eu estou agora é difícil perder pai ou mãe, mas aí a justificativa é: "tal aluno está indisciplinado porque os pais estão se separando" Então, estas questões estão muito intrínsecas.*

PES: Então você acha que quando aparece alguma situação relacionada ao tema da morte, a escola não tenta trabalhar o tema em si, é isso?

CAMILA: *Depende do caso. Eu acho que as mortes de dentro da escola estão sendo, às vezes, trabalhadas.*

PES: O que você está chamando de mortes dentro da escola?

CAMILA: *É complicado você tocar em certos pontos que ainda te machucam. Por exemplo, o caso das meninas na escola que eu dava aulas. A gente estava indo para um passeio e elas foram atropeladas. Eu acho que aí sim teve uma mobilização da escola inteira quando uma destas meninas morreu. Uma morreu na hora e a outra foi para a UTI. E as crianças presenciaram aquilo. Este foi um caso que a escola inteira se mobilizou.*

PES: Qual foi a mobilização da escola nesta situação?

CAMILA: *Bom, a gente teve a festa junina, eu fiquei tão feliz. Eu agora trabalho os três turnos na escola quando tem festa junina, dou lucro para a escola e os professores não entendem por que. Exatamente porque a festa junina tem um valor simbólico muito importante pra mim. Todo o dinheiro da festa junina que a gente tinha arrecadado, a gente sempre usa para alguma coisa pedagógica. A diretora pegou todo aquele dinheiro e comprou o caixão para enterrar a menina. Ela não tinha condições. Houve esta mobilização que ocorreu sem a votação do conselho, mas que todos os professores legitimaram a ação da diretora, aceitaram. Eram uns R$6000 que foi para caixão, enterro, tudo, não sei o quanto ela deu para isso, enfim (...) teve esta mobilização. E a menina que ficou na UTI virou caso de prioridade no conselho. A mãe teve que abandonar o emprego, ela era empregada doméstica, pra poder ficar com a menina. Ela não era registrada, então não tinha o que comer. Então, todo mês, nós professores, juntávamos dinheiro para comprar cesta básica para ela sobreviver. Eu ajudava com muito gosto e eu via que os meus colegas ajudavam com muito gosto. Era uma forma também de eu aliviar uma culpa que eu estava sentindo. De certa forma eu me sentia muito culpada.*

PES: E qual era a sua culpa?

CAMILA: *Nenhuma! Eu sabia que a culpa não era minha, mas vinha aquela sensação de "eu não fiz nada". Eu me vi totalmente impotente, aquela sensação de não poder fazer nada. Perceber a morte ali na minha frente, ficar paralisada, não saber como agir e ficar em estado de choque (...) eu fiquei uns 6 meses com esta sensação de culpa por não ter feito nada. Esta sensação de culpa existiu. Aí com estes alunos sim, eu trabalhei a morte.*

PES: Com a classe destas alunas?

CAMILA: *Não com a classe destas meninas porque a menina que morreu era da 2ª ou da 3ª série. Eu trabalhei com as minhas 5as séries da época, estas turmas também iam ao passeio. E tinha uma sensação de culpa dos professores porque como funcionava os recreios nesta escola? Teoricamente era sorteio, mas na prática, os professores sorteavam de "mentirinha" e premiavam os melhores alunos. Quer dizer: os melhores alunos foram os que viram a cena. Eu ouvi na sala dos professores falas assim: "nós condenamos estes alunos, sem saber, a presenciarem aquela cena". Graças a Deus eu não tive que sortear nada, senão eu ainda teria esta outra culpa para resolver.*

PES: Como foi o seu trabalho com estes alunos?

CAMILA: *Bom, a gente voltou na 2ª feira (isso tinha acontecido na 6ª feira) (...) nós simplesmente voltamos na 2ª feira, tinha que voltar, não tinha jeito, minha vontade era de não ir (...) e eu não queria trabalhar, eu estava extremamente machucada, mal, eu não queria nem olhar para os meus alunos, esta é a verdade. Então, eu entrei na sala e eu lembro que eu peguei um livro e comecei a passar cópia na lousa, coisa que eu normalmente não faço. Virei de costas e comecei a passar cópia. E aí eles começaram: "professora, a menina que morreu era minha vizinha!" ou "professora, a menina que morreu era minha amiga e a gente brincava juntos". Não dava para eu fingir que aquilo não estava acontecendo, não dava para eu virar as costas. Eu acho que ali eu tive que reunir todas as últimas forças que eu tinha, num estado extremamente fragmentado que eu estava, desolada, pra poder ficar junto com eles, eu acho que é isso que eu podia fazer (...) a minha maior dor foi ver os meus alunos sofrendo daquela maneira. Presenciei algumas coisas que me deixaram de certa maneira meio chocada, horrorizada, foi isso mesmo que eu senti, um horror, como por exemplo: alunos que abriram o caderno e começaram a escrever o nome da menina várias e várias vezes; gente que ficava olhando para o nada (...) e eu pensei: "pelo amor de Deus, ajam como vocês sempre agiram, pulem na cadeira, conversem, hoje eu não vou brigar com vocês, façam aquilo que vocês sempre fizeram (...) hoje eu vou ficar feliz se vocês subirem na cadeira, eu*

vou ficar feliz se vocês brigarem". Outros alunos começaram a desenhar a morte ali, a alegoria da morte, a morte com a foice e me entregaram. Antes disso acontecer, eu costumava receber desenhos de ursinhos, coração, escritos como "professora, eu te amo", "professora, você é especial", "eu gosto muito de você". E um dia você recebe a alegoria da morte de presente. Isso machuca muito. Então, o que eu fiz com eles foi rezar. Rezei com eles. O que a gente pode fazer é rezar. Aquilo foi um pacto criado lá na hora entre nós. Porque eu não sabia como fazer, de que maneira fazer. Eu nunca tinha feito aquilo na minha vida. Então eu comecei, falei algumas frases e eles repetiram. Eles abaixaram a cabeça, fecharam os olhos, colocaram as mãozinhas assim, todo mundo, a sala ficou um anjinho, não tinha nenhum barulho e eu falava e eles repetiam. Então foi um momento construído junto ali. E eu saí de lá chorando. Entrava na outra sala, era a mesma coisa e eu saía chorando. Nossa, foram uns meses difíceis ali.

PES: Você lembra quais foram as suas necessidades naqueles momentos? Como você se sentiria cuidada?

CAMILA: *Eu queria ver as minhas crianças bem. E isso para mim era o que mais me doía. Tanto que eu me afastei da escola, mas eu só me afastei quando eu percebi que elas estavam bem. E isso demorou dois meses. A diretora desta escola me acolheu muito, me abraçou, me permitiu dizer que as coisas não estavam bem. Eu chorei, chorei, chorei muito. E eu tirei licença do trabalho. Não tinha condições de continuar trabalhando. Mas eu só me permiti isso por causa dela. Eu chorava todo dia, chorava muito. Eu não desejo esta situação pra ninguém.*

PES: O que teria te ajudado naquele momento? Para não ter chegado neste nível de sofrimento?

CAMILA: *Ver minhas crianças bem. Eu acho que nada mais. Foi uma coisa tão torturante. Minha diretora me levou ao pronto socorro municipal e eu passei pelo psiquiatra. Ele me disse que eu tinha que tirar licença até o final do ano, que isso era o melhor para mim. E eu disse: "eu não posso fazer isso porque se eu fizer isso eu não volto nunca mais a dar aulas na minha vida". Alguma coisa dentro de mim dizia: "se eu parar agora, eu não volto mais. Eu preciso enfrentar isso, eu preciso lidar com isso, eu preciso resolver". Aí eu tirei os quinze dias, mas eu voltei. E quando eu voltei, eu ia um dia e faltava dois dias, ia um dia e faltava dois.*

PES: E entre os educadores, houve algum tipo de amparo? Você com os outros educadores?

CAMILA: *A gente comentava muito em conselho o que nós íamos fazer com a menina sobrevivente. Então, ela foi internada, tinha uma das professoras que era enfermeira, e então ela sempre vinha nos explicar o que estava acontecendo com a menina. Um dia que me marcou muito foi quando a tiraram do coma induzido. E aí esta professora nos explicou o que era o coma induzido, porque era preciso tirar a menina dele (...) eu me lembro do "peso" que aquilo foi pra gente. E eu ouvi muitos professores dizendo: "era melhor que ela tivesse morrido". O sofrimento dela foi muito grande. Hoje ela está bem. O que aconteceu foi um verdadeiro milagre. E uma coisa que eu aprendi é que a gente nunca deve dizer uma coisa que não está sentindo para os alunos. Eu dizia para os meus alunos: "que Deus faça o que for melhor para ela". Assim eu não estaria mentindo.*

PES: E como você se sentiu depois que passou por esta experiência?

CAMILA: *Quando eu mudei de escola eu melhorei.*

PES: Então depois do acidente você precisou mudar de escola?

CAMILA: *Com certeza, com certeza, com certeza. Eu não saí pela escola em si, mas eu não conseguia mais estar lá, eu saí por mim. Eu relembrava o ocorrido a todo momento e isso me trazia muito sofrimento. E eu fui embora para casa chorando. Eu ia embora para casa chorando todos os dias.*

PES: Que bom que você conseguiu encontrar uma saída (...) e sentiu que seus alunos estavam bem.

CAMILA: *Eu não sei (...) na verdade eu acho que a gente faz o que é melhor para a gente, para a nossa consciência. A maioria dos professores começou a tomar remédio psiquiátrico. Eu tive muita sorte porque eu achava, na época, que eu estava ficando louca. Você pode saber tudo sobre luto, mas na hora que você está passando por aquilo é bem diferente. Eu tive muita sorte quando eu fui procurar um psiquiatra. Eu conheci dois residentes que me ajudaram muito. Eles me atenderam duas vezes por semana durante seis meses. Os dois médicos sempre juntos. Eles me ouviam, somente me ouviam. Se eles tivessem me mandado tomar qualquer coisa, qualquer medicamento, eu teria tomado, tamanha fragilidade que eu estava. E eu acho que eu tive muita, muita sorte mesmo. Deus me ajudou muito.*

PES: Então a escuta destes médicos te amparou bastante?

CAMILA: *Nossa, muito! E eu não caí na tragédia que meus colegas caíram: ficar se entupindo de remédio, de calmantes, de antidepressivos. O papo na escola era este: "eu estou tomando x mg de tal remédio; fulano está tomando 2x mg de outro tal remédio". E, nesse sentido, eu não sentia meu sofrimento legitimado porque eu não estava tomando nada. É complicado isso (...) hoje, olhando de fora, eu vejo que eu tive muita sorte e vejo o que fizeram com os meus colegas que, de certa maneira, não puderam vivenciar o luto e a única maneira de vivenciar era deixando as caixas de remédio em cima da mesa dos professores. Professor que toma remédio psiquiátrico não deixa a caixa em cima da mesa, ele esconde. Ele não vai sair mostrando pra todo mundo. Naquele momento apareceram milhares de caixas em cima da mesa da sala dos professores. Ninguém deixa remédios assim expostos. Naquele momento havia.*

PES: Por que, então, os professores deixaram os remédios expostos?

CAMILA: *Era uma maneira dos professores manifestarem o quanto eles estavam sofrendo. É aquela coisa bem do interdito: "eu não posso falar, mas o remédio fala por mim. Eu não posso falar, mas a minha consulta psiquiátrica fala por mim". Eu acho que é aquela coisa de você não conseguir se abrir, falar (...) Tem um mês, mais ou menos, que uma menina se cortou na minha aula. A escola inteira ficou sabendo. E eu vejo também a minha fragilidade de não conseguir compartilhar isso também.*

PES: O que você sentiu nesta situação?

CAMILA: *Na hora, eu não sei, eu acho que você lida da maneira como você pode. Eu lembro de ter olhado nos olhinhos dela e visto um temor ali. Ela veio me mostrar o corte, disse que estava nervosa e que um dos meninos da sala tinha mexido com ela. Mas ela é um tipo de aluna que "não guarda", entendeu? Ela é aquele tipo de aluna que enfrenta o professor, que briga com o professor. E eu sempre a tratei muito bem. Percebo isso até no meu tom de voz. E esta foi uma das poucas vezes também que eu larguei a sala, peguei a menina e fui lá para fora com ela. Nós ficamos ali uns dez minutos. Foi meio instintivo. Eu fiquei de mãos dadas com ela do lado de fora da sala, em frente à escada, olhando para ela e ela com aquele olhar de assustada. Eu só quebrava o silêncio de vez em quando dizendo que íamos cuidar do machucado dela. Eu repeti isso algumas vezes e nós ficamos ali durante um bom tempo. E a sala ali sozinha. Aí eu pensei que precisava fazer alguma coisa, não adiantava só ficar ali com a menina. Para a diretora eu não podia levar. Ela é uma diretora muito bondosa, gosto muito dela, mas ela é muito autoritária com os alunos. Ela faz isso porque ela acha que este é o jeito certo de agir, que isso é o que fará bem aos alunos. Aí eu pensei que se levasse esta aluna lá, ela levaria uma bronca. E tudo o que esta menina não precisava era levar uma bronca. E eu não acreditava que a causa era o menino, que ele tinha deixado ela nervosa. Esta aluna teria ido pra cima do menino, teria batido nele (...)*

PES: E porque, na sua opinião, esta aluna se cortou?

CAMILA: *Eu não sei, é difícil dizer. Eu fiquei muito preocupada com a menina. Não conseguia dar aula. Aí eu levei a menina para a sala da coordenadora e ela disse que a menina não estava bem, que precisava chamar os pais dela, que ela precisava de um encaminhamento (...) e eu concordo com ela, esta menina precisava de um encaminhamento mesmo. Os pais eram extremamente ausentes, nunca vieram em nenhuma reunião. Mas aí eu fui pra casa e fiquei com muita, muita raiva (...)*

PES: Raiva?

CAMILA: *Raiva desta aluna ter se cortado. Eu nunca tinha feito nada pra ela e ela foi logo se cortar na minha aula? Por que ela não se cortou em outra aula? Eu não conseguia dormir. Eu chorava muito de raiva. Eu sempre fui meio assim: na hora eu não ajo, eu tenho calma, mas depois eu sofro as conseqüências, sabe? E isso foi tão agressivo, imagina a fúria desta menina para se cortar! Eu não conseguia acreditar. Eu achava que ela tinha protegido alguém, alguém deve ter cortado o braço dela, eu vou descobrir! Eu perguntei para a sala e todo mundo disse que ela mesma havia se cortado. Era uma atividade com jornal, tesoura, tava tudo muito agitado na sala, os alunos vinham na minha mesa a toda hora (...) e eu não vi ela se cortando. Ali, por mais que eu tenha conhecimento, que eu ache que a morte não deve ser um tabu, neste caso de automutilação de uma aluna, eu percebi o quanto eu não consegui compartilhar aquilo tudo com os meus colegas. O quanto eu estava sofrendo, o quanto eu vi, na expressão da coordenadora, o choque. E foi a minha forma de lidar com a situação, de me proteger, de negar (...) a escola inteira ficou sabendo e isso nunca tinha acontecido. Enquanto todo mundo estava sabendo, eu não consegui compartilhar meus sentimentos com meus colegas (...) e várias pessoas estavam sofrendo com este caso.*

PES: O que será que aconteceu que ninguém conseguiu compartilhar os sentimentos nesta situação? Qual foi o grande entrave para ocorrer uma comunicação?

CAMILA: *Eu acho que, da minha parte, foi a dor que eu estava sofrendo da parte da coordenadora (...) a dor e o choque que ela sofreu, isso foi muito claro pra mim. Ela depois veio conversar comigo e disse que a gente não estava preparada pra isso. Disse que a gente tinha que procurar ajuda, ajuda de psicólogos nestas situações, mesmo não sendo a favor de psicólogos dentro da escola. Então, eu tive vontade de perguntar para a coordenadora: "os pais vieram? Ela está sendo tratada?" E eu não consegui fazer isso. Eu tive vontade de me aproximar da menina e de não me aproximar ao mesmo tempo. Eu sorria para a menina, ela sorria pra mim.*

PES: Qual era seu medo ao se aproximar da menina?

CAMILA: *Tinha medo dela se cortar de novo na minha aula. Ela sorria pra mim, ela me obedecia na hora de fazer a lição, ela nunca tinha feito isso. O sorriso dela me dava calafrios (...)*

PES: Mas você acha que teve alguma relação com você ela ter se cortado na sua aula?

CAMILA: *Eu acho que deve ter tido uma relação sim (...) eu não sei se isso foi proposital, mas, por exemplo, se ela se cortasse na aula do professor substituto, que é autoritário, ela jamais teria mostrado o corte pra ele. Me deu raiva da situação, não da menina, ela não tem culpa. Mas, eu estou terminando o meu mestrado e ela vem e se corta na minha frente? Ta vendo o que adianta ser boazinha? No caso da menina com anorexia, aquilo não era tão agressivo para mim, como era para as amigas dela. Só hoje eu entendi a raiva que as amigas tinham dela (...) mas, vamos voltar para a questão do interdito (...) o quanto esta situação, de certa maneira, foi um interdito. Todo mundo deu zero para ela e eu dei dez. E no conselho me perguntaram se eu ia dar dez para ela. Eu disse que era o meu limite. Eu disse: "vou dar muito amor e carinho para ela porque não quero esta menina se suicidando na minha aula". Eu falei desse jeito. Aí ninguém falou nada. Normalmente quando as notas variam tanto entre os professores há uma discussão, mas ninguém falou nada. Todo mundo abaixou a cabeça e ficou quieto, não houve nenhuma discussão sobre esta situação.*

PES: O seu medo em dar uma nota baixa era dela se machucar novamente?

CAMILA: *Não, não é isso. Eu não sei porque eu dei aquela nota, foi uma coisa de uma ligação que se estabeleceu entre a gente. Não foi porque ela tinha se cortado. Esta foi uma justificativa irônica, debochada que eu dei para o meu grupo de professores como uma forma de defesa. Eu me senti nesta situação extremamente agredida. Eu preferia, de verdade, que esta aluna tivesse me dado uma tesourada, seria muito menos agressivo para mim. E ela não fez nada direcionado a mim. Nenhuma agressão verbal, nenhuma agressão física. Não tinha nada em que eu pudesse me sustentar e dizer: "olha, eu estou mal por causa disso".*

PES: A sua maior dor, na verdade, foi com o que ela tinha feito contra ela (...) esta, na verdade, foi a sua maior dor?

CAMILA: *Foi a minha maior dor. É complicado (...) este é um caso em que se poderia ter conversado, ter quebrado um tabu na escola e eu assumo a minha parcela de culpa aí também (...) eu não compartilhei com meus colegas, não abri para discussão.*

PES: Você sentiu limitações dos seus colegas?

CAMILA: *É aí mesmo que estão os tabus, nestas limitações do próprio educador, da sociedade. Tem momentos que é difícil. Então morre alguém e vamos falar sobre a morte. Mas tem certas limitações que formam o tabu. É esta a sensação que eu tenho. Eu acho que eu sou uma pessoa que poderia compartilhar sobre a morte. Eu acredito que se deve falar sobre a morte, mas naquele momento aquela situação foi um tabu para mim mesma. Um tabu que veio através da minha limitação. Um tabu que a coordenadora também teve. Quando eu falei que ia dar dez para a aluna, a coordenadora não me disse nada, não me perguntou o que a aluna tinha me apresentado, que ela não merecia aquela nota. Mas não, a coordenadora abaixou a cabeça e ficou quieta. Ali poderia ter ocorrido uma discussão, mas não ocorreu. Houve um tabu, uma interdição.*

PES: A sua limitação em levantar uma discussão, naquele momento, foi o medo que aquela aluna se cortasse novamente?

CAMILA: *Eu não dei zero para ela pelo vínculo que a gente tinha estabelecido. Depois dele eu jamais daria zero para ela.*

PES: E sua limitação, então, qual foi? Esta que você estabeleceu a relação com o tabu da morte?

CAMILA: *De abrir para uma discussão. De dizer: "olha como eu estou mal". De deixar de lado esta ironia, esta defesa (...)*

PES: Você gostaria de ter expressado o quanto você estava sofrendo? Para seus colegas professores? Para sua aluna?

CAMILA: *Sim, eu gostaria de ter me expressado. Acredito que a coordenadora também. Pra aluna não (...) ali poderia ter se criado um espaço propício para a coordenadora também se expressar. Ela poderia ter dito para mim: "você não pode dar dez para ela por falta de conteúdo". E ali não teve esta relação entre a gente. Então, não é fácil falar em tabu, em interdição, por mais que você queira. Tem horas que o tabu, a interdição, a dor se fazem muito maior, se fazem muito presentes. Eu tenho a maior vontade de chegar para esta aluna e perguntar como ela está, mas eu não faço. Eu olho para ela e ela sorri para mim (...)*

PES: Você consegue me explicar o porquê você não pergunta isso para ela?

CAMILA: *É uma interdição, uma falta de coragem, um tabu. Eu não sei explicar, isso não tem explicação. A gente tem um vínculo absurdo que é transmitido por sorrisos, por olhares, pelo fato dela abrir o caderno e fazer tudo (...)*

PES: Eu acho que, muitas vezes, você estabelece uma relação intensa com ela, mas não é através da palavra falada (...)

CAMILA: *Eu tenho certeza que foi uma relação intensa que foi estabelecida. Quando ela se cortou, eu acho que de certa maneira ela estava me pedindo ajuda. E foi um modo de me pedir ajuda extremamente agressivo pra mim. Num momento que eu não podia ajudar, que eu estou terminando o meu mestrado, entendeu? Mas vamos mudar de assunto?*

PES: Sim. Em relação às mortes concretas na escola e os adolescentes, teve alguma experiência que você ainda não tenha mencionado (...) de perdas significativas que os adolescentes tenham passado, que seus alunos tenham vivenciado, você se lembra de mais alguma?

CAMILA: *Isso sempre acontece. Eu pensava que nas escolas particulares isso não acontecia. Hoje a minha escola, apesar dela ser da prefeitura, ela é freqüentada por alunos de classe média. Apenas 0,2% dos alunos residem em favelas. Os problemas são problemas de classe média. O maior problema é a separação de pais. Isso acontece o tempo todo. Não estou amenizando o sofrimento destes alunos.*

PES: Esta situação de perda simbólica, de encerramento de uma situação de vida para o início de outra são as chamadas "mortes simbólicas". Sentimentos podem ser mobilizados pela nova situação de vida mobilizada.

CAMILA: *Isso acontece o tempo todo. Tem tantas perdas que ocorrem o tempo todo. E justificar a indisciplina de um aluno com base nas mortas simbólicas, então todos os meus alunos, a partir de hoje, serão extremamente indisciplinados. Isso é muito complicado. Até justificar indisciplina com base nas mortes concretas é complicado. As mortes concretas por violência são mais presentes nas escolas de periferia, o pai assassinado, o filho assassinado, mas a morte simbólica por separação de pais está presente em qualquer escola.*

PES: E como você lida com estas mortes concretas chegando até a escola? Isso é abordado?

CAMILA: *Eu acho que isso não é abordado na escola. Tirando as mortes que aconteceram dentro da escola, que eu presenciei com aqueles alunos, eu acho que não, a morte não é abordada. Na minha aula a morte se faz presente através das redações. Nelas os alunos tentam se comunicar comigo, é um espaço que eles falam de si. Eu sou extremamente curiosa, é muito difícil eu pedir redações para eu corrigir sobre, por exemplo, Bush e o Iraque. Eu sempre peço algo mais em relação ao aluno, que ele escreva sobre ele, sobre a família dele. Eu gosto mesmo deste tipo de redação, eu leio com mais prazer e eu corrijo com mais prazer. Eu acho que estas redações são mais sinceras, mais verdadeiras. E aí eu trabalho técnica em cima disso. Agora eu estou tendo um projeto com eles de biografia e autobiografia, então eu gosto mais disso. E nisso você tem um canal aberto.*

PES: Neste seu trabalho com as redações você já tem a intenção de trabalhar com estas mortes ou não?

CAMILA: *Não. Nas redações surge de tudo: morte, vida, amor, traição, ciúme, intrigas, sentimentos, relações, perdas que são mortes também (...) surge de tudo ali. Tudo o que puder surgir na vida, surge ali.*

PES: Você considera que a escola deveria abordar o tema da morte ou isso não seria papel da escola?

CAMILA: *Eu acho que a gente tem que tomar muito cuidado para abordar o tema da morte na escola. Primeiro, eu acho que tem que se formar professores para isso. Sempre acreditei nisso. Porque o que acontece? Vamos supor, eu faço parte do grupo de referência de língua portuguesa e a gente, a gente não porque só tem o meu nome lá, mas enfim foi feito um currículo mínimo porque a LDB prevê que até 2009 todos tem que ter um currículo mínimo.*

PES: O que seria este currículo mínimo previsto pela LDB?

CAMILA: *Currículo mínimo é que o professor não pode dar a menos do que você quer. Na 5ª série você tem que dar isso, na 6ª série aquilo (...) pode dar a mais, mas você não pode dar a menos, este é o currículo mínimo. Teoricamente ele não é obrigatório, mas tem um plano de ensino no Estado de São Paulo que vai ser em cima dele. O bônus do professor é atrelado a isso e ele vai abrindo caminhos para o professor exercer o currículo mínimo. Aí eu fico pensando, por exemplo, colocar o tema da morte, a morte dita como tal. Você tem que tomar muito cuidado porque é aquilo que eu disse no começo: você desperta sentimentos tidos como negativos nos alunos. Se você não está disponível para, se você não está sensível para, se você simplesmente vai "jogar" o tema da morte para os alunos (...) normalmente, tem as seqüências didáticas e tem a avaliação. Então, vamos supor que o que eu faço com os meus alunos seja uma seqüência didática e que isso vai cair na mão de um professor. Por exemplo, uma avaliação, uma redação sobre as perdas sofridas pelos alunos. Aí você "joga" isso para um professor, na décima aula do dia, e um professor que não está a fim, que está de saco cheio, que odeia este currículo mínimo, que acha que o governo está contra ele, que ganha uma miséria, que tem dois empregos e ele "joga" isso nos alunos. E o aluno tem que fazer aquilo. Ele não tem respaldo do professor (...) eu acho que é de cuidados mesmo, sabe? A gente não pode esquecer a função do professor enquanto cuidador de quem está ali. De certa maneira você está preparando alunos e você não pode ser responsável.*

PES: Quais seriam os cuidados do professor ao abordar o tema da morte com seus alunos?

CAMILA: *Cuidados para não ferir os seus alunos.*

PES: E como que você pode garantir que não vai ferir o seu aluno?

CAMILA: *De maneira alguma você não garante. Mas, no mínimo, o educador tem que estar disponível para, sabe? Estar preparado para, no sentido de ter embasamento teórico, eu acho que isso é fundamental. Não que o embasamento teórico seja suficiente, eu vejo por mim, mas ele é muito importante. Quando você tem o embasamento teórico, na hora do fogo, por mais que você aja instintivamente, você está agindo de acordo com aquele embasamento teórico que você acredita.*

PES: Qual seria o embasamento teórico necessário para abordar o tema da morte com os alunos?

CAMILA: *Eu acho que é ter uma postura crítica. É ler textos, refletir sobre os textos e adquirir uma postura crítica sobre. Eu acho isso fundamental.*

PES: Então isso faria parte do preparo do educador para abordar o tema da morte na escola?

CAMILA: *Sim. Como um bom professor ele tem que ter um embasamento teórico em pedagogia, isso é fundamental. Não que ele vai usar aquilo, mas instintivamente ele acaba usando aquilo que ele acredita, aquilo que ele refletiu, aquilo que ele pensou. Eu acho que isso é importante. Então, eu acho que você tem que ter isso, o educador tem que ter embasamento teórico. Você não pode pegar uma seqüência didática, estou pensando na prefeitura, nos currículos mínimos, e "jogar" na mão de um professor, qualquer professor. Você antes tem que dar um preparo para ele, um embasamento para ele. E o mais importante eu acho que é deixar a liberdade de escolha para o professor: eu quero ou eu não quero, eu não vou assumir esta responsabilidade. Eu acho que isso é importante. Porque a partir do momento que eu me sinto oprimida pra fazer o meu trabalho, eu corro um sério risco de oprimir os meus alunos. Tem aquela famosa frase nas reuniões que temos nos finais das aulas na prefeitura e isso é uma maravilha. Os "GIFs" são 8 horas aula por semana que você discute temas com os demais professores: lê textos, reflete, pensa projetos, avaliações, conversa com pais, este horário é pra isso. Os profissionais da prefeitura são bem mais preparados que os do Estado, o concurso é bem mais difícil de passar. Eu já trabalhei nos dois e isso é verdade. Então você tem este espaço na prefeitura onde você pode*

colocar algumas coisas. Um dia eu levei uma matéria da Folha de São Paulo sobre como abordar o tema da morte com as crianças, promover este espaço. Eu mostrei para os professores, a gente discutiu e foi muito engraçado. Tinha uma parte na matéria, eu não lembro direito, era algo do tipo: "avisar que morre ou contar que morre, contar para as crianças que os bichinhos morrem, que as pessoas morrem". Tinha uma frase na matéria, algum profissional falando sobre isso. E aí foi a piada do dia: "então a gente precisa de um especialista para dizer que um bicho morre?" É muito fácil falar quando você não está dentro.

PES: Por isso mesmo que o meu trabalho pretende ouvir os educadores sobre as principais limitações da escola. Você traz alguns perigos sobre abordar o tema da morte na escola. Então, na sua opinião, o tema poderia ser abordado com algumas ressalvas? É fundamental ouvir os educadores sobre isso.

CAMILA: *Sim, sim, sim.*

PES: O que seria para você, então, estar preparada para abordar o tema da morte na escola? Além do embasamento teórico?

CAMILA: *O embasamento teórico e a disponibilidade, isso é fundamental, você querer isso.*

PES: E você se considera disponível?

CAMILA: *Eu acho que até demais.*

PES: E isso te causa um intenso sofrimento?

CAMILA: *Não, não causa um intenso sofrimento não. "Até demais" não só em relação ao tema da morte, mas em relação ao amor, os alunos pedem conselhos para nós. Aí eu passo lição na lousa e pergunto o que eles querem saber. Aí a gente fica conversando, entendeu? Eles falam que o namorado traiu e não sabem se volta ou se não volta. Então, eu acho que você tem que estar disponível, preparado, isso é tão complicado. Se você pensa em estudar a morte especificamente: "hoje vou falar sobre o tema da morte, sobre luto, sobre perdas". Mas, tirando isso, eu acho que a morte já está inserida na escola, como eu já falei pra você e a gente se esquece disso.*

PES: A morte já está inserida na escola?

CAMILA: *Principalmente nas disciplinas de humanas: História e Geografia quando você fala sobre guerras, disputas políticas, a fome, a miséria (...) quando "fulano" morreu assassinado, enforcado, guilhotinado, isso é o tempo todo. Quando você passa um filme para as crianças ou para os adolescentes que fala sobre a morte no sentido de ter uma História, por exemplo, do pai que morre, do irmãozinho que morreu. Então, o tema já está abordado. Outras matérias como educação artística, você aborda a morte da arte ou quando você vai falar da vida do pintor. O que mais? Quais são as outras matérias? Ciências você fala de morte direto. Você fala do ciclo da vida, da cadeia alimentar. Física quando você vai estudar o corpo caindo no chão. Você até pode falar em tom de brincadeira, mas você está abordando o tema da morte de alguma maneira. Química eu já não sei (...) Literatura você aborda o tema da morte o tempo todo. Eu posso dizer isso porque é a minha matéria, eu vejo isso, não tem como não abordar.*

PES: Você poderia me dar alguns exemplos de poemas?

CAMILA: *Tem vários, depois eu te passo alguns*[70]*, mas tem bastante. Você pega, por exemplo, "A um ausente*[71]*" do Carlos Drummond de Andrade; "A morte a cavalo" do Drummond; "Visita" de Ferreira Gullar; tem vários da Cecília*

---

[70] Camila me mandou um e-mail alguns dias depois da entrevista com várias referências que foram citadas ao longo desta pesquisa.

[71] Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência

Meirelles; tem um que eu estava lendo hoje da Ana Cristina César que ela fala sobre a sensação de estar numa UTI, presa lá e no final ela se suicida, então ela passa por vários poemas e se suicida realmente, ela como poeta. E ela tem vários poemas sobre suicídio (...) tem um livro que chama "Anatomia da depressão - Louco no oco sem beiras[72]" que eu sempre trabalho alguns trechos com os meus alunos. Nossa! Tem tanta poesia: Fernando Pessoa, os românticos, não dá para falar dos autores românticos sem falar de morte. Os caras querem se matar pela donzela, a donzela inatingível. Desde o trovadorismo, quando você vai falar de trovadorismo, nossa, tem morte em tudo ali, não tem como. Romances também, tem romances lindíssimos sobre morte: "Memórias Póstumas de Brás Cubas[73]" é um romance que eu gosto muito; tem a "A Terceira Margem do Rio" do Guimarães Rosa que é maravilhoso[74] e tem vários contos inspirados nesses que são lindos também como "Fita Verde no Cabelo" do Guimarães Rosa que eu trabalho com as crianças, eu costumo chamar meus alunos adolescentes de crianças. Este livro sinteticamente é muito complicado porque é Guimarães Rosa, ele vai trabalhar neologismo, então você tem que acompanhar junto com o aluno. É inspirado no "Chapeuzinho Vermelho", a menina então tinha uma fita verde no cabelo e ela perde esta fita verde que simboliza a inocência. Ela chega e a sua avó está muito doente, está pálida, e a menina pergunta para a avó porque ela está assim. A avó diz que é porque nunca mais vai poder a abraçar, a beijar e diz porque tem muito medo do lobo. E a vovó morre. Sinteticamente é um livro muito difícil, mas construir a História junto com os alunos é lindo. "A Menina de Lá" que é lindo, também do Guimarães, ela deseja tudo que ela quer e um dia ela deseja ir para o céu e deseja um caixãozinho rosa. E como ela desejou, vai acontecer porque tudo o que ela desejava acontecia. E os pais ficam naquela dúvida: "dar

---

de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.

[72] Barbosa, Frederico (2001). **Louco no Oco sem beiras – anatomia da depressão.** São Paulo: Ateliê Editorial. Louco: sem o domínio da razão; no oco: no mais pleno vazio: sem beiras: sem limites. “Um Sujeito que se perde e perde seu lugar no mundo. É um livro que vai desnudando lentamente nossa agonia diária diante das intempéries da vida”.
Fonte: http://louconooco.sites.uol.com.br/linaldo.html

[73] Publicado em 1881 pelo escritor brasileiro Machado de Assis. O livro costuma ser associado à introdução do Realismo no Brasil. É narrado em primeira pessoa pelo defunto Brás Cubas, que escreve a própria biografia a partir do túmulo (sendo, portanto, segundo o próprio, não um autor-defunto, mas o primeiro *defunto-autor* da História, que é caracterizado por ter morrido e depois escrito).

[74] *A terceira margem do rio* é um conto de Guimarães Rosa, onde o autor aborda a loucura e o abandono com a poesia e a linguagem que caracterizam o grande escritor. Trata metaforicamente a origem, o destino e a travessia, a necessidade de viver as águas, ora violentas, ora calmas, do rio com o objetivo de chegar ao lugar almejado. O conto termina quando, num ato desesperado, o filho se oferece para ficar na canoa no lugar do pai e foge com a aproximação do mesmo. A iminência de se tornar rio e o primeiro gesto do pai depois de tantos anos o preenchem de medo. O filho pede perdão pelo "procedimento desatinado", mas o pai desapareceu para sempre no rio.

um caixãozinho rosa ou não dar"; "se a gente der, a gente vai estar legitimando a morte dela, vai estar aceitando, vai estar corroborando para a morte dela e aí?". É lindo, lindo, lindo. Tem várias coisas lindas sobre a morte.

PES: Se você puder me passar este material depois, seria muito legal. Como é importante vocês da área da literatura poderem contribuir com nós da psicologia, isso é fundamental. Estes recursos são tão importantes, poder trabalhar com os alunos o tema da morte de uma forma mais poética, não tão intensa como você aponta, com outros tipos de abordagem (...)

CAMILA: *Nossa, eu tenho várias coisas. Da Cecília Meireles também tem muita coisa.*

PES: Então, você já falou bastante sobre as mortes concretas, sobre as mortes simbólicas na escola, o que mais você se lembra além da separação dos pais? Que outros temas aparecem na escola sobre isso?

CAMILA: *Você tem por exemplo, você tem tudo, desde um menino que tem deficiência, o portador de necessidades especiais, ele está convivendo o tempo todo ali com algum tipo de morte simbólica ou um aluno da escola que eu trabalhava que tem esquizofrenia que pegou uma cadeira e jogou na cabeça do outro. Aí o menino foi parar no hospital, abriu a cabeça, aí o que ele alegou foi que as vozes mandaram ele jogar a cadeira. Aí a escola não queria, os professores não queriam continuar com ele, por medo, porque não sabiam o que mais ele poderia fazer. Os alunos estavam com medo, todo mundo estava com medo. Mas aí o conselho tutelar decidiu que ele tinha direito de continuar na escola. Aí os alunos se organizaram, os pais dos alunos se organizaram e decidiram ameaçar o menino dizendo: "não volte porque aqui não tem lugar para você". E aí então este aluno não voltou mais para a escola, mas os professores passam a matéria para ele e ele está acompanhando assim até o fim do ano. Isso é uma morte simbólica, a ausência da escola para este aluno. Eu acho que até a questão dos outros alunos conviverem com isso. O que foi para os outros meninos aquilo? O que foi para os professores aquilo? Eu não dava aulas para este aluno, mas eu via os professores extremamente assustados, sem saber lidar com isso. Eu vi professores com falas do tipo: "legal, e se ele atacar uma cadeira em mim, o que eu vou fazer? E se ele atacar uma cadeira na colega? Qual vai ser a próxima coisa que as vozes vão dizer para ele?" Aí foi uma psicóloga na escola, o conselho tutelar mandou uma psicóloga e ela fez aquela famosa dinâmica em grupo de pegar uma bola e atacar ou pegar um novelo de linha e falar: "olha, precisa da cooperação de todo mundo". A fala dela era mais ou menos assim: "vocês precisam acolher o menino, o problema é que vocês não acolheram o menino, não ouviram o menino". Foi uma fala extremamente agressiva. E eu que sou meio geniosa, eu peguei a bola e tomei as dores dos meus professores. Se eu tivesse na situação deles, eu também teria ficado assustada, acuada, do menino atacar uma cadeira em mim. Aí eu peguei a bola, joguei e falei para a psicóloga: "então segura você". Ela não percebeu e não segurou a bola. Aí eu falei: "tá vendo, você também não está conseguindo acolher". Então eu acho que é uma morte simbólica para todos os lados, não só para o aluno. Eu acho que vocês principalmente psicólogos pensam sempre no lado dele (do aluno), mas e o nosso lado (do professor)? E o nosso medo? E ainda ouvir de um psicólogo que a gente não acolheu, que a gente não deu amor, que a gente não ouviu? Quase dizendo que a gente não soube prever aquilo, que a gente devia ter o controle da situação, isso é muito complicado.*

PES: Como será que esta psicóloga poderia ter ajudado os professores nesta situação?

CAMILA: *Ter explicado o que é esquizofrenia, ter explicado o laudo dele pra gente, ter explicado quais os cuidados que nós deveríamos ter. Ter explicado o que é esta situação. Não ter deixado a gente no desconhecido. Você tem uma gama de professores dizendo que o aluno atacou uma cadeira porque "as vozes mandaram ele atacar". Aí os professores não sabem até que ponto foram "as vozes" mesmo ou porque ele tinha um laudo e estava se justificando através dele. Então eu acho que é este desconhecido. Talvez na questão da morte concreta também seja isso. Seja você poder mostrar para o professor caminhos de como trabalhar a morte e não culpabilizá-lo falando que ele não ouviu o aluno. A questão é sempre explicar o que é, a informação é sempre mais prudente. Muitas vezes quando você exclui alguém, você exclui por falta de informação. Eu acho que o medo parte muito de uma ignorância. Eu fiquei com medo deste aluno, do que poderia acontecer com os meus colegas. Este medo pode ser por uma ignorância. Eu não faço a menor idéia do que seja uma esquizofrenia realmente, do que pode acontecer. Não adianta o psicólogo dizer que o professor não soube ouvir. Ouçam vocês e expliquem isso pra gente. Mas deve ter mais mortes simbólicas na escola (...)*

PES: Você falou em adoecimentos (...)

CAMILA: *Sim, adoecimentos. Quais outros exemplos são mortes simbólicas?*

PES: Você teria algo a me contar sobre o bullying escolar? Você vê alguma relação com as mortes simbólicas?

CAMILA: *Eu nunca presenciei o bullying na escola. O único bullying que eu presenciei, eu acho que é um "pseudobullying". É uma relação doentia que o aluno tem com a mãe, todos os professores já perceberam isso na escola, só a mãe que não quer admitir. Então, o menino é extremamente perverso, ele machuca os colegas e os colegas acabam descontando no menino, mas porque ele fez antes. E este menino sempre se coloca no papel de vítima. Ele nunca abre o caderno para fazer nada, mas ele sempre se coloca no papel de bonzinho, vítima. Aí teve o caso que ele pegou a caneta de uma menina, ele sempre mexe com todo mundo, e escondeu a caneta da menina. E eu vi o aluno escondendo a caneta da menina. Aí a menina veio reclamar para mim: "professora, ele pegou a minha caneta". Aí eu pedi para ele devolver a caneta para a menina. E ele disse que não tinha pegado e não sabia de nada. Qualquer aluno que você pede para devolver alguma coisa que ele pegou, ele devolve e acabou. E ele não. Aí eu o vi pegando a caneta da menina e colocando debaixo da carteira dela. Aí ele falou: "olha professora, ta vendo a caneta dela? Tava aqui o tempo todo, eu não fiz nada, ela me persegue". E eu falei que tinha visto ele pegar a caneta dela. E ele continuava dizendo que não tinha feito nada, que eu estava inventando. E este menino teoricamente sofria de bullying.*

PES: O que seria bullying pra você?

CAMILA: *O conceito que eu tenho, não sei se é este, mas é um aluno, um adolescente, ele pode ter algum tipo de diferença que os colegas vejam como diferença e começam com agressões verbais, morais, físicas (...) a sala inteira fica em cima deste menino. Com este aluno é exatamente isso que acontece: a sala inteira em cima dele. Só que antes disso ele xingou a mãe do outro. E aí o menino vem e bate nele. E ele fica neste papel de vítima, dizendo que a sala inteira o persegue, a sala inteira o bate. E a mãe vem na escola porque a sala inteira bate nele e ninguém toma providências. Aí fizeram uma coisa que eu achei super interessante: organizaram uma reunião desta mãe com os pais dos outros alunos pra ver o que estava acontecendo. E com a presença dos alunos também. Eu achei isso super bacana. Porque tudo o que a gente tentava falar esta mãe respondia: "meu filho é um santinho. Meu filho não assiste televisão, meu filho não sai na rua sozinho". No primeiro dia de aula, esta mãe entrou com o menino dentro da sala de aula, um aluno de 6ª serie. Esta é uma coisa que você não vê. Ela pediu licença na minha aula e entrou com ele na sala. Ela disse que era o primeiro dia do filho e ele estava muito assustado. E eu falei: "seja bem vindo"*

PES: O que você está chamando de "pseudobullying"?

CAMILA: *Porque ele provoca. Ele provoca e apanha. É a relação que se estabelece na sala de aula. Quer dizer, o papel do professor é intervir, mas eu não posso falar para a sala que este aluno está sendo vitimizado, que ele está sendo perseguido pelos colegas. Aí a mãe começou a dar presentinhos para os colegas para ver se eles começavam a gostar do filho dela. Então ele distribuía. Todo dia ele atrapalhava a minha aula distribuindo presentes para os colegas. E criança, adolescente adora isso. Eles pegavam os presentes, é uma coisa de sedução. Continuaram batendo nele, mas pegaram os presentes. Teve um dia que ele percebeu isso e jogou os presentes, os adesivos no chão. E os alunos ajoelhavam para pegar os presentes, era uma situação extremamente degradante. Os alunos se tapeando para pegar os adesivos que estavam no chão e ele rindo e jogando mais, mais e mais.*

PES: E esta reunião ajudou em algo?

CAMILA: *Não, este aluno continua com esta perversidade. E a mãe continua achando que ele é um anjinho. Normalmente quando chamamos os pais eles tentam entender se foi o seu filho ou não que provocou a situação de briga ou conflito. A mãe assume a postura do aluno. Eu não sei, na verdade, como abordar uma questão de bullying. Mas eu acho que é uma morte simbólica sim.*

PES: Qual seria a relação entre bullying escolar e morte simbólica?

CAMILA: *Eu acho que você tem várias mortes ali. A perda de uma relação saudável que os outros colegas estão tendo. A perda da amizade com os demais colegas. Você vê os seus colegas tendo uma amizade e você não conseguindo instaurar aquilo. Eu acho que aí está a grande morte simbólica. Esta discriminação é uma perda enorme. A perda de não poder se envolver com os colegas, de não poder sair com os colegas para o shopping, de não poder participar daquela vida social que eles estão tendo e que você não está tendo. A perda de não poder "ficar" com as meninas da sala porque ninguém quer ficar com este menino. No caso daquele aluno ninguém queria ficar com ele, ninguém o suporta, mas porque ele agride. No caso dele é terrível. O que esta mãe está fazendo com este menino é terrível. A vida da gente é repleta de perdas. Foi em algum lugar que eu vi, acho que na televisão, a pessoa estava falando alguma coisa assim: "a vida da gente é repleta de perdas. Você não pode pensar no alcance da felicidade de forma linear. A perda é uma constante". Eu acho que tudo relacionado à vida tem mortes. Não sei se isso é bom, mas (...)*

PES: E as mortes escancaradas que invadem nossas casas, nossas vidas. Estas mortes também chegam até a escola? Os adolescentes, ao terem acesso a estas mortes através dos meios de comunicação, eles levam estas situações para a sala de aula?

CAMILA: *Sim, sim, sim, ainda mais hoje com o YouTube. Estes dias eu estava com o meu irmão e a gente estava vendo uns vídeos. Lá tem cenas reais da vida das pessoas, não é mais filme. Cenas, por exemplo, de pessoas sendo atropeladas, de suicídios. Tem um sobre uma pegadinha e o cara não gosta da pegadinha e dá um tiro na pessoa que estava fazendo a pegadinha. Hoje em dia tudo o que você quiser você acha lá. E as crianças, eu chamo meus adolescentes de crianças e eles ficam irritados comigo, eu tenho uma relação de cuidado muito forte. Então, sobre o YouTube, este eu nem quis ver, mas o meu irmão falou que tem um vídeo de um leão comendo uma criança. Imagina você ver uma cena dessas?*

PES: E como é a relação destes vídeos no YouTube com a escola? Os adolescentes fazem comentários? O que você percebe em relação a isso?

CAMILA: *Estas mortes escancaradas, este tipo de morte vem acompanhado de comentários, risadas e ironias. É diferente de quando eles veem alguém estirado no chão na porta da casa deles quando se trata de favela. A morte dos meios de comunicação aparece com uma certa ironia, um certo sarcasmo. Diferente deles terem uma ligação com aquela morte: a morte de algum vizinho ou algum amigo. Você acha de tudo no YouTube, como por exemplo aluno agredindo professor ou professor gritando com aluno.*

PES: Como você lida com estes comentários sobre a internet na sala de aula? Você acha possível fazer algum trabalho com os adolescentes em relação a isso: morte e internet? Porque a possibilidade de controle aos acessos do jovem à internet é muito complicado (...)

CAMILA: *Como você pode trabalhar com isso? Mostrar o vídeo você não vai. Em razão da postura crítica que eu falei, impede mostrar estes vídeos para os alunos no sentido de que nem todos querem ver, não são todos que veem. Você tem os evangélicos, os crentes, aqueles que não querem ver. Por exemplo, quando eu vou dar aula sobre Gregório de Matos que tem muitos palavrões e cenas fortes, eu aviso: "aula que vem se não quiser vir não precisa vir. A gente vai falar palavrão porque está na poesia". Então, eu já deixo avisado e tem alunos que faltam. É rico, é obrigatório, mas eu não vou cometer esta agressão com alunos evangélicos, crentes. Esta é uma postura minha enquanto pessoa. Isso porque Gregório de Matos só tem alguns palavrões, nada demais. Agora imagina você vendo um vídeo de um motoqueiro sendo arremessado como alguns que eu já vi.*

PES: Não estou dizendo sobre levar estes vídeos para a sala de aula, mas uma vez que eles assistem e levam comentários para a sala de aula (...)

CAMILA: *Para os adolescentes levarem comentários da internet é muito difícil. É igual filme pornográfico: eles veem escondidos e não te contam. É diferente, por exemplo, quando passa na televisão, foi aberto para todo mundo. O adolescente vai à procura do proibido na internet assim como o filme pornográfico. Então ele não vai te contar, você está no papel de adulto, ele vai contar para o amigo dele. Agora filmes de morte os adolescentes veem. Então, a morte escancarada chega até a escola pela televisão. Os adolescentes comentam quando alguém morre. Quando tem um assassinato aberto para a sociedade, não quando é um segredo.*

PES: Quais foram alguns comentários sobre a morte escancarada na escola?

CAMILA: *Tem vários. Eles comentam os casos de assassinato. Um caso super famoso foi o da Isabella*[75]*.Os alunos comentaram muito, eles falaram: "jogaram a menina da janela, você viu professora? Que mundo estamos?" E eu falei: "isso acontece desde que o mundo é mundo. Aí eu expliquei, mostrei vários casos da literatura, levei alguns poemas de 1500, de 1700 mostrando (...)*

PES: Que poemas são estes?

CAMILA: *Agora eu não me lembro, mas tem bastante. Não de mãe matando filho, mas tem de irmão matando irmão, filho matando o pai para subir ao poder (...)*

[75] Caso muito divulgado pela mídia em 2008. No dia 29 de março de 2008 a menina Isabella Nardoni de 5 anos foi jogada do 6º andar do seu prédio, falecendo no mesmo dia. O pai e a madrasta da menina são os principais suspeitos do crime.

PES: E como os adolescentes reagem em relação a isso?

CAMILA: *Eu acho que a gente conversa, a gente reflete, mas é aquela sensação de que não é com você, tem aquele distanciamento. É diferente de quando um aluno chega e fala: "meu avô morreu, minha avó morreu". O assunto da mídia não mexe com as suas emoções. É igual um conteúdo da escola, não vai mexer com as suas emoções, por exemplo falar que Dom Pedro morreu, falar que Brás Cubas morreu, falar que na peça de Shakespeare tem suicídio. Você pode até mexer. Por exemplo tem um poema do Gullar que eu gosto muito, "Visita"*[76]*, este eu sei de cor e eu sempre trabalho com ele com meus alunos. Sempre que eu leio poemas a sala fica em silêncio. Este poema mexe. Talvez porque mexa comigo e eu consiga transmitir isso para os meus alunos. Quando meu vizinho morreu, ele era o meu amigo de infância, ele foi praticar rappel e morreu. E foi muito engraçado, engraçado não foi. Eu não sei porque dizemos isso quando vamos dizer uma coisa delicada.*

PES: Talvez para amenizar os sentimentos de alguma forma, ou distanciar (...)

CAMILA: *É, pode ser.*

PES: Quantos anos você tinha quando seu vizinho morreu?

CAMILA: *Eu tinha 20 anos e ele tinha 19. Nós fomos criados juntos, vizinhos. Lá no meu prédio sempre foi uma coisa muito comunitária, da porta ficar aberta, das pessoas irem entrando. E as minhas vizinhas sentiram muito com a morte dele. Até minha mãe, eu nunca tinha visto ela emocionada com perda nenhuma e com ele ela ficou mal mesmo. Eu acho que esta possibilidade real de perder um filho dela, a morte iminente ali. E as pessoas sempre gostaram da minha mãe para dar conselhos, então elas vão lá em casa e pedem conselhos para a minha mãe. Eu tinha algumas cópias deste poema e quando as pessoas iam lá em casa ela comentava deste poema lindo que eu estava estudando. E eu pensava que esta não era a hora de falar aquilo. Aí ela mostrava o poema e lia junto com a pessoa, com as vizinhas que iam lá em casa em busca de um consolo. E elas choravam juntas. Isso aconteceu várias vezes, a cena se repetia. E depois no final, esta vizinha, pedia para levar o poema embora. Estou contando tudo isso para falar do poder mobilizador da poesia em certos casos. Porque é uma História real: o pai que perde o filho e vai ao cemitério. Eu acho que mexe com os alunos aquilo que mexe com você, a emoção que você passa. E este poema sempre mexeu muito comigo. É um poema maravilhoso, acho que você vai gostar dele, eu gosto.*

---

[76] **VISITA**
no dia de
Finados ele foi
ao cemitério
porque era o único
lugar do mundo onde
podia estar
perto do filho mas
diante daquele
bloco negro
de pedra impenetrável
entendeu
que nunca mais
poderia alcançá-lo

Então
apanhou do chão um
pedaço amarrotado
de papel escreveu
eu te amo filho
pôs em cima do
mármore sob uma
flor
e saiu
soluçando
Gullar, F. (2000) **Toda poesia.** Rio de Janeiro: José Olympio.

PES: Interessante que você passa este poema com intensidade para os alunos, com emoção.

CAMILA: *Desde que eu comecei a dar aulas, com 18 anos, que eu passo este poema. Foi um dia que eu não tinha nada para dar para os meus alunos, eu estava com um livro do Gullar na mão e pensei: "vou passar este poema na lousa e comentar". Foi aí que eu vi o quanto aquilo mexeu. Alguns alunos choraram. E mesmo quando você não quer, às vezes você está dando aula de literatura e alguma coisa mexe de alguma forma.Tem sempre um aluno que começa a chorar. Por exemplo: você está falando de amor. E aquilo de certa maneira mexe com o aluno. A literatura tem o poder de mobilizar emoções. Eu amo literatura.*

PES: Na escola em que você está inserida você considera que há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou do educador com os adolescentes?

CAMILA: *Eu acho que o espaço é você quem faz. Por exemplo, quando eu levei o artigo da Folha de São Paulo sobre o tema da morte e as crianças. Houve uma abertura, alguns falaram: "que legal, vou trabalhar com os meus alunos". E você pode interditar o espaço também. Eu acho que o espaço ocorre quando você dá esta abertura. Eu acho que não é a escola em si que abre ou fecha o espaço para a comunicação sobre o tema da morte. Eu acho que o espaço é o educador quem faz. Eu sempre falei muito sobre morte com os meus alunos, a sala de aula é você quem faz. Eu nunca tive um pai reclamando comigo porque eu falei de morte com os alunos. Eu nunca tive um diretor reclamando comigo. Eu acho que a gente usa muito esta desculpa. Por exemplo, no caso da minha aluna que se cortou: eu poderia ter dialogado se eu tivesse disposta, eu poderia ter aberto este espaço. Eu não quis. Eu posso muito bem dizer que foram os outros que não quiseram. O espaço estava ali, eu talvez quisesse me comunicar, mas ao mesmo tempo eu me fechei, havia um tabu meu ali que se formou. Eu realmente acredito que o espaço é a gente quem faz (o professor). Na escola pública você tem este espaço. Na escola particular você também tem espaço, basta você criar. Eu acho que você cria o espaço a partir do momento que você mostra sua seriedade e competência naquilo que você está fazendo. Por exemplo, eu fiz uma reunião estes dias para entregar o boletim pra todo mundo e esqueci de um aluno. Então, mesmo que você faça algumas coisas erradas, mas mostre a sua seriedade, a sua competência, a sua falha, admitir que você errou. Quando isso ocorre a escola respeita, todo mundo respeita. Eu dei uma aula sobre amor na feira cultural, entendeu? E foi muito interessante porque eu fiz os slides em power point e quase só usei frases sobre a morte.*

PES: Eu acho que o que você está dizendo é que a sua disponibilidade varia muito com a situação, com o assunto a ser abordado. De acordo com a sua mobilização também, como cada situação reverbera dentro de você.

CAMILA: *Eu acho que qualquer escola sempre está aberta a este tema desde que você mostre a seriedade, que você mostre para que você veio. Eu realmente acredito que a escola está aberta ao tema da morte desde que você esclareça*.

PES: E quem dentro da escola está "mais preparado" para abordar o tema da morte com os alunos?

CAMILA: *Aquele que estiver mais disponível.*

PES: E você já falou um pouco sobre o preparo dos profissionais para abordar o tema da morte na escola. Sobre as necessidades de conhecimento, falou sobre o preparo teórico, o que mais você teria a acrescentar? Você acha que as experiências com a morte dos educadores poderiam ajudar nestas atividades?

CAMILA: *Eu acho que sim. Quando eu não tenho muito o que falar e um aluno me conta que perdeu alguém muito especial na vida dele, eu falo que também já perdi. Eu acho que isso ajuda mais do que qualquer coisa. Você mostrar que não está falando "da boca pra fora", mas que você é compreensível àquele sentimento. Eu não sou contra o trabalho da morte na escola, muito pelo contrário, mas eu acho que a gente tem que tomar muito cuidado para saber como vai ser feito este trabalho.*

PES: Na sua opinião, quais são os principais cuidados que devem ser tomados?

CAMILA: *Eu acho que o maior cuidado é não incitar sentimentos ruins nos educandos e o compartilhamento também.*

PES: Você já falou um pouco sobre isso, quais seriam instrumentos facilitadores para a discussão sobre o tema da morte na escola?

CAMILA: *Podemos usar filmes, televisão, jornal, música, fotos, imagens, pinturas na aula de artes (...) tem tanta coisa (...) eu acho que a gente só não pode cair no risco de fazer a morte, a perda individual de um aluno como o tema da aula.*

PES: Então a abordagem do tema não deveria focar uma experiência individual de um aluno? Quais seriam os riscos disso?

CAMILA: *A não ser que o aluno queira. Só que o professor adora "escarafunchar". Ás vezes, não é nem por maldade ou ingenuidade, mas pensa, Cláudia, você está numa sala com 30, 40 alunos, entendeu? Às vezes, no Ensino Médio, são 50 alunos. E você está fazendo uma atividade e você nem para para pensar o que você está fazendo, como você está agindo. Eu pedi uma redação para os meus alunos no ano passado, para eles escreverem uma poesia sobre o que eles quisessem, era um tipo de um sarau, e aí eu fui pedindo para eles lerem, que bonito, e o próximo, o próximo, o próximo? Aí teve uma aluna que me disse que não queria ler. E eu achando que era timidez, queria que todos falassem e falei: "pode deixar que eu leio pra você". E ela falando que não queria ler e eu não queria abrir esta exceção para ela (não ler a produção dela) porque senão teria que abrir pra todo mundo. Quando eu disse que eu então leria para ela, ela pediu para ir ao banheiro porque não queria ouvir, não queria ver a reação da sala. E eu naquele ritmo frenético, nem parei para pensar e falei: "vai ao banheiro enquanto eu leio e depois você volta". Isso tudo para não abrir exceção aos outros alunos também. Foi o ritmo que me fez agir daquele jeito, me arrependi muito. E aí eu li. Ela contava que não conhecia o pai, que o sonho dela era conhecer o pai, ela contava todos os sentimentos que tinha em relação ao pai. Eu li e falei que era a redação daquela aluna. Aí eu olhei para eles de maneira séria e falei: "ninguém comenta nada, ninguém fala nada, piadinhas terão conseqüências" Ela só tinha autorizado a leitura de tanto eu insistir. Eu tenho consciência do que eu fiz. Era um conteúdo muito íntimo desta aluna. Aí na hora que ela voltou, a sala inteira estava quieta e eu escrevi no caderno dela: "obrigada por ter compartilhado, foi muito emocionante, você emocionou a sala com a riqueza do seu depoimento". E colei um adesivinho com um "smile" e entreguei para ela. E aí ela começou a gostar de mim. Mas aquilo foi um risco muito grande. A crueldade que aquilo poderia ter se tornado sem que eu me desse conta.*

PES: Mas você pôde repensar a sua atitude, assumir o seu deslize (...)

CAMILA: *Mas, às vezes, você não percebe.*

PES: O nosso cotidiano de trabalho pode, muitas vezes, nos alienar da nossa própria postura profissional (...) e quando abordar o tema da morte na escola, em que situações? Deveria ocorrer a inserção do tema nas atividades pedagógicas e/ou deveria ser um tema abordado quando ocorressem situações relacionadas à morte no cotidiano escolar?

CAMILA: *Nas duas situações. Inserção em propostas pedagógicas, a meu ver, já acontece naturalmente no cotidiano, basta a gente querer usar. As sequências didáticas feitas em relação à morte a gente tem que tomar muito cuidado para que isso não se torne obrigatório. Eu acho que quando se coloca obrigatoriedade numa questão como esta (o tema da morte), é muito complicado. Ela tem que ser algo que o profissional eleja como algo que ele queira "abraçar". Sem premiações também. Quando você coloca uma premiação, o profissional faz. Um bônus qualquer, um incentivo, que seja dez reais, o profissional vai fazer por aqueles dez reais. Que seja uma canetinha, o profissional vai fazer por causa daquilo. Então, não pode ter este tipo de incentivo, porque, às vezes, acontecem casos como aconteceu comigo com a menina nesta loucura frenética de fazer alguma coisa. Então, a gente tem que tomar muito cuidado. Acho que o mais importante é a conscientização daquele profissional. Agora, quando acontece uma morte ou situações relacionadas ao tema da morte, quando morre alguém importante, eu acho importante aquilo ser trabalhado. O caso Isabella foi trabalhado naturalmente em sala de aula, todo mundo comentou. Eu acho que a morte dentro da escola deve ser trabalhada por mais que doa, aquilo tem que ser, nem que seja sofrer junto, compartilhar junto, aquilo tem que acontecer de certa maneira. E as mortes relacionadas aos alunos, seus pais, tios, avós, eu acho que isso tem que haver abertura do educando. O aluno que tem que dar esta situação como facilitadora, ele tem que abrir para isso. Muitas vezes, nós educadores, "cutucamos", queremos ajudar e fazemos perguntas demais. E aí o aluno não está preparado, não quer falar e a gente pode machucar a pessoa. Podemos acabar expondo os sentimentos deste aluno aos outros alunos que não entendem o sentimento dele e podem tratar aquilo como uma coisa, como uma notícia de jornal. E isso não é notícia de jornal, é alguém que está presenciando, vivendo aquilo. Não é alguém que morreu a facadas como morrem todo dia, foi o pai ou o avô dele que morreu assim. Então, a gente tem que tomar muito cuidado com isso.*

PES: Tem a ver com aquilo que você disse do espaço ser construído junto com os alunos para a abordagem do tema da morte na escola (...) Para finalizar, eu gostaria de fazer duas perguntas relacionadas à adolescência: de uma forma geral, qual é a sua opinião sobre os adolescentes em relação ao tema da morte? Como você percebe, no seu cotidiano de trabalho, as relações entre os adolescentes e a morte?

CAMILA: *Dizem que eles estão no período da moratória, toda aquela questão teórica, de que eles não se preocupam muito com a sua própria morte, mas isso depende de quem. Eu acho que cada caso é um caso. A gente tem que tomar muito cuidado com generalizações neste âmbito. Eu percebo que os adolescentes se interessam muito pelo tema da morte. Tem a ver com esta falta de alguém que fale sobre este tema. Quando eu falo que vou falar sobre a morte, eles querem ouvir. Os adolescentes adoram ouvir falar sobre a morte. E se você não fala, eles cobram.*

PES: Por que será que os adolescentes gostam tanto de falar sobre a morte?

CAMILA: *Talvez por ser um tabu, por ser uma coisa proibida que ninguém fala. Eu acho que isso conta bastante. E na periferia, a maioria dos adolescentes já perdeu bastante gente e ninguém fala com eles sobre isso. E até os jovens que não são de escolas periféricas (...)*

PES: Você sente que o tema da morte não é abordado com os adolescentes também nos espaços fora das escolas?

CAMILA: *Em igrejas eu acho que o tema é abordado. Você já viu estes programas evangélicos? Acho que eles não falam também, eles só falam em vida e em vencer, vencer, vencer. Acho que eles não falam sobre a morte também. Mas se fala da Bíblia que tem várias mortes, acho que se fala em morte nas igrejas. Eu acho que você "conversa" sobre a morte com o seu computador, com a televisão onde você tem várias notícias sobre a morte, você "conversa" com o jornal, com a sua mãe sobre o vizinho que morreu. Mas talvez não tenha um espaço para o compartilhamento entre os jovens. Mas você ouve sobre o tema da morte. Ouve, mas talvez os adolescentes não compartilhem os sentimentos, não sei (...)*

PES: E quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas? O que mudaria na vida dos jovens se este tema fosse mais abordado nas escolas, as *várias mortes* que discutimos?

CAMILA: *Em filosofia se fala da morte, esqueci da filosofia que agora é obrigatório no Ensino Médio. Mas se muda alguma coisa na vida dos adolescentes falar sobre a morte? Eu também acho isso difícil de se generalizar. Acho que depende do caso. Alguns alunos vão fazer daquilo como assistir ao jornal, vão fazer aquilo de uma maneira defensiva, vão refletir sobre aquilo como algo distante e outros alunos não. Depende da maneira como cada aluno é tocado. Não consigo generalizar. Depende do adolescente, do educador, do contexto. Eu acho que depende mais do adolescente do que do educador. Eu acho que as mudanças no adolescente dependem muito mais dele do que do educador em si. Eu acho que a gente educa mesmo sem saber. A gente só tem que tomar cuidado para não cometer atrocidades em sala de aula porque muitas vezes a gente comete sem perceber. Eu acho que é só isso.*

PES: Gostaria de saber se você quer me perguntar alguma coisa. Da minha parte, eu agradeço muito pela sua atenção. Neste momento da entrevista, Camila comenta sobre a experiência de ter cursado as disciplinas sobre o tema da morte no Instituto de Psicologia da USP. Esta experiência foi descrita nas impressões do meu contato com a entrevistada.

ANEXO 7: ENTREVISTA TELMA *(desenvolve trabalho em várias escolas públicas e particulares)*

Pesquisadora (PES): Gostaria de agradecer novamente a sua participação na minha pesquisa e a sua disponibilidade desde o meu pedido para a realização desta entrevista. Eu vou te falar novamente quais são os principais objetivos da minha pesquisa e, a partir daí, vou te fazer algumas perguntas a respeito da sua experiência. Bom, meu principal objetivo consiste na *"reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar".* Eu sei que sua principal atuação não é com adolescentes, você me disse que vai estar se referindo mais às crianças, mas, da mesma forma, eu gostaria de ouvir suas experiências e suas opiniões em relação ao tema da morte nas escolas. Pra começar, qual é a sua idade?

Entrevistado 5 (TELMA): *38 anos.*

PES: Gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional. Aquilo que você achar mais importante de me contar: onde você já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções que você já desempenhou e hoje desempenha e também algumas características do seu cotidiano de trabalho.

TELMA: *A minha formação é em Psicologia, me formei em 1995. Quando eu terminei a graduação, já no mês de janeiro seguinte, eu estava desenvolvendo um trabalho em clínica supervisionada e depois eu comecei a oferecer palestras em escolas através de amigas que me pediam: "você não pode falar sobre sexualidade para adolescentes?" Então foi assim, com uma palestra foram surgindo mais palestras até que começou a ficar "sério", deixou de ser voluntário, e eu comecei a prestar serviços para escolas públicas tratando de assuntos polêmicos para os jovens: profissão, drogas, sexualidade e muito mais. Fui também professora de ciências, na época do ginásio, hoje Ensino Fundamental. Então fui fazendo um paralelo entre a clínica e a escola, tendo também muito contato com adolescentes e depois eu passei a trabalhar somente no consultório. Mais tarde, conheci a parte de recursos humanos em empresas e fiquei 4 anos nesta área. Minha trajetória, depois, passou pelo hospital psiquiátrico que foi uma das grandes riquezas no cuidado as pessoas, maiores de 18 anos, mas com comportamentos próximos da adolescência. Na clínica eu atendia bastante as garotas adolescentes. Foi no hospital que eu conheci esta associação que se chama ASEC (Associação pela Saúde Emocional da Criança) onde tem o programa Amigos do Zippy no qual eu tenho a função de (...)*[77]*. Eu apresento e ofereço o programa para várias instituições, escolas, secretarias de educação, prefeituras, empresas e cuido deste processo até o final que é a capacitação de professores e monitores. Hoje eu trabalho só com este programa porque também não me sobrou mais tempo nem para o consultório, nem para o hospital, nem para RH. Mas eu sinto que todos estes trabalhos que desenvolvi na minha trajetória me ajudam para o que faço hoje.*

PES: Hoje você está desenvolvendo o programa "Amigos do Zippy" em quantas escolas?

TELMA: *Aqui (...) nós temos 64 salas de aula, uma média de 30 escolas públicas e particulares, sendo a maioria pública. Também desenvolvo este trabalho em creches, com crianças de até 6 anos e também com crianças de 7 a 8 anos nas escolas.*

PES: Eu queria saber, qual seria para você, em linhas gerais, o papel da educação?

TELMA: *Hoje, primeiro de tudo, é a "base", é o limite, poder conhecer e explorar o que tem de novo. Pra mim educação é a base humana, é o permitir se conhecer. Eu não acredito que educação seja só aprender a matemática, o português, mas a escola em si é também a escola da vida, onde a criança aprende a se relacionar, aprende o que é respeito e tudo o mais. Acredito que educação não são somente as matérias acadêmicas, mas todo o convívio com o professor que é mais velho etc.*

PES: A educação, então, é para além das disciplinas escolares?

TELMA: *Muito além.*

PES: Você vê relações entre o papel da educação e o tema da morte?

TELMA: *Hoje, com o trabalho que eu faço, eu vejo relações porque a morte está em todo momento. Hoje eu vejo as pessoas falarem de morte sem perceber. Hoje mesmo, de manhãzinha, meu filho me contou que morreu atropelado um aluno da escola do pai dele. E foi notícia no jornal local. Aí perguntei para o meu filho como estava o pai dele e ele me disse que o pai e as pessoas estavam muito tristes. Então, assim, eu acho que a educação não dá o valor devido, não tem a consciência que a morte está no processo do dia a dia. Fala-se pouco sobre a morte, fala-se muito superficialmente. Não se dá a devida importância para o quanto a morte está na nossa vida. Parece que a morte ainda é algo invisível e, quando ela fica muito próxima, parece que tem um tratamento superficial em relação ao que deveria ser feito, No meio da educação, eu vejo, pelo menos neste trabalho que eu desenvolvo, que a morte poderia ser uma matéria primordial. Se déssemos o devido valor para a morte, trabalharíamos muito melhor a vida. Se falássemos mais, conversássemos mais, se nos abríssemos mais sobre a morte. Se não tivesse mais um tabu sobre isso. Respondi sua pergunta?*

PES: Sim, respondeu. E as respostas às minhas perguntas podem ser acrescentadas ao longo da entrevista, não se preocupe com isso. Os temas vêm e vão no processo da entrevista, pode ficar tranquila em relação a isso. As idéias e opiniões podem ser retomadas. Não há resposta completa ou incompleta. Bom, continuando, você já falou um pouco sobre isso, retomando: como você percebe o tema da morte na sociedade atual?

[77] Alguns dados foram ocultados para a manutenção do sigilo da entrevistada.

TELMA: *Eu sinto que as pessoas acham que a morte é algo que chega só até a casa do vizinho, mas não chega na minha casa. E se chega ela pode ser vergonhosa, silenciosa, as pessoas fogem e disfarçam. Até mesmo, a gente percebe nos velórios, as pessoas não chegam sentindo a dor do outro, ela não quer sentir a dor do outro. Elas chegam e falam: "meus sentimentos" e para nisso. Se a pessoa de repente chora a outra diz: "para de chorar". Então, a sociedade e nós temos muito a aprender ainda com esta questão da morte. Ela é pouco explorada, pouco sentida, pouco permitida.*

PES: Entendi. E, na sua opinião, quais são os temas relacionados à morte que estão mais freqüentes no contexto escolar? De uma forma geral, quando você pensa na sua experiência, na sua atuação profissional?

TELMA: *Eu acredito que é a violência, ela traz muitas mortes. É o dia a dia, tanto das crianças como dos adolescentes. E o poder associado. Eu vejo os adolescentes e esta questão de alguém ter o poder de matar alguém, ter o poder da morte de alguém. Então esta questão vem muito forte para os jovens: "alguém pode tirar a minha vida". Vem muito medo associado também, isso está dentro das casas das crianças e dos jovens. Esta convivência vem desde muito pequenos, as Histórias como "Bela Adormecida[78]", os desenhos animados que tratam a morte como o "Super Homem". Eu me lembro de um garoto de 6 anos falando assim: "meu pai morreu queimado e o Super Homem não se queimou em determinada situação. Então, eu quero ser como o Super Homem, não quero ser como o meu pai. Meu pai é mortal e o Super Homem é imortal". Então, as crianças convivem muito com estas Histórias, a morte não é distante para as crianças. Parece distante, mas não é. Na adolescência eu já vejo a morte muito próxima. Os adolescentes se arriscam muito, fazem muitas brincadeiras, correm muitos riscos: aprendem a dirigir sem ter idade para isso, a roleta russa nas escolas públicas, a gente escuta deles o que eles fizeram, o uso de drogas excessivo, o convívio com a morte muito de perto e não dá o devido valor, se aquela morte tem uma importância ou não. O amigo morreu e talvez ele mesmo morra amanhã. Porém, mesmo a morte estando tão próxima, parece algo muito distante para o adolescente. Eles convivem com a morte muito de perto, mas não sentem, não dão o devido valor.*

PES: Como assim "o devido valor"?

TELMA: *Na verdade os jovens não dão o devido valor para a vida. Eles se arriscam mesmo. Eles dizem: "estou perto da morte, quero ver se ela vai me pegar". É como se os jovens desafiassem a morte banalizando a todo momento. Morreu mais um, só mais um mesmo.*

PES: Perde-se o sentimento de indignação?

TELMA: *Sim, os jovens perdem o sentimento de indignação, perdem mesmo. Isso eu percebi bastante nos meus trabalhos anteriores com os jovens, a questão do poder muito forte, o poder de quem mata. As pessoas o respeitam não só pelo medo, mas pela coragem desta pessoa de ter tirado a vida de alguém. Como, às vezes, os jovens se espelham nestas pessoas. Este poder é muito grande. Eu percebo como a vida fica pequena mesmo. O poder vem através da morte do outro, a questão de não poder mais fazer parte deste grupo se você não ferir alguém ou humilhar alguém ou não for melhor do que alguém. Esta concorrência acaba tendo um valor maior do que uma relação natural com alguém.*

PES: Quando eu falo sobre o tema da morte na escola, eu penso em três esferas relacionadas a isso. As mortes concretas, simbólicas e escancaradas. Pensando nas mortes concretas, ou seja, alunos em situação de perda de pessoas significativas, alunos passando pelo processo de luto, você percebe estas mortes presentes na escola ou você já vivenciou esta situação?

TELMA: *Eu já ouvi relatos de professores que vivenciaram esta situação. As professoras falaram sobre um silêncio total. Esta semana mesmo eu ouvi um relato assim: "os alunos parecem que querem falar sobre a pessoa perdida, mas não conseguem falar porque a própria professora não consegue abrir este espaço; o lugar ocupado por aquele aluno na sala de aula fica vazio, demora muito para se conseguir sentar, ocupar aquele espaço" Parece, por um lado, que é uma questão de respeito. Por outro lado, parece uma questão de medo. Teve o caso de uma escola onde morreu uma aluna, onde estudava uma aluna que morreu e uma das professoras não quis sentar naquele lugar porque ela dizia sentir medo de sentar naquele lugar, era uma sensação estranha. Então, é bem isso que acontece, uma sensação estranha que fica no*

---

[78] A Bela Adormecida é um conto de fadas, criado pelo escritor francês Charles Perrault, sobre uma princesa que é enfeitiçada para dormir até que um príncipe encantado a desperte com um beijo de amor. O conto foi adaptado para o balé por Tchaikovsky e para o cinema por Walt Disney.

ar e não se fala sobre esta sensação estranha. E não se fala da saudade, não se fala da revolta, da raiva, da tristeza. Poucas professoras conseguem fazer isso. Então, o vazio que a morte traz para aquele que está vinculado ao aluno parece que só aumenta com este silêncio. Se chorar é vergonhoso, se um profissional chorar na frente dos seus alunos é vergonhoso, não se permite, não é o local para isso, aqui é local de trabalho. E, assim, cada um fica com o seu vazio, com o seu desejo, se perde a oportunidade de explorar as saudades.

PES: Na sua opinião porque a maioria dos educadores não permite este espaço para falar sobre uma morte que aconteceu com um aluno, expressar os sentimentos decorrentes desta perda na sala de aula?

TELMA: *Porque eles não sabem como. Porque culturalmente não se fala. Eu acredito também que os professores não falam sobre o tema da morte porque dói neles. É uma dor intensa e parece que não se falando isso não emerge, mas na verdade é o contrário. Falar da dor do outro ou compartilhar esta dor é estar, é ser, é deixar fluir e esta espontaneidade, hoje, existe em poucas pessoas. São poucos os professores que permitem vivenciar estes sentimentos e compartilhar com seus alunos. E ainda ninguém estimula o contrário. Eu presenciei um caso que ilustra bem isso: uma aluna de dez anos que tinha acabado de perder sua melhor amiga, há três dias, ela estava chorando no corredor da escola e procurando sua professora para conversar, extravasar. O inspetor viu esta aluna no corredor e falou: "o que você está fazendo fora da sala de aula?" E ela respondeu: "eu quero conversar com a minha professora porque minha amiga morreu". E o inspetor falou: "ela morreu? Pronto, acabou, você tem que continuar estudando, volta para a sua sala". Entende o que acontece? Então, quem é autoridade não consegue empatizar com aquela criança, com aquela dor que ela está sentindo. Diante disso, eu acredito que isso acontece muito, na maioria das vezes, não estou generalizando, mas eu acredito que seja assim, a gente escuta Histórias neste sentido. Guarde a sua dor, engole a sua dor, o problema é seu. E o aluno fica sozinho ou talvez com mais algum amigo nesta mesma situação. Mas talvez esta aluna queria falar com algum professor ou com alguma pessoa que ela tenha empatia ou que ela confia. Por que será que esta menina tinha saído da sala de aula? Quem ela estava procurando? Esta pessoa não estava na sala de aula? Esta é só uma parte da História que eu conheço, o que será que tinha acontecido antes disso? Como esta aluna se sentiu nestes três dias?*

PES: Estas perguntas que você faz são muito importantes, temos que procurar investigar sempre que possível o que está por trás deste não espaço, desta não disponibilidade. Nesta pesquisa estou buscando algumas respostas. Uma outra esfera da morte que pode estar presente nas escolas são as *mortes simbólicas* que os alunos podem estar vivenciando: situações que envolvem perdas simbólicas, mudanças importantes, inícios e finais de situações de vida. Você percebe estas mortes simbólicas presentes na escola?

TELMA: *Sim, sim. O que eu vejo é assim: toda morte traz um luto e traz alguns sentimentos. Não se sabendo lidar com estes sentimentos, causa um "sintoma" (entre aspas). Então, o que incomoda as pessoas? A criança ou o adolescente que não sabe como lidar com os sentimentos decorrentes da perda de um brinquedo ou a distância do primeiro namorado, por exemplo. O que incomoda as pessoas é o sintoma decorrente desta perda. O silêncio da criança ou do adolescente ou a irritação ou a mudança de humor, de comportamento. Estes sintomas que incomodam as pessoas. Ainda mais quando estas pessoas não estão vinculadas à perda. Aí o seu "bom dia mal humorado", por exemplo, me irrita. Ficamos somente no sintoma e não aprofundamos a causa. Percebo os professores em sala de aula brigando com os alunos, bravos, exigindo tarefas. E o sintoma só aumenta (...) aí vem a raiva daquela professora que não me compreende, que não me pergunta o que eu tenho. O fulano que me mandou fazer educação física naquele dia que eu não estou a fim de mexer com o meu corpo, quando na verdade eu quero ficar quieta. Isso acaba provocando um conflito muito grande. Talvez um conflito sem fim que vai parar na diretoria. E não se pergunta, não se olha nos olhos e pergunta: "você não é assim, o que está acontecendo?" Então, o sintoma "cega" as pessoas e provoca conflitos nas relações. Hoje também as pessoas são mais egoístas. Hoje eu fico muito na sala dos professores, eu não tinha esta experiência há treze anos, eu percebo como as professoras falam de sintomas. E como as pessoas não param para refletir sobre o que os sintomas estão tentando verbalizar, sobre aquilo que não foi estimulado. E a distância entre o professor e o aluno, isso vai surgindo, surgindo. Eu percebo, por exemplo, lá em setembro ou em outubro, ou seja, depois da metade do ano falas assim: "você sabia que tal aluno não tem pai? Você sabia que os pais dele se separaram?" E isso já aconteceu há muito tempo na vida deste aluno. Ou o professor percebe um sotaque diferente neste aluno. Isso quer dizer que o professor não estava escutando nem este aluno falar, nem isso era permitido. A professora chega com o compromisso de passar a matéria, ela é muito cobrada para isso e perde este contato de olhar nos olhos do aluno, de escutar alguma coisa, de fazer alguma brincadeira para despertar alguma aproximação entre eles. A relação entre o aluno e o professor é muito distante e aquilo que a gente não conhece a gente não valoriza.*

PES: O que poderia estimular esta aproximação entre o professor e o aluno? Este compartilhar de experiências, sentimentos?

TELMA: *Eu acho que a pergunta, poder se colocar no lugar do outro, tentar não se deixar afetar pelo comportamento alterado de um aluno. Perguntar: "oi, tudo bem? Como você está hoje?" Eu lembro uma vez, eu era novinha assim como você (risos) e um aluno adolescente muito bonito, quando eu dava palestras em escolas, me falou um dia: "professora!" (e fez um gesto com o dedo como se fosse uma arma) "já pensou na sua cabeça rolando aqui?" E era a 3ª vez que eu estava vendo aquele menino, ele devia ter uns treze anos na época. Eu virei pra ele e disse: "nossa, parece que você está com muita raiva né? Esta raiva é só de mim mesmo ou você tem raiva de mais alguém?" Aí ele falou um palavrão e depois disso ele começou a se aproximar de mim, contou um pouco da vida dele. A vida dele era, com o perdão da palavra, uma desgraça. Para um adolescente de treze anos, ter passado por tudo aquilo que ele tinha vivido, então era uma maneira mesmo dele se comunicar, se impor, ele era muito humilhado. A partir do momento que a gente dá esta abertura de se conhecer, de falar (...) tá certo que o professor não tem este tempo, mas se está percebendo algo por que não? O que acontece? Se é uma situação que eu me sinto ameaçada, eu vou querer me defender. Posso dizer que ele está me desrespeitando e ser uma discussão sem fim. Eu procuro entender de uma forma mais ampla e que, às vezes, é exatamente o contrário do que é percebido. Estamos lidando com seres humanos. Estamos ali como profissionais para os nossos alunos, não de uma maneira para se impor, sendo melhor. Como a gente ouve frases assim de professores para os alunos: "se vocês não aprenderem, o problema é de vocês, o meu salário no final do mês vai estar lá". Olha quanta coisa tem nesta frase! Quanta distância tem entre o aluno e o professor! E eu como aluna, vou querer me aproximar de alguém que não está nem aí comigo? E para este professor que eu vou falar? Neste ambiente que eu vou me abrir?*

PES: A escola como um ambiente não acolhedor?

TELMA: *Nada acolhedor, fica a dever. O aluno só se abre com aquele professor que tem um olhar ou uma voz mais acolhedora, uma escuta mais aguçada. Tem professor que consegue dominar uma sala de adolescentes sem precisar gritar, sem precisar se impor. A distância do encontro dos sentimentos é uma morte. É uma morte simbólica. Às vezes a gente quer um professor que escute a gente, a gente quer um professor que olhe para a gente e fale: "parabéns" ou "você está precisando de ajuda?" O aluno precisa disso. E, às vezes, esta é uma morte que está ocorrendo no ambiente escolar e que as pessoas não estão percebendo. Esta morte pode estar gritando e dizendo: "vocês não vão fazer nada?" Ás vezes as pessoas não conseguem perceber isso porque estão centradas em si mesmas e não conseguem ver, perceber o outro.*

PES: Bem interessante esta morte simbólica que você citou. E, na sua opinião, as mortes escancaradas chegam até as escolas? Aquelas mortes que invadem as nossas casas, os nossos espaços através, principalmente, dos meios de comunicação e que são presenciadas pelas crianças e jovens? Situações de violência, tragédias, grande sofrimento etc.

TELMA: *Sim e, muitas vezes, os jovens satirizam. Situações presenciadas através da televisão, se comentam em casa, se comentam na escola e, muitas vezes, são banalizadas. Compara-se o morto com alguém parecido na escola e eles gritam, fazendo daquela situação como se fosse uma piada, uma coisa engraçada.Ou eles trazem casos de pessoas que morreram no dia anterior no bairro deles. O pai ou o tio do fulano. Estas situações não estimulam uma reflexão sobre a própria vida deles.Os jovens não param para pensar nisso, lidam com estas situações de uma maneira fútil. Agora o caso da menina Isabella que teve mexeu bastante. As crianças passaram a refletir a partir deste caso. As crianças externalizaram os sentimentos de medo, de preocupação, de indignação. Nas crianças isso ocorreu, mas nos adolescentes eu não vejo esta força para se refletir. Eles se revoltam, mas eu não vejo uma força para se pensar na situação deles. Eu não vejo um movimento assim: "preciso valorizar mais a minha vida" Os jovens pensam assim: "aconteceu com ele, não comigo". Estes assassinatos tão explorados pela mídia poderiam ser discutidos e refletidos pelos jovens de uma forma melhor. E os educadores entram nesta onda, procuram quem é o culpado, ficam nesta discussão, mas não saem disso, não trazem para a realidade do jovem, não exploram os sentimentos que são provocados. O comentário fica bem distanciado. Por mais que esta discussão esteja muito próxima do jovem, isso não é aprofundado pelo professor em sala de aula.*

PES: Como os educadores poderiam explorar, aprofundar melhor estas situações de morte escancarada em sala de aula?

TELMA: *Explorando melhor os sentimentos que são provocados nos adolescentes, a partir destas mortes escancaradas, o que suscita em cada um. Este caso da menina Isabella, por exemplo, foi um ato mal pensado? Foi uma fúria? Foi algo de momento? A gente controla os nossos sentimentos? Como a gente reage diante da nossa raiva? Vocês alunos que têm irmãos, vocês já sentiram raiva deles? Como é isso? O que você faz nestas situações? Poder trazer a atitude deles para discussão em sala de aula. O julgamento acontece a todo momento, mas a reflexão sobre a violência é pouca. Assim como para a humilhação também: que posição eu estou para ser humilhado pelos outros? O que eu posso fazer para evitar? Esta reflexão não ocorre. As pessoas não sabem lidar com estes sentimentos. Quantas pessoas que não se identificaram com aquele pai (da menina Isabella)? Que sentiram raiva, que já bateram alguma vez no seu filho porque estava nervoso? Ou xingou, humilhou, acusou?*

PES: E você acha que a escola deveria abordar o tema da morte, pensando nestas três esferas?

TELMA: *É lógico! Lógico que sim, principalmente na adolescência. Na adolescência a morte é para os outros. Na onipotência isso vem muito forte: "eu saio, faço rachas e não acontece nada comigo, os outros que morrem, eu não. Eu fumo três maços de cigarro por dia e o meu pulmão está ótimo". Então, assim, nestes exemplos de onipotência, os jovens esquecem que a morte é universal, que existem riscos se, por exemplo, eles ficarem noites e noites sem dormir e sem se alimentar direito. Isso pode ser uma busca de morte, até de suicídio. Eu percebo que não se tem esta consciência na adolescência. Então, a escola tem que preparar estes adolescentes. Muitas escolas já preparam crianças de 6 e 7 anos para isso no programa Amigos do Zippy. As escolas preparam as próprias crianças, elas podem morrer, as pessoas em torno delas podem morrer. Como ficam as pessoas após esta perda, o respeito que eu devo ter com quem está em luto? Por exemplo, eu não tenho palavras, mas e um abraço, estar presente? Hoje em dia está todo mundo muito distanciado. É tão difícil estar perto de alguém que esteja sentindo uma dor. É tão difícil estar ao lado de alguém que perdeu alguém de quem ela gostava muito, então as pessoas preferem nem estar junto. Eu já vivi isso na minha adolescência, de precisar da minha melhor amiga ao meu lado na hora de um luto e ela não aguentar estar comigo. Cada um tem o seu limite. A escola poderia explorar mais esta questão, até mesmo saber que cada um tem o seu limite, falar dos sentimentos, do que pode ser permitido, sinalizado. O que está dentro de um padrão normal, o que está dentro de um padrão doentio, de anormalidade diante da morte. A escola poderia ajudar nesta preparação para a morte. Ela é o único evento certo, mas as pessoas dizem: "eu sei que vou morrer, mas não quero falar sobre isso, não gosto de pensar nisso, vamos mudar de assunto?" O não encarar, o não saber lidar com isso que causa a banalização, o afastamento das relações, a diminuição do processo de empatia. Eu acho que se pensássemos na morte, a vida teria muito mais qualidade. Se déssemos esta oportunidade nas escolas para as crianças e os adolescentes. E eu acredito que este trabalho não aumentaria só a consciência para a morte, mas a consciência humana de poder lidar melhor com as situações. Poder ter mais escolhas, poder arriscar, mas não arriscar próximo da morte e sim para viver melhor. Por exemplo: eu tenho um medo. Então, vamos vivenciar este medo para poder viver a vida com mais qualidade, com mais alegria, com mais intensidade. Eu vi uma frase uma vez de um autor francês de uma época por volta de 1700 que falava: "se os homens soubessem lidar melhor com a morte, eles viveriam muito mais felizes". Então, é esta consciência que não existe, por isso que talvez se viva tão mal, com tantos conflitos, com tanta indiferença.*

PES: Então, na sua opinião, quais seriam possíveis mudanças se os adolescentes tivessem mais espaços para comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

TELMA: *O adolescente teria mais consciência de si mesmo. Ele refletiria mais a respeito de si mesmo, do próprio valor e de quem está em torno dele. Poderia desmistificar e prevenir também algumas coisas. Vivenciar alguma coisa sem nunca ter pensado a respeito é muito mais difícil, acredito eu, do que viver aquele momento que é tão doloroso. Temos também a questão do apego. Eu acho que pensar e falar a respeito ajudaria a minimizar não a dor, pois ela vai ser tão intensa quanto para alguém que não sabe nada a respeito, mas se permitir chorar, extravasar, compartilhar seus sentimentos com alguém, lembrar, falar. Isso tudo deixaria o ambiente muito mais tranquilo, um pouco mais tranquilo. Deixar a angústia um pouco mais solta, este conhecimento seria fundamental.O jovem também poderia ter a consciência que ele não é onipotente, que ele não é imortal. Isso ajudaria muito na qualidade da adolescência. Seria muito bom o jovem se perceber nas mortes simbólicas dele: da infância que se foi, do corpo diferente que está vindo, deixar de ter aquele corpo. Eu acho que tudo isso, se tiver uma consciência maior, ele pode perceber: "puxa, eu estou assim, estou me sentindo assim, pois estou vivenciando uma perda". Eu acho que os adolescentes até se amariam mais, a autoestima melhoraria.*

PES: Você já vivenciou alguma experiência relacionada ao tema da morte e os adolescentes no contexto escolar? Como você lidou? Quais foram os seus sentimentos?

TELMA: *Eu não, mas já ouvi vários relatos de professoras. No programa Amigos do Zippy a gente incentiva as crianças a pensar sobre a morte e também poder instrumentar e amparar pessoas que sofreram perdas importantes. Então, eu tenho o relato de uma criança que perdeu a sua avó e ela estava no pátio, estava triste e as crianças perceberam e sabiam o porquê da tristeza dela. Então, elas chegaram na criança e, ao invés de perguntarem detalhes da avó, perguntaram para ela o que ela gostaria de fazer, o que ela estava precisando naquele momento para se sentir melhor. De início surgiu um abraço, depois foram surgindo novos colegas. Outros colegas foram chamados e eles se abraçaram, ficaram com esta criança até o final do recreio. Depois quando teve a aula do programa do Zippy, esta criança falou: "eu pensei que estava sozinha no mundo, mas eu percebi que tenho vários amigos". Então, esta criança diz que estava sofrendo sozinha e que é muito melhor poder sofrer ao lado de amigos e de pessoas que percebem a dor dela. Os amigos sabiam da importância de estar perto, isso não traria a avó dela de volta, mas a faria se sentir bem melhor. Esta foi uma*

grande lição para mim, uma grande lição para muitos professores: poder permitir que o outro demonstre a sua dor, poder estar com ele, ao lado dele neste momento, isso muda todo um contexto. E aí eu fico pensando: "quantos adolescentes, quantos adultos sofrem sozinhos porque não se tem um ambiente propício para isso?" Então, trabalhar a morte é poder trabalhar esta empatia com a dor do outro. As muitas Histórias que eu tenho na escola incluem esta perspectiva do "estar junto com o sofrimento do outro". Já ouvi de uma criança um dia: "se eu vejo minha mãe chorando porque ela está muito triste, se eu fizer um carinho na mão dela, eu estou ajudando". Então, as crianças e os jovens podem começar a perceber o valor do outro, da dor do outro e do toque dele. Às vezes, eu não tenho nenhuma palavra a dizer, mas se eu fizer um carinho está valendo? Então, se as pessoas tivessem esta percepção, esta sensibilidade no ambiente escolar ou em qualquer outro ambiente, eu acho que seria muito melhor do que falar: "meus sentimentos" e um abraço, um "tapinha" e "a vida continua, vamos lá!"

PES: E nas escolas em que você está inserida, você percebe espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou entre os educadores e os alunos?

TELMA: *Eu trabalho com as professoras de 1ª série do Ensino Fundamental. Quando as professoras não sabem que o tema da morte está inserido dentro do programa Amigos do Zippy, que fala dos sentimentos e de vários outros temas de relacionamentos e solidariedade, elas assustam e dizem: "mas eu vou ter que falar sobre isso? Eu nunca falei sobre a morte, eu não gosto". Então, de início, se cria uma resistência muito grande. E os professores que não estão envolvidos, que veem tudo isso de fora, eles acham o cúmulo do absurdo falar sobre a morte com as crianças. E a gente fala junto com a criança, a gente só inicia uma conversa sobre o tema. Tem pais que ficam horrorizados, eles dizem: "por que antecipar uma coisa que a criança ainda não viveu? Que prevenção é esta? Isso vai fazer o meu filho sofrer!" E nós, na verdade, só vamos esclarecer as dúvidas que as crianças têm, que toda criança tem: "se o corpo vai sentir dor, como que acontece, se eu vou ver novamente a pessoa que morreu, como é isso?". Então, todo este trabalho é uma oportunidade da criança esclarecer todas estas dúvidas. E existe uma resistência muito grande porque as pessoas não lidam com o tema da morte. Se falamos em cemitério, a gente ouve: "que horror, Deus me livre"! Então, a gente percebe que a morte ainda é um tabu muito grande. Estamos em 2008 e a morte ainda é um tabu dentro das escolas e em vários outros espaços. É como se ninguém tivesse morrido até hoje. Eu penso que talvez isso pode estar relacionado a provocar uma dor que estava "quieta", mas mesmo assim a morte ainda é um tabu, um horror, tem pessoas que se arrepiam. Eu já achei até engraçado, pois temos escolas religiosas no programa e as freiras dizem: "eu não gosto desse assunto de morte" e elas moram num lugar que tem túmulo dentro da igreja. Isso é muito contraditório. As pessoas evitam muito falar sobre a morte. Falar sobre se despedir de alguém próximo da morte ou que este alguém quer sair do hospital para morrer em casa. Estes assuntos são horripilantes para muitas pessoas. Elas querem mesmo que este alguém morra lá no hospital e que elas saibam da notícia de preferência quando elas estiverem muito longe e que ela possa vir ao velório "só um pouquinho". É como se as pessoas, ao se aproximaram do tema da morte, se aproximassem da própria morte. Isso chega a ser até engraçado pra gente que já se acostumou. Eu tenho uma vivência que meu pai era uma pessoa muito sensata e gostava muito da História da família dele. Então, ele levava a gente ao cemitério. A gente sabia da História da nossa família falando na frente do túmulo do bisavô. E isso acontece no programa Amigos do Zippy, na atividade de visita ao cemitério para desmistificar. Tem escolas que nestas atividades levam as crianças ao túmulo da fundadora da escola e lá se aprende muito mais, como por exemplo ver o nome da mãe que está junto, do marido, com quem ela era casada e se aprende muito sobre isso. Então, assim, nestas visitas ao cemitério podemos explorar várias Histórias, de famílias famosas da cidade, de uma pessoa que você não conheceu, mas conhece o neto da pessoa (...) Estas visitas exploram muito e desmistificam. E melhor, as crianças aprendem a respeitar mais o outro, a História de si mesmo, a História do outro e a não banalizar a morte. Por que ainda não existe este valor? Porque o aluno não conhece esta realidade. Eu acho que é a mesma coisa com a História de falar sobre o tema da morte: "eu não me permito conhecer, então eu não gosto de falar sobre o assunto". Não se passa a refletir sobre os lados positivo e negativo de falar sobre a morte. Desmistificar o tema da morte com os alunos é uma grande libertação. Eu acredito que isso liberta as pessoas de crenças errôneas, de poder conhecer o desconhecido.*

PES: E você percebe, uma vez que você tenta abordar o tema da morte nas escolas, que você apresenta sua experiência de aproximação com o tema, com o tabu, com a desmistificação, uma maior disponibilidade dos educadores para se prepararem para esta abordagem? Ou você percebe ainda uma resistência muito grande?

TELMA: *Após a abordagem do tema, quando falamos dos dados positivos de se trabalhar com a morte nas escolas, as professoras começam a refletir e dizer: "puxa, isso é verdade. Quanto tempo eu perdi".Tivemos uma professora que nos disse que na infância dela ela era "guardada", usou um termo até engraçado. Ela era "guardada" no sítio para não poder ver o velório das pessoas que tinham morrido. E quando chegou no momento do programa da visita ao cemitério com as crianças, esta professora falou: "eu não vou, já estou arrepiada, não faz isso comigo que eu não vou, se eu passo em frente eu fico horrorizada". Eu tentei conversar um pouco com ela e aí ela me disse: "vou pensar". E, no decorrer do*

tempo, ela foi. E aí ela falou: "gente! Eu perdi tudo isso? Quando eu estava com as crianças no cemitério, eu fiquei procurando o túmulo do meu tio. Quando eu tinha três anos, ele foi enterrado e minha mãe nunca deixou eu vir ao cemitério. Que raiva eu estou da minha família. E aí eu pude conversar com a minha mãe sobre o porquê ela tinha feito isso comigo. Olha quanto tempo eu perdi! Que oportunidade! O cemitério não era nada daquilo que eu tinha imaginado. Isso não é sujo, que sensação boa eu estou tendo aqui". Então, é isso que acontece de uma maneira geral com as professoras. Elas vão quebrando estes preconceitos a respeito da morte que elas tiveram durante a vida toda que foram impostos pela família, pela sociedade e eles foram tatuados nelas. Este trabalho quebra muitas barreiras. Algumas dizem: "eu fui ao cemitério e não gostei, mas as crianças se sentiram bem. Eu não quero que elas sejam privadas desta experiência como eu fui" ou dizem: "falar sobre a morte com a criança, eu pensava que seria muito mais difícil, mas foi muito mais simples, falar ludicamente, responder claramente, sem rodeios, sem metáforas". Tem crianças que dizem: "então é assim professora? Eu pensava que o coração ainda batia. Eu pensava que o corpo ficava sem respirar. Então ele não fica? Então a pessoa não sente nada?". Assim, as professoras, ao experimentarem falar sobre a morte com as crianças, elas ajudam as crianças a terem um grande alívio. Várias crianças achavam que a pessoa ia morrer sufocada lá quando começassem a jogar terra. E esta participação dos rituais, muitas vezes, não é permitida para as crianças. Ou não é permitido à criança falar nada, ela tem que ficar quieta todo o tempo. Onde fica o medo da criança? O medo dela morrer? O medo de perder alguém? Temos que falar para a criança que este momento do ritual é um momento de despedida, que ele pode ser até bonito, muitas vezes ele é mesmo. Então, estas professoras se sentiram aliviadas, mais tranquilas, mais capazes; se sentiram com um diferencial muito importante em relação às outras colegas de trabalho que ainda acham tudo isso "uma loucura". Falam: "pra que tudo isso?" Elas não entendem o propósito. Estas professoras do programa passam a valorizar muito mais a vida, as pessoas ao lado delas. É muito comum, depois deste treinamento, as professoras dizendo: "nossa, eu nunca tinha pensado por este lado. Que bom que eu posso pensar assim agora. Meu relacionamento familiar melhorou muito em casa depois do programa".

PES: Então, como você mesmo trouxe, é fato que a maioria das pessoas não se sente preparada para falar sobre o tema da morte. Mas, na sua opinião, quem está "mais preparado" para isso? Quem poderia realizar estas atividades com os alunos na escola?

TELMA: *Quem está mais próximo do aluno, quem tem uma maior afinidade. E quem está mais próximo é o professor. Aquele professor que tem uma maior afinidade com o adolescente. Aquele que tem um olhar voltado para ele, que se permite para isso. Não vejo o professor específico de uma matéria. É um assunto de vida. Não cabe somente ao professor de biologia, por exemplo, para falar do corpo. Precisa ser um profissional mais sensível, mais aberto, mas é o professor.*

PES: E em relação ao preparo destes profissionais? Como deveria ocorrer este preparo para a abordagem do tema da morte nas escolas? Quais são as principais necessidades dos educadores?

TELMA: *Como a morte é um tema tabu, os educadores não têm nem idéia de como ou por onde começar a falar. A maioria já se fecha quando citamos o tema, colocam uma "cortina preta" mesmo. Se eles pudessem, eles ficariam atrás desta "cortina preta". Quem for prepará-los, deve trazer os educadores para a realidade, de que a morte é um processo natural da vida, que infelizmente não é um tema muito falado e que a gente pode se permitir a falar. Mostrar as vantagens de se falar sobre o tema da morte e trazer algo deles mesmos, da realidade deles. E deixar eles falarem sobre suas opiniões, extravasarem seus sentimentos. É importante tentar perceber o que, neste percurso, desviou este processo nosso de não poder falar sobre a morte e aí sim abordar as necessidades porque eles não percebem e aí sim explorar todo o tema, a História deles, deixar eles falarem. Precisamos também dar para os educadores sugestões de instrumentos sobre como abordar o tema com os alunos: de uma forma lúdica, com um filme, um livro ou um desenho e poder se explorar. E, de preferência, que eles não estejam num momento muito próximo de vivência de luto. Acredito que isso desencadeia um sentimento muito grande. Eu sou um exemplo disso: ano passado estava capacitando professores para falar de morte com crianças e minha mãe estava na UTI. Um dia ela estava bem e no outro ela estava na iminência da morte. Pra mim isso foi muito difícil. Eu não consegui preparar nenhum professor. Eu pedia substituição. Se eu falava da hospitalização, se eu falava da morte, se eu simulava ludicamente a morte com bonecos, eu via minha mãe morrendo ali e eu não conseguia segurar aquele sentimento. Meu momento pessoal me atrapalhou muito, muito, muito. Então, é importante estar atento a qual educador está enlutado, quem está passando por um momento grave. Os educadores não devem ser obrigados a tratar do tema da morte dependendo do momento que estão vivendo. Os professores devem se sentir à vontade para isso. Nós preparamos os professores um mês e meio antes deles falarem com as crianças. E nossa vida é cheia de surpresas. Pode acontecer alguma coisa e aí é importante que eu não esteja sozinha. É interessante esta questão do professor ter alguém junto para falar junto com ele. Tem escolas que tem o orientador educacional, o coordenador pedagógico ou ajudantes. Seria interessante o professor não ser o único na escola a falar sobre isso. É muito importante que ele tenha mais pessoas participando de uma capacitação que tenham o mesmo olhar que ele, já que a morte é um tema muito polêmico. Este professor pode perder a força dentro da escola se estiver sozinho para falar*

sobre o tema. É interessante tentar formar uma equipe, pessoas que possam substituir as outras caso alguma coisa aconteça. E cada pessoa tem sua maneira única de ver o tema da morte. E aí se ficar uma coisa única, a discussão pode tender mais para um lado específico. Duas ou mais pessoas podem equilibrar a discussão.

PES: Você já falou um pouco sobre isso, só tentando retomar, quais seriam possíveis instrumentos facilitadores para a abordagem do tema da morte nas escolas? Materiais a serem utilizados para auxiliar o professor?

TELMA: *Eu acho que o lúdico ajuda bastante. Até mesmo na adolescência, este visual do lúdico ajuda bastante, poder simbolizar. Não é trazer uma coisa trágica, pois esta facilmente vira para o cômico. É muito fácil da morte virar para o cômico, para o humor negro. Com as crianças usamos marionetes. Mexemos bastante com ela e depois tiramos a mão da marionete. Relacionamos assim com a vida e com a morte. Enquanto ela está mexendo tem vida. No momento seguinte, a vida saiu dela e ela não sente mais nada, não fala mais nada, não sente mais dor e várias outras coisas. Eu percebo que, com as crianças, esta é uma maneira simples que não invade, não assusta, não frustra. Para os adolescentes poderíamos adaptar ou trazer filmes que retratam a morte. Com as crianças utilizamos a marionete para explicar o que é a morte. E aí não existe mais a vida, não existe mais a energia que movia este corpo.*

PES: Você acha que com os adolescentes o uso de marionetes teria um efeito importante para abordar o tema da morte?

TELMA: *Eu acredito que sim. É importante para o jovem visualizar. A pessoa tem que fazer gestos suavemente e falar que a energia que movia este corpo não existe mais, a vida não existe mais. Isso fica tão claro para a criança, ela fica olhando com atenção e refletindo. Isso poderia ser usado também com os adolescentes, eu penso que sim. Quando eu estou me preparando para fazer isso com as crianças, eu também paro para refletir. Isso é terapêutico também para a gente. Pensamos nas nossas mortes concretas e simbólicas. Isso é bem interessante.*

PES: Quando abordar o tema da morte na escola, em que situações? Você acha que o tema deveria ser inserido nas atividades pedagógicas da escola e/ou abordar em momentos que aconteçam situações de mortes concretas, simbólicas ou escancaradas no contexto escolar?

TELMA: *Eu acho que estas atividades também devem ocorrer de uma maneira periódica. Eu acho que é uma questão de prevenir. Quando falamos antes de estar sentindo a dor, a gente pode até pensar melhor, sem estar envolvida com aquele sentimento tão grande que a dor causa. Talvez na hora da dor, a gente nem consiga parar para pensar. Eu acho que prevenir, falar antes, explorar de alguma forma pode ser importante sim. Por exemplo: antigamente não se falava em sexualidade. Eu lembro das minhas aulas de biologia na escola, era uma coisa tão rápida que a gente não conseguia nem perguntar nada, a gente sentia muita vergonha. O professor que estava lá também não dava oportunidade. Eu acho tão importante parar, deixar o aluno perguntar, até brincar com o tema da morte. As crianças falam: "então o morto fica gelado?" Eu acho tão importante esvaziar todas estas dúvidas antes de estar sentindo a dor. Tem professoras que usam frutas, elas deixam a frutinha amadurecer, apodrecer enquanto elas estão abordando o tema da morte. Aí as crianças perguntam: "é assim que acontece com o nosso corpo também quando a gente morre?" Por isso, é importante ter certos cuidados no momento de abordar o tema da morte, será que tem algum aluno enlutado? Ou na iminência da perda de um ente querido?*

PES: Você então acredita bastante no poder do trabalho preventivo nas escolas com o tema da morte?

TELMA: *Com certeza, acredito muito. Estes resultados são trazidos também pelos pais. Por exemplo: o caso de um pai contando sobre a participação do seu filho no velório de um parente. Este pai me disse que foi o filho dele que ajudou a família a lidar melhor com este momento. O filho chorou, sentiu, mas ele falava sobre o que estava sentindo, ele se expressava de outros jeitos, ele procurava formas de se sentir melhor diante da perda e ajudava a família também. Teve um aluno que me contou da sua mãe que estava chorando quinze dias depois da perda da avó e ele perguntou para ela: "mãe, o que a gente pode fazer para se sentir melhor?" E a mãe falou: "eu só sei chorar". O trabalho preventivo ajuda muito para um momento como este, os próprios alunos, filhos ajudam os pais num momento de perda. O que fazer para se sentir melhor diante da morte? O que eu posso fazer? Como as pessoas se sentem? Por quanto tempo? Este é um trabalho que pode ser desenvolvido de forma preventiva nas escolas.*

PES: Entendi. Bom, era isso que eu gostaria de te perguntar. Sua entrevista contribuiu muito para a minha pesquisa. Foi muito rico te ouvir, obrigada. Queria saber se você ficou com alguma dúvida, se gostaria de falar mais alguma coisa ou me perguntar algo?

TELMA: *Eu estou muito curiosa para ler seu trabalho*

PES: Vamos continuar em contato, mas eu já faço o convite para a minha defesa em 2010. Se você quiser comparecer, será muito bem vinda.

TELMA: *"Que chique", quero ir sim. Eu torço muito para que o seu trabalho crie uma dimensão maravilhosa. É um tema muito difícil de ser levado para as escolas, mas eu acredito muito na força do desejo e o seu desejo já está sendo transformado em realidade. E você não está sozinha nesta luta. A gente percebe cada vez mais educadores abertos ao tema da morte, portas de escolas se abrindo para esta discussão. Cada vez mais se percebe na necessidade, na maior valorização que este trabalho pode provocar nos educadores, alunos e do espaço escolar.*

PES: Meu maior desejo é poder encontrar estas portas abertas; poder entender as dificuldades e abrir portas para este tema nas escolas.

TELMA: *Entender esta resistência pode virar um degrau importante para se chegar onde precisa. Não adianta negar o tema da morte nas escolas. Eu que agradeço a oportunidade, espero ter contribuído para o seu trabalho.*

PES: Contribuiu muito, obrigada mais uma vez.

ANEXO 8: ENTREVISTA ARMANDO *(cursinho pré-vestibular)*

Pesquisadora (PES): Agradeço a sua disponibilidade em participar da minha pesquisa. Retomando os objetivos como forma de situar melhor esta entrevista, estou pesquisando a reflexão dos profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar. Quero ouvir os educadores sobre este tema. Estou considerando adolescência como Ensino Fundamental e Médio (...) a partir do 5º ano (...)

Entrevistado 6 (ARMANDO): *Geralmente 7º e 8º anos porque 5º e 6º anos a morte é trabalhada no sentido mais imaginário. É só neste momento que os alunos têm um contato com o tema da morte, mas tudo é transformado de uma forma sublime. A morte aparece muito mais como uma idéia de transformação do que uma idéia real, concreta do nosso cotidiano. Pelo que eu já vi, alguns professores trabalhando, eles trabalham com esta temática da morte num sentido mais imaginário no 5º e 6º anos, ou seja, uma breve despedida, um reencontro futuro.*

PES: O que você está chamando de um trabalho com a morte de uma forma imaginária, seria mais uma visão religiosa?

ARMANDO: *Ela se aproxima deste sentido mais religioso a partir do momento que algumas religiões passam a ver a morte como uma passagem, como uma forma de transformação. Este seria o sentido mais imaginário da morte. O pessoal geralmente trabalha esta idéia no 5º e 6º anos. No 7º e 8º anos, a maioria dos adolescentes já está pensando naquela "menina bonita", então parece haver um distanciamento muito forte da idéia da morte. Talvez também porque eles já começam a entender a idéia da morte e aí já começam também a se distanciar desta idéia que é a única certeza que todo mundo tem.*

PES: Bom, para começar a falar um pouco sobre você, eu queria saber a sua idade?

ARMANDO: *26 anos.*

PES: E eu gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: onde já trabalhou, onde você trabalha atualmente (...) e falasse também sobre o seu cotidiano de trabalho hoje, seu contato com os alunos (...)

ARMANDO: *Minha graduação foi em Letras (com habilitação em português) aqui pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desde 2004 eu já atuo, ou trabalhando voluntariamente, ou trabalhando até no Estado como professor. Em 2004 e 2005 eu fazia, voluntariamente, um curso de redação e leitura de textos com jovens na escola pública onde eu estudei. E depois eu fiquei um ano em uma escola pública como professor de literatura mesmo, aí já trabalhando mais fortemente com os alunos, numa escola em Taipas, é uma experiência um pouco diferente. Quando*

você trabalha de forma voluntária, os alunos estão de fato mais interessados. A partir do momento que você encontra com alunos que estão querendo resistir ao mundo escolar, então já é uma coisa mais complexa de se trabalhar. Mas não é uma coisa difícil, dá para se trabalhar. Eu também comecei a atuar em cursinhos populares que trabalham com jovens que estão saindo das escolas. Hoje eu trabalho num cursinho que tem este caráter de oferecer aos jovens de escolas públicas, até tem jovens de escolas particulares também, a oportunidade para entrar na universidade. Com eles eu encontro uma certa facilidade de trabalhar o tema da morte. Os alunos estão recém saídos da adolescência, estão saindo do 3º ano do Ensino Médio. Eu trabalho com a literatura de uma forma geral, literatura portuguesa (...) na escola onde eu trabalhava, eu trabalhava mais com textos curtos porque eram mais fáceis de passar na lousa, enfim (...) alguns poemas curtos do João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira que tinha uma certa proximidade com a idéia da morte, digamos que ele conviveu com ela. Certa vez eu analisei um poema sob o impacto de uma notícia referindo-se à morte. Um amigo meu havia falecido em acidente de carro e eu não quis ir ao cemitério acompanhar o enterro. Eu fui para a escola trabalhar e, neste dia, eu dei duas aulas. E nestas duas aulas eu trabalhei a temática da aula sob um forte impacto, querendo esquecer o acontecimento, mas não tem como você esquecer, foi uma coisa triste. Eu tenho um certo horror a cemitério, é uma coisa até pessoal, enfim, eu acho que só entrei uma vez no cemitério. E é um impacto bem grande quando você entra e percebe que ali há várias Histórias enterradas. E no caso eu analisei um poema do Manuel Bandeira chamado "Consoada". É uma idéia relacionada à ceia de Natal. Ele diz: "quando a indesejada das gentes chegar, não sei se dura ou caroável (...)" deixa eu ver se eu tenho aqui na minha pasta (...) aqui, achei: "quando a indesejada das gentes chegar, não sei se dura ou caroável, talvez eu tenha medo. Talvez sorria, ou diga: - Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer. (A noite com os seus sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar". Engraçado que eu tinha um aluno que adorava quando eu falava a palavra "sortilégio" porque eu acho que ele gostava da minha entonação. Neste poema o autor usa a palavra "iniludível" para a morte, ou seja, a morte com certeza não tem como enganar, não tem como deixar para depois. Neste poema eu trabalhei com esta idéia, tirando as análises estilísticas, eu analisei a idéia da morte como limiar mesmo, como passagem para o mistério porque é assim que é vista a morte para muita gente: "não é possível que tudo acabe aqui". E aí eu analisei este poema dizendo que "Consoada", primeiramente, tem esta idéia de ceia de Natal e, portanto, uma idéia familiar. Logo em seguida eu comecei a analisar que mesmo que alguns falem: "não tenho medo da morte", no final todos nós temos, como diria Manuel Bandeira: "todos nós temos medo do medo da morte". Temos medo deste momento em que vamos descobrir toda a verdade. Infelizmente não vamos contar esta verdade para ninguém. Neste dia que eu analisei este poema sob o impacto da morte de um amigo meu, eu disse para os meus alunos que a juventude deve pensar sobre esta questão da morte até para que, de uma forma ou de outra, saber valorizar a vida. Eu sinto que os jovens sabem o que é a morte, é claro. Mas eles acham que valorizar a vida é digamos ir para a balada, brigar, namorar e transformar a vida, no final das contas, numa coisa tão passageira que o sentido da morte se perde aí. Então eu acho que o momento da morte é o momento de valorização da vida. E a gente percebe que os jovens dão a impressão da idéia de valorização da vida, mas na verdade não é isso que acontece. Eles não pensam na vida verdadeiramente, o que estão de fato fazendo com ela. Eles vivem ao sabor do momento. Eles dizem: "é este momento que eu tenho que aproveitar, ficar com aquela menina maravilhosa". É mais ou menos esta a idéia que os jovens têm. E quando a gente pergunta para eles: "esta pessoa foi marcante para você?" Eles dizem que foi marcante só naquele momento e acabou. A vida é uma passagem, nisso todo mundo concorda. Agora a forma de como encarar isso é uma situação problemática, acaba havendo uma desvalorização da morte pelos jovens, eles dizem: "vamos curtir a vida que o tempo é curto e depois que eu morrer, enfim, não vou me lembrar mesmo". Já lidei com jovens que mexiam, infelizmente, com coisas equivocadas, erradas. Isso não quer dizer que eles estavam perdidos, mas, infelizmente, não havia uma mão para guiá-los. A idéia era: "estou vivendo a vida desenfreadamente, sem raciocinar, sem pensar, então se eu morrer, é menos um". Esta é a idéia que se passa a respeito da morte, uma desvalorização da morte na nossa cultura. Walter Benjamin reflete sobre esta idéia no ensaio clássico chamado "O narrador". As pessoas não contam mais Histórias que tragam algum valor de idéias. O jovem que é protagonista das Histórias e, portanto, o que ele conta são as aventuras passageiras e tudo o mais. Até na época que eu era aluno, eu ouvi dos meus amigos: "fulano de tal morreu, mas ele também fazia coisas erradas". A morte aparece com a idéia até de punição mesmo: "fez coisas erradas, morreu, agora está enterrado e bola pra frente, fazer o que?" É esta atitude que eu percebo em muitos alunos adolescentes. Acho que a morte que tem mais impacto, geralmente, é aquela que a pessoa não morre assassinada. A maioria dos jovens de periferia hoje morre assassinada.

PES: O que fez com que você escolhesse trabalhar a temática da morte com seus alunos?

ARMANDO: *Engraçado é que nunca vivenciei a morte na infância, como muitas pessoas que perderam seus familiares. A morte, para mim, tem um significado de perda, mas isso no plano simbólico. Ainda me recordo das minhas "meninices", dos amigos que compuseram minha fase de adolescente e dos que fizeram parte da minha vida universitária. Claro, não posso esquecer-me de alguns dos alunos que mostraram força de vontade e estão batalhando na vida. Essas sucessivas passagens de tempo me fazem pensar que todos deveriam viver valorizando o outro e suas próprias perdas. Pensar sobre a morte é revelar a vida e tudo o que ela proporciona assim como a amizade e a*

literatura retratam de uma maneira mágica (...) Estes dias com esta História da morte da menina Eloá[79], você percebe que houve uma comoção nacional. Foi uma morte assistida, acompanhada pela TV. Então parece que tudo o que a TV fala é real mesmo, mas a pessoa não dá importância para o que está em volta dela. Então, o que a TV fala é real e o que eu vivo é imaginário. É uma coisa esquisita, esta alienação que eu não entendo direito. A morte que está próxima de mim deveria ter muito mais impacto. Infelizmente o mundo está invertido. A morte que aparece na TV salva até muitos políticos: "aquela pessoa foi muito boa (...)" Agora o pobre que morre ao seu lado, no sertão, este, infelizmente, fica esquecido. E os alunos trazem um pouco esta visão da sociedade para a sala de aula: "as mortes das pessoas que estão ao seu lado são banais. As mortes que estão na TV são verídicas". Esta inversão de valores que eu acho um absurdo, infelizmente.

PES: E você, enquanto professor, comenta alguma coisa a este respeito em sala de aula? Sobre estas mortes exibidas pelos meios de comunicação e que causam um grande impacto nacional?

ARMANDO: *No ano que eu trabalhei no Ensino Médio não teve nenhuma morte de grande impacto nacional. Quando meu amigo morreu, eu cheguei a comentar com alguns alunos, professores e colegas. Alguns alunos ficaram filosofando, é legal filosofar com o aluno. Neste momento você já vai começando a fazê-lo pensar. Os alunos ficam meio sem reação, alguns me disseram: "sinto muito". Tenho um aluno do cursinho que perdeu a mãe na última 6ª feira. Ele ficou sabendo da notícia da morte da mãe na hora da minha aula. Eu só fiquei sabendo do conteúdo daquela ligação pelo celular que ele recebeu na minha aula dois dias depois. Eu tinha entendido que a mãe dele estava no hospital e ele tinha saído correndo para vê-la, mas não, ela havia acabado de falecer. Fiquei pensando no que poderia ter feito (...)*

PES: O que você teria feito se soubesse da morte da mãe do seu aluno?

ARMANDO: *Eu poderia ter ido à casa do meu aluno e ter dado os meus cumprimentos. Eu tenho um certo horror a cemitérios. Você percebe isso, né? Engraçado que eu não tenho um trauma de alguém que tenha morrido, nem na minha juventude, nem na minha infância. Os fatos ligados à morte são mais recentes. A morte deste meu amigo, por exemplo, foi quando eu tinha 24 anos. Eu acho que eu não quero perder pontos de referência.*

PES: O que significa para você ir ao cemitério? Seria perder pontos de referência?

ARMANDO: *Como eu posso explicar? Eu acho que é o fato de ter uma História ali. Aquelas pessoas tiveram uma passagem pela vida e muitas delas não deixaram nada de concreto. Eram pessoas que trabalhavam, com certeza a maioria dali tinha filhos, alguns até netos e, no entanto, estão ali agora. É como se (...) como diz Manuel Bandeira em certo poema, como se tivesse havido até a morte do nome dele. Então esta idéia do nome, uma pessoa chamada tal está enterrada aqui, é como se já houvesse o impacto da referência. É uma referência perdida. Pode não ser referência perdida para você, mas para o outro sim. Parece que, às vezes, você passa a ter esta visão do outro. Eu costumo dizer para os meus alunos que as palavras organizam o mundo. É através das palavras que você busca até ter sensações. E você conhece o outro através do nome do outro. Eu costumo brincar com os meus alunos: "enquanto a pessoa não se apresentar, não dizer o nome dela para você, esta pessoa não existe. A partir do momento que ela diz 'meu nome é tal', cria-se um vínculo". Por exemplo no caso deste meu aluno que perdeu a mãe, eu não conheço a mãe dele. Mas pelo fato de ser a mãe de tal pessoa, você já criou um vínculo e pode sentir a angústia da pessoa. Mas ao cemitério eu não gosto de ir mesmo. Você vê aquelas cruzes (...) tanto que eu já disse que quero ser cremado para que ninguém tenha a necessidade de me visitar no cemitério. Embora a morte seja um tema que eu trate com meus alunos, esta coisa do cemitério deve ser algo "psicológico" (...)*

PES: Você tem uma relação com o tema da morte através da palavra (...) esta via que permite você abordar o tema com seus alunos?

ARMANDO: *É exatamente isso. Eu não sabia o que dizer para este meu aluno que perdeu a mãe. Nestes momentos parece que qualquer fala será inútil. É neste momento que você percebe que a morte deixa o ser humano impotente. É um momento único que o ser humano não pode fazer nada, a impotência total do ser humano. Por isso que a maioria das pessoas não gosta de pensar sobre a morte. Enquanto eu estiver vivendo, eu sou potente para fazer tudo. Quando eu vejo que alguém sofreu um abalo em relação à morte (...) neste poema do Ferreira Gullar chamado "Redundâncias" que eu trabalhei com os meus alunos, ele diz: "ter medo da morte é coisa dos vivos. O morto está livre de tudo o que é vida. Ter*

[79] Evento muito divulgado pela mídia em 2008. Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi seqüestrada durante cem horas pelo ex-namorado Lindemberg Alves Fernandes, 22 anos, em Santo André, São Paulo. No desfecho do seqüestro, a garota foi assassinada por ele. Este acontecimento foi acompanhado através dos meios de comunicação pelo Brasil afora.

apego ao mundo é coisa dos vivos, para o morto não há (não houve) raios, rios, risos. E ninguém vive a morte, quer morto quer vivo, mera noção que existe, só enquanto existo" O que isto quer dizer é que a morte só faz sentido para quem está vivo. A partir do momento que a pessoa morreu, a morte não vai fazer sentido para ela, nem a vida. A partir do momento que parece que "zerou" tudo, não sei. Então, o impacto da morte só existe para quem está vivo. Para quem morreu é como se diz: "ele não vai se lembrar mesmo, não vai ter consciência mesmo". Engraçado que quando meu aluno ficou sabendo da morte da mãe dele, naquele dia, eu estava analisando a obra do Alberto Caeiro que vai cair no vestibular da Fuvest este ano. Eu estava analisando a terceira e última parte da obra dele chamada "Poemas em conjuntos". A primeira é "O guardador de rebanhos" e a segunda é "O pastor amoroso". E na obra "Poemas em conjuntos" vem a temática da morte. Alberto Caeiro foi o único heterônimo do Fernando Pessoa que foi morto por ele. Fernando Pessoa matou o Alberto Caeiro de tuberculose. E aí a proximidade que o Alberto Caeiro tem com a morte é a de que a morte não deve ter de fato importância nenhuma, principalmente para ele. Sabe aquela História? A minha morte não tem importância nenhuma, a minha morte e não a morte do outro. De fato ele tem razão porque a morte do outro é a que faz sentido para mim. Agora a minha morte para mim mesmo, de fato, não faz sentido algum. E aí eu estava analisando este poema, o que ele diz mesmo? Ele diz que o tempo é cíclico: "quando vier a primavera se eu estiver morto as flores florirão da mesma maneira (...)" Ou seja, ele começa de uma maneira até negativa, mas de repente ele transforma para uma forma até positiva. A natureza vai continuar aí, a minha morte não tem importância nenhuma mesmo porque a vida vai continuar. A minha morte vai ter importância para o outro e não para mim mesmo. O final do poema termina mais ou menos assim: "olha, se quiserem cantar a roda, cantem à vontade. Eu não terei preferências quando não puder ter preferências". Alberto Caeiro é bem radical, é bem sensato neste sentido. E o Álvaro de Campos, por sua vez, diz que a morte do outro faz com que eu morra um pouco também, mas que eu morra em vida. Fernando Pessoa tem um verso também de um belo poema que trata a temática da morte, ele diz: "comecei a morrer muito antes de ter nascido". Enfim, a partir do momento que nós nascemos, o sujeito já vai morrendo. Isso não quer dizer só a morte biológica. Nós sabemos que as células vão se reproduzindo, algumas vão morrendo. A gente sabe como é o processo. O oxigênio que nós respiramos, eu até já falei isso para os meus alunos: "o oxigênio que mantém você vivo é o mesmo que vai te fazendo morrer". Se eu não me engano ele vai desgastando partes do cromossomo que vai envelhecendo as células. Mas, eu não estou falando somente da morte biológica. Ao longo da nossa vida nós vamos perdendo referências. É como se você tivesse morrido um pouco junto com ele. Todas as lembranças que você teve com ele, todas as brincadeiras, todas as tristezas. Então, a partir do momento que aquele sujeito morre, é como se você tivesse morrido um pouco com ele também. E isto eu observei na experiência do meu aluno, eu morri um pouquinho com ele e ele morreu muito mais do que eu porque foi a mãe dele que morreu. Por conta disso que eu acho que o jovem busca o tempo todo viver a vida em passagem. O jovem quer viver a vida de uma forma sem criar pontos de referência, eles são muito "desencanados" em relação à morte. A partir do momento que ele criar pontos de referência, raízes, ele vai poder valorizar mais a morte a partir do outro. Aí começa-se a morrer um pouco aqui, um pouco ali. Por isso que os jovens fazem muitas amizades. Meu irmão, quando ele estava na escola, ele enfrentou a morte de uma colega que estava com leucemia. Mas sabe aquela História de "não vou me apegar muito às pessoas"? Meu irmão, por exemplo, é assim. E eu percebo que não só ele é assim, mas a maioria dos jovens. Eles saem para a balada cada dia com uma pessoa diferente. E assim os jovens não vão criando referências. A partir do momento que eu criar e acontecer algo com esta referência, eu vou começar a morrer um pouco (...)

PES: E nesta situação que ocorreu com o seu aluno que perdeu a mãe, o que você sentiu quando soube do ocorrido?

ARMANDO: *Eu até fui a casa dele na 2ª feira, mas é um momento, infelizmente, de impotência. Claro que neste dia nós falamos de outras coisas, falamos sobre política porque 2ª feira foi o dia posterior às eleições (para a prefeitura de São Paulo) e eu sou meio crítico em relação a alguns grupos políticos (...) e alguns alunos até me aconselham a ser menos crítico, por exemplo. Mas, no final das contas, fui eu e mais dois alunos a casa dele. Eu liguei para estes alunos contando da perda sofrida pelo colega e perguntei se eles queriam visitá-lo. Aí nós fomos. Este meu aluno disse que ao sair de casa sentia que um pouco da alma da mãe dele estava presente nos lugares que ia. Daí a importância do ponto de referência mesmo que você seja o cara mais brigado com a mãe ou com o pai. Estes são pontos de referência muito fortes. A partir do momento que você perde ou a sua mãe ou o seu pai, o impacto é muito maior. O impacto da morte de um amigo pode até ser forte, mas não tanto como a morte de uma mãe ou de um pai. Mesmo uma relação conflituosa com a mãe ou com o pai trazia parte de si, é aquela famosa frase: "eu sou porque o outro existe". Meus pais foram quem me ajudaram a eu me construir, meus sentimentos, meus pensamentos.*

PES: E o que você está dizendo é que você se mostrou disponível para o seu aluno de alguma forma (...) até a partir da reflexão que você faz sobre a importância do ponto de referência da figura materna e paterna na sua vida (...) mesmo sentindo esta impotência que você descreve (...)

ARMANDO: *É (...) e você não sabe como consolar alguém que perdeu uma mãe por quem este meu aluno tinha um amor tremendo. Ele até me contou que, às vezes, chegava em casa, nem tomava banho e já ia assistir TV com a mãe dele (...) e o tempo todo eu pensava: "e agora o que eu vou dizer?" Eu não sabia o que responder para ele. Então, se seu aluno se sente impotente naquela situação, você é mais impotente ainda. Acho que, às vezes, o impacto da morte não é exatamente pela perda, mas pela impotência diante dela. Porque no caso não fui eu que perdi uma pessoa importante, houve uma questão de impotência. Eu tentei ser um ponto de referência para o meu aluno naquele momento.*

PES: E, na sua opinião, qual é o papel da educação?

ARMANDO: *O papel da educação, no sentido mais amplo, é a reflexão de tudo que acontece no cotidiano. Poder refletir, por exemplo, sobre a política, a forma como você se relaciona com as pessoas e refletir também, porque não, sobre a morte que faz parte também do cotidiano. Então, a escola tem esta importância de reflexão. Agora se a escola faz isso ou não é uma outra situação. Infelizmente a escola não faz esta reflexão. Na maioria das escolas você percebe uma mecanização de valores. Não há uma reflexão, por exemplo: "professor, por que você está me punindo?" ou "por que eu estou indo para a diretoria?" E, geralmente, se percebe sermões do tipo: "você não deveria ter feito isso com o seu amigo" e acabou (...) isso não faz com que os alunos reflitam sobre suas ações. Então, consequentemente, o aluno não reflete sobre o cotidiano e muito menos sobre a idéia da morte. A reflexão, por exemplo, sobre cabular aulas não deveria ser somente sobre as normas da escola. Eu acho que deveria se dizer para o aluno: "você está sendo punido porque você está perdendo um tempo precioso da sua vida que deveria ser direcionado a uma reflexão". Eu percebo que a maioria das escolas municipais, estaduais e particulares não faz esta reflexão. Eu percebo que muitas escolas particulares são até piores que as escolas públicas, eu tenho colegas que me contam suas experiências. Esta idéia sobre valores a maioria das escolas não está trabalhando. Não há esta reflexão sobre direcionar o tempo da sua vida para isso. Aí o aluno diz que sabe que vai passar de ano mesmo, que nem sabe o que está fazendo lá (...) mas, ao mesmo tempo, os alunos querem alguém que fale com eles sobre estes valores, é um momento que eles estão construindo bases, pontos de referência. A partir do momento que a escola, os diretores, os professores não se colocam como um ponto de referência, o aluno, no final das contas, "descarta" a escola. Geralmente, a escola tem mais sentido para os alunos quando eles estão nos primeiros anos, no primário, isto é curioso, porque ele tem a atenção de uma professora apenas, então ele tem um ponto de referência. A professora de 1ª a 4ª série é uma extensão da figura da mãe, por isso que muitos alunos têm saudades desta época. Eu tenho muita saudade deste tempo. Aí, a partir da 5ª e 6ª série, assumem os professores homens que colocam mais rédeas na situação. E, hoje, os professores têm que dar aulas para 30, 40 alunos e isso dificulta a possibilidade dele poder se tornar ponto de referência. E, portanto, o aluno não tem referência, infelizmente.*

PES: E você percebe relações entre o papel da educação e o tema da morte?

ARMANDO: *Sim, percebo toda relação. As áreas que principalmente trabalham a morte são: a literatura, a Geografia, a História (...) a Geografia trabalha mais numa perspectiva de dados estatísticos, então atenua o impacto da morte. São poucos os professores que falam para os alunos: "como os jovens de 15 a 18 anos morrem?" Eles simplesmente dizem: "nas pessoas de 15 a 18 anos ou de 15 a 30 anos há muita incidência de mortes entre jovens, principalmente entre homens". Mas, eles não explicam como se dá isso. Por exemplo dizer que muitos jovens morrem por conta do tráfico de drogas. Dizer que jovens da classe média alta geralmente morrem por conta de acidentes de automóvel. São poucos os professores de Geografia que fazem a reflexão sobre o porquê destas estatísticas. Geralmente está envolvida a idéia da liberdade. O aluno não sabe qual o sentido verdadeiro da liberdade. O aluno acha que liberdade é chegar em casa na hora que quiser, mas na verdade liberdade é algo muito mais complexo. Geralmente os alunos até reconhecem, depois de terem entrado no mundo do trabalho, que liberdade é você ter condições para freqüentar lugares, é você ter dinheiro para isso, é se sentir mais livre na vida, é ter mais capacidade para fazer as coisas. Depois que o jovem cresce um pouco, ele percebe que a noção de liberdade que ele tinha era ilusão. Esta reflexão, por exemplo pelo professor de Geografia, seria muito importante de acontecer, mas é difícil você encontrar isso. Ele trabalha mais com esta idéia dos dados estatísticos.*

PES: E o professor de História?

ARMANDO: *O professor de História, é esta a minha opinião que eu vejo, por exemplo sobre os faraós, as pirâmides do Egito (...) mas muitos professores não relacionam que aquele túmulo sofisticado dos faraós aprisionavam muitas pessoas. Tem até um poema do Bertold Brecht que diz que quem construiu as pirâmides do Egito não está constando dos livros de História. O poema chama: "Perguntas de um trabalhador que lê"*[80]*. Então o livro de História fala que morreu tal pessoa*

80

e foi enterrada no sarcófago lá no Egito, mas a reflexão de como se dava esta relação é complexa e, muitas vezes, não se passa isso ao aluno. Então, geralmente, a morte do faraó tem mais importância que a morte de milhões de pessoas que construíram as pirâmides do Egito. E isso tem uma conseqüência grave, pois faz o aluno aceitar que o mundo é assim mesmo, não adianta mudar nada e acabou por isso mesmo. Infelizmente a gente percebe, principalmente nos livros de História, que o trabalhador, o escravo, nunca é valorizado na História. Geralmente são aqueles que tem poder que são valorizados. Pra falar a verdade, muitas escolas quando falam da Revolução Francesa, não contam alguns episódios interessantes (...) por exemplo sobre o povo meter uma guilhotina na cabeça de um rei. Esta parte da História não é contada. São poucos os professores que trabalham esta reflexão que muita gente morreu trabalhando em determinado lugar e esta morte, infelizmente, não é valorizada tanto quanto a morte de um faraó, de um presidente da república (...) fica tudo escondido.

PES: E como você percebe a morte na sociedade atual?

ARMANDO: *Em geral é aquilo que eu havia dito: a morte que se passa na TV tem muito mais impacto que a morte que acontece perto da minha casa. Ou seja, o que acontece perto de mim é banalidade. Por conta desta estrutura do professor que não valoriza a morte (...) por exemplo se a gente pegar a Segunda Guerra Mundial, a gente só vê a guerra entre a Alemanha e a Inglaterra, mas a gente não vê qual é o saldo negativo disso tudo. Geralmente, o saldo que se faz é: "a Alemanha ficou dividida, a Inglaterra começou a se reconstruir, os Estados Unidos ajudaram a Europa, o mundo ficou bipolar, enfim (...)" e, geralmente, as pessoas que morreram não são valorizadas. Então, por conta disso, quem está na camada inferior da estrutura social, sua morte é uma coisa banal, é mais um que morreu e, portanto, isso não tem impacto em mim. Agora com a morte que é televisionada isso é diferente.Somente a morte de algumas figuras, que são tidas como "importantes", somente estas mortes têm um impacto imenso na minha vida. Estes dias, eu até tirei sarro de uma História. O CCJ (Centro Cultural da Juventude) no bairro de Cachoeirinha em São Paulo, recebeu estes dias um novo nome: "Ruth Cardoso". E aí a brincadeira que eu fiz com alguns alunos foi: "engraçado, 'Ruth Cardoso', por que não dar o nome de um morador antigo ali da região?" Eu acho que a Ruth Cardoso nunca foi ao bairro de Cachoeirinha. A estrutura social se reflete nestes nomes. Geralmente, as avenidas têm nome até de parentes de políticos*

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros estão nomes dos reis.
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída.
Quem outras tantas a reconstruiu?
Em que casas da lima dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?
A cantada Bizâncio só tinha palácios para os seus habitantes?
Até a legendária Atlântida na noite em que o mar a engoliu viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias.
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou, Filipe da Espanha chorou.
E ninguém mais?
Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos.
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?

Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas Histórias.
Quantas perguntas.

e nunca tem nome de pessoas que trabalharam afincamente na região. Os nomes são sempre baseados em pessoas que tinham posses, mas você nunca encontra o nome de pessoas simples como o nome de uma rua, por exemplo.

PES: E isto pode refletir em como a morte é vista na sociedade?

ARMANDO: *Sim. A morte para uns é algo sublime, os poderosos, aqueles que têm posses que morrem que são dignos de louvor. E a morte de uma pessoa que foi até muito mais atenciosa com aquela região onde morava, não é tão valorizada. Este repertório de desvalorização faz parte da visão da morte na sociedade.*

PES: E esta postura é reproduzida na escola?

ARMANDO: *Infelizmente sim. Aliás, eu acho que isso até começa na escola. A partir do momento que a escola não reflete sobre esta situação, o porquê dela ser assim, no final das contas tudo isso acaba sendo natural. A cultura branca é bem mais valorizada que a cultura africana, que a cultura indígena porque a maioria dos poderosos é da cultura branca, enfim (...) infelizmente, isso já começa a se reproduzir através dos livros. A escola faz parte de uma estrutura social que acaba reproduzindo esta visão. E isto se reflete em toda a sociedade de uma forma triste. Até nos adolescentes isso se reflete, infelizmente.*

PES: E, na sua opinião, quais são os temas relacionados à morte mais freqüentes no contexto escolar quando se pensa nos alunos adolescentes?

ARMANDO: *Nas escolas públicas de periferias são as mortes do tráfico de drogas. Também tem as mortes pelos acidentes de carro e que, por virar estatísticas, acabam não sendo refletidas na escola. Na escola os alunos conversam muito entre si, mas eu percebo que até esta noção de amizade não é tão valorizada se a pessoa não é meu ponto de referência. Então, quando morre um aluno de acidente de carro ou de tráfico de drogas e este aluno não é meu ponto de referência, este evento é simplesmente assimilado, mas na outra semana nem se lembram que aquele aluno existiu na escola.*

PES: Você percebe esta postura entre os alunos ou entre os educadores e os alunos?

ARMANDO: *Eu já percebi isso até entre os educadores e os alunos. Mais um aluno que morreu. Mas eles dizem que foi o aluno que se envolveu com coisas erradas (drogas), então não vamos pensar nele, que ele descanse em paz e acabou. São poucos os educadores que vão ao enterro de um aluno com os outros adolescentes e levam esta reflexão para eles sobre o uso de drogas. Teve um colega meu, professor de literatura, que fez isso, que perguntou para os alunos se eles queriam continuar envolvidos com drogas. Para muitos educadores o adolescente é uma geração perdida. E os professores só estão preocupados em ganhar o salário deles. Infelizmente isso ocorre, principalmente em escolas públicas do Estado. Esta desestrutura social se reflete na vivência dos alunos. Ninguém se torna um ponto de referência para eles. E aí se ele morrer é um a menos mesmo.*

PES: Quando em falo em abordagem do tema da morte na escola, eu estou pensando em três eixos. O primeiro eixo que quero refletir com os educadores são as mortes concretas (por exemplo esta situação que você trouxe: alunos adolescentes morrendo em decorrência do tráfico de drogas ou acidentes de trânsito) ou alunos em situação de perda de pessoas significativas (por exemplo: a História do seu aluno que perdeu a mãe recentemente) alunos que estejam passando pelo processo do luto. Você teria algo a acrescentar sobre isso?

ARMANDO: *Não exatamente, eu não me lembro de outras situações. Eu me lembro de alunos que perderam o pai ou a mãe, mas não sei te contar se houve alguma conversa sobre isso na escola (...) eu acredito no fato de que os alunos que perderam o pai ou a mãe cedo ou o avô e a avó, tenham um impacto maior sobre a idéia da morte do que alunos que não perderam um ponto de referência significativo. Embora tenhamos hoje uma estrutura familiar bem diferenciada em que o pai e a mãe não estão tão presentes e, no final das contas, o avô ou a avó que se tornam o ponto de referência da educação de valores para o adolescente. Mas esta diferença é claramente percebida na escola, não é igual se fosse o pai ou a mãe que assumisse esta função. E isto pode ter um impacto até na visão de morte. A partir do momento que eu não tenho muitos pontos de referência, acabo não dando tanta importância para esta noção de morte.*

PES: Outra morte que eu estou investigando na escola, eu estou chamando de mortes simbólicas: são as situações presentes no desenvolvimento dos alunos e que provocam algum sentimento de perda. Por exemplo: inícios e finais de situações de vida, mudanças importantes, situações novas e desconhecidas. Você percebe estas situações de mortes simbólicas presentes na escola?

ARMANDO: *Se eu entendi bem esta idéia da morte simbólica (...) vamos falar dos alunos do 3º ano (...) eles já estão terminando o Ensino Médio e, portanto, eles vão perder contatos. Eu diria que esta perda de contatos é uma morte simbólica. Neste momento, na verdade, eu vejo muitas festividades e isso até emociona quem teve mais proximidade com o aluno. Eu fiquei muito emocionado, como educador, quando os alunos pegaram os cadernos e jogaram para o alto. É uma festividade muito emocionante. Claro que haverá perdas, os alunos sentem a perda de contatos com os colegas, os professores, embora muitos alunos morem perto uns dos outros. Mas a escola é um ponto de encontro. Aliás muitos jovens gostam de ir à escola, mas não gostam das aulas. Muitos alunos gostam de alguns professores (...) eu acho que esta morte simbólica é um rito de passagem. Eu estou saindo da escola para a vida adulta. Este é um rito de passagem importante. Só que você só vai ver as conseqüências mais fortes disso quando o ano já virou. Isso eu percebo hoje porque no momento estou dando aulas no cursinho para alunos que já saíram da escola. Eu já percebo outras experiências. Os alunos perderam contatos, mas eles percebem que o mundo se abriu para eles. Em que sentido? Os alunos têm a capacidade de fazer outras amizades, estabelecer novas relações. A escola estabelecia relações dentro de suas paredes, mas o horizonte é muito mais amplo. Então, este rito de passagem é muito mais significativo depois que ele passa. Os alunos sentem saudades dos colegas da escola, do que eles faziam juntos, das bagunças, mas eles percebem que podem estabelecer novas relações, com novas pessoas, eles podem ampliar, ter novas experiências, novos conhecimentos. A gente percebe a sensação de liberdade em alguns alunos. Eles sabem que a sociedade vai impor algumas regras mais fortemente, mas para eles, tudo bem, eles já estão acostumados com isso. No cursinho, por exemplo, os alunos têm liberdade de cabular aulas. Na escola eles não podiam fazer isso. Eu acho que depois desta morte simbólica os alunos começam a refletir mais sobre a vida, há uma certa valorização de alguns aspectos. Quando os alunos chegam aos 18 anos, eles têm uma liberdade maior até mesmo dentro de casa, alguns já começaram a trabalhar. Claro que a liberdade da fase adulta é muito maior. Outra morte simbólica com o término da escola é a perda de pontos de referência em alguns colegas. É para eles que os alunos contam seus segredos mais íntimos, por exemplo.*

PES: E você percebe esta morte simbólica, do término da escola, sendo trabalhada na escola?

ARMANDO: *Infelizmente formatura não existe mais em escolas públicas. Nas escolas particulares isso é mais presente, as festas são mais amplas. Então, geralmente, este rito de passagem se dá no último dia de aula. A perda não é exatamente do espaço físico da escola, não há tanto esta valorização, apesar de alguns alunos continuarem freqüentando a escola nos fins de semana. De um modo geral, este rito de passagem não é bem trabalhado pelos professores.*

PES: Você considera importante trabalhar este rito de passagem?

ARMANDO: *Eu acho que sim. Pode ser uma festa de comemoração entre os alunos e os professores. Pode ser no pátio mesmo, não precisa ser uma festa de formatura. Esta despedida é importante. Os alunos só percebem a ampliação de horizontes no ano seguinte, esta idéia poderia ser trabalhada antes. Eles vão procurar emprego ou tentar uma universidade. A maioria vai para as universidades particulares através do ProUni[81]. Hoje tem "n" maneiras de se conseguir uma bolsa. A sociedade cobra destes alunos que eles continuem estudando. Este rito de passagem na escola é um dentre muitos. Os alunos percebem então a possibilidade de fazer novas amizades. Dentro da universidade eles não vão precisar correr da inspetora, não há reunião de pais (...) O aluno percebe a importância do estudo. Há momentos de arrependimentos de não ter estudado tanto.*

PES: Você descreveu muito bem as mortes simbólicas (...) a terceira situação de morte que eu percebo que pode estar presente na escola e eu gostaria de saber a opinião dos educadores sobre isso são as mortes chamadas de "escancaradas". Você já falou um pouco sobre elas, vou te contar a definição que estou estudando: são as mortes que invadem nossos espaços sem que tenhamos formas de proteção contra elas. Elas invadem nossas vidas através dos meios de comunicação e das situações presenciadas no nosso cotidiano (principalmente as situações de violência nas grandes cidades). Você teria algo a acrescentar sobre a relação entre as mortes escancaradas, os adolescentes e a escola?

[81] O ProUni - Programa Universidade para Todos que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. Fonte: http://portal.mec.gov.br/prouni/

ARMANDO: *É a morte televisionada. Mas tem também a internet. Alguns alunos falam sobre ver a morte na internet, por exemplo sobre como foram encontrados os corpos do Mamonas Assassinas*[82] *ou outras mortes violentas que tiveram. E isso parece um show, a forma como foi encontrado o cadáver. Eu tenho horror de ver sangue escorrendo (...) e eu já ouvi comentários dos alunos deste tipo.*

PES: E nestes momentos o que você faz?

ARMANDO: *Neste momento, quando eu ouço estes comentários, eu fico espantado. A morte vira algo banal até mesmo pelo fato dos alunos não conhecerem estas pessoas. O espetáculo está no outro. O que eu posso fazer em relação a isso enquanto educador? A morte neste sentido está tão banalizada, o ser humano está tão descartável (isso já se percebe até nos livros de História), como provocar esta consciência nos alunos?*

PES: Você está dizendo que considera difícil levar esta reflexão para os adolescentes?

ARMANDO: *Eu não digo que seja difícil, eu ainda não tive a oportunidade de trabalhar com isso (...) talvez ainda me falte um pouco de experiência nesta área. Eu fico espantado com esta visão do aluno. Infelizmente não há um trabalho na escola em relação à sensibilidade do aluno. Porque imita-se a estrutura social mesmo: "na Segunda Guerra Mundial a Europa saiu prejudicada (...)" mas não se fala que muitas pessoas morreram de uma forma grotesca. Isso não é refletido. Então, o aluno passa a ser um produto desta estrutura social. Eu já vi os alunos comentando: "eu vi em tal site uma pessoa morta deste jeito". E eles acham isso um "feio admirável". Eu tenho vontade de dizer para eles acordarem que isso não é um espetáculo. Isso não deveria nem estar sendo divulgado. Isso é invasão de privacidade até daquele que morreu. A pessoa não tem culpa de ter morrido desta forma. Se esta idéia aparecesse novamente na escola, eu faria uma reflexão com os meus alunos sobre esta idéia da morte como show, como uma feiúra admirável. Os alunos comentam sobre o filme "Premonição"*[83]*, como são as mortes que aparecem neste filme. Tudo bem que eu também gostava de jogar "Mortal Kombat"*[84]*. Neste jogo se decepa a cabeça de um, tira o esqueleto do outro (...) isso também é morte cruel por mais que seja um jogo ou um desenho. Eu percebo nos alunos uma certa inversão de valores no sentido da morte enquanto arte (no cinema ou na fotografia, por exemplo) não é algo que acontece no cotidiano. Nas fotos de desastres normalmente são veiculadas pessoas conhecidas. Eu percebo que para os alunos aquilo ali é um "chocante admirável". A escola poderia trazer uma reflexão importante. Eu sempre levo a reflexão para os meus alunos através dos poemas, por exemplo um chamado "Cemitério Pernambucano" do autor João Cabral de Melo Neto. Ele fala do morto que não tem direito a um caixão, a um enterro digno. Isso tem um impacto simbólico muito forte. O morto é derramado no chão, enterrado, para a terra não sente a inclusão, como diz o poema. Nestas situações são lavradores lá do sertão. Onde está o impacto do poema? É a situação social em que se encontram estas pessoas. Nem depois da morte estas pessoas são tratadas igualmente. Todos vão para a terra, mas a forma que estas pessoas foram para a terra não é a mesma que a esposa de um rei. Estes têm direito a monumentos lindíssimos para serem enterrados. O imperador Shah Jahan, por exemplo, mandou construir o Taj Mahal em memória de sua esposa, mas não se fala quantas vidas se perderam nesta construção. Muita gente morreu ali com certeza, assim como nas Pirâmides do Egito. A gente admira aquelas obras, mas tem todo um processo social que de fato exclui aqueles que "meteram a mão na massa" e morreram.*

PES: Você se lembra quais foram os comentários dos alunos sobre esta reflexão sobre a morte e a desigualdade social?

ARMANDO: *Eu recebi elogios acerca da minha aula, mas não tive tempo de abordar o que de fato eles sentiram. O que eu percebi é que eles prestaram bastante atenção e ficaram perplexos com esta discussão, é uma descoberta. Eu deveria talvez ter pedido uma redação. Não deu tempo de fazer um trabalho mais amplo, era uma atividade já no final do ano. Os poemas me ajudam a levar a reflexão aos meus alunos.*

PES: A partir destes três eixos que discutimos, você acha que a escola deveria abordar o tema da morte?

---

[82] Banda brasileira que se tornou um grande sucesso com seu humor em meados da década de 1990. No auge de suas carreiras, os integrantes da banda foram vítimas de um acidente aéreo fatal em 1996 causando grande comoção nacional em crianças, adolescentes e adultos.

[83] Quando um adolescente tem uma premonição de que o avião em que está vai explodir, ele e seus amigos resolvem não mais viajar. Para surpresa de todos, o avião realmente explode na viagem em que eles deveriam estar. Mas os integrantes do grupo começam a morrer misteriosamente, um a um, até os sobreviventes resolvem se unir para tentar entender o que está acontecendo, antes que eles mesmos se tornem as próximas vítimas.
Wong, J. (2000). Premonição. (filme-vídeo). Estados Unidos: New Line Cinema. DVD/NTSC, 98 min. color.

[84] Série de jogos de luta, inicialmente produzida para fliperamas, e depois expandida para filmes, quadrinhos e seriados de TV. O jogo original da série, lançado em 1992, causou polêmica pela violência explícita.

ARMANDO: *Sim, com certeza. É um dos temas que deve ter uma abordagem filosófica, sociológica, literária (...)*

PES: E na escola em que você está inserido há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou entre os educadores e os adolescentes?

ARMANDO: *Então, aí entra a questão da prática. Teoricamente há espaços porque o tema da morte é um tema que faz parte do ser humano, faz parte do cotidiano e, portanto, deve fazer parte da escola que está inserida neste cotidiano. Mas a questão da prática deixa a desejar.*

PES: O que estaria impedindo esta prática na escola?

ARMANDO: *Infelizmente é aquela situação em que o professor quer apenas dar a sua aula, passar a lição na lousa e o aluno é obrigado a copiar. A maioria dos professores trabalha deste jeito. E aí, nesta configuração, como refletir sobre o tema da morte na escola? Este tema deveria ser discutido, mas são poucos os educadores que fazem isso. Quando se fala no tema da morte é assim: "fulano de tal morreu por conta de coisas equivocadas que fazia na vida e você vai para este caminho por que?" São poucos os professores que fazem uma análise da morte de forma social.*

PES: E, na sua opinião, por que o tema da morte não é abordado na escola?

ARMANDO: *Eu acho que a maioria dos professores não tem um preparo adequado para trabalhar com vários temas. O tema da morte está voltado mais para a área de humanas: Geografia, História, filosofia e português. Na História as mortes abordadas são dos grandes nomes, conquistadores da História, e na Geografia é de uma maneira mais estatística. Na área de humanas a morte é vista de uma maneira mais abstrata porque depende da sensibilidade do professor. Um poema sobre a morte pode ser apenas lido e não refletido.*

PES: Você falou sobre a falta de preparo do professor para a abordagem do tema da morte. O que seria este preparo? Haveria uma disponibilidade para isso ocorrer?

ARMANDO: *Eu também não posso culpar os educadores. Muitos deles trabalham mais de 50 horas por semana para manter a família porque os salários em escolas públicas são baixos. Apesar de que nas escolas particulares isso também acontece. Então, enquanto não houver uma valorização deste profissional, eu acho que infelizmente não dá para fazer um preparo melhor em relação à abordagem desta temática. Se houvesse um salário melhor pago, conseqüentemente o professor poderia trabalhar menos. E aí ele teria tempo de preparar melhor suas aulas. Quando eu trabalhava de manhã, eu já chegava esgotado em casa. Imagina quem trabalha manhã, tarde e noite? Ainda mais que 5ª a 8ª série é muito mais pesado de se trabalhar.*

PES: Uma vez que houvesse este tempo maior para o educador se preparar para a abordagem do tema da morte na escola, o que seria importante nesta preparação? Quais seriam as suas necessidades por exemplo?

ARMANDO: *Aí também tem outros fatores, por exemplo como foi a formação humanística deste profissional. A gente sabe que muitas universidades trabalham mais num sentido mecanizado. Por exemplo aqui na Universidade de São Paulo a temática da morte perpassou bem as nossas aulas. Como eu havia dito o professor Pasta, por exemplo, trabalhou bem esta temática da morte. Mas isso, infelizmente, não acontece na maioria das universidades, principalmente nas particulares. Eu fico horrorizado, por exemplo, quando vejo um curso de Letras em 3 anos com Licenciatura, Bacharelado e curso de inglês. Tudo isso em 3 anos e de 2ª a 6ª feira. Eu fiquei 6 anos na universidade adquirindo experiências e com um contato vivo com os professores e os alunos. E eu comecei a refletir sobre a temática da morte na graduação com o professor Pasta.*

PES: Então você está dizendo que uma das coisas que fazem parte do preparo do professor para a abordagem do tema da morte nas escolas seria uma formação já na graduação voltada para o tema. Isso já daria uma segurança maior para o professor refletir sobre este tema com os alunos?

ARMANDO: *Exatamente. Isso daria uma maior segurança para qualquer educador. O que acontece é que uma formação em Letras em 3 anos nestas universidades está voltada muito mais para uma formação gramatical do que para uma formação literária. Ou se discute sobre o movimento literário do Arcadismo, do Romantismo (...) é uma coisa mecanizada.*

PES: E quais outros fatores poderiam impedir que o tema da morte fosse discutido na escola? Você falou na falta de tempo, na pouca remuneração, no não preparo das universidades (...)

ARMANDO: *Na verdade é um despreparo do professor nas universidades. Deveria haver também, principalmente entre os professores da área de humanas, trabalhos durante um bimestre, um semestre com temas relacionados a uma certa situação. Então, por exemplo, vamos trabalhar o tema da morte? Aí o professor de História trabalharia o tema da morte na História do mundo, o professor de Geografia ampliaria a reflexão dos dados estatísticos, o professor de filosofia também trabalharia a questão da morte dentro da filosofia, o professor de literatura também (...) são áreas que estão interligadas, mas que estão muito distantes uma da outra. Então, deveria haver uma coordenação entre estes professores para se trabalhar um tema específico dentro da escola.*

PES: E quem faria esta coordenação dentro da escola?

ARMANDO: *Quem deveria fazer é o professor coordenador pedagógico. Muitas vezes o que ele faz é passar informes, no caso das escolas estaduais, é passar informes do que foi discutido lá na diretoria de ensino. São informes muito mais de ordem política do que de organização, como por exemplo sobre o preparo do professor para trabalhar com um tema sugerido pela diretoria de ensino. Isso daria muito mais oportunidade para o professor falar sobre as suas necessidades (...) mas infelizmente isso não acontece. O diretor das escolas está mais voltado para a área burocrática do que para a área educacional. Eu acho até que o diretor nem deveria ter curso de Pedagogia, e sim de Administração de Empresas. É isso que o diretor virou na escola. A mesma coisa acontece com o vice-diretor. E por incrível que pareça o professor coordenador pedagógico está virando a mesma coisa também.*

PES: As bases humanísticas estão cada vez mais distantes destes profissionais?

ARMANDO: *É isso o que acontece e é tudo conseqüência (...) se a estrutura de organização dentro da escola é assim, a idéia passada sobre a morte para o aluno vai ser voltada para a idéia de desvalorização da morte, da liberdade (...) não se ensina na escola que a liberdade é uma coisa a ser conquistada. A idéia da liberdade está relacionada à morte, como assim? A idéia da morte é vista com um certo impedimento. Por que não falar de morte e relacionar com a vida, com a reflexão sobre os seus atos? Poder valorizar os seus atos? E, portanto, você é livre para saber viver. São temas que podem estar relacionados.*

PES: Você já falou um pouco, só para acrescentar (...) quais seriam possíveis instrumentos para a facilitação da abordagem do tema da morte nas escolas com os jovens? Você já falou sobre os poemas (...)

ARMANDO: *Pode se trabalhar também, relacionando à área de humanas, buscando ilustrar o tema da morte, como assim? Buscar quadros, pinturas (...) na escola pública não temos um projetor de imagens, mas você pode de alguma forma trazer estas imagens em papel, imprimir (...) trazer a música também, isso é muito interessante. Eu já trabalhei, mais em cursinhos do que nas escolas, músicas do Chico Buarque como aquela música "Construção". Você vai exprimindo detalhes daquele poema e o poema acaba de uma forma irônica e eu demonstro isso: "morreu na contramão atrapalhando o sábado ou o tráfego". E eu falo para os meus alunos, levo a reflexão sobre o morto estendido no chão que está atrapalhando o tráfego e não nos trazendo a reflexão que um ser humano acabou de morrer. É uma desvalorização brutal que o poeta registra de uma forma brilhante. O poeta traz o olhar desta situação, da sociedade, como ela vê a morte. Por exemplo: "morreu na contramão atrapalhando o tráfego". A morte está atrapalhando o fluxo de carros, o fluxo significa a vida (...) precisa se trabalhar bem o sentido poético das músicas, eu faço isso com os meus alunos.*

PES: E quando abordar o tema da morte na escola? Em que situações? Deveria ocorrer uma inserção do tema nas atividades pedagógicas, nas próprias disciplinas e/ou em momentos em que ocorressem situações relacionadas à morte no contexto escolar?

ARMANDO: *Eu acho que seria interessante abordar o tema como parte de uma disciplina mesmo. Eu acho que é uma forma de você preparar o aluno, mostrar desde o início como se dá estas questões relacionadas à morte para quem sabe até, se ele vivenciar esta experiência, ele poder ter uma sensibilidade mais elaborada em relação ao tema. É importante dizer: "sim, ocorreu esta morte que foi televisionada, mas todo dia ocorrem mortes no mundo. Todo dia há pessoas morrendo de negligência médica, por exemplo, de acidentes de trânsito, no tráfico de drogas, enfim (...) tem pessoas morrendo, quantas vidas ainda terão que se perder?" Eu acho que o trabalho da morte deve ocorrer na escola, de uma forma bem ampla, para sensibilizar o aluno ao tema. O aluno pode aprender a olhar a morte. Mas isso, infelizmente, não se faz na maioria das escolas.*

PES: E isso não se faz (...) pelo pouco tempo, pouco preparo, pouca remuneração (...)

ARMANDO: *Pelo pouco preparo do professor. Por esta descoordenação que ocorre até mesmo dentro da estrutura, da direção da escola.*

PES: Para finalizar esta entrevista eu gostaria de fazer duas últimas perguntas mais relacionadas à adolescência. Você já falou um pouco, mas se tiver algo a acrescentar (...) qual é a sua opinião sobre os adolescentes em relação ao tema da morte?

ARMANDO: *Esta falta de ponto de referência. Então, às vezes, o adolescente nem vivencia a morte de alguém próximo a ele, não morre um pouco junto com a situação (...) a juventude busca viver amizades passageiras, amores passageiros, tudo passageiro. Então eles não criam raízes e estas raízes é que vão fundamentar sua vida. Então, a morte pode ser vista de forma banal. Muitos jovens perdem conhecidos, em mortes do crime, em mortes do trânsito e, no final das contas, é mais um que morreu e acabou. Penso que o jovem pode estar vendo assim a morte que é próxima dele. Por outro lado, a morte que é televisionada ou a da internet (...) pode chocar muitos jovens e depois se transformar em show.*

PES: E quais seriam possíveis mudanças, na sua opinião, se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

ARMANDO: *Eu acho que os jovens valorizam muito mais as raízes que eles, o tempo todo, não fincam no chão. Eu acho que as mudanças seriam neste sentido, de valorização da vida. Tem uma frase do Montaigne[85] em que ele diz: "quem não aprendeu a morrer, não aprendeu a viver". Então, o jovem, a partir do momento em que ele trata a morte de uma maneira banalizada, conseqüentemente ele trabalha a idéia da vida de uma forma banalizada. Mesmo que a vida seja tratada como uma passagem, é possível se trabalhar a idéia de valorizar cada etapa desta vida, cada momento. Infelizmente, o jovem não valoriza a vida, ele a trata como uma foto: registrou e pronto, de uma forma mecanizada. Não há uma lembrança para ser rememorada sempre. É como se o jovem não acumulasse as experiências e a idéia da morte, por exemplo, segundo o Benjamin[86], o momento da morte é o momento em que você pode contar a experiência que você teve na vida, o enriquecimento de conhecimento que você teve em vida. É no momento da morte que você pode narrar tudo, é quando você pode dizer o que deveria ter feito, o que os filhos devem fazer, é o momento do conselho, podemos assim dizer. E a partir do momento que você não acumula lembranças, em que tudo é registrado de uma forma mecanizada (e a tendência é piorar agora com estas câmeras fotográficas digitais, você coloca tudo numa pasta do computador e não precisa rememorar infelizmente) e não transformar isso numa lembrança para ser resgatada, ensinada para o outro, este momento, infelizmente, não existe mais. Isso praticamente se perdeu. Não temos mais experiências para contar. Tudo está mecanizado, visto à distância.*

PES: Puxa, Armando, obrigada pela sua participação. Eu aprendi muito com a sua fala. Você me ensinou muito sobre a área da literatura e da morte (...) e sobre a sua experiência, as limitações de atuação (...) Eu te convido para a minha defesa em 2010, se você quiser comparecer (...)

ARMANDO: *Com certeza. O tema da morte é um dos temas que me encanta. Eu fiquei muito feliz por ter sido convidado a participar da sua pesquisa. Os alunos necessitam muito de um ponto de referência e, infelizmente, isso não acontece. Eles necessitam de alguém dizendo que eles estão errados, contando algo sobre o mundo, sobre a sua experiência. Isso é muito triste. Eu me sinto impotente. É uma morte simbólica enquanto educador. O professor precisa, ao mesmo tempo, ser sensível e se impor. É a partir do conflito que o sujeito vai se construir, ter um autoquestionamento: "será que eu estou no caminho certo mesmo?" O aluno começa a refletir e tempos depois ele vai dar um retorno para nós. Ele terá uma visão melhor do mundo, a partir do conflito que vivenciou e teve alguém para compartilhar isso. Infelizmente, muitas vezes, até o aluno se sente desvalorizado. E aí, conseqüentemente, a idéia da morte também será uma idéia desvalorizada.*

---

[85] Michel Eyquem de Montaigne (1533- 1592), grande pensador e escritor humanista da renascença francesa.

[86] Walter Benjamin (1892 —1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo alemão. Associado com a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica.

ANEXO 9: ENTREVISTA MARIA *(escola particular)*

Pesquisadora (PES): Gostaria de começar agradecendo a sua disponibilidade em me ajudar desde o meu primeiro contato (...) e apresentando, brevemente, os objetivos da minha pesquisa (...) o meu interesse principal é a reflexão com os profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte com alunos adolescentes no contexto escolar. Eu escolhi esta faixa etária devido à continuidade do meu mestrado, que eu te contei, em que eu estudei esta temática sobre a morte na adolescência. Seus dados não serão identificados, como eu te falei, eu só gostaria de saber a sua idade?

Entrevistado 7 (MARIA): *51 anos.*

PES: E gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: onde já trabalhou, onde trabalha atualmente, funções desempenhadas (...)

MARIA: *Eu sou formada em Biologia, me formei na Universidade de São Paulo também. E também em Ciências Sociais e fiz Psicopedagogia como especialização. Então eu trabalho em escola desde que eu estava na faculdade (...) comecei trabalhando com a área de matemática, como professora substituta, aí conforme foi passando o tempo da minha faculdade de Biologia, eu fui assumindo classes de Ciências. Aí passei bastante tempo dando aulas de Ciências, parei um tempo (quando os meus filhos nasceram) e depois voltei ao trabalho. Então eu trabalhei a maior parte do tempo somente como professora. Nos últimos 5 anos, quando eu estava no meu último trabalho (fora este que estou hoje), eu fiquei coordenadora de série. É uma espécie de tutoria, é uma relação que favorece a relação da escola com o aluno sendo professora de Ciências mesmo porque aí tem uma proximidade grande. E, atualmente, eu sou coordenadora de Ensino Fundamental II de uma escola particular. Eu só trabalhei em escolas particulares.*

PES: E, na sua opinião, qual é o papel da educação?

MARIA: *Educação é um conjunto não só de informações, mas de informações de uma forma bem ampla, desde valores até conhecimentos culturais que vão sendo desenvolvidos e trabalhados com os alunos de forma que eles possam escolher os instrumentos para que eles consigam resolver seus problemas durante a vida. De forma que eles possam atuar e transformar o mundo trazendo estes valores, estas idéias que eles vão construindo durante a sua trajetória para o bem comum. Então eu acho que a educação faz o papel tanto de passagem do que já existe como a construção de uma nova perspectiva.*

PES: Você vê relações entre o papel da educação e o tema da morte?

MARIA: *Com certeza. Já que a educação trata com seres humanos o tempo todo, tanto os professores, coordenadores, equipe técnica das escolas e os alunos e suas famílias (...) e a morte faz parte do ciclo de vida de todos, então claro que sim, vejo relações. Então, a morte de alguma forma tem que ser abordada na escola. Nem que não seja intencionalmente, dentro dos programas, mas ela acaba sendo tratada sim.*

PES: Esta relação entre a educação e o tema da morte pode ser percebida nos ciclos de vida, é isso?

MARIA: *Nos ciclos de vida. E assim, sendo professora de Ciências, o tema da morte de alguma forma é tratado quando você fala do ciclo de vida dos seres vivos. Ou até informações que os alunos trazem (por exemplo um aluno que assistiu um filme da Discovery onde tinha um tigre comendo um alce) e eles falam que esta morte é horrível, um absurdo. E aí se discute que isso faz parte do ciclo de vida, tem que ser assim. Para o biólogo, eu acho que isso é uma coisa mais tranqüila neste sentido, não pensando nos laços humanos, mas na morte fisiológica. A morte tem que acontecer, não dá para não acontecer. Então toda vez que o professor de Ciências coloca desta forma choca um pouco os alunos: "ainda bem que os tigres comem os alces porque senão teria muitos alces e eles comeriam todo o capim e não ia sobrar capim para ninguém". Então tem toda esta questão do equilíbrio das populações dos seres vivos. Pensando bem a questão biológica, fisiológica. E mesmo a decomposição (...) muitos alunos se sentem em muitos momentos incomodados quando você passa um filme, por exemplo, de um carnívoro se alimentando. Sempre há uma dificuldade aí em tratar deste tema. Os alunos falam: "mas o coelho era tão bonitinho! Por que a raposa o comeu?" Então há estas coisas assim.*

PES: O choque que você percebe dos alunos tem a ver com a idéia de um animal ter que morrer para a cadeia alimentar poder se formar?

MARIA: *Exatamente. E a idéia disso não ser uma coisa agressiva, só que faz parte do papel deste animal no meio ambiente. Até quando os alunos assistem, por exemplo, "O Rei Leão"*[87]*, que tem as hienas e todo mundo fica muito revoltado com as hienas, eles se incomodam e, realmente, isso acaba incomodando todo mundo. Mas é neste momento que eles param para pensar qual é a necessidade de haver hienas que se alimentam de seres que já morreram, qual é a necessidade de morrer mesmo. Estes são momentos importantes de discussão neste sentido da morte, da perda da vida. Isso tudo pensando mais nos aspectos da Biologia. Com relação às relações humanas, existem vários tipos de perdas que os alunos sofrem durante a vida desde a separação de uma vizinha de quem eles gostavam até a perda de um cachorro ou de alguém de quem eles gostavam muito (...) e estas perdas, muitas vezes, fazem com que eles mudem de atitudes, de comportamentos (...) os alunos ficam mais tristes, mais sensíveis, mais agressivos. Então, quando você vai chegando perto e quer saber o que está acontecendo, você acaba percebendo que tem uma questão relativa à perda de alguém de quem os alunos gostavam muito. Normalmente em escolas particulares, eu não sei se isso acontece em escolas públicas também, os próprios pais avisam quando há uma perda. Então os pais se preocupam com isso porque eles sabem que o filho vai sofrer um momento difícil. Então os pais ligam e falam que a avó de tal aluno morreu ou a tia e ele era muito ligado a ela (...) e aí os professores são avisados.*

PES: E neste momento qual seria o papel do professor, que atitudes são tomadas?

MARIA: *Neste momento o aluno está mais fragilizado e isso pode aparecer de várias formas. Ele pode até ficar mais agressivo ou chorar com a maior facilidade, estas duas coisas podem acontecer. Então, o professor sabendo disso, ele sabe que estas mudanças de comportamento têm que ser respeitadas. Então o professor sabendo disso, ele tem que se preocupar em acolher o aluno que sofreu uma perda.*

PES: Então o professor tem que respeitar as mudanças de comportamento de um aluno enlutado e saber acolhê-lo?

MARIA: *O professor tem que entender que naquele momento há uma causa concreta para que o aluno possa ter uma reação não esperada. Eu acredito que o professor, sabendo disso, não será insensível e deixar pra lá (...) deve saber ser compreensível e chegar perto do aluno, conversar, entender porque ele está bravo, perceber o que o aluno está precisando, como por exemplo sair um pouquinho da aula ou se ele quer conversar com alguém. Acolher mesmo.*

PES: E você percebe uma disponibilidade dos professores pra isso ou você já percebeu alguma resistência, alguma dificuldade dos professores para lidar com estas temáticas?

MARIA: *Ah sim (...) o tema da morte é difícil, não é todo professor que consegue lidar. Mas há uma disponibilidade dos professores para acolher o aluno, seja pelo que for, desde a separação dos pais do aluno que é também uma perda grande ou a morte de um parente muito próximo ou um amigo ou mesmo o cachorro que eles se envolvem muito. Eu percebo que o professor é disponível para acolher o aluno, mas nem sempre ele consegue tratar do tema da morte. Então, na escola é importante ter alguém que possa ser esta referência para o aluno. Nas escolas que tem o orientador educacional, o professor sempre acaba encaminhando para ele. O psicólogo da escola é quem está mais preparado.*

PES: E quando os professores sentem dificuldade para lidar com o tema da morte ou para acolher o aluno neste momento, você consegue perceber as razões para isso?

MARIA: *Nunca aconteceu de um professor chegar para mim e dizer: "não consigo lidar com o tema da morte".*

PES: E como você percebe, de uma forma geral, o tema da morte na sociedade atual?

MARIA: *Sabe, agora eu estou pensando numa coisa assim (...) tem acontecido algumas mortes importantes, dentro deste contexto maior, com crianças e adolescentes: o caso da Eloá ou o caso Isabella e os alunos ficam profundamente*

---

[87] O REI LEÃO conta a História de Simba, um filhote de leão nascido nas selvas africanas cujo destino era herdar o trono do pai, o rei Mufasa. No seu caminho estava Scar, seu invejoso tio que planeja a morte de pai e filho para que possa se apoderar do trono. Quando Simba se vê injustamente acusado pela morte de Mufasa, sua única chance de salvar sua vida é se exilar das Terras do Reino. Ele encontra abrigo junto a outros dois excluídos da sociedade, um javali chamado Pumba e um suricate chamado Timão. Anos depois, ao ser descoberto por Nala, sua amiga de infância, Simba deve decidir se deve assumir suas responsabilidades como rei ou seguir com seu estilo de vida despreocupado.
Allers, R; Minkoff, R. (1994). O Rei Leão. (filme-vídeo). Estados Unidos: Buena Vista Pictures. DVD/NTSC, 88 min. color.

"mexidos" com isso. Para as crianças pequenas a História da Isabella marcou muito, algumas das perguntas deles foram: "mas como que os pais a jogaram pela janela?" Então eles ficam assim com algumas questões importantes. Eu lembro na escola o caso de uma menina, que os pais são separados, e depois do caso Isabella demorou para as pessoas perceberem a razão, mas ela não queria mais ir para a casa do pai. Aí a mãe dela ficou preocupada se a madrasta estava fazendo alguma coisa com ela ou se a filha da madrasta estava fazendo alguma coisa, o que estava acontecendo, até que depois de um tempo a menina falou que não queria ser a Isabella. E aí que a escola entendeu o que estava acontecendo, um caso que apareceu tanto na mídia e ela ficou com medo da madrasta fazer algo com ela. Esta menininha estava no 2º ano. Ela tinha 7 anos. Aí a professora conversou sobre a questão. Não que a escola tenha se preparado para conversar sobre isso, mas foi quando apareceu esta questão, e a orientadora percebeu que toda 6ª feira esta aluna chorava, era um problema o fim de semana. Então a professora conversou com a orientadora e aí elas conversaram com a aluna sobre o que havia acontecido com a Isabella, sobre o que é uma relação familiar, que são famílias diferentes, então este caso ampliou bastante e foi tranqüilo tratar com esta questão de violência.

PES: Quando se fala em tema da morte e adolescentes, que temas você considera que estão mais freqüentes no contexto escolar?

MARIA: *Tem a questão das drogas, por exemplo, isso aparece nos adolescentes perguntas como se as drogas matam ou não; o que é overdose? Por exemplo o caso do ator Fábio Assunção que apareceu na capa da Revista Veja*[88]*. E ele é o típico "mauricinho", todo bonito, bem sucedido e não consegue dar conta de levar sua vida profissional por conta das drogas. E a reportagem é toda voltada para a questão da morte, sobre pessoas que morreram de overdose. Grandes ídolos com a Elis Regina, por exemplo. Então os alunos comentaram na escola: "você viu a capa da Veja? Você viu que o Fábio Assunção saiu da novela? Você conheceu a Elis Regina?" E o professor de Filosofia trouxe esta questão para os alunos do 8º ano que tem 13 anos. E aí ele discutiu com os alunos as questões relativas às drogas que é um assunto que já faz parte dos próprios conteúdos do 8º ano. São questões que vão aparecendo fortemente na adolescência. Além disso tem as DSTs (a questão da AIDS, por exemplo). Os alunos têm aulas de orientação sexual e eles discutem sobre a transmissão de doenças que são fatais. Aí surge a questão da morte: como fica o jovem acometido pela doença e como fica a família? As perdas que vão ocorrendo. Então, estas discussões acontecem. O que eu acho que acontece é que isso não está programado: "nós vamos falar sobre a morte por causa da doença, por causa das drogas (...)" Isso não faz parte do programa. Mas isso não furta a discussão.*

PES: Os jovens vão trazendo os temas relacionados à morte para a escola?

MARIA: *E a escola não pode não ouvir os alunos. Quanto mais a escola não ouvir, menos possibilidades de instrumentos para reflexão e ação os alunos vão ter. Os alunos vão ficar perdidos se eles não se sentirem ouvidos na escola, na família (...) se não encontrarem respostas para as suas perguntas. Eles nem vão saber se podem encontrar a morte com as atitudes que eles possam ter. A escola não pode não ouvir seus alunos. A partir do momento que as temáticas vão surgindo, nós vamos buscando instrumentos para se trabalhar isso com os alunos.*

PES: Então, quando eu pensei em fazer esta pesquisa de doutorado (a partir da minha dissertação de mestrado, que depois eu vou passar o artigo para você) eu pensei em três eixos que podem envolver o tema da morte na escola quando se pensa nos alunos adolescentes. O primeiro eixo eu estou chamando de mortes concretas são alunos em situação de perda de pessoas significativas ou animais de estimação como você trouxe, ou seja, eles estão passando por um processo de luto. Você já falou que isso está presente na escola, que os pais entram em contato quando seu filho passou por uma perda e a escola vai dando conta de respeitar este momento do aluno (...) Como você percebe estas situações na escola? Você teria algo a acrescentar sobre estas mortes concretas?

MARIA: *Em escola judaica, por exemplo, tem as questões das guerras de Israel quando acontecem. Faz tempo que não tem isso, mas tiveram algumas situações com bastante comoção sim por conta disso. Os alunos querem falar. Teve uma vez também quando o PCC*[89] *atacou delegacias, São Paulo ficou abalada, teve uma comoção geral e na escola tinha muita gente chorando, muitos pais querendo vir buscar os alunos, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo por conta de mortes acontecendo na cidade. Tem estas coisas que vão aparecendo. Tem também a morte de ídolos (...) eu lembro do*

[88] Edição de 19 de novembro de 2008 – Reportagem "A luta pela vida": o drama do ator Fábio Assunção para se livrar da cocaína é um alerta aos que minimizam o poder destruidor das drogas.

[89] Primeiro Comando da Capital (Organização Criminosa Paulista). Em maio de 2006 ocorreram vários atos violentos no Estado de São Paulo contra forças de segurança e alguns alvos civis. Estes eventos, na época, associados ao sensacionalismo da mídia, causaram pânico e clima de terrorismo da população.

Ayrton Senna quando ele morreu, foi super pesado. A gente ficou muito mal, o Brasil inteiro. E a gente tem poucos ídolos no Brasil.

PES: A segunda situação, que você também já falou um pouco, eu estou chamando de mortes simbólicas: são perdas em vida. Por exemplo que você trouxe: os pais do adolescente que estão se separando ou o aluno que mudou de escola, mudou de sala de aula ou a saída da escola. São situações de vida onde tem uma ruptura, uma perda decorrente e uma nova situação instalada. Isso tudo pode provocar no aluno um luto simbólico. Você percebe estas situações presentes na escola de alguma forma?

MARIA: *Isso é do dia a dia mesmo. Estas perdas, por exemplo alunos novos que chegam na escola. Então eles trazem toda a sua História, muitas vezes eles não queriam ter mudado de escola, então tem toda a perda com relação à outra escola e à nova situação. Tem um aluno hoje no 6º ano, ele veio de uma escola onde os meninos eram mais "descolados" e lá nesta escola onde eu estou, os alunos são mais "certinhos". Então ele achava todos os garotos "bobinhos", "babacas" e não queria ficar na escola de jeito nenhum. No aniversário dele ele convidou só os alunos da outra escola e os pais não queriam que ele voltasse para lá, queriam que ele continuasse nesta nova escola. E este aluno fazia de tudo para ser expulso, isso o prejudicava de uma forma geral. Tudo isso por conta da perda dos amigos dele da outra escola. Até que a gente fez um estudo do meio e ele foi e acabou se dando super bem com os meninos, acabou se integrando mesmo, isso foi em agosto. Estudo do meio é um passeio, a gente ficou três dias fora, fomos para Barra Bonita. E aí os meninos dormiram todos num quarto, então ele acabou se integrando de outra forma em esportes e tal, formas que ele ainda não tinha se achado. E hoje ele está super bem, super integrado, mas ele sofreu durante um bom tempo, até agosto, até a viagem, querendo sair da escola porque não era esta escola que ele queria porque ele queria os outros amigos. No aniversário dele a mãe ficou super preocupada porque ele não quis chamar ninguém da escola. Ela veio conversar comigo e a minha colocação foi que o filho dela via que não dava para misturar os dois grupos, eles eram muito diferentes. Então como ele estava com muita saudade dos outros amigos, foi uma oportunidade que ele teve de chamá-los. E aí a gente sugeriu que ela conversasse com ele para que ele pudesse fazer uma reunião de amigos desta nova escola.*

PES: Então através de uma viagem (o estudo do meio) ou até de atividades esportivas ou de lazer pode haver um trabalho com as mortes simbólicas sofridas pelos alunos?

MARIA: *Exatamente. E isso ocorre mesmo. A questão das perdas trabalhada através de alguma atividade de integração. Na outra escola que eu trabalhava eles faziam um trabalho, por exemplo, de dia dos pais. Os pais vinham no dia dos pais e era uma data comemorada. E aí tinham alunos ou que não tinham pai ou que o pai não podia vir, pois os pais estavam separados. Então, as professoras, no geral, se mobilizavam pra acolher este aluno. Então ficavam ao lado dele, alguma professora sempre se mobilizava e acabava fazendo a atividade junto com estes alunos. Sempre tem alguém, não que vá tomar o lugar, mas nenhuma professora vai deixar o aluno lá sozinho. Existe uma preocupação anterior. Então se a gente sabe que o pai de um aluno não vai poder vir assistir o festival de natação, e ele vai ficar triste, então tem uma professora, por exemplo, que vai assistir a aula de natação naquele dia, já que o pai dele não pôde vir. Não para substituir, mas alguém que esteja lá com ele o assistindo.*

PES: E quando há esta atividade do dia dos pais, por exemplo, e um aluno não tem pai porque este faleceu?

MARIA: *Se é um presente, por exemplo, a gente pergunta se ele gostaria de presentear alguém. Alguém especial pra ele: pode ser a mãe, um tio, avós (...) Aí ele faz o presente, como os outros alunos, e dá para outra pessoa. Se ele falar que não quer fazer pra ninguém, só para o pai dele faria, então ele não faz, ele pode fazer outra coisa durante este processo. Isso é muito chato, mas tem toda uma preparação anterior. A escola já sabe quem são estes alunos, então já se conversa anteriormente, já mobiliza os professores.*

PES: E o terceiro eixo que estou pesquisando na escola são as mortes escancaradas, que você também já falou um pouco. Por que se chama escancarada? Porque estas mortes invadem os nossos espaços e nós temos poucas formas de proteção em relação a elas. Estas mortes invadem nossas vidas através dos meios de comunicação de uma forma geral ou através das experiências vividas e presenciadas, por exemplo nas grandes cidades. Então você falou sobre o caso da menina Isabella, da garota Eloá (...) onde você estivesse as pessoas comentavam estes eventos, suas casas haviam sido invadidas por estas mortes. E os jovens têm acesso a estas mortes e podem levar isso para a escola, para a sala de aula. Então, ao mesmo tempo em que o tema da morte hoje é interdito, ele está escancarado nas nossas vidas, na vida dos adolescentes (...)

MARIA: *E os alunos sempre trazem estas mortes para a escola porque eles ficam muito "mexidos" com tudo isso. Eles se identificam muitas vezes. Os adolescentes se identificaram com a Eloá. Uma garota de 15 anos, com o namorado que não era o sonho de nenhum pai, e a amiga que entrou no apartamento, que não quis ficar longe dela, perguntas como: será que ela devia ter entrado ou não, que riscos ela estava correndo? Então os jovens levam estes questionamentos para a sala de aula.*

PES: Não sei se você teria mais alguma coisa para acrescentar sobre (...) você acha que a escola deveria abordar o tema da morte?

MARIA: *Então vamos pensar nestes três tipos: as mortes concretas, simbólicas e a morte escancarada (...) Algumas eu acho que tem sim que ser abordadas. Por exemplo as mortes simbólicas, quando o aluno sai do 5º ano e vai para o 6º ano, ele deixa de ter as professoras polivalentes, que são super maternais, e vão para o 6º ano onde é um professor para cada matéria. Eu acho que isso deve ser trabalhado. Nas duas últimas escolas que eu trabalhei isso é abordado. É o projeto de passagem. Fazemos toda uma intervenção no 5º ano e no 6º ano, eles vão conhecer os professores, vêm alunos do 6º ano para conversar com eles, vem o orientador educacional e coordenador conversar com eles (...) Esta é uma perda simbólica que é trabalhada pela escola. Isso faz parte de um conteúdo pedagógico. A mesma coisa acontece quando o aluno sai do 3º ano do Ensino Médio. Então se faz todo um resgate, isso mexe com todo mundo, com os alunos, com os professores, com o orientador educacional. É uma perda muito grande. Isso também é sentido pelo professor polivalente do 5º ano do Fundamental I. Aquele professor fica o ano todo com uma turma de 20 alunos e de repente eles vão embora e o professor não os vê mais.*

PES: E os professores, como isso é trabalhado? Porque eles sentem muito (...)

MARIA: *Eles sentem muito sim. Eu lembro de uma turma que eu dei aula do 3º ano até o 7º ano. Foram 4 anos seguidos e isso me marcou muito. Foi uma turma muito legal. Quando foi o último dia de aula, eu fui me despedir deles, eles cantaram uma música e aí eu chorei, eles choraram. Foram perdas simbólicas, separações. Os alunos deixaram de ser os pequenos da escola para serem os grandes da escola. E o professor sente muito quando ele se separa, tem turmas que ele se identifica mais. Se ele é coordenador de série, por exemplo, ele se envolve muito mais com os alunos e a família. Então cada turma que vai é uma perda, uma separação difícil. É começar tudo de novo com uma outra turma.*

PES: E se isso mexe muito com o educador, o que ele faz? Ele tem a possibilidade de compartilhar com os colegas?

MARIA: *Sim, ele leva isso para os colegas e para a orientação educacional. Ele está sempre próximo do professor também. Este trabalho é feito junto. Na minha última escola a despedida foi muito emocionante, eu fiquei 12 anos trabalhando lá. Claro que todo mundo sobrevive a isso, mas todo mundo sentiu: eu, os professores (...) Quando o aluno está sofrendo um processo de separação dos pais, a escola também se mobiliza. Os pais conversam com o orientador educacional para saber se está tudo bem, se é necessário alguma coisa. O orientador educacional sempre vai dar um apoio mais claro. Ás vezes é o próprio aluno que procura o orientador, pelo vínculo que ele tem com ele.*

PES: Você acha que algum dos temas que discutimos, destes três tipos de morte, não é função da escola abordar?

MARIA: *Não, eu acho que as três mortes podem ser trabalhadas. Eu acho que é função da escola na medida em que envolve seres humanos e a escola são seres humanos em contato uns com os outros. Então não tem jeito, deve ser trabalhado pela escola. Eu acho que antigamente isso era mais dividido entre a família e a escola. A educação das regras sociais era função da família e à escola cabia o conhecimento. Isso era mais separado. Hoje a escola trata de todas estas questões também, de como o aluno vai socialmente se relacionar. É na escola que ele aprende isso. É muito para além do conteúdo pedagógico, de conceitos e informações.*

PES: Teve alguma experiência na escola relacionada ao tema da morte que tenha te mobilizado mais? Que você tenha se sentido mais envolvida?

MARIA: *Teve uma aluna que o pai e a mãe dela se separaram. E ela mudou muito com todas estas questões e eu tinha também me separado há uns 2 anos e tinha sido super sofrido para os meus filhos. E eu era coordenadora de série, então teve uma vez que eu fui conversar com esta aluna, ela começou a chorar e eu chorei junto com ela. Então foi muito, muito marcante. Era como se ela fosse a minha filha ali naquele momento. Teve uma identificação muito grande. E eu sou uma pessoa positiva, disse a ela que aquele sofrimento ia passar, que meus filhos naquele momento já estavam bem e eu também estava bem. Quando eu vejo um aluno chorando por esta dor, por esta perda, eu fico muito sensibilizada.*

PES: Você acha que quando ocorre uma identificação do educador com o sofrimento do aluno em alguma situação relacionada a mortes, perdas, isso seria uma limitação para o tema ser trabalhado ou isso facilita a abordagem?

MARIA: *Eu acho que a identificação ajuda o trabalho. Quando eu vi esta aluna chorando pela separação dos pais, eu sabia exatamente, não exatamente, mas eu sabia o que era passar por aquilo porque eu vi meus filhos sofrendo pelo mesmo motivo. Então, por exemplo, quando algum aluno perde o avô (meu pai morreu e eu era super jovem e foi muito duro) então eu já passei por isso com a minha família, eu consigo entender a dor que eles estão sentindo. A minha experiência de vida me ajuda a trabalhar estas situações com os alunos. Sempre. Quem tem filhos, por exemplo, trabalha de uma forma diferente em sala de aula. É diferente. Não que não seja eficiente o educador que não tenha filhos, mas tem argumentos que você usa no dia a dia que em sala de aula funciona. E pra mim a identificação com a situação de vida do aluno foi uma facilidade para lidar com ela. Quando você diz para o aluno: "eu sei que você está chateado, eu sei que você está com raiva", o aluno se sente compreendido e consegue expressar aquilo que ele está sentindo. Isso é muito bom para o aluno.*

PES: E na escola que você está inserida, há espaços para a comunicação sobre o tema da morte entre os educadores ou com os adolescentes?

MARIA: *Então, eu acho assim, existe espaço para estas colocações, mas não é uma coisa programada. Não tem um planejamento para isso.*

PES: E você acha que seria importante ter um planejamento ou não?

MARIA: *Eu acho que é um tema que aparece, por exemplo, na aula de História e de filosofia. A morte na filosofia é um tema tratado por vários pensadores. Então o tema da morte é tratado dentro do conteúdo de filosofia. Então tem este espaço sim dentro dos conteúdos das disciplinas, mas não é uma coisa da morte em si. Você vai estudar o filósofo e ele trata da morte. Na aula de História e a questão de todas as guerras, por exemplo, quem ia para a frente das batalhas e porquê, a questão da morte e da importância de cada um na sociedade ou na família (...) então o tema da morte é sim tratado na escola, mas quando o conteúdo favorece.*

PES: Você percebe na sua experiência uma disponibilidade do educador para se preparar para a abordagem do tema da morte com os alunos?

MARIA: *Especificamente eu nunca vi isso, um professor perguntando como trabalhar com o tema da morte na escola.*

PES: Você vê como importante algum preparo específico?

MARIA: *Isso sim, eu acho importante. Nas mortes escancaradas, por exemplo, entra muito as questões de juízo de valor. No caso da garota Eloá, entra muito a questão do tipo de vida que ela levava, do tipo de namoro que ela teve. A sociedade tem um julgamento sobre isso e o educador também tem a posição dele. Então, eu acho que normalmente a gente tenta ser o mais imparcial possível, nem sempre isso é possível, sempre a gente acaba colocando a nossa opinião. Então deve haver um preparo para isso, eu acho isso importante sim. Lembra aquela questão do mendigo que foi queimado enquanto dormia pelos adolescentes? Neste caso teve toda uma mobilização em relação à morte, então eu acho importante um preparo para se trabalhar com os valores todos que estavam envolvidos nesta situação. Quem era a pessoa? Quem eram estes adolescentes? Por que eles se acharam no direito de fazer isso? Por que a vida deste mendigo não valia tanto?*

PES: E como poderia ocorrer este preparo do educador?

MARIA: *Eu acho que tem que ter momentos para o educador refletir sobre isso. Seria legal numa reunião de professores a discussão deste caso do mendigo que foi emblemático. Seria importante a participação do orientador educacional também. Seria muito importante também os educadores poderem expor suas angústias e no momento que isso aparecesse em sala de aula eles pudessem abordar o tema com os alunos. Estas mortes escancaradas que acontecem, é muito importante que o educador pense sobre elas, sobre o porquê elas aconteceram. E isso vai ser discutido em sala de aula. Quando este tema aparecer, e normalmente ele aparece, o educador vai ter uma postura mais refletida, mais ponderada, uma visão de todos os lados. E não só dependendo daquilo que você leu ou assistiu na Globo.*

PES: E quais profissionais estariam mais preparados para falar sobre o tema da morte na escola?

MARIA: *O orientador educacional, os coordenadores e professores que se dispusessem. Sempre tem professores que são mais sensíveis às questões que estão ocorrendo na sociedade e gostam de discutir. Eu acho que é uma coisa de se mostrar disponível a abordar estas questões.*

PES: Você considera que há alguma relação com a disciplina deste professor ou é uma postura dele mais pessoal para abordar o tema?

MARIA: *O lado pessoal e a disciplina escolhida têm a ver também. O professor de filosofia, de língua portuguesa, de História são pessoas mais disponíveis para discutir questões que envolvem sentimentos, relações humanas. Não que o professor de matemática não possa fazer isso, ele também pode, mas não é o que mais acontece. Os professores da área de humanas são mais sensíveis para isso, estão mais abertos, mas eu, por exemplo, sou da área de ciências e sou super envolvida com as questões das relações humanas. Mas, normalmente, são os professores da área de humanas, é o canal mais aberto. Até pela formação profissional: o professor de filosofia está mais envolvido com a discussão de valores. Quem dá aula de língua portuguesa está mais envolvido com a questão da mídia, com os textos, com a comunicação.*

PES: Quais seriam instrumentos facilitadores para a abordagem do tema da morte na escola?

MARIA: *Eu acho que temas da morte escancarada são os fatos mesmo que acontecem: reportagens e os vários meios de comunicação (...) Para a morte concreta e simbólica eu acho que tem textos de Psicologia que poderiam fazer parte, como os livros paradidáticos*[90] *que tratam de morte, separação, doenças sexualmente transmissíveis, tem vários livros. Os livros paradidáticos poderiam se preocupar com esta questão também.*

PES: Tem algum livro paradidático que você tenha mais preferência, algum autor? Ou você vai buscando de acordo com as temáticas que surgem na escola?

MARIA: *Não tem nenhum autor específico. Por exemplo quando a gente vai escolher um livro lá na escola, um dos livros do 1º semestre tem que ser voltado para a questão ética. A gente sempre vai abordar alguma questão do relacionamento humano, do medo do desconhecido, por exemplo. O 7º ano leu um livro do Amós Oz que eu adorei chamado "De repente, nas profundezas do bosque"*[91]*. O bosque é bem simbólico, nele moravam alguns seres que eles não podiam entrar em contato. Então, há o tema do medo do desconhecido e o adolescente que vai até lá desbravar e como ele lida com tudo isso. É muito legal este material. Tem também "O menino do pijama listrado"*[92] *que é maravilhoso. "O diário de Anne Frank"*[93]*, "O diário de Zlata"*[94] *que aborda um monte de perdas (...) os alunos precisam entrar em contato com elas. Quem trabalha em escolas particulares, acaba entrando em contato com uma "fatia da*

---

[90] Os livros *paradidáticos* também essencialmente utilitários, constituídos de informações objetivas que pretendem transmitir conhecimento e informação. Em geral, abordam assuntos relacionados às matérias do currículo regular, de forma a complementar aos livros *didáticos*.

[91] Oz, Amós **De repente, nas profundezas do bosque.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Escritor israelense questiona a falta de tolerância e mostra numa fábula para crianças, jovens e adultos, que *"a vida sem o outro é triste"*. O livro trata de temas como: falta de amor no meio familiar; questiona como pode ser possível viver junto sem tolerar o outro; há uma preocupação ecológica sobre o aquecimento global e a destruição da natureza e aborda a difícil convivência dos homens entre si e com a natureza.

[92] Boyne, John **O menino do pijama listrado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Bruno tem nove anos e não sabe nada sobre o Holocausto.Também não faz idéia de que seu país está em guerra com boa parte da Europa, e muito menos de que sua família está envolvida no conflito. Na verdade, Bruno sabe apenas que foi obrigado a abandonar a espaçosa casa em que vivia em Berlim e mudar-se para uma região desolada, onde ele não tem ninguém para brincar nem nada para fazer. Da janela do quarto, Bruno pode ver uma cerca, e, para além dela, centenas de pessoas de pijama, que sempre o deixam com um frio na barriga. Em uma de suas andanças Bruno conhece Samuel, um garoto do outro lado da cerca que curiosamente nasceu no mesmo dia que ele. Conforme a amizade dos dois se intensifica, Bruno vai aos poucos tentando elucidar o mistério que ronda as atividades de seu pai. O menino do pijama listrado é uma fábula sobre amizade em tempos de guerra, e sobre o que acontece quando a inocência é colocada diante de um monstro terrível e inimaginável.

[93] Frank, Anne **O diário de Anne Frank.** São Paulo: Record, 2000. O relato dramático que já emocionou milhões de pessoas em todo o mundo. Escrito pela jovem judia ao longo dos dois anos que viveu escondida durante a Segunda Guerra Mundial.

[94] Filipovic, Zlata **O diario de Zlata, a vida de uma menina na guerra.** Lisboa: Asa, 1994. Zlata tem onze anos e vive em Sarajevo. Mantém um diário, no qual vai registrando seu cotidiano. Mas a guerra eclode na ex-Iugoslávia e irrompe no diário da menina. As preocupações do dia a dia desaparecem diante do medo, da raiva, da perplexidade. O universo de Zlata desmorona.

sociedade" que vive numa bolha de felicidade. Então os alunos precisam entrar em contato com estas perdas que fazem parte do dia a dia. Estes livros sobre "diário" foram escritos por uma menina, uma adolescente. Então quando os alunos adolescentes leem, eles entram em contato com as próprias perdas. Então os livros paradidáticos são sempre instrumentos importantes.

PES: E como você trabalha estes materiais com os alunos?

MARIA: *Tem todo um programa e um planejamento para isso. Como é feita a abordagem. Tem todo um preparo do professor junto com a orientação educacional. É uma atividade programada. Por exemplo quem abordou "O menino do pijama listrado" foi a professora de língua portuguesa e o professor de História. Ele estava dando para o 8º ano Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Estes alunos do 8º ano estavam muito interessados, eles fizeram um documentário sobre o que chamou mais a atenção nos últimos 100 anos. E a Segunda Guerra Mundial chamou muito a atenção deles. E aí eles ficaram sabendo que eu era judia, eu fui conversar com eles sobre a minha História de vida, eu fui fazer a Marcha da Vida*[95]*. Então os professores me convidaram para conversar com os alunos, eles já tinham lido o livro, e aí no livro fala os sentimentos vividos pelo personagem, a falta que ele sentia dos amigos dele, e aí abordamos o que os adolescentes sentiram neste momento.*

PES: O personagem Bruno fala sobre os três grandes amigos que ele tinha e do sofrimento quando ele se separou deles, foi até esquecendo do rosto deles (...)

MARIA: *E a felicidade dele quando ele encontrou um novo amigo.*

PES: E quando abordar os vários temas relacionados à morte na escola? Deveriam ser inseridos nas atividades pedagógicas ou abordados nos momentos em que ocorrem situações relacionadas a estes temas?

MARIA: *Eu acho que nos dois momentos. Tem estes momentos que os alunos trazem os temas e tem alguns conteúdos pedagógicos que levam os alunos a se envolverem com estas questões. Os temas do "Menino do pijama listrado" faziam parte dos conteúdos de História e literatura. Então se tratou esta questão. Como as pessoas lidaram com estas situações de guerra e separações? Teve a questão da ditadura que os alunos estudaram em História do Brasil. A questão dos desaparecimentos, das mortes, da tortura. Isso é muito importante de ser trabalhado dentro das disciplinas, pois os alunos vão se colocando, expressando sentimentos. Eles têm Histórias para contar. São assuntos que eu acho que durante muito tempo se poupou de discussões. São assuntos que vão sendo tratados só como informações. E não se dava espaço para manifestação de sentimentos, muito pouco. Na minha época eu não me lembro da gente colocar nossos sentimentos, a gente só tinha informação sobre a ditadura, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.*

PES: E qual a sua opinião sobre os adolescentes em relação ao tema da morte?

MARIA: *Eu na verdade lido com uma camada da população que não tem estas mortes no dia a dia. Se é numa escola estadual, de periferia, estas mortes fazem parte. Não que meus alunos não sintam a morte, mas eles sentem de uma forma diferente. No caso dos meus alunos, eles são de uma outra camada social, e as mortes são muito sofridas. Se morre alguém da família, é muito sofrimento, porque eles não estão acostumados a perder. Então quando eles perdem alguém ou alguma coisa, eles sofrem muito com isso. E o adolescente nem sempre sabe lidar com mortes e separações. Muitas vezes ele se desestrutura. Eu tenho o caso de um aluno que é filho de mãe solteira e o pai nunca apareceu. Então ele foi criado pela mãe e pelo casal de avós. A avó dele era a pessoa que o orientava nas questões da escola porque a mãe dele trabalhava e sustentava a casa, não era tão presente. A avó era muito, muito presente e ela morreu. Quando ela morreu, ele passou para o 6º ano. Então ele já tinha mudanças aí.*

PES: A morte concreta e simbólica ao mesmo tempo.

MARIA: *Exatamente. Aí ele se desestruturou completamente. Ele sempre foi considerado um bom aluno e quando ele foi para o 6º ano ele não mostrava mais nada. Ele era novo na escola e a gente só foi saber esta coisa mais concreta da morte depois que a gente encaminhou para a terapia e a terapeuta trouxe isso para a gente, da perda da avó. Foi aí que a gente conseguiu dar um outro tipo de apoio para ele. No caso deste aluno ele já nasceu na perda, mas a perda para*

[95] A Marcha da Vida Internacional é um evento que reúne 10.000 pessoas de diversas partes do mundo que perfazem o caminho entre os campos de Auschwitz e Birkenau, na mesma trilha da marcha da morte feita pelos prisioneiros.
Fonte: http://www.marchadavida.org.br/novo/index.html

estes alunos é vivido de uma forma muito intensa. Estes alunos são todos super protegidos, vivem naquela fantasia de quem tem tudo, não perdem nunca, nada falta. Então quando falta alguém ou perdem alguém, isso é muito sério.

PES: E quais seriam possíveis mudanças, na sua opinião, se os adolescentes tivessem mais espaços de comunicação sobre o tema da morte nas escolas?

MARIA: *Eu acho que toda vez que o adolescente pode expressar seus sentimentos, trabalhar com eles, expor, refletir sobre, ele vai se acalmando em relação a estes sentimentos e podendo elaborar isso nas suas relações. No caso da morte ou no caso de qualquer angústia. Então toda vez que o adolescente tiver espaço para se colocar, eu acho que o jovem vai se beneficiar com isso. Ele vai se fortalecer, elaborar melhor as idéias que ele tem em relação à morte. Não é só o professor de biologia quem tem que dar aparelho reprodutor durante as suas aulas. Então o professor tem que ter este preparo para trabalhar com a morte, quais são os objetivos da escola, para que ele possa abordar o tema. Isso acontece com todos os temas transversais, até política. É importante o professor discutir sim, qualquer professor e não só o de Geografia, por exemplo. As relações humanas, políticas ou sexuais, têm que ser discutidas na escola, é lá que elas têm que ser discutidas.*

PES: Era isso que eu gostaria de te perguntar, muito obrigada pela sua participação. Você gostaria de me perguntar alguma coisa, algum esclarecimento?

MARIA: *Você me falou que escreveu um artigo sobre o tema? Eu gostaria de ver este material.*

PES: Eu escrevi um artigo sobre a minha dissertação de mestrado e um capítulo de livro que foi lançado este ano (2008). Vou passar este material para você sim.

MARIA: *Legal. Estas questões controversas vão caminhando aos poucos dentro da escola. Se a gente for resgatar, por exemplo, a orientação sexual. Na minha época meus pais ainda tinham uma certa abertura, mas meus amigos, por exemplo, ninguém conversava com eles, na escola não se falava em orientação sexual. Questões de gênero, papel social da mulher (...) E com as drogas também, esta discussão faz pouco tempo que chegou na escola, imagina: vamos dar idéia para os alunos usarem drogas?*

PES: Eu faço esta discussão no meu trabalho de mestrado: como se esta discussão fosse incitar a curiosidade dos jovens em usarem drogas. Há opiniões que o trabalho na escola teria um efeito oposto no auxílio ao aluno, em como ele pode lidar com as drogas na sua vida, nos espaços que ele freqüenta.

MARIA: *Como se o adolescente não recebesse propostas de experimentação. A abordagem do tema das drogas na escola é uma coisa ainda mais recente que orientação sexual. Antes se falava que era um tema proibido, que ia fazer mal aos adolescentes se a escola abordar (...) e hoje há uma nova abordagem, de como ela pode modificar a vida dos jovens e que realmente existe o prazer que a droga traz. Isso tem que ser falado. Então, assim como os temas das drogas e da sexualidade, o tema da morte é um tema recente na escola. Então, eu acho que este tema pode e deve ir entrando aos poucos nas escolas.*

ANEXO 10: Por que somos tão tristes?

Sandra Mara Corazza

Professora Doutora da Linha de Pesquisa "Filosofia da diferença e educação" do Programa de Pós- Graduação em Educação e do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Somos tristes?

Como pode alguém dizer isso, se nós, professoras e professores, dançamos, cantamos, rimos, até gargalhamos, quando fazemos assembléias e passeatas, tocamos sinetas nas praças e nos palácios dos governos, realizamos festas de São João, Dia do Índio, das Mães, dos Pais?

Quem diz que somos tristes, nós que, na hora do recreio, nos divertimos tanto, vendendo e comprando artesanato, lingeries, semijóias de plaquê, moletons, bolsas, panos de prato? Quem diz que somos tristes, se uma de nossas diversões preferidas é reclamar dos alunos e, principalmente, de suas famílias? – "Elas não são verdadeiras famílias, são desestruturadas, não sabem cuidar nem educar os filhos..." (Quase não se conhece professores que apreciem ou falem bem das famílias de seus alunos).

Quem se atreve a dizer que somos tristes no modo como nos relacionamos com nosso ofício de educar?

Ora, ora, todos os que trabalham com educação podemos dizer e, inclusive, testemunhar que somos tristes, isto é, que, ao educar, predominam paixões tristes, forças reativas, ressentimentos e, até mesmo, infelicidades. Todos podemos dizer que essa tristeza é do tipo grave, pesada, uma carga, já que nossas ações educativas julgam, medem, limitam, aniquilam a vida, sendo, em verdade, reações contra a vida vigorosa e exuberante.

E se trata de uma tristeza imensa, tão duradoura, que nos leva à exaustão, desejar que chova muito para irem poucos alunos à aula, que haja greve, que chegue logo o término do turno, ou, melhor ainda, as *Abençoadas Férias*.

Improdutiva tristeza, expressa em lamentação, queixa, nostalgia: nunca, nunca, nunca... vamos encontrar a escola idealizada, o aluno sonhado, os colegas perfeitos.

Alimentada pelo hábito, pela tradição, pela assiduidade da rotina profissional, há quase um século, tal tristeza nos faz repetir os mesmos atos, exigir as mesmas condutas, ensinar os mesmos conteúdos, perguntar as mesmas perguntas e formular as mesmas soluções a muitas gerações de alunos – Pergunta: "Quantas estações tem o ano?" Resposta: "4 estações – primavera, verão, outono, inverno". Pergunta: "Em quantas partes é dividido o corpo humano?" Resposta: "Três: cabeça, tronco, membros".

Tristeza que nos compele a criar uma imagem pobre, medíocre, indigente de nós mesmos, a qual nos faz pensar o já pensado, a dizer o já dito, a fazer o já feito, a ter cada vez menos idéias, menos amor a nossa

profissão, e quedarmos presos à opinião, desenvolvendo profunda miopia para o que está longe, ao mesmo tempo, que uma não-escuta do que é interessante, excepcional, naquilo que vivemos cotidianamente.

Tristeza amiga da *Caixa de Matrizes* (herança dos colegas que nos antecederam, sem a qual é difícil ensinar durante um ano inteiro!); tristeza apaixonada pelo *Livro de Ocorrências* ("Sem ele, não há escola que funcione!"); tristeza amante da lista de regras (hoje, chamadas "combinações") de *Boa Convivência* (apesar de sua atual natureza participativa, o estranho é que essas regras vêm se repetindo desde que eu estava no Curso Primário: "Levantar a mão quando quiser falar"; "Não brigar"; "Ser amigo dos colegas"; "Não gritar"; "Não dizer palavrão"; "Não jogar lixo no chão"; "Ir ao banheiro apenas com autorização"; "Comportar-se bem no refeitório"; "Não correr nos corredores" – por que diabos, então, chamar de "corredores"? –; etc.).

Tristes, paquidérmicos, cinzentos, feios, emburrados, burocráticos, mecânicos, de-mal-com-o-mundo, formalistas, severos, rígidos, forçados, tensos... de tanto nos fazer juízes do bom senso e do senso comum, vigias da moral e pastores dos bons costumes.

Tememos o desprezo dos colegas, se nos pusermos a inventar, a questionar, a problematizar o que é da ordem do consenso?

Por que aceitamos trabalhar separados da potência de criar educação, pedagogia, currículo, da qual acreditávamos ser capazes? Por que não lutamos contra tudo o que ameaça a nossa vida criativa de educadores? Por que chegamos à escola sempre vestidos com a pompa circunstanciada de todos os valores estabelecidos, dos quais resulta mais tristeza? Por que não trabalhamos de maneira leve e despojada, livre e bem-humorada, que crie condições de possibilidade para fazer de nossa profissão uma obra artística?

Está certo: nunca nos pagaram de modo justo, as condições de trabalho são péssimas, os horários são abusivos, a formação é limitada e limitadora. Acostumamo-nos a falar de nossa profissão como de alguma coisa disfuncionada, defeituosa, danificada, fora dos eixos, embora, sempre nos sensibilizemos pelas promessas políticas de esquerda e de direita em prol de uma educação plena – como se ela pudesse, algum dia, existir!

Será que já não chega de tudo isso? Será que a tristeza dos educadores não chegou a seu estado terminal? Não está na hora de aniquilar a tristeza, de fazê-la desaparecer, de liberar a vida, lá onde ela é prisioneira, de fazê-la fugir? Pois, o magistério, como todas as profissões que tratam da vida, só existe de verdade com improvisação e criação, com plenitude de vida, nunca com a falta de querer-viver, com a apatia, inapetência, indiferença em relação ao necessário esforço de viver-educar.

Agora, é necessário perguntar: "O que é que amamos? O que é que nos faz felizes em nosso oficio de educar?" E, ao responder, eliminar tudo o que é mágoa, acusação, culpa, tudo o que gruda em nossas percepções correntes e vividas, para ver, perceber, sentir, na vida de educador, algo muito maior do que o vivido, do que o percebido, do que o sentido, para desaprender o dado e o feito, que é o melhor caminho para retomar, no tempo certo do intempestivo, o caminho por-fazer.

Não é preciso ser triste para ser professor, mesmo se o que ocasiona nossa tristeza é abominável. Já atravessamos, várias vezes, o Aqueronte da nossa profissão, passamos sofrimentos inacreditáveis, tivemos vertigens, adoecemos. Fomos assombrados pelos espectros do magistério, pelas inumeráveis gerações de professoras que educaram e se entristeceram, que viveram de modo estéril e sem alegria, que sentiram o efeito do poder sobre elas, que as impedia de fazer o que queriam ou tinham capacidade para fazer.

Talvez, seja preciso seguir todas aquelas que, da sua condição de professoras, fazem não um sacrifício a um poder que é sempre triste, que bloqueia a efetivação de suas potências, mas, um cântico à vida, e que, por isso, reinventam todos os gestos, fazem passar fluxos de novidades, atravessam os muros, deslocam os limites, transformam o ofício de educar em um sistema solar e planetário, vivo e móvel. Professoras que cintilam, vibram, viajam, mesmo permanecendo onde sempre estiveram, ao preencher e efetuar a potência de educar, de nome Alegria.

Professores do Desejo: este é o seu nome, guerreiros, vitais, cósmicos, alegres, afirmadores do múltiplo, do devir, do acaso, que, através das doenças do vivido, vivem a saúde da sua profissão. Com uma serenidade que serena a mortificação, tantas vezes reproduzida, eles amam o que há de mais vivo no que fazem, inclinam-se sobre a beleza de educar, abraçam a vida, fornecem exemplo de criação e da alegria de viver, pelas suas próprias vidas, mais do que pelos livros e palavras.

Agora, atenção! Cada vez que nos encontrarmos com esses professores e professoras não nos assustemos! Eles são meio estranhos, não-familiares, impuros, infernais, inesperados. Acontece que eles são feitos apenas das intensidades de seus olhos e ouvidos-artistas, dos afectos alegres de seus corações-artistas, das velocidades e lentidões de suas existências-artistas, do inédito e do notável de seus pensamentos-artistas. E, acima de tudo, do seu Educar-Artista, que é o que, felizmente, para todos nós, espanta todas as mortes em vida.